UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Virginia Helena Ferreira da Costa

“A Personalidade Autoritária”:
Antropologia Crítica e Psicanálise.

São Paulo

2019

Versão corrigida

Virginia Helena Ferreira da Costa

“A Personalidade Autoritária”:
Antropologia Crítica e Psicanálise.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Vladimir Pinheiro Safatle

São Paulo

2019

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C837p" Costa, Virginia Helena Ferreira da
"A Personalidade Autoritária": Antropologia
Crítica e Psicanálise. / Virginia Helena Ferreira da
Costa ; orientador Vladimir Pinheiro Safatle. - São
Paulo, 2019.
329 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Filosofia. Área de concentração:
Filosofia.

1. Teoria Crítica. 2. Escola Psicanalítica
Freudiana. 3. Economia Marxista. 4. Filosofia. 5.
Política. I. Safatle, Vladimir Pinheiro, orient. II.
Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome da aluna: Virginia Helena Ferreira da Costa

Data da defesa: 17/04/2019

Nome do Prof. orientador: Vladimir Pinheiro Safatle

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 04/07/2019

(Assinatura do orientador)

Folha de Aprovação

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. **“A Personalidade Autoritária”: Antropologia Crítica e Psicanálise.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filosofia.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof_. _____ Dr_. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof_. _____ Dr_. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof_. _____ Dr_. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof_. _____ Dr_. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esta tese a minha mãe Rosângela, que faz da doçura resistência.

Agradecimentos

Este trabalho não poderia ter sido produzido sem os diálogos, trocas, ajudas e ensinamentos múltiplos da vida – acadêmica ou não.

Agradeço a Vladimir Safatle pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa e pelas conversas que mantivemos nos últimos 8 anos de trabalho – assim como aos membros que passaram no grupo de orientação de 2010 a 2018. Além deste grupo, agradeço também aos membros da rede Nexos – Sudeste pela amizade, possibilidade de criação conjunta e respeitosa (Marília, Lea, Aléxia, Anastasia, Claudinei, Silvio, Silvana, Henrique, Eduardo, Lia e outros). À “Bancada do inconsciente” do Núcleo de direito e democracia do Cebrap pelos ensinamentos, paciência e generosidade, em especial ao carinho de Inara Marin. Ao Latesfip, pelos anos de crescimento, de múltiplas maneiras. Ao grupo de estudos de filosofia contemporânea da professora Marilena Chaui, pela acolhida e aprendizado em minhas presenças esporádicas. E, finalmente, ao *das Unbehagen* de New York pelos debates, principalmente na pessoa da Jamieson Webster, que me recebeu tão bem em meu intercâmbio na *New School for Social Research*.

Pelo reconhecimento e amizade, agradeço aos professores do departamento de filosofia da USP Maria das Graças de Sousa, Marilena Chaui, Pedro Paulo Pimenta, Eduardo Brandão. À professora Deborah Antunes da UFC e, novamente, à Marilena Chaui pela oportunidade de discussões e leituras cuidadosas na etapa do exame de qualificação. Ao professor Luiz Repa pela oportunidade de monitoria do PAE. Às solícitas funcionárias do departamento de Filosofia da USP: Marie Márcia Pedroso, Geni Ferreira Lima, Luciana Nóbrega e demais. Pela prontidão e interesse em participar de minha banca de defesa, agradeço à Marilena Chaui, Jeanne Marie Gagnebin, José Leon Crochik, (bem como a Wolfgang Leo Maar).

Aos amigos de todo momento, Mauro Dela Bandeira Arco Jr. e Anderson Aparecido Lima da Silva que continuamente me escutam, orientam e alegram nos momentos fáceis e difíceis de todo este percurso acadêmico e de vida que completa agora 14 anos. Ao querido Francisco Veiga, Carolina Grego, Raquel Simões, Gabriela Gonçalves, Paloma Oliveira, Juliana Andrade, Diego Scalada, Diego Amaral, Karen Shiratori, Flávio Reis, Caroline Reis, Nádia Mangolini, Marcus Vinícius Vasconcelos, Rogério Barbosa, Hellen Guicheney, Vinícius França, Mayara Pinho e muitos outros

amigos e cúmplices, por nos mantermos unidos tanto em celebrações, quanto em momentos tão difíceis.

Aos meus pais, Rosângela e Carlos pelo apoio, cuidado, prontidão e por serem meus exemplos. À Maria Elisa pelas demonstrações. E aos membros da família estendida onde me encontrei, Cida, Messias, Zane, Dinho, Dora, Thais, Giovana e Giulia.

Agradeço ainda ao Danilo França, meu companheiro de vida pro que der e vier e quem eu admiro muito, pelo carinho, cuidado, aprendizado, paciência e ajuda de todo dia e sempre.

Finalmente, agradeço ao Cnpq pela bolsa. E sigo na torcida e na luta para que o financiamento de pesquisas no Brasil, inclusive para as ciências humanas, e da Universidade pública, gratuita e autônoma não deixe de existir nos próximos anos, em contracorrente ao autoritarismo vigente.

Qualquer um que, em uma discussão, recorre a uma autoridade, não usa seu entendimento, mas sua memória. (Leonardo da Vinci, aforismo 1159, *The complete notebooks*)

Resumo

Costa, Virginia Helena Ferreira da. “A Personalidade Autoritária”: Antropologia Crítica e Psicanálise. 2019. 329f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

O objetivo da presente tese é apresentar o conceito de “tipo antropológico autoritário” tal qual exposto em “A Personalidade Autoritária” de Theodor W. Adorno et. al.. Esta tese defende que Adorno se baseia em noções metapsicológicas freudianas para compor uma antropologia do tipo autoritário, algo que o autor constrói a partir de conceitos próprios da primeira geração da Teoria Crítica. Para tanto, desenvolvemos dialeticamente as concepções de “natureza” e “história”, de modo que a antropologia enquanto natureza humana perde uma conotação “substancialista” e imutável, sendo compreendida muito mais como um diagnóstico socioeconômico crítico. Seria por uma determinação capitalista autoritária – que pretende escamotear as contradições sociais mediante naturalizações – que a formação de um tipo autoritário – que também evita as contradições de sua própria psique – seria concebida. Para defendê-lo, procuramos contrapor Fromm e Adorno no que concerne às diferentes leituras da psicanálise freudiana no Instituto de Pesquisas Sociais; descrever a antropologia exposta em “Dialética do Esclarecimento”, livro tomado como base para o desenvolvimento de “A Personalidade Autoritária”; compreender alguns elementos da crítica da economia-política de Marx, Lukács, Sohn-Rethel, Pollock e Horkheimer implicados na concepção de antropologia em questão; analisar “Ideia de história natural” de Adorno para o desenvolvimento de uma dialética entre “natureza” e “história”; abordar os estudos sobre o rádio e o texto sobre “Martin Luther Thomas” de Adorno para a exposição do clima cultural autoritário determinado pela indústria cultural que irá influenciar, por sua vez, o tipo antropológico autoritário; debater alguns dos conteúdos presentes nos capítulos assinados por Adorno em “A Personalidade Autoritária”; e, finalmente, contribuir com uma leitura da teoria freudiana na formulação de alguns conceitos relacionados ao tipo autoritário – como representação substitutiva, objeto pulsional, narcisismo, racionalidade, sadomasoquismo, paranoia, fetichismo, inquietante, entre outros.

Palavras-chave: Teoria Crítica – Autoritarismo – Psicanálise Freudiana – Antropologia

Abstract

Costa, Virginia Helena Ferreira da. “The Authoritarian Personality”: Critical Anthropology and Psychoanalysis. 2019. 329f. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The purpose of this thesis is to present the concept of an “authoritarian anthropological type” as discussed in “The Authoritarian Personality” of Theodor W. Adorno et. Al.. This thesis argues that Adorno called upon Freudian metapsychological notions to compose an authoritarian anthropology and followed theories of the first generation of Critical Theory. Therefore, we develop dialectically the conceptions of “nature” and “history”, so that anthropology as a human nature loses a “substantialist” and immutable connotation and gains a meaning of a critical socioeconomic diagnosis. The formation of an authoritarian type – which avoids the contradictions of its own psyche – is determined by an authoritarian capitalist environment – which avoids social contradictions through naturalizations. To defend it, we seek to counter Fromm and Adorno with respect to the different readings of Freudian psychoanalysis at the Institute for Social Research; to describe the anthropology exposed in “Dialectics of Enlightenment”, book taken as a fundament for the development of “The Authoritarian Personality”; to understand some elements of the critique of political economy of Marx, Lukács, Sohn-Rethel, Pollock, and Horkheimer implied in the anthropology conception in question here; to analyze Adorno’s “Idea of natural history” to develop a dialectic between “nature” and “history”; to approach the Adorno’s studies on the radio and the text on “Martin Luther Thomas” to expose the authoritarian cultural climate determined by the cultural industry that influence the authoritarian anthropological type; to debate some of the contents presented in the chapters signed by Adorno in “The Authoritarian Personality”; and, finally, to contribute with a reading of the Freudian theory in regard to the formulation of some concepts related to the authoritarian type – as substitutive representation, drive object, narcissism, rationality, sadomasochism, paranoia, fetishism, uncanny, etc..

Key words: Critical Theory - Authoritarianism - Freudian Psychoanalysis - Anthropology

Trechos desta tese se encontram publicados nas seguintes produções:

- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Estranho, alienação e inquietante em ‘Dialética do Esclarecimento’: uma antropologia entre Freud e Marx” In *Sapere Aude*, Belo Horizonte, V. 6, n. 11, 2º semestre 2015, 149-165.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Sobre dialética e o conceito de história em ‘Dialética do Esclarecimento’: um paralelo entre Benjamin e Freud” In *Kinesis*, vol. 8, n. 16, julho 2016, 49-64.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Idiosincrasia, mimese e antissemitismo em ‘Dialética do Esclarecimento’” In *Sofia*, Vitória, Vol. 5, n. 2, ago-dez. 2016, 463-474.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “A ‘sociologização’ da psicanálise em ‘Dialética do Esclarecimento’: sobre Sohn-Rethel e a economia pulsional freudiana” In *Dois Pontos*, Curitiba-São Carlos, vol. 13, n. 3, dezembro de 2016, 251-263.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “As pulsões e a razão: sobre uma antropologia filosófica freudiana em ‘Dialética do Esclarecimento’” In *Dissonância: Teoria Crítica e Psicanálise*, Campinas, n. 01, 1º semestre 2017, 15-40.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “‘The Authoritarian Personality’ e ‘Dialética do Esclarecimento’: uma articulação entre pesquisa empírica sociológica e a teoria antropológica freudiana” In *Simpósio Internacional de Teoria Crítica*, Sobral-Florianópolis, UDESC, 2017.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Sobre caráter e personalidade: as antropologias de Fromm, Horkheimer e Adorno nos anos 1930 e 1940” In *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, v. 25, n. 47, maio-ago. 2018, 87-119.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Antropologia histórica como conceito de história natural em Adorno” In *Griot*, v. 19, n. 1, 2019, 25-43.
- . Costa, Virginia Helena Ferreira da. “Cinismo e preconceito: uma homologia com o fetichismo freudiano em ‘The Authoritarian Personality’” In *Discurso*, v. 49, n. 1, junho 2019, 141-159.
- . Costa, Virginia Ferreira da. “Apresentação à edição brasileira” In Adorno, T. W. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Ed. Unesp: São Paulo, 2019. (no prelo)

Sumário

Introdução.....	p. 1
 Capítulo 1: Contexto, resumo e críticas a <i>The Authoritarian Personality</i> – uma análise da relação entre teoria e pesquisa empírica.....	p. 10
. Introdução ao capítulo 1.....	p. 10
. Instituto e Adorno nos Estados Unidos - preâmbulo a TAP.....	p. 10
. Resumo da obra.....	p. 18
. Recepção e críticas: a delimitação de um caminho teórico para a leitura da obra....	p. 29
. Sobre a relação entre teoria e pesquisa empírica em TAP.....	p. 36
. Conclusões do capítulo 1.....	p. 46
 Capítulo 2: Caráter, antropologia e personalidade em pesquisas empíricas de Fromm, Horkheimer e Adorno.....	p. 50
. Introdução ao capítulo 2.....	p. 50
. Horkheimer e Fromm nos <i>Studien über Autorität und Familie</i>	p. 51
. Fromm: de 1932 a 1941.....	p. 57
. Adorno e a reformulação da concepção de caráter.....	p. 63
. Horkheimer nos anos 1930 e 1940: as influências de Fromm e Adorno.....	p. 67
. Comparação entre <i>Studien</i> e TAP.....	p. 73
. Conclusões do capítulo 2.....	p. 78
 Capítulo 3: As pulsões e a racionalidade: sobre uma antropologia em <i>Dialética do Esclarecimento</i>.....	p. 81
. Introdução ao capítulo 3.....	p. 81
. Pulsões e racionalidade em sua relação com o desconhecido.....	p. 82
. A alteridade como objeto manipulável pulsionalmente.....	p. 86
. Ulisses como modelo antropológico.....	p. 92
. A idiossincrasia como retorno do recalcado mimético no antissemitismo.....	p. 97
. Conclusões do capítulo 3.....	p. 105

Capítulo 4: Versões de críticas da economia-política na construção da antropologia do tipo autoritário.....p. 108

- . Introdução ao capítulo 4.....p. 108
- . Lukács: fetichismo como racionalização.....p. 110
- . Sohn-Rethel: a gênese da racionalidade esclarecida na abstração real.....p. 116
- . Das formas de alienação à subsunção real do trabalhador: uma relação entre o jovem Marx e *O capital*.....p. 120
- . Da economia mercantil à economia psíquica.....p. 124
- . Pollock e Horkheimer sobre *Capitalismo de Estado* e *Estado Autoritário*.....p. 129
- . Conclusões do capítulo 4.....p. 135

Capítulo 5: Antropologia como história natural.....p. 138

- . Introdução ao capítulo 5.....p. 138
- . *Ideia* adorniana de *história natural*.....p. 140
- . Antropologia histórica como história naturalizada: do esquematismo hollywoodiano.....p. 145
- . Antropologia histórica como natureza historicizada: das *Teses sobre o Conceito de História* de Benjamin.....p. 148
- . Uma homologia entre a concepção histórica de Benjamin e de Freud.....p. 151
- . Repensando a aporia do esclarecimento pelo conceito de antropologia como história natural.....p. 157
- . Conclusões do capítulo 5.....p. 165

Capítulo 6: O papel da indústria cultural na formação ideológica autoritária.p. 169

- . Introdução ao capítulo 6.....p. 169
- . Sobre a pesquisa empírica adorniana sobre o rádio.....p. 171
- . Industrialização da cultura: música no rádio e o debate sobre a reprodutibilidade técnica.....p. 175
- . Fetichismo adorniano e a regressão da audição humana.....p. 181
- . Pseudoindividualidade, massa e líder: um parêntese freudiano.....p. 187
- . Fisionomia antropológica e a voz radiofônica.....p. 194
- . As técnicas psicológicas dos programas de rádio de Martin Luther Thomas.....p. 199
- . Conclusões do capítulo 6.....p. 205

Capítulo 7: Sobre metapsicologia e ideologia em <i>The Authoritarian Personality</i>	p. 209
. Introdução ao capítulo 7.....	p. 209
. Psicologia e sociedade: um histórico familiar.....	p. 211
. Uma nova organização metapsicológica em TAP.....	p. 218
. Aspectos do supereu relevantes para o tipo autoritário.....	p. 224
. Tipologia do autoritário.....	p. 228
. Sobre os complexos utilizados no padrão ideológico pessoal.....	p. 235
. O caso do pseudoconservador.....	p. 244
. Conclusões do capítulo 7.....	p. 249
 Capítulo 8: Traços psicopatológicos do autoritário e a homologia com o fetichismo	p. 254
. Introdução ao capítulo 8.....	p. 254
. Caráter e personalidade em Freud.....	p. 256
. Operações psíquicas não patológicas no afastamento da realidade: sobre representações, pulsões e objetos.....	p. 258
. A perda da realidade na neurose e o sintoma autoritário.....	p. 263
. Paranoia como possibilidade de psicopatologia modelo para o preconceito.....	p. 267
. Perversões e sadomasoquismo no autoritarismo.....	p. 270
. Fetichismo em homologia com o cinismo do autoritário.....	p. 273
. Inquietante e mimese no preconceito e no caminho para a emancipação.....	p. 284
. Conclusões do capítulo 8.....	p. 291
 Considerações finais	p. 297
 Referências bibliográficas	p. 304

Introdução

As mentiras têm pernas compridas: adiantam-se ao tempo. A transmutação de todas as questões de verdade para questões de poder (...) não se limita a reprimi-la, como nos antigos despotismos, mas apodera-se até ao mais íntimo da disjunção entre o verdadeiro e o falso, em cuja eliminação cooperam ativamente os mercenários da lógica. Hitler, de que ninguém pode dizer se morreu ou escapou, está ainda vivo. (Adorno, T. W. *Mínima moralia*, aforismo 71)

A emergência histórica nos evidencia que a persistência de fenômenos autoritários no interior da democracia ainda não foi suficientemente discutida. Graças a avanços em pesquisas produzidas ao longo dos últimos 80 anos, ao menos estamos cientes de que os mecanismos utilizados para a reprodução de autoritarismos em democracias estão diretamente relacionados aos modos de socialização de indivíduos. Além de tal conhecimento, no geral, é sabido que ultimamente as pessoas tendem a dizer que as instituições democráticas devem ser respeitadas, localizando a gênese de problemas sociais na corrupção de tais valores e princípios. Contudo, compreender de que forma o autoritarismo se reproduz, bem como defender que a democracia constitui o melhor sistema sociopolítico atual não levam necessariamente à produção de uma realização democrática.

Diante de tal perspectiva, resta-nos investigar como a atuação autoritária se encontra entrelaçada à própria efetivação de normas sociais vinculadas a organizações que se pretendem democráticas. Se considerarmos esse ponto de vista, perceberemos que o neofascismo não “regressou” na contemporaneidade, mas é parte constitutiva da democracia em seu funcionamento cotidiano segundo as influências e determinações capitalistas.

Na filosofia contemporânea, alguns dos nomes que se debruçam sobre as relações entre autoritarismo, democracia e capitalismo pertencem à primeira geração da Teoria Crítica. Autores como Adorno e Horkheimer, por exemplo, apontam que a gênese da formulação de estereótipos preconceituosos, racionalizações que justificam violências contra minorias e argumentações pseudorracionais a favor de atitudes antidemocráticas é localizada na realização cotidiana da organização socioeconômica capitalista. A própria objetificação de pessoas, que passam a servir a máquinas e têm suas atividades mensuradas para fins de controle, já fomentaria por si só a dominação de seres humanos entre si. Além disso, com o avanço do capitalismo que espalhou sua

organização industrial também para esferas culturais, os autores nos demonstram como a administração do ser humano por um sistema cada vez mais impessoal e incompreensível se tornou total, utilizando a produção e o consumo para interesses de dominação.

Em tal administração humana, boa parte das pulsões agressivas dos indivíduos, que tende a ser direcionada contra tal sistema desigual, controlador e violento, seria desviada para determinados objetos socialmente identificáveis e, às vezes, construídos pela própria indústria cultural – em geral relacionados a minorias, seus representantes e ideologias. Nesse contexto, podemos dizer que, utilizando o exemplo do antissemitismo, “hoje, todo e qualquer homem se depara com um enorme volume de preconceitos, discriminações e atitudes antissemitas articuladas existentes objetivamente. O poder acumulado desse complexo objetivo é tão grande e aparentemente tão além dos poderes individuais de resistência que alguém poderia perguntar por que as pessoas não são antissemitas, em vez de perguntar por que certos tipos de pessoas são antissemitas.”¹ Vemos coexistirem em uma mesma estrutura social, e, por consequência, psíquica, conteúdos democráticos e antidemocráticos: “em termos de ideologia, o conflito do antissemita é entre os estereótipos atuais de preconceito culturalmente ‘aprovados’ e os padrões oficialmente prevalentes de democracia e igualdade humana.”²

Nesse sentido, fenômenos fascistas não constituiriam exceções, mas sim intensificações de vivências cotidianas situadas no interior de uma democracia determinada pelo sistema capitalista. Isso quer dizer que o autoritarismo não tende a diminuir com o progressivo desenvolvimento civilizacional – que, entre outros, procura esclarecer racionalmente equívocos inerentes a preconceitos por meio de informações objetivas –, mas é parte constitutiva de tal processo mesmo. O ser humano, em tal avanço do capitalismo para a cultura e inclusive para o interior da organização psíquica, passa a ver a realidade pelos olhos do capitalismo. Isto é, a industrial cultural não só seleciona os elementos que são apresentados como reais aos seres humanos, mas também toma para si a função de refletir e opinar sobre estes conteúdos veiculados.

¹ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, pp. 24-5. Todas as traduções de citações cujas edições são estrangeiras ao português são minhas.

² Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford. *The Authoritarian Personality*, Harper & Brothers, Copyright American Jewish Committee, 1950, p. 630. Retirado de: <http://www.ajcarchives.org/main.php?GroupingId=6490> Última consulta em 13 de novembro de 2018. Daqui por diante, nomearemos a citação da obra como “TAP”.

O sujeito, adaptado a um sistema capitalista que “esquematiza” em seu lugar, acaba por ter a sua organização racional modificada. “O seu anseio não é a verdade, mas uma apresentação compreensível. (...) Não se trata do esforço forte do conceito para descer ao fundamento de alguma coisa; é muito mais satisfatório quando a coisa é tornada simples.”³ Por isso, Adorno nos diz que, “em uma fase na qual a irracionalidade e a falsidade objetiva se escondem atrás da racionalidade e da necessidade objetiva, a aparência tornou-se total.”⁴ Na condição de totalização da aparência – que acompanha a expansão do fetichismo da mercadoria em múltiplas esferas do social –, o indivíduo abandona a pretensão de realização do conceito moderno de verdade (de correspondência da representação à coisa), afastando-se da realidade em favor de uma satisfação pulsional mínima – seja de autoconservação, segurança, idealização, construção de um ambiente narcísico, descarga da agressividade. “A ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz, desde que isso lhes dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como por fecharem os olhos, e provam, numa espécie de autodesprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem por que é fabricado.”⁵

Nesse âmbito, a indústria cultural capitalista fomenta atitudes autoritárias ao veicular como natural certa dose de preconceito, tratando-o como um fenômeno perene, inofensivo, um mal necessário na sociedade humana – quando, na verdade, a sua necessidade está relacionada à manutenção de uma organização social desigual, violenta e injusta como o é a sociedade capitalista. A banalização do mal se consuma, então, ao serem abrandadas, escamoteadas, racionalizadas a sua comunicação e consequências. Um exemplo, fornecido por Claussen, é produzido pela substituição da palavra “Auschwitz” pelo “holocausto”, o que desloca o significado de uma violência extrema, situada e materializada para uma conotação ampla, abstrata e imprecisa com fins de esquivar da memória e do discurso a realização macabra de seres humanos esclarecidos: “Facilmente deixa-se inflacionar o holocausto (...). Depois disso houve um holocausto atômico, um holocausto ecológico. A palavra holocausto preenche, diferentemente do

³ Claussen, Detlev. “A banalidade do mal: sobre Auschwitz, a religião do cotidiano e a teoria social” *Viso, cadernos de estética aplicada*, n. 12, jul-dez/2012, 46-60, p. 57.

⁴ Adorno, T. W. “Crítica cultural e sociedade” *Indústria cultural e sociedade* – São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 53-4.

⁵ Adorno, T. W. “Indústria Cultural”. Cohn, G. *Theodor W. Adorno. Sociologia* – São Paulo: Ática, 1986, p. 96.

que o faz o nome ‘Auschwitz’, as condições de comunicabilidade em termos de meios de massa. Ele codifica um segredo público, mas dificilmente suportável, num hieróglifo que é utilizado de várias maneiras.”⁶

É em um contexto no qual as pulsões são manipuladas – mais do que sublimadas – e uma pseudorracionalidade se coloca a serviço da procura por satisfações – mesmo que para isso seja necessário o sujeito se afastar da realidade – que a teoria freudiana é mobilizada para pensar o autoritarismo e o preconceito. Na determinação do indivíduo pelo social, Adorno enxerga nas contradições psíquicas vividas pelo eu os impasses da sociedade semiesclarecida – que deve seguir tanto os princípios democráticos quanto as estereotipizações e racionalizações antidemocráticas veiculadas pela indústria cultural. Para fins de defesa contra o conflito vivido entre uma organização psíquica narcísica produzida pelas naturalizações fomentadas pelo capitalismo, de um lado, e a expectativa de desenvolvimento racional esclarecido em favor de uma autonomia e amadurecimento, de outro, o eu “desenvolve uma certa racionalidade em prol da autoconservação, mas não o suficiente para desafiar o sistema.”⁷ Um indivíduo formado para a adaptação ao social, e não para refletir sobre o mundo a partir de sua própria experiência, deixa de constituir um eu consciente forte o suficiente para se contrapor às determinações objetivas. Dá-se, então, a determinação de desejos inconscientes sobre a consciência, modo de desenvolvimento de uma racionalidade vulnerável às satisfações pulsionais: “a vitória do isso sobre o eu harmoniza-se com o triunfo da sociedade sobre o indivíduo,”⁸ de modo que “a ‘psicologia social’ não seria em essência uma psicologia do eu, como hoje se gostaria que fosse, mas a psicologia da libido.”⁹ É desse modo que ocorreria um “um intercâmbio racional com a violência”¹⁰ que culmina no autoritarismo.

É tendo em vista este cenário que a análise de *A personalidade autoritária* (no original, *The Authoritarian Personality*, ou TAP, como iremos nos referir daqui em diante) se torna uma contribuição relevante para o debate sobre autoritarismo e democracia. Reunindo interpretação filosófica, sociológica e psicanalítica com pesquisa

⁶ Claussen, Detlev. “A banalidade do mal: sobre Auschwitz, a religião do cotidiano e a teoria social” *Viso, cadernos de estética aplicada*, n. 12, jul-dez/2012, 46-60, p. 50.

⁷ Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno's social psychology” *Telos* 32 (1977), p. 53.

⁸ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” *Escritos Sociológicos I* In Obra Completa 8 – Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 77.

⁹ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” *Escritos Sociológicos I* In Obra Completa 8 – Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 67.

¹⁰ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” *Escritos Sociológicos I* In Obra Completa 8 – Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 44.

empírica, TAP realiza ambições de Horkheimer, enquanto diretor do Instituto de Pesquisas Sociais, sem abandonar configurações teóricas propriamente adornianas – algo que pode ser conferido nos dois primeiros capítulos desta tese. Iremos ver que este livro recebeu críticas de todos os lados, sendo erroneamente acusado de ser uma obra positivista, psicologista e ultrapassada. Contra tais críticas, seguimos Adorno ao enfatizar como TAP não se isola do programa da Teoria Crítica. Nas partes do livro redigidas por ele, o autor procura analisar as contradições psíquicas de seus entrevistados, verdadeiros espelhos das fraturas da totalidade social capitalista.

O mais interessante do “novo tipo antropológico autoritário” exposto na obra, como veremos em nosso sétimo capítulo, é que ele não procura escamotear as contradições sociais, ou nem mesmo as contradições de suas opiniões, uma vez que elas são assumidas cinicamente. No fundo, o tipo autoritário, ao absorver e reproduzir os estereótipos e racionalizações veiculados pela indústria cultural, sabe que seu discurso está, ao menos em parte, afastado da realidade objetiva. Contudo, sabê-lo não é suficiente para fomentar alguma mudança de atitude.

Com isso, na exposição desse novo tipo de ser humano, Adorno procura demonstrar o que há de fracassado no projeto de libertação do esclarecimento humano quando o que se encontra desenvolvido é apenas um criticismo formal limitado. É produzida, então, a análise de um fascismo em potencial, já que nenhum conteúdo manifestamente autoritário é fomentado pelo próprio sujeito e nem mesmo a violência contra minorias é fisicamente realizada – ao menos não de modo sistemático: a “ênfase [de Adorno] nas afinidades entre a indústria cultural e o fascismo é dirigida contra a suposição complacente de que o fascismo é um distúrbio exclusivamente alemão, que não tem nada a ver com o capitalismo e que ‘nunca poderia acontecer aqui’.”¹¹ Em tal nível de semiesclarecimento, até as figuras de liderança são substituíveis, sendo escolhidos líderes temporários que procuram simplesmente assegurar a permanência da situação socioeconômica à qual o indivíduo está adequado.

Os senhores fascistas de hoje em dia são menos super-homens do que funções de seu próprio aparelho de publicidade, pontos de intersecção das reações idênticas de inúmeros indivíduos. (...) Uma parte de sua influência moral reside justamente no fato de que (...) eles representam para esses a plenitude do poder, sem por isso deixarem de ser simples lugares vazios que o poder veio ocupar. Não é que eles constituam uma exceção ao processo de desintegração da individualidade, mas se trata antes do fato que a individualidade desintegrada neles triunfa e, de certo modo, se vê

¹¹ Jarvis, Simon. *Adorno – a critical introduction* – Routledge, NYC, 1998, p. 63.

recompensada por sua desintegração. Os líderes tornaram-se totalmente o que sempre foram um pouco durante toda a era burguesa: atores representando o papel de líderes.¹²

Mas, para que uma análise da contribuição adorniana a TAP seja produzida do modo mais exaustivo possível, nossa tese não se restringiu a este livro¹³. Alguns pressupostos e desenvolvimentos externos a TAP ampararam a construção de nossa tese. Se já sabemos que o preconceito na democracia é decorrente da influência do sistema socioeconômico capitalista; e que a reificação e racionalização em todas as esferas sociais resulta em uma semirracionalidade dominadora afastada da realidade; constitui também um argumento ao qual recorreremos aquele que defende que a mediação entre indivíduo e sociedade anteriormente realizada pela família na fase do capitalismo liberal teria entrado em falência com o capitalismo monopolista, sendo substituída pela mercadoria. A forma mercadoria passa a ser considerada como modelo da objetividade em geral e da subjetividade, o ser humano fazendo a mimese da mercadoria. Isso quer dizer, como veremos em nosso quarto capítulo, que o avanço do capitalismo teria se expandido para o domínio familiar e psicológico, havendo a reprodução de valores capitalistas e a objetificação de pessoas em todos os tipos de relações humanas. Haveria, com isso, uma relação intrínseca entre o avanço do capitalismo, a determinação direta da sociedade sobre o indivíduo e a formação de pseudoindivíduos adaptáveis às determinações sociais. O diagnóstico do capitalismo transforma-se, então, em um diagnóstico civilizacional e antropológico.

Nesse âmbito, o fetichismo se torna um dos conceitos destaque em nossa tese em ao menos dois momentos: na análise do fetichismo do objeto musical produzido e posto em circulação pela indústria cultural – desenvolvimento teórico apresentado no capítulo seis –; e em nossa homologia entre o cinismo e o fetichismo freudiano – exposta em nosso capítulo oito. Adorno analisa os efeitos psicológicos do fetichismo da mercadoria musical, como a coisificação do humano que faz a mimese da mercadoria capitalista, o que leva a uma audição regredida e dissociativa, que só aceita escutar aquilo que lhe parece familiar. Haveria, com isso, uma interessante relação entre regressão coletiva a um estágio de desenvolvimento psíquico anterior, dissociação psíquica e exclusão da

¹² Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, pp. 194-5.

¹³ Em tal complementação, procuramos nos limitar, sempre que possível, a textos produzidos nos anos 1940, ou seja, escritos por volta da mesma época de TAP por Adorno, Horkheimer, Fromm, Pollock, entre outros.

não identidade no ouvinte, de modo que a *radio generation* teria sido treinada pela indústria para a submissão a uma sociedade dominadora. Isso representaria, em última instância, a subjugação do indivíduo aos oligopólios capitalistas que constituem o verdadeiro sujeito produtor da indústria cultural, forma de alienação humana à falsa totalidade. Visto isso, certa versão da luta de classes constituiria um dos fundamentos da condição de possibilidade da indústria cultural e, conseqüentemente, da análise do autoritário.

A construção de uma figura carismática da voz do rádio, como que autonomizada, descorporificada, impessoalizada e idealizada, promoveria uma confusão entre o privado e o público, o fantasiado e o real, o autômato e o humano, imprecisões necessárias para o afastamento da realidade promovido pelo autoritarismo. É assim que a análise do texto adorniano sobre Martin Luther Thomas constitui um dos pontos altos de nossa tese:

Mesmo antes do início da colaboração com o grupo de Berkeley, eu próprio escrevi uma grande monografia sobre a técnica sociopsicológica de um agitador fascista que havia estado recentemente ativo na costa-oeste norte-americana, Martin Luther Thomas. Isto foi finalizado em 1943. Era uma análise de conteúdo dos estímulos mais ou menos padronizados e de modo algum numerosos que os agitadores fascistas empregam. (...) A análise de Thomas me forneceu uma boa dose de estímulo para itens que foram úteis em *The Authoritarian Personality*.¹⁴

A análise do fetichismo freudiano, por outro lado, coaduna com a formação de um novo tipo antropológico justamente porque, “uma vez que (...) a ‘Radio Generation’ se afasta da formação do eu precisamente por se adaptar à realidade (...), o conceito de neurose não é diretamente aplicável aqui. Se todas essas pessoas estão doentes – o que há razão para se supor – elas não estão mais doentes do que a sociedade onde vivem.”¹⁵ Desviando-se de patologias neuróticas e psicóticas por sua flexibilidade psíquica, o modelo fetichista de funcionamento psíquico seria organizado segundo uma cisão entre duas representações opostas, verdadeira dissociação entre crença e saber na qual ambos os conteúdos não se anulam, nem se sobrepõem, mas coexistem de forma independente. Em nossos desenvolvimentos, procuraremos mostrar que a produção de uma análise antropológica a partir de tais contradições (cínicas e fetichistas), que indicam uma

¹⁴ Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America”. Fleming D. & Bailyn B. (org.) *The intellectual migration – Europe and America 1930-1960* –Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, pp. 364-5.

¹⁵ Adorno, T. W. “The problem of a new type of human being” In: *Current of Music: Elements of a radio theory*. Oxford: Polity Press, 2009, p. 465.

tentativa de fuga do sofrimento e procura por satisfação, aponta, no fundo, para um diagnóstico crítico das determinações sociais capitalistas que fomentam estas próprias contradições e sofrimentos individuais.

Lendo a psicanálise como uma organização antropológica, mais do que verdadeiramente psicológica, estamos seguindo Adorno e sua dialética entre natureza e história. Ideia exposta em nosso quinto capítulo, a antropologia do tipo autoritário seria considerada como um conjunto de reações metapsicológicas às determinações históricas, reações tais que foram sedimentadas, consideradas como segunda natureza, como diria Lukács. Por outro lado, não sendo tal antropologia somente adequada ao social, as suas próprias contradições denotariam os traços da natureza interna, ou proto-história biológica, que teriam sido reprimidos pelas determinações históricas dominantes, mas que acabam retornando, como nos ensinou Walter Benjamin. Nesse sentido, o preconceito do autoritário seria resultado de descargas pulsionais agressivas produzidas pelo retorno da natureza interna anteriormente recalcada que foram manipuladas socialmente e projetadas em idiossincrasias situadas na alteridade não idêntica. Assim, a civilização semiesclarecida permite a liberação das reações pulsionais que escapam ao controle individual, desde que sejam dirigidas a um alvo manipulado previamente, principalmente àqueles que já se mostram como os grupos mais “frágeis” socialmente.

Esta explicação é encontrada também na famosa *Dialética do Esclarecimento* (*Dialektik der Aufklärung* ou DdA, como iremos nos referir daqui em diante) analisada em nosso terceiro capítulo. Na exposição da antropologia de DdA, o sofrimento do ser humano formado sob o capitalismo leva-o a uma reação defensiva e, por isso, dominadora em relação à natureza interna e externa. Fazendo do sacrifício de sua própria racionalidade e satisfação pulsional uma astúcia, a antropologia exposta no livro formula uma análise do preconceito autoritário que só consegue reconhecer si mesmo no mundo, sem conseguir lidar de modo receptivo com diferenças. Estas diferenças são interpretadas como potencialmente perigosas, como ameaças de dissolução de si promovidas por um ambiente desconhecido. A alteridade, concebida como mero objeto construído pulsionalmente e substituível, não seria somente utilizada como meio para a obtenção da satisfação, mas também como um anteparo possível para se descarregar os impulsos agressivos.

Diante de tais perspectivas temáticas de discussão e desenvolvimento a serem conferidas em nossa tese, perguntamo-nos de que modo o autoritarismo latente na

democracia sob o capitalismo pode se tornar uma atuação manifesta própria de sistemas fascistas de organização social. Encontramos em TAP uma resposta, que acaba nos soando mais como um alerta:

Pode-se perguntar agora quais são as condições sob as quais tal propaganda [antidemocrática] aumentaria em tom e volume e passaria a dominar a imprensa e o rádio excluindo estímulos ideológicos contrários, de modo que o que é agora potencial se tornaria ativamente manifesto. A resposta deve ser buscada não em uma personalidade única, nem em fatores de personalidade encontrados na massa de pessoas, mas em processos em ação na própria sociedade. Parece ser bem compreendido hoje que se a propaganda antidemocrática deve se tornar ou não uma força dominante neste país depende principalmente da situação dos interesses econômicos mais poderosos, se eles, por meio de projetos conscientes ou não, fazem uso deste dispositivo para manter seu status dominante.¹⁶

¹⁶ TAP, p. 7.

Capítulo 1

Contexto, resumo e críticas a *The Authoritarian Personality* – uma análise da relação entre teoria e pesquisa empírica

. Introdução ao capítulo 1

Tendo em vista a pouca circulação que TAP tem no país e principalmente devido ao tamanho da obra, que afasta leitores, consideramos importante apresentarmos, de modo simples e resumido, os temas gerais tratados pelo livro, o contexto histórico-social em que os autores se encontravam, além de uma exposição de algumas das críticas feitas à obra. Faremos destes temas um ensejo para introduzirmos alguns dos debates produzidos nos demais capítulos da tese. Como se aqui estivéssemos apenas apresentando o terreno conceitual no qual iremos nos debruçar mais à frente. Principalmente na apresentação das críticas a TAP, já delimitaremos muitos dos posicionamentos que iremos assumir na leitura e discussão da obra, adiantando defesas que terão lugar em diferentes pontos de nosso trabalho. Entretanto, é uma exceção a isso a apresentação resumida que fazemos da metodologia empregada na pesquisa empírica da obra, sobre a qual não pretendemos nos alongar demasiadamente em outras partes da tese. Por fim, elaboramos uma exposição, baseada em críticas recebidas por TAP, da relação entre teoria e pesquisa empírica, algo que procura justificar não só a presença de textos como DdA para a exploração de TAP, como também introduz uma noção de antropologia que trataremos em todo o resto da tese.

. Instituto e Adorno nos Estados Unidos - preâmbulo a TAP

O contexto de produção de TAP seria aquele dos anos 1930 e 1940, momento em que muitos dos membros da primeira geração da Teoria Crítica se mudam para os Estados Unidos da América fugidos da perseguição nazista alemã. Momento em que “o Instituto Internacional de Pesquisas Sociais, por mais revolucionário e marxista que se houvesse afigurado na Frankfurt da década de 1920, veio se estabelecer no centro do mundo capitalista, a cidade de Nova York”¹⁷. O país se encontrava sob um dos mandatos presidenciais de Franklin Delano Roosevelt (figura frequentemente abordada

¹⁷ Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 79

pelos entrevistados de TAP), em um esforço planejado do *New Deal* para sair da crise iniciada em 1929 que pode ser explicado como vinculado a “uma democracia social dependente de agências do governo. A esse respeito, eles [Estados Unidos] não estavam muito longe dos reformadores socialistas moderados que aceitavam o sistema econômico existente como a plataforma para a intervenção social.”¹⁸ Planificação socioeconômica que se mostrará importante, como iremos ver no capítulo quatro, para a formulação das teorias do *Capitalismo de Estado* e *Estado Autoritário* de Pollock e Horkheimer.

A situação de Adorno no novo país de morada, no entanto, é retratada de forma controversa e ambígua pelos comentadores. Enquanto alguns enfatizam a condição problemática do filósofo em se ajustar a uma sociedade de massas tal qual os Estados Unidos, outros nos mostram, fazendo uso do texto adorniano de 1968 “Scientific Experiences of a European Scholar in America”,

sua resposta positiva à cultura norte-americana. Enquanto Adorno não deixa dúvidas sobre suas alianças culturais europeias e sua relutância em desenvolver uma personalidade “norte-americana”, ele aponta para uma corrente da história norte-americana com a qual ele poderia se identificar: a tradição iluminista (...) [que] poderia se manifestar (...) como uma vontade de emancipação humana por meio de formas democráticas, por exemplo, por meio de projetos de pesquisa envolvendo grupos de cientistas sociais. A esse respeito, o projeto sobre a “personalidade autoritária”, do qual Adorno participou durante os anos 1940, é um exemplo proeminente de pesquisa social politicamente comprometida dentro da academia norte-americana.¹⁹

Em relação ao antissemitismo no país, que contava com mais de 4 milhões de judeus (3,5% da população nacional), os autores de Frankfurt constataram “um antissemitismo mais ou menos camuflado que se combinava com a aceitação da democracia. Esse ponto alimentava a suspeita de que o antissemitismo estava muito mais espalhado do que se pensava.”²⁰ É a partir do assim considerado “antissemitismo social” que o mote de pesquisa de TAP é constituído, culminando na questão: seria possível um fenômeno análogo ao nazi-fascismo em um país democrático como os Estados Unidos?

¹⁸ Hohendahl, Peter. “The Displaced Intellectual? Adorno's American Years Revisited” In *New German Critique*, N. 56, Special Issue on Theodor W. Adorno (Spring - Summer, 1992), Duke University Press, pp. 76-100, p. 80.

¹⁹ Hohendahl, Peter. “The Displaced Intellectual? Adorno's American Years Revisited” In *New German Critique*, N. 56, Special Issue on Theodor W. Adorno (Spring - Summer, 1992), Duke University Press, pp. 76-100, p. 97.

²⁰ Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 382.

em sua comunicação no simpósio psiquiátrico em San Francisco, Horkheimer defendera a tese de que o antissemitismo social era pior nos Estados Unidos do que na Europa, e essa intensidade do antissemitismo levava a pensar que a diferença entre as duas populações poderia, muito bem, ser perigosamente reduzida no plano psicológico – se se deixassem de lado as diferenças gritantes entre os Estados Unidos e o Terceiro Reich. (...) Se (...) só uma minoria dos alemães era antissemita, se o antissemitismo latente, ardendo sob as cinzas, era um componente da civilização ocidental, se a minoria antissemita alemã tinha sabido levar, em poucos anos, seu antissemitismo declarado até o genocídio industrializado, não se deveria esperar um fenômeno análogo nos Estados Unidos? Com suas estruturas capitalistas muito mais desenvolvidas, que nenhum movimento operário de inspiração socialista vinha questionar, com sua indústria cultural muito mais extensa e frustrante, com seu etnocentrismo mais marcado e sua história colocada sob o signo de uma franca violência, era de temer que um antissemitismo potencial bem mais vasto e agressivo, já presente em condições políticas e econômicas bem menos críticas do que na Alemanha, passasse a ser um antissemitismo declarado e violento.²¹

É assim que alguns membros do Instituto se empenharam em produzir sua primeira pesquisa empírica sobre antissemitismo nos Estados Unidos intitulada *Antisemitism among American Labor* empreendida entre 1943 e 1945, pesquisa pouco conhecida justamente pela não publicação de seus manuscritos muito extensos. Financiada pelo Jewish Labor Committee (JLC), a coleta de dados – ao todo 566 trabalhadores entrevistados – foi feita na região da grande New York, além de Philadelphia, Pittsburgh, Detroit, Los Angeles e San Francisco, resultando em torno de 1400 páginas de relatório distribuídas em quatro volumes. Contudo, dada a semelhança de suas conclusões com aquelas obtidas em TAP, “os resultados do projeto sobre a classe operária passaram a parecer redundantes.”²² Dentre as aproximações, ambos os estudos, seguindo um panorama sociopsicológico de pesquisas empíricas do Instituto, produziram uma tipologia: a pesquisa sobre os trabalhadores os classificou em oito categorias entre “extremamente hostil” até “não discriminatório”. Aproximadamente um terço das pessoas era considerado não preconceituoso, outro terço muito preconceituoso e o terceiro terço hesitante. Ou seja, ambas as pesquisas chegaram a uma alta tendência de autoritarismo. No geral, dentre os materiais das entrevistas, foram encontradas expressões de preconceito por meio de estereótipos, como em TAP, sendo o antissemitismo razoavelmente consciente, além de relacionado a situações concretas – como a presença de grande número de judeus no ramo da indústria cultural e

²¹ Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 397-8.

²² Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 288.

entretenimento de massa. Também foi verificado, como em TAP, que quanto mais preconceituosa a pessoa, mais irracional ia se tornando seu ressentimento. Por fim, o antissemitismo foi reconhecido pelos pesquisadores enquanto um fenômeno próprio de sociedades massificadas. Nesse sentido, TAP pode ser considerado uma confirmação dos resultados obtidos em *Anti-semitism among American Labor* – mesmo que haja diferenças quanto aos métodos de investigação empírica e de recorte dos entrevistados²³. Isso pode ser dito justamente pelo reconhecimento que Adorno deu à pesquisa sobre os trabalhadores norte-americanos²⁴, a ponto de utilizar na pesquisa de Berkeley algumas das questões que constavam na análise anterior.

Contudo, para chegarmos às mais próximas influências sobre TAP de pesquisas produzidas pelo Instituto, falta-nos a avaliação do *Projeto sobre Antissemitismo*. Trata-se de uma proposta de pesquisa gestada por membros da Teoria Crítica nos primeiros anos da década de 1940 que tinha no antissemitismo seu objeto geral. No início do projeto é exposto o posicionamento dos autores:

Para muitas pessoas, o antissemitismo nada mais é do que uma lamentável aberração, uma recaída na Idade das Trevas; (...) é em geral visto como um elemento estranho ao espírito da sociedade moderna. Deste ponto de vista, seguiria logicamente que o antissemitismo é um anacronismo, incapaz de chegar a uma influência mundial. Isso não é verdade. (...) O objetivo deste projeto é mostrar que o antissemitismo é um dos perigos inerentes a toda cultura mais recente.²⁵

E mais adiante, seguem dizendo: os “círculos progressivos judaicos e não judaicos (...) devem ser liberados da crença errônea de que o antissemitismo existe apenas onde é

²³ Cf. Ziege, E. M. *Antisemitismus und Gesellschaftstheorie: die Frankfurter Schule im amerikanischen Exil* – Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009. Ziege nos alerta que a pesquisa sobre os trabalhadores se mostrava preocupada mais com interpretações sociológicas do que psicológicas, como em TAP. Já a diferença na metodologia das entrevistas está na forma como estas foram conduzidas, configurando uma “conversa” que era só posteriormente anotada pelos entrevistadores. Além disso, as questões básicas diziam respeito diretamente a judeus e negros, temas que apareciam mais discreta e indiretamente em TAP.

²⁴ Eis o que escreve Adorno sobre *Anti-semitism among American Labor* em TAP: “Another investigation, carried through parallel to our research and partly by the same staff members of the Institute of Social Research, i.e., the study on anti-Semitism within labor, concentrated on the question of anti-Semitism, but at the same time was concerned with sociopsychological issue akin to those presented in the present volume. (...) an attempt was made to utilize, at least in a supplementary form, some of the ideas of the Labor Study as hypotheses for further investigation. This was done as a part of the work carried out in Los Angeles. In collaboration with J. F. Brown and F. Pollock we drew up an additional section of the interview schedule devoted to specific questions about Jews. These questions were derived for the most part from the material gathered through the ‘screened interviews’ of the Labor Study.” (TAP, p. 605)

²⁵ “Research Project on Anti-semitism: Idea of a Project” In Adorno, T. W. *The stars down to Earth and other essays on the irrational in culture* – Routledge: London/New York, 1994, pp. 181-2.

expresso abertamente, pois ele encontra recantos até mesmo nos corações dos mais nobres seres humanos.”²⁶

Nesta apresentação, o *Projeto* já adianta um recorte teórico levado a cabo em TAP: o preconceito latente como um fenômeno atual das sociedades. Nesse sentido, no *Projeto* vemos uma preocupação em relacionar o antissemitismo a movimentos históricos de massa que revelaria tendências sociopsicológicas do preconceito. Essas tendências – tais como a relação a um líder, o mito do sacrifício, entre outros – estariam presentes também em episódios não especificamente violentos da história. Inclusive, ao encontrarem traços de antissemitismo em textos de pensadores ilustrados que se preocupam com a liberdade humana – como Voltaire, Zola, Kant, Fichte, Hegel, Goethe, entre outros –, os autores pretendiam mostrar como a tendência preconceituosa estaria mais do que estabelecida na cultura ocidental, aparecendo tanto em discursos massificados e estereotipados quanto nas produções filosóficas mais letradas – ninguém se salvaria do antissemitismo. Além disso, eram apresentados comportamentos dos próprios judeus na sociedade utilizados como pseudojustificativas sociohistóricas para a expressão de preconceito – parte dos preconceituosos dizendo, por exemplo, que esse grupo populacional seria responsável por problemas econômicos de toda a sociedade²⁷. “Todavia, mostrar essa dimensão econômica e histórica (...) tinha a função, nesse projeto, de contribuir para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno, sem que isso significasse culpar os judeus por sua perseguição.”²⁸ Além disso, o *Projeto* contava também com uma sessão sobre o antissemitismo no nazi-fascismo alemão.

No *Projeto* são apresentados ainda os tipos de antissemitas distribuídos em nove classificações, além de uma proposta empírica de pesquisa que visava expor a reação ao antissemitismo, de um lado, comparada com a emissão de discursos e valores democráticos e autoritários, de outro. O experimento relativo às reações seria feito pela veiculação de filmes seguida de um registro de impressões pessoais causadas. Dentre as cenas, havia a proposta da filmagem de uma briga, com versões envolvendo judeus e,

²⁶ “Research Project on Anti-semitism: Idea of a Project” In Adorno, T. W. *The stars down to Earth and other essays on the irrational in culture* – Routledge: London/New York, 1994, p. 183.

²⁷ Tais observações podem ser contrastadas com a visão de Adorno para quem, como dito em carta escrita a Horkheimer de 5 de agosto de 1940, os judeus teriam tomado o lugar dos proletários na organização social, sendo a categorias mais oposta ao posicionamento de poder. Ou melhor dito, “judeus tinham se tornado o proletariado privado de poder no processo do progresso da história mundial.” (Adorno apud Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 304)

²⁸ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundaí, Paco Editorial: 2014, p. 89.

em outras, gentios. Os entrevistados deveriam forjar uma história a partir das cenas, como o motivo da briga, ou a descrição do comportamento da pessoa espancada. Em um terceiro momento do experimento, as mesmas pessoas seriam indagadas abertamente quanto a terem ou não preconceito contra judeus, segundo os valores de igualdade humana e discurso da não violência. Assim, seria possível notar não só como a percepção e julgamentos humanos são influenciados por ideologias e concepções morais previamente estabelecidas, mas também averiguar o distanciamento – a ser interpretado por nós em nossos capítulos 7 e 8 por meio do cinismo e da cisão psíquica – entre o preconceito socialmente atuado e o distanciamento de concepções puramente formais de valores morais e democráticos. Não é pouco dizer, portanto, que o *Projeto sobre antissemitismo* foi de extrema valia para organização dos *Estudos sobre Preconceito* do qual TAP faz parte.

Em nosso percurso, chegamos, então, à descrição das condições em que se desenvolve TAP. Esta obra é um dos cinco volumes que compõem os *Estudos sobre preconceito*, um grande empreendimento teórico que só foi possível porque o American Jewish Committee (AJC), além de fornecer o financiamento para toda a produção coletiva de pesquisa, concedeu à Horkheimer a cadeira de direção de um de seus departamentos, o novo Department of Scientific Research. O lançamento oficial do início da ampla pesquisa se deu em maio de 1944 em New York por meio de uma conferência sobre preconceito.

É importante reforçarmos o papel de Horkheimer nos *Estudos sobre preconceito*, TAP incluso, justamente porque esta última é, para nós, uma obra coletiva em que algumas das principais teorias horkheimianas aparecem na composição do livro²⁹. Para Horkheimer, a publicação dos *Estudos sobre preconceito* tinha um significado estratégico para o Instituto ao servir como prova das realizações do grupo nos Estados Unidos, fortalecendo a instituição para um possível retorno honroso à Alemanha no pós-guerra. O intuito de Horkheimer ao propor tão amplas pesquisas em torno do preconceito era “fornecer ao AJC, graças a esse programa, nada menos do que ‘a prova científica de que o antissemitismo é um sintoma de profunda hostilidade contra a

²⁹ Contudo, tal influência direta não se deu em todo o tempo de execução da pesquisa, já que, por motivos de saúde, Horkheimer precisou se ausentar, deixando a direção do Department of Scientific Research para Samuel Flowerman a partir de 1946. Lembramos ainda que sua relação tanto com este substituto quanto com os próprios membros da AJC não eram das mais amistosas. “Para Horkheimer, Marie Jahoda, que trabalhava em Nova York, junto a Flowerman, representava uma aliada que – como ele dizia numa carta endereçada a ela – exerceria o ‘papel de um oficial de ligação’ e manteria com o maior cuidado a coesão do que ele havia tentado criar.” (Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, pp. 431-2).

democracia’.”³⁰ É importante lembrar que TAP seria a obra mais importante dos *Estudos*, dentre alguns motivos, porque mostrou ser a mais relevante na exposição do preconceito como um fenômeno oposto à democracia.

Para dar conta de tão importante tarefa, Horkheimer propôs uma espécie de “continuação” parcial do já exposto *Projeto sobre antissemitismo* constituída por dez pesquisas no total³¹, das quais cinco foram efetivamente realizadas e publicadas. Dentre elas, Horkheimer e Adorno eram responsáveis pela parte da investigação psicológica. Esta última seria composta, de um lado, por TAP, além de, por outro lado, uma proposta de análise dos discursos de agitadores fascistas nos Estados Unidos, pesquisa que rendeu, na composição dos *Estudos sobre preconceito*, o livro de Lowenthal e Guterman intitulado *Prophets of Deceit – a Study of the Techniques of the American Agitator*. Além disso, o interesse nesse assunto levou Adorno a publicar posteriormente “Anti-Semitism and fascist propaganda”, “The psychological technique of Martin Luther Thomas’ Radio Addresses” e “Freudian theory and the pattern of fascist propaganda”, obras que analisaremos no capítulo 6.

Os outros três volumes que compõem os *Estudos sobre Preconceito* são *Dynamics of Prejudice - a psychological and Sociological Study of Veterans* de Bruno Bettelheim e Morris Janowitz. Este seria o volume mais próximo a TAP por seu método envolver entrevistas com 150 veteranos de guerra alocados em Chicago. Seu foco estava voltado às dificuldades de adaptação dessas pessoas à sociedade pacífica, o que permitia analisar a possibilidade dos veteranos de guerra de se livrarem de sentimentos hostis, principalmente de preconceitos étnicos. Além disso, havia *Anti-Semitism and Emotional Disorder - a Psychoanalytic Interpretation* de Nathan W. Ackerman e Marie Jahoda, pesquisa não muito ampla feita com psicanalistas sobre 27 pacientes nos quais o antissemitismo compunha parte de seus distúrbios psíquicos. As conclusões dessa obra foram bem próximas daquelas fornecidas por um dos capítulos de TAP baseado em estudos sobre 120 pacientes em clínicas psiquiátricas: para ambos os textos, não existia correlação entre doenças psíquicas e preconceito. O último volume que compõe os

³⁰ Trecho retirado de uma carta de Horkheimer a Pollock, de 25 de março de 1944 apud Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 393.

³¹ São eles : 1. The Berkeley Project on the Nature and Extent of Anti-Semitism; 2. A Study of Anti-Semitism among Children; 3. A Survey of Psychiatric Cases Involving Race Hatred; 4. A Study of Anxiety and Social Aggression among Veterans; 5. An Analysis of Anti-Semitic Caricature; 6. An Art Project to Develop a Sketch of a Fascist Agitation 7. The Preparation of a Pamphlet on Anti-Semitic Propaganda; 8. A Definite treatise on Anti-Semitism; 9. An Experimental Motion Picture for Measurement of Race Prejudiced; 10. Experiments in Surveys and Testing.

Estudos sobre preconceito seria *Rehearsal for Destruction - a Study of Political Anti-Semitism in Imperial Germany* de Paul Massing que analisou a história do antissemitismo na Alemanha de 1871 a 1914 sob o ponto de vista segundo o qual o fenômeno preconceituoso contra judeus foi apenas mobilizado pelo Terceiro Reich, mas não inventado por ele.

Por fim, falemos um pouco sobre o Berkeley Public Opinion Study Group (composto por Else Frenkel-Brunswik, Nevitt Sanford e Daniel Levinson³²) com quem Adorno dividiu esforços na escrita de TAP. Como Buck-Morss nos atesta,

Adorno recordou com prazer a “equipe perfeita de trabalho” sem quaisquer restrições hierárquicas que caracterizava sua colaboração. O grupo estava ligado por uma “orientação teórica comum em relação a Freud” que não era nem revisionista nem rigidamente dogmática. O fato de que por meio da ajuda deles Adorno foi realmente capaz de traduzir sua metodologia cognitiva única em um plano de pesquisa empírica foi tão notável quanto o plano de incorporação de princípios da prática clínica freudiana nunca antes utilizados desta forma. Certamente, a imaginação e a abertura teórica de seus colegas foram indispensáveis para seu sucesso, embora a originalidade do *design* conceitual do projeto fosse devida principalmente a Adorno.³³

Adorno, diretor da pesquisa e da escrita de TAP, era chefe da equipe composta por Daniel Levinson, um pesquisador de doutorado em psicologia na UC Berkeley voltado à investigação sobre a mensuração de etnocentrismo. Este era bastante próximo de Sanford, um jovem professor de psicologia de Berkeley e pesquisador no Institute of Child Welfare fortemente interessado em novos métodos de pesquisa empírica sobre o tema personalidade e ideologia. Horkheimer entrou em contato com Sanford por meio de Else Frenkel-Brunswik, pesquisadora austríaca do “Instituto de Psicologia de Viena fundado por Karl e Charlotte Bühler – isto é, o instituto em que tinham trabalhado também Paul Lazarsfeld, Marie Jahoda e Herta Herzog, e no qual a esquerda jovem, em geral entusiasmada pela psicanálise freudiana, tinha se familiarizado com uma pesquisa

³² O livro ganhou contribuição também de outros nomes, como Pollock e Löwenthal: “Pollock, que no final da guerra se mudara para a Costa Oeste, foi escolhido para organizar uma equipe secundária de pesquisa em Los Angeles, que incluiu C. F. Brown e Carol Creedon. Löwenthal, apesar de ocupado com suas próprias pesquisas, contribuiu para a análise de conteúdo dos capítulos de Adorno, na versão final dos resultados do projeto. Além disso, chegaram estudos monográficos individuais de vários membros do Grupo de Estudos de Berkeley sobre a Opinião Pública: de Betty Aron, sobre o Teste de Apercepção Temática [TAT]; de Maria Hertz Levinson, sobre pacientes clínicos psiquiátricos; e de William R. Morrow, sobre presidiários” (JAY, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950*. Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 303).

³³ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977, p. 178.

empírica ambiciosa”³⁴. Essa velha conhecida dos autores do Instituto trabalhava também com Sanford no Institute of Child Welfare. Estes pesquisadores foram chefiados por Adorno na pesquisa que, inicialmente, iria se chamar “o caráter fascista”, transformando-se em “o caráter antidemocrático”, mas que acabou com o título “a personalidade autoritária” – fator de grande relevância como iremos ver no debate sobre caráter, personalidade e antropologia em nosso segundo capítulo.

. Resumo da obra

Produzida a partir de 1944 e publicada em 1950, TAP é uma obra de quase mil páginas cujos objetivos estipulados pelos autores incluíam apresentar o conceito de uma nova espécie antropológica, o tipo autoritário; aprimorar descobertas empíricas, inclusive mediante uma forma inédita de mensuração de traços característicos deste tipo; e, finalmente, contribuir de modo prático para o combate à discriminação social e preconceito.

Como já vimos, na tarefa de pesquisar características autoritárias em plena democracia, os autores não encontraram muitos casos de pessoas abertamente antidemocráticas, mas identificaram traços de potenciais fascistas em indivíduos que seriam suscetíveis à propaganda ideológica autoritária. Considerado mais uma atitude do que uma mera opinião, o apoio a tais ideologias pode passar de um estado latente ou velado e muitas vezes não consciente para, em momentos específicos de crise social, defesa aberta e ações violentas contra minorias. Para tanto, os autores procuraram encontrar quais seriam as gratificações na economia emocional e pulsional subjetivas envolvidas na identificação com ideologias autoritárias.

Contudo, o livro que inicialmente estava mais voltado ao antissemitismo, viu-se transformado em uma pesquisa sobre posicionamentos contra diversas minorias, tendo como norte principal o preconceito de forma geral, ou melhor, o etnocentrismo. Adorno nos diz na obra:

Nosso estudo surgiu de investigações específicas sobre o antissemitismo. Na medida em que nosso trabalho avançava, no entanto, a ênfase gradualmente mudou. Chegamos a considerar como nossa principal tarefa não analisar o antissemitismo ou qualquer outro preconceito antiminoritário como um fenômeno sociopsicológico *per se*, mas examinar a relação do preconceito

³⁴ Wiggershaus, Rolf, A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, 742p, p. 390-1.

antiminoritário com padrões ideológicos e caracterológicos mais amplos. Assim, o antissemitismo gradualmente quase que desapareceu como tópico do nosso questionário e, em nosso roteiro de entrevistas, foi apenas um entre muitos tópicos que tinham sido abordados.³⁵

Nesse âmbito, TAP obteve resultados muito mais amplos do que apenas a compreensão psíquica do preconceituoso antissemita. Aplicado ao contexto da sociedade estadunidense nos anos 1940, esse estudo revela um modo estendido de análise da formação subjetiva nas sociedades democráticas e suas contradições específicas. Assim, trata-se de um tipo antropológico autoritário que pode ser classificado segundo organizações de personalidade dotadas de caráter típico, fruto de determinações sociais de um contexto dado.

Ou seja, Adorno et. al. não situam a origem do etnocentrismo em fatores estritamente psíquicos. Eles partem do pressuposto segundo o qual o preconceito tem uma gênese socialmente determinada: “Estamos convencidos de que a principal fonte de preconceito deve ser buscada em fatores sociais que são incomparavelmente mais fortes do que a ‘psique’ de qualquer indivíduo envolvido.”³⁶ Diante disso, o que se procura saber é o que faz com que alguns indivíduos respondam de forma mais ou menos preconceituosa diante de tais condições sociais. Considerando que há muitas pesquisas sobre os contextos culturais que levam ao antissemitismo produzidas pela teoria social, o que se procura em TAP são, por outro lado, os fatores psicológicos que tornam o sujeito um agente mediador – como receptor e propagador – de ideologias autoritárias.

De forma geral, os resultados encontrados demonstraram que o sujeito potencialmente fascista e mais etnocêntrico está longe de ser raro. Para tanto, foram feitos estudos de opiniões provenientes de níveis diferentes de consciência na personalidade e que tinham diversos graus de admissibilidade social – como algumas das opiniões que expressamos somente em círculos definitivamente restritos de interação, como para os membros da própria família, diferentes de outras assertivas que fazemos em contextos diversamente controlados, como no ambiente de trabalho, por exemplo. Os considerados mais preconceituosos se identificaram com conteúdos relacionados a algumas ideologias antidemocráticas circulantes na cultura, constituindo um conjunto ideológico que, muitas vezes, apresenta contradições entre si. Contradições estas, no entanto, que não interferem na coesão do padrão ideológico pessoal, como

³⁵ TAP, p. 605.

³⁶ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p-4. Este texto permaneceu inédito, tendo sido publicado somente no fim de 2016. Originalmente seria um capítulo a integrar a obra TAP.

iremos ver em nosso capítulo 7. Tal padrão foi considerado pelos autores como relacionado a gratificações psíquico-emocionais da pessoa, havendo uma íntima relação entre personalidade e ideologia:

A pesquisa a ser relatada neste volume foi guiada pelas seguintes grandes hipóteses: que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se estivessem unidas por uma “mentalidade” ou “espírito” e que esse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade.³⁷

Para tanto, foi utilizada no livro uma abordagem psicológica, especificamente da psicanálise freudiana. Estão presentes alguns mecanismos descritos por Freud, tais como a projeção da agressão proveniente de conflitos internos ao indivíduo em figuras exteriores e a adoção de motivos socialmente justificáveis para tal deslocamento inconsciente, verdadeiros objetos substitutos da pulsão agressiva – como racionalizações, pensamentos por *tickets*, estereótipos e personalizações. Sendo caracterizada como disfunção cognitiva, ignorância e confusão pelos autores, a racionalidade do autoritário se mostra bastante irracional ao colocar estereótipos e racionalizações prontas no lugar de uma reflexão mais profunda. Suas opiniões – emitidas sob formas socialmente aceitas e difundidas que “escondem” autoritarismos – seriam compreendidas como modos de afastamento da realidade externa e inacessibilidade às experiências vividas.

As características gerais da personalidade de tipo autoritário estão expostas nas variáveis da famosa Escala F, descritas como sintomas que formam uma síndrome. Eis a lista das nove características principais: 1) convencionalismo, ou seja, a rígida aderência a valores da classe média e defesa do *status quo*, modo de identificação com grupos sociais considerados fortes e dominantes (forma de criar a ilusão de que se participa do poder); 2) dessa formação de um *in-group* segue a submissão acrítica a autoridades morais idealizadas como líderes; 3) por consequência, produz-se uma agressão autoritária aos percebidos como mais “fracos” da sociedade (os *outgroups*), bem como a todos os símbolos e ideologias ligadas a eles que recebem opiniões negativas, são moralmente condenáveis e para onde são direcionadas atitudes hostis e punições extrasseveras; 4) anti-intracção que se desdobra em oposição a tudo o que seja subjetivo, imaginativo, introspectivo, até intelectual e crítico demais; 5) superstição e estereotipia, além de um pensamento restrito a uma forma rígida, não reflexiva; 6) poder

³⁷ TAP, p. 1.

e “dureza” (*toughness*) ao dividirem a sociedade em categorias como fortes e fracos, dominadores e submissos; 7) destrutividade e cinismo provenientes da tendência do tipo autoritário em, de um lado, mostrar-se minimamente crítico e participante da democracia onde vive, o que o leva a, de outro lado, expor sua agressividade e tendência antidemocrática de modo cínico, indireto e velado; 8) projeções (no sentido freudiano) de desejos, medos e fantasias na alteridade, principalmente das fraquezas que não querem assumir em si mesmos, projetando-as nos membros dos *outgroups*; 9) e, por fim, preocupação exagerada em relação ao sexo, com fixação no tema, vigilância sobre a atividade sexual alheia e tentativa de controle moral e legal sobre corpos, desejos e expressões sexuais em geral.

A relação que Adorno et. al. fazem entre o mais autoritário e o suporte do *status quo* que se sabe injusto e desigual leva a uma aproximação do grupo pesquisado com a defesa de um padrão ideológico de valores político-econômicos conservadores – algo a que vamos nos ater mais em nosso sétimo capítulo. No entanto, sem igualar completamente aqueles que se identificam com os valores conservadores a pessoas preconceituosas, em TAP procurou-se enfatizar a rigidez excessiva com que se defende uma ideologia político-econômica, havendo também características de autoritários progressistas ou “de esquerda” – ou ainda “liberais”, utilizando uma expressão corrente nos Estados Unidos. Outra forma de diferenciação entre os conservadores e os mais preconceituosos deu-se pela divisão entre os conservadores genuínos e os pseudoconservadores, estes últimos essencialmente autoritários. Por mais que estes digam seguir os valores conservadores, eles pretendem também defender mudanças que levariam a rumos antidemocráticos. Assim, o pseudoconservador defenderá o desmantelamento do Estado Democrático de Direito em nome de desejos antidemocráticos, o que acabará restringindo formas de representação e decisão políticas, inibindo o direito de ampla defesa de parte da população, diminuindo conquistas de minorias por igualdade e justiça social, entre outros. O debate sobre o “pseudoconservador” é especialmente importante por nos indicar que, ao invés de tomar como objetos de estudo os defensores de ideologias e posicionamentos à esquerda e à direita, os autores de TAP defendem que o ser humano médio que se afasta da realidade é que seria o candidato privilegiado ao autoritarismo.

Quanto ao tema da religião, Adorno expõe que a relação com os mais preconceituosos segue, grosso modo, as mesmas estruturas explicativas das ideologias socialmente circulantes. De modo geral, diante da diversidade de relações encontradas

entre preconceito e religião nos dados das entrevistas, os autores decidiram por se aterem principalmente aos fatores que indicam os modos de adesão (ou não) à religião. Sob tal análise, os mais autoritários, tendo recebido uma educação infantil rígida em seus ambientes familiares, tendem a seguir a mesma ideologia geral dos progenitores – dada a dificuldade que sentem em criticar a autoridade dos pais –, seja no âmbito político-social, seja no religioso. Modo de evitar uma reflexão mais profunda sobre si mesmo, sobre as figuras de autoridade e a estrutura social como um todo.

Se a religião era aceita pela influência de uma figura de autoridade, pai ou mãe, sua relação com ela era mais rígida do que nos casos em que a religião era escolhida de forma mais livre pelo adepto – relação semelhante ocorria também com ateus. As formas das relações familiares estabelecidas apontaram para uma influência direta no modo como os sujeitos aderiam às ideologias e realizavam sua leitura de mundo.³⁸

A religião, sendo mais um conteúdo a ser reproduzido sem compreensão e reflexão por parte do indivíduo, assemelha-se a qualquer outra ideologia repetida à exaustão e não compreendida, modo de simples adequação aos determinantes sociais. Disso se segue a tendência ao afastamento entre, de um lado, o conteúdo religioso professado e, de outro, a experiência vivenciada e os demais discursos proferidos. Dando voz ao próprio texto, reproduzimos uma citação bastante completa sobre o assunto:

Podemos pressupor que tais resíduos neutralizados do cristianismo (...) estejam em grande parte cindidos de sua base em uma crença séria e da experiência individual substancial. Portanto, raramente produzem um comportamento individual que é diferente do que é esperado dos padrões predominantes da civilização. No entanto, algumas das propriedades formais da religião, como a antítese rígida entre o bem e o mal, os ideais ascéticos, a ênfase no esforço ilimitado da parte do indivíduo, ainda exercem considerável poder. Cindidos de suas raízes e muitas vezes desprovidos de qualquer conteúdo específico, esses constituintes formais tendem a ser congelados em meras fórmulas. Assim, eles assumem um aspecto de rigidez e intolerância, como aquele que esperamos encontrar na pessoa preconceituosa. A dissolução da religião positiva e sua preservação em uma forma ideológica não comprometedora são efeitos de processos sociais. Na medida em que a religião foi privada da reivindicação intrínseca da verdade, ela foi gradualmente transformada em “cimento social”. Quanto mais este cimento é necessário para a manutenção do *status quo* e quanto mais duvidosa se torna sua verdade inerente, mais obstinadamente sua autoridade é mantida e mais suas características hostis, destrutivas e negativas vêm à tona. A transformação da religião em uma agência de conformidade social faz com que ela esteja alinhada com a maioria das outras tendências conformistas.³⁹

³⁸ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundáí, Paco Editorial: 2014, p. 154.

³⁹ TAP, pp. 729-30.

Como muitos dos temas tratados de forma breve até agora serão retomados criticamente com mais profundidade em capítulos posteriores, concentremo-nos na exposição resumida da metodologia empregada na pesquisa empírica de TAP – à qual não abordaremos em outro lugar de nossa tese. Foram muitas as etapas seguidas na pesquisa empírica da obra, tanto quantitativas quanto qualitativas. Inicialmente foram aplicados questionários compostos por diferentes escalas temáticas a 2099 pessoas divididas em grupos. Em sua maioria, os entrevistados eram brancos, de classe média, norte-americanos e gentios. Tinham entre 20 e 35 anos, vivendo em San Francisco ou proximidades, além de Oregon, Los Angeles e Washington D.C.. Muitos eram estudantes universitários, outros mais abastados afiliados a clubes de elite, profissionais de nível universitário, mas havia também trabalhadores de classe baixa, pacientes psiquiátricos, veteranos de guerra e até presidiários. É importante dizer que as pessoas não sabiam do tema da pesquisa, sendo dito somente que se tratava de um *survey* de opiniões sobre várias questões atuais.

As respostas foram quantificadas segundo a escala Likert, na qual se concordava ou se discordava muito ou pouco, numa escala de +3 a -3, com a exclusão do zero. Foram definidas pontuações para tais concordâncias segundo o seguinte esquema: concorda-se muito = 7 pontos; concorda-se = 6 pontos; concorda-se pouco = 5 pontos; discorda-se pouco = 3 pontos; discorda-se = 2 pontos; discorda-se muito = 1 ponto (foi pulada a pontuação 4 para marcar a diferenciação grande existente entre “concorda-se pouco” e “discorda-se pouco”). Quanto mais etnocêntricas, antissemitas, conservadoras e fascistas as opiniões de uma pessoa, maior pontuação seu questionário recebia. Por isso, iremos muitas vezes nos referir a tal grupo de pessoas como “mais preconceituosas” ou altos pontuadores. Para evitarem empecilhos quantitativos da escala Likert (na qual padrões diferentes de respostas poderiam produzir a mesma pontuação final), técnicas de controle foram aplicadas, como a utilização do *standard deviation*, que confere o quanto as respostas desviam da média a fim de encontrar coerência e consistência nas respostas dadas por diferentes pessoas; a avaliação de confiabilidade, na qual as diferentes escalas foram cruzadas, exibindo contradições entre ideologias conservadoras e etnocêntricas, por exemplo; o poder de discriminação (PD) (*discriminatory power*) que revela a correlação entre os itens mais e menos pontuados de uma escala de forma que, se o PD for positivo, mais altos pontuadores concordam com a afirmação do item.

As perguntas dos questionários foram aprimoradas com a prática a partir de elementos obtidos por etapas posteriores da pesquisa, de forma que os questionários foram se tornando menores e suas afirmações preconceituosas mais indiretas. Por isso, nenhum item do questionário era pré-fabricado, mas cada um foi cuidadosamente produzido segundo racionalizações socialmente circulantes, sendo expostos preconceitos velados e estereotipados. Dentre as perguntas, havia questões factuais (filiação a partido político, grupo religioso, profissão, renda, etc.), perguntas ideológicas conforme as escalas temáticas (com perguntas variadas e misturadas para não revelar o tema principal do questionário), além de questões projetivas.

Especificamente sobre as escalas antissemitismo (AS), etnocentrismo (E), conservadorismo político-econômico (PEC) e fascismo (F) distribuídas ao longo dos questionários, sua adoção mostra a coerência entre as respostas de cada pessoa: simplesmente concordar com um item não revela um sujeito potencialmente antidemocrático. Para tanto, a concordância deve ser numerosa e geral dentro de uma mesma escala. Assim, para ser considerado muito antissemita, o entrevistado deveria concordar consistentemente com os itens da escala AS, por exemplo. Apresentemos rapidamente cada uma das escalas e, na sequência, um dos questionários utilizados para seguirmos, finalmente, para a pesquisa qualitativa de TAP.

A escala AS contém somente itens negativos, isto é, todos eles tratam de afirmações antissemitas. Ela é composta por subescalas temáticas, a saber, a subescala de opinião sobre os judeus, a de atitudes a serem tomadas contra os judeus e a assimilativa, que trata do estereótipo segundo o qual os judeus se organizam em sectos ou clãs, isolando-se. Como resultado, revelou-se principalmente que as pessoas tendem a generalizar os erros de um judeu a todo o grupo e que eles são considerados todos iguais, representando uma ameaça político-econômica. Além disso, as atitudes de exclusão, restrição e supressão dos judeus tiveram apoio considerável. Já a escala E é composta das subescalas de negros, minorias (japoneses, filipinos, mexicanos, refugiados, loucos, incapacitados, etc.) e patriotismo. Alguns itens eram pseudodemocráticos e outros, abertamente antidemocráticos. Procurou-se enfatizar a suposta superioridade dos norte-americanos frente a outras nações consideradas ameaçadoras, imorais ou atrasadas. Já a escala PEC não cobriu todas as formas de expressão do espectro político, mas apenas tendências ideológicas com mais adeptos: os altos pontuadores representariam os mais conservadores, os baixos, os mais

progressistas. Assim, a escala foi composta por itens positivos e negativos. Eis como os autores comentam a pontuação da escala PEC:

Pretendia-se que uma pontuação alta indicasse um alto grau das tendências acima mencionadas: apoio ao *status quo* e, particularmente, aos negócios [*business*]; suporte de valores conservadores; desejo de manter um equilíbrio de poder no qual os negócios são dominantes, o trabalho subordinado e as funções econômicas do governo minimizadas; e resistência à mudança social. Por outro lado, uma pontuação baixa foi concebida para refletir o apoio a tendências comuns aos pontos de vista mais à esquerda: oposição ao *status quo*; uma tendência a pensar em termos sociológicos em vez de termos morais herdados; uma tendência a se identificar com os trabalhadores e o “homem comum” e a se opor ao poder dos negócios; apoio à extensão das funções políticas e econômicas do governo.⁴⁰

Já a construção da famosa escala F deve ser apresentada com mais cuidado. Ela se compõe de itens implícitos, que não indicam imediatamente preconceitos. Seu intuito é medir o potencial antidemocrático dos entrevistados, uma vez que eles reproduzem parte da propaganda e ideologia fascistas veiculados pela indústria cultural. Cada um dos itens da escala F foi balanceado entre níveis de irracionalidade e verdade objetiva. Configurando a última escala a ser produzida, a escala F foi precedida de entrevistas para que seus itens fossem os mais fiéis possíveis a ideologias socialmente aceitas. A proeza da escala F é que nenhum grupo minoritário foi mencionado. Sendo composta por variáveis de personalidade potencialmente fascista, ao mesmo tempo que expõe características de ideologias autoritárias, a alta pontuação na escala F revela padrões pessoais socialmente difundidos que ameaçam a democracia.

A autoria da escala F é um dado com variadas fontes. Sendo o capítulo sobre a escala F assinado por todos os autores do livro, seu surgimento se deu em 1943 em um estudo piloto com 20 mulheres entrevistadas pelo grupo de Berkeley, especialmente por Levinson e Sanford. A sua primeira aplicação ocorreu, portanto, um pouco “antes de Adorno se tornar um membro do grupo”⁴¹. Contudo, em cartas trocadas entre Adorno e Horkheimer, somos informados de que a avaliação de potenciais antissemitas e antidemocráticos por itens indiretos já estava sendo gestada paralelamente por Adorno. Ele próprio “tinha elaborado, pessoalmente, de oitenta a cem perguntas das quais uma parte ‘provinha de um trabalho de destilação de *Elemente des Antisemitismus*: depois de

⁴⁰ TAP, p. 157.

⁴¹ Stone, W. F., Lederer, G. & Christie, R. (org) *Strength and weakness: the authoritarian personality today*. NYC: Springer-Verlag, 1992, p. 8.

uma espécie de tradução”⁴². Nas próprias palavras de Adorno: “Já se achava uma abordagem nessa linha nos *projective item* do antigo questionário de Berkeley; mas eu gostaria de ir muito mais longe e realizar um questionário ‘desjudeusado’ para uma avaliação estatisticamente confiável do antissemitismo.”⁴³

As diferentes escalas integraram conjuntamente diversas versões de questionários (Formulário 78, Formulário 60, Formulário 45 e Formulário 40), dos quais apresentaremos parcialmente o Formulários 45 aplicado a mais pessoas. Abaixo, reproduzimos alguns de seus itens:

“1. Obediência e respeito pela autoridade são as virtudes mais importantes que as crianças devem aprender.”

“6. A natureza humana sendo o que é, sempre haverá guerra e conflito.”

“9. Quando uma pessoa tem um problema ou preocupação, é melhor que ela não pense nisso, mas se mantenha ocupado com coisas mais alegres.”

“13. O que a juventude precisa é de disciplina rigorosa, determinação firme e a vontade de trabalhar e lutar pela família e pelo país.”

“14. Homens como Henry Ford ou J.P. Morgan, que superaram toda a concorrência no caminho do sucesso, são modelos para todos os jovens admirarem e imitarem.”

“15. O pior perigo para o verdadeiro norte-americanismo durante os últimos 50 anos veio de ideias e agitadores estrangeiros.”

“17. Em geral, segurança econômica total é ruim; a maioria dos homens não trabalharia se não precisasse do dinheiro para comer e viver.”

“18. Hoje em dia, quando há muitas categorias diferentes de pessoas se movimentando e se misturando tanto, a pessoa tem que se proteger de modo especialmente cuidadoso para não pegar uma infecção ou doença delas.”

“19. Um insulto à nossa honra deve ser sempre punido.”

“21. Os jovens às vezes têm ideias rebeldes, mas na medida em que crescem eles devem superá-las e se estabelecer.”

“22. É melhor fazer uso de algumas autoridades do pré-guerra na Alemanha para manter a ordem e prevenir o caos.”

“23 O que este país mais precisa, mais do que leis e programas políticos, é de alguns líderes corajosos, incansáveis e dedicados em quem o povo pode depositar sua fé.”

⁴² Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 405.

⁴³ Carta de Adorno a Horkheimer de 26 de outubro de 1944 *apud* Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 405.

“25. Crimes sexuais, como estupro e ataques a crianças, merecem mais do que mero aprisionamento; tais criminosos devem ser chicoteados publicamente, ou pior.”

“27. Dificilmente há algo mais baixo do que uma pessoa que não sente um grande amor, gratidão e respeito pelos seus pais.”

“28. Eu dificilmente posso me imaginar casando com um judeu.”

“32. Se os negros vivem mal é principalmente porque são naturalmente preguiçosos, ignorantes e sem autocontrole.”

“34. A maioria dos nossos problemas sociais seria resolvida se pudéssemos de alguma forma nos livrar das pessoas imorais, desonestas e debilitadas.”

“36. Pode haver algumas exceções, mas, no geral, os judeus são todos muito parecidos.”

“37. Se as pessoas falassem menos e trabalhassem mais, todos estariam melhores.”

“40. O problema de deixar os judeus entrarem em um bairro agradável é que eles gradualmente vão dar ao lugar uma atmosfera tipicamente judaica.”

“41. O homem de negócios e o industrial são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor.”

“44. Ninguém aprendeu nada realmente importante que não fosse por meio do sofrimento.”

A última parte dos Formulários tratava de questões projetivas, cujas respostas eram escritas pelos entrevistados em poucas linhas. Dentre as perguntas, havia as seguintes:

1. Quais temperamentos [*mood*] ou sentimentos são os mais desagradáveis ou perturbadores para você? 2. Todos nós temos impulsos e desejos que às vezes são difíceis de controlar, mas que tentamos manter sob controle. Quais desejos você costuma ter dificuldade em controlar? 3. Que grandes personalidades, vivas ou mortas, você mais admira? (...) 4. O que pode enlouquecer uma pessoa? 5. O que você considera os piores crimes que uma pessoa pode cometer?⁴⁴

As pontuações nas escalas presentes nos questionários serviram para classificar os entrevistados de forma geral como altos ou baixos pontuadores e selecioná-las para a entrevista e teste de apercepção temática (TAT) que compõem a parte qualitativa da pesquisa, onde as particularidades de cada caso foram ressaltadas mediante técnica analítica. Os conteúdos obtidos na parte qualitativa serviram também para aprimorar os resultados da pesquisa quantitativa em sua clareza, elementos ideológicos e

⁴⁴ TAP, pp. 545-6.

pseudodemocráticos, bem como a formulação indireta de afirmações. No que concerne à pesquisa qualitativa, a entrevista abordava uma parte ideológica e outra clínico-genética com os temas de vocação profissional, renda, religião, dados clínicos (como o histórico de relações familiares, informações sobre a infância, sexo, relações sociais e fase escolar), política, minorias e raça. Sua extensão se deu entre uma hora e meia e três horas. Os entrevistados não sabiam qual o tema geral da entrevista: para eles foi dito que a seleção de pessoas se deu por idade e região de origem. Dentre os baixos pontuadores, o convite para a entrevista era prontamente aceito; já os altos foram receosos, os mais resistentes à entrevista recebendo uma remuneração de 3 dólares como incentivo. Homens eram entrevistados por homens e mulheres, somente por mulheres. No total, havia nove entrevistadores graduados e psicologicamente treinados, mais ou menos familiarizados com técnicas psicanalíticas.

A avaliação das entrevistas deu-se segundo um manual de pontuação com 90 subcategorais, das quais 62 foram mais utilizadas para a classificação de respostas. Tais subcategorais serviriam como “etiquetas” que ressaltariam características sobre a infância, relação com os pais, relações amorosas ou dimensões altamente interpretativas como “intolerância à ambiguidade”, “rigidez”, etc.. Como tais classificações poderiam ser feitas mediante diferentes interpretações, foi feita categorização por dois psicólogos experientes que não sabiam se o entrevistado estava classificado entre os 25% de mais alta ou mais baixa pontuação. Um dos avaliadores também não poderia acessar o trabalho do outro. Ao final, foram considerados apenas os dados que eram compatíveis entre cada uma das avaliações dos classificadores, bem como com o obtido conforme a pesquisa quantitativa.

Ao fim de nossa descrição geral de TAP, chegamos ao último ponto, o teste de apercepção temática (TAT). Trata-se de uma técnica projetiva em que figuras ou cenas são apresentadas ao entrevistado, diante das quais ele deve contar histórias que narrem o conteúdo percebido por ele. O intuito é revelar tendências ideológicas, medos e angústias, mecanismos de defesa, conflitos, além de desejos, fantasias e ideais projetados nas cenas.

Diferentemente da situação da entrevista, em que o sujeito conscientemente tenta se defender contra a expressão de sentimentos e desejos que ele preferiria não reconhecer como pertencentes a si mesmo, no TAT, onde o sujeito geralmente é motivado pelo desejo de ter êxito em um

empreendimento criativo, ele tende a não estar ciente do significado do conteúdo de sua criação.⁴⁵

O método de análise do TAT, então, procurava por padrões frequentes de descrições das situações das figuras, além de terem sido fornecidas notas para a intensidade na expressão de cada um dos padrões.

. Recepção e críticas: a delimitação de um caminho teórico para a leitura da obra

Por mais que TAP tenha influenciado a produção de mais de 2000 estudos sobre autoritarismo entre os anos de 1950-1990⁴⁶ e que ainda continue a fomentar pesquisas relacionadas às mais diversas áreas, como à neurociência⁴⁷, por exemplo, foram principalmente nos primeiros anos após a publicação da obra que ela ganhou maior atenção – ao menos nos Estados Unidos. Sendo voltada quase exclusivamente aos métodos e resultados quantitativos e qualitativos, a produção dos comentadores da obra fez de TAP um clássico em psicologia social e pesquisa empírica que continua ainda hoje a levantar interesses. Contudo, não é por seus pontos positivos que o livro é, em geral, lembrado. A concentração de más críticas a TAP levou à demora na produção de uma nova edição do livro nos EUA, que foi feita somente em 1993. Inclusive, até hoje TAP não foi traduzida para muitas línguas, dela havendo somente uma edição em língua espanhola e alemã, além de uma recentíssima tradução francesa e brasileira (a ser publicada no final de 2019 pela Unesp).

Seria claramente impossível abranger em nossa tese todas as críticas feitas a TAP com uma minúcia específica. Essa não é, de longe, a intenção de nossa tese. Neste âmbito, algumas das críticas que abordaremos serão retomadas por nós neste capítulo e em partes futuras da tese. Isso não quer dizer que responderemos a tais críticas, mas faremos delas uma ocasião de reflexão sobre temas que nos são caros e aos quais retornaremos ao longo de nossa tese, a saber, o enfoque no autoritarismo “de direita”; a relação direta empreendida pelos autores entre autoritarismo, fascismo, antidemocracia e preconceito; a suposta ausência de debates sociológicos e da crítica à economia-política em TAP, o que leva comentadores dos trabalhos do Instituto e de Adorno a

⁴⁵ TAP, p. 489.

⁴⁶ Cf. Norris, Gareth. *The Authoritarian Personality in the 21st Century*, thesis submitted to Bond University for the degree of Doctor of Philosophy, 2005, pp. III-IV.

⁴⁷ Um dos exemplos seria Amodio, Jost, Master & Yee. “Neurocognitive correlates of liberalism and conservatism” In *Nature Neuroscience* 10, 1246-7 (2007).

rejeitarem a obra⁴⁸; a acusação de um positivismo em TAP e, por fim, uma crítica à orientação psicanalítica da pesquisa.

Começemos com a crítica à metodologia de TAP, na qual encontramos denúncias contra a estrutura do livro (que se parece mais com um conjunto de monografias produzidas individualmente pelos quatro autores do que com um volume coerente) e até problemas com a confiabilidade nos resultados da pesquisa. De modo geral, os problemas metodológicos dizem respeito à escolha dos entrevistados, que não abrangeu os grupos de pontuação intermediária; à interpretação da parte qualitativa como uma suposta corroboração dos dados quantitativos; ao recorte das pessoas selecionadas para responderem os questionários – que se limitou à classe média branca e gentia, como se não houvesse preconceito entre os próprios judeus, homossexuais ou negros, por exemplo; e a ausência de revisão bibliográfica sobre o tema do preconceito em TAP. A nosso ver, o principal comentário à metodologia da obra foi feito por Hyman e Sheatsley que questionaram se os dados coletados de fato corroboram a teoria exposta na obra:

A própria teoria deles pode estar correta e ser demonstrável, mas as fraquezas metodológicas do presente estudo impedem sua demonstração com base nesses dados. Isso ocorre infelizmente não só porque a ideia que orientou a formulação do estudo mereceria uma metodologia melhor, mas também porque o tamanho e os detalhes do volume, as tabelas estatísticas abundantes e o prestígio e publicidade ligados ao projeto irão impedir muitos leitores de fazerem um estudo cuidadoso, levando-os a acreditar que todos os argumentos se apoiam completamente nos dados.⁴⁹

Hyman e Sheatsley defendem, entre outros, que teria havido uma liberdade interpretativa dos codificadores na classificação das entrevistas, o que pode ter diminuído a confiabilidade da pesquisa empírica. Por exemplo: como os avaliadores sabiam se um elogio ao pai era somente uma idealização irreal acrítica própria dos altos pontuadores ou um afeto genuíno típico dos baixos? Ou ainda, como eles sabiam se uma reclamação de violência na infância era genuinamente real e histórica, ou somente uma distorção “vitimista” típica dos altos? Tais ambivalências não teriam sido consideradas

⁴⁸ Ziege, por exemplo, em *Antisemitismus und Gesellschaftstheorie*, defende que “o estudo de Berkeley teria sido realizado por um grupo muito heterogêneo, onde a Teoria Crítica teria se perdido.” (Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality* – Jundiaí: Paco Editorial, 2014, p. 13)

⁴⁹ Hyman & Sheatsley. “The Authoritarian Personality – A methodological critique” In *Studies in the Scope and Method of ‘The Authoritarian Personality’*. Edited by Christie and Jahoda. Illinois: The Free Press, 1954, p. 121.

pelos autores de TAP, de modo que a riqueza das opiniões, que podem expressar múltiplos sentidos, teria sido “engessada” pela classificação interpretativa.

Por mais que não possamos aqui avaliar se as críticas acima são justas ou não, outros pontos levantados por comentadores, por outro lado, podem ser mais bem avaliados por nós. Dentre eles, a crítica segundo a qual os autores de TAP teriam generalizado os resultados obtidos na pesquisa empírica para toda a sociedade estadunidense é claramente falsa: não encontramos uma só frase na obra que faça afirmações sobre o comportamento da população norte-americana de forma geral.

Por outro lado, concordamos com o diagnóstico de um problema básico, para o qual não encontramos resposta clara: na obra não há diferenciações nítidas e definidas entre as noções de autoritarismo, fascismo, preconceito e antidemocracia. Afinal, configurando como conceitos praticamente sinônimos e correlatos, o próprio título do livro, que trata do conceito de autoritarismo, não é desenvolvido amplamente no corpo do texto – salvo na noção de autoridade familiar e identificação com o líder –, de forma que TAP centra seus esforços no pensamento de um fascismo em potencial. Por outro lado, a escala F (de fascismo) é trabalhada, a nosso ver, segundo noções de preconceito de forma geral e não fascista em específico. O que nos leva à questão sem resposta no livro: todo preconceituoso é fascista, mesmo em uma sociedade cujo racismo e o machismo, por exemplo, são vivenciados como estruturais? Além disso, quase não encontramos desenvolvimentos sobre o conceito de democracia considerado na obra, sendo este simplesmente oposto ao fascismo.

Além disso, o enfoque da obra no autoritarismo político conservador também foi amplamente criticado. Quanto a esse tópico, damos destaque a Edward Shils que demonstra haver um autoritarismo também dos governos “progressistas”. Tal comentário abriu caminho para a aplicação dos métodos de TAP a um autoritarismo “de esquerda”, inclusive na URSS⁵⁰. Para abordar tal problema de forma mais precisa, é importante notarmos que Adorno et. al. formulam uma divisão do espectro político com quatro segmentos: da direita para a esquerda, para eles existem o fascista-reacionário, o conservador, o liberal e o socialista-comunista. Contudo, nos EUA dos anos 1940, não seriam encontradas muitas pessoas de extrema-direita nem extrema-esquerda:

⁵⁰ Cf. Mcfarland, Ageyev & Abalakina. “Authoritarianism in the Former Soviet Union” *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 1004-1010, entre outros dos mesmos autores.

Enquanto as ideologias fascista e socialista-comunista (marxista) representam a extrema direita e esquerda, respectivamente, no que diz respeito à economia política e às relações de grupo, nenhum destes pontos de vista encontrou muito apoio ativo e manifesto na cena política norte-americana. O foco do presente estudo foi, portanto, no liberalismo e no conservadorismo, nas ideologias políticas de esquerda e de direita atualmente predominantes – com atenção, com certeza, em sua potencial polarização para a extrema esquerda e direita.⁵¹

Por mais que, como iremos ver em nosso capítulo sete, os autores vislumbrassem tipos de caráter autoritário nos baixos pontuadores “de esquerda”, toda a organização do livro é feita conforme a interpretação da escala PEC, na qual os mais conservadores e “de direita” seriam mais próximos dos mais preconceituosos. Isso quer dizer que, embora houvesse a assunção da rigidez do pensamento de uma pessoa “de esquerda”, tal assertiva nunca chegou a produzir afirmativas político-econômicas relevantes na obra. Ou seja: os valores e defesas de ideias progressistas não foram tomados como objetos de análise em TAP.

Este problema é percebido na falta de correlação entre a escala PEC e a escala F. Até leitores pouco atentos podem perceber que os autores de TAP se desdobram para explicar os problemas que uma aproximação simplificada entre os conservadores e os mais preconceituosos pode oferecer, de modo que a artimanha da subdivisão entre os “conservadores genuínos” e os “pseudoconservadores” acarreta alguns problemas de interpretação: como valorar simplesmente que os conservadores não querem mudanças, mesmo de formas pontuais? Não pode haver um conservador que seja, ao mesmo tempo, crítico à situação político-econômica de seu país e que almeje mudanças? Tais questões na interpretação política dos entrevistados levam-nos ao segundo ponto de nossa exposição: haveria pré-concepções não assumidas abertamente na escolha da pesquisa sobre o autoritarismo “de direita”. Como nos lembra Shils, “Toda a equipe de investigadores procede como se houvesse uma escala unilinear de atitudes políticas e sociais na extrema direita da qual se encontra o fascista – o produto e o proponente do capitalismo monopolista e, no outro extremo, o que os autores chamam de completo democrata.”⁵² TAP mostrar-se-ia, então, criticamente politizada em seu próprio recorte e objeto de pesquisa. Politização essa que em si não seria um problema, mas que se transforma em uma questão quando seu viés político não é abertamente assumido pelos autores.

⁵¹ TAP, p. 152.

⁵² Shils. “Authoritarianism: “right” and “left” In *Studies in the Scope and Method of ‘The Authoritarian Personality’*. Edited by Christie and Jahoda. Illinois: The Free Press, 1954, p. 28.

A este mesmo domínio problemático se encontra a crítica de um suposto “psicologismo” em TAP, questão decorrente da acusação da ausência da teoria socioeconômica de Marx na obra, marca registrada das produções desta primeira geração de críticos do Instituto. Quanto a isso, uma das críticas mais comuns a TAP, emitida por Zoltan Tar diz: “Este posicionamento teórico e prático é um movimento de afastamento da posição marxista clássica da primazia da infraestrutura, isto é, uma reversão da tese segundo a qual ‘não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, seu ser social que determina a sua consciência’.”⁵³

Para nós, tanto o problema do recorte de pesquisa sobre o autoritarismo “de direita”, bem como a acusação da ausência de uma teoria crítica marxista seguem do fato de que a obra, dizemos novamente, não revela as suas fontes teóricas. A nosso ver, ela estaria seguindo uma hipótese que iremos verificar em nosso quarto capítulo a propósito da relação entre capitalismo, formação psíquica, objetificação do ser humano e fascismo. Adiantemos, ao menos, que para Adorno e outros autores da primeira geração da Teoria Crítica, o fascismo seria uma decorrência do sistema socioeconômico capitalista, sendo esta a justificativa que encontramos para o recorte politicamente crítico quando ao conservadorismo político-econômico dos entrevistados de TAP. Haveria, então, a existência de um pressuposto socioeconômico de cunho marxista não revelado explicitamente em TAP.

A inferência segundo a qual o fascismo nazista estaria relacionado a um conservadorismo político-econômico capitalista ganha contornos mais claros, como veremos, na teoria de Pollock. Ao mesmo tempo, em Pollock também encontraremos a definição segundo a qual a URSS, apesar de ter sido originada de uma revolução proletária progressista, teria se transformado em um sistema denominado “capitalismo de Estado” similar aos sistemas político-econômicos ocidentais. Ou seja, como veremos, para Pollock todo e qualquer totalitarismo (de esquerda e de direita) teria relações com o conservadorismo político-econômico que pretende manter e sustentar o *status quo* essencialmente desigual do capitalismo. Assim, se para nós, é uma falta de TAP o não desenvolvimento de um conceito de autoritarismo “de esquerda”, ao menos a base teórica que define a escolha de centrar o autoritarismo em um aspecto conservador será apresentada futuramente por nós. Talvez assim fique mais claro como, para os autores de TAP, a dicotomia simplificada entre esquerda-direita é menos

⁵³ Zoltán Tar. *The Frankfurt School, The critic theories of Max Horkheimer and Theodor W. Adorno* – John Wiley & Sons: New York, 1977, pp. 102-3.

relevante do que alguns comentadores insistem em frisar, sendo o autoritarismo um fenômeno mais ligado ao capitalismo como conservadorismo político-econômico que produz um afastamento do sujeito em relação à realidade.

Abordemos também a crítica à qualificação da “irracionalidade” do comportamento dos mais preconceituosos. Para Hyman e Sheatsley, os autores de TAP teriam qualificado de forma simplista como “irracionais” as afirmações que não se conformam com a demonstração científica. Em contraposição a tal posicionamento crítico, como veremos em nosso sétimo capítulo, mostraremos que a irracionalidade aparece na obra no interior das próprias opiniões dos entrevistados, precisamente nas contradições entre os diversos conteúdos dos discursos de uma mesma pessoa, ou ainda, na contradição entre suas opiniões e suas vivências. Ou seja, a irracionalidade é diagnosticada e apontada pelos autores, mais do que teorizada por eles. Além disso, é importante ressaltar como a noção de irracionalidade humana utilizada em TAP coaduna com o que encontramos em outras produções da Teoria Crítica segundo as quais as contradições psíquicas seriam provenientes das próprias situações contraditórias da realidade social capitalista, tendendo a ser naturalizadas pela psique individual. Como veremos no nosso próximo capítulo, o trabalho propriamente crítico a ser produzido por uma noção de antropologia autoritária não seria o apaziguamento ou resolução de contradições psíquicas, mas sim a exposição clara de tais irracionalidades presentes na sociedade que forma estes mesmos indivíduos. Se o preconceito não é um fenômeno gerado pela personalidade, mas tem a sua origem na sociedade, então podemos vislumbrar desde já o motivo da psicanálise freudiana ser empregada na obra para fornecer explicações antropológicas e não precisamente psicológicas. Modo de expor o tipo autoritário mais como um retrato do modo de socialização de indivíduos em um dado contexto, como formas reiteradas e sedimentadas de respostas psíquicas e humanas diante de situações historicamente reificadas.

Passemos agora à crítica ao uso da teoria psicanalítica freudiana na obra. Se admitimos a existência de traços de psicologia social junto à psicanálise em TAP – mesmo que os autores recusassem o revisionismo, de um lado, e a ortodoxia freudiana, de outro –, tais diferenciações entre ramos de psicologia e psicanálise não foram delimitadas de forma explícita por Adorno et. al.. A predominância da psicanálise freudiana, no entanto, é suficientemente divisada em TAP, de modo que é seu uso que recebe discordâncias. Um dos mais proeminentes críticos do uso da teoria freudiana em TAP é Altemeyer. Para Altemeyer, “O rastreamento de personalidades autoritárias em

experiências da primeira infância não foi muito bem-sucedido.”⁵⁴ Assim, ele defende como a orientação psicanalítica do livro é infrutífera, uma vez que tal teoria não seria verificável nas pesquisas empíricas. Por isso, ele reformula a pesquisa de TAP segundo novos modelos que não comportariam as “falhas” das análises familiares presentes na obra. Vale dizer que, quanto a tal problema, a própria Frenkel-Brunswik, insatisfeita com a coleta de dados da infância dos entrevistados feita na idade adulta, aplicou a metodologia de TAP diretamente em entrevistas com crianças em uma de suas obras posteriores⁵⁵.

Outra crítica que relaciona a teoria freudiana e os dados empíricos trata das interpretações circulares do livro: para alguns comentadores, os dados obtidos por uma pesquisa empírica psicanaliticamente orientada seriam interpretados com a própria teoria psicanalítica, o que leva a confirmações óbvias entre teoria e pesquisa empírica. Pode se dizer que,

munido de modo variado de conceitos como “projeção”, “deslocamento”, “generalização”, “repressão” e coisas semelhantes, o analista “explica” os dados. Mas em nenhum lugar os processos são diretamente esclarecidos nem é claramente demonstrado como eles realmente funcionam nos modos de atitudes particulares descritos.⁵⁶

Problema este passível de crítica uma vez que, como já dissemos, conceitos provenientes da sociologia e mesmo da psicanálise são somente empregados na obra e não conceituados.

No mesmo sentido de relação entre teoria e empiria se coloca a denúncia de positivismo no desenvolvimento de TAP. Para alguns críticos do calibre de Jarvis, “como todos os trabalhos que Adorno empreendeu em colaboração com sociólogos norte-americanos, o livro traz as marcas de um compromisso não apenas com o positivismo, mas também com as condições políticas norte-americanas.”⁵⁷ A suposta aliança com o positivismo viria da submissão de problemas efetivamente críticos ao arcabouço metodológico de pesquisas empíricas que reduziriam a riqueza e

⁵⁴ Stone, W. F., Lederer, G. & Christie, R. (org) *Strength and weakness: the authoritarian personality today*. NYC: Springer-Verlag, 1992, p. 163.

⁵⁵ Cf. Frenkel-Brunswik, E. “A study of prejudice in children” *Human Relations*, 1, 295-306, 1948; Frenkel-Brunswik. “Prejudice in the interviews of children. I Attitudes toward minority groups” *Journal of Genetic Psychology* 82: 91-136, 1953.

⁵⁶ Hyman & Sheatsley. “The Authoritarian Personality – A methodological critique” In *Studies in the Scope and Method of ‘The Authoritarian Personality’*. Edited by Christie and Jahoda. Illinois: The Free Press, 1954, p. 98.

⁵⁷ Jarvis, Simon. *Adorno – a critical introduction*. NYC: Routledge: 1998, p. 85.

multiplicidade da expressão humana a meros dados classificáveis e manipuláveis. Tal seria o motivo principal para muitos dos comentadores defenderem que TAP foi produzida somente “por ocasião” da estadia de Horkheimer e Adorno nos Estados Unidos – dada a escassez de dinheiro que o grupo de Frankfurt enfrentava no país –, sendo uma obra fortemente influenciada por outras correntes teóricas mais do que pela própria produção da Teoria Crítica. Algo que o American Jewish Committee poderia suprir se houvesse uma aliança entre os membros da Teoria Crítica com uma tradição norte-americana de pesquisa. Por isso, Adorno teria aberto mão de desenvolvimentos propriamente críticos em favor de um ponto de vista mais aceito pelo ambiente científico norte-americano em geral. Contudo, de forma precisa, Antunes questiona:

Se Adorno e Horkheimer eram críticos ferozes do positivismo especialmente no que este tem de puro formalismo -, por que teriam eles se aventurado em uma empiria que contradiz sua teoria? Seria mesmo uma mera questão situacional? O que dizer da pesquisa empírica que Adorno realizou quando retornou à Alemanha no pós-guerra, ao mesmo tempo em que escrevia livros como *Dialética Negativa*?⁵⁸

Quanto à relação entre teoria e empiria em TAP (que embasa os argumentos da circularidade da teoria psicanalítica na obra e da denúncia positivista), pensamos que as técnicas de pesquisa empírica seriam modos de exposição de uma realidade que envolve a formação de preconceito na sociedade democrática capitalista, aliada a uma análise propriamente crítica da relação entre traços da personalidade a ideologias socialmente difundidas. Vejamos com mais calma estas ideias.

. Sobre a relação entre teoria e pesquisa empírica em TAP

A necessidade de uma análise da relação entre teoria e pesquisa empírica de TAP é, para nós, decorrente de críticas que a obra recebeu. Por exemplo, ao ser apontada pelos críticos como positivista, esta pesquisa foi acusada, entre outros, de objetificar as pessoas entrevistadas, uma vez que teria “quantificado” expressões humanas obtidas em pesquisas qualitativas da obra. Quanto a isso, são muitos e importantes estudiosos que relativizam a importância, contribuição e alcance demonstrativo que as pesquisas empíricas realizadas pelo Instituto tiveram em relação ao aclamado desenvolvimento teórico de autores como Horkheimer e Adorno. Esta,

⁵⁸ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundáí, Paco Editorial: 2014, p. 108.

dentre outras críticas similares, provavelmente não foi recebida com surpresa por Horkheimer, muito menos por Adorno. Lembremos que a obra foi escrita quase simultaneamente a DdA, este último que condena abertamente o positivismo das ciências ao naturalizar contradições sociais e concentrar a importância empírica em meros dados e fatos supostamente objetivos. Inclusive o próprio Adorno tem passagens ferozes contra a forma como é realizada pesquisa empírica de modo geral. Para ele, em tais pesquisas, os enunciados inferidos de dados

são generalizáveis e independentes das variações individuais. (...) A objetividade social, a totalidade das relações, instituições e forças em cujo seio os homens atuam é algo que os métodos empíricos (questionários, entrevistas e quaisquer que sejam os modos em que estes se combinem ou se complementem) têm ignorado ou, em suma, só têm levado em conta como algo accidental. Os culpados disto (...) são os próprios instrumentos empíricos que objetivamente foram feitos de tal forma que tendem a reconhecer como critérios válidos de julgamento sobre o investigado os questionários mais ou menos tipificados que são submetidos a um determinado número de indivíduos e seu tratamento estatístico, ou seja, as opiniões já disseminadas – e, como tais, pré-formadas. Certamente, nestas opiniões se reflete também a objetividade social, mas sempre de forma muito incompleta e deformada.⁵⁹

Contudo, é também Adorno que nos diz as seguintes palavras:

Minha posição teórica não chega a recusar mais ou menos a pesquisa empírica. Ao contrário: o conceito de “experiência”, tomado num sentido muito particular, ocupa um lugar cada vez mais central em meu pensamento. Existe uma relação recíproca entre teoria e pesquisa empírica, relação que nós qualificamos de *método dialético*.⁶⁰

Diante de tal controvérsia, nosso intuito aqui é compreender melhor quais as expectativas que Horkheimer, como diretor do Instituto e dos *Estudos sobre o Preconceito*, e o próprio Adorno depositavam na pesquisa empírica em relação à teoria para, então, avaliarmos o quanto TAP se aproxima destas ambições.

Desde sua fala inaugural como diretor do Instituto em 1931 intitulada “A situação atual da filosofia social e a tarefa de um Instituto de Pesquisas Sociais”, e principalmente no famoso texto de 1937 “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, Horkheimer aborda o viés duplo empírico-conceitual que a Teoria Crítica deve empreender, bem como o peso que a interdisciplinaridade ganha nas produções do

⁵⁹ Adorno, T. W. “Sociología y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001, pp. 22-3, grifos nossos.

⁶⁰ Carta de Adorno a Lazarsfeld, de 24 de janeiro de 1938 apud Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 265

grupo. O método pensado por Horkheimer não pretende partir do universal em direção ao particular (conforme uma verificação de hipóteses mediante a compilação de dados isolados da realidade) e nem do particular em direção ao universal (segundo a inferência de uma lei geral diante de exemplos repetitivos da vivência empírica). Diferentemente, a Teoria Crítica procura encontrar o universal no próprio particular, de forma que é no estudo de uma situação empiricamente dada que o geral habita. Isto é, em um fato individual, estariam concentradas as particularidades únicas do evento, além de imposições da estrutura social que determinam a formação de um dado específico e, ainda, traços que levam à possibilidade de emancipação de um tal contexto. Para ele, a unidade metodológica da Teoria Crítica residiria, então, de um lado, em um discurso propriamente teórico sobre o dever ser, ao passo que, no outro, conheceríamos a realidade tal qual ela se apresenta. É por isso que a ciência humana produzida pelo Instituto representa uma unidade entre fatos e teoria. A teoria formulada pelo sujeito que analisa criticamente a sociedade como um todo e o objeto empírico localizado e unitário a ser pesquisado não se encontram, então, separados, mas unificados em um encontro estimulante à criação racional.

Tal ponto de vista vai de encontro ao posicionamento de Adorno. Para perfilar alguns dos momentos da defesa que Adorno faz da pesquisa empírica, principalmente de TAP, trataremos essencialmente da ênfase na contradição e crítica à naturalização empreendidas na obra, na teoria da des-individuação na sociedade contemporânea também expressa em TAP, o que nos levará ao terceiro e mais importante ponto, a saber, uma concepção adorniana da relação entre teoria e empiria em uma pesquisa empírica crítica.

Adorno enfatiza particularmente, como o faz com sua dialética, o papel de desconfiança quando à naturalização dos acontecimentos sociais, o que faz dele um crítico contundente da adesão completa do indivíduo à sociedade. O tópico mais importante que a pesquisa empírica poderia revelar seria, portanto, a contraposição do indivíduo em relação ao social. Nesse sentido, quanto mais próximos estiverem indivíduo e sociedade, mais vemos a atuação da alienação, não de uma verdadeira individualidade. Assim, o indivíduo e a sociedade não podem ser entendidos como uma continuidade, mas algo mais complexo ocorre: é nos aspectos de contrariedade subjetiva que problemas sociais seriam revelados. Por isso, é impossível pensar em algum tipo de psicologismo se levarmos em conta que, primeiro, é o social que determina a psique individual e ainda que a relação entre o psicológico e o social não deve ser a de uma

continuidade direta, mas de manifestações indiretas a partir de contradições da realidade e da incoerência individual. TAP, então, cumpre bem o papel de revelação de tensões e contradições individuais, seja entre diversas opiniões fornecidas pelo mesmo entrevistado, seja na contraposição entre enunciados e vivências de um mesmo entrevistado.

Contudo, TAP se esforça para averiguar somente as contradições subjetivas enquanto meras absorções e repetições de ideologias que revelariam a alienação humana, deixando de lado uma investigação mais sociológica que designaria as origens e gênese do preconceito. Além disso, TAP não só assume a teoria do fim do indivíduo, como a utiliza para sustentar uma relação legítima entre pesquisa empírica e teoria. É em mais de uma obra que Adorno defende que o que há de alienado nos sujeitos seria melhor captado mediante métodos de sociologia empírica, uma vez que a alienação não diz respeito a uma análise exaustiva e reflexiva produzida pelos sujeitos sobre o mundo, mas a meras repetições de conteúdos já prontos. Nesse âmbito, a pesquisa quantitativa de TAP mostra ser a técnica mais adequada para a coleta de opiniões de pessoas que se submeteram quase completamente aos ditames da sociedade administrada, que repetem nas suas opiniões os produtos ideológicos prontos para serem consumidos: “A falta de liberdade dos métodos serve à liberdade dos homens, ao testemunhar sem palavras a falta de liberdade que impera.”⁶¹

Nesse sentido, o método empírico de pesquisa não estaria escamoteando a situação antagônica entre o social e o individual, mas estaria revelando como tal antagonismo vem perdendo força por meio da massificação dos sujeitos. Estando submetido cegamente ao universal, as qualidades únicas de cada ser humano se perdem em simples reproduções estereotipadas, mesmo quando os sujeitos estariam opinando supostamente segundo seus próprios pontos de vista. As expressões homogeneizadas seriam, então, reflexo da pressão social pela igualdade excessiva ou equivalência abstrata de diferenças que administra pessoas como manipula objetos – aspectos que serão melhor explorados em nosso quarto capítulo. Mesmo o emprego de classificações naturalizadas sem qualquer preparação conceitual de noções como “esquerda”, “direita” e “judeu” (entre outras) utilizadas em TAP seguem a estereotipia do pensamento irrefletido dos sujeitos des-individualizados.

⁶¹ Adorno, T. W. “Sociología y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001, pp. 24-5.

Dáí se segue a terceira relação entre teoria-empíria vislumbrada em TAP, a mais importante para nossos estudos: a obra pretende investigar, mediante análise e classificação de opiniões (enquanto dados coletados pela pesquisa empírica), as ideologias que compõem a realidade (esta última interpretada sob a luz de uma teoria social). Ou seja, os dados levantados pela pesquisa quantitativa não podem ser confundidos com a análise da realidade, mas esta última deve ter um caráter crítico erigido segundo um forte embasamento teórico. O que é tido como universal, no caso de TAP, não é a generalização das opiniões coletadas, mas a teoria social que sustenta o edifício crítico. Dando voz ao próprio Adorno:

Uma objeção mais substancial, particularmente levantada por Jahoda e Christie, foi a da circularidade: que a teoria, que foi pressuposta pelos meios de pesquisa, tinha que ser confirmada por eles. (...) nunca consideramos a teoria simplesmente como um conjunto de hipóteses, mas como, em certo sentido, mantendo-se de pé com suas próprias pernas e, portanto, não pretendemos provar ou refutar a teoria por meio de nossas descobertas, mas apenas derivar delas perguntas para investigação, que devem então ser julgadas por seus próprios méritos e demonstrar certas estruturas sociopsicológicas prevalentes. (...) Nesta medida, a acusação de circularidade é justificada.⁶²

De um lado, tal desenvolvimento conceitual especulativo seria feito de forma que nenhuma criação racional estaria desvinculada de suas origens que se encontram em formas empíricas socialmente situadas. No entanto, isso não quer dizer que a teoria deve se concentrar somente na explicação do dado, estando limitada a trabalhar somente com os elementos coletados. Uma vez que o trabalho criativo do Instituto se localiza na teoria, o dado não poderia restringir a análise de uma reflexividade filosófica de amplo alcance. Tal especulação filosófica aborda, então, desde a concepção de uma teoria crítica universalizante que engloba simultaneamente muitas esferas sociais, até possíveis saídas para os impasses da realidade empírica. Claro que todos estes posicionamentos estarão relacionados com o dado coletado, mas não podem se limitar a ele. De modo excepcionalmente claro, Adorno nos alerta que

das investigações que não estão guiadas por ideias não se consegue tirar nada. Na verdade, os resultados de uma investigação jamais podem ir além do investimento intelectual que se fez nela; só que isso não significa, por exemplo, que os resultados têm de ser as mesmas ideias investidas. Isto seria dogmatismo. Os instrumentos utilizados na investigação, por exemplo,

⁶² Adorno, T. W. "Scientific experiences of a European scholar in America" In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration – Europe and America, 1930-1960*. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 362-3.

poderiam se mostrar inadequados, os teoremas poderiam não ser verificados com os métodos habituais e, acima de tudo, poderiam se revelar falsos. Mas quando não há teoremas, quando estes faltam, não sucede absolutamente nada.⁶³

Quanto a isso, é importante pensar dialeticamente para dizer mais do que simplesmente alertar sobre a importância da teoria como anterioridade lógica da pesquisa empírica. Afinal, TAP pretende se apresentar como uma obra materialista e que põe em prática o tão importante primado do objeto exposto por Adorno. Para nós, haveria um paralelo entre a relação entre conceito e objetividade na dialética adorniana e a especificidade da relação entre teoria-empíria no pensamento do autor: “Porque o ente não é de modo imediato, mas apenas por meio e através do conceito, seria preciso começar pelo conceito e não pelo mero dado”⁶⁴. Lembremos como, na dialética de modo geral desde Hegel, é necessário que o conceito do objeto se coloque em confronto com a sua materialidade para que ambos sejam compreendidos para além de suas próprias imediatezidades. Isso quer dizer que o materialismo crítico adorniano não elimina a teoria, mas admite que esta seja modificada quando em contraposição com a não identidade do objeto – daí a primazia deste que evita que o conceito esteja desvinculado da vivência empírico-social. Ou seja, a primazia do objeto não elimina a precedência do teórico, mas afirma que o objeto deve poder influenciar o seu próprio conceito. Isso quer dizer que o objeto ou dado empírico não seria simplesmente absorvido pela teoria, mas que ambos são aproximados visando à contradição que move dialeticamente a crítica. Por isso, não se trata de uma simples descrição do dado, muito menos da confirmação da teoria pela interpretação do empírico, mas estamos concebendo uma síntese crítica tanto do dado coletado quanto da teoria que a ele se refere. Em termos dialéticos, isso resulta na assunção do resultado negativo eminentemente crítico proveniente da confrontação entre sujeito e objeto, teoria e empiria, pensamento e ser. A precedência da teoria não interrompe a dialética, assim como a primazia do objeto não se confunde com objetivismo. É pela dinâmica lógico-dialética que o confronto entre conceitos e dados não ocorre de forma fixa, pronta ou imóvel, mas convida a redefinições contínuas. Como diria Musse, “não se trata de assimilar indiferentemente um polo ao outro (...). Segundo essa *mise-en-scène*, por mais

⁶³ Adorno, T. W. “Teoría de la sociedad y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001, pp. 95-6.

⁶⁴ Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Zahar: Rio de Janeiro, 2009, p. 133.

que o particular seja subsumido, determinado pelo universal, aquele nunca é idêntico a este.”⁶⁵

Portanto, assumir uma teoria como passo anterior à coleta e análise de dados não leva necessariamente à recusa do primado do objeto, uma vez que o que se procura é justamente a negatividade do objeto em confronto com essa teoria mesma, objeto tal que não se cristaliza em uma forma conceitual acabada. O que a Teoria Crítica procura é enfatizar as contradições entre teoria e empiria sem, com isso, abrir mão da própria via conceitual: “Toda e qualquer forma de objetividade [...] só pode ser estabelecida por intermédio da mediação, da reflexão, do pensamento”⁶⁶, mas não de qualquer pensamento, e, sim, de uma Teoria Crítica, isto é, de um campo conceitual que foi modificado pelo contato negativo com o seu objeto e que o continuará fazendo. A mediação aqui está sendo entendida “como o condicionamento mútuo específico entre universal e particular, aparência total e particular, sociedade e indivíduo.”⁶⁷ O pensamento que já sofreu a mediação do objeto e que seguirá enfatizando as contradições deste encontro não poderia, então, produzir um materialismo vulgar, nem mesmo um idealismo dogmático, mas, somente um materialismo crítico.

A atualização de tal relação entre teoria e empiria ocorre mediante a observação do objeto de análise da obra: para nós, em TAP não são analisados os sujeitos propriamente ditos com suas complexidades e especificidades, mas só o que há de estereotipado em suas opiniões e valores. Com os dados coletados, Adorno et. al. pretendem revelar tendências antidemocráticas estereotipadas que insistem em se fazer presentes nas opiniões dos sujeitos, ao passo que é com a teoria que tais tendências são analisadas de forma crítica. Pela diferenciação, portanto, entre realidade (tratada pela teoria) e os dados (coletados pela pesquisa empírica e tomados como “objetificação” ou reificação da realidade), vemos a liberdade que os autores tiveram em manipular estatisticamente os conteúdos coletados. Mediante tal diferenciação fundamental entre dados empíricos e teoria da realidade é que compreendemos o seguinte trecho de um dos textos sociológicos de Adorno:

No seu conteúdo, os teoremas apontam para além do factual, atêm-se à distinção entre essência e fenômeno, sobre o que precisamente o empirismo não quis nada saber. (...) Considerações teórico-sociais de primeira ordem

⁶⁵ Musse, Ricardo. “Passagem ao materialismo”. *Lua Nova*, n. 60, p. 97-116, 2003, p. 99.

⁶⁶ Musse, Ricardo. “Passagem ao materialismo”. *Lua Nova*, n. 60, p. 97-116, 2003, p. 103.

⁶⁷ Müller-Doohm, Stefan. “The critical theory of society as reflexive sociology” In *Cambridge Companion University Press*, 2006, p. 280.

nos levam a preservar a distinção entre essência e fenômeno que para o empirismo oficial é tabu. Assumimos esta distinção na diferença entre a simples opinião expressa e o que está sob ela. Essência e fenômeno não são um velho conto, mas têm a sua razão de ser na estrutura básica de uma sociedade que tece necessariamente o seu próprio véu.⁶⁸

Assim, o particularismo da empiria estaria relacionado ao aspecto universal da sociedade, mas não de forma direta – como fazia Fromm, conforme falaremos no capítulo 2 – e sim procurando na teoria o elemento de mediação entre o dado e a sociedade. A concepção de mediação pode nos ser útil para compreender como a ênfase no papel da teoria (fornecido em nossa tese principalmente pelo recurso à leitura de DdA, entre outros) na análise dos resultados empíricos (de TAP) nos leva a uma análise social mais ampla sem que o aspecto singular e individual dos eventos seja perdido. Para tanto, é necessário “cruzar o particular com o geral e sustentá-los em sua tensão contraditória, que é subitamente perdida quando o empírico cai para o nível de apenas mais um projeto de pesquisa.”⁶⁹ Afinal, é a Teoria Crítica que desnaturaliza a relação entre indivíduo e sociedade, exibindo as contradições de um individual que compõe a sociedade e do social que determina o indivíduo. É desta forma que Adorno procura lidar dialeticamente com o conceito de sociedade:

Dialética é apreendida em sentido rigoroso – e aqui os senhores podem compreender exatamente por que a Sociologia precisa ser pensada dialeticamente – porque aqui o conceito de mediação entre as duas categorias contrapostas, de um lado, os indivíduos, e, de outro lado, a sociedade, encontra-se presente em ambos. Portanto, não há indivíduos no sentido social do termo (...) a não ser com referência à sociedade em que vivem e que forma os indivíduos em seu âmago. Por outro lado, também não há sociedade sem que seu próprio conceito seja mediado pelos indivíduos.⁷⁰

Percebemos agora mais claramente como o movimento dialético do particular, que é habitado pelo universal, mas dele se diferencia e o modifica, estava, desde o começo presente na relação entre teoria e pesquisa empírica que mobilizamos na compreensão crítica que temos de TAP. É em tal encontro do social e do individual que a utilização da psicanálise se faz central. Afinal, é principalmente nos conteúdos das fantasias, desejos, ideais, medos e ressentimentos que a influência social se corporifica nos indivíduos, influência tal que segue as modificações históricas, as especificidades

⁶⁸ Adorno, T. W. “Teoría de la sociedad y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001, p. 98.

⁶⁹ Jameson, F. *O marxismo tardio – Adorno, ou a persistência da dialética*. Editora Unesp: São Paulo, 1997, p. 58.

⁷⁰ Adorno, T. W. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2008, p. 119.

culturais e as exigências econômicas. Como veremos, isso é evidente em DdA na interação entre a teoria freudiana e os desenvolvimentos socioeconômicos de Marx; e em TAP diante da astúcia dos autores ao exporem enfaticamente a interação recíproca entre as dinâmicas da personalidade (em seus diversos níveis de consciência) e o conteúdo das ideologias. Afinal, os conteúdos psíquicos seriam momentos singulares privilegiados para a análise da totalidade social não só por exporem a objetificação humana empreendida pelo capitalismo, mas também por simbolizarem em suas contradições psíquicas as contradições sociais.

O requisito mais modesto da investigação social empírica e, ao mesmo tempo, o mais plausível – no sentido da crítica imanente e também de acordo com as regras de jogo da “objetividade” – seria confrontar todos os seus enunciados sobre a consciência e o inconsciente dos homens e de grupos humanos com os dados objetivos que provariam a sua existência. O que no âmbito da investigação social se considera meramente acidental, simples *background study*, constitui a condição de possibilidade para encontrar o essencial.⁷¹

Diante dos desenvolvimentos acima citados, não encontramos uma real ruptura entre TAP e os pressupostos da Teoria Crítica. Por mais que Horkheimer e Adorno sejam críticos a um modo positivista de fazer pesquisa empírica, nem toda a pesquisa empírica reduz a pluralidade pessoal a meros dados manipuláveis conforme o positivismo faz com a facticidade. Em outras palavras, não é porque a pesquisa empírica é geralmente produzida de forma indevida que a Teoria Crítica descarta toda e qualquer relação entre teoria e empiria. O que necessita ser feito é um uso teórico adequado dos dados coletados. É precisamente por isso que as investigações empíricas não podem ser privilégios de pesquisadores empiristas, mas devem ser empreendidas por teóricos críticos.

Conforme aos ditames de Horkheimer para a Teoria Crítica, a nosso ver, Adorno et. al. não reduzem os dados empíricos a meros fatos a serem compilados e manejados, mas os compreendem como reveladores de operacionalizações de conceitos psicanalíticos que embasam antropologicamente uma análise social. Isso mostra como o uso de classificações na análise empírica não se reduz a um procedimento mecânico que seguiria exclusivamente evidências da empiria, mas os dados são extraídos, organizados e interpretados segundo uma finalidade teórica. Isso se mostra, entre outros, pela crítica dos autores a lugares-comuns da cultura reproduzidos pelos entrevistados, expressões

⁷¹ Adorno, T. W. “Sociología y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001, pp. 33-4.

que foram classificadas como preconceituosas e antidemocráticas, apesar da “normalidade” de suas difusões. Ora, é justamente uma teoria apartada de uma tal manipulação factual que fomenta a crítica social presente em TAP. Por outro lado, contrariamente à acusação de psicologismo e positivismo em relação à obra, é em um tal ordenamento eminentemente empírico e individual que é encontrada a realização do conteúdo teórico social mais amplo. É nesse sentido que os próprios autores afirmam que os domínios psicológico, sociológico e histórico só podem ser separados artificialmente. Ou ainda

o que acontece aqui é profundamente influenciado por fatores econômicos e sociais. Não é só que cada família está tentando criar seus filhos de acordo com os modos de grupos sociais, étnicos e religiosos em que ela está associada, mas fatores econômicos cruciais afetam diretamente o comportamento dos pais em relação à criança. Isso significa que grandes mudanças nas condições sociais e nas instituições terão uma influência direta sobre os tipos de personalidades que se desenvolvem dentro de uma sociedade.⁷²

Vejamos, então, como Adorno defende abertamente TAP em alguns de seus textos:

Se *The Authoritarian Personality* fez uma contribuição, ela não deve ser buscada na validade absoluta das descobertas [*insights*] positivas, menos ainda nas estatísticas, mas acima de tudo na colocação das questões que foram motivadas por uma preocupação social genuína e relacionada a uma teoria que não havia sido anteriormente traduzida em investigações quantitativas desse tipo. O que é essencial não é o que é medido, mas o desenvolvimento de métodos que, depois de melhorados, permitem que a mensuração ocorra em áreas onde isso dificilmente teria sido possível antes.⁷³

Em complemento, como já fizemos anteriormente, procuramos outras obras de membros do Instituto escritas na mesma época para complementar o que só aparece subentendido em TAP. Isso quer dizer que, a nosso ver, a maioria das críticas que TAP recebe de seus comentadores vem justamente de aspectos não aclarados da teoria considerada na obra, aspectos estes que se mostram muito profícuos se levarmos em conta certa bibliografia produzida por membros do Instituto. Nesse sentido, por exemplo, haveria uma relação intrínseca entre TAP e DdA. Por trás de tal relação, há uma perspectiva de que, se DdA não for considerada diante de TAP, não teríamos como compreender o posicionamento de Horkheimer e Adorno no que concerne à precedência

⁷² TAP, p. 6.

⁷³ Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration – Europe and America, 1930-1960*. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, pp. 361-2.

lógica do teórico em relação ao empírico, sendo válidas muitas das críticas recebidas por TAP.

Especificamente, enfatizamos o uso de uma intuição de DdA na qual a teoria psicanalítica freudiana é tomada como uma antropologia que guarda em si as contradições sociais que a gerou. A compreensão da psicanálise como antropologia é ponto imprescindível para compreendermos a estratégia que Horkheimer e Adorno empregam para evitar a arbitrariedade de uma psicologização que uma possível generalização dos métodos empíricos de base psicanalítica poderia acarretar. Como expõe o próprio Horkheimer em uma carta a Marcuse:

Eu não tenho que lhe dizer que eu não acredito em psicologia como um meio para resolver um problema de tal gravidade [como o antissemitismo]. Eu não mudei nem um pouco o meu ceticismo em relação a essa disciplina. Além disso, o termo psicologia [...] significa antropologia e antropologia, a teoria do homem como ele se desenvolveu sob as condições da sociedade antagonica. É minha intenção estudar a presença do esquema de dominação na chamada vida psicológica, os instintos e os pensamentos dos homens. As tendências nas pessoas que as tornam suscetíveis à propaganda para o terrorismo são elas mesmas o resultado do terror, física e espiritual, opressão real e potencial. Se pudéssemos ter sucesso em descrever os padrões segundo os quais a dominação opera mesmo nos mais remotos domínios da mente, teremos feito um trabalho valioso.⁷⁴

O novo tipo antropológico autoritário apresentado em TAP, portanto, apesar de ser analisado sob o viés psicanalítico, tem sua origem em uma sociedade não menos autoritária. É assim que TAP se diferencia novamente de outras pesquisas empíricas ao trabalhar com um conceito antropológico entendido em sentido filosófico-psicanalítico, além de histórico.

. Conclusões do capítulo 1

Diante de críticas tão amplas e viscerais a TAP, fica a questão: afinal, por que estudar esta obra? Para nós, tal livro é singular em muitos aspectos. Esta pesquisa é uma das formas de demonstrar como a singularidade subjetiva ganha importância na pesquisa do Instituto de forma geral, o que evita que as análises universais e socioeconômicas percam de vista o empírico, o corporal, o indivíduo. Isso se aplica, como veremos, particularmente às teorias expostas em DdA que encontram muitos

⁷⁴ Horkheimer *apud* Wheatland, Thomas. *Frankfurt School in Exile*. Minneapolis, MN, USA: University of Minnesota Press, 2009, p. 244.

aspectos correlatos em TAP. Além disso, esta obra é uma ocasião para conferir como conceitos psicanalíticos freudianos são colocados em circulação em um ambiente social tão empírico quanto a clínica. Claro que ajustes foram feitos para tal emprego, como pretendemos demonstrar ao longo da tese.

É por estes motivos, dentre outros, que nossa pesquisa pretende contribuir para ampliar o debate de uma obra tão rica, ilustrativa, atual e controversa como TAP. Assim, diferentemente de certa parte da literatura de peso sobre o assunto, procuramos demonstrar como TAP representa uma continuidade dos estudos da Teoria Crítica e, por isso, não se isola do programa dos membros do Instituto – posicionamento que pode ser a causa da pouca quantidade de estudos desta obra em comparação a outros escritos de autores de Frankfurt. Entendemos que o exílio teórico de TAP em relação às produções dos primeiros membros do Instituto seria também o motivo pelo qual há tão poucos comentários de TAP na bibliografia brasileira⁷⁵, de forma que, quando eles existem, fazem o trabalho de apresentação geral da obra, o que é considerado um debate inicial importante, ou a empregam enquanto método-base de outras pesquisas empíricas, algo diverso de nossa pesquisa de escopo filosófico investigativo e crítico mais amplo, não apenas descritivo.

Visto isso, nosso primeiro capítulo abordou diversas ideias centrais às quais iremos recorrer no restante da tese: a questão fundadora da pesquisa de TAP versa em torno da possibilidade de um fenômeno análogo ao nazifascismo em um país democrático como os Estados Unidos. Tal questionamento procura abordar o preconceito (ou etnocentrismo) como atuação profundamente antidemocrática. Verificou-se na pesquisa haver traços de potenciais fascistas em entrevistados, o que significaria a existência de uma suscetibilidade à propaganda ideológica autoritária. O conceito de personalidade se faz valer em proximidade à noção de ideologia porque a primeira seria organizada de modo a encontrar gratificações na economia emocional e pulsional subjetivas envolvidas na identificação com ideologias autoritárias circulantes na cultura. Isso significa não só que a principal fonte de preconceito deva ser buscada em fatores sociais, como também que se procura por fatores psicológicos que tornam o sujeito um agente mediador – como receptor e propagador – de ideologias autoritárias. Assim, a pesquisa se concentrou em estudos de opiniões provenientes de níveis

⁷⁵ Ver textos de Iray Carone como “Carone, I. “A personalidade autoritária – Estudos frankfurtianos sobre o fascismo”, *Revista Sociologia em Rede*, vol. 2, no 2, 2012” ou outros de Crochik como “Teoria crítica da sociedade e estudos sobre preconceito”, *Revista psicologia política*, SP, v. 1, n. 1, 2001”, entre outros. Há também a tese de doutorado de Deborah Antunes, à qual recorreremos frequentemente em nossa tese.

diferentes de consciência na personalidade, incluindo as contradições apresentadas pelas opiniões ideológicas.

Quanto às críticas recebidas pela obra, ressaltamos haver dificuldade em diferenciar conceitualmente noções como autoritarismo, fascismo, preconceito e antidemocracia, além de seu enfoque no autoritarismo político conservador e não “de esquerda”. Outra crítica que apresentamos versa sobre o suposto “psicologismo” de TAP, algo que se aproxima da crítica da falta da teoria socioeconômica de Marx. Defendemos que estes problemas aparecem na obra porque ela não revela as suas fontes teóricas, mas emprega conceitos sem uma gênese e definição de seu significado. Tentaremos defender tanto o recorte político da obra quanto demonstrar a presença da leitura de Marx – e alguns de seus seguidores – na determinação do emprego da teoria freudiana no capítulo 4, quando apresentaremos a tese de que o fascismo, em suas facetas totalitárias de esquerda e de direita, seria uma decorrência do sistema socioeconômico capitalista, logo, conservador em relação ao *status quo*. E onde também mostraremos de que forma a antropologia baseada na teoria freudiana diz respeito a um sujeito formado sob o sistema socioeconômico capitalista.

Também apresentamos a acusação de TAP ser uma obra positivista, o que mostra ser, na verdade, um problema entre teoria e pesquisa empírica: para críticos, a teoria pressuposta na obra conduziria a interpretações circulares nas quais os dados obtidos por uma pesquisa empírica seriam interpretados com a própria teoria, o que leva a confirmações óbvias entre teoria e pesquisa empírica. Quanto a isso, para nós, TAP não seria uma obra inspirada no positivismo, mas, ao contrário, estaria baseada nos pressupostos da Teoria Crítica próprios da primeira geração do Instituto. Procuramos defender, com isso, que a relação entre teoria e pesquisa empírica em TAP segue a dialética adorniana, uma vez que empreende uma ênfase na contradição e crítica à naturalização de determinantes sociais, além de se basear na teoria da desindividuação na sociedade contemporânea e, finalmente, por manter uma relação específica entre teoria e empiria. Assim, TAP não rompe com os pressupostos da Teoria Crítica adorniana por empregar uma teoria que seria modificada quando em contraposição com a não identidade do objeto empírico. A primazia do objeto evitaria, então, que o conceito se desvinculasse da vivência empírico-social. Ou seja, como defendemos aqui, a precedência da teoria não interrompe a dialética, assim como a primazia do objeto não se confunde com objetivismo.

Para tanto, ao longo da tese procuraremos trazer outras obras de membros do Instituto escritas na mesma época para complementar o que só aparece subentendido em TAP.

Capítulo 2

Caráter, antropologia e personalidade em pesquisas empíricas de Fromm, Horkheimer e Adorno

. Introdução ao capítulo 2

Neste segundo capítulo trazemos inicialmente um comentário sobre os *Studien über Autorität und Familie* escritos em 1936 que aparece para nós como a pesquisa empírica produzida pelo Instituto de maior influência sobre a produção de TAP⁷⁶. E isso não só porque esta investigação foi a primeira a inaugurar o conceito de “personalidade autoritária”, mas também porque outros conceitos desenvolvidos nesta obra, especialmente por Horkheimer e Fromm, ganharão a posição de princípios básicos da primeira geração de teóricos críticos – como o desenvolvimento de um eu fraco mediante a influência das condições sociais e a ênfase na noção de supereu; a relação íntima entre personalidade e ideologia; a divisão da sociedade pelo autoritário em fortes e fracos; o declínio da autoridade familiar que passou a não mais formar indivíduos conforme a sua anterior função progressista, estabelecendo exclusivamente a conduta regressiva e adaptativa a seus subordinados; assim como o diagnóstico por meio de tipologias focadas na característica perversa do autoritário; além de abordar as diferentes compreensões da noção de caráter. Assim, tal reconstituição terá como vetor

⁷⁶ Estamos deixando de lado, portanto, a primeira pesquisa empírica do Instituto sobre os trabalhadores alemães na República de Weimar feita entre 1929 e 1931. Sabemos, contudo, que essa teria sido a ocasião de inauguração de alguns métodos de pesquisa empírica e pressupostos que foram utilizados ao longo de outras investigações futuras, inclusive em TAP. A análise psicológica em uma pesquisa empírica foi um marco em investigações sociológicas, tendo essa pesquisa servido como modelo e primeira experiência de colaboração de tais disciplinas em pesquisas empíricas levadas a cabo pelo Instituto. “The guiding principle of this work is that there exists a close correspondence between these three elements, which are psychic structure, membership of a social class, and individual political choice.” (Haber, Stéphane. “Pathologies of authority: some aspects of the Frankfurt School notion of ‘Authoritarian Personality’” In *Cités* 2001/2 (no 6), 49-66, p. 51) É seguindo este viés psicológico que a família foi alçada à instituição primordial na formação dos indivíduos em sociedade pela pesquisa, a qual, além disso, concentrou-se no conceito de caráter enquanto organizador de tipos psicológicos, sendo uma noção que engloba tanto traços psicológicos e comportamentais quanto discursos, ideologias e atitudes relativas à sociedade e economia. Além disso, sabemos que “aproximadamente 10% dos respondentes exibiu o que foi denominado de “caráter autoritário” – síndrome que continuou a ser estudada pelo Instituto nos *Studies in Prejudice* – e que 15% expressou antiautoritarismo. Contudo, a grande maioria apresentou tendências ambivalentes.” (Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality* – Paco Editorial: Jundaí, 2014, pp. 64-5) Entretanto, resolvemos deixá-la de lado justamente porque “this study of the German working class was a failure. Horkheimer was never completely satisfied with the execution of the questionnaires, and he was even more troubled by the preliminary findings that Fromm reported to the Institute.” (Wheatland, Thomas. *Frankfurt School in Exile* – University of Minnesota Press: Minneapolis, 2009, pp. 26-7)

de sentido e organização a abordagem de alguns conceitos, principalmente os de caráter, antropologia e personalidade presentes em autores como Fromm, Horkheimer e Adorno.

Para tanto, uma comparação entre obras de Fromm e Horkheimer anteriores e posteriores a 1936 será feita para fins de exposição da aproximação e posterior afastamento teóricos entre ambos os pensadores. Tal afastamento será abordado segundo a influência de Adorno sobre o pensamento de Horkheimer, especificamente a partir das modificações de leitura da teoria psicanalítica de Freud. É, então, nesse segundo capítulo que iniciamos nossa análise conceitual e histórica de algumas das influências de TAP:

O conceito de personalidade autoritária deve ser entendido no contexto de uma constelação de problematizações que se encontram no cerne da primeira geração da Teoria Crítica. No centro disso estão (...) a noção da “antropologia da época burguesa” de Horkheimer, (...) seus estudos de 1930 sobre autoridade e família, as comunicações, palestras públicas e entrevistas de rádio de meados da década de 1960 de Adorno e, claro, o monumental e muito contestado estudo de Berkeley Public Opinion que culminou na publicação de *The Authoritarian Personality*, publicada em 1950.⁷⁷

É nesse sentido que TAP é lido por nós na encruzilhada de caminhos que vêm da influência de pesquisas empíricas anteriores, incluindo certa parte da teoria de Fromm nos anos 1930, além de também levar, por outro lado, a uma noção renovada de personalidade, desta vez influenciada bem mais intensamente pela teoria freudiana – por meio da leitura adorniana do vienense. É assim que o viés profundamente crítico de TAP é formulado, realizando de modo mais completo do que nunca aspirações de relação entre teoria e pesquisa empírica, ou ainda de psicanálise e teoria social, almejadas desde que Horkheimer se tornara diretor no Instituto.

. Horkheimer e Fromm nos *Studien über Autorität und Familie*

É de suma importância para a nossa compreensão de TAP empreendermos uma análise não só dos *Studien* como de alguns dos desenvolvimentos teóricos de Fromm e Horkheimer anteriores e posteriores a esta obra e que a ela se encontram relacionados. Eis como os *Studien* aparecem citados em TAP: o

⁷⁷ Gandesha S. (2018) “Identifying with the Aggressor”: From the Authoritarian to Neo-liberal Personality. In *Constelations* vol 25 issue 1, march 2018, 147-164, p. 154. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12338>, último acesso em 02 out. 2018.

Instituto de Pesquisas Sociais dedicou-se ao princípio da integração teórica e metodológica desde seus primeiros dias na Universidade de Frankfurt e publicou vários estudos que emergiram dessa abordagem básica. Num volume, sobre autoridade e família, o conceito de “personalidade autoritária” foi apresentado como um elo entre disposições psicológicas e inclinações políticas.⁷⁸

Ou seja, os próprios autores de TAP já mostram suas raízes teórico-metodológicas fixadas em algumas das obras anteriores do Instituto: ao tratar inovadoramente sobre a “personalidade autoritária”, os *Studien* mostram ser fontes diretas de influência sobre TAP. Tendo sido publicado em Paris, pela Félix Alcan em 1936, os *Studien* têm seus resultados parciais baseados em pesquisas empíricas. Assim, além de um relatório destas, o livro conta ainda com três ensaios teóricos escritos por Horkheimer, Fromm e Marcuse⁷⁹ – dos quais nos deteremos apenas nos redigidos pelos dois primeiros que tratam mais diretamente dos nossos interesses.

Horkheimer⁸⁰ parte de um viés histórico-materialista em sua análise da família e autoridade. Para ele, bem como para os grandes nomes da primeira geração da Teoria Crítica, a família, assim como as demais esferas da cultura, segue os condicionantes socioeconômicos nos quais se vê inserida: “a família (...) não pode ser modificada sem uma mudança no quadro social total.”⁸¹ Vemos, então, que Horkheimer desenvolveu uma teoria materialista da cultura, inserindo a concepção de autoridade em uma gênese principalmente econômica. Segundo tal concepção, haveria formas específicas de desenvolvimento da autoridade no interior das famílias em correlação com as flutuações dos posicionamentos e funções do ser humano na economia de forma geral. Segundo a sua análise, se, de um lado “a família se encontra em continuidade com a ideologia burguesa dominante na sociedade, por outro contém aspectos de crítica à ordem dominante: ‘Não existe uma família burguesa no sentido estrito da palavra; ela é em si

⁷⁸ TAP, p. XI.

⁷⁹ Marcuse, tendo escrito a parte sobre a história das ideias nos *Studien*, procurou contribuir na pesquisa com uma introdução ao desenvolvimento feito por Horkheimer retratando as ocorrências do conceito de autoridade e família em meio a autores que tratavam, para ele, da visão “burguesa” de mundo. Dentre eles havia tanto Lutero, Calvino, Kant e Hegel quanto Marx e outros. Além disso, a obra contava com uma terceira parte de diversos ensaios mais ou menos próximos dos argumentos da pesquisa cujos autores foram convidados pelo Instituto a escreverem sobre o tema.

⁸⁰ O capítulo de Horkheimer publicado originalmente nos *Studien* é intitulado “Rascunhos Teóricos sobre Autoridade e Família: Parte Geral”. Posteriormente, Horkheimer o publicou separadamente sob a forma de um ensaio, com algumas modificações, dando-lhe o título de “Autoridade e família”. É a este último que fazemos referência aqui.

⁸¹ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982, p. 102.

mesma uma contradição do princípio individualista, uma contradição todavia necessária’.”⁸²

A dupla função contraditória da autoridade familiar seria a de possibilitar, de um lado, o desenvolvimento de faculdades humanas relacionadas à experiência formativa, uma vez que a autoridade pode agir no interesse de seus subordinados. Tal situação se aplica à autoridade familiar que socializa indivíduos por meio de uma “boa educação”, mesmo que isso traga renúncias aos seus dependentes. Assim, a “autoridade enquanto dependência aceita pode implicar uma relação que favorece o progresso, estando no interesse de todas as partes e favorecendo o desenvolvimento dos poderes humanos.”⁸³ A esta faceta da função formativa dos pais chamamos progressista. No entanto, de outro lado, a autoridade pode contribuir para a inércia psíquica de seus subjugados, o que leva à “continuação de condições de vida constrangedoras e indignas.”⁸⁴ Isso ocorre quando há interesses egoístas e exploratórios na relação entre autoridade familiar e dependentes, o que leva a uma regressão na procura por felicidade e no desenvolvimento da autonomia daqueles orientados pela autoridade. A esta outra faceta da função formativa dos pais, chamamos, então, regressiva.

Historicamente, contudo, na passagem do capitalismo liberal ao monopolista, o papel da família teria se modificado e, com ela, transformou-se também o papel da autoridade familiar, bem como a formação de indivíduos por meio desta instituição. Com o fim da competição individual no mercado liberal, a organização social e leis econômicas tornaram-se princípios estranhos aos indivíduos, frente aos quais estes, em situação de “desamparo”, devem somente se adaptar:

No coração da liberdade e da aparente originalidade do empreendedor (...) há adaptação a uma situação social em que a humanidade não controla seu próprio destino, sujeição a um processo sem propósito em vez de sua regulação racional, dependência em uma condição irracional de sociedade segundo a qual se deve tentar lucrar ao invés de moldá-la em sua totalidade.⁸⁵

Dentre as consequências diante da mudança da instituição familiar na época do capitalismo monopolista, podemos dizer que a autoridade patriarcal familiar se vê agora

⁸² Matos, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução* – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, pp. 174-5.

⁸³ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 70.

⁸⁴ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 71.

⁸⁵ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 82.

obrigada a adaptar-se a um destino incontrolável e incompreensível, perdendo seu papel ativo na sociedade. Nesse sentido, “os homens no poder deixaram de agir como representantes da autoridade celestial e terrestre e consequentemente se tornaram meras funções das leis inerentes ao seu poder.”⁸⁶ Trata-se, então, da teoria do declínio da autoridade paterna – à qual faremos referência direta e indireta em toda a nossa tese. Com tal declínio, o poder de autoridade teria passado do pai para figuras e instituições sociais externas à família – como organizações políticas, educação escolar, figuras midiáticas. Se antes a relação entre a psique e o social era pessoalmente mediada pelas figuras familiares, agora ela aparece como a determinação direta de autoridades sociais sobre o indivíduo. Autoridade esta que, em nível social mais amplo que a família, mostra ser uma cultura reificada, despersonalizada, como facticidade econômica incompreensível e irracional: “o vácuo criado pela diminuição da autoridade do pai e sua ausência no lar foi cada vez mais preenchido pelas forças da sociedade civil, quebrando assim o isolamento da esfera privada. A escola, o grupo de semelhantes e acima de tudo a indústria cultural passaram a desempenhar um papel progressivamente maior na socialização da criança.”⁸⁷

Assim, a posição mediadora entre os indivíduos em formação e os condicionantes sociais exercida anteriormente pela família perde força, não mais havendo, com isso, a possibilidade de um desenvolvimento crítico e autônomo de indivíduos frente às figuras e instituições sociais. Em outras palavras, a autoridade familiar passou a não mais formar indivíduos conforme a sua anterior função progressista, estabelecendo exclusivamente a conduta regressiva e adaptativa a seus subordinados. Para Horkheimer, então, a formação orientada somente para a obediência e submissão à autoridade, e não para a autonomia, tornou-se a função exclusiva da família na socialização de indivíduos na fase do capitalismo monopolista. Se a família era a esfera que refreava parte da imposição dos valores capitalistas na psique individual era justamente porque havia o reconhecimento do indivíduo no interior da família não somente como uma peça na máquina de produção, mas este era concebido de forma verdadeiramente humana, acolhedora em suas especificidades, fomentando o desenvolvimento específico de cada um. Horkheimer nos diz que a coerção social na formação individual no capitalismo monopolista, ao contrário, passa a impor com

⁸⁶ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982, p. 82.

⁸⁷ Whitebook, Joel. *Perversion and utopia – a study in psychoanalysis and Critical Theory* – The MIT Press: Massachusetts, 1996, p. 138.

extrema rigidez uma determinação que direciona os indivíduos a “aceitar as condições existentes de trabalho.”⁸⁸

Utilizando desde essa época a noção de “sacrifício” mobilizada fortemente anos depois em DdA, Horkheimer emprega, em consonância com a parte da produção de Fromm que analisaremos mais à frente, a inclinação ou impulso masoquista para descrever os indivíduos socializados no contexto do capitalismo monopolista. Baseado em uma leitura psicanalítica freudiana, Horkheimer diz que sob a repressão e a culpa, o indivíduo em formação no capitalismo monopolista estaria pronto a cometer sacrifícios pessoais e a isentar o domínio econômico de ser concebido como a gênese dos problemas vivenciados individualmente, impossibilitando a produção de críticas sociais. “Os tipos humanos que prevalecem hoje não são educados para chegar às raízes das coisas e eles confundem aparência por substância. Eles são incapazes de pensar teoricamente e de se mover de modo independente para além do simples registro de fatos, isto é, além do hábito de aplicar conceitos convencionais à realidade.”⁸⁹

Como bem resume Dews, “o resultado dessa identificação direta com o poder social é a disseminação do tipo de personalidade narcísica maleável para o qual faltam aquelas capacidades internas de autodirecionamento que amortecem a já proporcionada autoridade paterna, sendo ostensivamente bem adaptado, mas interiormente frio e sem emoção, inclinado à adoração do poder e submissão masoquista.”⁹⁰ Se tal maleabilidade e narcisismo da personalidade autoritária serão desenvolvidos nos capítulos 7 e 8, aqui concentramo-nos em sua adaptação ao capitalismo proveniente do declínio da figura simbólica da autoridade paterna:

Horkheimer aloja no processo de “racionalização” da família tradicional o desaparecimento da possibilidade de emancipação de que era portadora. Os “Estudos sobre Autoridade e Família” mostram como este processo já está em curso nas tendências econômicas do período burguês clássico. É justamente a família em crise que favorece o autoritarismo e o totalitarismo.⁹¹

Como veremos adiante, a formação para a obediência à autoridade diretamente social (sem mediação da família) culminará “na criação de um tipo de ‘personalidade

⁸⁸ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 57.

⁸⁹ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 109.

⁹⁰ Dews, Peter. The limits of disenchantment – Essays on Contemporary European Philosophy – Verso, New York City, 1995, p. 221.

⁹¹ Matos, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução* – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p. 176.

autoritária”⁹², o que levará o Instituto posteriormente a voltar-se tanto ao estudo sobre a Indústria Cultural que socializa diretamente indivíduos, ao interesse pela recepção de ideologias por meio de uma racionalidade ao mesmo tempo crítica e regredida, quanto à formulação de TAP que relaciona intimamente os conceitos de personalidade e ideologia.

Já a “Seção de psicologia social” escrita por Fromm nos *Studien* mantém uma relação ambivalente com a psicanálise, uma vez que seu distanciamento perante a teoria freudiana já se mostrava em andamento anos antes, agravando-se inclusive em textos posteriores a 1936, como ainda veremos. Como é de fácil compreensão, Fromm apoiou-se sobre a teoria do supereu e da psicologia das massas para o desenvolvimento da relação entre indivíduo e autoridade, mas o fez com algumas reservas e modificações na teoria freudiana.

Para que tais modificações sejam melhor compreendidas, voltemo-nos à noção de caráter⁹³ - central na teoria frommiana, por mais que este conceito tenha ganhado diferentes formulações ao longo do percurso teórico do autor. Em 1936, algo do conceito de caráter já se encontrava destacado da teoria freudiana, uma vez que sua tipificação não seria mais descrita com ênfase nas etapas do desenvolvimento sexual individual. Por mais que Fromm utilize diversos conceitos primordiais da teoria freudiana, nos *Studien* vemos a gênese do caráter ser baseada primordialmente nas determinações socioeconômicas sobre o desenvolvimento psíquico, dando primazia mais às relações interpessoais regidas pela influência social do que à sexualidade: “Fromm discute, por exemplo, formas nas quais o comportamento autoritário aparece e ele desenvolve tipos de correlação entre as formas de autoridade e o pertencimento a uma determinada classe.”⁹⁴

⁹² Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 178.

⁹³ É importante salientar que Fromm, tanto em sua etapa inicial mais freudiana quanto na sua fase mais revisionista, não foi pioneiro na ênfase ao conceito de caráter – e toda uma psicologia defensiva do eu – em lugar da teoria da libido. Nomes como Adler, Jung, Otto Rank e Ferenczi figuram como os primeiros contraditores do “pai da psicanálise”. Dentre eles, vale ressaltar o primeiro freudo-marxista Wilhelm Reich, que fincou seu nome dentre as principais figuras que desenvolveram a teoria do caráter – sem proceder, contudo, a uma separação da concepção de caráter de uma teoria da libido e da sexualidade de modo geral, tal como Freud mesmo a concebia. É por isso que o grupo dos revisionistas é considerado tão apartado da teoria freudiana: afinal, nem mesmo a *ego psychology* de Anna Freud chegou ao ponto de romper com o primado da sexualidade (Cf. Freitas, Bruno C. R. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 230f., São Paulo, 2016).

⁹⁴ Dubiel, Helmut. *Theory and politics: studies in the development of Critical Theory* – The MIT Press: Massachusetts, 1985, p. 166.

É no interior de tal panorama conceitual que Fromm elabora sua caracterologia segundo três tipos: o autoritário, o revolucionário e o ambivalente. O tipo autoritário foi tratado por Fromm como correlato do caráter perverso sadomasoquista, uma vez que, enxergando o mundo segundo as concepções de hierarquia e dependência, esforça-se para obedecer aos de cima e ordenar aos de baixo. Se o traço sádico do tipo autoritário se faz compreender de modo mais evidente, o traço masoquista trata dos prazeres da submissão à autoridade, satisfazendo pulsões de autoconservação, libertando o indivíduo dos sentimentos de desamparo e angústia ao criar a ilusão de participação no poder. Inversamente ao tipo autoritário, vemos a caracterização do tipo revolucionário: “indivíduos que teriam conflitos com toda sociedade, seja autoritária ou não. O último tipo, que parecia servir como um tipo psicológico ‘indeciso’, era o caráter ambivalente. Como sugere o conceito de Fromm, o caráter ambivalente seria suscetível à persuasão pelos outros dois tipos de caráter.”⁹⁵

Não podemos deixar de destacar que, na elaboração de sua tipologia, Fromm levou em conta os dados levantados pela pesquisa empírica, considerados principalmente enquanto reforço da teoria exposta. Como nos diz Fromm: “por mais que a formação dos tipos seja influenciada e deva ser permanentemente diferenciada pelo material da investigação, os tipos não podem ser deduzidos exclusivamente a partir da classificação, mas pressupõem uma teoria psicológica desenvolvida.”⁹⁶ Soma-se a isso o fato de que os resultados empíricos não puderam ser generalizados em estatísticas, sendo a pesquisa empírica tomada ainda no nível de teste inicial.

. Fromm: de 1932 a 1941

Por mais que tenhamos elaborado um resumo interessado dos *Studien*, estes não poderão ser suficientemente compreendidos sem uma análise das trajetórias teóricas de Fromm e Horkheimer, principalmente no que tange à abordagem da teoria freudiana empregada em suas pesquisas. Para tanto, esboçaremos algumas das afinidades teóricas de ambos, bem como o distanciamento progressivo empreendido entre eles nos últimos anos da década de 1930 e 1940.

⁹⁵ Wheatland, Thomas. *Frankfurt School in Exile* – University of Minnesota Press: Minneapolis, 2009, p. 69.

⁹⁶ Fromm, Erich. “Geschichte und Methoden der Erhebungen” In *Studien über Autorität und Familie* - Dietrich zu Klampen Verlag: Paris, 1936, p. 235.

Como muitos historiadores apontam, Fromm teria sido o responsável pela introdução de Freud nas produções do Instituto – embora Horkheimer e Adorno já tivessem uma leitura prévia da teoria freudiana em seus anos de formação sob influência de Hans Cornelius. Se, de um lado, Fromm era psicanalista, ele não se limitou à clínica, introduzindo no Instituto uma perspectiva sintética entre psicanálise, marxismo e religião. No início de sua trajetória no grupo, seus textos mostram profunda relação com os de Freud, mesmo que Fromm não designe a sua teoria como psicanalítica, mas sim como “psicologia social analítica” – termo paralelo ao empregado por Horkheimer, “psicologia social” ao lado da “psicologia das profundezas”. Grosso modo, ainda no início de sua formulação teórica aqui analisada, Fromm utilizava-se da dita primeira teoria pulsional freudiana (que opõe pulsão de autoconservação e pulsão sexual) aliada à noção de caráter para compreender como operavam as influências ideológicas nos indivíduos inseridos no sistema socioeconômico capitalista. Isso porque a teoria materialista de Marx continha, para Fromm, uma limitação, a saber, a ausência do ponto de vista subjetivo. Ponto cego que a psicanálise, como teoria complementar à crítica da economia-política, poderia elucidar. Para o Fromm da década de 1930, a sociologia deveria sofrer uma intervenção da psicologia, uma vez que os indivíduos vivendo em uma sociedade capitalista não desenvolviam uma consciência de sua própria classe, mas reproduziam ideologias que não eram orientadas por suas realidades vividas. É desta forma que os conteúdos ideológicos expressos por um indivíduo se tornam caros a Fromm, sendo considerados o resultado da influência social sobre as pulsões, interação tal que seria cristalizada em um caráter típico.

São suficientes para os nossos propósitos as análises de dois textos de Fromm de 1932, a saber, “Método e tarefa de uma psicologia social analítica” e “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Pesquisa Social”. No primeiro, Fromm relaciona psicanálise e materialismo histórico de modo muito específico: considerada sob o viés da psicologia social analítica, a psicanálise não seria apenas compatível com os ensinamentos de Marx, mas se mostraria, ela mesma, materialista. Assim, se a ideologia proferida por um indivíduo mostra ser o resultado das determinações socioeconômicas sobre as pulsões, os destinos pulsionais designariam reações a tais imposições se organizando segundo um parâmetro mais ou menos estável, formando o caráter. E mais, sendo tais determinações historicamente datadas, para cada época do desenvolvimento social haveria não só um conjunto ideológico determinado como também um tipo de caráter correspondente.

A noção de caráter será mais bem desenvolvida no texto sobre a *Characterologia* que relaciona o capitalismo ao caráter anal – que será re-denominado caráter autoritário nos *Studien* de 1936. No texto de 1932, “trata-se de observar os traços em comum dos quais os indivíduos partilham, observar a origem desses traços na estrutura econômica da sociedade em que o indivíduo se insere, bem como observar como os próprios traços contribuem para a manutenção da estrutura econômica.”⁹⁷ Possibilitando produzir um diagnóstico social sem perder de vista o indivíduo, o caráter sofreria influência primordial da família – vista como uma poderosa “agência psicológica da sociedade” –, pois apesar da determinação social sobre as pulsões ocorrer em todos os períodos da vida humana, uma ênfase maior é dada na etapa de formação infantil.

Para tanto, Fromm emprega as noções freudianas de sublimação e formação de reação que possibilitariam a atuação individual segundo os ditames sociais, determinados destinos pulsionais que levam à repressão ou desvio da meta sexual, bem como à fixação e regressão, enquanto retorno ou cristalização das fases de desenvolvimento sexual. É nesse contexto que o autor apresenta a famosa teoria freudiana das três etapas do desenvolvimento sexual infantil (oral, anal e genital, apoiadas a zonas erógenas), estabelecendo um caráter específico para cada conjunto de traços oriundos de reações pulsionais. Nosso interesse se desloca, como sabemos, para a etapa anal e seu respectivo caráter que apresenta afinidades com o comportamento dos sujeitos no capitalismo. O que Fromm procura em tal caracterologia são principalmente padrões de interações individuais com objetos pulsionais, estes últimos que podem ser partes de si mesmo ou (d)a alteridade. O caráter anal seria aquele que priva o indivíduo de satisfação, principalmente a genital, sendo altamente controlador e conservador, características ligadas à posse – de fezes, dinheiro ou qualquer coisa ou pessoa que lhe seja preciosa. É avesso a modificações e progressos, sendo caracterizado como ordenado e organizado segundo uma regulação própria. Por isso, a alteridade é vista enquanto intrusa em seu âmbito privado, este cheio de rituais e normas pessoais que lembram a obsessão. A relação com as características da burguesia capitalista são muitas, sendo as principais: “1) restrição do papel do prazer como um fim em si (especialmente o prazer sexual); 2) renúncia ao amor, substituído pela ênfase sobre o arrecadar, possuir e poupar como fins em si mesmos; 3) cumprimento dos deveres

⁹⁷ Yamawake, Paulo. *Caráter e antropologia em Max Horkheimer* – Dissertação de mestrado, Unicamp, 2015, pp. 53-4.

personais como valor supremo; 4) exaltação da ‘ordem’ e exclusão da compaixão pelo próximo.”⁹⁸

Por mais que, em tais textos de 1932, Fromm se mostre próximo da teoria freudiana, podemos dizer que os primeiros sinais da vinda recusa dos ensinamentos básicos de Freud já se fazem presentes nessa época, mesmo que de forma suavizada. Nesse sentido, Fromm não deixa de fazer uma leitura parcial dos escritos freudianos ao criticar a faceta “idealista” do psicanalista vienense que teria universalizado a cultura e sociedade burguesas, retirando-as da história. É assim que Fromm lê, por exemplo, a estrutura edípica, fruto de uma sociedade patriarcal e capitalista e, portanto, histórica. Além disso, a ênfase no processo de socialização frente ao que ele chama de “núcleo naturalista” da teoria freudiana já se faz ouvir, por mais que ganhe contornos cada vez mais fortes depois – como nos *Studien*, onde o desenvolvimento sexual na gênese do caráter se torna evidentemente secundário. E, por fim, ainda em 1932, por mais que Fromm nos alerte contra uma falsa homogeneidade do caráter, vemos que este conceito é descrito conforme uma estrutura estável, possuindo “certa inércia”, adaptado ao contexto socioeconômico a partir de “prêmios sociais” e gratificações, sendo vinculado à uma noção progressista de desenvolvimento individual – todas expressões de um pensamento que se aproxima do revisionismo de Karen Horney, por exemplo.

Mas, é por volta de 1938/1939 que o rompimento com a teoria freudiana se produz de modo mais notório, algo que pode ser avaliado pela leitura de *Escape from freedom* (1941). Grosso modo, esta obra “é um questionamento sobre o sentimento de angústia suscitado pela liberdade, suas causas sociais nas sociedades contemporâneas de concorrência e de liberdade, e suas respostas individuais e coletivas, psíquicas e sociais. (...) Fromm sublinha sobretudo seu acordo com Karen Horney e Harry Stack Sullivan.”⁹⁹ Insistindo ainda mais em uma visão que faz de Freud nada mais que um burguês que pensa sujeitos como mônadas, em *Escape* Fromm nega a base freudiana de sua teoria precedente que fundamentava os tipos de caráter por etapas de

⁹⁸ Fromm, Erich. “Psychoanalytic Characterology and its relevance for social psychology” In *The crisis of psychoanalysis*. Greenwich: Fawcett, 1971, pp. 184-5.

⁹⁹ Genel, Katia. “Escola de Frankfurt e freudo-marxismo: sobre a pluralidade das articulações entre psicanálise e teoria da sociedade” In *Dissonância*. Campinas, v. 1, n. 1, jun. 2017, pp. 271-2. Contudo, Abromeit não afirmaria com tanta certeza tal aproximação de Fromm com os revisionistas. Isso porque, apesar da ênfase no aspecto social como influência no indivíduo e do fim da plasticidade das pulsões e do papel do inconsciente, Fromm ainda teria mantido alguma tensão entre indivíduo e sociedade. Sob tal ponto de vista, o que teria, então, afastado de vez Fromm do Instituto teria sido o posicionamento dele sobre a ausência de uma historicidade de sua caracterologia. (Cf. Abromeit, J. *Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School* – Cambridge: Cambridge University Press, 2011)

desenvolvimento sexual oral, anal e genital. E faz ainda mais do que isso: as concepções de sexualidade, inconsciente e pulsões – inegavelmente as noções mais radicais de Freud – foram substituídas por explicações sociais e morais do campo intersubjetivo¹⁰⁰. Nesse sentido, a etiologia de psicopatologias como a neurose não passaria, ao ver de Fromm da década de 1940, de expressão de problemas derivados de interações humanas, ou mais precisamente, de bloqueios no desenvolvimento individual diante das exigências sociais.

É assim que o eu, evitando a angústia presente na condição de liberdade humana, submete-se e se adapta a um mundo que nega a autonomia individual – mediante os “prêmios sociais” anteriormente citados –, fazendo dos sujeitos apenas uma engrenagem do social. Se o eu se torna frágil ao ceder diante da competição capitalista, de um lado, de outro ele procura a identificação com o agressor autoritário, o que tende a reproduzir a falta de liberdade na sociedade. Nesse sentido, a agressividade que se encontra presente na interação dos indivíduos seria somente uma reação ao tolhimento da realização da liberdade humana¹⁰¹. Em termos freudianos, Fromm coincide o princípio do prazer com o princípio de realidade que tem como norte a procura por segurança, mas de modo a enxergar na angústia uma causa da formação de patologias – ao invés de ser um efeito das vicissitudes da economia pulsional. Para evitar o sofrimento seria necessário, portanto, para Fromm dos anos 1940, organizar um cálculo ou administração da angústia por meio da adaptação individual.

¹⁰⁰ Não que em Freud não houvesse uma consideração importante sobre a sociabilidade humana, a história e as condições culturais, mas tais desenvolvimentos do pai da psicanálise foram desprezados por Fromm, que apenas se apegou a uma leitura “biologizante” da teoria do vienense. Para tanto, conferir nossa dissertação de mestrado, especialmente o capítulo 2: Costa, Virginia H. F. *Aspectos das relações interpessoais em Freud: questionamentos morais*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 151f., São Paulo, 2014).

¹⁰¹ É seguindo tal tônica que a proposta clínica de Fromm estará ancorada em uma teoria do matriarcado, bem como ao socialismo. Baseada em uma análise social feita anteriormente à escuta do analisando, sua clínica será pensada sob a forma de um posicionamento oposto à frieza da figura capitalista patriarcal em que o analista aconchegaria e abrigaria o paciente, tal qual uma figura materna, o que permitiria o desenvolvimento das potencialidades humanas bloqueadas pela sociedade. “Aos olhos de Fromm, os valores do matriarcado estão muito harmonizados com aqueles do socialismo: a ideia de que a todos deveriam ser fornecidas as condições suficientes de manutenção da vida, de que a carência não seria mais uma condição afastada apenas para os privilegiados, mas para todos, a satisfação (básica das necessidades), em suma, era pareada ao amor incondicional da mãe que não instauraria entre os filhos uma situação de desigualdade. E o sujeito que realizaria esse processo histórico é, como se pode facilmente deduzir, o proletariado. Na verdade – e o que é pior aos olhos de Adorno –, as sínteses não se dariam apenas com a instauração do socialismo pela revolução, mas já seria construída no interior mesmo do capitalismo, tendo como instrumento a clínica psicanalítica. Há, portanto, uma imagem muito bem traçada em seus contornos gerais do que seria uma sociedade socialista: uma reedição do matriarcado que incorporasse também elementos da ordem patriarcal.” (Freitas, Bruno C. R. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 230f., São Paulo, 2016, pp. 172-3)

Se muitos dos desenvolvimentos frommianos em *Escape* têm paralelo com ideias de Horney, levantaremos apenas algumas delas que podem nos auxiliar na compreensão da última fase intelectual de Fromm aqui abordada. Além da recusa de noções centrais para a teoria de Freud – como inconsciente, sexualidade e pulsões, já ressaltadas –, que se mostrariam pouco relevantes para uma vida psíquica que tem como núcleo a noção de caráter, podemos completar tal quadro expositivo da teoria de Horney com o repúdio ao tom pessimista pelo qual Freud interpreta os seres humanos interagindo em sociedade. A isso, soma-se a crítica ao conceito de pulsão de morte que estaria relacionado, segundo à autora, ao conformismo. Diz ela: “se o homem é destrutivo por sua própria natureza, e, conseqüentemente, infeliz, por que lutar por um mundo melhor?”¹⁰² Em suma, produzindo uma interpretação moral da pulsão de morte, Horney entende a teoria freudiana como designando um ser humano mau que tende à inércia.

É assim que sua teoria rejeita todo traço de negatividade freudiana, calcando-se em um otimismo excessivo percebido em muitos sentidos. Afinal, não é esboçada nenhuma crítica social, de um lado, nem um diagnóstico inerente à “natureza humana”, de outro – como Freud o faz com sua descrição de um núcleo psíquico conflituoso baseado na dualidade pulsional. Para Horney, o que haveria seriam distúrbios na interação de ambos os grupos, de modo que problemas psicológicos seriam resultados somente de problemas intersubjetivos provenientes de entraves na adaptação do indivíduo à sociedade:

Com efeito, o trabalho psicanalítico passa a ser feito, por assim dizer, em nome da sociedade, e o psicanalista atua então como uma espécie de procurador desta. Tudo se passa então como se o paciente fosse visto como uma excrecência social, algo que desequilibra uma – imaginada – harmonia social reinante, um corpo estranho que – no entanto, antes que se desista totalmente de sua inserção – é compreendido como algo que, para ser incorporado, precisa sofrer os devidos processos de *amadurecimento*, os quais, pelas vias de que dispunha, não pode alcançar e para os quais o psicanalista trabalhara como um mediador.¹⁰³

É nesse sentido que a sublimação (exaltada por Horney justamente por seu caráter de desvio da meta sexual) é concebida como uma espécie de “resolução” para fins de adaptação do indivíduo à sociedade – como se os desenvolvimentos racionais e

¹⁰² Horney, Karen. *Novos rumos da psicanálise* – Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966, p. 110.

¹⁰³ Freitas, Bruno C. R. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 230f., São Paulo, 2016, p. 84-5.

culturais ligados à sublimação só produzissem conteúdos coerentes com a coerção social sobre o indivíduo, nunca críticos à sociedade. O indivíduo, mesmo aquele modelo “saudável”, ainda aparece passivo aos olhos da autora, só podendo ser caracterizado enquanto adaptado. E, como decorrência da configuração da gênese de psicopatologias não na sexualidade, mas na interação indivíduo-sociedade, o revisionismo pôde abranger a aplicação de sua teoria para além dos níveis patológicos, podendo se dirigir também a problemas sociais – como a criminalidade, por exemplo – atuação que faz da psicanálise um agente de controle social.

. Adorno e a reformulação da concepção de caráter

Apesar de Adorno nunca ter debatido a fundo as obras de Fromm, associando suas críticas a este aos posicionamentos contra os revisionistas, ele foi o primeiro membro do Instituto a apontar diretamente os problemas presentes na teoria frommiana. Ao fazê-lo, Adorno não nega a dificuldade em lidar com partes da teoria freudiana. Contudo, o filósofo defende que a melhor forma de lidar com ela não seria pelo nivelamento ou suavização de seus “exageros” que refletem a sua radicalidade. É nesse sentido que ele critica a concepção da “disposição de pulsões prévia e rigidamente dadas”¹⁰⁴ na leitura dos revisionistas sobre o caráter – que permaneceria estável em sua formação desde a infância –, em oposição à descrição das pulsões enquanto uma plasticidade altamente flexível, necessária para abarcar uma explicação baseada em conflitos psíquicos. Tal fixidez pulsional presente na leitura dos revisionistas teria enfatizado o eu no que concerne aos seus mecanismos de defesa, escamoteando os conflitos tanto psíquicos quanto sociais, fomentando, com isso, a adaptação individual em relação ao mundo exterior e deixando de lado os demais “senhores” do eu – o isso e o supereu. Por consequência, para Adorno, na letra dos revisionistas

A teoria freudiana se converte em um meio a mais para integrar comoções mentais ao *status quo* social. (...) Essa ficção é cada vez mais uma ideologia onipresente de um mundo que toma completamente o indivíduo como uma organização sem fissuras, mas que, no entanto, não deixa de ser menos forçada e irracional do que eram os danos psicológico do indivíduo.¹⁰⁵

¹⁰⁴ Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” in *Escritos Sociológicos I - Obra Completa 8* – Madri, 2004, p. 21.

¹⁰⁵ Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” in *Escritos Sociológicos I - Obra Completa 8* –Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 38.

Tal oposição à sociologização da psicanálise é produzida juntamente com a diminuição do poder crítico da teoria psicanalítica, sendo possível averiguar a absorção de noções freudianas pelo senso comum, descrição de uma adaptação metodológica e conceitual ao *status quo*.

Além disso, Adorno defende que na ausência de separação entre indivíduo e sociedade, que culmina na teoria frommiana da “socialização total”, nenhuma dialética seria possível. Isso porque a dialética não se resume às observações segundo as quais o indivíduo seria formado pela sociedade e a sociedade, por sua vez, seria composta de indivíduos que podem transformá-la. De modo mais complexo, Adorno nos lembra da radicalidade da teoria freudiana não só por ela retratar a condição dos seres humanos “atomizados” diante das imposições socioeconômicas. Se Freud tinha razão onde ele não tinha razão é porque a sua descrição do ser humano é fruto de seu contexto, como uma fotografia de uma situação social registrada pela psicanálise. A psique individual como que reproduz os conflitos sociais, mas não como uma cópia simples e direta. Inclusive, é justamente ao enfatizar o extremo individual, com seus destinos sociais e organizações topológicas, que uma leitura social pode ser feita: “A psicanálise radical, ao se dirigir à libido como algo pré-social, alcança tanto filogenética quanto ontogeneticamente os pontos onde o princípio social da dominação coincide com o princípio psicológico da repressão pulsional.”¹⁰⁶

Os antagonismos sociais não podem, então, ser aplainados, mas assumidos, vividos na experiência humana. Concentrando sua atenção nas dissonâncias conflituosas no interior da psique e na sociedade, Adorno procura significar a expressão do sofrimento que os conflitos causam, condição de uma vida danificada por uma totalidade falsa. Assim, a visão sobre o ser humano feita por Freud seria o modelo de uma antropologia na sociedade capitalista ocidental. Como bem resume Jay sobre o posicionamento de Adorno,

Não foi à toa que um pessimismo maior quanto à possibilidade de revolução caminhou de mãos dadas com o reconhecimento crescente da importância de Freud. Em uma sociedade em que as contradições sociais pareciam intransponíveis, mas, paradoxalmente, vinham-se tornando mais obscuras, as antinomias do pensamento freudiano pareciam ser um baluarte necessário contra as ilusões harmonizadoras dos revisionistas. Não só o pensamento de

¹⁰⁶ Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” in *Escritos Sociológicos I - Obra Completa 8* –Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 26.

Freud: também os seus aspectos mais extremos e escandalosos eram os mais úteis.¹⁰⁷

Tal assunção dos antagonismos sociais e conflitos psíquicos pode ser exemplificado com a noção de angústia. Tanto o revisionismo de Fromm quanto Horkheimer e Adorno em DdA dão ênfase ao conceito freudiano de angústia em suas análises. Podemos pensar que o revisionismo coincide com a visão dos teóricos críticos ao descrever o ser humano da sociedade capitalista enquanto tomado pela angústia defensiva do eu, que tenta se ver livre do jugo da ameaça externa e de suas pulsões (natureza interna) para fins de segurança. Um retrato similar a este é produzido em DdA. Contudo, apenas uma análise assexual da angústia acaba tornando-se vazia, meramente descritiva, adaptativa, acrítica e, inclusive, excessivamente racional. Por isso, Horkheimer e Adorno recusam a leitura de que a angústia teria uma gênese meramente existencial (resultante da interação indivíduo-sociedade), mantendo a explicação freudiana de que este afeto teria uma origem pulsional e inconsciente, segundo o desenvolvimento da libido. Tal diferenciação torna-se crítica justamente por denunciar, no interior mesmo da dinâmica pulsional, as determinações sociais que culminam na manipulação pulsional e inconsciente para a promoção de alienação e reificação capitalistas. Ao persistir, portanto, na concepção de que psicanálise e teoria social são campos de conhecimento com especificidades próprias é que podemos chegar a uma possibilidade dialética.

É em um memorando de 1944 escrito por Adorno que nos é apresentado um conjunto de posicionamentos relativos à interação entre psicanálise e teoria social que guiarão a concepção geral da relação entre indivíduo-sociedade nos anos 1940 para Adorno – inclusive aquela seguida em TAP. Dada a sua importância, oferecemos uma versão mais completa da citação:

a) Não chamamos de psicológica a influência dos fatores socioeconômicos, já que eles se dão em um nível mais ou menos racional. Eles mais são ideias motivadoras do que forças psicológicas compulsórias. b) O termo “psicológico” deve ser reservado para os traços que são *prima facie* irracionais. Essa dicotomia significa que não aprovamos uma abordagem sociopsicológica à maneira de Fromm, mas pensamos, antes, em termos de motivações racionais e irracionais, que é essencial manter separadas. c) Isso significa, metodologicamente, que nossas análises psicológicas levam-nos tão mais a fundo no sentido social quanto mais se abstêm de qualquer referência a fatores socioeconômicos óbvios e racionais e descobriremos o elemento

¹⁰⁷ Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 154.

social bem no fundo das categorias psicológicas, mas não pela introdução prematura de causas econômicas e sociológicas superficiais ali onde temos de lidar com o inconsciente, que se relaciona com a sociedade de maneira muito mais indireta e complexa.¹⁰⁸

Vemos, então, que para Adorno não só deve ser seguida uma diferenciação entre social e individual, como também haveria uma outra divisão, entre o domínio racional e outro irracional. O campo psicológico é justamente aquele que trata não das defesas e adaptações mais ou menos conscientes do eu, mas sim de fatores inconscientes, como as reações pulsionais, a organização libidinal, as associações e projeções que não controlamos. Nega-se, então uma relação direta entre social e racionalidade, assumindo-se uma mediação indireta entre fatores sociais e movimentações inconscientes.

Tais diferenciações podem ser conferidas ainda na versão adorniana do que seria o “caráter”: “a totalidade sedimentada do caráter, que os revisionistas colocam em primeiro plano, é de fato o resultado de uma coisificação das experiências reais. Caso se estabeleça de maneira absoluta, então pode surgir facilmente do isso um refúgio ideológico para o *status quo* psicológico do indivíduo.”¹⁰⁹ Por mais que a noção de experiência ainda não seja desenvolvida nesse momento de nossa tese, ao menos percebemos que aqui é enfatizada uma concepção de caráter como fruto de uma experiência reificadora ou coisificante. Em consonância com o que desenvolvemos em nosso capítulo anterior, o caráter abarcaria, então, as parcelas do indivíduo que simplesmente repercutem as determinações sociais por adequação e repetição, onde não há lugar para uma reflexão e real individuação. Logo, o caráter coisificado não abarca somente a consciência em nível egóico, mas chega a penetrar no isso que passa, então, a comportar em si conteúdos ideológicos dominantes. Assim, haveria algum tipo de relação entre as satisfações das pulsões e desejos, de um lado, e os conteúdos ideológicos sedimentados na inconsciência, de outro. Nesse sentido, haveria a formação de uma “totalidade sedimentada do caráter” justamente porque esta tenta repetir no interior do indivíduo uma ideologia que procura encobrir as contradições da sociedade, forma de substituir a experiência humana por discursos ideológicos naturalizantes. Assim, as harmoniosas articulações internas de uma unidade psíquica seriam tão falsas quanto a unicidade fictícia do social. Por isso, “classificar tipos de caráter, como fizera

¹⁰⁸ Adorno apud Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, pp. 292-3.

¹⁰⁹ Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” in *Escritos Sociológicos I - Obra Completa 8* – Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 24.

Fromm, equivalia a aceitar a existência de indivíduos com o caráter integrado, o que não passava de ‘um disfarce ideológico para o *status quo* psicológico de cada indivíduo’.”¹¹⁰

É na procura de rachaduras na unidade de caráter que Adorno parte “dos indícios fragmentários que o inconsciente produz, não para construir uma personalidade total, mas para expor o fracasso da identidade como processo de integração.”¹¹¹ Vemos, com isso, que ao invés de recusar por completo tal noção, Adorno decide por forjar a sua própria concepção de caráter como um “sistema de cicatrizes” impostas ao indivíduo por uma sociedade “traumática”.

Uma totalidade do caráter, ao modo como a pressupõem os revisionistas como dada, é um ideal que só seria realizável em uma sociedade não-traumática. (...) Sua totalidade é fictícia: quase poderia ser chamada de sistema de cicatrizes que só se integram padecendo e nunca de maneira completa. A agregação dessas cicatrizes é propriamente a maneira pela qual a sociedade se impõe ao indivíduo, não aquela continuidade ilusória, em favor da qual os revisionistas dispensam a estrutura chocante da experiência individual.¹¹²

. Horkheimer nos anos 1930 e 1940: as influências de Fromm e Adorno

Em consonância com a primeira fase da teoria frommiana aqui debatida, desde que assumiu como diretor do Instituto, Horkheimer procurou explicar a não emancipação da classe trabalhadora alemã que teria tido condições sociais para se ver livre. É sob tal pensamento que a psicanálise fora mobilizada no esquema interdisciplinar desenhado por Horkheimer visando compreender como as ideologias que expressam os interesses econômicos dominantes são reproduzidas pelos indivíduos que compõem as classes subordinadas. Desta forma, a influência de ditames sociais sobre destinos pulsionais será concebida enquanto um tipo

de teoria do conhecimento (...) que visa mostrar a atividade do sujeito atuante na percepção e cognição. (...) O discurso inaugural de Horkheimer em 1930 enfatizava a importância dos “intermediários psíquicos” no questionamento da sociedade, conferindo certa primazia à sociopsicologia e tornando essencial a contribuição de Fromm. (...) O aparato psíquico, condicionado

¹¹⁰ Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, p. 153.

¹¹¹ Freitas, Bruno C. R. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo. 230f. São Paulo, 2016, p. 25.

¹¹² Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” In *Escritos Sociológicos I - Obra Completa 8* –Ediciones Akal: Madri, 2004, p. 23.

economicamente em seu conteúdo e na intensidade de suas modificações, é um fator de perpetuação das relações de dominação.¹¹³

Nesse sentido, Horkheimer, tanto em *História e psicologia* (1932) quanto em *Notas sobre Antropologia Filosófica* (1935) e *Egoísmo e movimento de libertação: sobre a antropologia da época burguesa* (1936) segue Fromm na ênfase da noção de caráter e nas críticas feitas à teoria freudiana quanto aos supostos posicionamentos históricos deste. Especificamente neste último texto de Horkheimer, o debate em torno de uma antropologia claramente histórica – relativa à “época burguesa”, ou seja, a um momento e classe social particulares – ataca incisivamente a noção freudiana de pulsão de morte que designaria, na leitura de Horkheimer da década de 1930, a dominação como característica imutável e universal dos seres humanos. O importante seria, na visão do frankfurtiano, ressaltar como a natureza humana seria modificada por influência das condições histórico-sociais e culturais, sendo possível inclusive designar antropologias específicas para determinados grupos sociais. Horkheimer lê, então, a psicanálise freudiana como uma antropologia resultante da era burguesa que deverá se modificar com o curso histórico da transformação social.

Entretanto, a leitura que Horkheimer empreende da psicanálise freudiana apresentará profundas modificações sob a influência de Adorno. Singularmente em *Razão e autoconservação* (1941), Horkheimer defende que

“é justamente a decadência da família burguesa que permitiu à teoria de [Freud] chegar a este novo estágio que aparece em ‘Além do Princípio do Prazer’ e nos escritos que o seguem”. (...) Refletindo sobre o declínio histórico da família, Freud compreendeu com isso algo de “objetivamente” verdadeiro. Horkheimer quase antecipa as fórmulas paradoxais que Adorno terá em relação a Freud, que “tinha razão onde ele não tinha razão”.¹¹⁴

De modo mais abrangente, é pela insistência em considerar a teoria pulsional freudiana, bem como as noções de sexualidade e inconsciente, além da ressignificação do conceito de pulsão de morte, que Horkheimer irá romper com Fromm a partir da virada teórica deste último operada nos últimos anos da década de 1930. Isso não impede, contudo, que elementos da teoria frommiana continuem presentes na próxima etapa dos trabalhos do Instituto nos anos 1940. Até Adorno, o principal crítico de Fromm no Instituto, irá

¹¹³ Genel, Katia. L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno. *Astérian*. v. 7, ago. 2010, p. 4. Disponível em: <<http://asterion.revues.org/1611>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

¹¹⁴ Genel, Katia. “Escola de Frankfurt e freudo-marxismo: sobre a pluralidade das articulações entre psicanálise e teoria da sociedade” In *Dissonância*. Campinas, v. 1, n. 1, jun. 2017, p. 270.

retomar alguns aspectos da teoria frommiana de 1930. Além da premissa da influência social sobre as pulsões, noções como caráter, família, a descrição das perversões relacionadas ao autoritarismo, a relação íntima entre personalidade e ideologia, além da ideia de um eu fraco e o emprego da noção de supereu na análise social ainda se farão presentes. Contudo, estas concepções serão retomadas mediante um tipo de “retorno a Freud” praticado por Horkheimer sob influência de Adorno no qual serão ressaltados os elementos da “radicalidade exagerada” de Freud.

Além disso, assumimos que alguns posicionamentos horkheimianos dos anos 1930 permanecerão consistentes, mesmo que ligeiramente modificados, na década seguinte. Aqui, iremos nos ater apenas àqueles que parecem interessantes a nossos propósitos em torno de TAP. Um destes posicionamentos é a ideia já debatida sobre a desintegração do indivíduo, que se adapta à sociedade, trocando a formação da autonomia (a partir de uma fase de heteronomia provisória) pela permanência na heteronomia¹¹⁵. Para Horkheimer, a construção da autonomia humana necessita de mediações entre indivíduo e sociedade, mediações essas produzidas pela família, ou melhor, por certa noção de racionalidade que a família mobilizava¹¹⁶. O enfraquecimento desta racionalidade leva à adaptação justamente porque sem ela não se produz um movimento reflexivo entre posicionamentos divergentes possibilitado pela mediação familiar, não sendo produzidas sínteses nem pensamentos críticos.

Mas podemos aprofundar tal ideia: pois esta adaptação do indivíduo à sociedade não ocorre de forma uníssona, mas produz duplicidades na cognição humana – duplicidades tais que refletem a própria condição da sociedade burguesa capitalista. Desde 1930, Horkheimer nos fala do distanciamento entre a realidade econômica e a

¹¹⁵ Esta ideia também é seguida por Adorno, tendo ela sido elaborada durante o seu período de estadia nos Estados Unidos. Como lemos na seguinte citação: “Fully as I recognize that intellectual individuality can only develop through processes of adjustment and socialization, I still consider it the obligation and at the same time the proof of mature individuality to transcend mere adjustment. Through the mechanisms of identification with images of authority, one must emancipate one's self from this very identification. This relationship between autonomy and adjustment was recognized by Freud long ago and has since become familiar to American scholarship. But for a refugee going to America thirty years ago, this was not yet true.” (Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America.” Fleming D. & Bailyn B. (org.) *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1969, pp. 338-9)

¹¹⁶ Esta racionalidade será denominada, nos anos 1940, razão objetiva, isto é, aquela que determina fins de ações humanas levando em consideração a objetividade do mundo – da qual o indivíduo se vê minimamente distanciado. É assim que a totalidade social, para ser compreendida e pensada, é concebida por um sujeito crítico, autônomo. Oposição produzida pela razão subjetiva, que “serve ao interesse do sujeito quanto à autopreservação” (Horkheimer, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002. p. 10) – que promove, portando, o ajustamento e a adaptação social, “pseudo-reconciliation of subject and object, consciousness and society” (Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977, p. 173).

moralidade defendida no contexto burguês. Considerando as exigências de ações humanas para a sobrevivência no capitalismo, vê-se que o egoísmo e a crueldade – típicos do caráter sadomasoquista – são mobilizados na designação de um comportamento econômico voltado à obediência à autoridade e ao desejo de aniquilar o outro. É assim que

cada ser humano experimenta a si mesmo na esfera econômica subjacente como um sujeito isolado de interesses, associado a outros apenas pela compra e venda que dá origem à alteridade [*Fremdheit*] como uma categoria antropológica. (...) Cada um é o centro do mundo e todo mundo está “fora”. Toda comunicação é uma troca, uma transação entre domínios construídos de modo solipsista. (...) a frieza e a alienação são os resultados diretos desta estrutura básica da época: nada na essência do burguês individual se opõe à repressão e aniquilação de seus semelhantes.¹¹⁷

Ao mesmo tempo, entretanto, a moralidade burguesa prega a recusa do egoísmo enquanto princípio de justiça social voltado à fraternidade e liberdade de todos os seres humanos iguais. “Para eles, a moralidade deveria significar submissão, resignação, disciplina e sacrifício pelo todo, ou seja, simplesmente a repressão de suas reivindicações materiais.”¹¹⁸ Vê-se facilmente que “a disposição peculiar de grupos socialmente importantes da burguesia estava em contradição com sua própria moralidade. (...) Tanto a existência humana real como a consciência moral contraditória, bem como sua interação dinâmica, resultam da base social.”¹¹⁹ Vemos, portanto, a dualidade de um tipo antropológico cuja “visão moralista de ser humano contém um princípio racional, embora sob forma mistificada, idealista.”¹²⁰ Ou ainda, a concepção de que os princípios morais e racionais voltados aos fins de uma totalidade social aparecem como meramente formais, sem vínculo com a realidade material.

É assim que já vemos no Horkheimer da década de 1930 os traços do que TAP irá definir como o cinismo do tipo antropológico autoritário que pratica uma atitude cindida entre a repetição vazia de valores morais simplesmente formais, de um lado, e

¹¹⁷ Horkheimer, Max. “Egoism and freedom movements: on the Anthropology of the Bourgeois Era” In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge: MIT, 1993, pp. 95-6.

¹¹⁸ Horkheimer, Max. “Egoism and freedom movements: on the Anthropology of the Bourgeois Era” In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge: MIT, 1993, p. 54.

¹¹⁹ Horkheimer, Max. “Egoism and freedom movements: on the Anthropology of the Bourgeois Era” In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge: MIT, 1993, p. 60.

¹²⁰ Horkheimer, Max. “Egoism and freedom movements: on the Anthropology of the Bourgeois Era” In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge: MIT, 1993, p. 54.

as ações e discursos de conteúdo agressivo e egoísta, de outro. Nesse sentido, Horkheimer relaciona esta dualidade à racionalização, entendida em sentido psicanalítico de desvio ou substituto pseudorracional que permite a descarga pulsional agressiva: “Freud está certo ao dizer que, por razões culturais, a pulsão de destruição sempre precisa de um pretexto, uma racionalização: a maldade do oponente, a finalidade pedagógica, a defesa da honra, uma guerra ou alguma revolta popular.”¹²¹ Persistindo ainda neste ponto, nos anos 1940 Horkheimer diz:

O cinismo bem informado é apenas outro modo de conformismo. Essas pessoas abraçam voluntariamente ou se forçam a aceitar a regra do mais forte como uma norma eterna. Sua vida inteira é um esforço contínuo para suprimir e degradar a natureza, interna ou exteriormente, e para se identificarem com os seus mais poderosos substitutos: a raça, a pátria, o líder, as facções políticas e a tradição. Para eles, todas essas palavras significam a mesma coisa – a realidade irresistível que deve ser honrada e respeitada.¹²²

Diante de tais desenvolvimentos, chegamos a ao menos duas consequências importantes para nossa tese. A primeira seria que a noção de antropologia utilizada em TAP por Adorno et. al. é fruto de uma influência de Horkheimer, que trata do tema desde os anos 1930. Esta antropologia teria então uma conotação histórica, que se modifica segundo os contextos sociais, de modo que seria próprio de uma época capitalista o desenvolvimento de uma antropologia burguesa que se mostra cinicamente cindida entre as obrigações morais e a realidade violenta fomentada e imposta pelo sistema econômico. Entretanto, esta noção antropológica, que perdura de forma geral nos anos 1930 e 1940, sofre algumas modificações quando sob influência seja de Fromm, seja de Adorno. Esta transformação viria justamente, como vimos, de tipo de leitura psicanalítica freudiana que é assumida: seja a de uma complementação a um problema proveniente da crítica da economia-política, retratando a transposição mais direta de influências socioeconômicas no indivíduo; seja a de uma influência indireta do social sobre a psique com uma análise centrada na sexualidade, no conflito e na pulsão de morte. É assim que percebemos

uma mudança na concepção antropológica. A carta de Horkheimer para Löwenthal confirma isso: “Com o conjunto de conceitos relacionados à noção de pulsão de morte, estamos lidando com categorias (no sentido alemão do

¹²¹ Horkheimer, Max. “Egoism and freedom movements: on the Anthropology of the Bourgeois Era” In *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge: MIT, 1993, p. 107.

¹²² Horkheimer, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002, p. 117.

termo) antropológicas. Nesse novo arranjo, a psicanálise radicaliza a antropologia que funda a teoria crítica da dominação, no sentido de uma antropologia das pulsões. (...)” A agressão fundamental do homem, a violência inerente à civilização, são constitutivas da subjetividade. Esta é a “lição” que Horkheimer extrai da experiência do fascismo.¹²³

Em relação à terminologia, enquanto Fromm utilizava a concepção de caráter – o que designaria o seu campo de debates no interior de uma temática principalmente reichiana –, a opção de Adorno em TAP pela noção de antropologia designaria, por outro lado, um campo de diálogo não exatamente com Fromm, mas com Horkheimer. Assim, é na década de 1940 que Adorno, seguindo Horkheimer, começa a mobilizar de forma mais preponderante uma concepção antropológica do ser humano¹²⁴.

Em 1941, a antropologia é objeto de dois textos importantes de Adorno, “O novo tipo de ser humano” e “Notas para uma nova antropologia”. O prefácio à *Dialética do esclarecimento* faz referência a essa “antropologia dialética”, da qual derivam, segundo os autores, suas notas e esboços. (...) Como Horkheimer explica em uma carta a Marcuse: a antropologia visa estudar a dominação na “via psicológica”, “os instintos enquanto pensamentos dos homens”, nos “domínios mais profundos do espírito”, na medida em que eles mesmos são resultado “do terror, psíquico ou mental, da opressão em ato e em potência”.¹²⁵

É nesse sentido de reformulação de uma concepção antropológica que a questão de Horkheimer se modifica na passagem dos anos 1930 aos 1940, transformando, com isso, seu próprio objeto de pesquisa. Isso pode ser observado pelo interesse manifesto pela racionalidade humana¹²⁶. Afinal, se as ideologias burguesas são recepcionadas e reproduzidas por membros de toda a sociedade, contrariando a esperada consciência de classe dos proletários, a questão que Horkheimer passa a se fazer é: o que há de não-

¹²³ Genel, Katia. “L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno” In *Astériorion*. v. 7, ago. 2010, pp. 6-7. Disponível em: <<http://asterion.revues.org/1611>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

¹²⁴ “Com a dissolução do liberalismo, o princípio genuinamente burguês, o da concorrência, não foi superado, mas da objetividade do processo social transitou para a constituição dos átomos que entre si chocam e se comprimem, ou seja, para a antropologia.” (Adorno, Theodor W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada* – Edições 70: Lisboa, 1992, p. 16) A análise de elementos da burguesia e da concorrência capitalistas deixa de ser procurada no nível da superestrutura, passando a ser analisada como uma questão antropológica.

¹²⁵ Genel, Katia. “Escola de Frankfurt e freudo-marxismo: sobre a pluralidade das articulações entre psicanálise e teoria da sociedade” In *Dissonância*. Campinas, v. 1, n. 1, jun. 2017, pp. 275-6.

¹²⁶ As questões morais de Horkheimer o levam a questionar a cognição dos sujeitos em sociedade, ou ainda, a problematizar a racionalidade que percebe, reflete e organiza a agência humana, racionalidade essa que é marcada pela irracionalidade dos destinos pulsionais. Já Adorno encontra seu interesse pelo estudo sobre a racionalidade humana em um debate sobre a tradição dialética. É por isso que a racionalidade, para Adorno, é apenas uma que tende a se transformar dialeticamente de sua condição reificada para uma emancipadora – visão diferente de Horkheimer, para quem, ao olhar para o passado liberal, constata que a racionalidade pode se realizar de duas formas, como objetiva, com fins relacionados a uma totalidade emancipadora, e subjetiva, apenas vinculada à sobrevivência adaptativa individual.

racional na cognição e pensamento humanos que leva a classe dominada a defender uma ideologia que não condiz com sua realidade vivida? O que não podemos perder de vista é, portanto, que o problema da razão não está desvinculado nem da questão da recepção ideológica, nem da ênfase nos destinos pulsionais. O que vemos é, ao contrário, a racionalidade, sob influência da indústria capitalista, funcionando de forma irracional justamente porque sua organização é pulsional, inconsciente e libidinal tal como aprendemos com Freud. É esta concepção pulsional e irracional para a qual Horkheimer irá se voltar nos anos 1940 que o levará a enfocar a razão como o seu objeto principal de pesquisa.

. Comparação entre *Studien* e *TAP*

São muitas as comparações que podem ser feitas entre as duas obras. Concentremo-nos, portanto, somente nas de maior interesse para a nossa pesquisa. Como já ressaltamos, os *Studien*, e principalmente os ensaios de Fromm e Horkheimer, foram de grande importância para a formulação e desenvolvimento de TAP em muitos aspectos. Como vimos, essa dívida passa pela explicação do autoritarismo pela perversão sadomasoquista, pela ênfase na procura autoritária pelo poder, a divisão da sociedade em fortes e fracos, a influência da família na formação do autoritário, o estudo do supereu, a tese do eu fraco, a pesquisa empírica por tipologias, entre outras, com atenção fundamental à inauguração do próprio conceito de personalidade autoritária. Além disso, já sob influência do ensaio horkheimiano na obra, a moral apenas formal e artificial que dissolve seus valores em meras racionalizações, levando a uma duplicidade entre o comportamento moral e o econômico já estava presente nos *Studien*, duplicidade tratada como cínica em TAP, como veremos no capítulo 8. Assim, noções como liberdade, justiça e a soberania da igualdade, “são consideradas menos como uma benção amplamente distribuída do que como um título legal para se exercer o poder e a exploração.”¹²⁷

Já vimos também que a concepção de caráter adorniana procura fugir da psicologização dos determinantes sociais ao manter a gênese do preconceito em fatores sociais, escapando também da sociologização dos elementos psíquicos, por se colocar em oposição à posição revisionista. É nesse sentido que TAP foge ainda assim de ambos

¹²⁷ Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 94.

os perigos. Em complemento ao que dissemos em nosso primeiro capítulo, Adorno nos diz explicitamente a propósito de TAP:

Em termos teóricos, nosso grupo se opôs às tentativas de “sociologizar” a psicanálise por meio do abrandamento de conceitos básicos, por exemplo, sexualidade infantil, inconsciente, o dinamismo psicológico da mônada individual [*monad*] ao procurar por influências ambientais que seriam registradas sob as condições do eu e não do inconsciente. (...) Onde quer que pareçamos permanecer dentro dos limites da psicologia social mais convencional, isso não se deve a nenhum viés “reviscionista” de nossa parte, mas às limitações metodológicas inevitáveis de nosso estudo. Nós levamos a psicanálise muito a sério para desrespeitá-la [*play around*] em uma investigação que, na melhor das hipóteses, pode dedicar somente algumas entrevistas individuais dentre os casos selecionados a um exame mais detalhado. Embora os dados coletados nessas entrevistas possam se mostrar significativos, não poderíamos afirmar que realmente analisamos nossos sujeitos.¹²⁸

Se as aproximações descritas acima já foram anteriormente citadas aqui, nosso enfoque deverá, então, ser dado à comparação entre o conceito de caráter e personalidade. Para tanto, saibamos que a tradução alemã de TAP tem como título *Der autoritäre Charakter*, o que nos leva a pensar na associação entre “caráter” e “personalidade”. Além disso, a própria definição de caráter como uma formação psíquica mais ou menos sedimentada na infância sob influência social e cultural também corresponde minimamente ao conceito de personalidade utilizado em TAP. Contudo, algumas diferenciações podem ser desenhadas. Vejamos, então, como os autores definem o conceito de personalidade na obra:

a personalidade é uma organização de forças mais ou menos duradoura dentro do indivíduo. Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande parte a elas que a consistência do comportamento – seja verbal ou físico – é atribuível. Mas o comportamento, embora consistente, não é o mesmo que personalidade; personalidade está *por trás* do comportamento e *dentro* do indivíduo. As forças da personalidade não são respostas, mas sim *prontidão para respostas*; se a prontidão vai ou não culminar em expressão manifesta, depende não apenas da situação do momento, mas de que outras prontidões estejam em oposição a ela. Forças de personalidade que são inibidas estão em um nível mais profundo do que aquelas que imediata e consistentemente se expressam em comportamento manifesto.¹²⁹

Vemos que os autores definem a personalidade em termos de organização de forças pulsionais e desejos a partir da qual se forma uma reação consistente a situações sociais

¹²⁸ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswick, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, pp. 8-9.

¹²⁹ TAP, p. 5.

impostas. Assim, a personalidade não pode ser definida pelas respostas efetivas e comportamentais de um indivíduo, e sim a partir de uma “prontidão” para estas respostas justamente porque, veremos agora mais a fundo, as respostas de uma pessoa a problemas e situações variam desde seu nível de expressão mais explícito até o mais desviado, racionalizado, em combinação de elementos conscientes e inconscientes. Havendo, então, níveis de expressão que são mais ou menos conscientes e variavelmente adequados aos círculos sociais que o indivíduo frequenta, o trabalho de TAP se concentrou em descobrir o que um entrevistado *realmente queria dizer* dentre tudo o que ele *disse*.

Mas, o que os autores querem dizer com o termo “forças”? “As forças da personalidade são primariamente *necessidades* (pulsões, desejos, impulsos emocionais)”¹³⁰. Ou seja, a determinação clichê do comportamento por meio de pulsões, desejos e impulsos emocionais coaduna com a teoria freudiana – por mais que a noção de “necessidades” traga consigo algo de revisionismo. Contribui para tal ideia a recusa dos autores em identificar as pulsões (*drives*) aos instintos (*instincts*), mostrando como, na explicação da personalidade, não se trata de reações inatas e biologicamente naturalizadas – como veremos no capítulo 8 –, mas de resultados tanto físicos quanto psíquicos tomados como padrões subjetivos desenvolvidos sob influência da realidade externa.

Nesse sentido, a personalidade seria concebida como um sistema – que engloba diversas instâncias psíquicas para além do eu, como veremos – de mediação entre os desejos subjetivos e o meio social de interação. Isso porque, ao mesmo tempo em que ela é formada a partir da influência de determinantes ideológicos, eles não serão aceitos e reproduzidos de modo geral, mas sim conforme os desejos inconscientes e orientações pulsionais de cada indivíduo. Ou melhor, é justamente porque a organização de forças pulsionais são específicas de cada personalidade que ela determina a escolha e o uso das ideologias a serem seguidas por um indivíduo. Por outro lado, como iremos expor no capítulo 7, a delimitação de quais seriam as ideologias a se relacionarem com a estrutura da personalidade é constituída principalmente quando o indivíduo é ainda muito jovem, quando é formado dentro do seio familiar que delimita os níveis de reprodução e adequação à esfera social capitalista que produz estes mesmos conteúdos ideológicos.

¹³⁰ TAP, p. 5.

Assim, se já delineamos anteriormente as diferenças entre os conceitos de caráter para Fromm e Adorno, podemos pensar que haveria uma aproximação entre a compreensão do caráter adorniana e o que ele chama de personalidade. Isso porque a personalidade em TAP admite muitas contradições internas, algo que não é reconciliável com o entendimento frommiano de caráter unitário, estável e coeso. Por outro lado, a designação adorniana de caráter coaduna com a personalidade, justamente por abarcar não somente as facetas “coisificadas” de um indivíduo que somente repete, sem a menor reflexão, conteúdos ideológicos dominantes, mas também por admitir, repetimos, uma influência de tais conteúdos ideológicos em estratos inconscientes, sexualizados, antagônicos. É assim que nos lembramos da definição de Adorno fornecida em *A psicanálise revisada*, para quem o caráter seria resultado de choques infligidos no indivíduo pela sociedade, cicatrizes jamais integradas em uma unidade coesa, própria de um inconsciente conflituoso em seus destinos pulsionais. Podemos pensar na hipótese de que, se a definição de personalidade e caráter para Adorno são tão próximas, o autor pode ter decidido utilizar o conceito de personalidade para marcar seu afastamento em relação ao “caráter” frommiano, algo que já pensamos também, como expusemos acima, relativamente à filiação adorniana com a noção de antropologia defendida por Horkheimer.

Ressaltamos ainda o lugar que a teoria da falência da figura de autoridade paterna assume nos *Studien* e em TAP. Para nós, esta tese, embora presente em TAP, deixa de configurar como o centro da pesquisa – tal como ela aparecia na década de 1930. Isso porque nos anos 1940, Horkheimer passa a partilhar da mesma perspectiva de Adorno segundo a qual não somente a família deixou de ser responsável pela mediação entre indivíduo e sociedade; além dessa premissa básica, Adorno afirmava também que a mercadoria havia tomado o lugar da família nessa mediação.

Nas palavras de Adorno em 1935: “a verdadeira ‘mediação’ entre psicologia e sociedade não se situa na família, mas na mercadoria e no fetiche, o fetichismo é o verdadeiro correlato da reificação.” Em sua carta a Leo Löwenthal em 1942, Horkheimer, por sua vez, evoca este deslocamento que finalmente foi feito: [...] “Com o declínio do eu e de sua razão reflexiva, as relações humanas se aproximam de um limite onde a dominação de todas as relações pessoais pelas relações econômicas transforma-se em uma nova forma de imediatidade, a mediação universal da vida coletiva pela mercadoria.”¹³¹

¹³¹ Genel, Katia. “L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno” In *Astérion*. v. 7, ago. 2010, pp. 6-7. Disponível em: <<http://asterion.revues.org/1611>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Mas, o que essa substituição da família pela mercadoria quer dizer? Estaria essa substituição operando em TAP?

Por mais que este debate seja feito somente em nosso quarto capítulo, ao menos pensemos que esse deslocamento da função de mediação da família para a mercadoria é fruto de mudanças no diagnóstico de tempo feitas por membros do Instituto, acarretando muitos efeitos para a primeira geração da Teoria Crítica. Posicionar a mercadoria no centro da formação humana influenciada pela sociedade transfere a pauta principal de pesquisa de uma crítica da dominação direta e racional para uma forma de submissão indireta, fluida que envolve não só a produção de conteúdos culturais sob a forma industrial, como também a recepção de tais conteúdos pelo indivíduo, sua relação com a experiência e realidade. Isso indica como os autores perceberam o avanço do capitalismo que se expandiu para todos os territórios sociais, inclusive para a família, culminando na objetificação de relações humanas e pessoas.

Em termos sociais e psicanalíticos, depositar na família o papel de mediação na formação da individualidade era ainda, de certa forma, confiar em instituições sociais que poderiam levar à realização humana, autônoma e emancipada, com ênfase no domínio topológico da metapsicologia freudiana, principalmente do supereu. Já a substituição da família pela mercadoria leva não somente à uma análise definitiva da falência da autoridade familiar no sistema capitalista, mas também à ênfase em aspectos mais quantificados e abstratos do domínio social e da psique, onde categorias como o valor imperam, em que a plasticidade da troca prevalece, levando a uma importância menor de elementos ditos “estáticos” da psique e relevância maior da economia pulsional na metapsicologia. É nesse contexto, portanto, que iremos dar um lugar de destaque, na elaboração teórica de nosso capítulo 4, ao conceito de fetiche tanto em Adorno, quanto em Marx e Freud.

Em TAP, contudo, o horizonte de tal modificação teórica voltada à mercadoria se torna menos nítido, mas não inoperante. Isso porque o escopo da obra não trata de uma teoria social – apesar dos autores enfatizarem a importância primeira de fatores socioeconômicos na formação da personalidade autoritária. Sendo o quadro investigativo principalmente aquele de uma psicologia social sob forte influência da psicanálise, a família ainda aparece dotada de grande importância na formação dos indivíduos analisados nas entrevistas. A questão é como esta influência familiar é interpretada. Nesse contexto, lemos a posição da influência familiar como somente reprodutora de um *modus operandi* mercadológico, seja na importância dada aos valores

capitalistas como prestígio, escalonamento social, reificação e objetificação de pessoas enquanto meios de acúmulo de capital não somente econômico. Disso se segue que a compreensão da falência da autoridade familiar não significa exatamente a extinção de sua figura, mas sim o fim de um posicionamento de autoridade produzido por si só sem a influência direta de outros domínios que não familiar. Ou seja, a autoridade familiar deixa de se efetivar enquanto elemento constituinte da dialética histórico-social, tornando-se apenas um meio de afirmação da esfera econômica capitalista.

A figura patriarcal transforma-se, então, em nada mais do que o símbolo da reificação capitalista ao transferir para a ordem familiar a organização mercadológica que impera em aspectos mais amplos da sociedade. Tal visão, inclusive, pode ser encontrada em uma leitura atenta dos *Studien*, como uma ponte ou articulação entre ambas as teorias – a da falência da autoridade familiar e a mediação mercantil entre indivíduo e sociedade: “Onde a família ainda é uma comunidade produtiva, o chefe da família é imediatamente visto em sua realização social produtiva. Mas na família que se reduziu a uma comunidade de consumidores, sua posição é adquirida essencialmente pelo dinheiro que ele traz e envolve todas as consequências mais importantes para a sua família.”¹³²

Por fim, uma última comparação entre os *Studien* e TAP, fruto da análise das possibilidades de emancipação: em 1936, o tipo oposto ao autoritário era designado por uma versão mais radical relacionada às possibilidades de emancipação do tipo “revolucionário”; em 1950, esta oposição foi denominada humildemente pelo tipo “democrático”. Assim, na década de 1930 a questão a que se colocava o Instituto era, mais uma vez, o motivo da ausência da revolução, levando a uma análise tipológica entre o falso “rebelado” de inclinação conservadora, de um lado, e o de verdadeiras aspirações emancipatórias, de outro. Já em TAP, com o extermínio de judeus no nazi-fascismo e os preconceitos em potencial em sociedades pseudodemocráticas, não vigorava mais o horizonte emancipador de outrora, mas sim a expectativa de convivência democrática e não-aniquilação humana.

. Conclusões do capítulo 2

¹³² Horkheimer, Max. Authority and the Family. In *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982. p. 108.

Em nosso segundo capítulo, demos passos importantes para a análise de TAP. Aqui mostramos a gênese das noções de caráter, personalidade e antropologia em comparação com Fromm, Horkheimer e Adorno. Em contraposição à uma concepção frommiana de caráter, pudemos ver que a noção de antropologia utilizada em TAP por Adorno et. al. seria fruto de uma influência de Horkheimer, que trata do tema desde os anos 1930. Esta concepção de antropologia, contudo, teria sofrido uma modificação na trajetória intelectual de Horkheimer, transformação esta que viria de uma outra utilização da teoria freudiana (em comparação com Fromm) feita por Adorno. Esta transformação viria justamente, como vimos, de tipo de leitura psicanalítica freudiana que é assumida: seja a de uma complementação a um problema proveniente da crítica da economia-política, retratando a transposição mais direta de influências socioeconômicas no indivíduo; seja a de uma influência indireta do social sobre a psique com uma análise centrada na sexualidade, no conflito e na pulsão de morte. Reformulando a concepção de caráter, Adorno teria, a nosso ver, desenvolvido o conceito de personalidade utilizado em TAP. Negando um emprego da psicanálise à moda de Fromm, que identifica a gênese dos problemas psíquicos em uma relação existencial com a sociedade, Adorno procura por uma teoria cada vez mais libidinal para nela encontrar o conflituoso, fragmentado, danificado, dissonante. Os antagonismos sociais não podem, então, ser aplainados, mas assumidos, vividos na experiência humana. Segundo a nossa análise, insistimos nos debates em torno da psicanálise e antropologia nestes três autores justamente porque a divergência entre eles resulta em uma outra concepção de dominação mais profunda, diagnóstico antropológico baseado em uma teoria da sociedade mais dialética e, portanto, crítica. Assim, a influência socioeconômica sobre as pulsões deixa de ser verificada de forma direta, como em Fromm, evitando relacionar elementos da cultura a formações excessivamente racionais do indivíduo.

Claro que, com nossa exposição sobre os *Studien*, percebemos que a influência de Fromm para a produção de TAP é inegável. Principalmente a teoria sobre o declínio da autoridade paterna e, com ela, a concepção do fim do indivíduo mostram ser os fundamentos de um tipo antropológico impossibilitado de desenvolver uma crítica social, formado para a obediência. Contudo, tal teoria ganha outro adendo adorniano: não só a mediação entre indivíduo e sociedade efetivada pela família entrou em falência, como também ela ganhou um substituto: a mercadoria. Atentemos, pois, ao longo de nossa tese para os aspectos mais quantificados do domínio social e da psique, onde a concepção de valor e troca prevalecem. Isso indica como os autores perceberam o

avanço do capitalismo que se expandiu para todos os territórios sociais, inclusive para a família, levando à objetificação de relações humanas e pessoas. Com isso, adiantamos que a análise do fetiche ganhará no capítulo quatro um lugar central na produção e compreensão da personalidade autoritária, bem como na economia pulsional que trata de um sujeito cindido. Já em nossos sétimo e oitavo capítulos, retomaremos os desenvolvimentos de Horkheimer expostos neste segundo capítulo a respeito da duplicidade moral vs comportamento socioeconômico do burguês – cisão psíquica que em TAP ganha o nome de cinismo do autoritário que pratica uma atitude entre a repetição vazia de valores morais simplesmente formais, de um lado, e as ações e discursos de conteúdo agressivo e egoísta, de outro.

É justamente por se encontrar no cruzamento de temáticas frommianas e horkheimianas, bem como adornianas que TAP é por nós analisado sob influência de pesquisas empíricas anteriores do próprio Instituto, além de ser também o resultado de uma determinada leitura da teoria freudiana que nega alguns dos pressupostos destas mesmas pesquisas precedentes. É assim que o viés profundamente crítico de TAP é formulado, realizando de modo mais completo aspirações de relação entre teoria e pesquisa empírica, ou ainda de psicanálise e teoria social, almejadas desde que Horkheimer se tornara diretor no Instituto.

Capítulo 3

As pulsões e a racionalidade: sobre uma antropologia em *Dialética do Esclarecimento*

. Introdução ao capítulo 3

Neste capítulo, procuraremos clarificar uma noção de antropologia desenvolvida por Horkheimer e Adorno em DdA, forma de aprofundar nossos desenvolvimentos em direção a TAP. Se até agora defendemos que TAP está vinculada a outras obras produzidas pelo Instituto (como os *Studien über Autorität und Familie* já debatidos em nosso segundo capítulo), aqui pretendemos mostrar que muitos das noções operacionalizadas em TAP – especialmente a de antropologia – encontram a sua base conceitual em DdA. Lembremos que ambos os estudos foram feitos na mesma época – TAP foi escrito desde 1944 e publicado em 1950 e DdA foi escrito entre 1941 e 1944 e publicado em, sua versão final, em 1947 – e que ambos envolveram também Adorno e Horkheimer.

Mais precisamente, dizemos que Horkheimer e Adorno tomaram de Freud a explicação metapsicológica do funcionamento psíquico baseado na movimentação de pulsões orientadas para a autoconservação e transformaram-na em uma característica própria de uma antropologia. Nesse âmbito, a estruturação psicológica do ser humano, como uma reação à condição inescapável de desamparo e angústia, levaria a uma relação intrínseca entre racionalidade e dominação, vinculando conhecimento e interesse na procura pela satisfação pulsional. A necessária submissão das pulsões como natureza interna para a própria sobrevivência humana teria levado o sujeito a dominar também a natureza externa por uma identificação ao eu realizada por meio de projeção e agressividade. O sujeito antropológico de DdA, então, reduz a compreensão do mundo a objetos manipuláveis.

Para tanto, teremos de deixar de lado uma exposição sobre a teoria psicanalítica freudiana por ela mesma, procurando elucidar parte da perspectiva que Horkheimer e Adorno têm da teoria freudiana, isto é, como os autores de Frankfurt leram e adaptaram alguns dos ensinamentos de Freud em sua obra. Em tal elucidação, uma teoria psíquica é tomada como uma explicação antropológica que se modifica histórica e culturalmente. Defendemos que a leitura que os autores de Frankfurt fazem da teoria freudiana culmina na produção de uma espécie peculiar de antropologia específica de seres humanos

ocidentais na época do Esclarecimento.

Com isso, se os autores produzem uma antropologia baseada na teoria freudiana, eles também defendem haver uma determinação da sociedade sobre o indivíduo, evidenciando a influência do contexto histórico-cultural na formação psíquica¹³³. É por isso que a realidade psíquica encerra em si os impasses e problemas da própria gênese social. Nesse sentido, a explicação psicanalítica adotada em DdA designa apenas, a nosso ver, uma fase histórica da antropologia ou natureza humana, como se os autores concebessem diferentes padrões antropológicos ao longo do processo de civilização humana¹³⁴.

No restante de nosso capítulo, trataremos da relação feita por Horkheimer e Adorno entre as pulsões como natureza interna e mitologia, fato que transfere a dialética entre mito e esclarecimento para o interior do próprio eu. Como exemplificação maior dessa constituição subjetiva, apresentamos Ulisses como o herói do esclarecimento que se reverte em mitologia, negando a mimese inicial com a natureza e instaurando, contrariamente, a mimese da mimese ou a falsa projeção. O que estabelece, com isso, uma relação genética entre o Ulisses e o preconceituoso descrito no capítulo “Elementos de antissemitismo”.

. Pulsões e racionalidade em sua relação com o desconhecido

Em DdA está exposta uma antropologia baseada em algumas concepções da teoria freudiana, de forma que encontramos uma constelação conceitual centrada no tema do desamparo composta por noções como *Furcht* (medo), *Schreck* (terror), *Angst* (angústia), *Grauen* (horror), *Gefahr* (perigo), procura por *Sicherheit* (segurança), dominação do *Unbekanntes* (desconhecido), entre outros. Dentre estas, destacamos o

¹³³ Algo que defenderemos melhor nos capítulos 4 e 5 de nossa tese. Por enquanto, fiquemos com Adorno: “Se reprocha a Freud que haya considerado estructuras sociales y económicas como simple efecto de impulsos psicológicos, que surgirían ellos mismos de una constitución pulsional del ser humano más o menos ahistórica. El hecho de que rasgos de carácter tales como narcisismo, masoquismo o síndrome anal no sean producto de la sociedad y el medio, sino que condicionen a éstos, lo echan en cara a intentos explicativos tales como el que fundamenta la guerra en impulsos destructivos o el sistema capitalista en la pulsión coleccionista analerótica. De la por lo demás indiscutible insuficiencia de semejantes inferencias se concluye que la ciencia auténtica ha de escudriñar con detenimiento la interacción de factores sociales y psicológicos; que, por tanto, el objeto de análisis no debiera ser la dinámica pulsional atomísticamente aislada dentro del individuo, sino más bien el proceso vital en su totalidad.” (Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” In *Obra Completa* 8. Madri: Ediciones Akal, 2004, p. 19)

¹³⁴ Seguindo tal intuição, entendemos que ainda há o vislumbre de um outro tipo de sujeito que não esse descrito criticamente, a saber, de uma antropologia dialética— como as próprias Notas e Esboços finais de DdA indicam. Tema que será explorado somente em nosso quinto capítulo.

conceito de angústia. Concepção importante delineada por frequentes redefinições ao longo da trajetória intelectual freudiana, a angústia designa “um certo estado de expectativa em face ao perigo e preparação para ele, mesmo que seja um perigo desconhecido.”¹³⁵ Como uma espécie de alerta para o retorno de experiências traumáticas semelhantes já vivenciadas, ao recriar a expectativa do perigo, o sentimento de angústia leva o sujeito a reviver, mesmo que minimamente, a situação traumática:

A angústia possui um vínculo inequívoco com a *expectativa*; ela é angústia *diante* [vor] de algo. É-lhe inextrincável um caráter de *indeterminação* [Unbestimmtheit] e de *ausência de objeto* [Objektlosigkeit]; e até o seu uso linguístico correto muda quando ela encontrou um objeto, substituindo-o por *medo* [Furcht].¹³⁶

A angústia diante daquilo que aparece como indeterminado é relacionada por Horkheimer e Adorno à ameaça de dissolução de si promovida por um ambiente desconhecido – ou ao menos não idêntico a si -, ligado a etapas já ultrapassadas da natureza. Vemos, então,

o medo [Angst] da perda do próprio nome. Para a civilização, a vida em estado natural puro, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto [absolute Gefahr] (...), associada ao pavor [Schrecken] de que o eu [Selbst] reverterse à mera natureza, da qual havia se alienado [entfremdet] com esforço indizível e que por isso mesmo infundia nele indizível terror [Grauen].¹³⁷

Segundo a teoria freudiana, quem sente a angústia e se defende contra ela é o eu (*Ich*), instância autoconservadora cujo desenvolvimento – enquanto parcela modificada do isso (*Es*) originário – tem por intuito a mediação entre a realidade interna e a realidade externa, estando vinculado às movimentações das pulsões (*Triebe*) orientadas para a obtenção do prazer e fuga do desprazer. O eu teria, portanto, dimensões consciente e inconsciente. Em sua condição fronteira entre o psíquico e o somático, a pulsão, direcionada pela inconsciência do isso, teria tanto uma relação com o corpo quanto com a psique, produzindo representações relacionadas à procura pela satisfação pulsional. Contudo, considerando que “uma satisfação pulsional instantânea e sem foco

¹³⁵ Freud, S. “Más allá del principio del placer” In *Obras completas Volumen 18*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 12.

¹³⁶ Freud, S. “Inhibición, síntoma y angustia” In *Obras completas Volumen 20*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 154.

¹³⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 37.

algum, tal como o isso exige, com muita frequência levaria a conflitos perigosos com o mundo exterior e ao aniquilamento”¹³⁸, o isso procura, então, adaptar-se: após sucessivas experiências de fracasso na obtenção imediata de prazer, o eu foi criado para romper com tal imediatividade, tornando a satisfação pulsional mais segura, pois esta instância considera também as imposições da realidade. Podemos ver como Horkheimer e Adorno têm como base teórica de DdA o corpo pulsional freudiano ao afirmarem que

A humanidade teve que se submeter a terríveis provações [*Furchtbare*] até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem, e toda infância ainda é de certa forma a repetição disso. O esforço para manter a coesão do eu marca-o em todas as suas fases, e a tentação de perdê-lo jamais deixou de acompanhar a determinação cega de conservá-lo. (...) O medo [*Angst*] de perder o eu e o de suprimir com o eu o limite entre si mesmo e a outra vida, o temor [*Scheu*] da morte e da destruição, está irmanado a uma promessa de felicidade [*Glücksversprechen*], que ameaçava a cada instante a civilização.¹³⁹

Da mesma forma que as pulsões – tidas como natureza interna em DdA – devem ser submetidas ao eu como organizador da identidade subjetiva, a natureza externa também deve ser dominada para fins de autoconservação humana. “Assim, o eu combate em duas frentes: tem que defender sua existência contra um mundo exterior que ameaça aniquilá-lo, bem como contra um mundo interior demasiado exigente. E contra ambos aplica os mesmos métodos defensivos.”¹⁴⁰ Mediante tal situação de igual defesa contra a ameaça interna e externa, a noção freudiana de recalque (*Verdrängung*) é generalizada em DdA:

para Horkheimer e Adorno, o domínio da natureza interna, não menos do que o domínio da natureza externa, consiste em formas de *violência*. Em direção ao exterior, o eu autocrático impõe sua unificação rígida sobre a diversidade da natureza externa. Em direção ao interior, ele tenta impor essa mesma síntese violenta na multiplicidade da natureza interna, isto é, na difusão polimorfa do isso; o *principium individuationis* é violento per se.¹⁴¹

O eu desenvolve a razão e as funções da atenção, memória e julgamento podem ser consideradas como meios para alcançar o prazer de forma segura. Este impulso para

¹³⁸ Freud, S. “Esquema del psicoanálisis” In *Obras completas volumen 23*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 199.

¹³⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 39.

¹⁴⁰ Freud, S. “Esquema del psicoanálisis” In *Obras completas volumen 23*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 201.

¹⁴¹ Whitebook, Joel. “The Urgeschichte of Subjectivity Reconsidered”. *New German Critique*, n. 81, 2000, p. 4.

o conhecimento aparece, portanto, vinculado à angústia e à defesa contra o perigo: “o pensar, com o seu uso da linguagem conceitual, é orientado [*geared*] para identificar, controlar e organizar um ambiente hostil e potencialmente perigoso. Pensar, e, portanto, libertar-se da natureza, é identificar e reduzir a complexidade.”¹⁴² Nesse âmbito, o conhecimento não seria considerado neutro em termos pulsionais, de forma que o desejo de segurança aparece como o motivo de desenvolvimento racional. Contudo, isso não quer dizer que a racionalidade humana seja inválida enquanto pensamento e reflexão, mas que é importante conceber que uma razão “desinteressada”, ou seja, livre de influências pulsionais ligadas à satisfação e ao prazer, não é possível na teoria freudiana mobilizada em DdA.

Entretanto, se “o pensamento só tem poder sobre a realidade pela distância”¹⁴³, como a racionalidade tenta dominar a realidade externa ao eu? Considerando o abismo existente entre as realidades externa e interna, o eu projeta seus conteúdos no exterior, conteúdos estes que irão compor, juntamente aos dados recepcionados do exterior. Assim, a formação do conhecimento racional subsume os elementos gerais do ambiente externo, como os objetos e outros sujeitos, a uma identificação consigo, praticando uma projeção do eu sobre o mundo. O intuito seria, com isso, estabelecer “um campo mínimo de previsibilidade na relação com a natureza (bastante útil, por exemplo, em termos de ataque e defesa). Temos aí um processo de retroalimentação que não pode prescindir do retorno projetivo do sujeito em relação ao objeto, recriando-o, inclusive.”¹⁴⁴

Considerando tal estrutura da cognição humana, entendemos que projetar conteúdos subjetivos na exterioridade não denota necessariamente uma patologia: “toda percepção contém um momento projetivo. Mas uma projeção saudável preserva a tensão entre sujeito e objeto.”¹⁴⁵ Para tanto, a certificação do que se encontra na realidade exterior ocorre por meio do exame de realidade¹⁴⁶, uma vez que este mecanismo

¹⁴² Hammer, Espen. *Adorno and the political*. New York: Routledge, 2006, pp. 45-6.

¹⁴³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 63.

¹⁴⁴ Souza e Birman. “Ética e estética da alteridade em Horkheimer, Adorno e Freud: comentários a partir de ‘Elementos do Anti-semitismo’ e ‘O Inquietante’,” *Psicologia & Sociedade* 26(2), (2014), p. 254.

¹⁴⁵ Jay, Martin. “The Jews and the Frankfurt School: Critical Theory's Analysis of Anti-Semitism,” *New German Critique* 19, 1980, p. 147.

¹⁴⁶ De forma mais precisa, Simanke nos alerta: “mais que encontrar um objeto similar ao representado, o exame de realidade busca reencontrá-lo, convencer-se, diz Freud, de que ele ainda está ali. Mesmo que a representação tenha uma origem, em última instância exterior, esta fica, para sempre, inapreensível” (Simanke, Richard. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 176).

manteria afastado do conjunto das percepções o que é considerado acréscimo de produções internas. Na perspectiva de Horkheimer e Adorno:

Na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la. Aprendendo a distinguir, compelido por motivos econômicos [*unter ökonomischem Zwang*], entre pensamentos e sentimentos próprios e alheios, surge a distinção do exterior e do interior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral.¹⁴⁷

É justamente a falha nesta prova de realidade que caracteriza a antropologia descrita em DdA, a mesma que será descrita como preconceituosa nos “Elementos de antissemitismo” e em TAP.

. A alteridade como objeto manipulável pulsionalmente

Se, como vimos, a cognição percebe elementos provenientes da projeção subjetiva, questionamos, então, o que vem a ser a concepção de objeto na teoria freudiana mobilizada em DdA – algo que faremos apenas de forma introdutória aqui, retornando ao tema de modo mais profundo em nosso último capítulo. Pensemos inicialmente que em Freud a pulsão tem, entre seus elementos, o objeto, quer dizer, “aquele com o qual ou pelo qual o instinto [*Trieb*] pode alcançar a sua meta”¹⁴⁸ de satisfação, objeto este encontrado em geral na exterioridade, podendo ser um outro sujeito. A exemplificação deste processo pode ser encontrada, entre outros, no *Projeto para uma psicologia científica*, obra freudiana onde vemos a constituição de um objeto pulsional que sacia as necessidades do bebê.

Contudo, digamos que a constituição de tal objeto não para por aí. O *Projeto* parece nos sugerir que seria pelo desejo saciado por uma outra pessoa que o conhecimento da objetividade poderia ocorrer. Vinculando, então, cognição e satisfação, vemos que a objetividade seria inicialmente confundida com a “objetividade”, isto é, com a alteridade como objeto de desejo da pulsão sexual. Deste modo, as fronteiras entre um objeto pulsional e um objeto da percepção perderiam sua

¹⁴⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 155.

¹⁴⁸ Freud, S. “Os instintos e seus destinos” In *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 58.

nitidez: no processo regular de desenvolvimento do ser humano surge inicialmente o desejo pelo outro, do qual passa-se para o seu conhecimento e, deste, para o conhecimento da objetividade em geral. Ou seja, “Freud acaba por passar da análise das relações objetais (...) aos elementos de análise das características do conhecimento objetivo.”¹⁴⁹ Vejamos que Freud concebe a experiência do desamparo (*Hilflosigkeit*), situação em que o ser humano, em sua fase de lactente, encontra-se radicalmente desprovido de ajuda (*hilflos*), dependendo da interferência da ajuda de uma outra pessoa (*Hilfe*) para sobreviver:

O organismo humano, nesses estágios precoces [*zunächst*], é incapaz de provocar esta ação específica que só pode ser realizada com uma ajuda exterior [*fremde Hilfe*] e no momento em que a atenção de um indivíduo experimentado [*erfahren Individuum*] se lança sobre o estado da criança. (...) Quando o indivíduo amparador [*hilfreiche Individuum*] realizou o trabalho da ação específica no mundo exterior para o indivíduo em desamparo, este é capaz, por dispositivos reflexos, de realizar sem sofrimento o trabalho necessário para a suspensão da estimulação endógena no interior de seu corpo. O conjunto desse processo representa então um acontecimento de satisfação que tem as consequências mais marcantes para o desenvolvimento funcional do indivíduo.¹⁵⁰

Dentre outras coisas, podemos desde já notar que esta ocasião é a primeira situação em que o lactente, estando em desamparo, percebe a alteridade que o ajuda como um objeto exterior que sacia suas necessidades. A presença deste ser humano próximo (*Nebenmensch*) ao bebê é, então, relacionada a uma experiência primeira de satisfação por parte do lactente e se torna uma percepção durável, memorizada. Ou seja, a formulação dessa primeira experiência de satisfação (*Befriedigungserlebnis*) do lactente em sua interação com o ser humano experimentado seria a base da chamada *wiederzufinden*, isto é, procura repetida pelo objeto de desejo, de modo que representaria “a matriz dos conceitos fundamentais de prazer, desejo e alucinação.”¹⁵¹

No entanto, o que mais nos interessa aqui é que tal relação inaugural com a alteridade traz consequências não só para a noção de desejo, mas também para o domínio cognitivo do bebê. Segundo Freud, a percepção promovida pelo lactente de um indivíduo fora de si se torna o ensejo para o conhecimento de si mesmo, como uma comparação entre as características da pessoa ao lado e o seu corpo próprio:

¹⁴⁹ David-Ménard, Monique. *La folie dans la raison pure – Kant lecteur de Swedenborg*. Paris: Librairie J. Vrin, 1990, p. 142.

¹⁵⁰ Freud, S. *Esquisse d'une psychologie*. Toulouse: Éditions Érès, 2011, p. 59.

¹⁵¹ Balestrière. *Freud et la question des origines*. Belgique: De Boeck, 2008, p. 47.

Supomos que o objeto que fornece a percepção seja semelhante ao sujeito [*sei dem Subjekt ähnlich*], seja uma pessoa ao seu lado [*ein Nebenmensch*]. (...) É a partir da pessoa ao seu lado, portanto, que o homem aprende a se reconhecer. Então os complexos de percepção que partem dessa pessoa ao lado serão em parte novos e incomparáveis, por exemplo, seus traços no domínio visual; outras percepções visuais, por exemplo aquelas de seus movimentos da mão, coincidirão no sujeito com a lembrança de suas próprias impressões visuais, bastante semelhantes [*ganz ähnlicher*], provenientes de seu próprio corpo, e com as quais se acham em associação as lembranças de movimentos vividos por ele mesmo. Ainda outras percepções do objeto, por exemplo enquanto ele grita, lembram seu próprio gritar, e, de uma só vez, os acontecimentos de dor que lhe são próprios.¹⁵²

Deste modo, a situação do desamparo, que evidencia a fragilidade e impotência do lactente em relação a seu próprio corpo e ao saciamento de suas necessidades básicas, será o momento em que não somente é vivenciado um sentimento de satisfação, como é também construído um objeto de desejo, objeto conhecido no exterior que permitiria, por comparação, a percepção de traços de si mesmo. Tais conquistas são possíveis dado o primeiro momento de comunicabilidade em que o bebê se faz compreender (*Verständigung*) por meio da recepção, interpretação e resposta do ser humano ao seu lado a seus gestos e gritos: de uma situação em que estava completamente isolado, o bebê se encontra, com isso, inserido socialmente pelo sentido dado às suas manifestações, sentido este fornecido segundo conteúdos culturalmente determinados do ser humano ao lado do bebê como indivíduo experimentado – conteúdos que se compõem por meio de dispositivos gerais de trajetórias, normas e valores sociais que envolvem ambos, bebê seu humano próximo.

Esta ideia segundo a qual o desenvolvimento do conhecimento humano aparece essencialmente relacionado à satisfação nos leva a pensar em várias consequências para a utilização da teoria freudiana em DdA. Havendo vinculação do objeto exterior à plasticidade das pulsões, dizemos que o posicionamento do sujeito que deseja diante da alteridade pode se modificar segundo as possibilidades de satisfação pulsional. Dentre elas, podemos notar como o par de conversão amor-ódio pode operar como projeção de sentimentos subjetivos na exterioridade:

Quando o objeto se torna fonte de sensações prazerosas, produz-se uma tendência motora que busca aproximá-lo do eu, incorporá-lo ao eu; fala-se então da “atração” que o objeto dispensador de prazer exerce, e diz-se que se “ama” o objeto. Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, há uma tendência que se esforça por aumentar a distância

¹⁵² Freud, S. *Esquisse d'une psychologie*. Toulouse: Éditions Érès, 2011, p. 85.

entre ele e o eu, repetir a original tentativa de fuga face ao mundo externo emissor de estímulos. Sentimos a “repulsão” do objeto e o odiamos; esse ódio pode então se exacerbar em propensão a agredir o objeto, em intenção de aniquilá-lo.¹⁵³

Com isso, mostramos como a alteridade concebida como objeto não é somente utilizada como meio para a obtenção da satisfação, mas também como um anteparo possível para a descarga de impulsos agressivos.

Ao mobilizar a denominação freudiana da relação intersubjetiva, fruto de movimentações pulsionais que procuram a satisfação mediante a alteridade entendida como objeto pulsional, Horkheimer e Adorno igualam a alteridade-objeto à totalidade do ambiente externo que será dominado pela racionalidade do eu para fins de autoconservação. É estabelecida, então, uma ligação estreita entre a defesa contra o perigo proveniente do ambiente externo praticada pelo eu e a relação com a alteridade como objeto: “Para lutar contra a auto-destruição, as pulsões inventam o objeto, o exterior, o outro, este último [que] foi colocado como o alvo de um movimento de agressão, ou a origem de uma ameaça.”¹⁵⁴

Por mais que, para Freud, a alteridade não seja resumida somente a um suporte de projeções subjetivas, o que nos interessa aqui é mostrar como, sendo possível manejar o outro sujeito como objeto, torna-se igualmente possível uma substituição de alteridades como meros suportes de projeção subjetiva. Lembremos como “o *objeto* é (...) o que mais varia na pulsão [*Trieb*], não estando originalmente ligado a ele, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação.”¹⁵⁵ Assim, uma vez que o objeto não está presente desde a origem da pulsão (não havendo uma pulsão destinada a cada objeto exclusivamente), na trajetória de vida humana o que são substituídas são as figuras objetais que devem saciar as necessidades pulsionais que lhes são dirigidas, ou seja, as pessoas para as quais dirigimos nossos desejos.¹⁵⁶ Nesse sentido, Freud emprega o termo clichê para designar as relações com as alteridades-

¹⁵³ Freud, S. “Os instintos e seus destinos” In *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 76.

¹⁵⁴ David-Ménard, Monique. “Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de *Trieb*?” *Revue germanique internationale*: § 30, accessed July 29, 2011, <http://rgi.revues.org/924>.

¹⁵⁵ Freud, S. “Os instintos e seus destinos” In *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 58. Tradução modificada.

¹⁵⁶ Consideremos, contudo, que a substituição dos objetos não é feita sem uma certa linearidade. Nesse sentido, é a noção de imago que permite a referência de desejos a determinados objetos que são associados entre si por algum traço específico, traço este que exerce a função de prolongar os laços sexuais dos primórdios da infância em direção à vida adulta. Freud define as imagos como as primeiras relações objetais que exercem a função de modelo do objeto pulsional para toda a vida do indivíduo.

objeto, como respostas e reações específicas de cada sujeito que foram moldadas pelas suas condições de formação psíquica e socialização, como estereótipos próprios da personalidade que se repetem:

Notemos bem que todo ser humano (...) adquiriu uma especificidade determinada em sua maneira de praticar sua vida amorosa, isto é, nas condições de amor que ele impõe, nas pulsões que ele satisfaz, e nos objetivos que ele se fixa. Isso produz por assim dizer um clichê (ou mesmo vários), que é repetido regularmente no curso da vida, de novo imprimido, na medida em que as circunstâncias externas e a natureza dos objetos de amor acessíveis o permitem, clichê que certamente não é também totalmente sem modificação possível em função de impressões recentes.¹⁵⁷

Nesse sentido, o eu pratica a projeção e manipulação da alteridade como objeto para evitar conflitos tanto no interior da psique quanto com a realidade. Nas palavras de Horkheimer e Adorno: “O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração. Tudo, inclusive o ser humano, para não falar do animal, converte-se em um processo reiterável e substituível [*wiederholbaren, ersetzbaren*], mero exemplo para os modelos conceituais de sistema.”¹⁵⁸

Entendemos como o conhecido e o desconhecido são construídos conforme destinos da vida pulsional, isto é, conforme a segurança a defesa contra um perigo potencial, o que configura a estruturação de um antagonismo angustiante entre o eu e o outro, o ser humano e a natureza. Assim, “os esforços do eu para dominar a natureza assustadora efetivamente aumentam o antagonismo entre os dois.”¹⁵⁹ De acordo com este pensamento, para os autores de DdA, toda exterioridade seria concebida de forma equivalente, como uma fonte potencial homogênea de perigo, de modo que, ao recorrer à projeção como defesa, as determinações dos objetos já estariam decididas de antemão. Por isso, se para Freud não configura ponto central debater do que a “realidade externa” seria constituída para além dos interesses subjetivos da “realidade interna”, em Horkheimer e Adorno vemos a facilidade com que estes utilizam uma mesma denominação de “natureza externa” para tratar indistintamente qualquer elemento que a compõe, desde objetos gerais do ambiente a outros seres humanos. O que encontramos é somente uma identidade de coisas enquanto objetos a serem dominados por projeções para fins de segurança contra a angústia, além de outros que compõem o desconhecido e

¹⁵⁷ Freud, S. “Sur la dynamique du transfert,” In *La technique psychanalytique*. Paris: Quadrige - PUF, 2007, pp. 59-60.

¹⁵⁸ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 73.

¹⁵⁹ Jessica Benjamin, “The end of internalization: Adorno’s social psychology” *Telos*, 32, 1977, p. 46.

a não identidade e que devem ser aniquilados: “toda a força da natureza se reduziu a uma simples e indiferenciada resistência ao poder abstrato do sujeito.”¹⁶⁰ Ou ainda, de forma mais completa:

É só enquanto tal imagem e semelhança que o homem alcança a identidade do eu que não pode se perder na identificação com o outro, mas toma definitivamente posse de si como máscara impenetrável. É à identidade do espírito e a seu correlato, à unidade da natureza, que sucumbem as múltiplas qualidades. A natureza desqualificada torna-se a matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo-poderoso torna-se o mero ter, a identidade abstrata.¹⁶¹

Tal identidade generalizada no processo de conhecimento do sujeito esclarecido seria a base mesma do componente mítico do Esclarecimento. Expliquemos: no contexto da antropologia exposta em DdA, Horkheimer e Adorno traçam um paralelo entre as pulsões descritas por Freud e o mito, ambos opostos à autoconservação. Se, para a racionalidade do eu, as pulsões enquanto forças naturais devem ser dominadas, para o esclarecimento, o mito deve ser combatido:

O horror [*Grauen*] mítico do esclarecimento tem por objeto o mito. Ele não o descobre meramente em conceitos e palavras não aclarados, como presume a crítica da linguagem, mas em toda manifestação humana que não se situe no quadro teleológico da autoconservação. (...) O eu que, após o extermínio metódico de todos os vestígios naturais como algo de mitológico, não queria mais ser nem corpo, nem sangue, nem alma e nem mesmo um eu natural, constituiu, sublimado num sujeito transcendental ou lógico, o ponto de referência da razão, a instância legisladora da ação.¹⁶²

Vemos em operação a organização de diversos elementos sob o signo de “mitológico” como referência a tudo o que é considerado “natural”, como o corpo, suas pulsões e desejos.

O contexto da dominação do esclarecimento sobre o mito se apresenta dialeticamente: “o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia”¹⁶³, pois o conteúdo que o esclarecimento combate provém dos mitos, ao

¹⁶⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 77.

¹⁶¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 22.

¹⁶² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 36.

¹⁶³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 15.

passo que o próprio esclarecimento, “paralisado pelo temor da verdade”¹⁶⁴, acaba por se comportar como uma crença repetitiva, transformando-se em um mito. É justamente o bloqueio do novo – que poderia vir junto com a aceitação da não identidade – que leva à repetição do mesmo, o sujeito esclarecido encontrando sempre o reflexo do próprio eu em todo lugar. Nesta repetição de si mesmo como lei da autoconservação, o esclarecimento mostra o que ainda tem de mítico: “o princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito.”¹⁶⁵

. Ulisses como modelo antropológico

A figura de Ulisses em DdA é apresentada para nós como o primeiro modelo prototípico de uma antropologia que pratica o sacrifício das pulsões em nome da autoconservação contra a angústia de um perigo iminente. Antes de começarmos nossa análise sobre Ulisses, contudo, queremos frisar como ele teria substituído Édipo como figura exemplar da análise do esclarecimento, enfatizando o aspecto antropológico da análise de Horkheimer e Adorno. Pensemos que Édipo e Ulisses têm em comum a cegueira ou surdez para escutar a natureza, tentativas de afastamento de uma fase mítica, resultado do esforço humano para controlar ele mesmo o seu próprio destino. Contudo, a escolha de Ulisses não ocorreu somente para enfatizar uma análise mais antropológica do que psicológica do ser humano; mas também porque o tema da construção do eu e da alteridade, ponto alto na análise da dominação da identidade sobre a não identidade, não seria uma problemática vivida exatamente na fase edípica do desenvolvimento individual, mas precisamente em uma fase pré-edípica tipicamente perversa¹⁶⁶:

o capítulo sobre Ulisses (...), como sabemos agora, foi redigido pelo músico e musicólogo residente do Instituto, Adorno. (...) A escolha do Ulisses ao invés do Édipo não foi simplesmente uma escolha da antropologia filosófica sobre a psicanálise por parte de Horkheimer e Adorno. Pois os próprios temas de Ulisses – entendidos em termos de separação e reunião, perda e reencontro,

¹⁶⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 13.

¹⁶⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 23.

¹⁶⁶ Perversão característica que devemos manter em mente para a nossa análise feita no capítulo 8 desta tese.

aventurança e retorno à casa – são, de fato, temas centrais do desenvolvimento pré-edípico.¹⁶⁷

Considerando esta importante ideia, já podemos antever como a questão antropológica da dominação esclarecida pode ser vista não somente como um problema na relação entre sujeitos já constituídos – como o seria a triangulação edípica –, mas, ao contrário, situa-se na raiz mesmo da formação das noções de identidade e alteridade que condicionam qualquer relação intersubjetiva. Considerado sob tal ponto de vista, o preconceito – sendo a projeção do que é negado no sujeito sobre a alteridade instrumentalizada como mero objeto pulsional de satisfação e fuga da angústia, – teria a sua gênese localizada na própria constituição do ser humano. Como diz Adorno em *Minima Moralia* relacionando infância, antropologia e preconceito:

A frase do Novo Testamento – “Quem não é por mim é contra mim” – foi desde sempre pronunciada no coração do antissemitismo. A nota fundamental da dominação consiste em remeter para o campo inimigo todo aquele que, por questão de simples diferença, não se identifica com ela: (...). Carl Schmitt definiu justamente a essência do político por meio das categorias do amigo e do inimigo. A progressão para tal consciência implica a regressão para a conduta da criança que ou se sente bem ou sente medo. A redução *a priori* à relação amigo - inimigo é um dos fenômenos primordiais da nova antropologia.¹⁶⁸

Nesse sentido, queremos sugerir, juntamente com os autores de DdA, que Ulisses, sendo o exemplo maior da antropologia da dialética entre o mito e o esclarecimento, seria o primeiro passo dado na antropologia histórica delineada no livro em direção à compreensão do preconceito antissemita que avaliaremos a seguir.

O paralelo que pretendemos construir com nossa abordagem sobre o Ulisses será feito mediante comparação com a fase da “pré-história individual” – antes do complexo de Édipo, como nomeia Freud –, etapa de desenvolvimento do ser humano anterior à constituição da personalidade de modo mais completo, momento em que o eu, ainda em desenvolvimento, luta para se estabelecer enquanto mediador entre o isso e a realidade externa. Período em que a consciência do eu e as pulsões do isso encontram-se em embate mais direto, conflito interno que se inicia com a “proto-história da humanidade” simbolizada por Ulisses e prossegue, como veremos, por toda a trajetória da civilização.

¹⁶⁷ Whitebook, Joel. “The Urgeschichte of Subjectivity Reconsidered”. *New German Critique*, n. 81, 2000, pp. 2-3.

¹⁶⁸ Adorno, Theodor W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada* – Edições 70: Lisboa, 1992, p. 123.

É por meio das aventuras em sua travessia que Ulisses, enquanto consciência civilizada ou instância egoica, vai se formando. A superioridade de Ulisses ao vencer, mediante astúcias e artimanhas racionais, as forças míticas e irracionais mostra a emancipação e consequente consolidação do eu que pode, então, manipular a natureza:

A oposição do eu sobrevivente [*überlebenden Ich*] às múltiplas peripécias do destino exprime a oposição do esclarecimento ao mito. A viagem errante de Tróia a Ítaca é o caminho percorrido através dos mitos por um eu fisicamente muito fraco em face das forças da natureza e que só vem a se formar na consciência de si.¹⁶⁹

A trajetória de Ulisses aparece como o símbolo da oposição do esclarecimento e do mito em sua fase inicial, o herói sendo uma figura de transição ainda muito próxima das personagens míticas simbolizadas nos episódios pelos quais Ulisses passa. Essa proximidade com a fase mítica da qual o herói procura se desfazer pode ser reconhecida, por exemplo, no seu encontro com o ciclope: para ludibriar Polifemo, Ulisses se autodenomina Ninguém (*Oudeis*). A astúcia está justamente na proximidade com o nome do herói: “Para ouvidos modernos, Odysseus e Oudeis ainda têm um som semelhante, e é fácil imaginar que, em um dos dialetos em que se transmitiu a história do retorno a Ítaca, o nome do rei desta ilha era de fato um homófono do nome de Ninguém.”¹⁷⁰ No entanto, Ulisses, em seu processo de individuação do eu,

não pode agir de outro modo: ao fugir, ainda ao alcance das pedras arremessadas pelo gigante, não se contenta em zombar dele, mas revela seu verdadeiro nome e sua origem, como se o mundo primitivo, ao qual sempre acaba por escapar, ainda tivesse sobre ele um tal poder que, por ter se chamado de Ninguém, devesse temer voltar a ser Ninguém, se não restaurasse sua própria identidade graças à palavra mágica, que a identidade racional acabara de substituir.¹⁷¹

Nesse contexto, é possível ainda fazer mais um paralelo com Freud. Para tanto, concentremo-nos em outro episódio da *Odisseia* analisado em DdA: lembremos que, na trajetória de encontro com as sereias, Ulisses pede para ser amarrado no barco para

¹⁶⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 49.

¹⁷⁰ Gagnebin, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. Editora 34: São Paulo, 2006, p. 32. É importante lembrarmos que a autora, Gagnebin, na passagem aqui citada, apenas comenta a associação produzida por Horkheimer e Adorno entre os termos “Odisseu” e “ninguém”, algo que, logo em seguida em seu livro, é criticado por ela.

¹⁷¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 63.

poder desfrutar do canto das mesmas, mas sem se aproximar delas. É tal renúncia aos desejos que mantém Ulisses vivo:

Ele escuta, mas amarrado impotente ao mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar, exatamente como, muito depois, os burgueses, que recusavam a si mesmos a felicidade com tanto maior obstinação quanto mais acessível ela se tornava com o aumento de seu poderio. (...) Sua sedução transforma-se, neutralizada num mero objeto da contemplação, em arte.¹⁷²

Tal formação pela renúncia ocorre por meio da astúcia (*List*) de Ulisses: o astucioso “jamais pode ter o todo; tem sempre de saber esperar, ter paciência, renunciar”¹⁷³. A astúcia descrita “incluía um sacrifício do eu (*Selbst*), porque seu preço era a negação (*Verleugnung*) da natureza no homem, em vista da dominação sobre a natureza extra-humana e sobre os outros homens”¹⁷⁴. No entanto, ao imobilizar a realização da satisfação, o eu se vê fechado em “um ritual sacrificial duro, petrificado, que o homem se celebra para si mesmo opondo sua consciência (*Bewusstsein*) ao contexto da natureza.”¹⁷⁵

Ora, é justamente tal astúcia que é descrita pela metapsicologia freudiana, especificamente na substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade. Freud define as movimentações pulsionais conforme o princípio de constância, isto é, de acordo com a tendência autorreguladora pulsional que visa manter os níveis de excitação psíquica os mais baixos e constantes possíveis. Caso tais níveis estejam altos, causando sensação de desprazer, entra em ação o princípio do prazer, procurando por uma satisfação imediata, saciação que provocará a diminuição do nível de excitação e, com isso, a fuga do desprazer e a geração de prazer. Entretanto, conforme já explicitamos anteriormente, a procura cega pelo prazer sem consideração da realidade pode levar a prováveis fracassos. Desse modo, o eu modificará o princípio do prazer, promovendo a satisfação segura das pulsões, sem dano ou perigo. Para tanto, o eu inibe a realização imediata dos desejos pelo adiamento da satisfação, modificação de meta ou repressão de pulsões conforme às condições impostas pelo mundo exterior. A

¹⁷² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, pp. 39-40.

¹⁷³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 55.

¹⁷⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 53.

¹⁷⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 53.

substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, entretanto, não passa de uma modificação de meios e não de finalidade, já que a busca pelo prazer continua em vigor:

Assim como o eu-de-prazer não pode senão *desejar*, trabalhar pela obtenção de prazer e evitar o desprazer, o eu-realidade necessita apenas buscar o que é útil e proteger-se dos danos. Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois.¹⁷⁶

Como Ulisses, em sua própria defesa, o sujeito freudiano faz o autosacrifício, isto é, a renúncia da satisfação imediata e plena pela astúcia da satisfação segura. Aproximando-se de um comportamento cínico e fetichista do autoritário de TAP, como veremos em nosso último capítulo, “Ulisses encontrou uma cláusula de escape no contrato que lhe permitiu cumpri-lo ao mesmo tempo em que se esquivava dele”¹⁷⁷ O resultado desta astúcia será, então, a formação do eu, tratada como “fraude” que compõe a “fisionomia” do “caráter” – que analisaremos no capítulo 6 – do tipo antropológico aqui analisado:

A transformação do sacrifício [*Opfers*] em subjetividade tem lugar sob o signo daquela astúcia que sempre teve uma parte no sacrifício. Na inverdade da astúcia, a fraude presente no sacrifício torna-se um elemento do caráter, uma mutilação do herói astuto arrojado pelo mar e cuja fisionomia está marcada pelos golpes que desferiu contra si mesmo a fim de se autoconservar.¹⁷⁸

Ao aproximar-se do mito por oposição, o eu paga o preço da fixidez de suas respostas pulsionais em nome da segurança, controlando a plasticidade da vida humana. Mediante tal controle da natureza interna e externa pretensamente ameaçadoras, a astúcia da renúncia se converte em seu oposto não somente porque o sacrifício seria uma sobrevivência da irracionalidade mítica no esclarecimento, mas também porque ocorreria um excesso de repressão do eu sobre as pulsões e desejos. O objetivo do prazer seguro se perde e é substituído, finalmente, pelo prazer da dominação em si.

¹⁷⁶ Freud, S. “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 116-7.

¹⁷⁷ Whitebook, Joel. *Perversion and utopia – a study in psychoanalysis and Critical Theory* – The MIT Press: Massachusetts, 1996, p. 147.

¹⁷⁸ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 54.

Mediante tal inversão, justamente aquilo que deveria ser preservado, a saber, a própria subjetividade e o prazer seguro, torna-se objeto do sacrifício. Como destacam de forma mais completa Horkheimer e Adorno:

No instante em que o homem elide à consciência de si mesmo como natureza, todos os fins para os quais ele se mantém vivo – o progresso social, o aumento de suas forças materiais e espirituais, até mesmo a própria consciência – tornam-se nulos, e a entronização [*Inthronisierung*] do meio como fim, que assume no capitalismo tardio o caráter de um manifesto desvario, já é perceptível na proto-história da subjetividade. O domínio do homem sobre si mesmo, em que se funda o seu ser, é sempre a destruição virtual do sujeito ao serviço do qual ele ocorre; pois a substância dominada, oprimida [*unterdrückte*] e dissolvida pela autoconservação, nada mais é senão o ser vivo, cujas funções configuram, elas tão somente, as atividades da autoconservação, por conseguinte exatamente aquilo que na verdade devia ser conservado.¹⁷⁹

Considerando que a palavra alemã *Opfer* designa em alemão tanto “sacrifício” quanto “vítima”, o sujeito do esclarecimento, justamente por ser dominador, transforma a si mesmo na vítima da dominação, conclusão esta que terá consequências para a noção de antissemitismo, como veremos logo a seguir:

Todos esses sacrifícios supérfluos são necessários: contra o sacrifício. Uma vítima de um desses sacrifícios é o próprio Ulisses, o eu que está sempre a se refrear e assim deixa escapar a vida que salvou e que só recorda como uma viagem de erros. No entanto, ele é ao mesmo tempo uma vítima que se sacrifica pela abolição do sacrifício.¹⁸⁰

. A idiossincrasia como retorno do recalcado mimético no antissemitismo

O trabalho de delimitação de uma antropologia de base freudiana empreendido ao longo de nosso capítulo é de suma importância para a noção de antissemitismo presente em DdA – principalmente em “Elementos de antissemitismo”, bem como para a compreensão da concepção de preconceito em geral realizada em TAP. Como lemos em uma carta de Horkheimer a Pollock de 1943:

a Odisséia [sic] é o primeiro documento sobre a antropologia do homem no sentido moderno, isto é, no sentido de um ser racional e esclarecido. O que esse estudo vai nos ensinar terá, portanto, um certo valor para o projeto [do antissemitismo], já que a idéia [sic] de sacrifício ritual que Ulisses tenta

¹⁷⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, pp. 53-4.

¹⁸⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 54.

superar desempenhará, provavelmente, um papel essencial na psicologia do antissemitismo.¹⁸¹

Mais precisamente, um conceito importante faz a ponte entre os temas do Ulisses e do antissemitismo em DdA: a mimese, concepção utilizada por Horkheimer e Adorno de formas múltiplas e que é considerado chave para a explicação de temas estéticos na obra adorniana. Queremos deixar claro, desde agora, que a mimese será retratada aqui não de forma exaustiva¹⁸², mas em alguns de seus diversos aspectos: mimese como a racionalidade mítica a ser rejeitada pelo esclarecimento, o que leva à fixidez da racionalidade esclarecida e ao retorno da mimese como a mimese do morto; por fim, o debate da “mimese da mimese” ou mimese como falsa projeção desenvolvida pelo antissemita.

No paralelo que estamos continuamente traçando entre a ontogênese e a filogênese, a mimese infantil, como imitação da alteridade no desenvolvimento e constituição de si mesmo, seria um dos fenômenos primordiais na aprendizagem da criança, principalmente na fase pré-edípica explicitada pela teoria freudiana à qual Horkheimer e Adorno recorrem. No entanto, na medida em que cresce, a criança é incentivada a abandonar a imitação a favor da racionalidade. De modo similar, na fase mítica da civilização, a relação dos seres humanos com a natureza teria sido marcada pela característica mimética, isto é, pela “adaptação orgânica ao outro”¹⁸³. O esclarecimento, momento da dominação oposta à mimese originária, tratou não só de substituí-la pela racionalidade instrumental, como trabalha continuamente para evitar que o ser humano tenha “recaídas em modos de vida miméticos”¹⁸⁴, quer dizer, que ele se volte ao prazer ligado ao abandono de si no ambiente como modo de satisfação pulsional, antes desta ser controlada pela fixidez do eu:

Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou. É através de sua constituição que se realiza a passagem da mimese refletora para a reflexão controlada. A assimilação física da natureza é substituída pela “reconhecimento no conceito”, a compreensão do diverso sob o mesmo, o idêntico.¹⁸⁵

¹⁸¹ Horkheimer *apud* Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 354.

¹⁸² O conceito de mimese voltará a ser tematizado em nosso último capítulo da tese.

¹⁸³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 149.

¹⁸⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 149.

¹⁸⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 149.

Tal fixidez do eu, que age dominando a alteridade sob o signo da unidade subjetiva, encontra novamente na passagem de Ulisses pelas sereias a sua figura emblemática: atado e sem conseguir se movimentar, o herói representa justamente a negação do próprio corpo ágil, substituindo-lhe por um corpo inerte, paralisado, que faz a mimese do morto. Da mesma forma como o mito foi substituído pelo esclarecimento, mas este acabou retornando ao mito pela cíclica repetição do mesmo, podemos também dizer que a mimese, substituída pela racionalidade, também acabou retornando como mimese petrificada do morto. Seguindo tal pensamento, é possível dizer que a racionalidade esclarecida não se opõe completamente à mimese, mas representa “a imposição sem contestações da ‘mimese de morte’ por sobre a ‘mimese de vida’.”¹⁸⁶ Nas palavras de Horkheimer e Adorno:

A *ratio*, que recalca [*verdrängt*] a mimese, não é simplesmente seu contrário. Ela própria é mimese: a mimese do que está morto. O espírito subjetivo que exclui a alma da natureza só domina essa natureza privada da alma imitando sua rigidez e excluindo-se a si mesmo como animista. A imitação se põe ao serviço da dominação na medida em que até o homem se transforma num antropomorfismo para o homem. O esquema da astúcia ulissiana é a dominação da natureza mediante essa assimilação.¹⁸⁷

Considerando o exposto, os autores dão mais um passo na explicitação do conceito de mimese: se a mimese é o movimento de aproximação com a natureza em que o sujeito imita, assimila o outro, mesmo que este outro seja algo morto, fazer o outro parecer consigo, seria, por sua vez, a mimese da mimese, reverso da mimese genuína, ou ainda, falsa projeção:

Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se o familiar [*das Fremde zum Vertrauten*], a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Nobre, Marcos Nobre e Marin, Inara Luisa. “Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento”. *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº 20, jul.-dez. 2012, pp. 101-122, p. 119.

¹⁸⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 55.

¹⁸⁸ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 154. É de se notar nesta citação o jogo de aproximação entre o estranho e o familiar que representa o *Unheimlich* freudiano – a ser tratado no capítulo 8.

Para analisarmos melhor a noção de falsa projeção, lembremos, conforme já exposto, que para Freud e para os autores de DdA, em um certo sentido, conhecer é projetar. Contudo, a projeção difere da sua versão falsa pela falta de diferenciação do que constituem elementos provenientes de si mesmo e da realidade externa. Na versão da projeção considerada sadia, aprende-se, por comparação, verificação e pelo “exame de realidade” a se questionar e, por fim, distinguir, ao menos de forma geral, o interior do exterior.

o patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar.¹⁸⁹

A falsa projeção é marca primordial da paranoia. Nesse contexto, por mais que a reflexão sobre a patologia do preconceituoso e sua aproximação e distanciamento com o modelo paranoico de organização psíquica e pulsional seja um dos temas de nosso oitavo capítulo, ao menos aqui podemos fazer uma distinção mínima entre o sujeito neurótico e o paranoico. Assim, compreenderemos porque Horkheimer e Adorno aproximam tanto o antissemitismo à paranoia – ao menos em DdA. Enquanto o neurótico não consegue realizar plenamente seus anseios narcísicos, o paranoico, por sua vez, faz do narcisismo a sua principal característica. Freud se refere ao narcisismo muitas vezes em sua obra e o sentido que dá a essa concepção depende dos diferentes avanços conceituais feitos ao longo de sua trajetória teórica. De forma geral, podemos dizer que narcisismo é a situação em que o eu toma a si mesmo como objeto da pulsão sexual. Assim, designa um tipo de meio unívoco de existência pulsional no qual, tal como uma ameba, o eu absorveria os elementos diferentes de si no interior de si mesmo, criando um espaço homogêneo de existência exclusivamente subjetiva. Com o narcísico, o eu “incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo.”¹⁹⁰ O paranoico, por conseguinte, seria narcísico exatamente por negar no interior da sua estrutura psíquica uma diferença fundamental – que, para Freud, é a diferença entre os sexos, verdadeira criação de uma

¹⁸⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 156.

¹⁹⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 156.

internalidade unívoca –, projetando esta recusa na exterioridade e conseguindo, com isso, um ambiente sem oposições ou rupturas. Como um tipo de falsa cura contra a situação neurótica de cisão interna, a estrutura narcísica do paranoico envolve, então, a anulação de todos os elementos negativos que levam à diferença interior, além da projeção desta negação na alteridade, o que promove um abismo delirante de conflito, desconfiança, ameaça e perseguição entre o paranoico e o outro. Como lemos em DdA:

Segundo a teoria psicanalítica, a projeção patológica consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito. Sob a pressão do supereu, o eu projeta no mundo exterior, como intenções más, os impulsos agressivos [*Aggressionsgelüste*] que provêm do isso e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça para ele próprio. Deste modo, consegue livrar-se deles como uma reação a esse mundo exterior, seja imaginariamente pela identificação com o pretenso vilão, seja na realidade sob o pretexto de uma legítima defesa.¹⁹¹

Essa hipostasiação do sujeito paranoico, como falta da limitação da racionalidade falsamente projetiva do eu, é considerada em DdA principalmente pela via da crítica da percepção e do conhecimento. Se, para Horkheimer e Adorno, “a paranoia é a sombra do conhecimento”¹⁹² é porque, pela falta de distinção entre imaginação e percepção nessa estrutura psíquica, encontramos a autonomia das ideias em relação aos objetos da realidade externa, o que resulta em julgamentos aleatórios, vinculados exclusivamente às resoluções pulsionais. Eis como os autores descrevem o narcisismo do sujeito de conhecimento:

Como todo paranóico [sic], ele se aproveita da hipócrita identidade entre a verdade e a sofística; sua separação é tão rigorosa, quanto difícil de se impor. A percepção só é possível na medida em que a coisa já é percebida como determinada, por exemplo, como pertencendo a uma espécie. Ela é a imediatez mediatizada, o pensamento com a força da sedução da sensibilidade. O elemento subjetivo é cegamente introduzido por ela na aparente autodoação do objeto.¹⁹³

A projeção de elementos negativos como meio de defesa narcísica procura, então, por uma explicação sistemática em que nada escapa à causalidade costurada pelo delírio. Todo elemento desconhecido e, por isso, ameaçador, é inserido em uma cadeia de

¹⁹¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 158. Tradução modificada.

¹⁹² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 161.

¹⁹³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 159.

explicação cujo sentido é fornecido somente pela racionalidade do paranoico. Nenhuma elucidação externa a tal sistema é aceita, havendo um tipo de naturalização do quadro narrativo do delírio como explicação da realidade. Muito próxima à racionalidade esclarecida, entendemos como “a fraqueza do paranóico [sic] é a fraqueza do próprio pensamento”¹⁹⁴ que não consegue se afastar criticamente das projeções feitas pela sua própria racionalidade dominadora que cria elementos supostamente perigosos onde eles só são, na verdade, desconhecidos.

Considerando os aspectos aqui expostos em relação aos paranoicos, Horkheimer e Adorno os aproximam do antissemita. Ao descrevê-lo, os autores nos mostram como há uma espécie de reação corporal do antissemita contra o judeu, como se o sujeito preconceituoso sentisse uma “alergia” irresistível, quase inevitável, contra certas peculiaridades físicas ligadas ao cheiro, aos gestos e entonações, formas corporais, traços característicos do outro. Para os autores,

Os motivos a que responde a idiossincrasia remetem às origens. Eles reproduzem momentos da proto-história biológica: sinais de perigo cujo ruído fazia os cabelos se eriçarem e o coração cessar de bater. Na idiossincrasia, determinados órgãos escapam de novo ao domínio do sujeito; independentes, obedecem a estímulos biológicos fundamentais. O eu que se apreende em reações como as contrações da pele, dos músculos e dos membros não tem um domínio total delas.¹⁹⁵

Tema que retomaremos no capítulo 5, tais idiossincrasias percebidas seriam o resultado de conteúdos miméticos que foram negados em si quando na formação da subjetividade (em sua proto-história biológica), mas que nunca foram completamente dominados pelo eu. Em suas aparições à revelia do sujeito esclarecido, são, então, projetados no outro, reconhecidos como provenientes da alteridade. O outro passa, com isso, a ser odiado pelo antissemita, que procura o aniquilamento da alteridade. Nesse contexto em que a falsa projeção aparece como o sintoma do esclarecimento, a mimese que retorna de forma distorcida e se vê relacionada às idiossincrasias da alteridade se torna o pretexto para o ódio antissemita. Assim, a civilização esclarecida permite a liberação da pulsionalidade que escapa ao controle, mas somente se for dirigida a um alvo controlado previamente, principalmente àqueles que já se mostram como os grupos mais “frágeis” socialmente. Por consequência, mesmo o resíduo mítico que não se deixa dominar pela

¹⁹⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 160.

¹⁹⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 149.

racionalidade esclarecida e retorna de sua situação recalcada acaba, por fim, manipulado mais uma vez, já que é transformado na agressividade contra o judeu. “a dominação da natureza ‘esclarecida’ é aperfeiçoada a um tal ponto que até mesmo os impulsos rebeldes são apropriados e colocados a serviço da dominação racional do homem pelo homem, que atinge novos graus de perfeição no fascismo.”¹⁹⁶ Por isso, “O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça por colocar diretamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação.”¹⁹⁷

Além do deslocamento da agressão pela projeção dos traços míticos negados em si, o antissemita também racionaliza o ódio – algo que aprofundaremos em nosso capítulo 7. Tal como no caso da paranoia, o antissemita forja um sistema explicativo como desculpa para o preconceito, explicações que se aproximam da irracionalidade, uma vez que não se sustentam diante de uma reflexão mínima. Por isso a dificuldade que encontramos em debater com o antissemita, uma vez que argumentos não conseguem aplacar o sofrimento, angústia e desamparo que se encontram na base pulsional de desenvolvimento de sua racionalidade:

Se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bem-intencionado quanto a própria vítima. Por mais corretas que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não consegue fazê-lo, porque a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento.¹⁹⁸

Como podemos ver, Horkheimer e Adorno invertem o polo da vitimização: em vez de mostrarem os judeus como as vítimas do antissemitismo, os autores se preocupam em exhibir como o sofrimento começa com o próprio sujeito preconceituoso que, com seu processo de dominação por defesa, destrói a si e aos outros por não suportar¹⁹⁹ a diferença. Ao recorrerem à proto-história biológica representada pela teoria freudiana, os autores retiram a ênfase do judeu propriamente dito e a concentram no

¹⁹⁶ Abromeit, John. “Genealogia e historicismo crítico: dois modelos de Esclarecimento nos escritos de Horkheimer e Adorno” *Cadernos de Filosofia Alemã* v. 22, n. 2, pp. 13-38, jul-dez 2017, p. 28.

¹⁹⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 152.

¹⁹⁸ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 141.

¹⁹⁹ “Há aqui uma exploração da ambigüidade [sic] do verbo *leiden*: sofrer, suportar (como traduz Guido de Almeida). A frase remete à desculpa dos anti-semitas [sic]: eles não suportam o outro (no caso, o judeu) por idiossincrasia, por uma espécie de alergia tão espontânea como particular que justificaria, por seu caráter natural incontrolável, a aversão.” (Gagnebin, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. Editora 34: São Paulo, 2006, pp. 86-7)

desenvolvimento e individuação do ser humano no esclarecimento ocidental, história que encontra no antissemitismo não uma situação isolada, mas o momento limite do processo de formação de uma racionalidade destruidora. Por isso, por mais que os judeus se apresentem como um grupo social dotado de características que “comprometem a universalidade existente em razão de sua adaptação deficiente”²⁰⁰, também lemos em DdA que as vítimas dessa racionalidade são intercambiáveis. Assim, se “quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo”²⁰¹ é porque o antissemita, como a figura extrema da racionalidade esclarecida, não percebe a alteridade como um sujeito, mas vê no outro a simples ocasião de descarregar o ódio. Assim, independente do grupo social em que o sujeito participe, qualquer um criado conforme os ditames do esclarecimento pode ser tanto a vítima de tal racionalidade, quanto o agente da dominação:

A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal. Não existe um genuíno antissemitismo e, certamente, não há nenhum antissemita nato.²⁰²

Finalmente, devemos nos perguntar: afinal, qual o estatuto da paranoia na teoria sobre o antissemitismo exposta em DdA? Por mais que tal debate seja feito de forma mais completa em nosso oitavo capítulo, ao menos podemos expor que, da mesma forma como para Freud o estudo de uma psicopatologia pode mostrar traços do desenvolvimento “normal” socialmente difundidos, pensamos que o recurso à paranoia como explicação comparativa do caso antissemita mostra como o sujeito da racionalidade esclarecida sofre de uma situação de recusa de realização de um modo de vida que favoreceria, caso realizado, um encontro mais criativo com o diverso. Como um tipo de perigo que ronda a racionalidade – talvez com muita proximidade –, ao

²⁰⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 140. Pioneiro do capitalismo, o judeu poderia ser caracterizado como pertencente a um grupo cuja posição econômica e social na Europa se mostra ao mesmo tempo conforme e igualmente contra o esclarecimento: “os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados” (Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 164).

²⁰¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 154.

²⁰² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 142.

entendermos que a “paranoia é a sombra do conhecimento”, compreendemos que o mesmo perigo de absolutização de um pensamento dominador e inflexível paranoico apresenta-se também como a principal característica do esclarecimento. A sedução de um sistema de explicação aparentemente completo, sem brechas para a hesitação, mostra como a fragilidade do conhecimento que se quer dominador se organiza tal como uma patologia. Não queremos dizer, contudo, que todos os antissemitas são paranoicos. Mas queremos explicitar, portanto, como Horkheimer e Adorno elaboram um diagnóstico social cujo centro problemático se mostra calcado no tema da separação humana entre si mesmo e a alteridade, situação que encontra na conceituação filosófica da identidade e da diferença um campo de estudos privilegiado – o que, no fundo, é a questão principal colocada pela estrutura paranoica à psicanálise e ao conceito de “normalidade” em geral.

. Conclusões do capítulo 3

Nosso terceiro capítulo se mostra importante para o conjunto de nossa tese por expor as características racionais e pulsionais do tipo antropológico dominador próprio do Esclarecimento. Este sujeito antropológico seria muito próximo daquele descrito em TAP, principalmente pela característica do preconceito que ambos expressam. Nesse sentido, é importante lembrar como o capítulo sobre os “Elementos de antissemitismo” e TAP guardam uma influência recíproca muito grande, como é atestado pelo próprio Adorno:

o capítulo “Elemente des Antisemitismus” em *Dialektik der Aufklärung*, no qual Horkheimer e eu colaboramos em sentido estrito, literalmente ditando-o juntos, antecipou minhas investigações posteriores com o Grupo de Estudo de Opinião Pública de Berkeley publicadas em *The Authoritarian Personality*. A referência a *Dialektik der Aufklärung*, que ainda não foi traduzida para o inglês, não me parece supérflua porque esse livro elimina prontamente um mal-entendido segundo o qual *The Authoritarian Personality* teria enfatizado desde o início e em algum grau encorajado o seguimento de uma ênfase, dada pelos autores, em explicar o antissemitismo e, para além disso, o fascismo em geral, mediante uma base puramente subjetiva, subscrevendo assim o erro de que esse fenômeno político-econômico seria primariamente psicológico. (...) *Elemente des Antisemitismus* teoricamente posicionou o preconceito racial no contexto de uma teoria crítica da sociedade objetivamente orientada.²⁰³

²⁰³ Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration – Europe and America, 1930-1960*. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, p. 356.

Concepção esta de preconceito objetivamente orientada que será objeto de nosso próximo capítulo.

Baseada em noções como desamparo e angústia, a antropologia de DdA descreve um sujeito que, na pretensão do desenvolvimento de sua racionalidade, comporta-se de modo tão defensivo que chega a ser irracional. A racionalidade astuciosa é aquela que só consegue reconhecer si mesmo no mundo, sem conseguir lidar de modo receptivo com diferenças, o que impossibilita a própria reflexão racional. As diferenças são interpretadas de modo potencialmente perigoso, como uma ameaça de dissolução de si promovida por um ambiente desconhecido. Seus desenvolvimentos racionais e modos de conhecimento, então, não passariam de meios de alcançar prazer de forma segura.

Disso se segue que, para que um contato com a realidade seja possível, deve haver uma projeção de si mesmo nos elementos exteriores, de modo que percepção e fantasia estariam misturados na cognição deste sujeito. Como um exemplo, tomamos a fase pré-edípica do lactente descrita por Freud para mostrar a confusão que ocorre entre a objetividade da realidade externa e a objetividade da pulsão: seria pelo desejo saciado por uma outra pessoa que o conhecimento da objetividade poderia ocorrer, o que vincula cognição e satisfação. A alteridade concebida como objeto não é somente utilizada como meio para a obtenção da satisfação, mas também como um anteparo possível para se descarregar os impulsos agressivos. Disso se seguem duas ideias: a de que toda exterioridade seria concebida de forma equivalente, como um anteparo homogêneo de projeções, mesmo que estas sejam agressivas. E a de que o tema da construção do eu e da alteridade não seria uma problemática vivida exatamente na fase edípica do desenvolvimento individual, mas precisamente em uma fase pré-edípica tipicamente perversa.

Essa mistura entre as realidades externa e interna faz com que haja uma dominação tanto da natureza exterior quanto da natureza interior – esta última concebida como as movimentações pulsionais. Por consequência, vemos haver um paralelo entre as pulsões descritas por Freud e o mito, de modo que a dominação do eu autoconservador e racional esclarecido sobre a pulsionalidade-mitológica ocorreria dialeticamente. No livro, Horkheimer e Adorno nos apresentam dois exemplos maiores de tal dialética: Ulisses seria o primeiro modelo prototípico de uma antropologia que pratica o sacrifício das pulsões em nome da autoconservação contra a angústia de um perigo iminente. Decorrente dele encontramos o antissemita como o último

desenvolvimento da racionalidade esclarecida em direção à dominação. Nesta dialética entre o mito e o esclarecimento, a astúcia ganha uma ênfase particular pelo autossacrifício que marca a formação do eu. Assim, o esclarecimento se reverte dialeticamente no mito justamente porque o objetivo do prazer seguro se perde e é substituído, finalmente, pelo prazer da renúncia que leva à dominação. Mediante tal inversão, justamente aquilo que deveria ser preservado, a saber, a própria subjetividade e o prazer seguro, torna-se objeto do sacrifício.

Já o exemplo antisemita é aproximado do modelo paranoico de funcionamento psíquico: a questão de ambos é localizada na separação humana entre si mesmo e a alteridade, situação que encontra na conceituação filosófica da identidade e da diferença um campo de estudos privilegiado, o que leva o paranoico/preconceituoso a procurar pelo recurso de uma explicação sistemática que não permite brechas nem incertezas. Haveria, com isso, uma autonomia das ideias em relação aos objetos a realidade externa, o que resulta em julgamentos aleatórios, vinculados exclusivamente às resoluções pulsionais. O que ambos procuram são racionalizações sistematicamente afirmadas para a expressão do ódio e desejo de aniquilação de alteridades dotadas de idiossincrasias projetadas por si mesmo. Estas seriam o resultado de conteúdos miméticos que foram negados em si na formação da subjetividade, mas que nunca foram completamente dominados pelo eu. Em suas aparições à revelia do sujeito esclarecido, são, então, projetados no outro, reconhecidos como provenientes da alteridade. Assim, a civilização esclarecida permite a liberação da pulsionalidade que escapa ao controle, mas dirigida a um alvo controlado previamente, principalmente àqueles que são considerados como os grupos mais socialmente “frágeis”.

Capítulo 4

Versões de críticas da economia-política na construção da antropologia do tipo autoritário

. Introdução ao capítulo 4

Como já dissemos anteriormente, a formação antropológica do tipo autoritário tem origem social. Neste capítulo, propomo-nos desenvolver melhor a base materialista-histórica da constituição do tipo antropológico autoritário, deixando para o nosso quinto capítulo uma exposição da dialética entre natureza e história essencial para este debate.

Dizer que a antropologia é fundamentada em determinantes socioeconômicos é defender que, por mais que TAP e DdA tenham encontrado na psicanálise freudiana os seus mecanismos de exposição, tanto as faculdades cognitivas, quanto as estruturas psicológicas e os destinos pulsionais dos indivíduos seriam organizados, por sua vez, sob influência de processos histórico-sociais – sendo tal antropologia igualmente mutável.

Visto isso, se segundo esta antropologia os indivíduos são formados para adaptação social, nada mais importante do que darmos um passo atrás em nossa pesquisa antropológico-psicanalítica e adentrarmos no campo da crítica da economia-política. Assim, se com Freud entenderemos como os sujeitos convertem a alteridade em objeto; e se em DdA compreendemos como a racionalidade esclarecida projeta a própria identidade na exterioridade para fins de dominação; é sob a influência da crítica da economia-política que é possível mostrar a gênese da inversão capitalista, na qual as pessoas se encontram subjugadas a coisas.

Isso quer dizer que, para nós, o tipo antropológico que objetifica pessoas a partir de determinados destinos pulsionais e estruturas cognitivas só o faz sob a influência de uma cultura reificadora. Se o ponto nodal da teoria pulsional do autoritário mostra ser, como veremos, a transformação da alteridade em objeto passível de ser utilizado como anteparo para a satisfação de desejos, projeção de fantasias e medos é porque este tipo antropológico abstrai as peculiaridades de seus objetos, tornando toda alteridade equivalente em relação à satisfação das pulsões. É nesse sentido que a economia pulsional encontra na economia mercantil o seu modelo de práticas de abstração, equivalência e objetificação humanas. Nesse sentido, produzimos uma análise em paralelo entre a economia capitalista mercantil e a economia pulsional freudiana a partir

da alteridade coisificada e usufruída como propriedade, substituível segundo os desejos subjetivos.

Visto isso, nosso trabalho neste capítulo pretende ser aquele de expor algumas das teorias sobre economia-política que influenciaram a produção teórica de Adorno sobre a personalidade autoritária na década de 1940²⁰⁴. Contudo, assim como existe o “Freud concebido por Horkheimer e Adorno” que destoa de diversas outras leituras freudianas, o entendimento dos autores sobre a teoria marxista difere muito da própria elaboração de Marx e de vários autores do marxismo tradicional. Desde uma primeira análise, sabe-se que o interesse da primeira geração da Teoria Crítica pela crítica da economia-política se concentra em áreas mais específicas – como “na herança marxista da ideologia, a alienação, a reificação, a dominação etc., em outras palavras, sobretudo o jovem Marx e o ângulo mais ‘existencial’ de sua teoria”²⁰⁵. Apesar de tais temáticas serem típicas dos ditos textos da juventude de Marx, a fase madura deste autor representada pel’*O Capital* tem influência indireta, porém forte, sobre Horkheimer e Adorno, principalmente via Lukács e Sohn-Rethel. Como veremos, é possível relacionar o Marx jovem e o maduro graças ao aprofundamento da alienação, processo em que o ser humano passa não só a servir à máquina, mas a ter a sua própria atividade física laboral racionalizada, mensurada, objetificada. Tal perspectiva econômica seria, com Lukács e Sohn-Rethel, expandida para toda a cultura e sociedade.

Além disso, é conhecida a preocupação de Horkheimer enquanto diretor do Instituto de que as publicações do grupo devessem progressivamente fazer uma espécie de “camuflagem” dos conceitos marxistas²⁰⁶, dado o contexto de perseguição da “esquerda” a partir da ascensão do Nacional-Socialismo e, posteriormente, com o início da Guerra Fria, gestação do macarthismo vindouro. Nesse contexto, para nos

²⁰⁴ Descartaremos uma leitura do freudo-marxismo justamente porque, como dissemos em nosso segundo capítulo, não haveria uma continuidade direta entre elementos da crítica da economia-política e sintomas individuais, o posicionamento de Adorno sendo, então, singular quando relacionado às noções de fetiche e reificação que debateremos aqui. Assim, se a antropologia se constitui segundo determinantes sociais, seus efeitos são muitas vezes indiretos sobre os indivíduos, produzindo, em consonância com naturalizações e ideologias presentes na cultura, reações muito mais inconscientes do que diretamente verificáveis.

²⁰⁵ Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 16.

²⁰⁶ “O ‘capitalismo’ tornara-se ‘o que está no lugar’ (...), o ‘capital’ passava a ser ‘o sistema econômico’ (...), os ‘exploradores capitalistas’, ‘capitães de indústria’ (...), a ‘sociedade de classes’ a ‘dominação’ ou a ‘ordem’ (...), as ‘classes dominantes’, os ‘dominantes’ (...). Uma frase como ‘seria uma sociedade sem classes’ (...) fora suprimida. Essa forma de autocensura não era nova. Figurava na tradição do Instituto. Mas crescia sempre.” (Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, pp. 436-7)

posicionarmos contra a ideia de que haveria pouca influência da crítica da economia-política na produção de DdA e TAP, defendemos que estes textos podem ser lidos enquanto consequência, dentre outras, do debate interno do Instituto realizado na década de 1940 e que tinha como foco mais específico o conceito de capitalismo de Estado de Pollock. Deste debate, Horkheimer e Adorno retiram, entre outros, a ideia de que a dominação social se expande para além das leis do mercado, produzindo uma administração política totalizante. Nas sociedades de massa compostas por economias de monopólios de orientação econômica e política, não só o Estado se mostra autoritário, mas também a cultura e o seu tipo antropológico.

. Lukács: fetichismo como racionalização

Nas formulações que se seguem, abordamos a problemática lukácsiana no que se refere à sua função norteadora da produção teórica dos frankfurtianos desde os anos 1930, chegando a tematizar noções de primeira importância para o tema da antropologia que prevalece em TAP. Mobilizaremos aqui concepções como reificação, racionalização, fetiche e alienação provenientes da leitura que Lukács faz de *O Capital* de Marx. Sendo este o nosso objetivo, a conturbada relação entre os membros da primeira geração da Teoria Crítica e Lukács – passando de profunda influência a fortes críticas – não será tratada de forma ampla aqui. O que veremos serão somente alguns conceitos encontrados em *História e consciência de classe* que se mostram importantes para nosso percurso.

Para tanto, tratemos primeiramente do fetichismo da mercadoria tal qual ele aparece em *O Capital* – tarefa usual nas pesquisas sobre o tema, mas que sofre com frequência uma simplificação excessiva. Para tanto, apresentemos a sua famosa definição presente no fim da primeira seção do Livro I: no fetichismo da mercadoria,

as relações entre os produtores, em que aquelas características sociais de seus trabalhos são ativadas, assumem a forma de uma relação social entre os produtos de trabalho. O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. (...) Porém, a forma mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho (...) não é nada mais

do que determinada relação social entre os próprios homens que para eles aqui assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas.²⁰⁷

Nesse sentido, a troca incessante de mercadorias equivalentes que encarnam valor é o contexto onde encontramos o fenômeno fetichista – não esquecendo que valor designa o tempo de trabalho abstrato socialmente necessário para a produção de mercadorias. No transcurso da essência à aparência percorrido no livro, o valor representa a passagem do trabalho concreto, necessário e privado para a produção de uma mercadoria específica à abstração de uma forma somente equitativa. O objeto mercantil passa a designar, então, o trabalho humano abstrato, social, quantificável. É nesse âmbito que o fetichismo não representa somente a ocultação das “verdadeiras” relações humanas de produção, mas também trata das relações sociais reais que se mostram efetiva e objetivamente abstraídas.

Assim sendo, na sociedade capitalista, ao mesmo tempo em que algo está sendo produzido, está sendo simultaneamente abstraído. Isso leva ao fetichismo justamente porque o que é abstraído não é só o trabalho do ser humano que produz mercadorias específicas, mas a pessoa concreta que tece relações sociais determinadas, sendo, portanto, abstraídas as relações humanas que agem no e estruturam o social:

o trabalho abstrato (...) é a redução efetiva de toda atividade a um simples dispêndio de energia. (...) O produto só se torna mercadoria porque uma relação social ali se representa – e essa relação social é tão “fantasmagórica” (no sentido de não fazer parte da natureza das coisas) quanto um fato religioso.²⁰⁸

Nesse sentido, se as determinações propriamente humanas são abstraídas das coisas produzidas, estas aparecem externas ao homem, prontas, naturalizadas,

²⁰⁷ Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 198.

²⁰⁸ Jappe, A. “Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria” *Limiar*, vol. 1, no. 2, 1º semestre de 2014, pp. 12-3. Como explica de forma mais completa Balibar: trata-se de “un certain usage du mot ‘mystère’, et par l’analogie tracée entre le fétichisme de la marchandise et l’histoire des religions; dont il apparaît ainsi comme un nouveau stade, à la fois plus abstrait (ultime étape d’une sécularisation ou laïcisation des croyances) et paradoxalement plus irrationnel, retournant à l’identification du divin avec un pouvoir magique qui appartiendrait aux choses elles-mêmes, ou plus exactement à certaines choses investies de fonctions surnaturelles (non pas tant, par conséquent, un ‘désenchantement’ qu’un ‘réenchantement’ du monde qui serait porté à son comble par la quantification universelle des relations d’échange). (...) Ou encore, le premier aspect renvoie plutôt à ce que Marx appelle ‘l’objectivation des personnes’ (*Versachlichung der Personen*) tandis que le second renvoie à la ‘personnification des choses’ (*Personifizierung der Sache*).” (Balibar, Étienne. *Citoyen Sujet et autres essais d’anthropologie philosophique*. PUF, 2011, p. 321)

autodeterminadas. As relações sociais humanas tornam-se coisificadas. É nesse sentido que o fetichismo está presente na produção de toda e qualquer mercadoria.

As ideias de Lukács encontram eco justamente em tais construções em torno do fetichismo. No entanto, enquanto Marx utiliza o termo “coisificação” (*Versachlichung*) para a situação humana no contexto econômico fetichista orientado pela noção de valor, Lukács adiciona ainda a concepção comumente traduzida por “reificação” (*Verdinglichung*) para ultrapassar o contexto econômico debatido por Marx, abrangendo toda a produção cultural encontrada no sistema capitalista. É assim que a forma mercadoria aparece como modelo da objetividade em geral (generalidade sem determinações específicas que encontramos em DdA) e da subjetividade (mediante o recurso à psicanálise freudiana como antropologia também em DdA – como veremos mais a frente ainda neste capítulo):

o problema da mercadoria não aparece apenas como um problema isolado, tampouco como problema central da economia enquanto ciência particular, mas como o problema central e estrutural da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. Pois somente nesse caso pode-se descobrir na estrutura da relação mercantil o protótipo de todas as formas de objetividade e de todas as suas formas correspondentes de subjetividade na sociedade burguesa.²⁰⁹

Em tal generalização da forma mercadoria para todas as esferas da sociedade capitalista, Lukács recorre ao conceito de racionalização de Weber mostrando como a abstração do trabalho pode ser compreendida também como fragmentação do humano para fins de cálculo, previsão e controle. Forma de relacionar o conceito de trabalho abstrato a outras ideias também encontradas n’*O Capital*, tais como a submissão do homem à maquinaria, com suas decorrências no processo de trabalho ao longo do desenvolvimento histórico do capitalismo – como veremos ainda neste capítulo. Assim, o trabalho abstrato – significando a “forma social” do trabalho que se opõe ao trabalho concreto singular – acaba vinculado em Lukács a um procedimento de trabalho racionalizado, parcializado e padronizado adotado na indústria tecnológica capitalista. Na abrangência da forma mercadoria para toda a cultura, o momento histórico da racionalização do trabalho também encontra ecos nos diversos aspectos do social, de modo que toda a realidade passa a ser submetida ao cálculo e controle. Torna-se igualmente abrangente a noção de técnica enquanto distanciada da práxis, designando a

²⁰⁹ Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 193.

passividade do trabalhador em relação ao maquinário tecnológico, o que estabelece um aspecto imediato a todo dado²¹⁰ justamente porque a mediação humana ativa de produção do objeto foi abstraída. Vemos em curso

uma racionalização continuamente crescente, uma eliminação cada vez maior das propriedades qualitativas, humanas e individuais do trabalhador. (...) O processo de trabalho é fragmentado, numa proporção continuamente crescente, em operações parciais abstratamente racionais, o que interrompe a relação do trabalhador com o produto acabado e reduz seu trabalho a uma função especial que se repete mecanicamente.²¹¹

Com Lukács, a reificação se torna o objeto primordial da crítica da racionalidade formal, técnica e, em última instância, irracional da sociedade mercantil.

Isso quer dizer que a reificação está relacionada tanto ao pensamento quanto à dimensão objetiva da realidade social. Ou seja, o pensamento reificado seria somente um dos aspectos da reificação. Lukács afirma que o “mundo reificado” teria uma dimensão objetiva e subjetiva: objetivamente, a realidade capitalista apareceria naturalmente governada por leis reificadoras a serem descobertas pelo ser humano, que vivenciaria o mundo enquanto composto por entidades desconectadas. Já a reificação do pensamento se relaciona à atividade cognitiva que perceberia o mundo por meio de meros dados naturalizados apartados da ação humana mediadora, o que mostra a fragmentação também do pensamento e cognição humanos. É nesse contexto que percebemos a aproximação da reificação com o conceito de alienação²¹²:

²¹⁰ Para Lukács, a reificação penetraria inclusive no pensamento filosófico de Kant, de modo que a falsidade de suas categorias abstratas seria expressão da sociedade capitalista mercantilizada. O formalismo do pensamento kantiano seria o signo da ausência de mediação humana em relação ao dado que apareceria erroneamente abstrato. Formalismo e afastamento do dado empírico tais que adquirem certo valor em nossa tese, o que será debatido nos capítulos 7 e 8. De forma mais ampla, “Isso significa, antes de mais nada, que, ao permanecermos na imediatidade, toda mudança será vivida como catástrofe, como transformação súbita e inexplicável, já que o formalismo característico moderno exclui exatamente a mediação.” (Nobre, Marcos. *Lukács e os Limites da Reificação. Um Estudo sobre História e Consciência de Classe* – São Paulo: Editora 34, 2001, p. 63)

²¹¹ Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 200-1.

²¹² Por mais que *História e consciência de classe* tenha sido escrita em 1923 e os *Manuscritos econômico-filosóficos* tenham sido publicados somente em 1932, é inegável que a interpretação que Lukács fez d’*O Capital* segue – como que antecipando uma leitura do fetichismo que só foi feita posteriormente por pesquisadores por meio da divulgação dos escritos do Jovem Marx – uma noção do fetichismo como ampla alienação do humano na sociedade capitalista. “He discovered, long before the publication of the Manuscripts, that Marx’s critique of fetishistic formalism in political economy implies a far more general reconstruction of the concept of reason.” (Feenberg, A. *Lukács, Marx and the sources of Critical Theory* – New Jersey: Rowman and Littlefield, 1961, p. 64) Um exemplo dessa leitura aproximativa é fornecido por Jappe: “A descrição que Marx oferece da alienação nos *Manuscritos de 1844* não aparece, portanto, como uma abordagem fundamentalmente diferente da conceitualização do fetichismo, mas como uma primeira aproximação, uma abordagem ainda limitada, que já dizia, implicitamente, o essencial: a

o homem é confrontado com sua própria atividade, com seu próprio trabalho como algo objetivo, independente dele e que o domina por leis próprias, que lhes são estranhas. E isso ocorre tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o subjetivo. Objetivamente, quando surge um mundo de coisas acabadas e de relações entre coisas (o mundo das mercadorias e de sua circulação no mercado), cujas leis, embora se tornem gradualmente conhecidas pelos homens, mesmo nesse caso se lhes opõem como poderes intransponíveis, que se exercem a partir de si mesmos. (...) Subjetivamente, numa economia mercantil desenvolvida, quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens, de leis sociais naturais, e deve executar seus movimentos de maneira tão independente dos homens como qualquer bem destinado à satisfação de necessidades que se tornou artigo de consumo.²¹³

Contudo, é justamente quando abordamos a visão de uma progressão dialética em direção à emancipação que Lukács e os autores de Frankfurt se distanciam. Para Lukács, o pensamento reificado, baseado na tecnicidade, torna-se universalizado no capitalismo, juntamente com a realidade criada para parecer uma naturalização – denominada segunda natureza. O momento de emancipação em Lukács passaria, então, por uma generalização e colapso da racionalidade reificada, que daria lugar a uma compreensão racional adequada, por parte do proletariado, de seus interesses e situação histórica. Constituir-se-ia, com isso, uma verdadeira objetividade, aquela proveniente de uma real atividade humana. Tal movimento só seria possível, contudo, uma vez que o pensamento reificado dos componentes da classe proletária seria diferente do pensamento reificado do burguês: “enquanto a burguesia permanece presa em seu imediatismo devido à sua situação de classe, o proletariado é impelido para além dele pela dialética – que lhe é específica – da sua situação de classe.”²¹⁴ Nesse contexto, a classe proletária, enquanto identidade entre sujeito e objeto da história, poderia promover uma subversão prática da ordem social que unificaria as fragmentadas esferas da realidade reificada, levando à produção de uma totalidade pela mediação da ação proletária.

Horkheimer e Adorno, por sua vez, profundamente influenciados por Walter Benjamin, não poderiam concordar com tal interpretação que vê na dialética uma forma de progresso. Isso ocorreria ao mesmo tempo em que, aos olhos dos frankfurtianos,

despossessão do homem pelo trabalho abstrato que se tornou o princípio da síntese social.” (Jappe, A. “Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria” *Limiar*, vol. 1, no. 2, 1º semestre de 2014, p. 13) Seguiremos algo desta tese relativamente ao Jovem Marx ainda no presente capítulo.

²¹³ Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 199-200.

²¹⁴ Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 344.

Lukács teria ido contra os pressupostos de seu próprio pensamento ao hipostasiar uma noção ahistórica e idealista de sujeito-objeto autoidêntico figurada pelo proletariado. Isso significa, entre outras coisas, que o emprego da teoria lukácsiana por Horkheimer e Adorno sofre modificações para se adequar a um domínio teórico especificamente pensado pelos autores de Frankfurt. Se o programa lukácsiano de ação humana foi rejeitado, a generalização da forma mercadoria como racionalização técnica que identifica a objetividade e subjetividade enquanto reificadas é largamente utilizada pela primeira geração da Teoria Crítica. Por mais que Horkheimer e Adorno enfatizassem os elementos weberianos de Lukács, a presença forte da interpretação lukácsiana d'*O Capital* se faz presente pela noção de que “toda reificação (*Verdinglichung*) é um esquecimento.”²¹⁵ Como veremos em nosso sétimo capítulo, é tal “esquecimento” promovido pela “naturalização” da mercadoria e “objetificação” de elementos propriamente humanos que é mobilizado na teoria frankfurtiana da antropologia autoritária. Como enfatiza acertadamente Feenberg:

O problema que a antiga Escola de Frankfurt propôs a si mesma foi explicar como novas formas de autoritarismo, de dominação psicologicamente introjetada, surgiram do sistema capitalista, contrariando a expectativa de Marx e Engels de que esse sistema promoveria, involuntariamente é claro, a independência mental e a racionalidade dos produtores. (...) Em análises como essas, a Escola de Frankfurt usou a teoria da reificação de Lukács para explicar como a crescente racionalidade da sociedade capitalista se tornou a base “para sua perversão totalitária”.²¹⁶

Como veremos ainda neste capítulo, Lukács traz importantes ideias que serão posteriormente empregadas por Horkheimer e Adorno em uma antropologia de base psicanalítica do tipo autoritário, como a preponderância dada à ideia de que as “relações entre os homens (...) estão ‘ligadas a coisas’ e ‘aparecem como coisas’ (...), essas relações humanas não são relações imediatas entre um indivíduo e outro, mas relações típicas, mediadas pelas leis objetivas do processo de produção.”²¹⁷ Além disso, a ênfase nos domínios objetivo e subjetivo da reificação são importantes para TAP como forma de demonstração da relação intrínseca entre ideologia e personalidade, de modo que a ideologia aparece para além de um engano subjetivo, mas é objetivamente produzida na

²¹⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 190.

²¹⁶ Feenberg, A. *Lukács, Marx and the sources of Critical Theory* – New Jersey: Rowman and Littlefield, 1961, pp. 165-6.

²¹⁷ Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 355.

sociedade. Assim, psicanálise e crítica da economia-política se implicam fortemente não apenas nas primeiras pesquisas empíricas realizadas pelo Instituto, mas inclusive em TAP, de maneira talvez até mais bem construída.

. Sohn-Rethel: a gênese da racionalidade esclarecida na abstração real

Como uma contribuição paralela à de Lukács na análise do contexto capitalista que influencia a compreensão do tipo antropológico autoritário encontramos o trabalho de Sohn-Rethel. Tal paralelismo se formula uma vez que Sohn-Rethel também amplia a análise da mercadoria descrita em *O Capital* para além do domínio econômico, abrangendo inclusive o pensamento humano. Contudo, se o enfoque lukácsiano é dado na produção das mercadorias e na correspondente noção de valor a partir do trabalho humano abstrato, Sohn-Rethel faz do momento da troca de mercadorias tornadas equivalentes o seu centro de pesquisa. Seria a função de síntese social empreendida pela mercadoria que daria origem ao *a priori* do pensamento, à abstração das categorias do sujeito cognoscente e à forma lógica abstrata da racionalidade no sistema socioeconômico capitalista.

Sua influência foi tamanha que lemos o seguinte em uma carta de Adorno a Sohn-Rethel de 17 de novembro de 1936:

Eu não acho que eu estaria exagerando se eu dissesse a você que a sua carta me trouxe a mais forte convulsão espiritual que eu experimentei em filosofia desde o meu primeiro encontro com a obra de Benjamin – e isso foi em 1923! Essa convulsão registrou a enormidade e o poder de sua concepção, mas também registrou a profundidade de uma concordância, que foi incomparavelmente muito mais longe do que você poderia suspeitar, ou de fato eu mesmo suspeitava. (...) Eu farei tudo o que eu puder pelo seu trabalho no Instituto!²¹⁸

Por mais que Horkheimer tenha negado a entrada de Sohn-Rethel no Instituto, apesar do apelo de Adorno, suas ideias não deixaram de influenciar sobremaneira a escrita de DdA, base antropológica de TAP. Passemos, então, a desenvolver de forma mais próxima os argumentos de Sohn-Rethel.

Ele delineia a sua noção de abstração real a partir da separação entre valor de uso e valor de troca, uma vez que este último não está vinculado à utilização das

²¹⁸ Adorno, T. W. e Sohn-Rethel, Alfred. *Briefwechsel 1936-1969*. München: Edition Text + Kritik, 1991, p. 32.

mercadorias: o valor de troca denomina uma abstração, pois se constitui de forma independente ao conteúdo da mercadoria. As qualidades do produto são abstraídas na efetividade da troca, o que leva a um valor imaterial representado pelo dinheiro enquanto uma realidade abstrata e social, equivalente universal indeterminado, ao mesmo tempo que real, já que existe fora da abstração do pensamento humano. Segundo ele, os seres humanos agem socialmente em conformidade com essa abstração real, tomando a equivalência das mercadorias como algo naturalizado, autodeterminado, um fetiche objetivamente realizado.

Esta abstração real presente no momento da troca de equivalentes se torna universal a ponto de, na sociedade capitalista, ser a mercadoria o verdadeiro sujeito da síntese social. Isso porque a troca é operada por proprietários de mercadorias que não se conhecem, que se encontram mutuamente segregados na sociedade. Um indivíduo no mercado não depende de nenhuma relação intersubjetiva para realizar uma compra: “a troca de mercadorias estimula o solipsismo entre seus participantes. Por conseguinte, a troca de mercadorias não depende da linguagem, daquilo que comunicamos uns aos outros. Nada em relação à essência das coisas precisa ser comunicado.”²¹⁹ É por isso que, para Sohn-Rethel, os objetos são os verdadeiros “sujeitos” da síntese social, pois quem se relaciona são as mercadorias, isto é, são elas que se movimentam na sociedade por meio de trocas produzidas mediante equivalências abstratas. Afinal, com a equivalência dos produtos igualam-se os trabalhos de seres humanos concretos, bem como os agentes da troca – pois esta ação social independe das características e especificidades de quem vende e compra mercadorias: em uma “relação entre estranhos (...) tudo o que importa é que, no final, dois lotes de mercadorias realmente troquem de mãos. Na troca, a ação é social, a mente é privada. O resultado é uma mudança no status social das mercadorias como propriedades possuídas.”²²⁰ É assim que, segundo Horkheimer e Adorno,

os homens são forçados à real conformidade. O preço dessa vantagem, que é a indiferença do mercado pela origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias, é pago por elas mesmas ao deixarem que suas possibilidades inatas sejam modeladas pela produção das mercadorias que se podem comprar no mercado. Os homens receberam o seu eu como algo pertencente

²¹⁹ Sohn-Rethel, Alfred. *Intellectual and manual labor. A critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978, p. 41.

²²⁰ Sohn-Rethel, Alfred. *Intellectual and manual labor. A critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978, pp. 42-3.

a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual.²²¹

Observada tamanha importância da abstração real na teoria de Sohn-Rethel, é de se compreender a ênfase do autor em afirmar que “não existe somente analogia, mas uma real identidade entre os elementos formais da síntese social e os constituintes formais da cognição.”²²² Esta identidade exhibe a determinação do social sobre o humano, de forma que o que permite a síntese cognitiva do diverso no pensamento e, com isso, o conhecimento, seria uma referência à abstração real. Isso implica em dizer que a possibilidade de abstração não se daria exclusivamente no pensamento, mas viria, anteriormente, de uma ação histórica e de uma significação objetiva. Sob tal ponto de vista, a epistemologia ou modos de conhecimento e pensamento esclarecidos em DdA e, por outro lado, a crítica da economia política de fundo marxista de Sohn-Rethel compartilhariam um mesmo fundamento, a saber, a análise da mercadoria. Considerando a epistemologia filosófica na qual Sohn-Rethel e os autores de Frankfurt se baseiam, isso significa dizer que Kant estaria correto ao dizer que é a razão que faz a síntese do diverso empírico como fenômeno. Acontece que tal aparato transcendental e psicológico teria ele mesmo uma gênese empírica, social e econômica. Neste percurso da ontologia ao conceito, a abstração real mercantil torna-se a abstração intelectual do pensamento conceitual justamente porque a abstração real, como a fonte originária da abstração pela troca das mercadorias, já “contém os elementos formais essenciais para a faculdade cognitiva do pensamento conceitual.”²²³

Para tornar tal relação mais clara, Sohn-Rethel faz apelo a uma explicação genética histórico-materialista: o desenvolvimento da abstração real até seu nível universalizante no capitalismo, bem como a sua absorção gradativa pela consciência, foi feita em etapas historicamente determinadas – por mais que a capacidade humana para a abstração conceitual, formal e generalizante exista desde a linguagem humana. Dentre tais etapas, o momento histórico paradigmático para o pensamento científico e filosófico desenvolvido no capitalismo teria sido a Grécia antiga – algo que os autores de DdA também procuraram delinear mediante a análise de Ulisses. Nesse sentido,

²²¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 24.

²²² Sohn-Rethel, Alfred. *Intellectual and manual labor. A critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978, p. 7.

²²³ Sohn-Rethel, Alfred. *Intellectual and manual labor. A critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978, p. 28.

Apesar de modificações relativamente pontuais, as diferenças de fundo entre a racionalidade antiga e a moderna se embarçam em Sohn-Rethel. (...) É como se Sohn-Rethel levasse ao pé da letra a ideia da modernidade como um renascimento: após um período de pouco dinamismo histórico e teórico, próprio à Idade Média, a modernidade recuperaria a relação mercantil como nexus social e recomençaria a história lá de onde ela parou na Grécia Antiga.²²⁴

Se as formulações filosófico-científicas não passam da revelação da estrutura mercantil que constitui a realidade social, o mesmo pode ser dito das relações do ser humano com a natureza, bem como dos homens entre si. É assim que o pensamento de Sohn-Rethel ecoa na antropologia psicanalítica elaborada por Horkheimer e Adorno. Podemos dizer que é a troca das mercadorias (que resume o diverso à equivalência) que cria a abstração formal do pensamento (que transforma o diverso na projeção da unidade egoica, convertendo o diferente em um equivalente ao eu). Tal relação de determinação da economia sobre a psicologia entendida como antropologia é admitida pelos frankfurtianos, para quem “a formalização da razão é a mera expressão intelectual do modo de produção maquinal.”²²⁵ Ou ainda, diz Adorno: “os momentos psicológicos que se traz à tona para explicar o movimento do mercado são meros acidentes deste.”²²⁶

Em tal comparação, vemos como, na dimensão social, a abstração realizada no momento da troca de mercadorias permanece oculta para as pessoas que a executam. Pensando paralelamente, a racionalidade humana domina o diverso por reação e defesa contra sentimentos de desamparo e angústia tornados inconscientes, porque recalcados. As ações humanas na esfera econômica ocorrem sem compreensão, isto é, de forma irracional; e se a economia determina a cognição do ser humano, uma racionalidade também irracional é desenvolvida. Configura-se, então, o modo como a troca das mercadorias mostra ser a mediação principal entre o campo social e a esfera psíquica, agindo segundo uma função de síntese social e síntese do conhecimento. Vemos, com isso, explicada em outros termos a teoria adorniana exposta em nosso segundo capítulo de acordo com a qual a mediação entre sociedade e a psique é feita pela mercadoria.

²²⁴ Pissardo, Carlos H. *Os pressupostos materialistas da crítica à razão cognitiva na Dialética do Esclarecimento*. Dissertação de mestrado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2011, p. 84.

²²⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 87.

²²⁶ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” In *Escritos Sociológicos I*. Obra Completa 8. Madri: Ediciones Akal, 2004, p. 47.

. Das formas de alienação à subsunção real do trabalhador: uma relação entre o jovem Marx e *O capital*

A amplitude da alienação, além do aprofundamento da dominação no desenvolvimento capitalista já seriam encontrados, antes, no próprio Marx. Dentre as muitas abordagens possíveis destes temas, escolhemos uma passagem d'*O Capital* que remete diretamente a momentos do jovem Marx. Retomando a noção de fetichismo fornecida pelo autor, é por meio da mercadoria que os seres humanos e seu trabalho ganham significado em sua concretude e utilidade, pois é ao considerarmos a mercadoria como uma objetividade fantasmática que escamoteamos a materialidade do trabalho humano. A partir disso, e trazendo novamente a noção da racionalização weberiana mobilizada por Lukács, o trabalho do homem se abstrai, passa a ser quantificado, medido, controlado, a força humana tornando-se mera atividade mecânica indeterminada. A situação do trabalhador tendo sua atividade laboral contabilizada enquanto mero dispêndio médio de energia passível de ser diretamente mensurado é debatido em muitos lugares d'*O Capital*, entre eles na Seção 4 do livro I, especificamente na consideração histórica da cooperação. É nela que Marx expõe como a submissão do ser humano ao Capital foi se aprofundando conforme o desenvolvimento tecnológico, constituindo uma dominação progressiva sobre o homem. Este processo culmina na expansão e diversificação da alienação do ser humano no capitalismo. A relação interessante a se notar aqui é que a noção de trabalho abstrato médio, previsto pelo controle burguês da produção, surge no contexto do aprofundamento da alienação, que passa de uma condição formal para se tornar real.

Considerando o viés histórico da cooperação, Marx trata da mudança do papel do capitalista pelo emprego do trabalho cooperado, o que, por sua vez, modifica também o processo de alienação. Ainda na produção artesanal e no início do sistema capitalista, havia a apropriação do trabalho de muitos por uma pessoa só, de forma que apenas o resultado ou o produto do trabalho era alienado do trabalhador. Isso Marx chama de subsunção formal do trabalho, uma vez que todo o processo de trabalho, o controle da produção, horas trabalhadas, descanso e ritmo, entre outros, era gerido pelo próprio trabalhador. Contudo, com a cooperação de muitos trabalhadores assalariados na manufatura e indústria, o processo de trabalho passou a ser realmente supervisionado: “Essa função de dirigir, superintender e mediar torna-se função do capital, tão logo o trabalho a ele subordinado torna-se cooperativo. (...) Do mesmo

modo, com o volume dos meios de produção, que se colocam em face do assalariado como propriedade alheia, cresce a necessidade do controle sobre sua adequada utilização.”²²⁷ Isso quer dizer que a diferenciação entre o trabalho cooperado capitalista e o artesanato não seria somente quantitativo, mas passaria a ser também qualitativo: a alienação do trabalho humano deixa de se referir somente ao produto do trabalho, mas passa a vigorar sobre o próprio trabalhador e sua atividade laboral. Passam a ser supervisionados o corpo e o tempo de atividade do trabalhador, que tem alienado de si seu próprio processo de trabalho. É assim que conferimos o aprofundamento do processo de alienação do trabalho humano segundo o avanço do capitalismo.

Com o trabalho em conjunto tendo de ser pensado, gerido e fiscalizado pelo capital, a associação em cooperação dos trabalhadores deixa de ser estabelecida por eles. É diretamente do capital que suas atividades conjuntas são determinadas sem que, muitas vezes, os trabalhadores compreendam o que, como e com que finalidade suas atividades estão organizadas de determinada forma. A atividade laboral se torna arbitrária para os trabalhadores, alienada. Assim, a socialização de indivíduos isolados é um efeito do capital, fazendo com que, no fundo, os trabalhadores não entrem de fato em relação entre si, mas todos estão relacionados primeiramente com o capital: “no processo de trabalho eles já não pertencem mais a si mesmos. Com a entrada no mesmo eles são incorporados ao capital. Como cooperadores, como membros de um organismo que trabalha, eles não são mais do que um modo específico de existência do capital.”²²⁸ O poder cooperativo inerente ao trabalho humano torna-se alienado ao capital, onde a associação para produção deixa de ser mediada pela compreensão de suas próprias atividades e decisão de produção dos trabalhadores.

A alienação do trabalhador atinge o que Marx chama no livro de “capacidade genérica” da espécie humana própria do ser humano de se socializar e se organizar: “ao cooperar com outros de um modo planejado, o trabalhador se desfaz de suas limitações individuais e desenvolve a capacidade de sua espécie [*Gattungsvermögen*].”²²⁹ Ao retornar à noção de ser genérico universal exposta em seus *Manuscritos econômico-filosóficos*, Marx ressalta o aspecto amplamente negativo da alienação da capacidade de socialização humana tomada pelo capital. Se “o homem é, por natureza, se não um

²²⁷ Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 250.

²²⁸ Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 251.

²²⁹ Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 248.

animal político, como acha Aristóteles, em todo caso um animal social”²³⁰, vemos que algo da própria humanidade se perde na transformação qualitativa da cooperação no capitalismo. Tal abordagem mostra a tendência de Marx em conceber os elementos próprios do trabalho humano como apropriados e transvalorizados no capitalismo: em si mesma a cooperação, o aumento da produtividade e a consequente economia do trabalho são benéficos ao trabalhador, são atividades potencialmente criativas e gratificantes. O problema surge quando isso ocorre sob domínio do capital, quando tais elementos deixam de culminar na distribuição da riqueza produzida e na liberação do trabalhador para o emprego de seu tempo livre em outras atividades. Tais contradições nascem no sistema capitalista e aparecem para nós como naturalizadas, única aparência da realidade econômica possível. Em uma clara lembrança da sua obra de juventude, vemos como, no desenvolvimento do sistema capitalista, diferentes formas de alienação se fazem presentes. Segundo o jovem Marx, a alienação – que é referida por *Entfremdung* em comparação com a *Entäußerung* em “O trabalho alienado”²³¹ – do produto do trabalho em relação a seu produtor traz consigo também a alienação da atividade de trabalho e, por fim, do próprio trabalhador. Esse processo de alienação é explicado da seguinte forma:

Até aqui examinamos a alienação, a exteriorização do trabalhador [*die Entfremdung, die Entäußerung des Arbeiters*] sob apenas um dos seus aspectos, qual seja, a sua *relação com os produtos de seu trabalho*. Mas a alienação [*Entfremdung*] não se mostra somente no resultado, mas também, e principalmente, no *ato da produção*, dentro da própria *atividade produtiva*. Como poderia o trabalhador defrontar-se alheio [*fremd*] ao produto da sua atividade se no ato mesmo da produção ele não se alienasse a si mesmo [*sich selbst entfremdete*]? O produto é, sim, somente o resumo da atividade, da produção. Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização

²³⁰ Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 247.

²³¹ “In the section of the 1844 Manuscripts entitled the “Critique of Hegel's Dialectic and Philosophy,” Marx criticizes Hegel for having confused objectification (*Vergegenständlichung*) with alienation (*Entfremdung*). (...) For Marx (...) objectification is an activity through which what is inner becomes outer and external. The purpose of this activity is to give adequate embodiment and expression to the potentialities of the individual. Objectification is self-externalization, and ought to be, but is not always, self-realization (*Selbstverwirklichung*). (...) The concrete, corporeal human being posits through externalization (*Entäußerung*) his essential powers - in this case as alien objects. Objectification is the externalization of the essential powers of the individual. (...) Marx names objectifying activity that denies and stultifies the powers and capacities of the self “alienated” activity. This normative concept of objectification as self-confirming and self-enhancing activity is juxtaposed by Marx in the first half of the 1844 Manuscripts to conditions of alienated labor in a private-property economy. Marx's critique of alienated labor is only intelligible when it is assumed that labor is a mode of self-confirming externalization, and that under the domination of private property it becomes the complete opposite. The essence of labor is the self-realization of the individuals through the creation of objects, but the existence of labor is the complete denial of its essence.” (Benhabib, Seyla. *Critique, norm, and utopia – a study of the foundations of Critical Theory* – New York: Columbia University Press, 1986, pp. 55-6)

[*Entäußerung*], então a produção mesma tem de ser a exteriorização ativa [*tätige Entäußerung*], a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização [*die Entäußerung der Tätigkeit, die Tätigkeit der Entäußerung sein*].²³²

Essa objetificação (*Vergegenständlichung*) do trabalho, que se torna uma coisa, leva a uma “*perda do objeto e servidão ao objeto, a apropriação como alienação, como exteriorização. [als Entfremdung, als Entäußerung]*.”²³³ Ocorre, então, não só a perda de si mesmo no que se refere à capacidade de expressão humana pelo trabalho, mas também a subjugação do trabalhador à mercadoria, do sujeito à coisa. Por consequência, o objeto é o que possibilita a existência do trabalhador, de modo que “o trabalhador se torna, portanto, um servo de seu objeto. Primeiro, porque ele recebe um *objeto do trabalho*, isto é, recebe *trabalho*; e, segundo, porque recebe *meios de subsistência*. Portanto, para que possa existir, em primeiro lugar, como trabalhador e, em segundo, depois como *sujeito* físico.”²³⁴ Dá-se, então, a alienação da natureza humana, pois o homem precisa ser primeiro um trabalhador para obter sua subsistência, determinando-se a partir disso. Isto é, além do trabalho alienado ser a condição de existência do corpo físico do sujeito, sendo alienação em relação à atividade vital do ser humano, ela atinge também a sua essência enquanto autodefinição. Por fim, ressaltamos como o ser humano também se separa de outros homens, a alienação atingindo, com isso, um aspecto social. Uma vez que o sujeito compreende o outro conforme padrões e relações mediante as quais ele mesmo se situa no mundo, a sua condição de trabalhador alienado de seu produto, sua atividade e de si mesmo é compartilhado com os demais seres humanos.

Por mais que nos textos do jovem Marx sejam descritas diversas formas de alienação, o que nos interessa sobremaneira é a separação entre sujeito e objeto entendida de forma ampla. Afinal, se nos *Manuscritos* o trabalho seria designado como o processo de unificação do sujeito e objeto, ou do homem com a natureza, a produção de uma mercadoria pelo trabalhador poderia ser vista como uma unidade reflexiva em que as necessidades e faculdades do sujeito seriam positivamente “objetivadas”, transformando-se em uma expressão autêntica do ser humano. Tal visão “humanizada”

²³² Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos* – São Paulo: Boitempo Editorial, p. 82. Tradução modificada por nós. Trocamos “estranhamento” por “alienação” como melhor tradução para *Entfremdung*.

²³³ Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos* – São Paulo: Boitempo Editorial, p. 80. Tradução modificada por nós. Trocamos “estranhamento” por “alienação” como melhor tradução para *Entfremdung*.

²³⁴ Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos* – São Paulo: Boitempo Editorial, pp. 81-2.

da natureza e dos produtos do trabalho seria interrompida pela alienação, que contradiz a própria essência humana enquanto ser natural ao transformar o produto do trabalho em dominador do trabalhador. Perde-se não só a relação intrínseca entre sujeito e objeto, mas a própria determinação do ser genérico. Se, com isso, a essência do ser humano teria se perdido, vemos, na exposição da alienação pelo jovem Marx, a referência a uma antropologia que serviria como norte regulador de interações mais ou menos “verdadeiras” ou “autênticas” entre sujeito e objeto.

Algo dessa antropologia presente nos *Manuscritos* de Marx teria sido resgatada por Horkheimer e Adorno, mesmo que reformulada por especificidades da Teoria Crítica, com destaque para o apelo à psicanálise freudiana como base conceitual. Contudo, a antropologia dos frankfurtianos não poderia se resumir somente a aspectos expostos pelo jovem Marx, mas ainda faz referência a *O Capital* principalmente porque na antropologia de DdA há a teorização da mimese da mercadoria pelo ser humano e a insistência na abstração humana – como elementos provenientes da crítica da economia-política do Marx maduro –, além do recurso à dialética enquanto método de investigação e exposição. Como vimos, para Horkheimer e Adorno, a antropologia deve ser histórico-dialética – e não atemporal como aparece no jovem Marx –, sendo profundamente influenciada pelas condições socio-históricas. Com Marx e seus intérpretes aqui abordados, podemos ver que, no paralelo entre o fetichismo da mercadoria e o esclarecimento revertido no mito, a sociedade se mostra falsamente desencantada. Ou seja, o Marx maduro nos ajuda a compreender como conteúdos primitivos, metafísicos e por vezes teológicos, nos quais coisas “agem” anacronicamente como pessoas ou deuses, persistem no mundo civilizado. O que tentamos defender, de forma geral, é que o enigma da mercadoria enquanto coisa fetichizada seria o primeiro impulso para a produção de uma rede de projeções, dominações, crenças e reversões mais ampla, sendo concebido conforme o problema filosófico da relação entre sujeito e objeto, levando a uma racionalidade que faz mimese da mercadoria e que, portanto, mostra-se reificada. Assim, se dos *Manuscritos* Horkheimer e Adorno tomaram a explicação de uma antropologia alienada a partir de uma cisão da relação entre sujeito e objeto, d’*O Capital* foi retirada uma dialética cuja perspectiva objetiva de elementos reais funda os elementos da subjetividade.

. Da economia mercantil à economia psíquica

Considerando tais desenvolvimentos relativamente ao nosso intuito de esclarecer a determinação socioeconômica sobre a antropologia do tipo autoritário, vemos a formulação de um diagnóstico que vê a dominação capitalista também na cultura e, conseqüentemente, nas relações entre os sujeitos. Estando a dominação no centro do desenvolvimento histórico do capitalismo, o que deve ser aclarado é o processo de formação do autoritarismo no capitalismo, seja em suas condições de potencial latente ou manifestação aberta. O que interessa diretamente a Horkheimer e Adorno, então, passam a ser as conseqüências da reificação e racionalização de todas as esferas sociais a partir de um viés econômico-político sobre a cultura e os indivíduos, resultando em uma racionalidade dominadora, um histórico do esclarecimento progressivamente alienante, uma antropologia autoritária e uma cultura fetichista – o que mostra como o capitalismo, em uma autocontradição, tem seu projeto realizado pelo esclarecimento. O diagnóstico do capitalismo transforma-se, então, em um diagnóstico civilizacional e antropológico.

A dita “atualização” da teoria de Marx promovida por Horkheimer e Adorno chega a ser, com isso, uma elaboração teórica que, ao mesmo tempo que ainda segue a reificação e alienação a partir do fetichismo, aponta para desenvolvimentos outros que aqueles encontrados estritamente na crítica da economia-política. Com isso, queremos dizer que esta, por si só, tornou-se insuficiente para a análise da amplitude da reificação, alienação e fetichização de elementos da sociedade humana. Mas não exclui uma influência forte da crítica da economia-política em DdA e conseqüentemente, em TAP. Contrariamente ao que muitos comentadores defendem, os livros ainda perseguem tal norte crítico-materialista, mesmo que haja uma mobilização intensa da teoria psicanalítica freudiana. A nossa leitura, que traz a antropologia como o centro de ambas as obras, permite-nos não só reconhecer a presença de ambas as disciplinas, como também relacioná-las.

São alguns fatores que levam à comparação entre a economia de mercado e a economia psíquica. Primeiramente, digamos que na psicanálise de Freud, a mediação entre o psiquismo individual e a realidade também ocorre por meio de objetos. Como já dissemos em nosso capítulo anterior, de acordo com a metapsicologia freudiana, a pulsão é definida, entre outros fatores, segundo seu objeto por meio do qual a pulsão pode alcançar a satisfação. Em Freud, tal objeto seria figurado em geral por uma outra pessoa que se deseja. Sob tal ponto de vista, os sujeitos se relacionariam principalmente

com a alteridade entendida como objeto pulsional ligado à realização de desejos ou projeção de conteúdos não tolerados em si mesmo. Como coloca Jessica Benjamin:

A perspectiva psicanalítica conhecida como “teoria das relações de objeto”, em que o desenvolvimento do eu é explicado por meio da interação com outros indivíduos, é particularmente apropriada para tal investigação. A perspectiva das relações de objeto vê a libido como direcionada para o outro, as pulsões [*drives*] libidinais como “procura por objeto” [*object-seeking*]. Ou seja, o motivo subjetivo de uma interação, mesmo sendo parcial, em que impulsos sexuais são postos em jogo, é a conexão com o objeto como outro ser subjetivo.²³⁵

Em outras palavras, para Freud, a alteridade como objeto não pode ser desvinculada do interesse pulsional, isto é, da satisfação de desejos, da fuga do desprazer e da geração de prazer. É importante notar que qualidades negativas podem ser atribuídas a objetos quando estes não respondem positivamente às investidas do indivíduo, de modo que o ódio, a violência, a destruição e a agressividade seriam desenvolvidos, segundo Freud, junto à problemática da alteridade.

Além disso, são mais alguns fatores que levam à comparação entre a economia psíquica e a economia libidinal. Também para o sujeito freudiano, as outras pessoas consideradas objetos sofrem um tipo de “abstração” por equivalência. Para tanto, retornemos à exposição sobre o objeto freudiano que não está originalmente relacionado à pulsão, sofrendo variações para fins de satisfação. Se, por um lado, ao indivíduo é possível a utilização da alteridade tal qual um objeto de posse e consumo para satisfação; e se, por outro, o objeto da pulsão não está presente desde a origem da pulsão (não havendo uma pulsão destinada a cada objeto exclusivamente); logo, tal objeto pode ser substituído segundo o movimento próprio da plasticidade pulsional. Nestas substituições, as características únicas e individuais de cada uma das pessoas substituídas seriam consideradas apenas secundariamente frente às funções de anteparo para a projeção da agressividade e ocasião de satisfação de desejos. Ou seja, assim como ocorre com o valor, o objeto não passaria de um sustentáculo de uma imaterialidade externa a ele, que é projetada ou colocada nele. Com isso, na trajetória de vida humana o que são substituídas são as figuras objetais que pretendem dar conta das necessidades pulsionais que lhes são dirigidas. Portanto, a partir da alteridade coisificada, equivalente e usufruída como propriedade, passível de ser trocada e substituída segundo os desejos subjetivos, podemos dizer que “a indiferença pelo

²³⁵ Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno's social psychology” *Telos*, n. 32, p. 42-64, Summer, 1977, p. 47.

indivíduo que se exprime na lógica não é senão uma conclusão tirada do processo econômico”²³⁶, seja tal economia mercantil ou psíquico-pulsional. Isso quer dizer que, em sentido inverso, o objeto mercantil apresenta para o ser humano, por sua vez, um vínculo com a segurança e amparo que o objeto pulsional detém.

Por fim, torna-se facilmente compreensível o fato de termos encontrado um vocabulário eminentemente econômico na explicação metapsicológica freudiana. Sendo a economia psíquica uma área negligenciada pela pesquisa acadêmica de modo geral – dada a acusação de reducionismo biológico ligado à influência da neurologia –, lembremos, no entanto, que Freud tende a determinar as interações sociais a partir de uma quantificação ligada à tensão e descarga pulsionais. Ou seja, de acordo com “ganhos” e “perdas” que tendem à economia de energia, como uma forma utilitarista de cálculo de prazer e desprazer. Tal leitura é reforçada por Adorno em mais de uma ocasião. Por exemplo, nas *Notizen zur neuen Anthropologie* escritas em 1941 e que permaneceram não publicadas, Adorno defende que “Freud representa os processos pulsionais como uma espécie de troca de equivalentes.”²³⁷ Ou seja, “a linguagem usada por Freud para descrever uma teoria supostamente biológica, em particular o ‘esquema de troca’ que governa a ‘economia das pulsões’, iluminou involuntariamente as origens sociais dessa teoria e das estruturas psicológicas que ela descreveu.”²³⁸ Historicizando esta determinação social, contudo, Horkheimer e Adorno nos lembram que tal consideração só seria válida no estágio burguês da sociedade. Como veremos em nossos sétimo e oitavo capítulo,

O “sujeito” da época de Freud foi substituído por um novo tipo antropológico. A repressão não seria característica de sua formação psicológica, mas sim a gratificação substitutiva imediata proporcionada pela cultura de massa; não a possessividade anal, mas a prontidão do consumidor para tratar todos os objetos como fundidos e descartáveis. (...) A natureza seria vista agora pelo homem das massas sem diferenciações em relação à sociedade, como um poder superior ao qual se deve submeter como a um destino cego.²³⁹

²³⁶ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 167.

²³⁷ Adorno, T. e Horkheimer, M. *Briefwechsel vol. II: 1938-1944* – Frankfurt/Main: Suhrkamp, 2004, p. 454.

²³⁸ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977, p. 179.

²³⁹ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977, pp. 179-80.

Nesse sentido, ressaltamos novamente a análise que Horkheimer e Adorno fazem de Ulisses como a figura que representa o processo de dominação esclarecida sobre as pulsões – como natureza interna – e as personagens mitológicas – como natureza externa. No episódio das sereias, o herói domina não somente as figuras míticas e os seus próprios desejos, mas também coordena a satisfação pulsional alheia, tornando seus servos verdadeiros modelos do proto-proletariado:

Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. Alertas e concentrados, os trabalhadores têm que olhar para frente e esquecer o que foi posto de lado. A tendência que impele à distração [*Den Trieb, der zur Ablenkung drängt*], eles têm que se encarniçar em sublimá-la num esforço suplementar. É assim que se tornam práticos. A outra possibilidade é a escolhida pelo próprio Ulisses, o senhor de terras que faz os outros trabalharem para ele.²⁴⁰

A renúncia pulsional aparece na obra como instrumentalizada pelo capitalismo, de modo que “o processo da autoconservação é assegurado pela divisão do trabalho”, fazendo com que o trabalho seja “mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa”²⁴¹.

Portanto, a influência da produção, equivalência e troca de mercadorias, própria do domínio social, na esfera subjetiva é considerada em DdA sob diversos aspectos, todos eles pautados na teoria freudiana. Lembramos como o tipo antropológico dominador confunde pensar com igualar, reduzir diferenças à identidade, restringindo o pensamento à equivalência e afastando o contraditório. Se a abstração real da mercadoria leva à abstração da racionalidade técnica em relação à não identidade, isso ocorre somente porque a própria antropologia humana faz a mimese da economia de mercado.

A psicanálise apresentou a pequena empresa interior que assim se constituiu como uma dinâmica complicada do inconsciente e do consciente, do isso, eu e supereu. No conflito com o supereu, a instância de controle social no indivíduo, o eu mantém as pulsões dentro dos limites da autoconservação. As zonas de atrito são grandes e as neuroses, os *faux fraix*, dessa economia pulsional [*Triebökonomie*], são inevitáveis. Não obstante, a complicada

²⁴⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 39.

²⁴¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 36.

aparelhagem psíquica possibilitou a cooperação relativamente livre dos sujeitos em que se apoiava a economia de mercado.²⁴²

Em TAP, podemos conferir este posicionamento. Na obra, para Adorno, “a compulsão é o equivalente psicológico do que chamamos, em termos da teoria social, reificação.”²⁴³ Além disso, como veremos em nosso sétimo capítulo, a estereotipia que os mais preconceituosos produzem seria uma forma de abstração real, ao passo que a personalização, oposta à estereotipia e também praticada pelo tipo autoritário, seria uma tentativa de fuga dela: “a personalização evita a abstração real, isto é, a ‘reificação’ de uma realidade social que é determinada pelas relações de propriedade e na qual os próprios seres humanos são, por assim dizer, meros apêndices.”²⁴⁴ Assim, se falta uma teoria verdadeiramente intersubjetiva em DdA e TAP é porque neles é produzida uma análise conjuntural do capitalismo, partindo da situação social que não leva em conta a especificidade de objetos e sujeitos, tornando todas as interações sociais um processo intercambiável. Ou seja, se não há relações intersubjetivas descritas em DdA e TAP é porque no capitalismo as relações humanas passaram a ser mediadas por objetos – algo descrito por Marx, Lukács, Sohn-Rethel e Freud. Assim, a prática da substituição do empírico por uma situação em que a alteridade figura como um elemento substituível e trocável se torna característica do nosso tipo antropológico autoritário.

. Pollock e Horkheimer sobre *Capitalismo de Estado* e *Estado Autoritário*

Considerando que TAP foi escrito nos anos 1940 e sabendo também que nossa abordagem antropológica é enfatizada como histórica, é de nosso interesse saber o modo como as ideias desenvolvidas em torno da crítica da economia-política são operacionalizadas segundo a historicidade do capitalismo, especificamente na época de produção de TAP. Nesse sentido, a série de debates sobre o tema feita por membros do Instituto a partir de 1941 são de suma importância para compreendermos principalmente como Horkheimer – enquanto diretor da pesquisa TAP – e Adorno – como um dos autores do livro – compreenderam as principais características do estágio econômico, social e político que estaria determinando o tipo antropológico autoritário. Grosso modo, os componentes do Instituto envolvidos nesses debates partiam do princípio de

²⁴² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 167. Tradução modificada.

²⁴³ TAP, p. 768.

²⁴⁴ TAP, p. 666.

que o capitalismo teria ultrapassado a sua fase liberal, estando, em seu lugar, em um estágio monopolista e de controle amplo das várias esferas sociais. É partindo de tal princípio que nos familiarizamos com a leitura de Pollock segundo a qual esse monopólio era direcionado pelo Estado (configurando um capitalismo de Estado politicamente dirigido), teoria que teve um impacto visível sobre Horkheimer e Adorno²⁴⁵.

A análise de Pollock nos anos 1940 pode ser compreendida principalmente por dois textos publicados pela revista do Instituto intitulados *State Capitalism* e *Is National Socialism a new order?* Em ambos, são tematizados a Grande Depressão iniciada em 1929 e o papel do Estado na recuperação norte-americana com o *New Deal* de Roosevelt, além da experiência da planificação econômica da URSS e a ascensão nazista na Alemanha. O que as três experiências teriam em comum seria a significação, ocorrendo desde o fim da Primeira Guerra Mundial, do fim do capitalismo liberal e privado e, com ele, o término da noção de livre comércio designada pelo *laissez-faire* econômico típico do século XIX. Para descrever a situação atual destes três objetos de estudo, Pollock desenvolve, então, o conceito de capitalismo de Estado.

No capitalismo de Estado teríamos, enquanto principal característica, a atuação governamental na criação de elementos estabilizadores do capitalismo, a ponto da política determinar a economia, fazendo com que esta tenha perdido seu objeto. Situando o capitalismo de Estado autoritário e democrático enquanto experiências polarizadas, havendo formas variadas entre ambos, o interesse do autor recai consideravelmente no estudo do nacional socialismo²⁴⁶, ocasião em que ocorreria uma interação específica entre monopólios privados e a interferência estatal. Nesse âmbito, no capitalismo de Estado ocorreria a substituição das funções do mercado pela administração política e consciente dos fins e meios de produção sob a forma de previsões (como na racionalização weberiana-lukácsiana), incluindo o controle dos

²⁴⁵ Se o posicionamento de Horkheimer ficará mais nítido em nosso texto, lembremos ao menos que Adorno emprega com certa frequência em seus desenvolvimentos teóricos ideias desenvolvidas por Pollock, inclusive em TAP. Cf. página 257 desta tese, citação 506, como exemplo.

²⁴⁶ O nazismo, em especial, tem como característica a substituição da regulação autônoma do mercado pelo comando estatal totalitário: “The totalitarian variant of state capitalism is confronted with additional problems. That order represents the worst form of an antagonistic society ‘in which the power interests of the ruling class prevents the people from fully using the productive forces for their own welfare and from having control of the organization and activities of society.’ Because of the intensity of this antagonism, totalitarian state capitalism cannot allow the general standard of living to rise appreciably, because such a rise would free people to reflect on their situation critically, which could lead to the emergence of a revolutionary spirit, with its demands for freedom and justice.” (Postone, Moishe. *Time, labor, and social domination – a reinterpretation of Marx’s critical theory* – Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 95)

preços. Esse plano político expressaria os objetivos de uma classe dominante composta pelos representantes dos grandes negócios, do partido em exercício na máquina política, da burocracia estatal e do exército. Em uma verdadeira síntese entre governo e empresariado privado, os acordos políticos entre eles determinariam o norte do gerenciamento econômico.

Uma das questões importantes introduzidas por Pollock – e que assumirá contornos mais precisos no texto de Horkheimer intitulado *Authoritarian State* – é a mudança de diagnóstico adotada pelos pesquisadores: ao invés da alternativa “socialismo ou barbárie”, o destino político-econômico mundial tornou-se unívoco em torno do capitalismo, que é mobilizado por sistemas que se alimentam de sucessões intermináveis de guerras e que, longe de levarem à emancipação, denotam a instalação progressiva da barbárie em uma organização híbrida entre democracia e totalitarismo. Isso teria permitido a Pollock descrever a União Soviética enquanto gerida por um capitalismo de Estado, além de situar definitivamente o Nacional Socialismo dentro do espectro capitalista²⁴⁷, como sucessor do capitalismo privado.

Por outro lado, pensando nas críticas recebidas por TAP quanto a seu enfoque exclusivo em autoritarismos de direita – o que *aparentemente* excetuava um posicionamento contra a URSS –, talvez o texto que mais nos elucide seja *Authoritarian State* de Horkheimer. Para ele, a União Soviética não teria se configurado como a realização de preceitos de “esquerda”, mas seria a forma mais consistente do capitalismo de Estado. Opondo-se a Engels e à socialdemocracia alemã, Horkheimer não via no capitalismo de Estado um caminho para um socialismo verdadeiro, mas um afastamento deste. Diz o autor:

O estatismo integral ou o socialismo de estado é a forma mais consistente do estado autoritário que se libertou de toda dependência do capital privado. (...) No estatismo integral, a socialização é simplesmente decretada. Os capitalistas privados são eliminados. Doravante, os dividendos são coletados apenas de títulos do governo. (...) O estatismo integral não é um recuo, mas

²⁴⁷ “The legal institution of private property has been preserved under National Socialism. The claim of invested capital for a just return has never been questioned. But the owner's right to control the use of his property is subject to manifold restrictions (...) The checks imposed upon the rights of the individual property owners result in an increased power of a few groups every one of which rules over real industrial empires” (Pollock. “Is National Socialism a new order?” *Zeitschrift für Sozialforschung*, IX (3), 1941, pp. 440-455, p. 442) A mesma perspectiva é compartilhada por Horkheimer, que escreve: “the triumph of the existing order would result in fascism. Capitalism may still exist for a time, even after its liberal phase is over. The fascist phase is, of course, determined by the same economic tendencies which already have destroyed the market system.” (Horkheimer, Max. “The Authoritarian State” *The essential Frankfurt school reader* - New York: Continuum, 1985, p. 110)

um avanço do poder. Pode existir sem racismo. No entanto, os produtores, a quem o capital legalmente pertence, continuam sendo trabalhadores assalariados, proletários, não importa o quanto seja feito por eles. (...) O estado autoritário é repressivo em todas as suas formas.²⁴⁸

Deste modo, apesar de seguir a noção de capitalismo de Estado, Horkheimer abandona a dicotomia pollockiana entre seus formatos democrático e totalitário ao dizer, sem nuance alguma: “o capitalismo de Estado é o Estado autoritário do presente”²⁴⁹, seja em sua versão reformista²⁵⁰, bolchevista²⁵¹ ou fascista.

Tal perspectiva se adequa à ideia segundo a qual não é a socialização e a planificação da economia que denotam a tão almejada emancipação, mas o fim da exploração humana em seus moldes capitalistas. Na União Soviética não teria ocorrido uma melhoria das condições de vida da população, mas uma adoção de medidas repressivas em favor da segurança econômica que teria mantido a exploração humana, transferindo o poder socioeconômico para o monopólio do Estado e para a burocracia. Assim, “o socialismo deles não funcionava. A devoção às massas que marcham, a submissão entusiasta à coletividade (...) celebra uma feliz ressurreição com as organizações autoritárias da juventude. A revolução, que era uma vocação no mesmo nível que a ciência, levou à prisão ou à Sibéria”²⁵². Em seu lugar, uma sociedade verdadeiramente emancipada deveria “governar com base em acordos livres”, dando prosseguimento a um viés histórico emancipador.

²⁴⁸ Horkheimer, Max. “The Authoritarian State” *The essential Frankfurt school reader* - New York: Continuum, 1985, pp. 101-2.

²⁴⁹ Horkheimer, Max. “The Authoritarian State” *The essential Frankfurt school reader* - New York: Continuum, 1985, p. 96.

²⁵⁰ As críticas de Pollock dirigidas ao sistema capitalista de Estado não o impediram de depositar suas esperanças na forma democrática deste, como um elogio disfarçado ao *Welfare State* – por mais que uma defesa “aberta” da versão democrática desse sistema tenha sido alvo de críticas por parte de Adorno e Horkheimer. Ao contrário de Pollock, Horkheimer e Adorno não viam com bons olhos a ampliação do controle estatal nem mesmo em sua versão democrática do *Welfare State*, pois ela significava um conformismo que dava sobrevida ao capitalismo e, com isso, uma intensificação do autoritarismo repressivo que ia na contramão da liberdade.

²⁵¹ Na crítica de Horkheimer à esquerda, “O mais decisivo é o processo pelo qual todas as forças negativas e progressistas se ajustam aos mecanismos de opressão. Por isso ele não se refere apenas ao estalinismo. A crítica às organizações políticas e sindicais do proletariado vai desde as formas socialdemocratas até as bolcheviques, desde as vias reformistas até as revolucionárias. De modo geral, nenhuma variante de esquerda com peso político na época é poupada. (...) Por outro lado, a passagem sugere uma certa reminiscência da simpatia que Horkheimer nutria por Rosa Luxemburg, dada a conhecida crítica que ela sempre endereçou à burocratização dos partidos operários, em especial à teoria leninista sobre a organização do partido revolucionário, acompanhada da correspondente defesa da espontaneidade das massas. (...) As posições predominantes à esquerda, socialdemocratas, trabalhistas e bolcheviques, são absorvidas cada vez mais pelas injunções da racionalização técnica e burocrática que elas promoveram.” (Repa, L. “Crítica da esquerda, crítica da razão – uma visão de conjunto sobre o pensamento de Horkheimer nos anos 1940” *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 22, n. 2, pp. 92-109, p. 100)

²⁵² Horkheimer, Max. “The Authoritarian State” *The essential Frankfurt school reader* - New York: Continuum, 1985, pp. 112-3.

Podemos ver, então, que a teoria defendida por Pollock não encontra no Instituto adeptos integrais, mas resistências em pontos cruciais de sua análise. Adorno, por exemplo, opunha-se à “hipótese totalmente antidualética de que em uma sociedade antagonica seja possível uma economia não antagonica.”²⁵³ Nesse sentido, percebemos que a abordagem do mundo administrado pelo capitalismo monopolista presente em DdA aceita parcialmente o diagnóstico de Pollock, enfatizando algumas ideias da teoria do capitalismo de Estado, mas preocupando-se em considerá-lo de forma implícita mais do que abertamente – vide, por exemplo, a dedicatória de DdA a Pollock e a insistência na crítica a conglomerados empresariais que controlam um “pseudomercado”.

Quanto a isso, para nós, de forma mais próxima do texto de Horkheimer, DdA trata da expansão da forma mercadoria na cultura, de modo a constituir uma administração total da sociedade, expansão essa que só seria possível mediante acordos entre grandes empresas, com seus monopólios econômicos, e o Estado. Mais do que apontar qual dentre ambos – a esfera política ou a econômica –, em última instância, determinaria a sociedade, entendemos que nenhuma organização político-econômica seria tão totalitária caso não houvesse uma verdadeira união dos conglomerados econômicos com o poder político. Os efeitos de tal planificação controladora da economia e sociedade como um todo são inúmeros. Nesse âmbito, como veremos no capítulo 6, é de autoria de Adorno a ideia segundo a qual, no estágio monopolístico do capitalismo, o antagonismo social se expressaria na cultura²⁵⁴, atualizando um processo de dominação histórica para além dos limites da economia. Assim, se

²⁵³ Carta de Adorno a Horkheimer, New York, 08/06/1941. Theodor W. Adorno e Max Horkheimer. *Briefe und Briefwechsel, Band 4.II: 1938–1944*, p. 139.

²⁵⁴ Se a concepção de fetiche redigida por Marx não significa uma ilusão proveniente de má compreensão humana sobre a realidade, mas é objetiva ao se efetivar em cada ação humana de troca de mercadorias por equivalência do trabalho humano, o fetiche pensado por Freud e Adorno não correspondem exatamente a essa concepção. Isso porque, como veremos nos capítulos 6 e 8, o fetichismo descrito por Freud está vinculado a uma organização psíquica e pulsional que influi na cognição e interação humanas. Para nós, seguindo a ideia de Lukács e Sohn-Rethel, seria a objetividade do fetiche pensado pela crítica da economia-política que determinaria a formação psíquico-pulsional humana também tornada fetichista, como consequência do domínio da economia sobre as relações pessoais e organizações psíquicas. Já a concepção adorniana ultrapassa o entendimento do fetichismo enquanto reificação, isto é, como uma naturalização de abstrações proveniente do afastamento do conceito em relação a seu objeto. Pois, para Adorno o fetichismo passará a abranger o domínio da cultura, onde a ideologia da sociedade de monopólios e massas não trabalha exatamente sob a forma de encobrimento das relações causais que estruturam a realidade, produzindo ilusões: atingindo camadas parcialmente conscientes da cognição humana, a ideologia se encontra hoje em uma “esfera da insinuação, da piscadela de olho, do ‘você sabe do que estou falando’” (Adorno, T. W. *As estrelas descem à Terra. A coluna de astrologia dos Los Angeles Times, um estudo sobre superstição secundária* – São Paulo: Unesp, 2008, p. 41). Como desenvolveremos mais a frente em nossa tese, o fetichismo irá ganhar, com isso, novos contornos relacionados ao cinismo e à clivagem do eu.

A Alemanha nazista realiza essa operação ao promulgar, em grande escala, uma regressão administrada a um mito político de fundação nacional, excluindo qualquer pessoa que não se encaixe em sua narrativa excludente; o capitalismo norte-americano realiza isso por meio da indústria cultural e da manipulação cada vez mais insidiosa do cotidiano por meio da propaganda e do consumismo: ambos são para Adorno os aspectos da administração total.²⁵⁵

Dos desenvolvimentos de Pollock e Horkheimer, podemos notar ao menos dois posicionamentos que são caros a TAP. A noção de que o Estado autoritário, em quaisquer de suas formas, seria decorrente do capitalismo. E a de que o governo “de esquerda” da URSS seria visto como autoritário e, por decorrência, ainda reproduzindo uma estrutura de dominação capitalista. Assim, tanto o fascismo alemão quanto a experiência da União soviética seriam considerados como desdobramentos da história de desenvolvimento capitalista justamente porque teriam expandido o controle e dominação do ser humano, que anteriormente se encontrava somente na esfera do trabalho, para todos os âmbitos da vida humana.

Se a dominação social se deu no período liberal por meios econômicos, ela passa a ser exercida de forma diretamente política com o posterior declínio do papel da propriedade privada. (...) Democracia e totalitarismo garantem de formas distintas o controle da produção pelas elites dominantes, mas exatamente nesse ponto, ou seja, no fato de estarem a serviço de uma particularidade, reside sua base em comum.²⁵⁶

Algumas das críticas à TAP, sob tal pano de fundo, reconfiguram-se quando pensamos nos posicionamentos de Pollock e Horkheimer aqui desenvolvidos. Afinal, se TAP só produz uma crítica à noção político-econômica conservadora isso ocorre não só porque o autoritarismo seria decorrente do capitalismo, sendo necessariamente “de direita”, mas porque não teria havido, até então, ao menos para Horkheimer, um governo “de esquerda” que teria sido de fato emancipador, ainda permanecendo no terreno capitalista. Além disso, podemos pensar que a relação íntima entre o capitalismo e o autoritarismo faz do preconceito uma consequência direta da organização social e econômica vigente. Como diz Horkheimer: “O novo antissemitismo é o emissário da ordem totalitária na qual a ordem liberal desembocou. É necessário reconsiderar as

²⁵⁵ Hammer, Espen. *Adorno and the political*. Routledge, NY, 2006, pp. 16-7.

²⁵⁶ Regatieri, Ricardo P. *Do capitalismo monopolista ao processo civilizatório. A crítica da dominação nos debates no Instituto de Pesquisa Social no início da década de 1940 e na elaboração da Dialética do Esclarecimento*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2015, 172p, p. 46.

tendências do capital.”²⁵⁷ Ou ainda “O fascismo é a verdade da sociedade moderna que a teoria havia revelado desde o princípio: fixa as diferenças extremas que a lei do valor finalmente produziu.”²⁵⁸

. Conclusões do capítulo 4

Em nosso quarto capítulo, abordamos partes das teorias de Lukács, Sohn-Rethel, Marx, Pollock e Horkheimer que se mostram importantes para a formulação da antropologia do tipo autoritário. Com Lukács, conceitos importantes foram abordados, como reificação, racionalização, fetiche e alienação, noções que denotam a expansão da dominação capitalista para além da esfera econômica. É assim que a forma mercadoria aparece como modelo da objetividade em geral e da subjetividade. Em tal generalização da forma mercadoria para todas as esferas da sociedade capitalista, vemos, então, uma fragmentação de elementos humanos para fins de manuseio, cálculo, previsão e controle. Assim, a generalização da forma mercadoria como racionalização técnica que identifica a objetividade e subjetividade enquanto reificadas é largamente utilizada por Horkheimer e Adorno.

Em paralelo, é com Sohn-Rethel que a expansão da noção de mercadoria abrangeria inclusive o pensamento humano, especificamente pelas noções de síntese e abstração. Se o que se relacionam socialmente são as mercadorias, de modo que os sujeitos que as trocam são igualados em função delas, em correspondência, o que permite a síntese cognitiva do diverso é uma referência à abstração real. Isso implica em dizer que a possibilidade de abstração não se daria exclusivamente no pensamento, mas teria uma gênese na ação histórica e objetiva. Nesse sentido, as ações humanas na esfera econômica ocorrem sem compreensão, isto é, de forma irracional; e se a economia determina a cognição do ser humano, uma racionalidade também irracional é desenvolvida. Vemos demonstrada a mediação feita pela mercadoria entre a sociedade e a psique individual.

Além disso, lembramos como a amplitude e aprofundamento da alienação no desenvolvimento capitalista já eram encontrados em Marx. Em nossas análises da cooperação em *O Capital* e de formas diversas da alienação nos *Manuscritos*, pudemos

²⁵⁷ Horkheimer, M. “Los judíos y Europa” *Constelaciones, Revista de Teoría Crítica*, n. 4, dez-2012, pp. 2-24, p. 3.

²⁵⁸ Horkheimer, M. “Los judíos y Europa” *Constelaciones, Revista de Teoría Crítica*, n. 4, dez-2012, pp. 2-24, p. 4.

ver dois pontos de vista que sugerem como a submissão do ser humano no capitalismo toma diversas facetas, tornando-se progressivamente mais real, não se referindo somente ao produto do trabalho, mas também à existência do próprio trabalhador, sua atividade laboral, seu meio de organização, sociabilidade e identidade. É o objeto alienado do ser humano pelo capital que acaba determinando-o de forma progressiva. Ocorre, então, não só a perda de si mesmo no que se refere à capacidade de expressão humana pelo trabalho, mas também a subjugação do trabalhador à mercadoria, do sujeito à coisa. Assim, se dos *Manuscritos* Horkheimer e Adorno tomaram a explicação de uma antropologia alienada a partir de uma cisão da relação entre sujeito e objeto, d'*O Capital* foi retirada uma dialética cuja perspectiva objetiva e real funda elementos da subjetividade.

O que interessa diretamente a Horkheimer e Adorno passam a ser as consequências da reificação e racionalização de todas as esferas sociais a partir de um viés econômico-político sobre a cultura e os indivíduos, resultando em uma racionalidade dominadora, um histórico do esclarecimento progressivamente alienante, uma antropologia autoritária e uma cultura fetichista – o capitalismo, em uma autocontradição, sendo realizado pelo esclarecimento. O diagnóstico do capitalismo transforma-se em um diagnóstico civilizacional e antropológico. Isso teria permitido a realização da mimese da mercadoria por parte do sujeito sob o domínio capitalista. Assim, haveria na percepção e comportamento social humano uma ocultação e abstração de aspectos da realidade por meio de uma ênfase em objetos frutos de projeções humanas. Segundo a teoria psicanalítica freudiana mobilizada por Horkheimer e Adorno, a mediação entre o psiquismo individual e a realidade também ocorre por meio de objetos, estes que sofrem um tipo de “abstração real” por equivalência. Logo, tal objeto pode ser substituído segundo o movimento próprio da plasticidade pulsional. Assim como ocorre com o valor, o objeto não passaria de um sustentáculo de uma imaterialidade projetada nele. Além disso, encontramos um vocabulário eminentemente econômico na explicação metapsicológica freudiana, onde as interações sociais são explicadas a partir de uma quantificação ligada à tensão e descarga pulsionais, de acordo com “ganhos” e “perdas” que tendem à economia de energia, como uma forma utilitarista de cálculo de prazer e desprazer. Com isso, a renúncia pulsional aparece na obra como instrumentalizada pelo capitalismo.

Por fim, atualizando historicamente o desenvolvimento do capitalismo enquanto monopolista, recorreremos a Pollock e Horkheimer para fundamentar o ambiente político-

econômico autoritário do capitalismo que levou ao desenvolvimento de uma antropologia também autoritária. Dessa forma, o nazismo não seria um desvio da civilização ocidental, mas a realização de tendências capitalistas. Inclusive, criticar o Terceiro Reich e os EUA dos anos 1940 é, de certa forma, também criticar indiretamente a experiência Soviética. Isso mostra como a crítica sobre uma suposta parcialidade de TAP, que teria atacado apenas o autoritarismo de direita, seria, no mínimo, igualmente parcial, pois não teria levado em conta as premissas conceituais de um diagnóstico socioeconômico que fundamenta a obra. Por isso, considerando que as descrições autoritárias do nazismo, da União Soviética e das experiências socialdemocratas encontram sua raiz comum na racionalização, pode-se dizer que a planificação não é uma característica exclusiva do socialismo, mas é proveniente do controle econômico-político praticado pelo avanço do capitalismo. Assim,

Para Adorno e Horkheimer, as sociedades democráticas de massas, a Alemanha nazista e o sistema soviético eram filhos legítimos da *Aufklärung* [e do capitalismo, diríamos]. Uns e outros faziam uso da mesma racionalidade técnica que, com o processo de monopolização e a planificação, se espalhou amplamente e que, longe de apontar para a emancipação social e conduzir a sociedade a um estágio melhor, reforçou a dominação.²⁵⁹

Logo, seguimos Horkheimer ao defender que não há como pensar o preconceito sem pensar o capitalismo. Ou seja, só é possível que haja autoritarismo em uma sociedade capitalista.

²⁵⁹ Regatieri, Ricardo P. *Do capitalismo monopolista ao processo civilizatório. A crítica da dominação nos debates no Instituto de Pesquisa Social no início da década de 1940 e na elaboração da Dialética do Esclarecimento*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2015, 172p, p. 141.

Capítulo 5

Antropologia como história natural

. Introdução ao capítulo 5

Um dos pontos importantes de DdA enfatizados por nós no capítulo 3 trata da repressão e dominação da natureza externa e interna pelo eu esclarecido que aparece como base de formação do tipo autoritário. Já no capítulo 4, mostramos que os fatores socioeconômicos determinam a formulação de tal antropologia. No presente capítulo, nosso intuito será o de aprofundar os questionamentos sobre estes temas, perguntando em que consiste essa natureza de forma geral, e a natureza interna, de modo específico, caminho para delinarmos qual a relação entre natureza e história pensada por Adorno.

Dissemos anteriormente que Horkheimer e Adorno entendem a natureza interna como relacionada a destinos pulsionais ligados a objetos, defesas, desejos colocados em operação por instâncias psíquicas. Contudo, ao denominar as movimentações pulsionais em termos de natureza, não podemos fugir da impressão de uma certa fixidez, rigidez e “substancialismo” que aparece junto a tal escolha conceitual, como se as denominações freudianas empregadas pelos autores de Frankfurt definissem um determinismo biológico que atuaria à revelia das influências sociais, culturais e históricas. Algo que seria no mínimo estranho para ser assumido por autores dialéticos. Ou, levando ainda mais adiante tal problemática, isso significaria – de modo igualmente controverso quando pensamos na filosofia adorniana – que tal determinismo se desdobraria também em uma naturalização do impulso dominador dos seres humanos em relação ao seu meio e a seus semelhantes, ocorrendo uma naturalização ou “biologização” das relações humanas, culturais e históricas.

Com isso, é nosso propósito aqui desfazer tais impressões mediante a apresentação de uma dialética entre natureza e história encontrada em *Ideia de história natural* de Adorno, o que leva a uma compreensão mais profunda da antropologia definida tanto em DdA quanto em TAP. Afinal, se “a naturalização dos homens hoje não é dissociável do progresso social”²⁶⁰, então é nossa tarefa não só enfatizar que a natureza se apresenta como um conceito histórico – elucidando como essa mutabilidade será operada na natureza interna, ou seja, nos destinos pulsionais –, mostrando também

²⁶⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 14.

que a história seria um tipo de sedimentação de elementos naturais anteriormente transitórios. Para tanto, iremos nos ater a concepções de segunda natureza de Lukács e da proto-história arcaica de Walter Benjamin, além de tratarmos sobre a mimese, esquematismo kantiano, rememoração e a tão debatida aporia de DdA.

Dito isso, relembremos a amplitude que a concepção de natureza ganha em DdA. Como já foi salientado muitas vezes, o esclarecimento segue o intuito de “liberar o homem dos perigos da existência natural, animal e vegetal e protegê-lo a partir de níveis cada vez mais elevados de iluminismo por medo de regredir a uma condição de sujeição ainda mais arcaica ao poder das forças naturais.”²⁶¹ Contudo, em uma sociedade capitalista, também sabemos não só que a natureza externa é modificada pelo trabalho, mas que a energia corporal do trabalhador é voltada para a produção, momento em que se realiza a renúncia à satisfação pulsional direta por meio da sublimação da libido em trabalho. Por isso, os autores relacionam o controle sobre a natureza a um retorno mítico contido justamente em tal pretensa concepção de progresso.

É assim que a história do progresso humano se torna a história da alienação e não a da emancipação. Isso porque a dominação sobre a natureza externa mediante o trabalho converte-se em uma dominação sobre a natureza humana, isto é, dominação do ser humano (sobre si mesmo e seus semelhantes objetificados pelo sistema capitalista de produção, resultado da apropriação da força de trabalho humana mensurada, controlada e alienada). Como nos diz Benhabib:

O desenvolvimento das forças de produção, o aumento do domínio da humanidade sobre a natureza, não é acompanhado pela diminuição da dominação interpessoal; pelo contrário, quanto mais racionalizada a dominação da natureza, mais sofisticada e difícil de reconhecer se torna a dominação social. (...) O trabalho é de fato a sublimação do desejo; mas o ato de objetificação no qual o desejo é transformado em produto não é um ato de autorrealização, mas um ato de medo que leva ao controle da natureza dentro de si mesmo. A objetificação não é autorrealização, mas a autonegação disfarçada de autoafirmação.²⁶²

Haveria, então, uma relação direta, fomentada pelo capitalismo, entre dominação da natureza externa e do corpo humano entendido como natureza interna para fins de produção econômica.

²⁶¹ Matos, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução* – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p. 153.

²⁶² Benhabib, Seyla. *Critique, norm and utopia – a study of the foundations of Critical Theory* – New York: Columbia University Press, 1986, p. 167.

os traços humanos e extra-humanos no mundo administrado não são mais passíveis de distinção um do outro: seres humanos são reprimidos, perseguidos e até mesmo exterminados, como se aí se tratasse de mero prolongamento da milenar – e, tacitamente, unanimemente aceita – exploração da natureza. (...) Eles são, portanto, vistos como “homens-natureza” e a violenta dominação sobre a natureza prolonga-se em sua repressão.²⁶³

Contudo, pensando dialeticamente, a natureza não estaria só sendo determinada pelo avanço histórico do capitalismo. Afinal, os impulsos humanos que se mostram continuamente subjugados pelo sistema capitalista dominante permanecem vivos, mesmo que reprimidos, retornando de forma indireta, distorcida e, mais uma vez, passível de serem administrados pela situação histórica socioeconômica – como podemos ver pela manipulação dos destinos pulsionais inclusive nos momentos de lazer mediante a organização industrial da cultura. São justamente estes retornos naturais anteriormente retirados da história que são remanipulados pela estereotipia e racionalizações veiculadas pela indústria cultural. Como lemos em “O interesse pelo corpo” ao fim de DdA:

Sob a história conhecida da Europa corre, subterrânea, uma outra história. Ela consiste no destino dos instintos e paixões humanas recalcados e desfigurados pela civilização [*Schicksal der durch Zivilisation verdrängten und entstellten menschlichen Instinkte und Leidenschaften*]. O fascismo atual, onde o que estava oculto aparece à luz do dia, revela também a história manifesta em sua conexão com esse lado noturno que é ignorado tanto na legenda oficial dos Estados nacionais, quanto em sua crítica progressista.²⁶⁴

Tal modificação da natureza interna, que é entendida pelos autores como uma história subterrânea das movimentações pulsionais, é justamente o objeto maior de nossos interesses.

. Ideia adorniana de história natural

É de longa data a existência de uma reflexão sobre natureza e história nos escritos de Adorno, aparecendo em diversos momentos de sua trajetória. Em *Teses sobre a necessidade*, texto contemporâneo à DdA, por exemplo, tal relação é abordada claramente ao lermos que “toda pulsão é tão mediada socialmente que sua dimensão

²⁶³ Duarte, Rodrigo. *Mimesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno* – São Paulo: Loyola, 1993, p. 75.

²⁶⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 190.

natural jamais aparece de imediato, mas sempre como produzida pela sociedade.”²⁶⁵ Ou ainda, nas seguintes passagens encontradas em *Dialética Negativa*: “A legalidade natural da sociedade é ideologia na medida em que é hipostasiada como um dado natural imutável.”²⁶⁶ Mais à frente, ele continua:

A antítese tradicional entre natureza e história é verdadeira e falsa; verdadeira na medida em que enuncia o que acontece com o momento natural; falsa na medida em que repete apologeticamente o encobrimento da naturalidade da história por meio dessa história mesma graças à sua construção conceitual a posteriori. Na diferenciação entre natureza e história exprimiui-se ao mesmo tempo de maneira irrefletida essa divisão do trabalho que sem escrúpulos projeta sobre os objetos a diferenciação inevitável dos métodos científicos.²⁶⁷

Mas, é principalmente em *Ideia de história natural* que concentraremos nossa leitura mais detida. Escrito em 1932 e publicado somente após a morte do autor, este ensaio se mostra particularmente interessante para nós “porque contém elementos centrais das obras maduras de Adorno em um estágio ainda em articulação [*molten*].”²⁶⁸ Hullot-Kentur assim o resume: o intuito deste texto seria o de

compreender um objeto como natural ali onde ele parece mais histórico e histórico, onde parece mais natural. A ideia de história natural, então, é a dialética que pode ser extraída de uma análise literal da ambiguidade do termo: a história da natureza é a natureza compreendida como histórica; a história natural é o histórico apreendido como natural.²⁶⁹

Grosso modo, Adorno inicia este ensaio desenvolvendo uma crítica à fenomenologia de Heidegger, que teria desfeito a dualidade entre natureza e história erigida desde Platão. Por mais que não seja de nosso interesse aprofundarmos em tal crítica, ao menos podemos lembrar que a nova ontologia heideggeriana tende, para Adorno, a dissolver o objeto ao projetar na natureza um sentido formulado pela razão, como se o conceitual subjetivo apagasse a natureza. É assim que a história idealista de Heidegger trata tautologicamente dela mesma e não atinge a objetividade natural: o ser histórico é incluído e subjugado à historicidade subjetivista: “o ente mesmo se converte em sentido, e, em lugar de uma fundamentação além da história do ser comparece o

²⁶⁵ Adorno, T. W. “Teses sobre a necessidade” In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* – São Paulo: UNESP, 2015, pp. 229-30.

²⁶⁶ Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 295.

²⁶⁷ Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 297.

²⁶⁸ Hullot-Kentur, Bob. “Introduction to Adorno’s ‘Idea of a Natural History’ In *Telos* (60), 1984, 234-304, p. 241.

²⁶⁹ Hullot-Kentur, Bob. “Introduction to Adorno’s ‘Idea of a Natural History’ In *Telos* (60), 1984, 234-304, p. 239.

projeto do ser como historicidade.”²⁷⁰ Tal formulação de uma historicidade do natural pela neo-ontologia idealista ganha uma conotação mítica, substancial, anterior à história. Nas palavras de Hullot-Kentur,

a *ratio* consome sua relação com seu objeto. No entanto, a *ratio*, ao tentar estabelecer a objetividade, isola-se da objetividade. Historicamente, a *ratio* produz uma segunda natureza – em última análise, as existências míticas e invariáveis da neo-ontologia. Esses absolutos nada mais são do que significados inseridos na realidade que são destoantes [*rebarbative*] à interpretação porque seu ponto de partida é em si mesmo a *ratio*.²⁷¹

A partir de tal crítica, Adorno apresenta a sua concepção da relação dialética entre natureza e história. Para isso, ele trata de dissolver a compreensão mítica de natureza:

Para entendimento do conceito de natureza, que eu gostaria de dissolver, basta dizer que se trata de um conceito que, se eu quisesse traduzi-lo na linguagem conceitual filosófica mais habitual, poderia caracterizá-lo mais facilmente pelo conceito de mítico. (...) Por ele (mítico) se entende o que está aí desde sempre, o que sustenta a história humana e nela aparece como um ser anteriormente dado, submetido inexoravelmente, o que nela há de substancial. O demarcado por estas expressões é o que eu entendo por natureza. A questão que se coloca aqui refere-se à relação dessa natureza com o que entendemos por história, em que história designa uma forma de conduta dos homens, forma de conduta transmitida, que se caracteriza antes de tudo pelo fato de aparecer nela o qualitativamente novo, por ser ela um movimento que não se desenvolve na pura identidade, na pura reprodução do que sempre esteve aí, e sim produz o novo e alcança seu verdadeiro caráter através do que, nela, aparece como novo.²⁷²

Para tanto, o autor procede com sua dinâmica dialética. Isso porque não basta desvincular a natureza das noções de originário, primário, imutável e substancial, ou seja, “separar o aparentemente idêntico por meio de diferenciação específica”²⁷³; Adorno produz ainda uma aproximação da natureza a uma concepção histórica social mutável justapondo “elementos aparentemente não relacionados e não idênticos, revelando a configuração na qual eles congelaram ou convergiram. Construção de

²⁷⁰ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 2. [Último acesso em 03 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HKSQT0k3bmkJ:https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2011/08/adorno-a-idc3a9ia-de-histc3b3ria-natural-1932-doc.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

²⁷¹ Hullot-Kentur, Bob. “Introduction to Adorno’s ‘Idea of a Natural History’ In *Telos* (60), 1984, 234-304, p. 244.

²⁷² Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 1.

²⁷³ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt Institute* – New York: The Free Press, 1977, p. 99.

semelhanças fora dos opostos por uma ‘justaposição de extremos’.”²⁷⁴ Os termos natureza e história sofrem, então, uma mediação dialética na qual nenhum dos dois elementos permanece estático, assim como ambos não culminam em uma síntese última. Ao mesmo tempo em que natureza e história permanecem incomensuráveis em seu dualismo (não podendo resultar em um conceito fundido, unificado), por outro lado, seus sentidos são continuamente modificados por determinação mútua.

Segundo o exposto na própria *Ideia de história natural*, as bases teóricas para o desenvolvimento de tal concepção dialética de natureza e história são ao menos duas, ancoradas em trabalhos de Lukács e Walter Benjamin. Na *Teoria do Romance*, Lukács teria mobilizado a concepção formulada por Hegel de segunda natureza a fim de opor, de um lado, uma primeira natureza entendida no sentido das ciências da natureza, sendo esta natureza evidente e calculável; e, de outro, uma segunda natureza alienada, o mundo da mercadoria. Esta segunda natureza estaria vinculada ao sistema capitalista no qual coisas seriam consumidas pelo ser humano, tornando-se uma convenção.

Essa realidade do mundo da convenção, como é produzida historicamente, das coisas que se tornam estranhas, que não podemos decifrar, mas que topamos como cifras, é o ponto de partida da problemática que eu apresento aqui. O problema da história da natureza, visto a partir da filosofia da história, se coloca, antes de tudo, com a questão de como é possível esclarecer, conhecer este mundo alienado, coisificado, morto.²⁷⁵

Trata-se de uma concepção de natureza produzida historicamente pelo ser humano a partir de elementos oriundos do sistema capitalista, mas que teriam se consolidado e cristalizado como hegemônicos, dando a impressão de seres originários, imutáveis, fazendo a mimese do morto. A segunda natureza expressaria, assim, um semblante ou aparência concebida simultaneamente como natural e histórica, não se configurando completamente como uma natureza substancial, porque historicamente produzida, nem como puramente transitória, já que se sedimentou enquanto segunda natureza. “A leitura do histórico como natural neste sentido revela como o histórico se tornou eternizado como um produto natural não humano.”²⁷⁶

²⁷⁴ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt Institute* – New York: The Free Press, 1977, p. 99.

²⁷⁵ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 5.

²⁷⁶ Morgan, Alastair. *Adorno's concept of life*. New York: Continuum International Publishing Group, 2007, p. 15.

Contudo, é em combinação com conceituações benjaminianas que o conceito de segunda natureza lukacsiano é desenvolvido ao ponto de esclarecer a ideia adorniana de história natural. Afinal, foi Benjamin quem mostrou que o momento dialético em que a natureza é revelada seria transitório – uma “ruinância” – o que permite “definir o mais moderno em si como uma figura do mais arcaico.”²⁷⁷ Assim diz Adorno:

O que pode significar aqui o discurso da transitoriedade e o que quer dizer proto-história do significado? Não posso desenvolver estes conceitos à maneira tradicional, um separado do outro. (...) A natureza enquanto criação é concebida por Benjamin como assinalada pelo sinal da transitoriedade. A natureza mesma é transitória. Dessa maneira, tem em si mesma o momento da história. Sempre que aparece historicamente, o histórico remete ao natural, que nele passa. (...) Por isso não se trata de meramente indicar que na própria história temas proto-históricos sempre se voltam a manifestar, e sim que a própria proto-história, enquanto transitoriedade, leva em si o tema da história. A determinação fundamental, a transitoriedade do terreno não significa outra coisa que uma relação semelhante entre natureza e história; que todo ser ou todo ente deve ser compreendido apenas como cruzamento do ser histórico e do ser natural.²⁷⁸

Segundo a citação acima, podemos pensar que, se a natureza é transitória e histórica – como vimos com Lukács –, a história seria composta por diferentes momentos de “naturezas sedimentadas” que historicamente sedem seu lugar de efetivação hegemônica a novas cristalizações do natural. Como veremos mais a frente, estas novas concepções de natureza que se impõem no sentido histórico podem vir a ser temas anteriormente suprimidos da história, mas que permaneceram vivos e subjacentes enquanto proto-história.

Na conjunção entre Lukács (que mostra a segunda natureza produzida historicamente ganhando uma característica natural pretensamente “fixa” e sedimentada) e Benjamin (que exhibe a transitoriedade do natural tanto em sua formação quanto em sua possível revelação vindoura), elimina-se a possibilidade de qualquer elemento estático na história natural. Não há nada histórico que não possa ser naturalizado, assim como em todo conteúdo natural há uma origem histórica. “O ponto mais profundo na convergência da história com a natureza se situa precisamente nesse momento da transitoriedade. Se Lukács faz com que o histórico, enquanto o ter-sido, volte a se transformar em natureza, aqui se dá o outro lado do fenômeno: a mesma

²⁷⁷ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt Institute* – New York: The Free Press, 1977, p. 107.

²⁷⁸ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 6.

natureza se apresenta como natureza transitória, como história.”²⁷⁹ Vejamos as formas possíveis de ilustrarmos essa difícil dialética.

. Antropologia histórica como história naturalizada: do esquematismo hollywoodiano

É justamente no seguinte momento dialético entre natureza e história que a nossa concepção de antropologia histórica se posiciona: sendo concebida como uma natureza interna forjada a partir de determinantes histórico-culturais, a psicanálise freudiana seria tomada por Adorno e Horkheimer como uma antropologia cujas reações metapsicológicas – ou mais precisamente os destinos e vicissitudes pulsionais – seriam do signo de uma natureza sedimentada, porém historicamente determinada e vivenciada. “A leitura do natural como histórico tem um propósito mais direto, no sentido de que todo ontológico fundamentado em termos naturalistas deve ser lido como mediado historicamente pelas forças e relações de produção.”²⁸⁰

Esta natureza interna descrita em termos antropológicos não pode ser estática. Pois haveria restos ou potenciais destinos pulsionais (denominados como arcaicos, pré-históricos ou até como proto-história biológica) que foram relegados pelo desenvolvimento histórico-civilizatório e que retornam, podendo modificar a história individual e social e, por consequência, a formação da natureza interna e a segunda natureza social. Defendemos, com isso, que os destinos pulsionais – enquanto reações defensivas, satisfações, desvios de meta e capacidade de sublimação – que compõem as reações típicas de “tipos antropológicos” sedimentados são, por outro lado, historicamente fomentados. Afinal, a família e as demais instituições sociais educadoras que formam os indivíduos o fazem segundo normas, valores e ações mais ou menos condizentes com o contexto histórico vivido, cada vez mais massificado. Por isso, o que pretendemos expor seria precisamente a historicização da antropologia, justamente o contrário de uma “biologização”, “naturalização”, “substancialização” relacionada à imutabilidade humana.

Seguindo tal raciocínio, a antropologia de TAP pode ser pensada como um retrato de um tipo frequente cuja organização e reação pulsional típicas, influenciadas por determinações históricas do capitalismo, foi sedimentada, tipo este descrito

²⁷⁹ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 5.

²⁸⁰ Morgan, Alastair. *Adorno's concept of life*. New York: Continuum International Publishing Group, 2007, p. 15.

mediante termos da psicanálise freudiana apropriados por Adorno. Sob tal ponto de vista, as reações a determinantes históricos teriam sido como que naturalizados em uma tipologia, definindo fisionomias típicas de sujeitos bastante adequados a um determinado contexto cultural.

Podemos aqui recorrer a um breve comentário da adequação de um tipo antropológico à objetividade dominante, qual seja, o tema de Hollywood e o esquematismo kantiano presentes em DdA – complementares à noção de tipo antropológico autoritário. Neste estudo de caso, podemos notar como a objetividade no interior da subjetividade, isto é, o conteúdo estereotipado e racionalizado veiculado pela indústria cultural que é recepcionado e retransmitido pelos indivíduos, não passaria, nesse caso, de um reflexo de uma objetividade falsa. E isso precisamente porque duplica a falsidade de um mundo pretensamente unívoco, mas que se encontra, na verdade, irreconciliado com elementos de sua própria história. Um tipo de historicidade naturalizada que acaba se referindo à projeção de uma identidade objetificada na realidade que não deve ser percebida como contraditória – tema este reiteradamente debatido em DdA.

Adorno mobiliza a teoria kantiana no debate da indústria cultural ao dizer que “a função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. o esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente.”²⁸¹ Ou ainda: “No mundo da produção em série, a estereotipia – que é seu esquema – substituí o trabalho categorial. O juízo não se apoia mais numa síntese efetivamente realizada, mas numa cega subsunção.”²⁸² Em nossa análise de tais assertivas, podemos começar por apresentar a definição, cunhada por Horkheimer e Adorno, do esquematismo kantiano: esquematismo é o nome do

funcionamento inconsciente do mecanismo intelectual que já estrutura a percepção em correspondência com o entendimento. Este imprime na coisa como qualidade objetiva a inteligibilidade que o juízo subjetivo nela encontra, antes mesmo que ela penetre no eu. Sem esta intelectualidade na percepção nenhuma impressão se ajustaria ao conceito, nenhuma categoria ao

²⁸¹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 103.

²⁸² Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 166.

exemplo, e muito menos o pensamento teria qualquer unidade, nem a unidade do sistema, para a qual tudo está dirigido.²⁸³

Grosso modo, o esquematismo seria, então, a mediação entre o entendimento e a percepção, ou melhor, a forma de adequação do dado ao conceito, formulação de uma verdadeira intelectualidade dos conteúdos percebidos. Modo de dizer como nenhuma percepção aparece para nós de modo completamente “neutro” em seu sentido, mas já é *conformado* pelo pensamento na construção de conhecimento. Forma de descrever o próprio ato de refletir, isto é, sistematizar dados factuais em torno de sistemas de referência importantes para a unidade psíquica do sujeito do conhecimento.

Sabemos, contudo, que Adorno “não ignora a distinção fundamental da filosofia kantiana entre o momento empírico da subjetividade e o transcendental. No entanto, recusa a separação e a abstração que, segundo ele, inverte totalmente a ordem da constituição.”²⁸⁴ Isso porque, no contexto fetichizante e “naturalizante” do capitalismo, o indivíduo já des-individualizado se encontra historicamente destituído de seu papel de sujeito do conhecimento: a consciência que produz o esquema não seria mais individual, sendo substituída pelo capitalismo em seu modo industrial de entretenimento. Isso quer dizer que, para Adorno, o esquema, função própria da natureza humana que media a percepção e o pensamento, é produzido pela indústria cultural, chega pronto ao indivíduo que simplesmente o aceita e o “aplica” em cada percepção na produção do conhecimento. A função mesma de raciocinar, de refletir conceitualmente os dados percebidos no mundo, é produzida por Hollywood:

os sentidos já estão condicionados pelo aparelho conceitual antes que a percepção ocorra, o cidadão vê a priori o mundo como a matéria com a qual ele o produz para si próprio. Kant antecipou intuitivamente o que só Hollywood realizou conscientemente: as imagens já são pré-censuradas por ocasião de sua própria produção segundo os padrões do entendimento que decidirá depois como devem ser vistas. A percepção pela qual o juízo público se encontra confirmado já estava preparada por ele antes mesmo de surgir.²⁸⁵

Aquilo que é entendido como naturalizado em Kant ganha uma gênese histórico-social em Horkheimer e Adorno, recebendo ainda um viés adaptativo. Assim, se o esquematismo é produzido objetivamente de forma massificada, tal universalidade falsa

²⁸³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 72.

²⁸⁴ Musse, Ricardo. “Elementos da crítica de Adorno a Kant”. *Dois pontos*, Curitiba - São Carlos, vol. 4, n. 1, abril, 2007, 201-215, p. 206.

²⁸⁵ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 73.

enseja a perenidade de um funcionamento sociopsicológico, mas que é tomado como natural e que tem em vista a autoconservação de uma identidade adequada ao *status quo*.

. Antropologia histórica como natureza historicizada: das *Teses sobre o Conceito de História* de Benjamin

Considerando que as transformações antropológicas acompanhariam as modificações históricas, lembramos que já nos ocupamos, em nosso capítulo anterior, da exposição das concepções pollockiana e horkheimerianas sobre o Estado autoritário e capitalista. Contudo, não especificamos o recorte histórico de DdA – para além da referência a Sohn-Rethel²⁸⁶ que remonta sua análise socioeconômica à Grécia antiga. Mas, se a antropologia é do sujeito esclarecido, como explicarmos tal menção ulissiana enquanto modelo prototípico da antropologia dominadora do autoritário? Devemos, então, voltarmo-nos à delimitação dialética ousada do percurso narrativo-temporal da obra em que uma pré-história do esclarecimento avança desde a Grécia antiga, realizando-se no capitalismo tardio. Tal dialética faz com que a trajetória dos acontecimentos descritos se desenvolva como negação e conservação consecutivas, em que um novo momento de realização histórica encontra resquícios na antiguidade, como se desenvolvimentos posteriores já estivessem contidos, em germe, desde fases anteriores. Como nos confirmam Horkheimer e Adorno: “O burguês nas figuras sucessivas do senhor de escravos, do empresário livre e do administrador é o sujeito lógico do esclarecimento.”²⁸⁷

Tal descrição histórica sem uma anterioridade deslocada do presente – presente esse que se efetiva desde sempre – pode ser entendida no livro segundo duas concepções, a saber, como expropriação, marca do pensamento de Horkheimer sob

²⁸⁶ Nossos desenvolvimentos aqui devem muito ao que expomos em nosso capítulo anterior no qual pensamos como a relação entre abstração real e abstração intelectual trazida por Sohn-Rethel é colocada em operação por meio de uma noção dialética da história. A narração de DdA faz de Ulisses um proto-burguês porque na Grécia antiga já existia a economia de troca – o que possibilitou o pensamento técnico-abstrato e o início do longo processo de esclarecimento da racionalidade dominadora -, mesmo que ainda não nos moldes capitalistas massificados e industriais. Dialeticamente, tal processo teria sofrido certa descontinuidade e (re)continuidade histórica gradativas até que a racionalidade esclarecida tenha se encontrado vinculada ao capitalismo.

²⁸⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 72.

influência marxista, e como regressão, mais ligado à leitura psicanalítica de Adorno. Como expõe Cohn, em relação a Adorno

se exprime a dúvida quanto à concepção de progresso cultivada pela razão esclarecida e se levanta do modo mais consequente (vale dizer, sem qualquer concessão à ideia de “etapas”) a questão de um movimento regressivo que se traduz no afastamento, mais exatamente no recuo forçado, em relação ao que seria objetivamente possível alcançar nas condições históricas presentes.²⁸⁸

Podemos dizer que ambos os posicionamentos negam um desenvolvimento temporal linear e evolutivo. Ora, tanto a recusa da progressão histórica própria da visão burguesa quanto os diferentes pontos de vista dos autores relativamente ao desenvolvimento histórico-dialético são heranças d'*As teses sobre o conceito de história* de Benjamin. Longe de almejar compreender profundamente esta obra de grande dificuldade, achamos frutífero abordá-la rapidamente para que o problema histórico-genealógico do esclarecimento possa ser minimamente debatido. Para tanto, vejamos os comentários em cartas trocadas por Adorno e Horkheimer em que ressaltam os principais pontos do livro de Benjamin momentos antes da escrita de DdA:

“É o caso, principalmente, de sua concepção da história como catástrofe permanente, sua crítica do progresso e da dominação da natureza, e sua atitude em face da civilização” (carta de Adorno a Horkheimer, Nova York, 12 de junho de 1941). Horkheimer aprovou-o incondicionalmente. “Estou tão feliz quanto você por nos ver de posse das teses de Benjamin sobre a história. Elas vão nos ocupar ainda por muito tempo, e ele estará presente, a nosso lado. A identidade da barbárie e da civilização... constituiu, aliás, o tema de uma de minhas últimas conversas com ele num café perto da gare de Montparnasse (...)” (carta de Horkheimer a Adorno, de Pacific Palisades, 21 de junho de 1941).²⁸⁹

O principal a ser dito sobre as teses benjaminianas em relação à DdA é que o conceito de história enquanto progresso leva à ruína e à catástrofe (*Verfallsgeschichte*) justamente porque tal concepção histórica consideraria unicamente os avanços da dominação. Esta progressão da história narra somente os acontecimentos do ponto de vista dos vencedores sobre os oprimidos. Por isso, se “*Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie*”²⁹⁰, o que devemos

²⁸⁸ Cohn, Gabriel. “Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje”. *Lua Nova*, n. 43, 97, 5-25, p. 17.

²⁸⁹ Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, pp. 340-1.

²⁹⁰ Benjamin, W. “Teses sobre o conceito de história” Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 70.

fazer é adotar outra concepção histórica dos acontecimentos do mundo, conforme lemos na tese 8: “*O espanto em constatar que os acontecimentos que vivemos ‘ainda’ sejam possíveis no século XX não é nenhum espanto filosófico. Ele não está no início de um conhecimento, a menos que seja o de mostrar que a representação da história donde provém aquele espanto é insustentável.*”²⁹¹

Conforme já vimos, para Benjamin a relação existente entre o passado e o presente (ou a natureza e a história) não se dá de forma unilateral, linear e evolutiva: não só alguns elementos do presente iluminam o passado, como também estes elementos antigos, quando rememorados, podem levar a uma modificação do momento atual. Assim, dialeticamente, na renovada noção de histórica de Benjamin, “uma parte desprezada ou esquecida do passado afirmava-se num presente que se alargava, englobando-o. O passado era salvo por um presente que escapava de suas próprias limitações.”²⁹² Neste ponto de vista materialista, haveria a preocupação de incluir na trajetória histórica os elementos que foram vencidos, considerando restos antigos não incluídos na situação atual dos vencedores, mas que continuam se fazendo presentes, mesmo mediante a sua negação. Sob tal ponto de vista, nesta concepção histórica há uma modificação tanto do passado resgatado quanto do presente:

Benjamin compartilhava (...) a preocupação de salvar o passado no presente, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois. Transforma o passado porque este assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento, transforma o presente porque este se revela como a realização possível da promessa anterior – uma promessa que poderia se perder para sempre, que ainda pode ser perdida se não for descoberta e inscrita nas linhas atuais.²⁹³

A resignificação dos elementos do passado que foram negados poderão ser utilizados para a crítica do presente, podendo levar à revolução e emancipação entendidas como “interrupção de uma evolução histórica que leva à catástrofe.”²⁹⁴ Isso seria possível mediante o reencontro com elementos provenientes de uma história arcaica (ou pré-história), isto é, por meio da lembrança de uma forma de vida anterior que rompe com o encontro da progressão histórica para a barbárie. A redenção

²⁹¹ Benjamin, W. “Teses sobre o conceito de história” Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 83.

²⁹² Wiggershaus, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002, p. 232.

²⁹³ Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 63.

²⁹⁴ Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 23.

(*Erlosung*) do passado que não teve lugar na história seria entendida como “rememoração [que] tem por tarefa, segundo Benjamin, a construção de constelações que ligam o presente e o passado.”²⁹⁵ Dessa forma, a teoria da história benjaminiana não mostra somente como a revolução é uma interrupção da história da expropriação praticada pela burguesia – como queria Horkheimer –, mas é também o retorno ou rememoração de um elemento anterior que fora negado e dominado – como entende Adorno.

A revolução é a interrupção da eterna volta e o surgimento da mudança mais profunda. Ela é um salto dialético, fora do contínuo, inicialmente rumo ao passado e, em seguida, ao futuro. O “salto do tigre em direção ao passado” consiste em salvar a herança dos oprimidos e nela se inspirar para interromper a catástrofe presente. O passado contém o presente, *Jetztzeit* – “tempo-de-agora” ou “tempo atual”.²⁹⁶

Seguindo tais considerações, entendemos a figura de Ulisses, bem como o recurso a um retorno à Grécia antiga para tratar do esclarecimento, de duas formas: de um lado, como uma evidência do mito no esclarecimento, que mostra as irracionalidades e repetições de um modo de vida que, pela insistência da identidade, mostra-se congelada, como mimese do morto. Ao mesmo tempo, contudo, Ulisses aparece como o símbolo de uma recente racionalização astuciosa frente à natureza mítica, de modo que a sua proximidade ainda estreita com uma natureza que foi dominada seria, ela mesma, o retrato da possibilidade de efetivação de uma proto-história abafada pelos rumos históricos esclarecidos dominantes, traços arcaicos que podem voltar a se inscrever na história a qualquer momento.

. Uma homologia entre a concepção histórica de Benjamin e de Freud

Considerando os elementos temporais específicos encontrados em Benjamin, não podemos nos furtar de fazer uma comparação com a teoria de Freud no que concerne à temporalidade psíquica. Tal aproximação é incitada pelos próprios autores de DdA quando da declaração da natureza interna (enquanto destinos pulsionais) como testemunhos do retorno da fase mítica no esclarecimento. Como o próprio Adorno diz

²⁹⁵ Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 131.

²⁹⁶ Löwy, Michael, *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 120.

em uma longa citação de *Ideia de uma História Natural*, aproximando o mítico-arcaico e o historicamente novo de Benjamin à psicanálise freudiana:

Vou partir do fato de que a história, tal como a encontramos, se dá como algo absolutamente descontinuado, e, neste caso, não contém apenas fatos e circunstâncias disparatados mas também disparidades estruturais. (...) Então, essa descontinuidade (...) se apresenta, de entrada, como existente entre o mítico-arcaico, material natural da história, do ter-sido (*Gewesene*) e o novo que nela emerge dialeticamente, novo em sentido estrito. (...) A respeito desse terreno da investigação eu recorro que na psicanálise se encontra essa contradição com toda clareza: na diferença entre os símbolos arcaicos, em relação aos quais não se processa nenhuma associação, e os símbolos intrasubjetivos, dinâmicos, intrahistóricos, que se deixam eliminar e que podem ser transformados em atualidade psíquica, em conhecimento presente. Então a primeira tarefa da filosofia da história é elaborar esses dois momentos, distingui-los e confrontá-los entre si, e apenas quando essa antítese for explicitada, existirá uma chance de se poder chegar à desconstrução da história natural. Os resultados pragmáticos, que se apresentam quando se consideram o arcaico-mítico e o historicamente novo, oferecem novamente a indicação disso. Ao mesmo tempo fica evidente que o mítico-arcaico subjacente, mítico que supostamente persiste de forma substancial, não se mantém subjacente, em absoluto, de uma maneira estática; antes, em todos os grandes mitos, e, provavelmente, também nas imagens míticas que nossa consciência ainda tem, já se encontra presente o momento da dinâmica histórica, na verdade, em forma dialética, de modo que as realidades fundamentais míticas são plenamente contraditórias em si mesmas e se movem de forma contraditória (recorde-se do fenômeno da ambivalência, do “contrasentido” das palavras primitivas).²⁹⁷

Partindo disso, o que queremos demonstrar é como a temporalidade progressista e linear tão combatida por Benjamin nas teses sobre história também não era a mais adequada para tratar da organização psíquica aos olhos de Freud. Trata-se, então, de uma homologia entre o processo temporal psíquico descrito por Freud e a temporalidade social abordada por Benjamin.

Para Freud, é o eu que sente o tempo como uma consecução linear conforme a sequência progressiva do passado, presente e futuro. Contudo, tal noção temporal é incompatível com a noção de *Nachträglichkeit* do inconsciente – que em português pode ser traduzida por *só depois* ou *a posteriori*. Tal conceito propõe que o sintoma se constitui ao longo da trajetória de vida do indivíduo por meio de determinadas etapas: considerando o trauma infantil fixado no inconsciente sob a forma de um traço que sofre interferência de fantasias, podemos dizer que seu conteúdo *só* ganha sentido *depois*, por associação a uma vivência na vida adulta, quando este material retorna, após modificações inconscientes, à consciência. Quanto a isso, não figura importante que a

²⁹⁷ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, pp. 6-7.

recuperação do trauma como traço designe o acontecimento factual de acordo com a realidade vivenciada pelo indivíduo. Mesmo se houver um privilégio das fantasias na composição de seu conteúdo, o importante é como este material será significado no seu retorno à consciência, quando sofrerá uma última influência na vida adulta no momento de sua lembrança, influência que chega a ser algo como uma (re)construção de sentido.

Assim, tal concepção não significa somente que um conteúdo traumático datado na infância só adquire significado na idade adulta, numa forma progressista do passado que explica o presente. Além de tal sentido de um efeito *a posteriori* determinado pela infância, o conceito de *só-depois* também sustenta um significado retroativo: sem o motivo cronologicamente posterior que possibilite o retorno do recalcado, o vivido infantil não teria significado, não seria inserido na trajetória de vida individual. Isso quer dizer que o recalque infantil não determina por si mesmo a formação do sintoma, mas este material precisa – de certo modo – se repetir para se inscrever. Por isso, “o fato empírico não fornece princípio positivo algum de significação, mas apenas *uma espécie de questão aberta* que deverá posteriormente ser integrada às construções simbólicas do sujeito. Como se “fatos traumáticos” não tivessem, no fundo, peso determinista algum. Eles apenas abrem questões.”²⁹⁸

Esta noção de *só-depois* da estrutura do sintoma coaduna com a própria temporalidade inconsciente, que se caracteriza pela permanência infinita de seus conteúdos. Na visão de DdA, é como se o inconsciente fosse o reservatório dos restos de natureza excluídos pela dominação histórica. É precisamente porque seus materiais não têm validade, comportando-se como perenemente novos, que o inconsciente pode ser concebido como produtor de sentido, contribuindo para a reconstrução de uma narrativa individual anteriormente reprimida. Neste âmbito, as representações pulsionais inconscientes não podem ser compreendidas sinteticamente por meio da forma temporal linear do eu, mas elas se estruturam segundo uma movimentação que é dotada de uma construção narrativa própria:

Perigo interno e então constante, pedaço de atividade, exigência de trabalho, quer dizer, de transformação e de organização, todas estas maneiras de caracterizar o impulso são decisivas porque elas indicam a temporalidade paradoxal do pulsional: eternamente presente na existência de um sujeito e submetida às transformações que estruturam e entoam sua existência, autorizando certas modificações, bem além do que ele pode controlar, já que

²⁹⁸ Safatle, V. “Sobre o ato de rememorar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à rememoração” In Galle, Helmut; Schmidt, Rainer. *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 53.

este “pedaço de atividade” que é uma pulsão se organiza nos cenários que levam o sujeito bem antes do que ele possa reconhecer o que ele nomeia “si mesmo”.²⁹⁹

Por consequência, chegamos à conclusão segundo a qual “a teoria freudiana do inconsciente é, em sentido lato, uma teoria da memória.”³⁰⁰ Para Freud, tanto o inconsciente quanto a memória não são um simples armazenamento de materiais que permanecem fixados de forma imutável, mas são produtores de conteúdos. Seguindo o conceito de traço e de *só-depois*, podemos entender como, para a teoria freudiana, nós “podemos ter recordações de coisas que nunca existiram, que só eram possíveis e que, além disso, pareciam deformadas.”³⁰¹ Com isso, é possível uma concepção segundo a qual a

memória não é um arquivamento, mas uma contínua e incessante interpretação. Pois as lembranças não são imutáveis, mas são reconstituições operadas sobre o passado e em contínuo remanejamento. Não se trata de unidades discretas perpetuando-se através do tempo. O que temos é um sistema dinâmico que, a partir do presente, integra traços mnésicos em relações que se constituem *a posteriori*.³⁰²

Neste âmbito, o presente não pode ser uma presença integral, mas é, antes, a contração de conteúdos provenientes da memória produtiva e do instante atual. O instante presente figura, assim, como ressonância de um passado ao qual se atribui continuamente um sentido, já que os conteúdos da primeira infância não têm efeitos se não forem compreendidos, quer dizer, se não se relacionarem com a trajetória de vida do indivíduo no momento de seu retorno. Pensado desta forma, o instante presente é somente aquilo que possibilita a passagem do desejo antigo à atualidade de uma trajetória de vida. Nas palavras de Freud: “O estado anímico anterior pode não ter se manifestado durante anos, mas continua tão presente que um dia pode novamente se

²⁹⁹ David-Ménard, M. “Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb?” In *Revue germanique internationale* [En ligne], mis en ligne le 29 juillet 2011, consulté le 28 septembre 2012, § 18. <http://rgi.revues.org/924>.

³⁰⁰ Gabbi Jr., O. F. “A teoria do inconsciente como teoria da Memória”. *Revista da Psicologia USP* – São Paulo, 4 (1/2), 1993, p. 11.

³⁰¹ Gabbi Jr., O. F. “Memória e desejo” In Prado Jr., B. (org.) *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 177.

³⁰² Safatle, V. “Sobre o ato de rememorar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à rememoração” In Galle, Helmut; Schmidt, Rainer. *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 55.

tornar a forma de expressão das forças anímicas, a única mesmo, como se todos os desenvolvimentos posteriores tivessem sido anulados, desfeitos.”³⁰³

Assim, os indivíduos encontram a trajetória de si explicada em dois tempos, o que leva a dizer que as pessoas e os acontecimentos nunca são completamente atuais ou efetivos no momento presente:

Neste jogo de esconde-esconde entre presente e passado, o sujeito de prazeres e desprazeres sempre transborda no que lhe acontece: ele não é nunca contemporâneo do que ele vive, mas o que permaneceu latente é ativado subitamente por algo atual que o revela. Ora, esta não-coincidência consigo, que é o tempo de nossas experiências de prazer e de desprazer, segue em consonância com o que eu chamava *dissimetria*, que é a mesma experiência, lida não mais sob um ponto de vista da temporalidade, mas do ponto de vista das relações com os outros e com as coisas às quais nos ligam estas emoções.³⁰⁴

É pelo recurso à rememoração como conceito clínico freudiano que podemos entender melhor a temporalidade do inconsciente. Paralelamente à noção de memória na teoria freudiana, é importante notar que a rememoração não é simplesmente uma lembrança: se em Freud a memória adquire um teor produtivo, então a rememoração diz respeito não a materiais psíquicos que foram esquecidos, pois nunca foram conscientes, mas a conteúdos que são formulados mediante sensações e fantasias. Alcançando no máximo a sensação de *déjà vu*, isto é, a sensação de que, no fundo, já se sabia, a rememoração é o fornecimento de sentido a um conteúdo que nunca foi completamente presente, sentido tal produzido segundo o ponto de vista individual do paciente adulto no momento da análise.

Esta rememoração de traços traumáticos permite ao analista mostrar ao paciente que a situação atual vivenciada pelo analisando seria, em parte, uma atuação conforme as repetições (míticas, cíclicas) de conteúdos infantis. Ao liberar tal material do estado de inconsciência, o sujeito rememora sua trajetória reconstituindo-a de forma mais bem acabada e completa. De acordo com Freud, portanto, é o posicionamento do analista que leva à consciência do paciente a sua própria trajetória de vida. Assim, a passagem da atuação das repetições para a narrativa delas localizada no passado é, para Freud, a designação de rememoração: “Esse estado de doença é então levado, parte por parte, para o horizonte e o domínio da ação da cura; e quando o doente vive isso como algo de

³⁰³ Freud, S. “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 225-6.

³⁰⁴ David-Ménard, M. *Éloge des hasards dans la vie sexuelle*. Hermann Éditeurs: Paris, 2011, pp. 14-5.

real e de atual, nós temos que operar nisso o trabalho terapêutico que consiste, em boa parte, em levar as coisas ao passado.”³⁰⁵

Tal movimento de recuperação e distinção de conteúdos rememorados, vividos, herdados e fantasiados conduz à reavaliação da própria trajetória de vida do paciente. Por isso, dizemos que a análise move o analisando de uma posição em que se é influenciado por um conteúdo incompletamente presente para uma situação que o possibilita percorrer ativa e conscientemente a constituição de sua própria trajetória. Ao menos é isso que podemos entender do conceito de perlaboração ou elaboração (*Durcharbeiten*), quer dizer, de um trabalho que atravessa, uma ideia de movimento de construção de si e, com isso, de reposição de valores e respostas pessoais. Isso permite ao analisando uma articulação de seu desejo com a narrativa pessoal que leva, de certa forma, à promoção de uma mudança tanto na interação com a alteridade quanto consigo mesmo. Deste modo, de uma descontinuidade de si designada pelo efeito de *só-depois* do sintoma, passamos à continuidade de sua trajetória de vida pela elaboração.

Neste contexto, fica evidente a importância de repensar a noção de história subjetiva em Freud como mais uma consequência da reformulação da temporalidade psíquica, uma vez que a trajetória do indivíduo não pode ser designada de forma consecutiva e linear. Dada a influência do inconsciente, das pulsões e da memória produtiva, a história deve ser entendida conforme a narrativa de uma experiência do tempo que não é vivida sucessiva e progressivamente, mas por meio de conteúdos transformados desde seu início e que ressurgiram mediante de um “salto” na linha retilínea do tempo linear do eu. É justamente porque a inserção do traço na trajetória individual acontece *só-depois* que a noção de pré-história individual pode ser entendida psicanaliticamente, sendo configurada por conteúdos que ainda não ganharam sentido e foram reprimidos, não sendo incluídos em uma narrativa pessoal. Deste modo, a pré-história seria concebida segundo conteúdos entendidos como traços não inseridos na trajetória de vida do eu, faltando-lhe sentido e contexto. Assim, “ao nos ensinar que o reprimido tende sempre a voltar à superfície, a psicanálise nos coloca frente à necessidade de nos interessarmos pelo ‘obsuro’, pelo ‘inominável’, isto é, pelo que é excluído do cenário da história.”³⁰⁶

³⁰⁵ Freud, S. “Remémoration, répétition et perlaboration” *La technique psychanalytique*. Paris: Quadrige, PUF, 2007, p. 121.

³⁰⁶ Enriquez, E. *Da horda ao estado – psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, pp. 22-3.

São algumas as possibilidades de relação da teoria da temporalidade inconsciente tanto com DdA quanto com as teses benjaminianas sobre história. Podemos dizer que o sujeito do conhecimento esclarecido falha na tecnicidade da sua racionalidade, pois pratica uma superação incompleta daquilo que procurou negar. Seria justamente a dialética entre mito e esclarecimento, ou o recalcado e o eu, que se mostra de forma dupla, como ruptura da situação vigente e como regressão. Nesse âmbito, estabelece-se o nosso recurso a Benjamin: lembremos como a concepção histórica burguesa, paralela ao tempo linear do eu, deve ser modificada para que a barbárie seja evitada. Seria mediante uma rememoração de elementos vencidos pela dominação (cuja narrativa não teve lugar na história linear do eu burguês esclarecido, como um tipo de regressão a conteúdos não realizados) que levam à modificação do presente – do sujeito em análise ou da sociedade. Assim, para além da denúncia e recusa da temporalidade linear do esclarecimento burguês em torno da instância psíquica do eu, ao relacionarmos Freud, DdA e Benjamin, podemos dizer que a dialética (na qual é o retorno a um material anterior, tido como pré-história e podendo ser o trauma, a natureza ou a narrativa dos vencidos) precisa ser movimentada pelo resgate da memória que ganha um poder ativo e produtor de sentidos ao ressignificar o presente como revolução, cura individual ou realização de uma racionalidade realmente esclarecida. Portanto, mediante a psicanálise freudiana, esclarecemos como a regressão ao passado para o rompimento da situação do presente não significa um retorno a formas de vida tal como elas já foram vivenciadas em tempos pretéritos, mas seria a ressignificação de um passado que não foi plenamente realizado e que poderá modificar o sentido histórico futuro.

. Repensando a aporia do esclarecimento pelo conceito de antropologia como história natural

Por fim, pretendemos tematizar como o nosso posicionamento em relação à antropologia como história natural interfere no debate sobre a aporia do esclarecimento. É sob a forma de uma aporia, isto é, de uma impossibilidade de resolução que o destino do esclarecimento como dominação e autodestruição é apresentado em DdA:

A aporia com que defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a autodestruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito

desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão [*Rückschritt enthalten*] que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo [*rückläufige*], ele está selando seu próprio destino.³⁰⁷

São bastante conhecidos os significados que tal aporia recebe da parte de alguns comentadores importantes de DdA. Grosso modo, pensando no ponto de vista segundo o qual a autodestruição do esclarecimento é uma situação sem saída, Habermas³⁰⁸ entende que a racionalidade instrumental seria a única racionalidade possível, uma vez que seria decorrente de um comportamento defensivo relacionado à antropologia descrita, isto é, à própria condição e formação da natureza humana. Este seria, aos olhos de Honneth³⁰⁹, um problema produzido por um déficit sociológico e excesso de psicologismo sofridos pelos autores Horkheimer e Adorno que teriam se baseado quase que exclusivamente em uma leitura naturalizante da teoria freudiana, deixando a história e a crítica da economia-política de lado. Tal inevitabilidade de uma racionalidade dominadora e autodestrutiva reservaria, então, para a racionalidade reflexiva somente a posição de uma utopia irrealizável e ingênua sendo, portanto, irracional no sentido de sua efetivação. Nesses termos, a própria crítica feita em DdA seria impossível, pois não haveria como se colocar fora do domínio da racionalidade técnica, não sendo concebível um espaço crítico ou ao menos não técnico do pensar.

Contudo, nossa posição difere da leitura acima, justamente porque nosso ponto de vista parte da antropologia como história natural. Se para Horkheimer e Adorno a aporia é o objeto de análise inicial de DdA, entendemos que ela é a condição de onde parte a crítica dos autores, não sendo o ponto final ou a chegada do pensamento deles. Ou seja, nada mais dialético do que iniciar os questionamentos filosóficos a partir de uma contradição vivenciada no interior de um falso universal. Para tanto, retomemos a noção de antropologia enquanto natureza historicamente formulada, mas sedimentada, adequada à segunda natureza (também histórica e sedimentada) de elementos do capitalismo. Defendemos, contudo, que essa adequação individual não poderia ser total – afinal nem mesmo a sociedade é isenta de contradições. Isso quer dizer que a

³⁰⁷ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 13.

³⁰⁸ Cf. Habermas, J. *O discurso filosófico da modernidade* – São Paulo: Martins Fontes, 2002, principalmente os capítulos sobre “O conceito hegeliano de modernidade” e “O entrelaçamento do mito e esclarecimento: Horkheimer e Adorno”.

³⁰⁹ Cf. Honneth, Axel. *The critique of power: reflective stages in a critical social theory* – Cambridge: The MIT Press, 1991.

adequação antropológica ao social não impede que certos resquícios da natureza interna, que teriam sido reprimidos pelas determinações históricas, possam ressurgir, mesmo que de forma ressignificada, à revelia das imposições culturais reinantes. Estes seriam os resquícios arcaicos ou momentos da proto-história biológica correspondentes a traços de uma vivência atualmente não prevalentes que retornam como não-idênticos.

Para abordá-los, entretanto, deveremos tratar com mais afinco a concepção dialética adorniana. Apesar do conceito de não idêntico ser mais desenvolvido em *Dialética Negativa*, podemos rastrear seu significado mais ou menos explícito em uma leitura atenta de DdA e TAP. Para nós, a natureza, tomada enquanto retorno do arcaico na particularidade subjetiva, aparece como um momento de não identidade e negatividade diante dos parâmetros da racionalidade vigente estabelecidos. Tais resquícios de uma natureza indomada seriam concebidos como um instante evanescente do movimento dialético. O retorno de traços naturais recalcados é transitório, experienciado como uma particularidade cujo reaparecimento foi mediado pela universalidade histórica, isto é, possibilitado por elementos contextuais inerentes à realidade contraditória. Nesse sentido, dar ouvidos ao retorno de elementos da natureza interna que não puderam ser completamente controlados pelo sentido histórico dominante pode ser entendido por nós como a prática de dar primazia ao objeto no interior do sujeito. Sob tal ponto de vista, o objeto no sujeito seria parte da natureza – formulada e ressurgida historicamente –, uma diferença sentida imediatamente pelo sujeito e apresentada como o retorno de traços arcaicos, como um tipo de possibilidade de vivência que não encontra significado imediato no sentido histórico dominante.

Este instante transitório de ressurgimento do resquício proto-histórico natural não idêntico pode se comportar como um disparador de um processo subsequente. Modo de dizer não somente que, desde as influências de Sohn-Rethel e Lukács consideradas em nosso capítulo anterior, o funcionamento psíquico do tipo antropológico autoritário seria decorrente das determinações socioeconômicas; mas também que a abertura para uma reconciliação com a própria natureza gerada na e negada pela própria história também se encontra no interior deste mesmo sujeito, sendo igualmente possibilitada pela influência de gêneses socioculturais. Forma de pensar que as contradições da “realidade interna”, para utilizar uma expressão de Freud, são devidas às contradições da realidade objetiva.

É assim que compreendemos melhor o que já foi exposto em nosso segundo capítulo, a saber, que, para se alcançar o primado do objeto que inaugura o materialismo

dialético de Adorno, deve-se procurar por mais sujeito. Isto é, no interior de um indivíduo há mais sujeito não quando ele se encontra inteiramente adequado às formas culturais dominantes, mas quando há a espontaneidade de uma parcela de natureza ainda não inserida na história “contada pelos vencedores”, como veremos mais a frente. E nesse mais-sujeito há justamente algo de objetividade em sua gênese, uma objetividade recusada pelo sentido histórico dominante, precisamente a contradição vivida na realidade e negada pela racionalização e estereotipia forjadas pelo capitalismo enquanto segundo natureza. Como disse o próprio Adorno anos mais tarde:

O primado do objeto só é alcançável em uma reflexão subjetiva e em uma reflexão subjetiva sobre o sujeito. Decerto é possível explicar esse estado de coisas dificilmente conciliável com as regras da lógica corrente e discrepante em sua expressão abstrata, dizendo que seria em verdade necessário escrever uma pré-história do sujeito, tal como ela foi esboçada na *Dialética do Esclarecimento*, mas não uma pré-história do objeto. Uma tal pré-história já trataria sempre de objetos. (...) A mediação do objeto significa que ele não pode ser estática e dogmaticamente hipostasiado, mas só pode ser conhecido em sua imbricação com a subjetividade.³¹⁰

Assim, entendemos que a autodestruição do esclarecimento seria inescapável somente se pensarmos em uma antropologia fixa e imutável, que se situaria fora do domínio de uma história natural. Isto é, a aporia se mostra como um fim inevitável somente a partir do ponto de vista da historicidade dominante, de uma objetividade falsa que pretende naturalizar processos históricos do capitalismo enquanto imutáveis. Nesse sentido, defender uma noção originária, una e “substancial” do ser humano seria restringir a natureza humana à ideologia como parte da segunda natureza capitalista, retirando o papel que os sujeitos têm na escrita dialética da história.

Sabemos que a dialética aqui apresentada não se limita somente à crítica do existente, mas encontra na contradição caminhos possíveis para uma reconciliação futura. Como nos descreve Benhabib:

O teórico crítico deve ou falar em nome de uma futura visão utópica à qual ele sozinho tem acesso, ou deve desempenhar o papel de memória e consciência em uma cultura que eliminou seu próprio passado. Nem esta visão utópica nem a lembrança retrospectiva se baseiam em normas e valores derivados da autocompreensão desta cultura e estrutura social. O ponto de vista do crítico transcende o presente e justapõe ao existente o que deveria ser ou o que poderia ter sido se o passado não tivesse sido traído.³¹¹

³¹⁰ Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Rio de Janeiro: Zahar, 2009, pp. 159-60.

³¹¹ Benhabib, Seyla. *Critique, norm, and utopia – a study of the foundations of Critical Theory* – New York: Columbia University Press, 1986, p. 180

Esta aporia não deve ser abandonada, mas continuamente praticada e revivida por meio da dialética negativa. O próprio Adorno chama sua crítica de “dissonância”. É a dissonância entre pensamento e realidade, conceito e objeto, identidade e não identidade, que deve ser revelada. A tarefa do crítico é iluminar aquelas rachaduras na totalidade, aquelas fissuras na rede social, aqueles momentos de desarmonia e discrepância, por meio dos quais a inverdade do todo é revelada e vislumbres de outra vida tornam-se visíveis. (...) Meidante seu método de dissonância emancipatória, Adorno torna-se um etnólogo da civilização avançada, procurando revelar os momentos de resistência e sofrimento implícitos em que o potencial humano para desafiar o mundo administrado se manifesta.³¹²

Entendemos, ainda, que a explicação psicanalítica adotada em DdA, base de TAP, designa apenas, a nosso ver, uma fase histórica da antropologia ou natureza humana, como se os autores concebessem diferentes padrões antropológicos (enquanto reações pulsionais naturalizadas e sedimentadas correspondentes a determinações históricas mutantes) ao longo do processo de civilização. Assim, a gênese da formação humana é materialista, estando relacionada à condição histórica em que os sujeitos se encontram e, portanto, não paira intacta e imutável sobre as situações e realizações sociais. Em nossa defesa, em DdA, encontramos passagens em que os autores vislumbram a possibilidade do esclarecimento refletir sobre suas condições de realização pela dominação, modificando a estrutura social e cognitiva e realizando, portanto, uma nova antropologia dialética: “No último capítulo publicam-se notas e esboços que, em parte, pertencem ao horizonte intelectual dos estudos precedentes, sem encontrar aí seu lugar, e em parte traçam um esboço provisório de problemas a serem tratados num trabalho futuro. A maioria deles refere-se a uma antropologia dialética [*dialektische Anthropologie*].”³¹³ Como sabemos mediante nossa análise da história natural, um conceito antropológico dialético seria reflexo de um momento histórico que assumiria as contradições sociais que também se encontram no interior do sujeito, permitindo a realização efetivamente crítica do encontro com o não idêntico. Por consequência, “A crítica aí feita ao esclarecimento deve preparar um conceito positivo do esclarecimento, que o solte do emaranhado que o prende a uma dominação cega.”³¹⁴

A autocrítica do conceito de esclarecimento e, com ele, da racionalidade é algo pretendido por Horkheimer e Adorno e indica um estado de coexistência de diferenças

³¹² Benhabib, Seyla. *Critique, norm, and utopia – a study of the foundations of Critical Theory* – New York: Columbia University Press, 1986, pp. 181-2.

³¹³ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 16.

³¹⁴ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 15.

sem que haja dominação. Retomando algo já exposto em nosso primeiro capítulo, isto quer dizer que

Adorno não identifica razão instrumental com pensamento identitário – por isso não procede a crítica sugerida por Habermas, de haver uma totalização ideológica na *Dialektik der Aufklärung* (...) – mas apreende identidade e não-identidade como antinomia no próprio âmbito da razão, seguindo aqui o programa de Lukács em *História e consciência de classe*. (...) Para Adorno o pensamento identitário se revelaria como incapaz de, pela sua via conceitual, dar conta dos objetos, embora essa seja sua pretensão explícita. (...) Trata-se de romper, sem abandonar o conceito, a via da conceitualização (*Begrifflichkeit*) no âmbito do pensamento identitário. A tarefa precípua do primado do objeto é justamente forçar o conceito a apresentar-se como antinômico. Seria neste sentido que Adorno, aliás, caracterizaria a dialética: apresentar “o novo no velho”.³¹⁵

Assim, a antropologia é histórica não só porque o corpo se adequa às determinações sociais (produzindo uma historicidade sedimentada em naturalizações míticas), mas também porque o corpo não tem como se adequar completamente a elas (produzindo o retorno de resquícios arcaicos indomados)³¹⁶. Por isso, a utilização da psicanálise pelos autores de Frankfurt pode ser considerada como o testemunho dos danos que um determinado momento histórico infligiu no sujeito ou como um relato de uma forma de vida danificada. Mediante tal pensamento, podemos inferir ao menos que, na dialética a caminho da emancipação, o bloqueio da realização da liberdade não se encontra no sujeito – que preserva em si as contradições sociais que movem uma dialética negativa –, mas deve ser diagnosticado no social. Esta é uma das razões, entre outras já expostas em nossa tese, para uma abordagem antropológica (e não precisamente psicológica) encontrada em TAP.

O intuito seria o de elucidar, no interior do corpo humano,

³¹⁵ Leo Maar, W. “Materialismo e primado do objeto em Adorno” *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 133-154, 2006, pp. 136-7.

³¹⁶ “Em uma configuração social como a atual, há uma dimensão das relações que só se expressam de maneira corporal, porque elas necessariamente lembram a violência que a ordem simbólica precisou produzir para poder instaurar-se. Elas precisam ser relações corporais não porque são ‘naturais’, ‘originárias’ ou ainda ‘arcaicas’. Elas precisam ser relações corporais por serem a forma de realização das dimensões próprias a uma “sociedade inconsciente de si mesma”. Dimensões estas que só podem ser conscientes à condição da destruição da consciência tal como ela se determina atualmente. No que vemos uma dialética entre natureza e história na qual a natureza aparece, mais uma vez, como a história esquecida de si mesma. História que só pode se encontrar a si mesma à condição de negar a violência que a própria história até agora representou. Ou seja, ela só pode encontrar-se à condição de obrigar a história a ser o que ela ainda não é e o que ela até agora nunca foi. É nesse sentido que a psicanálise poderá trazer a Adorno as coordenadas de uma vida correta que ainda não existiu, que ainda não acedeu à existência reconhecida enquanto tal.” (Safatle, V. “Freud em Frankfurt: a função da Psicanálise no pensamento de Theodor Adorno” *Por que Freud hoje?* – São Paulo: Zagodoni, 2017, p. 87)

o semblante [*semblance*] mítico como implicitamente contendo a possibilidade de reconciliação: (...) o elemento de reconciliação no semblante [*semblance*] aparece quando seu conteúdo de transitoriedade [*Transience*] é expresso, onde o arcaico se revela como o histórico. Em sua transitoriedade [*transience*], a segunda natureza apresenta-se como primeira natureza. (...) Mediante o controle completo sobre o material, no limite da convenção, o mítico se torna expressivo, “as paixões não são mais simuladas, mas sim emoções genuínas do inconsciente – de choque, de trauma – são registradas sem disfarce” (...) A segunda natureza, então, não é só a convenção, mas potencialmente uma nova natureza.³¹⁷

Ainda lemos em DdA:

É só quando a total identificação com essas potências monstruosas é impressa nas pessoas concernidas como uma segunda natureza e quando todos os poros da consciência são tapados, que as massas são levadas a esse estado de absoluta apatia que as torna capazes de realizações fantásticas.³¹⁸

Afinal, a sua antropologia, sendo tanto fruto de uma adequação às determinações histórico-sociais dominantes quanto concebendo esta potência arcaica de expressão não idêntica, sofre no interior de si mesma as decorrências da dialética entre natureza e história. É claro que, sendo uma dialética, este elemento arcaico transitório pode ser socialmente mobilizado para fins de readequação e destruição – como ocorre na descrição dos “Elementos de Antissemitismo” no qual o “O impulso recusado [*die versagte Regung*] é permitido na medida em que o civilizado o desinfeta através de sua identificação incondicional com a instância recusadora.”³¹⁹ Sob tal ponto de vista, o preconceito do tipo antropológico autoritário seria formulado não somente como um modo objetificado de reprodução do clima autoritário fomentado pelo sistema socioeconômico e veiculado pela indústria cultural, forma de adequação da natureza interna humana à segunda natureza sedimentada pelo capitalismo. Além disso, o preconceito pode ser concebido também – como debateremos melhor em nosso capítulo 8 – como uma reapropriação social capitalista de elementos arcaicos ressurgidos da proto-história biológica para fins de dominação.

Contudo, se até hoje os retornos pulsionais do arcaico foram mobilizados para fins de manipulação de um tipo antropológico autoritário, justamente porque é histórica,

³¹⁷ Hullot-Kentor, Bob. “Introduction to Adorno’s ‘Idea of a Natural History’ In *Telos* (60), 1984, 234-304, pp. 248-9.

³¹⁸ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 168.

³¹⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 152.

tal antropologia pode vir a ser outra em outros contextos e determinações talvez até mais radicais:

Em seu estudo sobre o *Admirável mundo novo*, Adorno critica o desdém de Huxley por Lenina, uma criação robótica de tubos de ensaio, a quintessência da sexualidade artificialmente desinibida e do charme artificial, por quem o protagonista do romance se apaixona. De acordo com Adorno, Huxley entendeu mal sua criação. “Porque ela é unificada [*at one with*] até o seu âmago à convenção, a tensão entre o convencional e o natural se dissolve e com ela a violência na qual consiste a injustiça da convenção (...). Por meio da mediação total (...) uma nova imediaticidade, uma nova humanidade poderia surgir”.³²⁰

Vemos entrar em cena o potencial deste novo natural que se coloca como uma abertura de outro sentido histórico diante de uma segunda natureza que, sendo reconhecida como mero semblante, guarda também as possibilidades de um novo recomeço. Como arremata Adorno:

Ao invés de desenvolver ideias gerais, apresentarei um exemplo: o da aparência; e, certamente, falo da aparência no sentido de uma segunda natureza, da qual tratava antes. Esta segunda natureza, quando se manifesta plena de sentido, é uma natureza da aparência, e nela a aparência é produzida historicamente. (...) Penso que o momento da reconciliação está por toda parte onde o mundo se apresenta o mais aparente possível; em que a promessa de reconciliação é dada da forma mais perfeita, onde, ao mesmo tempo, o mundo está mais fortemente protegido contra todo “sentido”. Com isso volto a lhes remeter à estrutura do proto-histórico na aparência mesma, onde esta, em seu próprio ser, se revela como algo produzido historicamente: na linguagem corrente da filosofia: onde a aparência se torna madura pela dialética sujeito-objeto. A Segunda natureza é na verdade a primeira. A dialética histórica não é um mero retomar materiais proto-históricos reinterpretados e sim transformar esses mesmos materiais históricos em mítico e histórico-natural.³²¹

Assim, é quando a aparência é completamente revelada, desnaturalizando o pretenso dado, e quando a natureza é exibida de forma historicamente construída que a conceituação mesma de segunda natureza tende a se desfazer, concebendo-se como primeira natureza no sentido permitido pela história natural.

É desse modo que vislumbramos em Adorno uma brecha que pode significar uma esperança na emancipação ao dizer: “nos homens reificados a reificação tem seu

³²⁰ Hullot-Kentor, Bob. “Introduction to Adorno’s ‘Idea of a Natural History’ In *Telos* (60), 1984, 234-304, pp. 249-50.

³²¹ Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba, p. 8.

limite.”³²² A consciência dissociada e contraditória do ser humano reificado denotaria, então, a expressão de uma contradição social, de modo que haveria ainda no horizonte da totalidade a possibilidade de um motor da dialética histórica. Como nos diz Leo Maar:

A semiformação seria a forma social da subjetividade determinada nos termos do capital. É meio para o capital, e simultaneamente, como expressão de uma contradição, sujeito gerador e transformador do capital. Adorno, ao contrário do resignado pessimismo equivocadamente associado com sua obra, apresenta uma alternativa prática real para a tendência à totalização social dominante, ao revelar a construção objetiva da formação social presente.³²³

. Conclusões do capítulo 5

Em nosso capítulo, procuramos incluir a antropologia trabalhada até agora em uma dialética entre natureza e história. Iniciamos a nossa análise com *Ideia de História Natural*, texto adorniano que procura desfazer a identidade aparente entre natureza e noções de imutabilidade, originalidade, fixidez e essencialidade. Adorno produz a gênese histórica do conceito de natureza, assim como procura mostrar de que forma aspectos da história teriam sido sedimentados, naturalizados enquanto segunda natureza. Os termos natureza e história sofrem, então, uma mediação dialética na qual nenhum dos dois elementos permanece estático, assim como não culminam em uma síntese última. Ambos os conceitos são definidos de forma dupla: seria natural aquilo formado sob influência histórico-social, além de ser também aquilo que foi retirado da história, mas que poderá retornar. Ao passo que seria histórico aquele sentido progressivo dominante, bem como poderia ser visto como histórico traços ou resquícios abafados por este mesmo sentido dominante, mas que continuariam atuantes enquanto “proto-história”. Na conjunção entre Lukács (que mostra a segunda natureza produzida historicamente ganhando uma característica natural pretensamente “fixa” e sedimentada) e Benjamin (que exhibe a transitoriedade do natural tanto em sua formação quanto em sua revelação), elimina-se a possibilidade de qualquer elemento estático na história natural. Não há nada histórico que não possa ser naturalizado, assim como em todo conteúdo natural há uma origem histórica. Historicizar uma noção naturalista de

³²² Adorno, T. W. *Soziologische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979, p. 391.

³²³ Leo Maar, W. “Adorno, semiformação e educação In *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 83, 459-476, agosto 2003, p. 467.

ser humano, ou ainda, naturalizar restos renegados da história significa, então, colocar a psicanálise e a crítica da economia-política no coração mesmo da dialética pensada por Adorno.

Nesse contexto, a antropologia do tipo autoritário seria vista por nós como o conjunto de reações metapsicológicas de uma natureza sedimentada, porém historicamente determinada e vivenciada. Por outro lado, as próprias contradições no interior desta antropologia são ressaltadas em toda a nossa tese justamente porque significam resquícios da natureza interna que teriam sido reprimidos pelas determinações históricas dominantes. Estes mesmos resquícios podem, a nosso ver, de um lado, serem novamente instrumentalizados pela falsa universalidade (como é o caso das idiossincrasias no antissemitismo, ou ainda do esquematismo hollywoodiano). Assim, se o esquematismo é produzido objetivamente de forma massificada, esta universalidade falsa enseja a perenidade de um funcionamento sociopsicológico, mas que é tomado como natural, que tem em vista a autoconservação de uma identidade adequada ao *status quo*. Contudo, de outro lado, estes resquícios de uma natureza indomada pelo sentido histórico dominante podem levar a uma resignificação da história individual e social, bem como da própria natureza humana. Como um aparecimento de um não idêntico objetivo (porque reflexo de uma sociedade antagônica) no interior do sujeito, sugerimos que a concepção antropológica aqui debatida poderia vir a significar um momento transitório da passagem dialética de natureza à história e vice-versa – caso um viés histórico emancipador se instaurasse. Desta forma, a abertura para uma reconciliação com a própria natureza gerada na e negada pela própria história também se encontra no interior deste mesmo sujeito, sendo igualmente reflexo de gêneses socioculturais.

Como um segundo movimento mais geral, voltamo-nos às *Teses sobre o conceito de história* de Walter Benjamin para debatermos ao menos dois pontos: a delimitação temporal de DdA que faz de Ulisses um sujeito proto-esclarecido, bem como a homologia entre a temporalidade do inconsciente psíquico freudiano e a temporalidade histórico-social. Neste texto, Benjamin critica a noção progressista da história que levaria à catástrofe humana, uma vez que seu sentido consideraria somente os avanços da dominação próprios de uma história contada pelos vencedores. É assim que Benjamin defende a inclusão, na trajetória histórica social, dos elementos que foram vencidos, mas que ainda permanecem atuantes enquanto resquícios e traços não incluídos na versão vencedora da narrativa histórica, mas que continuam se fazendo

presentes, mesmo mediante a sua negação. A resignificação dos elementos do passado que foram negados poderão ser utilizados para a crítica do presente, podendo levar à revolução e emancipação entendidas como interrupção de uma evolução histórica em direção à ruína. Assim, a revolução seria uma interrupção da história da expropriação praticada pela burguesia, além do retorno ou rememoração de um elemento anterior que fora excluído do sentido histórico dominante.

Nesse âmbito, Ulisses, sendo um elemento em transição do mito ao esclarecimento, seria considerado um testemunho de ambos os sentidos históricos, o de uma racionalidade vencedora e de uma proto-história vencida pelos rumos históricos esclarecidos. Já Freud considera a duplicidade da percepção temporal psíquica que é organizada de forma linear no eu, mas de modo *só depois* no isso. Nesta segunda concepção, não somente um conteúdo traumático datado na infância *só* adquire significado *depois*, na idade adulta, numa forma progressista do passado que explica o presente; mas também, haveria um significado retroativo: sem o motivo cronologicamente posterior que possibilitaria o retorno do recalcado, o vivido infantil não teria significado, não seria inserido na trajetória de vida individual. Isso quer dizer que o recalque infantil não determina por si mesmo a formação do sintoma, mas este material precisa – de certo modo – se repetir para se inscrever. Em tal rememoração, haveria uma articulação do desejo a uma narrativa pessoal que levaria à promoção de uma mudança tanto na interação com a alteridade quanto consigo mesmo. Desse modo, de uma descontinuidade de si designada pelo efeito de *só-depois* do sintoma, passamos à continuidade de sua trajetória de vida pela elaboração. A homologia é concebida, então, como a concepção histórica burguesa, paralela ao tempo linear do eu, que deve ser modificada para que a barbárie seja evitada. Seria mediante uma rememoração de elementos vencidos, ou recalcados, pela dominação que obteríamos a modificação do presente – do sujeito em análise ou da sociedade.

Finalmente, utilizamos nosso debate sobre antropologia como história natural para tratar da aporia da autodestruição do esclarecimento. Ela seria, a nosso ver, mais um ponto de partida de análise crítica do que um ponto de chegada inescapável, justamente porque recusamos uma noção de antropologia fixa e imutável, que se situaria fora do domínio de uma história natural, recusando também o ponto de vista da historicidade dominante que naturaliza processos históricos. Assim, a explicação psicanalítica adotada em DdA, base de TAP, designa apenas, a nosso ver, uma fase histórica da antropologia ou natureza humana, como se os autores concebessem

diferentes padrões antropológicos (enquanto reações pulsionais naturalizadas e sedimentadas correspondentes a determinações históricas mutantes) ao longo do processo de civilização. Nesse sentido, a mobilização da psicanálise pelos autores de Frankfurt pode ser considerada como o testemunho dos danos que um determinado momento histórico infligiu no sujeito ou como um relato de uma forma de vida danificada. Por decorrência, haveria, então, o vislumbre de um outro tipo antropológico dialético em um contexto social utópico que poderia vir a assumir as contradições sociais.

Capítulo 6

O papel da indústria cultural na formação ideológica autoritária

. Introdução ao capítulo 6

Até aqui em nossa tese tratamos da leitura psicanalítica que fundamenta a antropologia de TAP; descrevemos os fundamentos desta antropologia em DdA; falamos da influência socioeconômica e histórica sobre esta noção antropológica de natureza humana. Se o tipo autoritário é receptáculo e reproduzidor de ideologias circulantes, a nossa sequência da tese deverá abordar alguns dos aspectos da influência cultural capitalista da qual a antropologia autoritária extrai os discursos que repete. Visto isso, o principal objeto do presente capítulo versará sobre o meio de propagação ideológica mais importante na época de TAP, o rádio; pretendendo chegar, de forma mais específica, na análise de um programa radiofônico da época que propagava ideologias autoritárias e fascistas, o caso Martin Luther Thomas³²⁴.

Para tanto, partiremos dos estudos sobre o rádio feitos por Adorno no final dos anos 1930 e início de 1940, esboçando uma breve comparação com TAP. Por meio deste estudo, elaboraremos uma análise sobre o que virá a ser denominado em DdA “indústria cultural” como um estudo de caso sobre o preconceito na sociedade autoritária produzido sobre um outro viés. Nesse sentido, “A Personalidade Autoritária analisa o fascismo concentrando-se no ‘consumidor’ em vez da ‘produção da propaganda’, ao contrário (...) do estudo de Thomas”³²⁵, bem como de seus estudos sobre o rádio, que focam na produção e reprodução de conteúdos autoritários. Afinal, se o tipo antropológico autoritário aceita e segue ideologias autoritárias, é mediante a condição industrial da cultura que tais ideologias são formuladas, veiculadas e reproduzidas.

Serão concebidos, então, os conceitos de industrialização da cultura,

³²⁴ Deixamos de lado em nossa tese o estudo de caso adorniano, também relacionado à indústria cultural, sobre as colunas astrológicas jornalísticas retratado em *As estrelas descem à terra*. Resolvemos fazê-lo, pois esta pesquisa empírica foi feita por Adorno apenas na década de 1950, em um posterior retorno do filósofo aos Estados Unidos, ao passo que os trabalhos sobre o rádio e Martin Luther Thomas são cronologicamente muito mais próximos à produção de TAP. Além disso, as análises das veiculações radiofônicas de Martin Luther Thomas, por conterem conteúdos abertamente fascistas em um ambiente democrático, aproximam-se bem mais de nosso objeto maior da tese. Mas, isso não quer dizer que as análises e conclusões feitas em *As Estrelas* sejam díspares em relação às conclusões chegadas aqui, muito pelo contrário. Só deixamos a análise adorniana das colunas astrológicas para uma outra ocasião.

³²⁵ Apostolidis, Paul. *Stations of the cross: Adorno and Christian right radio* – Duke University Press: Durham and London, 2000, p. 67.

especificamente na produção, emissão e consumo da música radiofônica. Um enfoque especial será dado ao conceito adorniano de fetichismo da música: “por fetiche musical, queremos dizer que, ao invés de qualquer relação direta entre o ouvinte e a música em si, existe apenas uma relação entre o ouvinte e algum tipo de valor social ou econômico que foi atribuído à música ou a seus músicos.”³²⁶ Esta concepção de fetichismo da música leva em conta elementos que transitam tanto no domínio da crítica da economia-política quanto no da psicanálise, de modo que serão mobilizados, lado a lado com o que expusemos em nosso capítulo 4, conceitos freudianos como o de regressão, satisfação substitutiva, infantilismo psíquico, repetição como sintoma, entre outros. Destaque dado ao desenvolvimento de uma análise sobre as múltiplas camadas de consciência fomentada pela indústria cultural, no limiar entre a racionalidade e a irracionalidade, como em TAP:

Quando falamos da estrutura de múltiplas camadas dos programas de televisão, estamos pensando (...) no termo “psicanálise em reverso”. A implicação é que, de alguma forma, o conceito psicanalítico de uma personalidade com múltiplas camadas foi adotado pela indústria cultural, mas o conceito é usado para iludir o consumidor tanto quanto possível e para envolvê-lo psicodinamicamente a serviço de efeitos premeditados.³²⁷

Sendo a cultura industrializada uma cultura de massas, elaboraremos um breve interlúdio freudiano à propósito da noção de massa e sua relação com o líder, conceitos que estão diretamente ligados à noção de pseudoindividualidade elaborada por Adorno nos estudos sobre o rádio, bem como à propaganda fascista analisada pelo filósofo. Na sequência, o estudo adorniano do rádio é abordado segundo o conceito da fisionomia da voz do rádio. Procuramos mostrar como este conceito revela as contradições sociais presentes na singularidade do objeto estudado, correndo paralelamente ao estudo antropológico de TAP: “a propaganda fascista está profundamente interconectada com as tendências básicas da antropologia cultural moderna.”³²⁸ Por meio do fascínio e encantamento dos conteúdos emitidos pelos autofalantes, vemos reproduzida na cultura a dialética entre uma racionalidade mítico-irracional baseada no fetichismo da voz radiofônica e o esclarecimento relacionado ao desenvolvimento tecnológico: “O esclarecimento consiste aí, sobretudo, no cálculo da eficácia e na técnica de produção e

³²⁶ Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938, p. 93.

³²⁷ Adorno, “How to look at television” *Quarterly of film, radio, and television*, vol. 8, n. 3, Spring, 1954, 213-235, p. 223.

³²⁸ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas’ radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 45.

difusão. Em conformidade com seu verdadeiro conteúdo, a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada.”³²⁹

Finalmente, abordaremos o exemplo dos programas de rádio de Martin Luther Thomas. No ambiente autoritário da indústria cultural dos Estados Unidos, vemos como Thomas reproduz conteúdos e, principalmente, formas discursivas circulantes na sociedade que levam à definição de traços da personalidade autoritária. Na análise elaborada por Adorno sobre suas emissões radiofônicas, o preconceito e o autoritarismo são fomentados por locuções cujos conteúdos seriam racionalmente irracionais sustentados por dissociações psíquicas, pela substituição do conflito pela repetição incessante sem reflexão, todos esses elementos que são constantes na fase psíquica infantil: “A psicologia antisemita foi, em grande parte, substituída por um simples ‘sim’ dado ao *ticket* fascista, ao inventário de *slogans* da grande indústria militante.”³³⁰

. Sobre a pesquisa empírica adorniana sobre o rádio

Para que as peculiaridades de TAP enquanto uma investigação crítica sejam melhor compreendidas, traçaremos inicialmente um paralelo comparativo com a pesquisa empírica *The Princeton Radio Research Project* proposta por Lazarsfeld da qual Adorno fez parte. Entre ambas as pesquisas houve profundas distinções metodológicas, principalmente em relação à adequação do objeto de análise ao método de investigação. Por outro lado, isso não teria impedido Adorno de dar algum seguimento a suas próprias ideias, que depois foram aproveitadas inclusive em TAP.

A investigação sobre o rádio, iniciada em 1937, foi realizada no centro de pesquisas metodológicas de Lazarsfeld na Universidade de Newark, New Jersey, em cooperação com a Universidade de Princeton e contou com o financiamento da Fundação Rockefeller³³¹. A intenção de Lazarsfeld era, em princípio, voltar-se aos ouvintes impactados pelas emissões radiofônicas, como ele mesmo nos descreve:

³²⁹ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 15.

³³⁰ Horkheimer, M. e Adorno, T. W. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 165.

³³¹ Carone nos informa que “Ainda que esse projeto parecesse estar vinculado ao desejo de conhecer as audiências e os efeitos desse meio de comunicação sobre elas, alguns autores julgam que o interesse pela radiodifusão teve relação com a vitória eleitoral de Franklin D. Roosevelt, que assim enfrentou e derrotou a imprensa dominada pelos republicanos. (...) Na verdade, a Fundação pretendia que a pesquisa desembocasse em conclusões e recomendações práticas dirigidas aos diretores das emissoras de rádio. Como fundação privada, ela sustentava ou apoiava investigações com coleta de dados e tradução dos seus resultados empíricos em receitas administrativas, supondo que o rádio devesse prestar um serviço público

O Office of Radio Research desenvolveu uma nova técnica que envolve a adaptação do polígrafo frequentemente usado em psicologia experimental e que é conhecido como o Lazarsfeld-Stanton Program Analyzer. O Program Analyzer é um aparelho que permite que os ouvintes gravem suas reações a um programa de rádio pressionando os botões vermelho (“não gostei”) e verde (“gostei”), ou abstendo-se de pressionar o botão, o que significa indiferença. (...) Portanto, a técnica Program Analyzer é quase sempre combinada com uma entrevista focada, na qual o investigador treinado, usando o gráfico Analyzer como referência, determina quais características do programa causaram as reações indicadas e o que essas reações significam na experiência dos ouvintes.³³²

Tal metodologia baseada em processos de escolha e classificação do gosto musical dos ouvintes estava fortemente vinculada às experiências de pesquisa quantitativa já desenvolvidas por Lazarsfeld ainda na Europa, antes de seu exílio nos EUA.

Em suas memórias ele lembra que a primeira pesquisa foi sobre “as razões que levam as pessoas a escolher uma determinada marca de sabão”. A realização dessa pesquisa deu-lhe a convicção da “equivalência metodológica entre o voto socialista e a compra de sabonetes” (Lazarsfeld). Por essa frase, pode-se perceber que a sociologia, para ele, deve concentrar-se nos “processos de escolha” e que a decisão ocorre independentemente dos condicionamentos sociais e dos conteúdos. Tanto faz voto socialista ou compra de sabão: “o método tornou-se autônomo”.³³³

Este viés dito “administrativo” de Lazarsfeld baseado em preferências (tanto de consumo quanto políticas) da pesquisa empírica sobre o rádio seria contrabalanceado por uma crítica teórica. Tal trabalho teórico-crítico teria ficado a cargo de Adorno, o diretor da seção sobre música no rádio. Diz Lazarsfeld: “Eu estava ciente das características controversas do trabalho de Adorno, mas fiquei intrigado com seus escritos sobre o papel ‘contraditório’ da música em nossa sociedade. Eu considerei um desafio ver se eu poderia induzir Adorno a tentar vincular suas ideias à pesquisa empírica.”³³⁴

para as audiências.” (Carone, “A face histórica de ‘On popular music’” *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, N. 3, dezembro 2011, 148-178, pp. 152-3)

³³² Lazarsfeld e Fiske. “The Columbia office of radio research” *Hollywood Quarterly*, vol. 1, n. 1, oct. 1945, 51-9, pp. 52-3.

³³³ Frederico, C. “Recepção: divergências metodológicas entre Adorno e Lazarsfeld” *Matrizes*, n; 2, abril, 2008, p. 158.

³³⁴ Lazarsfeld, Paul. “An episode in the history of social research: a memoir” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 322.

No entanto, tal associação da crítica adorniana com os métodos quantitativos de pesquisa de Lazarsfeld baseados nas escolhas individuais não foi muito bem-sucedida. Como resultado, somente um (“The Radio Symphony”) dos textos redigidos por Adorno para a pesquisa – todos eles escritos em colaboração com George Simpson, seu *editorial assistant*³³⁵ – foi publicado no próprio volume “Radio Research 1941” organizado por Lazarsfeld. Em franca discordância com os pressupostos teórico-metodológicos deste, Adorno desenvolveu o que denominou ser uma “teoria social da música no rádio”, aproximando a esfera do rádio a um modelo³³⁶:

Não é suficiente meramente coletar fatos e deles induzir asserções gerais simplesmente por meio de métodos estatísticos ou outros. (...) Em outras palavras, uma teoria social do rádio significa uma tentativa de investigar a esfera limitada do rádio como uma espécie de padrão ou microcosmo contendo todos os problemas, antagonismos, tensões e tendências que podem ser encontrados no todo da sociedade moderna.³³⁷

Adorno divergiu ainda quanto à ordem metodológica da pesquisa: a recepção do consumidor em relação ao conteúdo veiculado pelo rádio não poderia configurar o ponto de partida da pesquisa. Isso porque a reação do ouvinte, como qualquer particularidade, é determinada pela totalidade social. No caso da indústria cultural, como veremos à frente, os pseudoindivíduos apenas aparentam exibir reações próprias e independentes da influência social. Assim, os *likes* e *dislikes* dos ouvintes não tratam exatamente das reações espontâneas dos consumidores, sendo necessário começar a pesquisa a partir da produção e reprodução tecnológica musical no sistema industrial de organização da cultura, o que nos leva a uma teoria social que vincula de uma só vez economia, cultura e condicionamentos da audição dos pseudoindivíduos. Como nos diz Adorno: “Naturalmente, parecia haver pouco espaço para tal pesquisa social crítica no âmbito do Princeton Project. (...) Concebia-se que o próprio sistema, suas consequências culturais e sociológicas e seus pressupostos sociais e econômicos não

³³⁵ “In the Music Study of the Princeton Radio Research Project from 1938 to 1940, I completed four larger treatises in which Simpson collaborated; without him, they would probably not exist.” (Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 351).

³³⁶ “In other words: analysis of the phenomenon of radio symphony is a *model*. (...) The actual justification for treating radio as a model and as a microcosmos lies in the fact that radio in its very individuation and concretion concentrates and executes the same universal tendencies which the objection against its isolated treatment ascribes to influences outside of what is listened to.” (Adorno, T. W. “The radio voice”. *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 369-70.)

³³⁷ Adorno apud Carone, “A face histórica de ‘On popular music’” *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, N. 3, dezembro 2011, 148-178, pp. 155-6.

deviam ser analisados. Não posso dizer que obedeci estritamente a esse acordo.”³³⁸

Algumas das ideias concebidas pelo próprio Adorno na pesquisa sobre o rádio foram reaproveitadas em TAP. O autor nos conta como foi ao longo da pesquisa de Princeton que ele concebeu pela primeira vez a noção de pseudoindividualidade, bem como utilizou uma noção de personalidade combinada com a fisionomia do rádio para elaborar a sua teoria social radiofônica. Trata-se, então, do desenvolvimento de uma

abordagem sobre a personalidade. A ideia aqui parece ser que, se soubermos muito sobre um entrevistado, entenderemos como suas interações com o rádio se encaixam em tudo o mais que ele faz. (...) Um exemplo dessa abordagem é encontrado na relação dos hábitos de um indivíduo referentes ao rádio com sua atitude geral em relação à música, sua atitude geral em relação à política, em relação à educação etc. O esforço principal será o de desenvolver conceitos novos e apropriados para descrever as diferentes áreas de atividades pessoais. Os resultados provavelmente tomarão a forma de classificações tipológicas: diferentes tipos de personalidades estarão relacionados com diferentes tipos de atitude referentes ao rádio. (...) Desta forma, explicamos os hábitos referentes de um indivíduo ao rádio não apenas em termos de sua personalidade, mas também em termos daqueles fatores que moldaram sua personalidade, naqueles aspectos que são especialmente importantes para um estudo sobre o rádio.³³⁹

Nesse sentido, é ainda de Adorno a proposta de entrevistar os ouvintes somente após o momento imediato da audição, o que os levaria a verbalizar suas impressões. A aproximação com TAP viria, com isso, do que ele denominou “psicologia da percepção”, isto é, da análise das racionalizações empregadas para a expressão de sentimentos que estão ligados à percepção musical; estas expressariam não exatamente algo relacionado ao conteúdo ouvido, mas sim elementos da “visão de mundo” do ouvinte (seus valores, preconceitos e projeções) formados por determinação direta do social por meio da indústria cultural. Ou seja, trata-se muito mais de uma investigação psicológico-antropológica em que os destinos pulsionais dos indivíduos estariam determinados por processos sociais. Adorno chega até mesmo a descrever que o objeto de análise seria as “diferentes camadas da vida consciente e inconsciente” dos ouvintes, denominação esta retomada em TAP.

Sabe-se que Adorno não conseguiu efetivar completamente, ao menos em sua contribuição à pesquisa sobre o rádio, este plano metodológico de pesquisa empírica pensado em 1938, principalmente por oposição de seus colegas a suas ideias. Ele

³³⁸ Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America”. Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 343.

³³⁹ Adorno, T. W. “On the use of elaborate personal Interviews for the Princeton Radio Research Project”. *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 458-9.

chegou, anos depois da pesquisa com Lazarsfeld, a se arrepender de não ter desenvolvido questionários e entrevistas a serem aplicados aos ouvintes³⁴⁰, algo que ele pôde levar a cabo em TAP. Lazarsfeld também se questionou tempos depois, com um certo ar de lamento, se o sucesso de Adorno em TAP poderia ter sido alcançado antes, em sua pesquisa sobre o rádio:

Depois da guerra, Adorno foi um membro ativo do grupo de Berkeley que produziu *The Authoritarian Personality*. Seu conceito básico do caráter fascista foi desenvolvido por Adorno e certamente não foi menos especulativo do que o que ele escreveu para nós; no entanto, seus colegas na Califórnia conseguiram converter sua ideia na famosa escala F. Eu tenho o sentimento desconfortável de que minhas responsabilidades nas várias divisões do projeto de Princeton possam ter me impedido de dedicar o tempo e a atenção necessários para alcançar o propósito a partir do qual envolvi Adorno originalmente [na pesquisa].³⁴¹

Visto isso, ao longo de nosso sexto capítulo, procuraremos desdobrar alguns pontos importantes salientados em esboços e textos adornianos sobre o rádio desenvolvidos na época e que podem ser encontrados hoje em *Current of music: elements of a radio theory* bem como em *Essays on music*.

. Industrialização da cultura: música no rádio e o debate sobre a reprodutibilidade técnica

Partamos inicialmente do posicionamento de Adorno segundo o qual seria impossível medir a cultura – em contraposição à viabilidade de se mensurar elementos industrialmente estereotipados, como o preconceito:

O que causou uma aflição especial em Adorno foi a maneira não mediada pela qual os fenômenos culturais eram transformados em dados quantitativos por seus novos colegas norte-americanos. A própria equiparação da cultura a quantidades mensuráveis lhe pareceu um exemplo supremo da reificação característica da cultura de massa. “Quando me confrontei com a exigência de medir a cultura”, recordou depois, “refleti que a cultura seria precisamente a condição que exclui uma mentalidade capaz de medi-la.” (...) A cultura

³⁴⁰ “I immersed myself in observations of American musical life, especially the radio system, and set down theories and hypotheses about it; but I could not construct questionnaires and interview-schemes that would get to the heart of the matter.” (Adorno apud Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics*, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute – The Free Press: New York, 1977, p. 178)

³⁴¹ Lazarsfeld, Paul. “An episode in the history of social research: a memoir” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 325.

podia não ser mensurável, mas o preconceito talvez pudesse sê-lo com mais facilidade.³⁴²

O que pouco se fala, no entanto, é o que pode ser considerado cultural na teoria adorniana, em contraste ao industrial. A nosso ver, e grosso modo, a cultura pode ser vista como um conjunto de experiências sociais que engrandecem o ser humano, permitindo-lhe refletir sobre si e sobre o mundo. Este engrandecimento não poderia ocorrer somente mediante experiências identitárias, mas sim por meio de elementos que permitam ao sujeito manter uma relação com aquilo que aparece como diferente de si mesmo. A cultura pode ser definida, então, como um meio de contato com a realidade que permitiria a cognição de conteúdos que levariam à reflexão. Assim, ela não se confunde com a indústria cultural. Esta última seria “a teoria de uma *indústria*, de um ramo dos inter-relacionados monopólios do capitalismo tardio que fazem dinheiro a partir do que se costumava chamar de cultura.”³⁴³ Por isso, se a cultura não pode sofrer esquematizações sob o perigo de se objetificar o humano, a indústria cultural, por sua vez, estaria mais próxima do preconceito, já que se encontra sob influência capitalista, estando padronizada e reificada, podendo sim ser objeto de uma pesquisa empírica sem que os pressupostos da Teoria Crítica seguidos por Adorno sejam abalados.

Sabemos que, por mais que a expressão “indústria cultural”³⁴⁴ tenha sido somente pensada em DdA, desde seus primeiros textos sobre sociologia da música no início de 1930 Adorno já apontava como a música passou a ser primordialmente produzida pelo capitalismo. Esta expressão é formulada tendo em vista uma especificidade na leitura de Marx³⁴⁵: procurou-se combinar a infraestrutura capitalista, de onde provém a noção de indústria, e a superestrutura das formas de vida social, onde localizamos a expressão cultural dos seres humanos. A reunião de conceitos provenientes de diferentes níveis do sistema socioeconômico denotaria a expansão do capitalismo tardio para toda e qualquer manifestação humana, levando à necessidade de

³⁴² Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950* – Contraponto: Rio de Janeiro, 2008, pp. 284-5.

³⁴³ Jameson, F. *O marxismo tardio – Adorno, ou a persistência da dialética* – Editora Boitempo/Unesp: São Paulo, 1997, p. 189.

³⁴⁴ Não seria “cultura de massa” o melhor termo para designar a situação em que a cultura perde a sua autonomia (sendo a sua produção feita pela economia). Isso porque pode-se ter uma cultura massificada que não tenha sido produzida sob a forma industrial. Horkheimer e Adorno, então, decidiram por abandonar “essa última expressão [cultura de massa] para substituí-la por ‘indústria cultural’.” (Adorno, T. W. “Indústria Cultural”. Cohn, G. *Theodor W. Adorno. Sociologia* – São Paulo: Ática, 1986, p. 92)

³⁴⁵ Agradeço e reporto a Eduardo Socha a autoria geral dessas passagens em torno da cultura organizada industrialmente, conteúdo apresentado em comunicação do II Congresso Nexos na UFABC, em setembro de 2017 – de onde nos inspiramos para a escrita desta parte.

tratar elementos culturais em termos que seriam próprios de uma análise econômica. Assim, não só os seres humanos teriam se convertido em objetos manipuláveis e substituíveis – como vimos anteriormente em nossa tese –, mas o mesmo ocorre com os conteúdos da expressão humana. Portanto, seguiremos Adorno ao tratarmos de música, por exemplo, como uma mercadoria, além de ler as fases de produção, reprodução e recepção musical enquanto atividades vinculadas à economia, isto é, pensadas, organizadas e produzidas segundo a finalidade de criação exponencial de valor em relação ao capital aplicado.

O oligopólio musical analisado por Adorno na pesquisa sobre o rádio era constituído da seguinte forma: “Entre os 60 editores da época, apenas 15 concentravam 90% de músicas populares que alcançavam o topo das listas das emissoras de rádio. Publicavam cerca de 2 mil músicas por ano, das quais cerca de 350 a 400 eram beneficiadas pela chamada *radio exploitation*.”³⁴⁶ Na divisão das etapas de trabalho na produção da mercadoria musical, “alguém aparece com a ‘invenção’ ou o que quer que seja tomado por uma; outra pessoa harmoniza e elabora; então se desenvolve uma letra e o resto da música é escrito e combinado [*seasoned*] com ritmo e harmonia, talvez já pelo arranjador a essa altura; finalmente, o todo é orquestrado por um especialista.”³⁴⁷ A próxima etapa da produção da mercadoria musical seria a certificação de sua reprodução, trabalho empreendido pelos *pluggers*:

Os chamados *pluggers* eram homens ou mulheres contratados pelas editoras para colocar as músicas editadas no mercado; em primeiro lugar, buscando contatos com diretores de orquestras e vocalistas; e segundo, com as emissoras de rádio, para que estas funcionassem como um verdadeiro rolo compressor no processo de divulgação e venda das músicas. Os editores sabiam que a única forma de divulgar e vender uma música nova era a de fazê-la ser tocada repetidas vezes no rádio, para romper a resistência dos ouvintes. Era o *plugging* do rádio, que consistia em tocar a nova música de três a oito vezes por dia, durante um período de oito a dez semanas, nas grandes redes que transmitiam de costa a costa no país.³⁴⁸

Tal organização laboral não se restringia apenas à produção musical, mas era estendida a toda mercadoria cultural: os oligopólios do capitalismo induziram a realização de um efeito unificador de produção de músicas, materiais impressos, vídeos, etc. Em todas as áreas da indústria cultural foi constituída uma similitude entre os

³⁴⁶ Carone, “A face histórica de ‘On popular music’” *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, N. 3, dezembro 2011, 148-178, p. 170.

³⁴⁷ Adorno, T. W. *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, p. 481.

³⁴⁸ Carone, “A face histórica de ‘On popular music’” *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, N. 3, dezembro 2011, 148-178, p. 171.

produtos tendo em vista a valorização do capital: uma canção deveria já ter sido um sucesso de vendas para que a produção de outra música semelhante pudesse ser aprovada.

Neste contexto de expansão do capitalismo para a esfera cultural, é importante levantarmos, mesmo que brevemente, a divergência entre Adorno e Walter Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica das artes. Na versão da dialética entre o mito e o esclarecimento de Benjamin, ele concebeu a técnica enquanto força de esclarecimento que teria enfraquecido a “aura” das obras de arte, secularizando e racionalizando-a ao livrá-la do que havia de mítico, religioso e sagrado³⁴⁹. De modo resumido, segundo *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, a aura da obra de arte expressaria algo oculto vinculado a um ritual, o que relacionava a obra tanto a um momento único (aqui e agora, *hic et nunc*) de realização da arte, fornecendo-lhe um sentido de autenticidade impossível de ser reproduzível. Nesse sentido, “a destruição desta natureza ritual da obra de arte, o desaparecimento de sua ‘aura’ e seu tornar-se reproduzível são, para Benjamin, termos equivalentes.”³⁵⁰ A especificidade da leitura de Benjamin que nos interessa primordialmente, contudo, é a ideia de que a reprodução do conteúdos culturais poderia facilitar a relação das pessoas com a arte, inclusive em meios de comunicação de massa, o que levaria a um potencial político de desenvolvimento da consciência de classe dos trabalhadores. Especialmente no cinema, a apropriação da obra pelas massas permitida pelo aparato técnico poderia culminar em uma representação dos próprios trabalhadores em uma nova ótica, estimulando a perspectiva de uma outra realidade possível. Seria concebida, então, uma visão otimista de Benjamin quanto ao desenvolvimento tecnológico capitalista que fomentaria a apropriação da cultura pelas massas, culminando em uma espécie de democratização cultural pela sua reprodutibilidade. Modo de ver como o avanço tecnológico poderia levar a outras formas de visão e expressão de si, fomentando uma perspectiva diferente sobre a realidade.

³⁴⁹ Segundo Gershom Scholem – defensor de uma leitura teologizante da teoria benjaminiana – “o conceito [de aura] estava no vocabulário de todos que se ocupavam com coisas teológicas. Designa a luz invisível que rodeia uma aparição, o prolongamento do todo psico-físico de uma pessoa e que é visível ou pode tornar-se visível para determinadas pessoas. Ele (Benjamin) ainda o aplicou no antigo sentido teológico, mas de tal modo que o sentido religioso original ficou escondido na definição. A obra de arte original tem uma aura, que se relaciona com seu lugar único.” (Scholem apud Kothe, F. *Benjamin & Adorno: confrontos* – São Paulo: Ática, 1978, p. 41.)

³⁵⁰ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 88.

Adorno, por sua vez, retoma a problemática da arte “aurática”, mas sob outro viés: não haveria um “original” na música que seria mais autêntico que a reprodução justamente porque a música “existe verdadeiramente somente enquanto reproduzida”. É esboçado, assim, um paralelo entre a análise benjaminiana do cinema e a concepção adorniana da música:

A autenticidade que Benjamin atribui nas artes visuais ao original deve ser atribuída à reprodução ao vivo na música. Esta reprodução ao vivo tem o seu “aqui” - ou a sala de concertos ou a ópera - e o seu “agora” - no momento exato em que é executada. E o que Benjamin chama de “aura” do original certamente constitui uma parte essencial da reprodução ao vivo.³⁵¹

Com isso, Adorno reativa a noção de aura ao situar o problema em termos da música tocada ao vivo e a música veiculada no rádio. Seria, portanto, o rádio que reproduziria a música, levando à perda da autenticidade aurática da apresentação musical ao vivo.

Resta-nos saber, portanto, se, segundo Adorno, haveria algo de emancipador na música radiofônica, assim como ocorre com Benjamin. Quanto a isso, Adorno nos diz que “o rádio estabeleceu para si a tarefa de reproduzir e imitar a música ao vivo em vez de se emancipar do ‘original’ e tentar produzir algo especificamente próprio.”³⁵² Abrindo mão de um possível uso emancipador da tecnologia radiofônica, o rádio teria se convertido em um meio de reprodução insuficiente quanto ao nível de experiência estética: por mais que o rádio instaure uma “pseudoimmediatez” para o ouvinte, a música ao vivo – à qual o rádio quer se igualar – coloca o espectador “dentro” da música, algo que o rádio não pode reproduzir. Nesse sentido, Adorno irá insistir na necessidade de produção de uma arte autônoma em relação ao funcionamento econômico capitalista, que só poderá ser fruída não sob a forma de distração das massas, mas pela escuta atenta e concentrada do indivíduo.

Com isso, se para Benjamin e Adorno a percepção humana é historicamente modificada pela influência do aparato técnico, é somente para Adorno que a relação mais próxima com o objeto artístico promovida pelo rádio não levaria a um aprimoramento da consciência humana, mas a uma percepção regredida. A música veiculada no rádio acaba não sendo realmente ouvida, mas torna-se parte da ambientação de contextos e situações, constituindo-se apenas como um pano de fundo

³⁵¹ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 89.

³⁵² Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 61.

para a realização de outras atividades. Aquilo a que temos acesso, então, é apenas a “imagem da música”. Nesta sombra mercadológica do que deveria ser um conteúdo estético, uma atomização da escuta é promovida: não se presta mais atenção na música enquanto uma obra completa, mas produz-se música para ser ouvida enquanto partes ou momentos semi-independentes, como temas isolados que podem ser reconhecidos de forma estereotipada. A produção da mercadoria musical, então, “destrói a unidade multinível de todo o trabalho e apresenta apenas passagens populares isoladas.”³⁵³

Adorno, diferentemente de Benjamin, iguala toda a reprodutibilidade técnica à industrialização capitalista, sendo míticos (quase) todos os conteúdos provenientes dela, que promoveriam a heteronomia e, portanto, a regressão humana pela adequação dos indivíduos à totalidade falsa. O que faltaria a Benjamin seria, do ponto de vista de Adorno, uma perspectiva dialética que enxergaria o negativo no processo histórico³⁵⁴.

É deste modo que os textos adornianos sobre o rádio constituem uma oportunidade para pensarmos as relações entre música, indústria e cultura no que se refere ao autoritarismo enquanto ideologia a ser reproduzida pelos pseudoindivíduos. Como nos diz Hullot-Kentor:

A reprodução da música por meio de rádio nos Estados Unidos colocou em teste a tese de Benjamin, como se uma nação inteira tivesse decidido experimentar as questões que ele se colocou de um ângulo totalmente diferente. E os resultados desse experimento exibiram as afirmações de Benjamin com uma luz completamente diferente (...). Não seria mais possível reivindicar a explicação de que a reprodução da arte se desfaz de seu feitiço e liberta um objeto crítico potencialmente valioso. Em vez disso, passaria a explicar como a reprodução da arte destrói esse conteúdo e, segundo Adorno, subjuga a superfície remanescente da obra de arte, como um fetiche, a um novo feitiço; a reprodução mecânica não destruiria a primazia do original,

³⁵³ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, p. 299.

³⁵⁴ “Diante das críticas de Adorno a esse respeito, Benjamin responde em 1936 que o pensamento de cada um pode ser pensado enquanto dois polos extremos da mesma dialética: enquanto um explora as possibilidades emancipatórias da reprodutibilidade técnica, o outro enfatiza os aspectos fetichizantes e regressivos desta mesma forma de arte: (...) Dois anos mais tarde, Benjamin reitera esta opinião: “No meu trabalho tentei articular os aspectos positivos tão claramente quanto você logrou com os negativos. Vejo, portanto, que seu trabalho é forte em pontos onde o meu era fraco” (...). Por sua vez, apesar das inúmeras críticas às ideias de Benjamin, conforme trataremos neste capítulo, Adorno faz certa concessão ao argumento de que os textos seriam dois facho de luz sobre um mesmo processo dialético, apresentando uma espécie de autocritica em relação a seu artigo *O fetichismo na música e a regressão da audição*: “Da fragilidade do meu ensaio tenho plena consciência. Reside ela, grosso modo, na tendência à jeremiada e a invectivas. Lamuriar-me sobre a situação social, nisto você está coberto de razão, é tão infrutífero quanto, de outro lado, eu diria que o aspecto histórico filosófico impede hoje sua redenção.” (Adorno apud Ciarlariello Cunha Rodrigues, Maysa. *Indústria cultural em Theodor Adorno: das primeiras análises sobre a mercantilização da cultura nos anos 1930 à formulação do conceito em 1947*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2015, 153p, pp. 48-9)

como Benjamin afirmou, mas transforma a música em nada, em uma busca de um original a ser possuído.³⁵⁵

. Fetichismo adorniano e a regressão da audição humana

Diante do exposto até aqui sobre a teoria adorniana, podemos pensar que o conceito de aura de uma obra de arte teria se transfigurado no interior do sistema capitalista: o retorno mítico-aurático na sociedade esclarecida passou a se aproximar de uma “misteriosa” mercadoria fetichizada. Contudo, isso não quer dizer que o fetichismo da mercadoria exposto por Marx (e debatido em nosso quarto capítulo) seja exatamente igual ao fetichismo da música desenvolvido por Adorno. Mesmo que este não defina precisamente o seu conceito de fetichismo, ao menos podemos vislumbrar que elementos freudianos estão também presentes na concepção adorniana deste conceito. Para tanto, iremos nos ater a textos de Adorno das décadas de 1930 e 1940, especialmente em seu artigo *Fetichismo na música e regressão da audição* publicado em 1938³⁵⁶.

Resgatemos, então, a análise adorniana da concepção de fetichismo de Marx apresentada neste artigo. Adorno enfatiza a caracterização da mercadoria enquanto uma coisa venerada, misteriosa que foi alienada dos seres humanos “simplesmente porque nela o caráter social do trabalho dos homens aparece para eles como um caráter objetivo estampado no produto desse trabalho.” Na sequência, ele ressalta como o sucesso da mercadoria musical está relacionado ao caráter fetichista desta: “O consumidor está na verdade louvando o dinheiro que ele mesmo pagou pelo ingresso para o concerto de Toscanini. Ele literalmente ‘fez’ o sucesso que ele reifica e aceita como um critério objetivo, sem se reconhecer nele.”³⁵⁷ Nesse sentido, ocorreria, então, a substituição do valor de uso da mercadoria musical (escuta musical em si) pelo valor de troca (a troca

³⁵⁵ Hullot-Kentor, R. *Things beyond resemblance: Collected Essays on Theodor W. Adorno* – Columbia university Press: New York, 2006, pp. 109-10

³⁵⁶ É importante salientarmos que o significado do conceito de fetichismo delineado por Adorno se modifica ao longo de suas obras. Contudo, no geral, sua utilização gira em torno da noção de conversão de meios em fins: “o emprego que Adorno faz deste termo [fetichismo] é diacrônico, isto é, ele se modifica paulatinamente ao longo do desenvolvimento de sua teoria, de modo que (...) [os] sentidos aqui analisados vão perdendo espaço para uma nova acepção: a da conversão de meios em fins. (...) Adorno falará, na *Minima moralia*, em fetichismo da razão, fetichismo da cultura e fetichismo da mercadoria; na *Dialética negativa*, em fetichismo do conceito, fetichismo do processo de produção e das forças produtivas, e na *Teoria estética*, por fim, em fetichismo dos meios, fetichismo da natureza e fetichismo da obra de arte.” (Fleck, Amaro. “De meios que se tornam fins: o conceito de fetichismo na obra de Theodor W. Adorno.” *Revista Dissertatio de Filosofia*, v. 42, 45-61, 2015, p. 54.)

³⁵⁷ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 205-6.

do dinheiro pelo ingresso na compra). Este fetichismo da música-mercadoria seria possível justamente por fomentar a satisfação substitutiva que troca a apreciação estética pelo prazer da posse de uma mercadoria. Ele foge, assim, da concepção de que as músicas fariam sucesso por aceitação espontânea dos ouvintes. É desta forma que Adorno relaciona a música-mercadoria com a propaganda e seus efeitos de sugestão: “hoje, toda mercadoria tende a se tornar sua própria publicidade, mesmo além de ser anunciada pela mídia comum; e é especificamente esse caráter que o conceito de fetiche implica.”³⁵⁸

Contudo, a concepção de fetiche derivada da crítica da economia-política e transposta para a análise da indústria cultural guarda maiores complexidades: “Essa tarefa se torna mais difícil porque os processos de produção de fetiche têm não apenas um lado socioeconômico, mas também um lado psicológico.”³⁵⁹ Em paralelo com o que expusemos em nosso quinto capítulo, Adorno defende que haveria efeitos psicológicos do fetichismo nos indivíduos vivendo sob o capitalismo decorrentes da existência objetiva do fetiche: “O conceito de fetichismo musical não pode ser psicologicamente derivado. Que ‘valores’ sejam consumidos e atraiam sentimentos para si sem que as qualidades específicas sejam alcançadas pela consciência do consumidor, isso é uma expressão posterior de seu caráter mercantil.”³⁶⁰ Vemos como o fetichismo, estando presente objetivamente em toda mercadoria, inclusive na musical, modifica a estrutura psicológica do ouvinte. Esta seria uma forma de considerarmos novamente como o fetiche da mercadoria seria o elemento privilegiado de mediação entre a totalidade da sociedade capitalista e o indivíduo.

Tal mescla de conceitos provenientes das teorias do fetichismo de Marx e elementos freudianos seria possível, dizemos novamente, pelo emprego adorniano da concepção de reificação – que estaria muito próxima ao fetichismo, como o faz o jovem Lukács. Se “o fetichismo é o verdadeiro correlato da reificação”³⁶¹ é porque não só os efeitos do capitalismo se fazem presentes nas demais esferas da cultura, mas também porque a reificação pode ser tanto objetiva quanto subjetiva, culminando na coisificação

³⁵⁸ Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938, p. 94.

³⁵⁹ Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938, p. 94.

³⁶⁰ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 295-6.

³⁶¹ Adorno apud Genel, Katia. “L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno” In *Astérion*. v. 7, ago. 2010, pp. 6-7. Disponível em: <<http://asterion.revues.org/1611>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

do humano que faz a mimese do sistema capitalista, como vimos com Sohn-Rethel. Como nos diz de forma mais completa Leo Maar:

Um dos maiores méritos de Adorno foi o de integrar a questão da reificação em toda a sua abrangência à Teoria do Valor. (...) Por ela há uma permanente re-criação do indivíduo (da sociedade de massa) desumanizado pela retroatividade das necessidades no âmbito do processo, para assegurar a continuidade do sistema. (...) Adorno mostraria como o processo de acumulação necessariamente precisa ultrapassar o plano estrito da chamada “economia”, para abranger o que se poderia denominar de “produção das condições sociais no caso, culturais-materiais – de reprodução do capital”. (...) aquilo que chamamos cultura, o que chamamos individualidade, o que chamamos formação ocorre hoje conforme a lógica da valorização.³⁶²

Assim, a formação do pseudoindivíduo, a reificação, a regressão e o fetichismo compõem uma mesma constelação crítica em Adorno.

Quanto a isso, sigamos, de parte em parte, um trecho importante do artigo de Adorno: “a contrapartida do fetichismo da música é uma regressão da escuta. (...) É a escuta contemporânea que regrediu, fixada no estágio infantil.”³⁶³ Na regressão da escuta musical, não se encontra envolvido um fenômeno individual, nem mesmo uma regressão coletiva histórica, quer dizer, um retorno a um momento já vivido anteriormente pela sociedade. Trata-se, então, de uma regressão da audição a um estágio infantil fomentada industrialmente e praticada coletivamente. Tal interpretação é confirmada por diferentes momentos e textos de Adorno. Sabemos, por exemplo, que a repetição incessante de um conteúdo qualquer, no caso de um *hit* promovido pelo *plugging* musical, constitui uma característica predominante da infância. Adorno vê em tal regressão da audição a perda da percepção musical consciente; ou melhor, as pessoas “rejeitam teimosamente a possibilidade de tal percepção.”³⁶⁴ Vemos, então, algum nível de consciência ou escolha – cínica, como desenvolveremos no capítulo 8 – na perda da audição atenta. Sigamos com a citação:

Eles flutuam entre o esquecimento abrangente e aprofundamentos repentinos no reconhecimento. Eles ouvem atomisticamente e dissociam o que ouvem, mas precisamente nessa dissociação eles desenvolvem certas capacidades que

³⁶² Leo Maar, W. “A produção da ‘sociedade’ pela indústria cultural” *Revista Olhar*, ano 2, n. 3, junho 2000, pp. 5-6.

³⁶³ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 303-4.

³⁶⁴ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 303-4.

estão menos de acordo com os conceitos da estética tradicional do que com os do futebol e do automobilismo.³⁶⁵

Eis aqui o que há de grande semelhança entre regressão e uma característica que será importante para a nossa futura análise do fetichismo freudiano: Adorno nos diz como as pessoas dissociam sua percepção musical, alternando em partes entre o esquecimento da totalidade da música e o reconhecimento parcial de seu tema. Trata-se, pois, de uma duplicidade contraditória da consciência. Essa duplicidade contraditória seria promovida não por recalque, como geralmente pensaríamos, mas por dissociação psíquica que leva ao desenvolvimento de outras capacidades, quais sejam, a possibilidade de coexistência, bem comum na infância psíquica pré-edípica, de informações e valorações antagônicas sem que haja uma síntese entre elas. Esta interpretação é confirmada pela sequência do texto: “Eles não são como crianças, como seria de esperar baseado em uma interpretação do novo tipo de ouvinte em termos da introdução à vida musical de grupos anteriormente não familiarizados com a música. Mas eles são infantis; seu primitivismo não é o do subdesenvolvido, mas o do regredido à força.”³⁶⁶ Enquanto indivíduos semiesclarecidos, eles continuamente atuam conforme um estágio de desenvolvimento psíquico predecessor.

Esta dissociação psíquica do indivíduo seria uma reação a sua submissão à forma industrial capitalista em todas as esferas da cultura: seja no trabalho, no lazer ou em sua relação com as ideologias políticas, não se deve enxergar as contradições insustentáveis do todo social. Tal dissociação psíquica mostra ser um artifício desenvolvido no indivíduo para se adequar e se resignar diante de uma situação que se sabe falsa, mas que parece ser impossível de mudar. Assim, entendemos como a escuta regressiva de membros de uma sociedade está ambientada em um contexto próprio de uma dialética entre o mito e o esclarecimento, de modo que coexistem elementos de esclarecimento e reconhecimento da música em seu valor de uso, ao mesmo tempo em que há um esquecimento de tais elementos e regressão à infância psíquica no enaltecimento do valor de troca da mercadoria musical.

No contexto da indústria cultural, a música não atomística e realmente artística seria tomada como um aspecto do não idêntico, que é, como vimos em DdA, odiado e abolido. Vemos se desdobrar a interessante ocorrência da regressão coletiva a um

³⁶⁵ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 303-4.

³⁶⁶ Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, pp. 303-4.

estágio de desenvolvimento psíquico anterior figurado pela dissociação psíquica empregada como meio defensivo de exclusão da alteridade não idêntica. Vemos, com isso, como a alienação presente na confusão entre realidade e não realidade promovida pela indústria cultural faz parte do mesmo complexo de sintomas fomentados pelo fetichismo da mercadoria. Esta autoalienação no fetichismo seria um modelo de relação do pseudoindivíduo com todo objeto e experiência que se apresente, qualquer que seja o teor desta não identidade. Nesse sentido, a regressão da audição seria apresentada como apenas um dos muitos momentos de regressão humana frente à compreensão da realidade.

O fetiche da mercadoria musical desenvolvido por Adorno é explicado por meio de algumas etapas. A primeira delas seria a relação travada pelo ouvinte exclusivamente com aspectos familiares do conteúdo musical, o que reafirma o valor de troca da música, indefinidamente substituível por outras que lhe sejam semelhantes: “Reconhecer [um *hit*] torna-se um fim, ao invés de ser um meio. O reconhecimento do mecanicamente familiar na melodia de um hit não deixa nada que possa ser tomado como novo mediante a conexão entre os vários elementos.”³⁶⁷ Este *hit* familiar ao ouvinte representaria a subjugação do indivíduo aos oligopólios capitalistas que constituem o verdadeiro sujeito produtor da indústria cultural, forma de alienação humana à falsa totalidade. A identificação com a mercadoria musical fetichizada, portanto, converte-se no mecanismo da própria alienação: “O valor de uso do jazz não nega [*aufheben*] a alienação, mas a intensifica. (...) Aquilo que é mais alienado é o que é mais familiar.”³⁶⁸ Adorno explica tal funcionamento a partir da descrição das etapas e componentes de familiaridade e reconhecimento de um *hit* de sucessos:

no momento em que o ouvinte reconhece o hit como sendo o hit tal – isto é, como algo estabelecido e conhecido não apenas por uma só pessoa –, ele sente segurança de estar entre muitos e acompanha a multidão de todos aqueles que ouviram a canção anteriormente e que se supõe que tenham feito a sua reputação. (...) Com o próprio ato de identificá-la, tende também, inconscientemente, a se identificar a si mesmo com as agências sociais objetivas ou com o poder daqueles indivíduos que fizeram esse evento específico servir dentro dessa categoria pré-existente e, assim, “institucionalizá-la”.³⁶⁹

³⁶⁷ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 131.

³⁶⁸ Adorno, T. W. “On Jazz” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002, p. 473. Atenção mais uma vez ao jogo entre o estranho, ou alienado, e o familiar próprio do *Unheimliche* freudiano a ser debatido no capítulo 8.

³⁶⁹ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 133.

O reconhecimento da mercadoria musical como familiar, isto é, como parte de si mesmo converte-se, então, em identificação com o *status quo* social, as autoridades capitalistas dominantes e “fortes”. Este fenômeno Adorno nomeia como masoquismo da audição – paralelo ao masoquismo da personalidade autoritária que se adequa aos representantes sociais de poder e força. Tal alienação travestida de experiência de familiaridade é seguida pela objetificação da experiência estética, último passo antes da completa fetichização da mercadoria musical. Após a identificação de uma experiência pessoal enquanto alienação ao coletivo,

esse hit musical torna-se um objeto para o ouvinte, algo fixo e permanente. Essa transformação da experiência em objeto – o fato de que, por se reconhecer uma peça de música, se tenha comando sobre ela e se possa reproduzi-la a partir de sua própria memória – torna-o mais objeto de propriedade do que nunca. Há duas características distintas na propriedade: permanência e estar sujeito à vontade arbitrária do dono. A permanência consiste no fato de que, se alguém lembra uma canção e pode fazê-la soar de novo o tempo todo, ela não pode ser expropriada. O outro elemento, o do controle sobre a música, consiste na capacidade de evocá-la presumivelmente à vontade, a qualquer momento, encurtá-la e tratá-la conforme os caprichos do acaso. As propriedades musicais estão, como se pudessem estar, à mercê do seu dono.³⁷⁰

Por fim, tal objeto musical apropriado se torna fetichizado no momento em que o indivíduo transfere para a mercadoria a apreciação sentida não pela qualidade da própria música em seu valor de uso, mas por meio do prazer no próprio reconhecimento, identificação e apropriação do objeto. Transfere-se para a mercadoria algo propriamente humano, como se o valor da mercadoria fosse próprio à coisa mesma, não resultado de ações humanas. Portanto, após as etapas de

reconhecimento, identificação e propriedade, a promoção atinge simultaneamente o próprio objeto, revestindo-o, na consciência do ouvinte, com todas aquelas qualidades que, na realidade, são em grande parte devidas aos mecanismos da identificação. (...) Por se possuir um hit muito apreciado e vendido, passa-se a ter a ilusão do valor. Essa ilusão do valor, no ouvinte, é a base para a avaliação do material musical.³⁷¹

Assim, a substituição do valor de uso pelo valor de troca, além da pretensa autovalorização da própria mercadoria, enquanto elementos do fetichismo musical

³⁷⁰ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 134.

³⁷¹ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, pp. 134-5.

estariam, portanto, relacionados não só à alienação individual a uma totalidade social falsa, como também à objetificação da própria experiência estética do ser humano vinculada tanto à estandardização e repetição musical quanto à escuta atomizada. Substitui-se, com isso, uma verdadeira experiência estética pela segurança do objeto familiar, mesmo que alcançado por meio de uma pseudoexperiência autoalienante.

. Pseudoindividualidade, massa e líder: um parêntesis freudiano

Já dissemos que foi seu trabalho na pesquisa sobre o rádio que levou Adorno à “descoberta do fenômeno do pseudoindividualismo [que] prefigurou o conceito de personalidade, que mais tarde desempenhou um papel significativo em *The Authoritarian Personality* e, de fato, alcançou alguma importância para a sociologia política em geral.”³⁷² Aproveitamos a oportunidade de apresentar o conceito de pseudoindivíduo em conexão com a concepção de massa freudiana, uma vez que nesta a noção de indivíduo se dissolve ao integrar uma massa mais ou menos organizada em torno de um líder.

Se, para Adorno, “a sociedade moderna é uma sociedade de massa”³⁷³, sigamos a definição freudiana de massa como “*uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu.*”³⁷⁴ Ou seja, seria considerada uma massa todas aquelas pessoas que projetaram seus ideais de si mesmo, ou seu supereu³⁷⁵, na figura do mesmo líder. A caracterização geral das massas é descrita pela marca da impulsividade esvaziada de um espírito crítico, o que leva ao pensamento por imagens associadas, excitação desmedida, comportamentos infantilizados caracterizados pelo narcisismo e desejo de onipotência. Isso torna os membros da massa facilmente influenciáveis e exaltados:

³⁷² Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969, p. 351.

³⁷³ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’” by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 29.

³⁷⁴ Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 76.

³⁷⁵ “Una masa psicológica es una reunión de individuos que han introducido en su superyó la misma persona y se han identificado entre sí en su yo sobre la base de esa relación de comunidad.’ Desde luego, esa fórmula es válida solamente para masas que tienen un conductor.” (Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 31ª La composición de la personalidad psíquica” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 63)

Quem quiser influir sobre ela, não necessita medir logicamente os argumentos; deve pintar com as imagens mais fortes, exagerar e sempre repetir a mesma coisa. Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição.³⁷⁶

A idealização é o ingrediente principal na formação das massas. Sendo uma parte do supereu³⁷⁷ que foi projetada para uma figura externa – movimento que veremos melhor no próximo capítulo –, a idealização é a situação em que a alteridade aparece não somente como um objeto capaz de saciar desejos pulsionais, mas este objeto se mostra também dotado de características que seriam almejadas pelo sujeito desejante. Nesta confusão entre aquilo que seria próprio do membro da massa e do líder idealizado – algo que Martin Luther Thomas explorava com afinco – está envolvido um modelo que deve ser seguido e imitado. A percepção, contudo, do que seria este modelo sofre com a ausência de crítica por parte do membro da massa, já que todos os atributos do objeto-líder são supervalorizados. Esta alteridade idealizada “serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter.”³⁷⁸ O membro da massa, então, entrega-se cegamente ao objeto ideal como uma satisfação substitutiva de si mesmo, isto é, como sentimento de orgulho de si por meio da alteridade, já que esta possuiria méritos que o indivíduo não encontraria em si. Vemos, com isso, que não se trata de uma renúncia aos desejos e à libido, mas de um controle social sobre as pulsões individuais.

³⁷⁶ Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (1920-1923) – São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 27.

³⁷⁷ Sabemos das diversas combinações utilizadas por Freud entre ideal do eu e supereu: em 1914 (*Introdução ao narcisismo*), podemos ver o estabelecimento do ideal do eu como uma instância psíquica separada da consciência moral. Tal descrição muda em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), quando a consciência moral se torna uma função do ideal do eu. Na sequência, em 1923 (*O Eu e o Isso*), outra mudança: o conceito de supereu surge como sinônimo do ideal do eu. Contudo, resolvemos adotar a descrição de 1933 encontrada nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, qual seja, aquela que exibe o supereu como uma instância que tem, sob sua jurisdição, as funções de ideal do eu e consciência moral. Segundo tal concepção, o ideal do eu proviria das primeiras identificações, ligadas à idealização. Seriam tais laços os responsáveis, em parte, pela inserção da criança no contexto edípico, quando a criança reafirmaria as identificações idealizadas ao inseri-las no jogo ambivalente do complexo de Édipo. Seria com o declínio deste complexo que o ideal do eu tornar-se-ia uma função do supereu.

³⁷⁸ Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos* (1920-1923) – São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 71.

Considerando as massas violentas, lembramos que, para manter o narcisismo acrítico de sua estrutura, seus membros precisam projetar a agressividade para os componentes do *outgroup*, estes que são cuidadosamente apontados e até construídos pelo líder. Assim, se são apenas “duas coisas [que] mantêm uma comunidade: a coação da violência e as ligações afetivas — identificações é o termo técnico — entre seus membros”³⁷⁹, então é por meio da figura destacada do líder que a identificação dos membros entre si e o uso da força se fazem presentes para a coesão social da massa. Elemento este que, como veremos mais a frente, será também bastante explorado por Thomas.

Segundo bem notou Adorno, “aqueles que se perdem nas massas não são homens primitivos mas, antes, homens que demonstram atitudes primitivas, opostas a seu comportamento racional *normal*. Entretanto as descrições mais triviais não deixam dúvida sobre a afinidade de certas peculiaridades das massas com os traços arcaicos.”³⁸⁰ A regressão ou retorno ao mítico de fases anteriores que caracteriza a massa pode ganhar duas interpretações mutuamente complementares na teoria freudiana: aquela da regressão ao pai da horda primeva e a de um mundo “encantado” pela necessidade, própria da visão de mundo religiosa, de um pai que salvará seus filhos do desamparo. Em ambas as visões, as noções de ideal, autoridade, força e poder próprios do líder idealizado das massas se encontram atreladas tanto ao mítico pai primevo filogenético, quanto ao pai da infância individual.

Citando o que ele mesmo expôs em *Totem e tabu*, Freud diz que, “na medida em que os homens são habitualmente governados pela formação de massa, reconhecemos nesta a continuação da horda primeva.”³⁸¹ É como se os membros da massa, revivendo a

³⁷⁹ Freud, S. “Por que a guerra? [Carta a Einstein, 1932]” *O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 425.

³⁸⁰ Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, pp. 2-3. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951_.htm?1349568035. Última consulta em 24 de junho de 2014.)

³⁸¹ Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 85-6. Safatle, em um debate com Mitscherlich e Federn, ajuda-nos a atualizar a relação entre os irmãos da hora em uma sociedade em que a autoridade paterna faliu, o que leva à reprodução do autoritarismo entre os irmãos: “à estrutura da rivalidade edípica entre pai e filho substitui-se um comportamento de afirmação de si entre irmãos, expresso através de ciúme e concorrência com suas patologias ligadas ao culto da performance e à pressão narcísica dos ideais. Mesmo as figuras paternas no interior do núcleo familiar seriam cada vez menos representantes de modelos patriarcais de autoridade e cada vez mais próximas de figuras fraternas concorrentes. Dessa forma, a sociedade capitalista teria sido capaz de sobreviver ao se transformar em uma sociedade sem pais organizada em chave narcísica, cujas patologias deixarão de se constituir a partir dos conflitos neuróticos com as interdições da Lei para se constituírem a partir dos conflitos narcísicos

situação dos irmãos da horda diante de seu pai, se contentassem em seguir as leis impostas pelo lugar do poder que se encontra divinizado, idealizado, “transcendente”, inalcançável. Se todos se encontram unidos e igualados em uma massa somente por referência à figura de poder³⁸², haveria um tipo de revivescência de um mito atualizado no ambiente massificado. Para que uma pessoa consiga fazer de sua posição social a função de um líder, entretanto, tal figura precisa corresponder aos anseios da massa que procura por seu amor idealizado, que se situa acima das leis, podendo fruir da liberdade proveniente do local de onde emana o poder. O líder evoca

a ideia de uma personalidade muito potente e perigosa, ante a qual só se podia ter uma atitude passiva-masoquista, à qual a vontade tinha que se render, parecendo uma arriscada empresa estar a sós com ela, “cair-lhe sob os olhos”. O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva. O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu.³⁸³

Outra forma de conceber traços arcaicos e infantis presentes em uma massa, cujos membros fazem parte de uma sociedade esclarecida, diz respeito aos sentimentos de desamparo, angústia e medo, como os apresentados em nosso terceiro capítulo, que seriam amenizados pela figura do líder (assim como o pai da criança e, miticamente, o pai da horda). Esta situação estaria relacionada, segundo Freud, à visão de mundo religiosa, na qual toda a crença seria depositada em um líder, promotor de uma

diante da impotência de realizar ideais. Mitscherlich termina o livro retomando a hipótese de Federn e se perguntando pela razão da experiência dos soviets e dos conselhos operários ter redundado, em vários casos, em culto à personalidade e no retorno a figuras paternas de autoridade ainda mais brutais. Sua resposta passa pela hipótese de tal retorno ser uma forma de defesa contra a angústia diante da destruição das ‘representações de identidade’ ligadas aos modelos de conduta e de papéis sociais fornecidos pela identificação paterna. Com a destruição das identidades e a consequente abertura a novos circuitos dos afetos e desejos (...), sujeitos se viram desamparados e, por isso, vulneráveis à reprodução da identidade através da internalização de um ideal social do eu que expressava nada menos que a ‘força de aço das leis inexpugnáveis da História’.” (Safatle, V. *O circuito dos afetos – corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* – São Paulo: Cosac Naify, 2015, pp. 113-4)

³⁸² “pode-se articular os dois lados do que Freud, jogando cuidadosamente entre as significações tradicionais da palavra, chama “identificação”: o *mimetismo* intersubjetivo ou a assimilação recíproca dos indivíduos (*Imitation, Gemeinsamkeit*), e a reprodução de um *modelo* superior (*Vorbild*), que ele acha respectivamente na descrição dos fenômenos de multidão oferecida pela psicologia política.” (Balibar, E. “L’invention du surmoi – Freud et Kelsen” In *Citoyen Sujet et autres essais d’anthropologie philosophique* – Presses Universitaires de France: Paris, 2011, p. 392)

³⁸³ Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 91. Apesar de estarmos fazendo referência velada a este conceito ao longo de toda a obra, trataremos do inquietante de forma explícita em nosso oitavo capítulo.

verdadeira ilusão de segurança contra o medo e suas figuras ameaçadoras. Tal procura por segurança e proteção diante da situação humana de desamparo se encontra atrelada a situações infantis que estariam sendo prolongadas para âmbitos da vida que não funcionariam mais segundo os critérios e condições familiares. O problema que se encontra por trás da visão de mundo religiosa é, então, que “tornado adulto por sua vez, o homem (...) infere que no fundo permanece tão desvalido e desprotegido como na infância, e frente ao mundo segue sendo uma criança. Por isso, tampouco agora gosta de renunciar à proteção de que gozou quando era uma criança.”³⁸⁴ Considerando que “nada é mais difícil de se abrir mão do que um prazer uma vez experimentado”³⁸⁵, a segurança encontrada na figura onipotente do pai na infância é transposta para a vida adulta, revelando-se na crença em um Deus ou um líder. Esses desejos de segurança estão vinculados ao “amor por um ideal criado para se defender de sua própria impotência ou para negá-la, amor pronto para fixar-se em qualquer figura paterna substituta (mestre, educador, terapeuta) (...) com o objetivo de assegurar, como resposta, sua benevolência, sua proteção e seu amor, ou seja, a certeza da salvação.”³⁸⁶ Por meio desta concepção teológico-política, vemos que “a psicanálise freudiana normalmente opera com uma perspectiva unívoca na compreensão da multiplicidade das ordens simbólicas. Há, por exemplo, a pressuposição de uma espécie de princípio de similaridade estrutural entre a autoridade familiar e a autoridade que suporta outros vínculos sociais, como os vínculos religiosos ou políticos.”³⁸⁷

Segundo o exposto até aqui, podemos relacionar o conceito de massas freudiano a uma análise adorniana da cultura industrial de massas. Os indivíduos da sociedade esclarecida, segundo Adorno, não se comportam mais como indivíduos, mas pseudoindivíduos, o que denota a estereotipização do pensamento e comportamento humano:

nas condições atuais, a nenhum indivíduo é justificado considerar suas próprias reações como incompatíveis com as de outros indivíduos. O peso total da experiência atual leva à suposição de que características que parecem ser totalmente monadológicas e, ainda, “privadas”, como o nervosismo são

³⁸⁴ Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 35ª En torno de una cosmovisión” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 150-1.

³⁸⁵ Alford, Fred. “Nature and Narcissism”. *New German Critique*, No. 36, Special Issue on Heimat (Autumn, 1985), 174-192, pp. 190-1.

³⁸⁶ Enriquez, E. *Da horda ao estado – psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 87.

³⁸⁷ Safatle, V. “Freud como teórico da modernização bloqueada”. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, v. 1, p. 355-377, 2010, p. 363.

causadas por tendências gerais e podem ser encontradas em um grande número de pessoas. A suposição epistemológica de um individualismo extremo de reações soa um pouco irônica em um período em que indivíduos, completamente submetidos a todos os tipos de padronização, tornam-se virtualmente cada vez mais parecidos.³⁸⁸

Nesse sentido, a individualidade foi “reduzida por modelos estandardizados de comportamento a uma ideia completamente abstrata, que já não tem mais nenhum conteúdo definido.”³⁸⁹ O que se estuda em TAP e no caso de Martin Luther Thomas, que veremos a frente seria, portanto, a parcela estereotipada dos indivíduos, ou mais precisamente, “os mecanismos de cooptação presentes nessas propagandas [autoritárias] e o que pretendiam suscitar nos indivíduos.”³⁹⁰ Aos pseudoindivíduos sob a indústria cultural está reservado nada mais que uma pseudoatividade, ou seja, a possibilidade de apenas reagir ao fenômeno da mercadoria cultural ao invés de modificá-la. Sob tal ponto de vista, eles não se mostram como totalmente passivos frente à indústria cultural, mas, por assim dizer, pseudopassivos. Esta adequação incompleta ao social deve ser continuamente mantida para que a resistência humana, enquanto uma real atividade do indivíduo, não irrompa. Por isso, a indústria cultural, bem como os líderes que nela despontam, como que mobilizam e administram traços e resíduos pulsionais ou elementos da proto-história biológica do indivíduo que não foram completamente dominados pela determinação capitalista. “Pois essa resistência não desaparece completamente na rendição a forças externas, mas mantém-se viva dentro do indivíduo e continua sobrevivendo até mesmo no exato momento do consentimento. (...) Passividade apenas não basta. O ouvinte precisa forçar-se a aceitar.”³⁹¹ Nesse âmbito, podemos dizer que, apesar da inegável determinação social sobre o âmbito subjetivo, Adorno chega a nomear os indivíduos como sujeitos da perpetuação contínua do vigente justamente pela escolha parcialmente consciente da recusa de resistência e pela manutenção da adaptação a uma situação dominadora e violenta: “Sob condições sociais atuais, as pessoas não apenas temem a manipulação, mas também, por outro lado, anseiam por ela e pela orientação daqueles que percebem que são fortes e capazes de

³⁸⁸ Adorno, T. W. “The radio voice”. *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 374-5.

³⁸⁹ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 143.

³⁹⁰ Crochik, J. L. T. W. *Adorno e a psicologia social* In *Psicologia e Sociedade*, 20 (2): p. 297-305, 2008, p. 299.

³⁹¹ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 143.

protegê-las.”³⁹² Emana também dos indivíduos a necessidade de re-encenação contínua de uma má infinidade por parte da indústria cultural, como forma de administração de um mal-estar recorrente pelo reconhecimento da insatisfação sentida, mas nunca assumida e nem atuada completamente pelas pessoas.

Na indústria cultural, despontam discursos, ideologias e líderes fascistas “que conquistam o apoio de milhões de pessoas para fins amplamente incompatíveis com seus interesses racionais; só [se] pode fazer isso se, artificialmente, criar o *vínculo* procurado por Freud.”³⁹³ Neste vínculo de massas, como acabamos de analisar, muitos dos elementos inconscientes são projetados e exteriorizados para fins de manipulação e, por vezes, automanipulação, fazendo com que boa parte da distinção entre consciência e inconsciência se desfaça, como uma “psicologia às avessas”, como já ressaltado. De forma atualíssima, Adorno nos lembra que, em boa parte das formações de massa analisadas por ele, a ideologia foi substituída por uma mentira ostensiva. Falsidade esta que, como veremos no oitavo capítulo, é conhecida como mentira pela massa, o que não impede os pseudosindivíduos de continuar afirmando-a:

Na atual situação, talvez seja, por essas razões - que são apenas exemplos de fenômenos muitos mais amplos da psicologia das massas -, apropriado perguntar até que ponto ainda se justifica toda a distinção psicanalítica entre o consciente e o inconsciente. As atuais reações das massas são bem pouco veladas da consciência. O paradoxo da situação é que é quase insuperavelmente difícil romper esse fino véu. Mesmo assim, a verdade não é mais subjetivamente tão inconsciente quanto se esperava que fosse. Isso se mostra pelo fato de que, na práxis política dos regimes autoritários, a mentira ostensiva, na qual ninguém efetivamente acredita, está cada vez mais substituindo as “ideologias” de ontem, que tinham o poder de convencer aqueles que acreditavam nelas. Por isso, não podemos nos contentar simplesmente com afirmar que a espontaneidade foi substituída pela cega aceitação do material imposto. (...) A espontaneidade é consumida pelo tremendo esforço que cada indivíduo tem de fazer para aceitar o que lhe é imposto - um esforço que se desenvolveu exatamente porque o véu que recobre os mecanismos de controle se tornou tão tênue.³⁹⁴

É considerando esta falsidade tacitamente aceita que a figura do líder, nas análises adornianas, teria sofrido algumas modificações em relação ao exposto por

³⁹² Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 5.

³⁹³ Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, p. 2. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951_.htm?1349568035.
(Última consulta em 24 de junho de 2014.)

³⁹⁴ Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986, p. 146.

Freud. Ao situar posições sociopolíticas no interior do campo do entretenimento, no lugar da figura forte de um ditador, líderes descartáveis são por vezes apoiados, abandonados, substituídos, tudo isso guiado por um discurso (que veremos ser cínico) de adequação à dominação social a qualquer custo.

Não há mais ideologia no sentido próprio de falsa consciência, mas somente propaganda a favor do mundo, mediante a sua duplicação e a mentira provocadora, que não pretende ser acreditada, mas que pede o silêncio. (...) Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada.³⁹⁵

. Fisionomia antropológica e a voz radiofônica

Retornando a nossos estudos sobre o rádio, ressaltamos agora o conceito de fisionomia, noção desenvolvida, entre outros, novamente, por Walter Benjamin. Se, no geral³⁹⁶ a fisiognomia era empregada para detectar o caráter de alguém a partir dos traços exteriores, em Benjamin a fisionomia ganha um valor ímpar na mediação entre história e natureza – assim como a antropologia faz em nossa leitura adorniana. Em *Origem do drama barroco alemão*, bem como, nas *Passagens*, Benjamin teria desenvolvido algo como uma fisionomia urbana ao procurar o “rosto da Modernidade” na “fisionomia da multidão”:

Genericamente falando, a fisionomia benjaminiana é uma espécie de “especulação” das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história. (...) Por meio de imagens – no limiar entre a consciência e o inconsciente – é possível ler a mentalidade de uma época. (...) Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” coincide, para ele, com a produção de conhecimento da história.³⁹⁷

³⁹⁵ Adorno, T. W. “Crítica cultural e sociedade” *Industria cultural e sociedade* – São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 60-1.

³⁹⁶ “Apesar dos pressupostos um tanto ingênuos, a obra de Lavater suscitou interesse pelo seu valor empírico, influenciando a criminalística, a antropologia, a psicologia social, e alguns dos escritores mais lúcidos da Modernidade, entre eles Edgar A. Poe, Baudelaire, os surrealistas e Benjamin. Dificilmente, uma história do cotidiano da Modernidade poderá prescindir das descobertas desses fisiognomistas urbanos que, perseguindo rastros e detalhes ‘aparentemente irrelevantes’, desmascaram feições e feitos da Modernidade, inscrevendo-se entre os grandes ‘detetives’ da história.” (Bolle, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin* – São Paulo: Edusp, 1994, p. 19)

³⁹⁷ Bolle, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin* – São Paulo: Edusp, 1994, pp. 42-3.

Produzindo uma mediação entre os domínios histórico-social e individual-natural, o recurso à fisionomia, ao tratar de padrões coletivos expressos por indivíduos singulares, ganha uma conotação crítica dentro do âmbito da pesquisa empírica produzida por Adorno. Diz ele: “a tarefa da crítica, na maioria das vezes, (...) [é] decifrar quais elementos da tendência geral da sociedade se manifestam através desses fenômenos [culturais], por meio dos quais se efetivam os interesses mais poderosos. A crítica cultural converte-se em fisionomia social.”³⁹⁸ O estudo crítico da fisionomia revelaria padrões sociais de expressão humana justamente porque esta se relaciona à imitação e adequação social. Forma de delinear “uma tendência, esboçar a fisionomia de um espírito que também determinaria a marca da época. (...) Sua representatividade se impõe, mesmo sem a chancela da estatística.”³⁹⁹

Tal concepção nos interessa justamente porque, se Benjamin recorre a imagens para traçar uma fisionomia histórica da modernidade contraditória, Adorno procurará fazer o mesmo com a voz – correlata à imagem no ambiente radiofônico. Logo, a fisionomia do rádio ganha um caráter mais dinâmico do que meramente descritivo e se justifica pelo fato de que o rádio não estaria isolado socialmente, mas expressaria em seu microcosmo recorrências sociais, veiculando “todos os problemas, antagonismos, tensões e tendências que são encontradas em toda a sociedade moderna.”⁴⁰⁰ Assim, o rádio não seria visto tanto como produtor de conteúdos, mas reproduzidor de fenômenos sociais, revelando traços característicos de toda uma sociedade. Os detalhes da voz radiofônica expressariam, portanto, a totalidade da superestrutura social, tornando-se “uma imagem histórica, dialética do todo.”⁴⁰¹ Com isso, a fisionomia da voz do rádio feita por Adorno revelaria uma antropologia histórica ao ser tomada enquanto um modelo descritivo de características expressas e formas típicas que revelariam gênese sociais:

Grosso modo, insistimos na abordagem fisionômica, porque os fenômenos que estamos estudando constituem uma unidade comparável à de uma face humana. Aqui estamos mais preocupados em analisar as condições dessa unidade, não importa o que elas possam ser, do que em analisar os elementos psicológicos, sociológicos e tecnológicos divergentes ligados a ela. (...)

³⁹⁸ Adorno, T. W. “Crítica cultural e sociedade” *Industria cultural e sociedade* – São Paulo: Paz e Terra, 2002, pp. 56-7.

³⁹⁹ Adorno, T. W. “Teoria da semicultura”. *Educação e Sociedade*, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, 388-411, p. 47.

⁴⁰⁰ Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938, p. 2.

⁴⁰¹ Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977, p. 176.

Sempre que ligamos o nosso rádio, os fenômenos que ocorrem têm uma espécie de expressão. O rádio “fala para nós” mesmo quando não estamos ouvindo um locutor. (...) Assim como os estudos antropológicos podem dizer que a “fisionomia” é justificável desde que se abstenha de uma interpretação em termos de uma personalidade subjacente e permaneça estritamente descritiva em relação às características, movimentos dessas características e *gestalten*, podemos nos sentir seguros em fazer o mesmo no interior do campo dos fenômenos de rádio.⁴⁰²

Analiseemos com cuidado o extrato acima. Adorno nos diz que a sua proposta da fisionomia do rádio trata do “fenômeno”, isto é, do “como” envolvido na transmissão radiofônica, não exatamente do “conteúdo” veiculado – em paralelo com o interesse pela unidade de um rosto, mas não pelos seus traços específicos em si. Isso porque a voz do rádio continua a nos falar, mesmo quando não estamos escutando atentamente a ela, não importando, no fundo, o seu conteúdo.

Neste estudo sobre a unidade da voz radiofônica em sua forma, Adorno não pretende fornecer uma visão sistemática e unificada da totalidade social. Muito pelo contrário. Assim como a própria noção de personalidade em TAP, a unidade fisionômica é formada por contradições internas, verdadeiras expressões das contradições sociais:

Nós não queremos sistematizar o que pode estar desordenado. Nós não queremos harmonizar o que pode estar discordante. Nosso conjunto de categorias pode conter contradições, mas sustentamos que essas contradições não são falhas lógicas de uma abordagem sistemática que está sujeita antecipadamente a graves dúvidas em um domínio como o do rádio. Consideramos que essas contradições nas categorias *expressam contradições no próprio sujeito* e, em última análise, contradições em nossa sociedade.⁴⁰³

⁴⁰² Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 44-5. Tal descrição fisionômica do rádio compõe, como vimos, elementos da produção musical, reprodução em massa destes conteúdos e recepção do ouvinte, além de elementos próprios da veiculação como o chiado (*hear stripe*) típico do som radiofônico, a padronização musical, a ilusão da imediatividade do evento veiculado, a pseudoatividade do ouvinte, entre outros. Contudo, como nosso objetivo final do capítulo é chegarmos às transmissões radiofônicas fascistas de Martin Luther Thomas, concentraremos nossos estudos na voz do rádio.

⁴⁰³ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 94. O paralelo entre o estudo fisionômico da voz radiofônica e a nossa discussão antropológica é incessante. Assim como a psicanálise freudiana é recusada enquanto mera psicologia em TAP, mas é tomada como uma antropologia histórica, a fisionomia também se diferencia da psicologia ao tratar não somente do aspecto subjetivo da audição, mas também das determinações sociais que a condicionam: “The term, ‘physiognomics’ and not ‘psychology’ is used because this section begins with the description of actual attitudes and concrete events between the radio set and the listener; so far as these relations include objective as well as subjective elements, they cannot be described exclusively in terms of individual psychology, but must be handled as manifestations of a social structure which might be the condition for psychological facts but which cannot easily be reduced to psychology. To express this attempt metaphorically: the writer is interested in describing the ‘facial expressions’ of the radio set itself in its role within the middle class or bourgeois household.” (Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938, p. 16)

É novamente Sohn-Rethel que Adorno tomou como inspiração para tratar da voz no rádio. Afinal, para Sohn-Rethel, “a câmera, ela mesma ‘vendo’ no lugar de um espectador virtual, representa um tipo de socialização do olho.”⁴⁰⁴ Baseando-se nesse pensamento, Adorno desenvolve a voz do rádio como “um tipo de mecanização dos órgãos dos sentidos humanos que foram usados enquanto seu padrão”⁴⁰⁵, o que nos leva a uma constelação conceitual à qual vamos nos debruçar – a saber, a reificação humana, o fetiche, o retorno do mítico ou fantasioso na realidade esclarecida, a reativação do conceito de aura benjaminiano, além da aproximação entre o autômato e o humano e a relação entre o familiar e o estranho – elementos *Unheimliche*, como veremos no capítulo 8.

Por mais que saibamos que o rádio apenas “distribui as vozes de outras pessoas que falam”⁴⁰⁶, tratar de um autofalante que tem uma voz própria já gera em si uma sensação certamente relacionada ao fetiche de que a coisa ganhou autonomia do ser vivo. Essa voz sem corpo sugere haver algo misterioso que estaria por trás dela. Tal impressão acompanharia todos os conteúdos expostos pela voz do rádio, que ganhariam proeminência simplesmente por serem emitidas pelos autofalantes⁴⁰⁷. Nesse contexto, a regressão da audição humana entra em cena: ouvir a voz do rádio levaria a uma confusão entre fantasia e realidade no ouvinte, confusão esta pertencente aos primeiros anos de estágio de desenvolvimento da criança: “o caráter ‘ilusório’ da voz do rádio é em si mesma um elemento da sua ‘realidade’.”⁴⁰⁸

Justamente pela sua aparente autonomia em relação ao ser humano, “a dureza da força não adaptada da voz ouvida por meio de um altofalante sugere, irracionalmente, uma espécie de autoridade por trás do fenômeno. (...) Faz a voz da rádio portadora das

⁴⁰⁴ Adorno, T. W. “The radio voice” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 373.

⁴⁰⁵ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 48.

⁴⁰⁶ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 46.

⁴⁰⁷ Em uma relação estreita entre a voz do rádio e a noção de supereu, que iremos aprofundar em nosso capítulo 8, Laplanche nos lembra que o supereu, com sua consciência moral “é uma instância que é uma voz: voz no delírio, mas já voz da consciência (...). E o fato de se tratar de uma voz revela, diz Freud, a gênese dessa instância: trata-se, de fato, da voz, do ‘dito’ dos pais. O que incitou o indivíduo a formar o ideal do ego [ou supereu], cuja guarda é confiada à consciência moral, era justamente a influência crítica dos pais, tal como ela se transmite pela voz deles.” (Laplanche, J. *Problemáticas I – A angústia*; tradução Álvaro Cabral – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 292.)

⁴⁰⁸ Adorno, T. W. “The radio voice” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 373.

potencialidades, tanto acústicas como sociais, de uma ditadura.”⁴⁰⁹ Isso ocorre porque, mesmo o ouvinte reconhecendo-a como fictícia, a voz radiofônica reproduz ideologias de acordo com os interesses das forças sociais dominantes, produzindo efeitos reais nos ouvintes e, por conseguinte, na sociedade em geral. São alguns os elementos listados por Adorno que proporcionam a sensação de autoridade da voz do rádio: a audição privativa em relação à imposição de padrões coletivos fornece a sensação de que o que é dito pela voz radiofônica tem maior valor de verdade e, portanto, deve ser seguido. A isso, soma-se a ilusão de proximidade da voz: para fins publicitários inerentes à música radiofônica e à própria experiência do rádio, a voz do autofalante, apesar de massificada, dá a impressão de falar só e especialmente a “você, ouvinte”. Além disso, o ouvinte não tem poder algum em relação à programação do rádio, este veiculando conteúdos escolhidos anonimamente, abstração que enriquece a percepção de autonomia e autoridade do rádio.

Como um tipo de retorno do mito no esclarecimento, vemos a “sacralização” da voz do rádio, que ganha autonomia e autoridade mesmo sendo irreal e ilusória, como se tudo fosse mais real e verdadeiro simplesmente porque está sendo veiculado pelo rádio: “tem um valor de testemunho: o próprio rádio disse isso.”⁴¹⁰ O mistério de uma máquina que se mostra mais viva e autêntica do que a própria experiência humana faz com que a voz do rádio ganhe ares de fetiche, enquanto uma “vida própria”, alienando ainda mais o humano: “Assim como essas autoridades se alienam dos homens, considerando-os como um mero material para a realização de sua vontade, o mesmo acontece com a voz do rádio. É por sua alienação, sua reificação em virtude da qual ela própria parece falar. A expressão da voz do rádio testemunha a reificação da sociedade.”⁴¹¹

É esta confusão entre o privado e o público, o fantasiado e o real, o autômato e o humano que possibilita a construção de uma personalidade carismática do rádio, ocorrendo uma “personificação” da voz do rádio e, finalmente, uma confusão entre o familiar e o estranho – terreno fértil, como veremos, para o autoritarismo e o preconceito:

⁴⁰⁹ Adorno, T. W. “The radio voice” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 376-7.

⁴¹⁰ Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 47.

⁴¹¹ Adorno, T. W. “The radio voice” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, p. 391.

o ouvinte se sente perto o suficiente para formar impressões diretas sobre a personalidade de um locutor; em torno da voz que ele ouve o ouvinte constrói uma pessoa tão real em muitos aspectos quanto se ele o tivesse realmente conhecido. (...) O ouvinte se sente como diante de algo totalmente familiar, e pode ser de fato familiar, de tal maneira que ele assume um ar de estranheza.⁴¹²

Todos esses elementos da voz radiofônica serão exemplificados, finalmente, nas técnicas psicológicas radiofônicas do fascista Martin Luther Thomas analisadas por Adorno.

. As técnicas psicológicas dos programas de rádio de Martin Luther Thomas

Os programas radiofônicos do californiano Martin Luther Thomas eram veiculados diariamente nos anos 1930 e 1940, sendo classificado como um tipo de “Personality Program”. Ele era um pastor presbiteriano que fundou a Christian American Crusade, uma instituição religiosa fortemente relacionada a concepções de extrema direita. *The Psychological Technique of Martin Luther Thomas*, escrito em 1943, é o resultado da pesquisa radiofônica de Adorno sobre os programas do pastor. Contudo, o filósofo nunca publicou este texto, havendo partes inconclusas e até incompletas no desenvolvimento argumentativo da obra. O que não nos impede de revelá-la como uma grande aliada de nosso estudo de TAP. Afinal, se esta obra trata da recepção de ideologias autoritárias por indivíduos, cabe a nós relacionarmos tal recepção com as técnicas psicológicas utilizadas no rádio para propagar o autoritarismo.

No livro, Adorno empreende uma análise das técnicas de performance de discurso do locutor que promoveriam a aceitação de certas ideologias autoritárias e fascistas por parte do ouvinte, técnicas essas que visavam envolver e atingir mecanismos psicológicos dos consumidores culturais. De modo geral,

ele enfatiza o elemento pessoal, a semelhança entre ele próprio e o público, e toda a esfera de interesse, como uma espécie de compensação emocional pela vida fria e autoalienada da maioria das pessoas e particularmente dos inumeráveis indivíduos isolados das classes médias baixas. O próprio imediatismo e o calor de sua abordagem, promovidos pelo rádio, ajudam-no a ter um controle mais firme sobre eles. O substituto para seu isolamento e solidão não é a solidariedade, mas a obediência.⁴¹³

⁴¹² Adorno, T. W. “The radio voice” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006, pp. 347-8.

⁴¹³ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas’ radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 27.

Adorno enfatiza o personalismo praticado por Thomas a fim de evitar a abstração e o objetivismo próprios do pensamento crítico. Além disso, o personalismo seria utilizado como uma contraposição psíquica a um capitalismo monopolista que, ao menos em aparência, parece funcionar à revelia das pessoas, tornando todo o processo produtivo massificado e impessoal. Thomas compensa a posição de “fraqueza” social de seus ouvintes ao alçar a sua própria voz como autônoma e importante. Esta seria, como vimos, uma forma de projeção dos ideais dos indivíduos massificados no líder: este realizaria o que aqueles almejavam para si mesmos, mas estão impedidos de realizar.

Tal personalismo vem acompanhado de alguns conteúdos frequentemente repetidos que nos fornecem as imagens que Thomas passava de si mesmo. Ele se dizia infatigável em sua “cruzada” de combate ao “esquerdismo” e “comunismo”, como uma missão que procurava acabar com o radicalismo perigoso. Nesta ênfase incessante, contudo, Thomas retrata a si mesmo, assim como o fez Hitler, como um “lobo solitário”, isto é, agindo heroicamente sozinho em sua empreitada contra o poder incalculável do inimigo. Para tanto, enfatizava que ele era o único que não recebia dinheiro de políticos. Ao colocar-se como “a-político”, Thomas se dizia situado fora da organização política enganadora e corrupta. Ele dizia que seu discurso, diferente dos políticos, não procurava ludibriar seus seguidores, mas alertá-los quanto ao perigo das ideias daqueles que controlam o poder. Uma advertência contra a manipulação que não passava ela mesma de pura manipulação.

Além disso, o pastor empregava o recurso denominado “pequeno grande homem” por meio do qual ele alternava a sua imagem de poderoso com uma posição de humildade e humanidade. Sendo este mais um elemento utilizado por líderes fascistas – tal como retratado pela personagem de Chaplin, e elogiada por Adorno, de um Hitler que era, na verdade, um barbeiro judeu –, seu intuito seria o de fomentar a identificação com os ouvintes, levando-os a seguirem ainda mais de perto as ideologias propagadas em seu programa: “ao se referir a si mesmo de maneira ambivalente tanto humana quanto sobre-humana, fraca e forte, próxima e distante, o líder fascista fornece um modelo para a própria atitude que ele pretende asseverar em seus ouvintes.”⁴¹⁴ Em tal

⁴¹⁴ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 2. “um dos expedientes básicos da propaganda personalizada fascista é o conceito de ‘pequeno grande homem’, da pessoa que sugere ao mesmo tempo onipotência e a ideia de que ele é apenas mais um na multidão, um americano simples e de sangue vermelho, imaculado pela riqueza material ou espiritual. Assim, porém, a ambivalência psicológica ajuda a fazer o milagre

imagem autocontraditória de si, Thomas ainda se dizia o mensageiro da salvação, não o salvador ele mesmo. Se, de um lado, Adorno relaciona a posição de mensageiro com a imagem psicológica do filho que não ousa tomar o lugar de autoridade do pai – o que promoveria uma identificação com os ouvintes, garantindo a obediência –, de outro lado, tal expediente visava uma adaptação histórica de Thomas relativamente à noção de líder em uma sociedade pseudoesclarecida: “a imagem do ditador fascista não é mais paternalista. Este fato reflete o declínio da família como uma unidade econômica independente e autossustentável na atual fase do desenvolvimento social. Assim como o pai deixa de ser o fiador da vida de sua família, ele deixa de representar psicologicamente uma agência social superior.”⁴¹⁵ Ao invés de ser ele mesmo o salvador, Thomas precisa se mostrar tão humano quanto os seus ouvintes. Isso faz deste novo líder alguém nem tão poderoso assim, substituível pela próxima celebridade a ser destacada pela indústria cultural.

As diversas contradições que compõem a produção da própria imagem de Thomas ocorreriam de forma estrutural, de modo que o uso de elementos irracionais é racionalmente controlado: nas emissões de Thomas, os conteúdos inconscientes seriam revelados à plena luz da razão, sendo conscientemente manipulados, revelando o que vem a ser uma pseudorracionalidade. É assim que,

Em termos objetivos, os discursos radiofônicos de Thomas são bastante ilógicos. Não existe uma relação clara e transparente entre premissas e inferências, causas e efeitos, dados e conceitos. Seria um erro, no entanto, atribuir essa falta de lógica discursiva à falta de capacidade intelectual. Thomas é um homem astuto. A falta de lógica objetiva em suas falas deve-se a reflexões bastante lógicas sobre a psicologia de seus ouvintes e a melhor maneira de atingi-los (...). Como um todo, entretanto, os discursos radiofônicos de Thomas oferecem um excelente exemplo para uma das características básicas da propaganda fascista e antissemita, a saber, a natureza inteiramente calculada e altamente racionalista de seu irracionalismo, não apenas em relação à filosofia irracional que isso implica, mas também a seu efeito irracional.⁴¹⁶

social. A imagem do líder gratifica o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo essa autoridade.” (Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, p. 5. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951_.htm?1349568035. Última consulta em 24 de junho de 2014.)

⁴¹⁵ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 17.

⁴¹⁶ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 29.

Tal irracionalidade programática e meticulosamente pensada atinge seu cume com o chamado “planejamento emocional”: por vezes, Thomas chora, grita, encorajando a liberação emocional de seus ouvintes por imitação de sua própria atitude. O objetivo disso, diz Adorno, “é o encorajamento e o endosso do excesso e da violência.”⁴¹⁷ Assim, a reação irracional da massa, sendo real e verdadeira, é controlada racionalmente de modo calculado – algo que já vimos em nossa tese: o retorno do impulso arcaico da proto-história biológica que não pôde ser domado é, então, desviado para fins específicos, sendo objetivamente reaproveitado para fins de dominação. Os elementos de violência, ódio e destruição fomentados por Thomas são, então, direcionados para que se alcance uma barbárie administrada⁴¹⁸. Utiliza-se, então, uma predisposição dos ouvintes consumidores a se rebelarem pulsional e emocionalmente contra sua condição de dominados para a manutenção da própria dominação. “Tal

⁴¹⁷ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p 7.

⁴¹⁸ Adorno associa Thomas ao termo *racket* que denomina o meio de ação violenta representado tanto pelo uso que Thomas faz da religião, quanto pelo *ingroup* violento formado pelas suas ideologias. Empregado amplamente por Horkheimer e Adorno em diversos textos desde os anos 1930, o conceito se refere ao *racketeering* definido, desde os anos 1920 na Chicago de gângsters e mafiosos, como uma estratégia criminal extorsiva baseada em uma ameaça de violência, potencial ou real, praticada de forma contínua e organizada. De forma geral, os autores utilizam o termo para designar tanto o elemento incitador de uma violência, quanto as próprias ações de um grupo violento fomentadas por aquele elemento incitador. O *racket*, então, estaria associado ao terror, seja ele efetivo, iminente, indireto ou direto realizado pela Christian American Crusade de Thomas: “The assertion that fascist organizations like Thomas' Crusade are rackets is to be taken very seriously. It does not refer merely to the habitual participation of criminals in such movements, nor to their violent terroristic practices. It emphasizes their sociological structure as such: they are repressive, exclusive and more or less secret ingroups.” (Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 55) O termo *racketeer* em TAP é utilizado com frequência pelos entrevistados para se referir aos trabalhadores sindicalizados. O paralelo do *racketeer* com o grevista que procura extorquir o patrão – imagem estereotipada vigente até hoje – é tomado como uma justificativa moral para o posicionamento antigreve. Para o preconceituoso, o trabalhador organizado seria tão criminoso quanto o crime organizado. Esta seria uma forma indireta, como uma racionalização, de justificar o individualismo e egoísmo capitalista: uma vez que a sociedade seria formada por *racketeers*, o tipo autoritário procura “defender o que é seu” contra os outros que querem tomar a sua parte. O *racket*, então, seria um conceito vinculado ao capitalismo autoritário, opressor e monopolista, mas seria aplicado de modo projetivo, para justificar e criminalizar a luta contra a desigualdade. Fiquemos com uma citação de TAP: “As to the high scorers, the key theme of their antilabor ideology is that of the *racket*. They regard the pressure exercised by organized labor as illegitimate in a way comparable to organized crime and conspiracy—the latter being one of the high scorers' favorite topics anyway. To them, (...) the concept of the free market coincides with the moral law, and any factors which introduce, as it were, an extra-economic element into the business sphere are regarded by them as irregular. Incidentally, this suspicion does not pertain to industrial monopolies and their pricing agreements but merely to the supposedly monopolistic structure of unions. (...) Viewed from a purely psychological angle the idea of ‘labor racketeering’ seems to be of a nature similar to the stereotype of Jewish clannishness. It dates back to the lack of an adequately internalized identification with paternal authority during the Oedipus situation. It is our general assumption that the typical high scorers, above all, fear the father and try to side with him in order to participate in his power. The ‘racketeers’ are those who by demanding too much (though the subject wants as much himself) run the risk of arousing the father's anger-and hence the subject's castration anxiety.” (TAP, p. 709)

manipulação resulta em uma espécie de psicotécnica, emprestada da fábrica moderna e aplicada à população como um todo. É uma irracionalidade extremamente pragmática (...). A liberação emocional apresentada pelo fascismo é um mero substituto para a satisfação de desejos.”⁴¹⁹

Outra técnica, já comentada ao longo de toda a nossa tese e reapresentada por Adorno também na análise de Thomas, é a ausência de síntese entre ideias discordantes promovida pela dissociação psíquica, ideias estas apresentadas de forma parcialmente consciente, o que leva ao cinismo – a ser discutido no capítulo 8. Nesse sentido, Thomas recorre a artifícios radiofônicos há muito conhecidos por nós: a repetição de mesmas ideias para fins de familiarização com valores específicos, mas sem adentrar profundamente em uma reflexão e debate; a linguagem publicitária vaga, em que ideias são tomadas como acabadas ou como um *fait accompli* sem necessidade de maiores explicações e justificações. Tais expedientes são de grande valia para a difusão ideológica justamente porque levam a pelo menos duas consequências: à aversão do intelectualismo tido como “enganação”, de um lado; e, de outro, à possibilidade de se afirmar justamente o oposto do que já fora dito uma vez, flexibilidade que serve à adaptação a contextos diversos a fim de manter sempre o público cativo. Com isso, Adorno reafirma novamente como a ausência de síntese psíquica própria do pensamento racional do eu maduro seria um elemento de primeira importância para o manutenção de posicionamentos autoritários e preconceituosos. Forma do próprio eu de evitar, de modo parcialmente consciente, o conflito psíquico, projetando tal conflito para o âmbito social: “o fascista para de pensar, não porque é estúpido e não enxerga o seu próprio interesse, mas porque não quer reconhecer o conflito entre seu interesse particular e aquele do todo. Ele desiste do seu raciocínio porque é ‘racionalmente’ inconveniente para ele.”⁴²⁰ Para tanto, o elemento que significaria o conflito e a duplicidade de sua posição, além de ser dissociado da consciência, ganha uma substituição, é associado a um elemento a ser exhaustivamente evocado por seu significado único, como em um ritual onde nem tudo é compreendido, mas, ainda assim, mostra-se encantado, dotado de autoridade e aura. Algo que, em nosso último capítulo, associaremos ao fetichismo freudiano. Eis como Adorno aborda o tema:

⁴¹⁹ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 8.

⁴²⁰ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 19, nota 10.

Thomas conta com uma audiência que não pode pensar, isto é, que é fraca demais para manter um processo contínuo de deduções. Supõe-se que eles vivam intelectualmente de um momento a outro, por assim dizer, e reajam a afirmações isoladas, logicamente desconectadas em vez de a partir de qualquer estrutura coerente de pensamento. Eles sabem o que querem e o que não querem, mas não conseguem se afastar de suas próprias reações imediatas e atomísticas.⁴²¹

Visto isso, são muitos os pontos de aproximação entre, de um lado, a forma e os conteúdos de veiculação de ideologias autoritárias pela voz radiofônica de Thomas e, de outro, as temáticas e as formas lógicas com que estas são emitidas pelos mais preconceituosos em TAP. Por mais que uma comparação mais completa só possa ser feita em nosso próximo capítulo, lembremos aqui que Thomas também adequa as suas respostas ao ambiente pseudodemocrático dos Estados Unidos nos anos 1940. Além da utilização do cinismo e da cisão psíquica que emprega, Thomas

evita a palavra “judeu” em seus discursos exotéricos, enquanto menciona comunistas e radicais e os chama apenas de “essas forças”. Ele insinua que todos sabem quem e o que eles são, que nem é necessário falar sobre eles. Eles aparecem como antecipadamente condenados. Assim, mesmo o fato de que, em uma democracia, declarações antissemitas são algo deformadas pela opinião pública oficial é transformado em uma ferramenta antissemita.⁴²²

Ao abordar este tema, Adorno ressalta que a realização da democracia nos Estados Unidos segue uma tradição longa e se mostra menos “formal” do que na Alemanha. Por outro lado, isso não impede o autoritarismo de aflorar no campo cultural do país norte-americano, cultura essa que sabemos ser não só massificada como também industrializada. Assim como uma mercadoria é exposta como pronta no mercado, à revelia da ação e reflexão humana, assim também os *slogans* ideológicos são emitidos e assimilados. A pretensa igualdade entre “democracia” e “maioria” (e não especificamente com valores democráticos) em uma sociedade industrialmente organizada em todas as suas esferas leva à manutenção de uma massa que reproduz conteúdos publicizados que seguem valores profundamente antidemocráticos.

O ataque norte-americano à democracia geralmente ocorre em nome da democracia. (...) Thomas (...) fala como se fosse contra todos os tipos de ditadura. (...) Ele até finge que seu “grande movimento ... está tentando proteger e preservar nossas antigas liberdades”. Isso mostra que o agitador

⁴²¹ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, pp. 33-4.

⁴²² Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 57.

fascista ainda tem que contar com as ideias democráticas como forças atuantes e que ele só tem uma chance de sucesso ao perverter-las a seus próprios propósitos.⁴²³

Tal técnica de se atacar a democracia indiretamente em nome da própria democracia é permitida, segundo Adorno, pelo próprio instrumento radiofônico propagador das ideologias utilizado. Enquanto vinculado a empresas que representam o capitalismo monopolista, o rádio, ao mesmo tempo, é gratuito. Sua aparência de um meio de comunicação cultural serve, no entanto, para vender todas as demais mercadorias. Nesse sentido, o capitalismo monopolista, que tornou possível o rádio enquanto um meio de comunicação de massas da indústria cultural, teria simplesmente preparado o terreno e treinado seus ouvintes-consumidores para a adequação e reprodução de elementos de uma sociedade dominadora que culminará no fascismo. Por isso, uma pesquisa como TAP se vê justificada ao procurar encontrar o nível de autoritarismo latente na população norte-americana massificada pelo rádio: “O rádio constitui um ponto de afinidade concreto entre o capitalismo de Estado totalitário de Hitler e a versão antecipatória do capitalismo de Estado na indústria da cultura norte-americana.”⁴²⁴ “Até o relativamente imaturo capitalismo de Estado dos Estados Unidos está a apenas um passo do totalitarismo da Alemanha nazista.”⁴²⁵ É só trocar o anúncio publicitário por uma “opinião” autoritária: o fascínio do conteúdo emitido pelos meios de comunicação capitalistas continua a comandar, mesmo que saibamos que ambos não passam de propaganda. “Um elemento importante nesse processo é que os consumidores sentem o tremendo poder concentrado por trás das palavras sempre repetidas e, portanto, demonstram certa prontidão psicológica para obedecer.”⁴²⁶

. Conclusões do capítulo 6

Muito do que foi debatido neste capítulo será retomado nos dois capítulos a seguir de nossa tese. Aqui, expusemos as relações entre música, indústria e cultura no que se refere ao autoritarismo enquanto ideologia a ser reproduzida pelos

⁴²³ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, pp. 50-1.

⁴²⁴ Apostolidis, Paul. *Stations of the cross: Adorno and Christian right radio* – Duke University Press: Durham and London, 2000, pp. 47-8.

⁴²⁵ Apostolidis, Paul. *Stations of the cross: Adorno and Christian right radio* – Duke University Press: Durham and London, 2000, p. 59.

⁴²⁶ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, p. 40.

pseudoindivíduos típicos de uma antropologia autoritária. Debateremos brevemente uma comparação entre a pesquisa sobre o rádio feita por Adorno – à revelia de Lazarsfeld – e TAP enquanto modelos paralelos de investigação psicológica em que os destinos pulsionais dos indivíduos estariam determinados por processos sociais. Desvinculando a cultura do que seria a indústria cultural, apresentamos a forma como esta última fomenta a socialização de pseudoindivíduos adaptados ao *status quo* dominante.

Tendo como exemplo maior a música como mercadoria, expusemos as fases de produção, reprodução e recepção musical enquanto atividades vinculadas à economia capitalista. Considerando o desenvolvimento tecnológico do avanço do capitalismo, apresentamos a divergência de Adorno e Walter Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica das artes. Como distinção entre ambos, é somente para Adorno que a relação mais próxima com o objeto artístico promovida pelo rádio não levaria a um aprimoramento da consciência humana, mas a uma percepção regredida. Em tal distinção entre os autores, Adorno defende que o mítico-aurático na sociedade esclarecida se aproxima da mercadoria fetichizada. Este fetichismo da música-mercadoria fomentaria a satisfação substitutiva que troca a apreciação estética (valor de uso) pelo prazer da posse de uma mercadoria (valor de troca). De forma diferente do fetichismo de Marx, Adorno leva em conta os efeitos psicológicos do fetichismo nos indivíduos, como a coisificação do humano, que faz a mimese do sistema capitalista, o que leva à uma audição regredida e dissociativa, que só aceita escutar aquilo que lhe aparece como familiar. Enquanto indivíduos semiesclarecidos, os ouvintes de rádio continuamente atuam conforme a um estágio de desenvolvimento psíquico predecessor. Haveria, então, uma interessante relação entre regressão coletiva a um estágio de desenvolvimento psíquico anterior, dissociação psíquica e exclusão da não identidade. Isso representaria, em última instância, a subjugação do indivíduo aos oligopólios capitalistas que constituem o verdadeiro sujeito produtor da indústria cultural, forma de alienação humana à falsa totalidade. Tal alienação travestida de experiência de familiaridade é seguida pela objetificação da experiência estética, último passo antes da completa fetichização da mercadoria musical, qual seja, a transferência para a mercadoria de algo propriamente humano, como se o valor da mercadoria fosse próprio à coisa mesma, não resultado de ações humanas.

Na sequência, expusemos o conceito de pseudoindivíduo em conexão com a concepção de massa freudiana, esta última formada por membros que projetaram seus ideais de eu na figura de liderança. O líder apareceria não somente como um modelo

supervalorizado a ser imitado, mas como um substituto daquilo que cada membro da massa não encontraria em si mesmo. O líder guiaria seus súditos na projeção da agressividade em componentes do *outgroup*, algo que evidencia a manipulação social coordenada da irracionalidade, pulsões e desejos inconscientes dos pseudoindivíduos. Todo este cenário encontra-se em concordância com a infantilização dos membros da massa, explicação dada seja pela regressão à situação com o pai da horda primeva ou pelo reencantamento da realidade esclarecida pela necessidade, própria da visão de mundo religiosa, de um pai que salvará seus filhos do desamparo. Contudo, ao relacionarmos o conceito de massa freudiano à análise adorniana da cultura industrial, encontramos algumas adaptações: os pseudoindivíduos, estando imersos em uma cultura inteiramente massificada, não se mostram como totalmente passivos frente à indústria cultural, mas, por assim dizer, pseudopassivos. Isso porque a ideologia foi substituída por uma mentira ostensiva. Isso faz com que os líderes, no interior da indústria cultural, sejam descartáveis e substituídos clinicamente segundo as necessidades de adequação à estrutura dominante capitalista.

Após tal interlúdio freudiano, voltamos à análise do rádio a partir do conceito de fisionomia da voz radiofônica que revelaria padrões sociais de expressão humana, como uma antropologia histórica, ao ser tomada enquanto uma descrição de características expressas e formas típicas que revelariam gêneses sociais, inclusive em suas contradições. A voz do rádio, como que autonomizada do corpo, ganha uma proeminência ao promover uma confusão entre fantasia e realidade no ouvinte, confusão esta pertencente aos primeiros anos de estágio de desenvolvimento da criança. É nesta confusão entre o privado e o público, o fantasiado e o real, o autômato e o humano que a construção de uma personalidade carismática do rádio se situa, ocorrendo uma “personificação” da voz do rádio e, finalmente, uma confusão entre o familiar e o estranho.

Tal análise nos levou diretamente para o caso de Thomas: dentre todos os elementos deste estudo de caso, enfatizamos como mais importante o uso de conteúdos irracionais de forma meticulosamente racional, como um planejamento emocional. Assim, ele incentiva tanto a violência, quanto outras liberações emocionais, mas somente em direção a alvos e situações muito bem determinados. Utiliza-se, então, uma predisposição dos ouvintes consumidores a se rebelarem pulsional e emocionalmente contra sua condição de dominados para o manutenção da própria dominação. Ressaltamos também a ausência de síntese entre ideias discordantes promovida pela

dissociação psíquica, efeito do anti-intelectualismo, o que leva Thomas a recorrer a artifícios: a repetição de mesmas ideias para fins de familiarização com valores específicos, mas sem adentrar profundamente em uma reflexão e debate; a linguagem publicitária vaga, em que ideias são tomadas como acabadas ou como um *fait accompli* sem necessidade de maiores explicações e justificações. Soma-se a isso uma flexibilidade no conteúdo do discurso (que permite afirmar o oposto do que se tinha dito anteriormente) que serve à adaptação a contextos diversos a fim de manter sempre o público cativo. Ao fugir de conflitos, Thomas elenca substitutos para onde seus ouvintes devem projetar os problemas.

Assim, Adorno nos mostra como o fascismo se encontra latente em uma sociedade industrialmente organizada em todas as suas esferas, inclusive a cultural que fomenta massivamente conteúdos publicizados que seguem valores profundamente antidemocráticos: o rádio teria simplesmente preparado o terreno e treinado seus ouvintes-consumidores para a adequação e reprodução de elementos próprios de uma sociedade dominadora. Por isso, uma pesquisa como TAP se vê justificada ao procurar pelo nível de autoritarismo latente na população norte-americana.

Capítulo 7

Sobre metapsicologia e ideologia em *The Authoritarian Personality*

. Introdução ao capítulo 7

Em nosso sétimo capítulo, retornaremos a um estudo mais direto de TAP, mas não de forma geral como fizemos em nossa parte introdutória. Pretendemos focar em temas tratados pelos capítulos assinados exclusivamente por Adorno – por mais que recorramos a alguns capítulos escritos por Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford para complementar nossa leitura –, além do capítulo adorniano que permaneceu não publicado até 2016 intitulado *Remarks on “The Authoritarian Personality”*. De modo geral, tais temas abrangem comentários psicanalíticos dos resultados das pesquisas qualitativas, a formulação de tipologias e classificação dos entrevistados, bem como um debate acerca das ideologias sociopolíticas⁴²⁷ usadas pelos entrevistados no livro.

Em consonância com o que já desenvolvemos até aqui, nossa proposta é relacionar uma leitura mais ortodoxa da psicanálise freudiana a um desenvolvimento antropológico no qual noções psicológicas são descritas como vinculadas a determinações sociais. Nesse sentido, ressaltamos os temas da expropriação pulsional do indivíduo para fins de controle social, além da dessublimação das pulsões agressivas e repersonalização do supereu devido à fraqueza do eu.

Contudo, o que procuraremos explicitar não será somente como a metapsicologia individual dos entrevistados reage a contextos sociais específicos. Mas também de que forma a adequação a um ambiente social autoritário leva os entrevistados a aderirem a valores e posicionamentos preconceituosos. A este ambiente social, Adorno dá o nome de clima cultural geral: aqui

parece estar em ação um outro determinante que, em numerosas questões, embaça a distinção entre pontuadores altos e baixos e que se recusa a ser delimitado inequivocamente em termos de personalidade. Este determinante pode ser chamado de nosso clima cultural geral e, mais particularmente, da influência ideológica da maioria dos meios de comunicação sobre o povo para moldar a opinião pública. Se nosso clima cultural foi padronizado sob o impacto do controle social e da concentração tecnológica em uma extensão nunca antes conhecida, podemos esperar que os hábitos de pensamento dos indivíduos reflitam essa padronização, assim como ocorre com a dinâmica de suas próprias personalidades. Essas personalidades podem, de fato, ser o

⁴²⁷ Deixamos de lado a análise do capítulo sobre a religião escrito por Adorno, pois já o debatemos de modo suficiente em nosso primeiro capítulo da tese.

produto dessa mesma padronização em um grau muito mais alto do que um observador ingênuo é levado a acreditar. Em outras palavras, temos que esperar por uma espécie de “padrão geral” ideológico em nossos entrevistados que, embora não seja de modo algum indiferente à dicotomia dos pontuadores altos e baixos, transcenda seus limites.⁴²⁸

É assim que parte da terminologia dos autores do livro pode ser compreendida: aqueles que se opõem aos mais autoritários não são não autoritários, mas simplesmente menos autoritários, pois o clima cultural padronizado (e autoritário) impede que uma pessoa se oponha completamente a seu contexto.

Essa adequação ao social e esvaziamento da noção de indivíduo impossibilita uma análise verdadeiramente psicológica, o que dá lugar a uma pesquisa antropológica que diz mais sobre o ambiente cultural dos entrevistados do que sobre a própria subjetividade deles. Por isso, Adorno desenvolve o que denomina ser uma “antropologia cultural”.⁴²⁹ Como diz o filósofo:

a psicologia do antissemita contemporâneo pressupõe, de certo modo, o fim da própria psicologia; por esse motivo, não pode ser adequadamente descrito psicologicamente. Aquilo com o que estamos nos deparando aqui não é o antigo ódio aos judeus como um poder emocional específico. É a prontidão de certos tipos de homem a aceitar mecanicamente determinados padrões ideológicos, “tickets”, que também contêm slogans antissemitas, mas que não são mais inspirados por reações antissemitas *per se*. Esta prontidão é a contrapartida subjetiva da transformação objetiva do antissemitismo em um dispositivo puramente administrativo.⁴³⁰

Esta seria mais uma forma da Teoria Crítica adorniana se manter fiel a pressupostos provenientes da crítica da economia-política – em uma pesquisa erroneamente acusada de ter “psicologizado” suas análises e esquecido de Marx.

Se um dos intuitos do livro é evidenciar “o significado social mais amplo do antissemitismo: sua negação intrínseca dos princípios da democracia norteamericana”⁴³¹; então, um dos momentos argumentativos em que iremos nos ater – para além da exposição dos principais “complexos ideológicos” – será na figura do pseudoconservador, qual seja, aquele para quem o preconceito aparece mais fortemente atrelado ao ímpeto antidemocrático. O pseudoconservador seria aquele subtipo que, por mais que pareça situar seus posicionamentos sociopolíticos no interior do espectro

⁴²⁸ TAP, p. 655.

⁴²⁹ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 11.

⁴³⁰ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 28.

⁴³¹ TAP, p. 609.

democrático, aparece de fato, no entanto, como um antidemocrático implícito. Nesse sentido, se TAP trata do fascismo latente em ambiente democrático, seria justamente por meio de exposições e formas aparentemente democráticas que a abolição da democracia apareceria. Utilizaremos as ideias expostas nas entrevistas pelos pseudoconservadores para mostrar como

a limitação dos direitos humanos, que é consumada na ideia deles de um tratamento especial dos judeus, não apenas implica logicamente a abolição definitiva da forma democrática de governo e, portanto, da proteção legal do indivíduo, mas é frequentemente associada bastante conscientemente, por entrevistados de alta pontuação, a ideias abertamente antidemocráticas.⁴³²

Vemos, assim, como as noções de preconceito, autoritarismo e posicionamentos antidemocráticos se mostram relacionadas na obra, por mais que não tenham sido definidas com precisão pelos autores.

. Psicologia e sociedade: um histórico familiar

Dentre os muitos assuntos explorados em TAP, os autores se basearam nas entrevistas e demais pesquisas empíricas qualitativas para tratarem de aspectos pessoais dos indivíduos, como suas experiências infantis, fantasias, medos e projeções. Nesse âmbito, o nosso primeiro enfoque será dado às análises das estruturas familiares e seus impactos gerais no processo de socialização dos sujeitos. O papel da família na socialização da criança e constituição de um adulto mais ou menos preconceituoso é descrito da seguinte forma em TAP. É na família que

a criança em crescimento aprende pela primeira vez a lidar com as relações interpessoais. Alguns dos membros da família estão em uma posição de autoridade, outros em uma posição igualitária ou em uma posição mais fraca do que ele. Alguns são do mesmo sexo, outros são do sexo oposto. Logo fica evidente para o jovem que tipo de comportamento é considerado apropriado e levará à recompensa e que tipo de comportamento será punido. Ele se vê confrontado com um certo conjunto de valores e certas expectativas que ele tem que satisfazer. (...) Em alguns casos, a disciplina é dura e ameaçadora, em outros, inteligível e suave. Ou pode haver uma adesão rigorosa às regras e costumes convencionais, em vez de valores mais flexíveis e mais intrínsecos, que levam a uma maior tolerância às variações individuais. Ou o bom funcionamento dentro da família pode depender mais da troca de obrigações bastante definidas e de “bens”, ou então de uma troca de genuína afeição. Essas e outras diferenças na organização da família estão sob escrutínio à luz

⁴³² TAP, p. 653.

de suas possíveis implicações com respeito à estrutura de personalidade do indivíduo e suas crenças sociais e políticas.⁴³³

Seguindo uma tônica freudiana, portanto, é no ambiente familiar que a criança aprende de forma fundante quais seriam os principais meios que mantêm o funcionamento da sociedade, como a instituição de normas, a noção de justiça, os valores morais, os comportamentos aceitos, a noção de interesse, além das dinâmicas de afetos próprias das relações humanas. Contudo, como sabemos desde nosso capítulo 2 em torno do comentário sobre os *Estudos sobre autoridade e família*, o declínio da figura de autoridade familiar e sua substituição pela mercadoria como função mediadora entre indivíduo e sociedade se colocam no centro da constituição do sujeito aqui analisado. Isso quer dizer que a forma como a família reproduz ou não os ditames sociais capitalistas no interior de sua dinâmica relativa à primeira educação infantil irá delimitar a maior ou menor adequação desta criança às determinações culturais, o que levará à formação de uma individualidade mais ou menos forte, que irá se opor a ou reproduzir o autoritarismo socialmente vigente. Como veremos, “a dominação imediatamente palpável do indivíduo pela sociedade, sem qualquer intermediário, é tão profunda que, em uma camada mais profunda de sua consciência, a criança crescendo ‘sem autoridade’ é provavelmente ainda mais temível do que era nos bons e velhos tempos do complexo de Édipo.”⁴³⁴

Em relação aos maiores pontuadores, a principal característica que marcou a sua educação quando criança foi a reprodução de valores capitalistas no interior da família. Isso quer dizer que seus pais teriam estimulado uma educação baseada no respeito aos valores, ditames e figuras dominantes do *status quo*, de forma que seria fomentada a aceitação e reprodução do contexto dominador e autoritário. Assim, como aprendemos com Freud, havendo uma relação íntima entre o respeito à autoridade familiar e à autoridade social do líder, do chefe da empresa e do sistema capitalista, TAP expõe que os maiores pontuadores praticam a idealização dos pais (e, por conseguinte, dos demais

⁴³³ TAP, p. 337. Antes de prosseguirmos, é importante ressaltar um posicionamento de Adorno et. al. em relação às vivências e projeções sobre a infância realizada na vida adulta: “Some attempt was also made to obtain information about the earlier phases of childhood. It has to be kept in mind, however, that in view of the type of inquiry used in this study, no differentiation can be made between real childhood events and present tendencies projected into childhood. The assumption was that both types of material are psychologically relevant as long as the possible duality of sources is not overlooked in the interpretation of the material. Thus, the manifest question, “What were you like as a child?” was asked to get either the subject’s idea about himself as a child or the possible description of the type of child he might have been” (TAP, p. 315).

⁴³⁴ Adorno, T. W. “The problem of a new type of human being”. In: *Current of Music: Elements of a radio theory*. Polity Press, 2009, p. 464.

líderes sociais) por meio de ênfase em características externas, superficiais ou ditas convencionais, isto é, de acordo com os valores e padrões mais difundidos pela sociedade, de modo que na infância não era admitida qualquer crítica ou fraqueza dos pais. Tal superestimação dos progenitores segundo noções estereotipadas sugere que esta educação familiar esteve fundamentada em rigidez, disciplina estrita e distância entre progenitores e filhos, na qual uma relação familiar mais igualitária, segura e destituída de medo foi impossibilitada. Com isso, a formação infantil fica marcada por noções de obrigação e dever, e não por sentimentos ternos e sinceros. Logo, a figura de autoridade dos pais preconceituosos tende a ser considerada poderosa, distante, amedrontadora e dominadora, frente à qual o indivíduo em formação só pode se subjugar. Tais relações hierárquicas desenvolvidas pelos pais levarão a duas consequências importantes para o nível de organização social.

Uma primeira consequência se dá quanto à formulação da concepção de lei: na trajetória dos maiores pontuadores, a submissão infantil a regras familiares se dá prioritariamente por medo, mais do que por compreensão racional destas imposições. Concomitantemente, os pais dos pais preconceituosos tendem a cobrar um nível maior e mais estrito de obediência infantil, o que leva à frequente reclamação de que suas crianças são difíceis, mimadas, agressivas e teimosas. Para os autores, os pais autoritários sofreriam com a artificialidade das regras, que não seriam questionadas em seu conteúdo, mas acatadas somente pelo formato da lei. Perde-se, então, a capacidade crítica quanto ao questionamento de normas justas em relação à vivência social. Além disso, os valores a serem impostos às crianças seriam aqueles da vida adulta, de modo que elas são julgadas por critérios exteriores e incompreensíveis para o mundo infantil. Tal prática leva, segundo os autores, à dificuldade de internalização de valores morais.

Uma segunda consequência das relações hierárquicas no seio familiar seria o prolongamento de uma noção de ordenação por ranqueamento em toda a sociedade. Para tanto, o maior pontuador entrevistado tende a respeitar os “de cima”, ou seja, as figuras já estabelecidas de poder econômico e político na sociedade, e descarregar a crítica nos considerados “de baixo”, ou seja, às classes de posição mais frágil na sociedade. Inclusive o apoio dos pais preconceituosos a conteúdos convencionais da cultura, que tendem a ser pautados por grupos das elites regionais, traduz-se em uma ambição em participar do círculo socialmente mais poderoso. Segue-se disso a ênfase dos pais preconceituosos na importância do dinheiro como meio de felicidade e segurança, o que os leva frequentemente a colocarem os argumentos econômicos como

prioritários frente às problemáticas sociais e políticas. Tal orientação voltada a bens materiais no lugar da procura por amor exprime como as tendências mercantis da economia pautam as relações humanas. As principais ideias empregadas pelos maiores pontuadores são as noções de troca, sucesso e competição que permeiam as relações familiares e sociais como um todo, tratadas como um “negócio”: “a orientação para se ‘obter coisas’ pode ser vista em relação a uma atitude de ‘troca’. Quando essa atitude geral predomina, as relações humanas passam a ser consideradas uma forma de ‘fazer um acordo’. Na atitude em relação aos pais, isso às vezes se manifesta em um sentimento vago de obrigação, de ter que retornar em termos de bens materiais o que recebemos dos pais.”⁴³⁵

A posição de “antifraqueza” também é explicada pela dificuldade da criança em sentir-se segura em relação a seus próprios medos e defeitos. A tendência dos pais a negar ou impedir a expressão de quaisquer fraquezas na infância tende a levar este sujeito em formação a uma atitude social similar de recusa da fraqueza da alteridade, a um embate contra as figuras mais “frágeis” da sociedade.

A orientação direcionada para o poder e o desprezo pelos supostamente inferiores e fracos encontrados em nossos sujeitos preconceituosos típicos devem igualmente ser considerados como tendo sido tomados da atitude dos pais em relação à criança. O fato de que seu desamparo quando criança ter sido explorado pelos pais e que ele foi forçado a se submeter deve ter reforçado qualquer atitude antifraqueza existente. Assim, os indivíduos preconceituosos tendem a exibir uma “identificação negativa” com os fracos, juntamente com sua identificação positiva, embora superficial, com os fortes.⁴³⁶

Pensamos que, se a identificação dita “positiva” descrita pela psicanálise freudiana diz respeito à incorporação de traços do outro no interior de si mesmo, podemos inferir, neste contexto da citação acima, que a “identificação negativa” seria justamente a recusa das características do outro que o indivíduo encontra em si e que, portanto,

⁴³⁵ TAP, p. 355. Um dos exemplos mais utilizados pelos autores de TAP para demonstrarem a orientação material das relações humanas dos mais preconceituosos provém das relações amorosas: para eles, o casamento é relacionado mais a interesses de ambição, *status*, riqueza, ou ainda a convenções, ao invés do amor. A objetificação da alteridade leva os maiores pontuadores a separarem o amor do sexo, o que também influi em um tipo de classificação das pessoas, havendo frequentemente a referência de “mulheres para casar” *versus* outros tipos de mulheres. Em meio a tais julgamentos, predomina uma condenação moral do comportamento alheio com críticas baseadas em boas maneiras, preocupação excessiva com limpeza, questões estéticas e situações consideradas socialmente impróprias. E por mais que haja admiração superficial quanto ao companheiro, em relação praticamente sempre heterossexual, subjaz um ressentimento e desrespeito em relação ao sexo oposto.

⁴³⁶ TAP, pp. 387-8.

também recusa em si mesmo – efeito da utilização do desamparo para fins de disciplinamento.

Lembremos que, como exposto em nosso terceiro capítulo, no desamparo os pais e as figuras da autoridade social continuam a ser vistos, mesmo na vida adulta, como objetos da pulsão de autoconservação, sendo provedores de segurança, forma de transformar os atores sociais em anteparos de projeções subjetivas familiares e infantis. Assim, é pelo prolongamento do desamparo que, de forma sádica, os mais autoritários recusam uma posição de “fraqueza”; e simultaneamente, por “identificação negativa”, eles também continuam a se submeter de modo masoquista às autoridades promotoras de segurança e “força”. O que nos leva logo a pensar que a presença de uma enorme quantidade de altos pontuadores na sociedade atual pode ser entendida como a presença de uma massa de sujeitos adultos infantilizados. Quer dizer, adultos que continuam presos a padrões de interação social próprios da infância: “essa dependência, no entanto, não é focada nem consciente; é antes uma necessidade de ajuda de outros para se obter coisas; as pessoas de quem as coisas podem ser obtidas podem igualmente ser os pais, ou o ‘líder’, ou qualquer outra pessoa que pareça capaz de oferecer apoio tangível.”⁴³⁷

Em contraste, os baixos pontuadores tendem a desvincular o medo, angústia e desamparo do centro das interações sociais, forma de deslocar menos desejos e emoções inconscientes para o âmbito da política. A tendência dos pais dos menos preconceituosos é de serem mais brandos e relaxados, mais próximos dos filhos, fornecendo amor e confiança a eles. Tais características tendem a levar as crianças a se sentirem mais seguras, o que acarreta muitas consequências psíquicas e sociais. Tal padrão de relacionamento pautado por um nível mais igualitário e menos hierárquico e distante entre os familiares pode ser considerado um anteparo contra os valores capitalistas de exclusão, desigualdade, hierarquia, obediência ao mais poderoso, etc.

A primeira delas é a tendência destas crianças a desenvolverem um afeto positivo genuíno em relação aos familiares, não pautado primordialmente por ambição e posse. Isso quer dizer que os conteúdos dos valores morais de igualdade e justiça, e não somente as formas de lei, seriam verdadeiramente internalizados pelas crianças por influência da autoridade familiar, o que levaria a um desenvolvimento autônomo e independente quando adultas. Nesta situação está envolvida uma cooperação entre pais

⁴³⁷ TAP, p. 353.

e filhos que promove uma assimilação do conteúdo das normas, o que parece ser imprescindível para o desenvolvimento de uma concepção mais sólida de justiça. Vê-se uma flexibilidade maior quanto aos valores convencionais socialmente enfatizados, ou ainda uma menor cobrança dos pais quanto à obediência dos filhos:

Uma das diferenças mais importantes em comparação com a família do alto pontuador típico é que se espera menos obediência das crianças. Os pais são menos dominados pelo *status* e, portanto, mostram menos ansiedade com respeito à conformidade e são menos intolerantes em relação às manifestações de comportamento socialmente inaceitável. Em vez de condenar, tendem a fornecer mais orientação e apoio, ajudando a criança a resolver seus problemas pulsionais. Isso possibilita um melhor desenvolvimento da socialização e da sublimação de tendências pulsionais.⁴³⁸

É nesse contexto que apresentamos uma crítica feita por Shils⁴³⁹. Para ele, o conflito com os pais em níveis diferentes de consciência nos mais e menos preconceituosos leva à possibilidade de uma dubiedade nas concepções de Adorno et. al.. Segundo Shils, se tanto os mais quanto os menos preconceituosos se formam em reação às imposições familiares, então qual seria a real diferenciação entre os altos e baixos pontuadores diante da figura de autoridade? Tal dubiedade do papel da autoridade familiar em TAP está calcada na própria gênese da noção de autoridade na obra freudiana. Já vimos que é pela identificação com a figura de autoridade que a criança forma sua instância moral interna (supereu) que a capacita a ganhar autonomia em relação às figuras externas de autoridade. Ou seja, segundo Freud, o caminho da autonomia adulta é pela heteronomia, isto é, por meio da internalização, imitação, ou mimese da autoridade como estratégia de desenvolvimento pessoal. Isso quer dizer que, para Freud, a internalização da alteridade como figura de autoridade faz parte do próprio processo de individuação humana. Assim, a figura de autoridade, sendo um aspecto da possibilidade de liberdade, é ainda uma forma de adequação do indivíduo às normas sociais, adequação que leva à necessidade de ajuste aos ditames da realidade.

Se tanto os maiores quanto os menores pontuadores são formados por imposições da autoridade familiar, havendo uma posição de heteronomia infantil em ambos os casos, então o que de fato difere na educação familiar de ambos que distingue uma heteronomia provisória (com o desenvolvimento posterior da autonomia) de uma

⁴³⁸ TAP, pp. 387-8.

⁴³⁹ Cf. Shils, Edward. "Authoritarianism: 'Right' and 'Left'". Jahoda, Marie & Christie, Richard (eds.), *Studies in the Scope and Method of "The Authoritarian Personality"*. Glencoe, Illinois: Free Press, 1954, p. 35.

heteronomia perene? A nosso ver, é a moral ser constituída de modo somente formal o que possibilita a adaptação aos conteúdos culturais autoritários vigentes, diferente do caso dos menos preconceituosos, em que a sua moralidade tem como gênese conteúdos valorativos explícitos e independentes dos valores capitalistas. Assim, no caso dos menos preconceituosos, pode ocorrer uma negação da heteronomia infantil como passo importante no processo da individuação, o que reforçaria, por sua vez, a independência individual. Por outro lado, a ausência da família como elemento mediador da socialização faz com que a heteronomia dos indivíduos formados diretamente pela influência social ganhe ares de permanência, dada a sua proximidade excessiva. É por isso que “como afirmou Horkheimer num ensaio escrito em 1949, quanto mais as funções econômicas e sociais da família eram liquidadas, mais desesperadamente ela enfatizava suas formas convencionais ultrapassadas.”⁴⁴⁰

Outra consequência vinculada à autoridade paterna mais branda é a possibilidade de criticar abertamente os pais na segurança e convicção de, mesmo assim, não perder o amor familiar. Tal crítica formada de modo objetivo, no entanto, produz a típica culpa sentida pelos baixos pontuadores, resultado do conflito entre o amor e a discordância. Assim, enquanto os altos pontuadores não admitem uma crítica a si mesmos, tentando sempre que possível transferir a culpa para outrem, os menos preconceituosos, por terem internalizado os conteúdos morais, demonstram tendência obsessiva à culpa, ruminando os próprios erros e defeitos. Os pais são descritos por meio de características menos estereotipadas, sendo citados inclusive seus defeitos. Isso permite uma melhor compreensão dos pais como pessoas para além da função familiar, enquanto seres humanos com defeitos, inseridos em contextos sociais diversos que os determinam. Isso é visível a partir da noção de rebelião dos baixos pontuadores contra autoridades e figuras dominantes em geral. Isso tende a levá-los a se posicionar ao lado dos mais fracos da sociedade⁴⁴¹.

⁴⁴⁰ Horkheimer apud Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 311.

⁴⁴¹ A filiação do baixo pontuador ao elo mais frágil da estrutura social é evidenciada em TAP na própria situação familiar: haveria nele uma tendência ou orientação pela mãe fornecedora de amor, sendo mais um modelo de atitudes humanitárias e compreensivas do que referência de dominação. Nesse sentido, encontramos ainda uma problemática sobre a sexualidade pouco aprofundada em TAP, mas ainda assim presente, a saber, a possibilidade dos baixos pontuadores aceitarem traços homossexuais na heterossexualidade. Ao invés de enfatizarem uma noção de masculinidade e feminilidade típicas da ideologia dominante – como a força, energia, determinação e ação masculinas, sem admissão de quaisquer fraquezas, de um lado, e marcas femininas de fragilidade, romantização da maternidade, beleza mais do que funções intelectuais, reforço da imagem da mulher recatada, posições tradicionais das mulheres no trabalho do lar, de outro – os menos preconceituosos não veem problemas em uma atuação

De modo mais específico, percebemos que o centro de tal problema está não na presença ou ausência de crítica paterna, mas na situação de consciência ou inconsciência dos conflitos familiares. Uma das grandes diferenciações entre os mais e menos autoritários estaria, então, na assunção do conflito por parte dos baixos pontuadores, ao passo que a hostilidade permanece em negação no caso dos altos pontuadores. Negar a existência de todo e qualquer conflito e discordância, ao invés de vivenciá-lo, é característica típica do autoritarismo. A falta de assunção de conflitos familiares “leva a uma submissão à autoridade parental na superfície e um ressentimento latente do qual, embora não admitido, é o mais ativo sob o disfarce de mecanismos de deslocamento.”⁴⁴² A glorificação artificial dos pais seria, então, uma tentativa de defesa contra a conscientização dos sentimentos ambivalentes que os altos pontuadores não assumem ter em relação aos pais.

. Uma nova organização metapsicológica em TAP

Tal problemática da autoridade será percorrida em TAP segundo o ponto de vista da psicanálise freudiana. Ela será abordada pela descrição de uma nova organização metapsicológica a partir de uma “resolução” bastante específica do complexo de Édipo. A abordagem da obra segue a intuição segundo a qual a forma como a criança lida com a situação edípica leva a uma tendência social mais ou menos rígida ou flexível, infantil ou madura, aumentando ou diminuindo a predisposição à reprodução do preconceito ou à assimilação de ideologias antidemocráticas.

Já sabemos que, para a teoria freudiana, a resolução do complexo de Édipo está intimamente relacionada à formação do supereu, isto é, à internalização das normas, regras e leis sociais pela influência familiar. O complexo de Édipo seria uma fase de

sexual e de gênero diversa e antiestereotipada. Longe de pensar que encontramos mais homossexuais entre os baixos do que entre os altos pontuadores, tal leitura está embasada em uma noção psicanalítica freudiana, a saber: a teoria da bissexualidade originária dos indivíduos que leva à flexibilização na noção de gênero, à quebra da ideologia heterossexual dominante e de seus papéis e atribuições sociais. Mesmo que um debate sobre machismo não esteja presente de forma sólida em TAP, ao menos encontramos as seguintes passagens: “The high-scoring men more often fantasy the man as the dominant person in the heterosexual relationship. They are inclined to identify with the role of a benevolent but despotic father, demonstrating no real dependence on the woman. The man is likely to be described as the master, while the woman is weak and dependent. This division of masculine and feminine roles is often sharply made, no overlapping of roles being allowed. At the same time the high-scoring man is likely to reject the woman because of her dependency. He describes her as being fickle, flighty or burdensome.” (TAP, pp. 511-2.)

⁴⁴² TAP, pp. 357-8. Assim explicam os autores no caso das exceções em relação aos highs: “This may serve as an example of the fact that once the high scorer turns against the parents—which happens only rarely—there is a tendency to make them out as real villains” (TAP, p. 366).

intenso conflito para a criança: dadas as ligações afetivas com os pais, é desenvolvida espontaneamente na criança a ambivalência entre o amor identificatório e o ódio, por exemplo, em relação ao pai, já que este é seu rival diante do amor da mãe⁴⁴³. O conflito entre o amor e o ódio da criança em relação aos pais pode se resolver pela incorporação destes sentimentos hostis, bem como dos desejos sexuais, no interior da criança, culminando na permanência exclusiva de sentimentos ternos nas relações familiares. É, portanto, mediante a identificação que o conflito edípico pode ter fim enquanto situação real, uma vez que os ímpetos sexuais e hostis não se esvanecem simplesmente, mas se perpetuam como fantasias e assimilação das qualidades dos pais e dos sentimentos agressivos ligados a eles. Tal internalização estabelece uma alteração funcional no eu que segue as características da autoridade antes relacionadas à autoridade familiar: forma-se o supereu. Esta instância de cunho repressor e moralizante é a forma que o eu encontrou de dominar o isso, ao mesmo tempo em que o supereu partilha com as demais instâncias psíquicas uma situação parcial de inconsciência.

No entanto, dadas as características da autoridade familiar exibidas em TAP, como é descrita a formação do supereu dos mais preconceituosos? Considerando que, quando crianças, eles obedeciam às normas familiares, somente em sua condição formal, por medo, não por introjeção do conteúdo da lei, o supereu dos maiores pontuadores não teria sido muito bem internalizado, sendo sentido como um corpo estranho no interior do indivíduo. Encontramos algumas consequências diretas desta internalização falha do supereu: a sua constituição psíquica torna-se mais frágil, menos individualizada, seu eu se tornando mais suscetível a influências externas, justamente porque não apresenta uma autoridade internalizada a partir da qual julgaria como justos ou injustos os contextos sociais que se apresentam. Isso quer dizer que, uma vez que o sujeito só compreende a forma da lei, mas não teve os valores e conteúdos morais internalizados de modo suficiente, o lugar onde serão desenvolvidos julgamentos sobre justiça, bondade e respeito relativamente a situações sociais será feito em um domínio externo ao alto pontuador. Este irá somente acatar e reproduzir tal conteúdo moral. Assim, se a sociedade reproduzir, ainda que de forma racionalizada ou camuflada, de modo ideológico dominante materiais machistas, racistas, antisemitas ou qualquer outra forma preconceituosa, a rigidez do alto pontuador o levará a acatar e reproduzir

⁴⁴³ Uma das grandes críticas feitas a Freud é o desenvolvimento quase exclusivo de uma teoria edípica pautada no ponto de vista masculino. Há explicações – às quais não faremos referência aqui – sobre o Édipo feminino, mas que sempre foi tratado de forma secundária pelo psicanalista.

tais ditames sem qualquer reflexão crítica sobre seu conteúdo. Logo, nenhuma culpa será produzida internamente ao mais autoritário, pois não haverá uma análise interna sobre a violação ou não de normas mais ou menos justas.

Isso ocorre porque as funções superegoicas dos mais preconceituosos tendem a ser exercidas por uma figura social, líder ou autoridade. Tal pessoa será escolhida pela filiação inconsciente com as características dos pais típicos dos mais preconceituosos, a saber, aquele que reproduz os valores e exigências do capitalismo: fomentando a obediência pelo medo e intimidação, enfatizará a punição e condenação excessivas inclusive para os menores desvios, pregará a exclusão ou segregação de determinados grupos das camadas sociais mais frágeis, reforçará o *status quo* socioeconômico já dominante, prometerá bens materiais por recompensas morais, em suma, baseará seus argumentos não em conclusões racionais, mas em moralismos de fachada, manipulação de ódio e agressividade. Sendo a sua formação interna frágil, o maior pontuador tenta procurar na figura do líder ou na conformação social a racionalidade ordenadora e moralizante que falta em seu interior: “O que o participante fascista procura é a ilusão de controle para reparar seu sentimento de impotência.”⁴⁴⁴

Tal explicação encontrada em TAP nos permite dizer que as funções próprias de instâncias subjetivas como que se “expandem”, criando uma espécie de noção alargada do eu para fora do sujeito, que operaria em nível social. Essa descrição se aproxima em muitos aspectos do exposto em nosso sexto capítulo sobre *Psicologia das massas e análise do eu*. Como, por exemplo, a formação de um ambiente narcísico que ultrapassa os limites do eu, mantendo o funcionamento regulado pelo princípio do prazer com a finalidade de evitar quaisquer conflitos e ambivalências. No interior desta bolha social, as reações são automatizadas, os pseudoindivíduos aparecem agindo sob a compulsão afirmativa de si mesmo, tal qual a racionalidade técnico-esclarecida descrita em nosso terceiro capítulo.

Contudo, para um leitor desavisado, pode parecer que o narcisismo nada tem a ver com a fragilidade do eu que descreve a metapsicologia do tipo autoritário, designando, ao contrário, um eu tão bem “fortificado” e defendido que conseguiria expandir os seus domínios para a realidade externa ao sujeito. Contrariamente a esta impressão inicial, entendemos que o eu, enquanto instância responsável pela relação entre o isso e a realidade externa, quando se encontra frágil, mostra-se incapaz de lidar

⁴⁴⁴ Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno's social psychology” *Telos* 32, 1977, p. 55.

com as imposições e conteúdos da objetividade. Na própria formação subjetiva determinada pelo capitalismo administrado deixa de ser imperante o desenvolvimento de um eu mediador de contraposições: todo conteúdo cultural aceito pelo eu fomenta a naturalização de uma única visão sobre a realidade para que ele não se veja obrigado a lidar com conflitos que pedem pela mediação do eu. É para explicar tal funcionamento sem conflitos entre eu e a realidade que o narcisismo é requisitado. Para evitar que o eu possa gerir os conflitos, é constituído um ambiente narcísico em que o próprio sistema capitalista aparece como o administrador de problemas no lugar do sujeito:

O empobrecimento dos indivíduos não significa que os mecanismos psíquicos tenham sido *exterminados*; ao contrário, significa que os mesmos foram *retirados* dos sujeitos pelos poderes sociais, contribuindo para maior eficiência do sistema. Assim, a irracionalidade faz parte do funcionamento social, e não mais somente corresponde às profundezas psíquicas do inconsciente individual.⁴⁴⁵

Assim, o eu dos altos pontuadores não teria sido formado para sintetizar de forma equilibrada no interior do sujeito os conteúdos conflituosos provenientes da realidade externa, do supereu e do isso. Por consequência, a fragilidade do eu leva à externalização do supereu. Nas palavras dos autores:

Há razões para acreditar que um fracasso na internalização do supereu é devido à fraqueza no eu, à sua incapacidade de realizar a síntese necessária, ou seja, integrar o supereu a si mesmo. Quer seja isso ou não, a fraqueza do eu seria concomitante ao convencionalismo e ao autoritarismo. A fraqueza no eu é expressa na incapacidade de construir um conjunto consistente e duradouro de valores morais dentro da personalidade; e é este estado de coisas, aparentemente, que torna necessário ao indivíduo buscar alguma agência organizadora e coordenadora fora de si mesmo.⁴⁴⁶

Considerando o exposto, a projeção de funções do supereu para uma figura de liderança social seria uma forma de evitar qualquer presença de conflito no interior da psique que a noção de “corpo estranho” enseja. Isso afeta também a relação do eu com a realidade externa justamente porque, na ausência de uma lei interna que regule o isso, os conteúdos inconscientes correm soltos (*run wild*⁴⁴⁷) a ponto de também falsearem a

⁴⁴⁵ Gomide, Ana Paula de A. “Psicanálise e Teoria Social à Luz da Teoria Crítica de Theodor W. Adorno” *Psicologia: ciência e profissão*, 2011, 31(1), 120-133, p. 131.

⁴⁴⁶ TAP, p. 234.

⁴⁴⁷ “Uma vez que as ‘autocontradições’ usuais do antissemita podem, no entanto, ser frequentemente explicadas por envolverem diferentes camadas de realidade e diferentes impulsos psicológicos que ainda são reconciliáveis com a ‘Weltanschauung’ global do antissemita, preocupamo-nos aqui principalmente com as evidências de construções imaginárias. (...) Pode-se dizer que essas fantasias ocorrem toda vez

realidade, evitando igualmente os conflitos sociais. “O supereu se torna o porta-voz do isso, por assim dizer – uma configuração dinâmica, aliás, que não é totalmente nova para a psicanálise. Podemos chamar, dentro da personalidade, os impulsos que se expressam no antissemitismo de promotor e a consciência de juiz e dizer que os dois estão fundidos.”⁴⁴⁸ Se o supereu aparece, no mais autoritário, como o porta-voz do isso, entendemos, então, que a relação do indivíduo com as exigências e conteúdos morais e legais não estaria sob a organização do princípio de realidade, e sim subserviente à inconsciência irracional do princípio do prazer regido pelo isso.

É em tal contexto que Adorno insere o debate da desproporção entre a culpa e a punição incentivada pelos mais autoritários: o supereu sendo expropriado,

O ódio é reproduzido e aprimorado de uma maneira quase automatizada e compulsiva, estando totalmente separado da realidade do objeto e completamente estranho ao eu. (...) No caso extremo, o ponto psicológico focal é o desejo de matar o objeto de seu ódio. É só depois que ele procura razões pelas quais os judeus “têm que” ser mortos e essas razões nunca podem ser suficientes para justificar suas fantasias de extermínio. Isso, no entanto, não “cura” o antissemita, uma vez que ele conseguiu expropriar sua consciência. A desproporção entre a culpa e a punição o induz, em vez disso, a perseguir seu ódio para além de qualquer limite e assim provar a si mesmo e aos outros que ele *tem que* estar certo.⁴⁴⁹

Tal *alienação* do supereu e falseamento da realidade por influência do isso leva, portanto, a uma transformação do que deveriam ser comportamentos sociais racionais em manifestações diretas de violência e o ódio inconscientes, ocorrendo, como diria Jessica Benjamin, uma “‘dessublimação’ de impulsos de violentos e arcaicos do isso em movimentos fascistas, então pode ser válido dizer que a manipulação substituiu a internalização.”⁴⁵⁰ Compreendamos o termo “dessublimação”: se a sublimação é caracterizada pelo desvio da finalidade pulsional na qual a agressividade não seria diretamente descarregada, mas desviada, a formação do supereu pode ser considerada

que os estereótipos ‘correm soltos’ [run wild], isto é, tornam-se completamente independentes da interação com a realidade. Quando estes estereótipos ‘emancipados’ são forçosamente trazidos de volta à relação com a realidade, aparecem distorções flagrantes. O conteúdo dos exemplos de fantasia estereotipada que coletamos tem a ver predominantemente com ideias de poder excessivo atribuídas ao inimigo escolhido. A desproporção entre a relativa fraqueza social do objeto e sua suposta onipotência sinistra é, por si só, evidência de que o mecanismo projetivo está em ação.” (TAP, pp. 612-3)

⁴⁴⁸ TAP, p. 630.

⁴⁴⁹ TAP, pp. 632-3.

⁴⁵⁰ Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno's social psychology” *Telos* 32, 1977, p. 56.

como um tipo de desvio da meta pulsional agressiva⁴⁵¹ que não foi exprimida na situação social do complexo de Édipo, mas foi internalizada, formando uma instância psíquica. A dessublimação desta pulsão agressiva ocorreria, por sua vez, na situação do mais preconceituoso que tende a externalizar o supereu anteriormente mal internalizado mediante o apoio a ideologias e líderes que incitam a violência e o ódio. Dessublimar seria, portanto, retomar as pulsões agressivas anteriormente sublimadas pela formação do supereu, levando-as à sua meta primeira de descarga pulsional direta em violência real por manipulação de componentes inconscientes praticada pelas instituições sociais.

Segundo este ponto de vista de repersonalização do supereu (que deveria se comportar como uma obrigação impessoal sublimada instalada no interior do indivíduo) em outra figura externa de liderança que substitui a figura paterna, entendemos como se dá uma das apropriações sociais do inconsciente de indivíduos em condição de massa. Podemos notar como as instituições sociais, principalmente em governos autoritários, acabam por explorar componentes psíquicos e inconscientes em suas organizações, como um tipo de “apropriação da psicologia das massas pelos opressores.”⁴⁵² Ou seja, aspectos da metapsicologia dos pseudoindivíduos teriam sido apropriados ou absorvidos pela estrutura socioeconômica. Como lemos em DdA:

Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do eu e do supereu, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna.⁴⁵³

Adorno resume todo este funcionamento metapsicológico tratado aqui por nós nomeando-o “falha da individuação”:

⁴⁵¹ “El superyó se ha engendrado, sin duda, por una identificación con el arquetipo paterno. Cualquier identificación de esta índole tiene el carácter de una desexualización o, aun, de una sublimación.” (Freud, S. “El yo y el ello” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 55)

⁴⁵² Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno's social psychology” In *Telos*, no 32, 42-64, 1977, p. 54.

⁴⁵³ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 167. Tradução modificada.

A ligação de traços que pode ser chamada de fracasso da individuação pode fornecer a definição definitiva da síndrome dos “altos” [pontuadores]. (...) Se o indivíduo não pode mais se manter enfatizando sua independência e força, se ele só pode ter sucesso entregando-se aos poderes coletivos, a clássica interação psicanalítica do eu, do supereu e do isso é seriamente afetada e a velha definição do princípio de realidade mediante a cristalização de um eu forte não é mais verdadeira.⁴⁵⁴

Assim, como última consequência da constituição de um eu fraco, chegamos à problemática formulação do princípio de realidade dos mais preconceituosos – que veem diminuída a separação entre a própria consciência e inconsciência. Com isso, é afetada a capacidade de discernimento da realidade e, em última instância, a distinção do que seria fantasioso, produzido pelo inconsciente subjetivo, e a realidade. As realidades exterior e interior se mostram como que “fundidas” e indistintas, com predominância da produção metapsicológica do sujeito sobre os fatos. O que torna impossível a realização da concepção do que seria considerado “verdade”.

. Aspectos do supereu relevantes para o tipo autoritário

Para que a frágil interiorização do supereu na estrutura psíquica do autoritário seja melhor compreendida, devemos aprofundar o nosso conhecimento desta instância. Já vimos como o supereu seria fruto do fim do complexo de Édipo, seu desenvolvimento ocorrendo no período de latência. Sendo essencialmente uma função psíquica, o supereu se apresenta, do ponto de vista topológico da metapsicologia freudiana, como uma gradação ou diferenciação do eu que, após o fim da fase edípica, ganha certa independência deste na organização psíquica. O supereu ocuparia um lugar especial entre o eu e o isso, de modo que sua posição intermediária seria como que um reflexo de sua origem: o supereu é uma forma que o eu encontrou para dominar o isso, ao mesmo tempo em que aprofundou seus vínculos com esta instância, já que o supereu procura reprimir a realização dos desejos edípicos que foram transferidos para a inconsciência por meio da identificação. Por isso, o surgimento do supereu e seu posicionamento testemunham a sobrevivência do complexo de Édipo, não mais enquanto sentimentos ligados aos progenitores, e sim sob a forma de contraposição entre as instâncias psíquicas. Visto isso, já podemos considerar que, uma vez a internalização do supereu sendo frágil, o autoritário sofreria menos de conflitos

⁴⁵⁴ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, pp. 27-8.

psíquicos, estando o funcionamento metapsicológico do novo tipo autoritário mais afastado de uma neurose – algo que iremos nos aprofundar em nosso próximo capítulo – havendo não verdadeiramente uma oposição entre as satisfações pulsionais do isso e as exigências do supereu, mas, ao contrário, uma espécie de compromisso conciliador.

Outro ponto diz respeito às diferenciações que o supereu teria em relação ao pai: “uma questão é o complexo paterno como raiz do superego e outra, muito diferente, é homogeneizar o superego à mera identificação com o pai ou, pior ainda, batizar o superego de paterno.”⁴⁵⁵ Tal ressalva se torna significativa não só porque o supereu pode vir a se modificar por identificações sucessivas ao longo da vida de um indivíduo; mas, mais do que isso, porque nos abre para a hipótese segundo a qual a criança se identificaria não exatamente com o comportamento dos pais, mas se apropriaria dos sentimentos tanto de admiração quanto de medo vividos na fase edípica e de castração. Esta ideia leva a ao menos três consequências.

Uma delas se refere à duplicidade inerente ao supereu: dado o contexto edípico do qual ele se origina, suas exigências podem ser contrárias entre si. Como diz Freud, a relação do supereu “com o Eu não se esgota na advertência: ‘Assim (como o pai) você deve ser’; ela compreende também a proibição: ‘Assim (como o pai) você não pode ser, isto é, não pode fazer tudo o que ele faz; há coisas que continuam reservadas a ele’.”⁴⁵⁶ Tal duplicidade se evidencia pelo caráter da formação do supereu que mantém vivos mediante fantasias os interesses da pulsão sexual, ao mesmo tempo em que faz prevalecer a coerção a estes mesmos desejos. Ou, na visão de Ricoeur,

O supereu é então o herdeiro do complexo de Édipo no duplo sentido em que dele procede e em que ele lhe reprime; é este duplo sentido que concerne a expressão de “declínio” (*Untergang*) do complexo de Édipo: o declínio designa a exaustão de uma organização caduca da libido (...), mas também a demolição, o desmantelamento, a ruína (*Zerstrümmerung*) de um investimento objetal. É para dar conta desta “formação de reação” que Freud foi levado a sublinhar o caráter agressivo e punitivo da figura parental com a qual o eu se identifica.⁴⁵⁷

Como veremos também em nosso próximo capítulo, no caso do autoritário que exterioriza o supereu, esta dualidade inerente a tal instância psíquica também é projetada, sendo que o traço idealizado e terno desta instância seria dirigido ao líder, ao

⁴⁵⁵ Ambertín, M. apud Xavier, L. A. F. *Kant a Freud: o imperativo categórico e o superego*. Curitiba: Juruá, 2009, pp. 177-8.

⁴⁵⁶ Freud, S. “O Eu e o Id” In *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 42-3.

⁴⁵⁷ Ricoeur, P. *De l’interprétation, essai sur Freud* – Paris: Éditions du Seuil, 1965, pp. 222-3.

passo que a agressividade e punição seriam direcionadas aos membros dos *outgroups*. Tal exteriorização pode ser vista como um modo de, novamente, evitar a vivência de conflitos psíquicos, de modo que, desta vez, a contradição a ser evitada seria justamente a do interior do próprio supereu.

Vejam os a segunda consequência decorrente desta primeira: sendo a exigência do supereu contraditória, então de qualquer forma se é culpado. Assim, o supereu pode se mostrar implacável, justamente porque contraditório, irracional e incompreensível. O que se deve obedecer sem a compreensão do sentido e coerência reguladora é tido como um imperativo, sentido como um duro “ter que”. Se não há coerência nas coerções do supereu, se suas demandas são impossíveis de serem satisfeitas, vemos como haveria um distanciamento entre as imposições da lei interna em relação ao que é vivido empiricamente. Em suma, as exigências superegoicas “transcendem” os fatos. Desapareceria, com isso, o dualismo corrente nas teorias do direito entre os fatos e as normas, já que a lei moral não vigoraria sobre fatos, ou ainda, os fatos não conseguiriam se adequar à lei: dos acontecimentos factuais não se infere normatividade superegoica alguma. Tal aspecto da lei moral se mostra, com isso, muito próxima da exigência formal e não empírica dos conteúdos morais na sociedade capitalista que viemos abordando desde nosso segundo capítulo. Ao passo que, o supereu, quando exteriorizado na figura do líder, permitiria que este também legislasse mediante um certo afastamento da realidade empírica. Estaria aberto o caminho para a construção de uma narrativa ilusória referente aos “inimigos”, criação de manias de perseguição vinculadas a bodes expiatórios que se pretende eliminar.

Como terceira consequência relevante para nós, podemos dizer que, para Freud, são os sentimentos em relação à autoridade familiar que configuram a causa da submissão à lei moral e formação do supereu. Com medo da perda do amor paterno, a aceitação da norma fornecida pela alteridade seria um modo de evitar o retorno de sentimentos como o desamparo, o medo e a angústia próprios da infância. Nesse sentido, se não há formação de lei censora sem a “força de lei”⁴⁵⁸ que a acompanha, quer dizer, sem os motivos que levam o indivíduo a aceitar a autoridade da lei, então não poderia haver moralidade se não houvesse uma figura de autoridade como “força de lei” que submeteria o indivíduo aos seus comandos. Diríamos, então, que a autoridade vinculada tanto à libido quanto à autoconservação media a relação do indivíduo com

⁴⁵⁸ Cf. Derrida, J. *Força de lei – o fundamento mítico da autoridade* – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

toda e qualquer normatividade, constituindo-se como um porto seguro na tentativa de proteção contra a própria finitude. Assim, a moralidade, baseada em sanções, leis, valores e preceitos, só se desenvolve mediante uma fantasia de autoridade a ser edificada na infância, figura tal que faz valer a lei para o indivíduo. Neste sentido, podemos dizer que o que leva os indivíduos a agirem moralmente não é exatamente a lei, ou mesmo valores socialmente partilhados, mas sim certos sentimentos encontrados no contexto infantil ligados à fantasia de autoridade que salvaguarda a normatividade das leis, sentimentos como o desamparo, o medo, a angústia e o amor. Tais sentimentos são aqueles que, no domínio social em que se encontra o indivíduo, constituem as exigências que devem ser satisfeitas no âmbito social e político tais quais o reconhecimento e pertencimento, a segurança e proteção.

Por isso, “a moral não é transmitida por simples adestramento, nem mesmo por hábito ou *habitus* social”⁴⁵⁹, como poderia sugerir uma abordagem rasa da noção de identificação, mas sim por vínculos sentimentais relacionados à alteridade que mobiliza expectativas de autoconservação e de realização pulsional que são, por sua vez, satisfeitos por meio da construção libidinal da figura de autoridade como “força de lei”. E se no caso da gênese dos sujeitos mais autoritários os sentimentos vinculados à lei são de medo, rigidez, incompreensão e pavor – e não de amor, compreensão, ternura e segurança –, estas serão as características que farão o sujeito, quando adulto, a reconhecer e se submeter às regulações sociais: tais “injunções do supereu são determinações (...) feitas apenas para submeterem o sujeito a uma representação fantasmática de autoridade que deve perpetuar um sentimento de inadequação, fraqueza e impotência.”⁴⁶⁰ Ou, de forma mais completa:

O que merece atenção (...) é o fato de Freud haver retratado os primeiríssimos estágios da vida como já implicando uma dialética de ambivalências que decorre de uma dinâmica política de dominação e dependência. No paradigma freudiano, como vimos, a dependência evoca o amor e a agressão. O amor leva a sentimentos de proteção e segurança, por um lado, e à angústia, por outro, o que, a princípio, dá origem à submissão e à obediência e, mais tarde, a esforços pela obtenção do poder e da independência, bem como ao ódio e à hostilidade.⁴⁶¹

⁴⁵⁹ Laplanche, J. *Problemáticas I – A angústia* – São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 273.

⁴⁶⁰ Safatle, V. “Freud como teórico da modernização bloqueada” In *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, v. 1, p. 355-377, 2010, p. 364.

⁴⁶¹ Brunner, J. “Oedipus Politicus – o paradigma freudiano das relações sociais” In Roth, Michael S. *Freud: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 81.

. Tipologia do autoritário

Por mais sucesso (em elogios e críticas) que a tipologia adorniana desenvolvida em TAP tenha alcançado, esta não foi nem a primeira e nem a última obra na qual Adorno desenvolveu uma especulação tipológica. Para quem estuda os desenvolvimentos sobre estética e filosofia da música deste autor, o recurso tipológico pode ser até considerado recorrente desde os anos 1930, quando o filósofo ainda estava em solo europeu, sendo empregado também nos estudos sobre o rádio nos primeiros anos de Adorno nos EUA e ainda em seu retorno à Alemanha nos anos 1950, especificamente no estudo sobre sociologia da música.

O próprio Adorno apresenta as críticas mais recorrentes que condenam o uso de tipologias em estudos das ciências humanas em geral. Ele nos diz que a tipologia recebe ataques, de um lado, da versão mais “teórica e generalizante” dos estudos sociais por não conseguir captar os casos particulares, tornando iguais e equivalentes sujeitos dotados de especificidades, modo de tratar seres humanos como meros objetos classificáveis e generalizáveis. De outro lado, a tipologia também recebe ataques dos partidários de uma ciência quantitativa: afinal, as generalizações tipológicas não são estatisticamente válidas. É diante de ambos os posicionamentos que Adorno defende o que ele chama de uma tipologia crítica, algo que, segundo ele, inclusive Freud teria produzido. Afinal, se os seres humanos são socialmente divididos pelo próprio sistema capitalista, a tipologia revelaria, entre outros, os resultados das diferentes medidas de repressão e controle social na constituição psíquica. Não esqueçamos ainda que se TAP trata de um “novo tipo antropológico autoritário”, este tipo não aborda o sujeito de modo completo, mas diz mais sobre um ambiente cultural e social vigente. Nesse sentido, a tipologia de TAP não seria uma mera artimanha metodológica para facilitar a apreensão dos dados expostos no livro, mas um resultado social que não deve ser negligenciado na pesquisa crítica.

A razão para a persistente plausibilidade da abordagem tipológica, no entanto, não é biológico-estática, mas justamente o oposto: dinâmica e social. O fato de a sociedade humana ter sido até agora dividida em classes afeta mais do que as relações externas dos homens. As marcas da repressão social são deixadas no interior da alma individual. (...) Há razões para procurar tipos psicológicos porque o mundo em que vivemos é tipificado e “produz” diferentes “tipos” de pessoas. Somente ao identificarmos os traços estereotipados em humanos modernos, e não negando sua existência, pode-se desafiar a tendência perniciosa de uma classificação e subsunção generalizadas. A construção de tipos psicológicos não implica meramente em

uma tentativa arbitrária e compulsiva de trazer alguma “ordem” à confusa diversidade da personalidade humana. Representa um meio de “conceituar” essa diversidade, de acordo com sua própria estrutura, de alcançar uma compreensão mais próxima.⁴⁶²

Consideramos a tipologia adorniana exposta em TAP como crítica justamente porque ela procura denunciar a padronização de indivíduos produzida pela determinação social. Saibamos ainda que seu intuito é organizar traços e disposições psíquicas em torno de cada um dos subtipos, de forma a apresentá-los mediante características que se iluminam mutuamente, que significam tentativas de resoluções de conflitos psíquicos formulados a partir de determinações sociais. Os tipos só fazem sentido se tiverem uma relevância social, ou nas palavras do Adorno, se forem “produtivos pragmaticamente” em critérios sociológicos. Para o filósofo, portanto, trabalhar com tipologias seria uma outra forma, mais qualitativa que quantitativa, de fazer uma ponte entre o teórico e o empírico. Modo de “traduzir”, para os propósitos hipotéticos de uma tipologia, um certo número de nossos conceitos psicológicos básicos em conceitos sociológicos mais próximos a eles.”⁴⁶³

Antes de entrarmos mais especificamente na tipologia de TAP, lembremos de mais alguns pontos: o tipo antropológico geral intitulado personalidade autoritária é caracterizado na obra como uma síndrome, isto é, como um conjunto de sintomas resultantes de conflitos psíquicos, sintomas estes que estão inter-relacionados. No interior dessa síndrome geral, a tipologia representaria subsíndromes que teriam como função não exatamente isolar cada um dos sintomas da grande síndrome autoritária, mas organizar a ênfase em um sintoma mais do que no outro, sem, com isso, separar os sintomas entre si.

A impossibilidade de tratar qualquer um deles separadamente é evidência de sua inter-relação objetiva. Não se pode falar de projeção sem falar de agressividade; não se pode discutir agressividade sem mencionar frustração; não se pode analisar a frustração sem chegar ao que é popularmente conhecido como inveja; e não se pode falar de inveja sem prever a ganância e a atitude social que a acompanha regularmente, e assim por diante. Usamos o termo síndrome para denotar a interconexão comprometedora entre esses fatores e na tentativa de fazer jus à impossibilidade sempre crescente de isolar esses vários fatores por meios diferentes do que o seriam por definições arbitrárias.⁴⁶⁴

⁴⁶² TAP, p. 774.

⁴⁶³ TAP, p. 750.

⁴⁶⁴ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 12.

Além disso, considerando que a síndrome da personalidade autoritária seria uma resposta individual a um clima social, podemos ver como “os baixos pontuadores apresentam tantos problemas psicológicos quanto os grandes pontuadores, e somente ao entendê-los podemos obter uma imagem do momentum objetivo do preconceito. Assim, a construção de síndromes ‘baixas’ torna-se imperativa.”⁴⁶⁵ Afinal, os menos preconceituosos vivem no mesmo clima cultural que os mais autoritários, não podendo escapar completamente desta influência. Portanto, “aqui reside o princípio último de toda a nossa tipologia. Sua principal dicotomia está na questão de saber se uma pessoa é padronizada e pensa de maneira padronizada, ou se é verdadeiramente ‘individualizada’ e se opõe à padronização na esfera da experiência humana. Os tipos individuais serão configurações específicas dentro desta divisão geral.”⁴⁶⁶

Por fim, lembramos que não é nosso intuito no presente capítulo avaliarmos a pertinência contemporânea de tais categorias tipológicas, limitando-nos a uma apresentação breve de seus principais traços.

- Tipo 1 = *Surface resentment* ou o ressentimento superficial: este não seria propriamente um tipo, mas uma condensação de manifestações racionalizadas de preconceito. Seus posicionamentos, contudo, não parecem ser especialmente libidinizados, não sendo um resultado de grandes conflitos psíquicos. No geral, eles somente fazem uso dos estereótipos e recorrem à formulação de um “bode expiatório” para justificar dificuldades da própria existência, sendo o preconceito mais uma desculpa pseudorracional e acessível para fins de argumentação rasa. Não há grandes contrastes entre a experiência e as ideologias autoritárias defendidas – como no caso descrito em TAP de negros do Harlem que se mostravam antissemitas por causa dos aluguéis exorbitantes que seus senhorios judeus lhes cobravam. “Eles vêem o judeu como o executor das tendências realmente inerentes ao processo econômico total, e colocam a culpa nele. É um postulado necessário para o equilíbrio de seu eu que eles devem encontrar alguma ‘culpa’ responsável por sua situação social precária: caso contrário, a ordem justa do mundo seria desfeita.”⁴⁶⁷ Eles têm uma atitude geral pouco crítica, sendo mais reprodutores do autoritarismo do que genuínos e ativos defensores fascistas.

⁴⁶⁵ TAP, p. 752.

⁴⁶⁶ TAP, p. 776.

⁴⁶⁷ TAP, p. 756.

- Tipo 2 = convencional: sua característica principal é a aceitação de valores convencionais a qualquer custo. Juntamente com o tipo autoritário a ser descrito a seguir, este é um dos mais encontrados na pesquisa de TAP. Seu medo principal é o de não ser aceito, evitando a todo custo ser diferente de seu *ingroup*. “O preconceito aparentemente não cumpre uma função decisiva dentro da construção [*household*] psicológica dos indivíduos, mas é apenas um meio de identificação fácil com o grupo ao qual eles pertencem ou ao qual desejam pertencer.”⁴⁶⁸ No geral, há um certo antagonismo entre preconceito e a experiência para a manutenção inflexível de defesa do *status quo*. É descrito como não particularmente violento, mas seus padrões morais são constituídos de forma rígida, sempre em concordância com os valores sociais dominantes com os quais se identifica. Isso se explica pelo supereu não ser firmemente estabelecido no interior do indivíduo, estando sob forte influência de representantes externos.

- Tipo 3 = autoritário: é o tipo clássico sadomasoquista descrito por Fromm nos *Estudos sobre autoridade e família*. Seu supereu particularmente irracional tende a suprimir as forças libidinais do sujeito, de modo que o tipo encontra prazer somente na submissão – seja de si mesmo em relação a uma autoridade autoritária (seu aspecto masoquista), seja do outro geralmente considerado “fraco” (revelando seu aspecto sádico). As tendências ambivalentes de prazer e agressividade têm raízes na resolução do complexo de Édipo: o amor pela mãe, sendo objeto de tabu, é transferido para o pai. Sendo o amor pela mãe impossibilitado, o autoritário só consegue senti-lo pela figura paterna. E, como sabemos, a relação com o pai é marcada por uma ambivalência na época edípica, o que fomenta uma identificação simultaneamente amorosa e odiosa. Na projeção destes sentimentos dicotômicos, como já exposto anteriormente, a sua parcela masoquista reserva amor exclusivo ao líder, restando ao seu lado sádico a projeção do ódio às minorias que persegue. Diz Adorno: “A transformação do ódio em amor, a tarefa mais difícil que um indivíduo tem que realizar em seu desenvolvimento inicial, nunca é completamente bem-sucedida. (...) O judeu frequentemente se torna um substituto do pai odiado, muitas vezes assumindo, em um nível de fantasia, as mesmas qualidades contra as quais o sujeito se revoltava contra o pai.”⁴⁶⁹ Ou seja, o autoritário procura continuamente na vida adulta reencenar a resolução edípica infantil

⁴⁶⁸ TAP, p 756.

⁴⁶⁹ TAP, p. 759.

sadomasoquista ainda não muito bem resolvida, tentando solucionar seu conflito sentimental pela dissociação da ambivalência.

- Tipo 4 = rebelde, com o seu extremo sendo o psicopata: considerando ainda o conflito edípico, o rebelde também não o resolve muito bem. Não conseguindo se identificar com a autoridade paterna, ele se rebela contra toda e qualquer autoridade, reproduzindo ele mesmo o autoritarismo ativo e manifesto que os demais tipos esperam de um líder. Sua situação edípica não estando minimamente “resolvida”, o tipo rebelde permanece na fase anterior de fantasia narcísica de onipotência, sendo este o tipo mais infantil de todos. Sendo bastante a-social, ele sente um ódio irracional contra toda autoridade, com conotações destrutivas explícitas. Pronto para agir e com pouco respeito às regras sociais, eles aceitam facilmente estereótipos e racionalizações como desculpas para externalizar sua pulsão destrutiva. Seu extremo representativo seria o “durão” [*tough guy*] ou psicopata, constituindo uma linha tênue em relação aos criminosos mais violentos. Há a leitura segundo a qual suas ações visam a busca de uma punição, forma de tentar procurar por alguma lei que se aplique a ele, já que seu supereu seria muito mal-formado.

- Tipo 5 = *crank*, termo pejorativo para um alucinado, fanático por algo que só ele acredita: sua resolução do Édipo também é narcísica, mas de forma a substituir a realidade externa pela realidade interna relacionada a fantasias. Sua principal característica é a projeção e seu maior medo é a “contaminação” da realidade interna por elementos vindos do exterior. Este tipo não desenvolveu muito bem o princípio de realidade, experimentando frustração ao invés de formar uma organização de compromisso que atue no meio termo entre a renúncia e a satisfação de suas pulsões. Tende a se isolar e praticar a recusa daquilo que não se encaixa em seu mundo quase delirante. Apresenta grande afinidade com a paranoia, de modo que o preconceito e a estereotípiia são aliados fortes no direcionamento da agressividade para fora de seu mundo narcísico. É no geral fanático e compulsivo, dotado de manias de perseguição e conspiração. É possível ainda que tenha traços de semierudição.

- Tipo 6 = manipulador: constituindo o tipo mais potencialmente perigoso, o manipulador reduz o perigo de uma atuação psicótica ao tratar a realidade externa e tudo o que a compõe como um mero objeto a ser manipulado. Ele não tem grandes relações afetivas e amorosas com as pessoas, sendo frio e meticuloso no trato social. Ele estereotipa ao máximo, de forma que suas concepções são rígidas e imutáveis. O mundo para ele seria organizado por campos formais, esquemáticos, vazios e administrativos.

Ele enfatiza que as coisas sempre precisam ser feitas, não podem parar de funcionar, não importam as implicações disso:

sua inteligência sóbria, junto com a quase completa ausência de afeições, torna-os talvez os mais impiedosos de todos. Seu modo organizacional de olhar para as coisas os predispõe a soluções totalitárias. (...) Eles nem mesmo têm que odiar os judeus; eles “lidam” com estes por medidas administrativas sem nenhum contato pessoal com as vítimas. O antisemitismo (...) deve “funcionar”. Seu cinismo é quase completo: “A questão judaica será resolvida de modo estritamente legal”.⁴⁷⁰

- Tipo 7 = o baixo pontuador rígido: é marcado pelo uso intenso de estereótipos, de forma que sua atitude e posicionamento pouco autoritários não seriam consequência de uma relação mais próxima à experiência e reflexão, mas derivam de um conjunto ideológico externo ou fórmulas prontas circulantes em seu *ingroup*. O seu supereu, sendo compulsivo, foi substituído pela imagem da coletividade social. A ausência de preconceito seria uma marca apenas contingente em sua personalidade.

Eles podem ser frequentemente reconhecidos por um certo desinteresse em relação a questões cruciais das minorias *per se*, sendo, ao contrário, contra o preconceito como um princípio na plataforma fascista; mas às vezes eles também só *enxergam* os problemas das minorias. (...) Representantes dessa síndrome podem ser frequentemente encontrados, por exemplo, entre jovens, pessoas “progressistas”, particularmente estudantes, cujo desenvolvimento pessoal não conseguiu acompanhar a doutrinação ideológica deles.⁴⁷¹

- Tipo 8 = o tipo que protesta: é um dos mais frequentes entre os baixos pontuadores. Assim como alguns dentre os altos pontuadores, o tipo que protesta rejeita a autoridade externa, opondo-se a tudo o que aparece como tirania. Mas a origem pulsional de suas ações é muitas vezes mais inconsciente que racional. Em sua constituição psíquica, o supereu se mostra tão rígido que recusa toda e qualquer autoridade externa. É somente guiado por sua própria consciência independente. Às vezes este tipo é assolado por culpa e compulsões, sendo muitos deles bastante neuróticos. “eles se sentem frequentemente culpados e consideram os judeus *a priori* como ‘vítimas’, como sendo distintamente diferentes de si mesmos. (...) É como se a internalização da consciência tivesse tido tanto sucesso que eles foram severamente inibidos ou até psicologicamente

⁴⁷⁰ TAP, pp. 767-8.

⁴⁷¹ TAP, p. 772.

‘paralisados’. Seus sentimentos eternos de culpa tendem a fazê-los considerar *todos* ‘culpados’.”⁴⁷²

- Tipo 9 = impulsivo: este tipo tem seu eu em contato estreito com o isso, expressando forte energia libidinosa. Se de um lado os excessos são permitidos pelo eu, de outro ele é relativamente livre de impulsos destrutivos. De forma geral, eles simpatizam com tudo o que é reprimido. Respondem facilmente a estímulos, sejam eles provenientes do *ingroup* ou *outgroup*. Certamente não se orientam por meio de estereótipos. De forma geral, são instáveis em suas reflexões políticas, mas se identificam com todos os tipos de pessoas.

- Tipo 10 = *easy-going* ou “tranquilo”: este tipo é marcado por certo acordo entre eu, isso e supereu, de forma que seus desejos destrutivos não são recalcados, mas sublimados em compaixão. Uma de suas maiores características é o medo de ferir qualquer pessoa, recusando completamente a violência. Apresenta traços neuróticos, a ponto de sofrer com indecisão. Ele tem grande capacidade para se abrir a novas experiências, confessa suas próprias fraquezas e não sofre de compulsão. Raramente é radical em seus posicionamentos políticos, deixando esses assuntos muitas vezes de lado. Mas, de forma alguma ele tende a aceitar política e psicologicamente o fascismo. Em sua história não passou por grandes traumas e não conta com defesas fortes e rígidas. “Nesse sentido, eles são ‘normais’, mas é justamente essa normalidade que em nossa civilização lhes dá a aparência de certa imaturidade. Não só não sofreram graves conflitos infantis, mas toda a sua infância parece ser determinada por imagens maternas ou outras imagens femininas.”⁴⁷³

- Tipo 11 = o liberal genuíno, lembrando que “liberal” no sentido norte-americano está em oposição ao conservador: é o tipo com maior equilíbrio entre eu, isso e supereu, seu eu sendo claramente racional e pouco narcísico. No geral, este tipo tem forte sentido de autonomia e independência, manifestando sempre uma opinião e reagindo a acontecimento sociais. Apresenta coragem ao não se calar diante de algo errado. Como é muito individualizado, ele também respeita os outros como sujeitos independentes, não interferindo na autonomia alheia. Não considera as minorias sempre como vítimas, mas analisa racional e conscientemente cada situação individual. Vemos, então, que o tipo liberal genuíno é considerado por Adorno um indivíduo democrático no sentido forte.

⁴⁷² TAP, p. 774.

⁴⁷³ TAP, p. 779.

. Sobre os complexos utilizados no padrão ideológico pessoal

É mediante a interação entre as movimentações pulsionais individuais e as determinações ideológicas que é constituída em cada indivíduo uma certa consistência de respostas e reações comportamentais em situações variáveis, criando um verdadeiro padrão (ou clichê, como diria Freud) subjetivo. Para que o conteúdo percebido no ambiente externo esteja de acordo com as necessidades individuais de satisfação e segurança, seleciona-se um conjunto ideológico responsável por mediar a interação entre a realidade externa e a realidade interna ao sujeito. É como se o padrão ideológico pessoal substituísse algumas funções do eu frágil do autoritário, como o direcionamento da percepção e a organização do conteúdo externo percebido – no sentido em que a indústria cultural, ou Hollywood, “esquematiza” no lugar do sujeito, como dissemos no capítulo 5. O objetivo é criar como que uma unidade entre a organização psíquica e a percepção guiada por ideologias: “a discussão dos sujeitos sobre o que eles *acreditam* está intimamente ligada à discussão do que, mais ou menos explicitamente, eles *querem*.”⁴⁷⁴

Mas, o que vem a ser considerado ideologia para Adorno em TAP? A ideologia seria um conjunto de opiniões, valores, ideais e atitudes relacionados a concepções da natureza humana e estrutura social circulantes na cultura. Mediante a assunção de ideologias, cada sujeito procura guiar a sua percepção, pensamento e ações sociais relativamente às esferas que compõem a cultura. As ideologias se formam por deslocamentos de sentido, condensações de conteúdos, simbolizações, inversões de causa e efeito, naturalizações e projeções em relação a aspectos da realidade social. Contudo, nem todas as ideologias seriam igualmente manipuladoras, já que algumas ideologias estão mais próximas do que outras da realidade vivenciada. Isso quer dizer que algumas ideologias assumem as contradições sociais mais do que as mascaram, estando estas mais próximas da objetividade real. Haveria, então, ideologias mais autoritárias ou antidemocráticas do que outras.

Uma vez que as ideologias se encontram circulantes na cultura, a formação de um padrão ideológico pessoal ocorre pela aceitação, absorção e repetição de determinadas ideologias pelos indivíduos, que se utilizariam delas tanto para a

⁴⁷⁴ TAP, p. 55.

satisfação pulsional quanto como guia para a percepção e atuação social. Assim, “o indivíduo não inventa uma ideologia, mas, ao invés disso, toma-a pronta da cultura em sua volta”⁴⁷⁵. Nesse âmbito, o conjunto de ideologias escolhidas para comporem um padrão individual reforça mecanismos de defesa cuja finalidade é manter a satisfação segundo o princípio do prazer ao evitar a percepção de contradições e conflitos – sejam internos, psíquicos, sejam externos, da realidade. Ao guiar o indivíduo na substituição parcial da realidade por conteúdos direcionados às satisfações individuais, tais interpretações da realidade são, ao mesmo tempo, posicionamentos diante do mundo externo.

É importante frisarmos que a padronização ideológica é constituída de forma individual, mesmo que haja proeminência na cultura de alguns conteúdos ideológicos mais dominantes do que outros. Isso quer dizer que o sistema ideológico precisa, então, constituir-se conforme uma mistura de alguns dos inúmeros elementos culturais para estar de acordo com a personalidade individual: ele “se realiza em múltiplas combinações cuja ‘coerência’ não pode ser dada de forma antecipada – uma questão que o inconsciente freudiano já havia indicado há muito tempo.”⁴⁷⁶ Ou ainda: “essas ideologias têm para diferentes indivíduos diferentes graus de apelo, uma questão que depende das necessidades individuais e do grau em que essas necessidades estão sendo satisfeitas ou frustradas.”⁴⁷⁷ Vemos que o padrão ideológico pessoal forma uma organização complexa em que a satisfação de desejos por meio da aceitação e reprodução de conteúdos ideológicos se encontra em níveis mais ou menos conscientes, constituindo um todo unido, mesmo que contraditório. A pesquisa de TAP procurou desvendar o máximo possível de tal padrão ideológico dos entrevistados em seus níveis de consciência variados por meio de testes projetivos e perguntas indiretas: caso fosse questionado diretamente sobre preconceito, o alto pontuador iria negar veementemente. Ao fazer perguntas de múltiplos sentidos – como a clássica questão sobre “qual seria o problema dos judeus?” no qual a noção de “problema” será interpretada diferentemente por cada um –, o entrevistado poderia expressar, em meio ao que ele diz pensar, o que ele realmente pensa.

⁴⁷⁵ Flowerman. *Prejudice and the Authoritarian Personality*, twelve-page report by Dr. Samuel Flowerman, p. 10. Disponível em <http://www.ajcarchives.org/ajcarchive/BrowseCategory.aspx?path= C976 C644> (Consultado em: 16 de junho de 2016)

⁴⁷⁶ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundá: Paco Editorial: 2014, p. 150.

⁴⁷⁷ TAP, p. 2.

Sua ideologia “oficial” está de acordo com o que ele supõe que *precisa* pensar; suas ideias reais são uma expressão de suas necessidades [needs] pessoais mais imediatas, assim como de seus anseios [urges] psicológicos. A ideologia “oficial” pertence à esfera objetivada e alienada do político, a “opinião real” à própria esfera do sujeito, e a contradição entre as duas expressa sua irreconciliabilidade.⁴⁷⁸

Para nós, a relevância dada ao conceito de ideologia, que ampara uma noção tão central em TAP quanto a de personalidade, demonstra, contrariamente às críticas feitas à obra, como nem a personalidade, e nem a família que a forma, são entendidas em TAP de forma independente da realidade externa, mas são impensáveis sem uma reflexão sobre sua inserção social. Ou seja, o indivíduo é estudado não como uma mônada fechada em si, isto é, sem relação com as ideologias produzidas segundo interesses de determinadas classes e grupos que definem os valores sociais dominantes. A crítica à formação e expressão da personalidade, denunciada como autoritária, constitui-se também como denúncia do funcionamento da sociedade, cujo *modus operandi* para a constituição da individuação humana também ocorre de forma autoritária.

O caráter potencialmente fascista deve ser considerado como um produto da interação entre o clima cultural de preconceito e as respostas “psicológicas” a esse clima. O primeiro consiste não apenas em fatores externos grosseiros, como condições econômicas e sociais, mas opiniões, ideias, atitudes e comportamentos que parecem ser do indivíduo, mas que não se originaram nem de seu pensamento autônomo nem de seu desenvolvimento psicológico autossuficiente, mas são devidos a seu pertencimento à nossa cultura.⁴⁷⁹

Tais concepções se relacionam intimamente com o que expusemos em nosso sexto capítulo, a saber, a exposição de um Estado autoritário cujos valores são retratados pela indústria cultural que toma pra si a função de reflexão humana ao reproduzir no próprio funcionamento cognitivo as determinações sociais. Tais “esquemas ideológicos” tendem a distorcer o conteúdo da realidade externa. Isso quer dizer que a apreensão dos elementos externos pela percepção – sendo um fenômeno mais ativo do que passivo-receptivo – não é imediata, mas a ideologia pré-determina o sentido e interpretação dos dados percebidos⁴⁸⁰, pré-determinando também a própria experiência humana.

⁴⁷⁸ TAP, p. 671.

⁴⁷⁹ TAP, p. 752.

⁴⁸⁰ O experimento designado por T.A.T em TAP é especialmente revelador desta projeção na realidade, uma vez que cada entrevistado deveria “contar a história” de uma imagem que lhe é apresentada. Este experimento mostra como “é preciso distinguir, portanto, entre a realidade enquanto autônoma e a realidade enquanto capturada na maquinaria subjetiva e no circuito do desejo.” (Simanke, Richard. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 80)

Cada um destes esquemas ideológicos é denominado “complexo” em TAP, uma vez que pode ser entendido como “uma configuração psicológica ampla e estável”⁴⁸¹ que envolve várias camadas de consciência e expressão mais ou menos manifestas encontradas na pesquisa qualitativa. Para exemplificar apenas alguns, são eles: a) o complexo dos usurpadores, que traz consigo as questões dos impostos e corrupção; b) o complexo “sem piedade dos pobres”, juntamente com a convicção sobre a natureza má do ser humano e a demonização dos movimentos sociais e organizações sindicais; c) o complexo da educação e, por fim, d) o complexo do comunismo.

a) Complexo dos usurpadores: o mais autoritário parte do pressuposto comumente aceito segundo o qual a democracia não estaria conseguindo garantir as necessidades mínimas do povo; “ao mesmo tempo, a forma democrática de governo é apresentada como se – para usar uma frase favorita de nossos sujeitos – fosse o ideal mais próximo possível de sociedade.”⁴⁸² O ressentimento por tal engodo (“swindle” ou golpe) do sistema democrático o leva a defender, ainda que provisoriamente, um outro sistema mais organizado e planejado regulado por gente “mais competente” para gerir o que a democracia não está conseguindo levar a cabo. Lemos, então, uma outra variação que ganha importância ímpar pela sua atualidade: eles

acusam os progressistas da mesma coisa que eles gostariam de fazer, e eles utilizam tal acusação como um pretexto para “expulsar os patifes para fora”. Eles clamam por uma defesa da democracia contra seus “abusos” e, ao atacar os “abusos”, abolem por completo a democracia. (...) Para eles, os progressistas no governo são verdadeiros usurpadores.⁴⁸³

Ao sustentar tal ideia de usurpação da democracia pelos “ilegitimamente eleitos”, é comum a desconfiança no processo eleitoral, o mais autoritário preferindo dar o controle do processo político de forma direta aos que já são, de qualquer forma, os mais poderosos. Tendo sido utilizado incessantemente nas entrevistas por pessoas contrárias a Franklin Delano Roosevelt, o complexo do usurpador é reforçado pelo ressentimento contra o pagamento de impostos, inclusive em anos de bonança econômica. “A raiva contra o racional sistema tributário é uma explosão irracional do ódio contra a irracional taxaço do indivíduo pela sociedade.”⁴⁸⁴ A escolha de candidato no processo eleitoral também ganha ares moralizantes: a avaliação dos candidatos a cargos políticos se dá

⁴⁸¹ TAP, p. 683.

⁴⁸² TAP, p. 678.

⁴⁸³ TAP, pp. 686-7.

⁴⁸⁴ TAP, p. 717.

mais por características pessoais, pelo fato de ser de “boa família” ou “boa índole”, estar ligado à elite, do que por debate de ideias em termos sociais e políticos. A ênfase no sujeito honesto e a raiva contra a corrupção exhibe um lado punitivo: “eles enxergam a vida do lado do consumidor; eles não querem ser enganados e, portanto, a promessa barulhenta de honestidade tem algum apelo sobre eles.”⁴⁸⁵ Em suma, no complexo do usurpador, a fixação contra impostos e contra a corrupção é encarada como um modo de enxergar de forma privada e ressentida alguns elementos pertencentes à esfera pública:

O homem que bate com o punho na mesa e queixa-se dos pesados impostos é um “candidato natural” aos movimentos totalitários. Não só os impostos estão associados a um governo democrático supostamente gastador, doando milhões a ociosos e burocratas, mas é precisamente a partir desse ponto que as pessoas partem ao dizer, para colocar nas palavras de um dos nossos sujeitos, que este mundo não pertence realmente às pessoas. Aqui eles acham imediatamente que são obrigados a fazer sacrifícios para os quais não obtêm nenhum retorno visível.⁴⁸⁶

b) Complexo “sem piedade dos pobres”: de modo ressentido também é elaborado este complexo. À já citada identificação com a classe mais alta soma-se a acusação do pobre como “vagabundo”, forma de projeção do próprio desejo de não trabalhar e da própria revolta abafada contra o capitalismo. As causas da pobreza são vistas como preguiça, imoralidade, incapacidade ou estupidez. A ajuda aos pobres só seria válida por meio da caridade, que configura também um modo de manutenção da desigualdade social. Para os mais autoritários, a preguiça de se trabalhar, junto com agressividade, ganância pelo poder, entre outros, seriam vistos como características herdadas, naturalizadas e imutáveis dos seres humanos, e não adquiridas em resposta ao clima socioeconômico vigente. Disso se segue também a reiterada acusação de corrupção das organizações sociais, sindicatos e partidos mais “progressistas”, comparados muitas vezes ao crime organizado, como vimos no capítulo 6 – precisamente em nossa nota de número 418 sobre o “racket”. Estes juízos, emitidos à exaustão, como um tipo de “pogrom verbal” contra aqueles que lutam pela diminuição da injustiça social, são sustentados pela noção mais geral, nunca admita em voz alta, de que a igualdade humana deve ser somente formal, não de fato.

c) complexo da educação: a agressividade contra o pobre é amenizada pelo complexo da educação. A ênfase vazia na educação como possibilidade de ascensão social seria

⁴⁸⁵ TAP, p. 670.

⁴⁸⁶ TAP, pp. 716-7.

também uma forma de manter a desigualdade social: ninguém nega o fato de que a educação é importante para o desenvolvimento humano, mas nunca é dito qual tipo de educação e nem com qual finalidade, o que leva a educação a ter seu sentido esvaziado: “a educação se tornou um tipo de panaceia na ideologia norte-americana.”⁴⁸⁷ Isso leva ao reforço de uma noção meritocrática de ascensão social que, na realidade, é realizada apenas por exceções na sociedade, evitando uma ação real imediata contra a desigualdade social.

d) complexo do comunismo: mesmo que não se saiba nada sobre os teóricos socialistas e comunistas, somente a sua denominação é suficiente para serem demonizados⁴⁸⁸, o que torna a ideia de comunismo (e tudo o que é relacionado diretamente ou não a ele) um grande “receptáculo para todos os tipos de projeções hostis, muitas delas em um nível infantil de alguma forma reminiscente da apresentação das forças más nas histórias em quadrinhos.”⁴⁸⁹ Ou de forma mais completa:

Obviamente, a relação entre o anticomunismo e o potencial fascista, como medido por nossas escalas, não deve ser demasiadamente simplificada. (...) Durante muitos dos últimos anos, toda a maquinaria da propaganda do país tem se dedicado a promover um sentimento anticomunista no sentido de um “apavoramento” irracional e provavelmente não há muitas pessoas, a não ser seguidores desta “linha partidária”, que conseguiram resistir à incessante pressão ideológica. (...) A estrutura de caráter subjacente tem pouca influência sobre tais flutuações. Caso elas pudessem ser averiguadas, demonstrariam a extrema importância da propaganda em questões políticas. A propaganda, quando dirigida ao potencial antidemocrático do povo, determina em grande medida a escolha dos objetos sociais da agressividade psicológica.⁴⁹⁰

A formação dos conteúdos de tais complexos só é possível pela atuação de alguns mecanismos como a i) racionalização, ii) pensamento de ticket, iii) estereotipia e iv) personalização.

i) A racionalização seria a transformação ou o desvio de impulsos destrutivos (que seriam objetos de tabu se abertamente ditos) em uma manifestação feita “de um modo ‘tolerável’, modificado e indireto, em conformação com os requisitos sociais que o eu está pronto a aceitar.”⁴⁹¹ Sendo a base da própria possibilidade de expressão do mais

⁴⁸⁷ TAP, pp. 700-1.

⁴⁸⁸ Adorno utiliza o termo *red-baiting*, conceito elaborado na década de 1920, posteriormente associado ao macartismo, que se refere à prática de desvalorizar argumentos políticos pela simples tática de acusar alguém de ser comunista, socialista ou anarquista.

⁴⁸⁹ TAP, p. 723.

⁴⁹⁰ TAP, p. 726.

⁴⁹¹ TAP, pp. 675-6.

autoritário, as opiniões aparentemente inofensivas de cunho pseudodemocrático seriam, no fundo, uma reação pulsional agressiva disfarçada ou desviada. Assim, um desejo inconsciente de segurança leva a uma opinião íntima preconceituosa que só será aceita por si mesmo e por membros da sociedade por meio de uma racionalização, isto é, uma “desculpa” que, quando analisada, mostra-se frágil e controversa. Adorno define da seguinte forma a racionalização em seus estudos sociológicos:

Na racionalização, que é tanto racional quanto a manifestação do irracional, o sujeito psicológico deixa de ser meramente psicológico. (...) A racionalização privada, o autoengano do espírito subjetivo, não é o mesmo que a ideologia, a falsidade do objetivo. No entanto, os mecanismos de defesa do indivíduo buscam reforços repetidos entre os já estabelecidos e, muitas vezes, acreditados pela sociedade. (...) As racionalizações são cicatrizes da razão em um estado de irracionalidade.⁴⁹²

A psicodinâmica das racionalizações se explica segundo uma atuação do supereu permissivo em conformidade com o isso, o que abre a possibilidade do eu se comportar como o porta-voz de pulsões agressivas inconscientes, permitindo a expressão de tendências que, sem este mecanismo, seriam reprimidas. Assim, “o eu que se retrai para o inconsciente não desaparece simplesmente, mas retém algumas das qualidades que adquiriu como agente social. Mas ele as submete ao primado do inconsciente.”⁴⁹³ Lembramos ainda que a racionalização pode ser parcialmente composta de elementos objetivos, não precisando ser completamente falsa, pois se utiliza de aspectos da realidade social como meios de expressão agressiva. Como diz Adorno:

Nunca devemos esquecer que há dois lados em cada fenômeno psicodinâmico, o elemento inconsciente ou *isso* e a racionalização. Embora este último seja psicologicamente definido como um mecanismo de defesa, pode muito bem conter alguma verdade não psicológica, objetiva, que não pode simplesmente ser deixada de lado por causa da função psicológica da racionalização.⁴⁹⁴

⁴⁹² Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” In *Escritos Sociológicos I*. Obra Completa 8. Madri: Ediciones Akal, 2004, p. 59. Tal conceitualização adorniana de racionalização lembra a de Weber: “‘Rationalization’ (...) signifies for Weber a set of interrelated tendencies operating on various levels (or in various subsystems) and pointing toward increasing formalization, instrumentalization, and bureaucratization according to an internal systemic ‘logic’ or necessity.” (Wellmer, Albrecht. “Reason, Utopia, and the *Dialectic of Enlightenment*” In Bernstein, Richard (org.) *Habermas and Modernity* – Cambridge: Polity Press, 1985, p. 41)

⁴⁹³ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” In *Escritos Sociológicos I*. Obra Completa 8. Madri: Ediciones Akal, 2004, p. 66.

⁴⁹⁴ Adorno, “How to look at television” *Quarterly of film, radio, and television*, vol. 8, n. 3, Spring, 1954, 213-235, p. 230.

ii) Outro modo de formação de clichês e complexos dos entrevistados mais rígidos é o pensamento de ticket, também citado em DdA, que designa um modo de perceber o mundo segundo um bloco de ideias previamente fornecido. Como um tipo de voto de legenda, ao aceitar uma das ideias, o indivíduo acaba concordando com todas as demais, sem que haja uma análise reflexiva de cada uma das noções separadamente. Assim, ao se deparar com quaisquer informações político-econômicas, mesmo que superficiais e muitas vezes contraditórias, evita-se a incerteza por meio da aceitação de ideias concebidas em bloco. Dessa forma, a reflexão é dispensável e, com ela, o perigo de discordância e desorientação. Forma de parecermos informados permanecendo ignorantes.

iii) A criação de um ambiente cultural de discriminação *soft* (como dizem os autores de TAP) também se efetiva por meio da estereotipia enquanto mecanismo que permite generalizações que tomam uma parte pelo todo, sem necessidade de maiores análises e individuações. Segundo o que aprendemos em *O eu e o isso* de Freud, a racionalidade seria inicialmente desenvolvida de modo a orientar o indivíduo diante dos elementos externos potencialmente perigosos, verdadeiro meio de autoconservação do eu que serve ao isso enquanto sua origem libidinal. Assim, é uma das funções da racionalidade criar generalizações que facilitariam a apreensão de fenômenos sociais. Seguindo esta ideia, a estereotipia seria praticada por todos os seres humanos, mas de modo a ser examinada mediante um teste de realidade (que abordaremos melhor em nosso próximo capítulo) que vai confirmar ou não efetividade de tais estereótipos na realidade. Contudo, no caso do mais autoritário, esta última etapa não ocorreria muito bem: as experiências consecutivas do sujeito, que colocariam em prática o exame de realidade, não conseguiriam desfazer estereótipos, mas estes passariam a ganhar proeminência diante das interações vividas com a realidade externa. Nesse sentido, “o autoritário usa a estereotipia muito mais pronta e irracionalmente. Ao empregar estereótipos em sua percepção social, ele tem maior probabilidade do que os não-autoritários de usar rótulos que denotem atributos inatos e inerentes, em vez de atributos relacionados à uma causa social.”⁴⁹⁵ Isso quer dizer que os estereótipos determinam os modos de interações sociais dos autoritários, engessando as possibilidades de experiências humanas que poderiam desfazer tais generalizações.

⁴⁹⁵ Flowerman. *Prejudice and the Authoritarian Personality, twelve-page report by Dr. Samuel Flowerman*, p. 3-4. Disponível em <http://www.ajcarchives.org/ajcarchive/BrowseCategory.aspx?path= C976 C644> (Consultado em: 16 de junho de 2016)

O sujeito preconceituoso é vagamente consciente de que o conteúdo do estereótipo é imaginário e que sua própria experiência representa a verdade. Contudo, por razões psicológicas mais profundas, ele quer se prender [stick to] ao estereótipo. Isso ele consegue transformando este último em uma expressão de sua personalidade e os elementos antiesteretipados em uma obrigação abstrata.⁴⁹⁶

Como exemplo, para o mais autoritário o grupo que constitui o lado “fraco” da sociedade é estereotipado negativamente: se apenas um indivíduo de um grupo “fraco” for considerado corrupto, todos do grupo serão igualmente taxados da mesma coisa. A estereotipia torna os traços individuais negativos e os repete exaustivamente até que isso ganhe a impressão de regra, apesar de continuar versando sobre a exceção.

iv) Já os representantes do grupo dominante da sociedade ganham um outro tratamento, a personalização, definida por Adorno como

a tendência de descrever processos sociais e econômicos objetivos, programas políticos, tensões internas e externas em termos de alguma pessoa identificada com o caso em questão, em vez de se dar ao trabalho de realizar as operações intelectuais impessoais requeridas pela abstração dos próprios processos sociais. *Ambos estereótipo e personalização são inadequados para a realidade.*⁴⁹⁷

Como um tipo de compensação pela desumanização da estereotipia, o indivíduo tende a “materializar” e “individualizar” uma questão social abstrata a partir de figuras públicas, de modo que a análise a respeito de posicionamentos políticos e sociais é baseada no exame de condutas de âmbito pessoal, notadamente vinculadas a figuras do universo infantil. Saber algo sobre uma figura pública aparece como um auxílio na compreensão de informações sem que a pessoa precise, de fato, refletir sobre questões e problemas de forma impessoal. É mais fácil falar bem ou mal de nomes do que debater assuntos. Para tanto, a personalização transforma pessoas em simbolizações ou condensações de ideias vagas que não precisam ser refletidas. Reforçando uma visão dicotômica do mundo, a personalização pode ser positiva ou negativa. Assim, “se na Dialética do Esclarecimento a personalização aparece como uma forma de idealização dos grandes ídolos do cinema com os quais os sujeitos buscam parecer íntimos, nas entrevistas de *The Authoritarian Personality* o processo de personalização apareceu como uma forma de julgamento

⁴⁹⁶ TAP, p. 628.

⁴⁹⁷ TAP, p. 665.

moral de grandes figuras políticas.”⁴⁹⁸ A personalização pode ser vista como uma manipulação: apelando para uma pretensa onipotência de figuras públicas, o julgamento moral sofrido por uma única pessoa parece ser a chave de resolução de problemas sociais, configurando um elemento de esperança ou motivo de liberação de ódio, ambos de forma simplista. Sintoma de uma semierudição, o personalismo facilita o “pensar por exemplos”, bem mais cômodo do que a reflexão abstrata de temas muitas vezes ambivalentes e complexos.

. O caso do pseudoconservador

Desde nosso primeiro capítulo, já sabemos como, na pesquisa de TAP, os mais etnocêntricos e antissemitas tendem a seguir a ideologia conservadora na política e economia. Isso é evidenciado pelas ideias compartilhadas entre preconceituosos e conservadores, dentre elas a da manutenção de valores e práticas sociais convencionais do *status quo* tanto em relação à manutenção do sistema capitalista quanto aos valores conservadores rígidos:

uma base teórica para o estreito laço entre o conservadorismo e o etnocentrismo é sugerida por certas semelhanças em suas principais tendências subjacentes. O apoio da ideologia e da autoridade político-econômica prevalentes é, aparentemente, uma parte da tendência etnocêntrica generalizada a se submeter à autoridade aceita em todas as áreas da vida social. Da mesma forma, a rejeição etnocêntrica de *outgroups* é expressa na esfera político-econômica pela resistência à mudança social e pela tendência a subsumir ideologias políticas progressistas sob o título geral de *outgroups* e ideias “estrangeiras” (ameaças à autoridade do *ingroup*). A interconexão entre as duas ideologias e a dificuldade de separá-las, mesmo para fins de estudo, são reveladas por uma série de itens de escala.⁴⁹⁹

No entanto, para não dizer que todos os conservadores entrevistados em TAP são preconceituosos – afirmação que os próprios dados não permitem fazer –, os autores fazem uma delimitação – bastante problemática, como veremos – entre o conservador genuíno e o pseudoconservador. Segundo a definição fornecida por Adorno, conservadores genuínos seriam aqueles que pontuam alto na escala PEC, mas baixo na escala E, ou seja, são considerados conservadores na política e economia, mas não etnocêntricos. Pseudoconservadores, por outro lado, pontuam alto em ambas as escalas.

⁴⁹⁸ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundiaí, Paco Editorial: 2014, p. 172.

⁴⁹⁹ TAP, pp. 180-1.

Logo, seriam justamente os pseudoconservadores aqueles mais autoritários da pesquisa, figuras que utilizaremos para analisar o que há de antidemocrático em seu padrão ideológico pessoal, além da cisão psíquica típica que eles enfrentam para exercerem seu preconceito em um ambiente democrático. Diz Adorno:

Podem-se diferenciar dois tipos de pseudoconservadores: aqueles que dizem acreditar na democracia e são, na verdade, antidemocráticos, e aqueles que se consideram conservadores, enquanto cedem sub-repticiamente a desejos subversivos. Essa diferenciação, no entanto, é um tanto racionalista. Não significa muito, seja em termos de motivações psicológicas ou de decisão política real. Parece dizer respeito apenas a pequenas racionalizações: o núcleo do fenômeno é idêntico em ambos os casos.⁵⁰⁰

Os pseudoconservadores no geral são aqueles que, apesar de se autointitular em conservadores no interior do espectro político democrático, secretamente desejam um sistema antidemocrático de governo. Contudo, comecemos por analisar o que há de problemático em tal construção teórica. Podemos pensar que um sistema de governo antidemocrático impossibilitaria qualquer posicionamento político individual que não fosse aquele mantido institucionalmente. Logo, em momentos marcantes da URSS, por exemplo, poderia haver conservadores que não seriam necessariamente autoritários.

Contudo, se considerarmos como democráticos valores de igualdade, justiça e liberdade, defender a manutenção de um sistema social capitalista que fomenta a desigualdade, a injustiça e a servidão não poderia ser considerado, em si mesmo, um posicionamento antidemocrático? Além disso, como vimos em nosso quarto capítulo com as teorias de Pollock e Horkheimer, o capitalismo, que produz a objetificação de pessoas, seria considerado a própria origem do preconceito, capitalismo tal que é defendido pelos conservadores. Segundo tais pontos de vista, não haveria uma distinção tão grande entre conservadores e pseudoconservadores no que se refere à defesa de um sistema autoritário e antidemocrático.

Visto isso, mais do que uma tentativa de evitar a equalização que defende que “todo autoritarismo é ‘de direita’ ou conservador”, entendemos que a distinção entre conservadores genuínos e pseudoconservadores deriva de uma necessidade específica da pesquisa empírica de TAP de diferenciar grupos de pessoas que pontuam de modo diferente, posicionando-se de formas distintas em relação ao preconceito. Nesse sentido, não vemos como seria possível que tal delimitação conceitual visivelmente precária seja utilizada em um sentido teórico forte para além das circunstâncias encontradas em TAP.

⁵⁰⁰ TAP, p. 680.

Assim, a leitura de uma teoria socioeconômica pode muito bem sustentar que a defesa do capitalismo é a defesa do autoritarismo – a despeito de certas nuances obtidas por meio de dados empíricos coletados na pesquisa.

É seguindo tal ideia, a nosso ver, que Adorno apresenta a seguinte hipótese:

uma hipótese que pode servir é aquela que toma como ponto de partida a diferenciação entre *identificação bem-sucedida ou malsucedida*. Isso implicaria que os caracteres conservadores “genuínos” seriam aqueles que, essencialmente ou pelo menos temporariamente, tiveram sucesso em sua identificação com padrões autoritários sem consideráveis exageros [carry-overs] de seus conflitos emocionais – sem uma forte ambivalência e contratendências destrutivas. Por outro lado, os traços “pseudo” são característicos daqueles cuja identificação autoritária teve sucesso apenas em um nível superficial. Eles são forçados a exagerá-la [overdo] continuamente para convencerem a si mesmos e aos outros de que eles pertencem (...) às camadas certas da sociedade.⁵⁰¹

A partir de tal hipótese, a distinção mais profunda proposta entre os pseudoconservadores e os conservadores genuínos estaria baseada em um nível de identificação e, com ela, introjeção bem ou malsucedida de padrões autoritários circulantes em uma cultura. Assim, afirmando que a cultura hegemônica ocidental é autoritária, a diferenciação é delimitada a partir da presença e intensidade de conflitos e ambivalências em relação a uma identificação com este padrão social. Desta forma, a diferenciação não viria exatamente da defesa de um *status quo* autoritário, mas da forma como essa defesa se dá, seja de modo menos conflituoso e mais moderado – como é o caso dos conservadores genuínos –, seja de modo mais conflituoso, ambivalente e exagerado, sendo estes últimos os pseudoconservadores, considerados mais preconceituosos. Haveria, então, mais irracionalidades, cisões, ambivalências e duplicidades no comportamento e expressão do pseudoconservador quando relacionado ao conservador genuíno⁵⁰².

⁵⁰¹ TAP, pp. 682-3.

⁵⁰² Crochik nos lembra que a qualificação dos conservadores genuínos como aqueles que decidem suas escolhas político-econômicas de forma mais racional leva a outro problema: a falta de distinção entre o conservador genuíno e o liberal. “a comparação entre a ideologia conservadora e a ideologia liberal não é tão clara, e o tipo conservador genuíno” atesta isto. Rouanet (1989), por exemplo, o interpreta como uma pessoa que se guia, predominantemente, pela razão e não pelos desejos, da mesma forma que o liberal genuíno, embora a razão que guia o conservador, seja, segundo esse autor, a da racionalidade instrumental, e ao liberal genuíno uma razão emancipatória” (Crochik, J. L. “A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica”. *Psicologia-USP*, São Paulo, 1(2): 141-154, 1990, pp. 145-6). Para nós, este problema de diferenciação entre o liberal genuíno e o conservador genuíno encontra a sua distinção na defesa ou contraposição ao *status quo* injusto, violento, excludente e autoritário como o é o capitalismo vigente. Por isso, sem a nossa discussão produzida no capítulo 4 sobre o Estado autoritário, esta distinção seria, de fato, difícil de ser produzida.

Seguindo tal ideia, podemos distinguir o conservador genuíno do pseudoconservador segundo as seguintes características: o genuíno consegue fazer uma crítica a seu *in-group*, escolheria suas decisões político-econômicas guiado mais pela racionalidade do que por motivações irracionais. Assim, ele defende o capitalismo liberal e o individualismo, por exemplo, com teorias e argumentos justificados e não por simples concordância com a classe dominante. E, o mais importante, o genuíno rejeita os preconceitos contra minorias – mesmo que seja justamente o sistema sociopolítico capitalista defendido por ele que produza tais preconceitos; os pseudos, por sua vez, vivem uma separação menor entre a consciência e inconsciência de suas escolhas e atitudes, o que se reflete nas defesas de posições conservadoras e, simultaneamente, antidemocráticas. Sem se portar como abertamente antidemocrático, isto é, disseminando manifestamente ódio, violência e preconceito, o pseudodemocrático tenta colocar os grupos considerados mais “fracos” em uma posição permanentemente subordinada. Eis a atualíssima descrição da ideia pseudodemocrática:

Uma ideia pseudodemocrática, por outro lado, é aquela em que a hostilidade em relação a um grupo é um pouco comedida e disfarçada por meio de um compromisso com ideais democráticos. Declarações pseudodemocráticas sobre os judeus são frequentemente introduzidas por frases qualificadoras que negam a hostilidade ou que tentam demonstrar a atitude democrática do falante, por exemplo: “Não é que eu seja preconceituoso, mas...”; “Os judeus têm seus direitos, mas...”.⁵⁰³

Assim, os pseudodemocráticos aceitam e inclusive pedem por ações antidemocráticas ou autoritárias, desde que estas tenham apenas a aparência democrática ou forma mínima de normalidade das instituições.

Utilizemos, então, a análise do pseudoconservador para mostrar a cisão psíquica do autoritário, característica tão importante para o desenvolvimento de nosso próximo capítulo. Se há potencialidades fascistas em certos níveis psíquicos do pseudoconservador, analisemos as várias camadas ideológicas do mesmo indivíduo:

O que o indivíduo constantemente diz em público; o que ele diz quando se sente seguro das críticas; o que ele pensa, mas não diz; o que ele pensa, mas não admite para si mesmo; o que ele está disposto a pensar ou fazer quando vários tipos de apelo são feitos a ele – todos esses fenômenos podem ser concebidos como constituindo uma estrutura única. A estrutura pode não ser integrada, pode conter contradições e consistências, mas é organizada no

⁵⁰³ TAP, p. 60.

sentido de que as partes constituintes estão relacionadas de maneiras psicologicamente significativas.⁵⁰⁴

Seria justamente no confronto entre opiniões contraditórias, evidência da presença de conteúdo irracional, que a ideologia íntima expressaria um pensamento antidemocrático movido por um desejo de segurança e fuga do desprazer, que tenderá a se converter em ação violenta em contextos radicais e cruciais.

Considerando que as exigências apenas superficiais do ambiente democrático exigem que a manifestação do preconceito seja ao menos indireta, este só pode ser expresso mediante racionalizações e estereótipos circulantes na cultura, verdadeiros deslocamentos de agressividade inconsciente.

Este deslocamento é reforçado por sua convicção mais íntima de que os supostos estereótipos de tolerância não são tão fortes socialmente quanto ele simula. Ele percebe que, enquanto ele parece se rebelar contra os *slogans* da democracia e da igualdade, por razões estritamente pessoais, ele é realmente apoiado por tendências sociais poderosas. E, no entanto, ele afirmará, ao mesmo tempo, que ele age como uma pessoa sincera e independente que não se importa com o que os outros pensam. Além disso, ele se baseia na ideia de que os próprios sentimentos são sempre mais fortes do que as convenções, que ele simplesmente deve segui-los e que seu preconceito é uma espécie de fatalidade que não pode ser alterada.⁵⁰⁵

É nosso intuito ressaltar a figura do pseudoconservador justamente porque ele escancara uma situação segundo a qual a gênese do autoritarismo estaria vinculada a uma situação de pseudodemocracia em que os valores democráticos tradicionais de igualdade, justiça e liberdade são apenas afirmados formal, abstrata e superficialmente, estando eles determinados por outros valores capitalistas opostos, como os de concorrência, subjugação, obediência e injustiça que se impõem muito mais fortemente na situação social:

Há razões para acreditar que essas tendências de desenvolvimento de nossa sociedade que apontam para a direção de uma organização mais ou menos fascista, capitalista de estado, traz à tona tendências anteriormente ocultas de violência e discriminação na ideologia. Todos os movimentos fascistas empregam oficialmente ideias e valores tradicionais, mas na verdade dão a eles um significado totalmente diferente, antihumanista. A razão para que o pseudoconservadorismo pareça ser um fenômeno caracteristicamente moderno não é que qualquer novo elemento psicológico foi adicionado a esta síndrome particular, (...) mas que as condições sociais objetivas tornam mais fácil para a estrutura de caráter em questão se expressar em suas opiniões declaradas. (...) O pseudoconservador é um homem que, em nome da defesa

⁵⁰⁴ TAP, p. 5.

⁵⁰⁵ TAP, pp. 628-9.

dos valores e instituições tradicionais norte-americanos e da defesa contra perigos mais ou menos fictícios, consciente ou inconscientemente, visa a sua abolição.⁵⁰⁶

Em tal situação de determinação total capitalista, ronda sempre o espectro do fascismo em potencial em pseudodemocracias, o que as torna frágeis e em constante ameaça de iminente dissolução. Assim, TAP nos traz uma lembrança necessária de que o fascismo pode voltar a se instalar no interior mesmo do ambiente democrático: “Tem sido frequentemente observado que, se o fascismo se tornar uma força poderosa neste país, ele desfilaria sob as bandeiras da democracia tradicional norte-americana. (...) É claro que uma investigação de tendências antidemocráticas deve levar em conta esse fenômeno.”⁵⁰⁷ Vemos, então, que a análise do pseudoconservadorismo desenvolvida por Adorno em TAP visa não exatamente denunciar que todo o fascismo seria “de direita”, mas demonstrar como o próprio sistema capitalista necessita fomentar torções conceituais e cisões psíquicas para se manter operante em um sistema (pseudo)democrático.

. Conclusões do capítulo 7

Nosso sétimo capítulo tratou de alguns pontos desenvolvidos por Adorno em TAP. Segundo o autor, “as irracionalidades ideológicas, assim como outras irracionalidades do comportamento humano manifesto, são concomitantes com os conflitos psicológicos inconscientes. Vasculhamos o material das entrevistas com especial atenção a tais irracionalidades e a declarações que revelam algo sobre a dinâmica da personalidade.”⁵⁰⁸ Visto isso, partimos da situação familiar dos altos pontuadores, que tende a reproduzir os valores capitalistas em seu seio, tais como o respeito aos ditames e figuras dominantes do *status quo*, aceitando e reproduzindo o contexto dominante. Isso culmina na artificialidade das regras mal-internalizadas pela criança em formação. A educação familiar tende à rigidez, disciplina estrita e distância, impossibilitando uma relação mais igualitária e terna. Tal situação culmina em um posicionamento “antifraqueza”: por meio de uma “identificação negativa”, ocorreria a recusa das características do outro que o indivíduo encontra em si e que, portanto, também recusa em si mesmo – efeito da utilização do desamparo para fins de

⁵⁰⁶ TAP, p. 676.

⁵⁰⁷ TAP, p. 50.

⁵⁰⁸ TAP, p. 665.

disciplinamento, situação infantil que tende a ser prolongada na vida adulta dos altos pontuadores.

Já a tendência dos pais dos menos preconceituosos é de serem mais brandos e relaxados, mais próximos dos filhos, fornecendo amor e confiança a eles. Isso quer dizer que os valores morais de igualdade e justiça reais, e não somente formais, seriam verdadeiramente internalizados pelas crianças, o que levaria a um desenvolvimento autônomo e independente quando adultas. Após ambas as exposições, concluímos que o centro da diferenciação da educação familiar entre os mais e os menos autoritários se encontra na situação de consciência ou inconsciência dos conflitos familiares, ou melhor, na assunção do conflito por parte dos baixos pontuadores, ao passo que este permanece em negação no caso dos altos pontuadores. Negar a existência de todo e qualquer conflito e discordância, ao invés de vivenciá-lo, é característica típica do autoritarismo.

A seguir, tratamos da nova organização metapsicológica do tipo autoritário constituída a partir de uma “resolução” bastante específica do complexo de Édipo. Centralizando nossas atenções no supereu, resultado do declínio do complexo de Édipo, vimos que a constituição psíquica do alto pontuador seria mais frágil, menos individualizada, seu eu se tornando mais suscetível a influências externas justamente porque não apresenta uma autoridade internalizada a partir da qual julgaria como justos ou injustos os contextos sociais que se apresentam. Por isso, as funções superegoicas dos mais preconceituosos tendem a ser exercidas por uma figura social, modo de procura por uma racionalidade ordenadora e moralizante que falta em seu interior. Com isso, as funções próprias de instâncias subjetivas como que se “expandem”, criando uma espécie de noção alargada do eu para fora do sujeito, que operaria em nível social. Assim, o eu deixa de agir conforme a sua função de mediador entre as realidades interna e externa ao ser substituído por uma situação narcísica forjada socialmente e aceita individualmente onde não haveria conflitos a serem mediados. Para evitar que o eu possa gerir os conflitos, é fomentada a constituição de um ambiente narcísico em que o próprio sistema capitalista os administre no lugar do sujeito. Isso demonstra que o supereu, ao invés de ser sublimado, é dessublimado, repersonalizado e manipulado socialmente para fins de dominação. Dessublimar o supereu seria retomar as pulsões agressivas anteriormente sublimadas levando-as à sua meta primeira de descarga pulsional direta em violência real por manipulação de componentes inconscientes por instituições sociais.

Aprofundando nosso conhecimento sobre o supereu freudiano, descobrimos algumas características desta instância que nos auxiliam na compreensão da “falha na individuação” do autoritário: vemos que a criança se identifica não exatamente com o comportamento dos pais, mas se apropria dos sentimentos tanto de admiração quanto de medo vividos na fase edípica e de castração. Esses sentimentos sendo contraditórios no complexo de Édipo levam a exigências superegoicas contrárias. Tal duplicidade se evidencia pela formação do supereu, que mantém vivos, mediante fantasias, os interesses da pulsão sexual, ao mesmo tempo em que faz prevalecer a coerção a estes mesmos desejos. No caso do mais autoritário, tal dualidade seria duplamente projetada – o traço idealizado e terno seria dirigido ao líder e a agressividade e punição seriam direcionadas aos membros dos *outgroups*. Além disso, sendo a exigência do supereu contraditória, então, de qualquer forma, é-se culpado. Se não há coerência nas coerções do supereu, se suas demandas são impossíveis de serem satisfeitas, haveria um distanciamento entre as imposições da lei interna em relação ao que é vivido empiricamente – algo próximo ao que vimos, no capítulo 2, constituir a moral burguesa em distanciamento com a atuação individual no sistema capitalista para Horkheimer. Novamente, no caso do mais autoritário, as normas morais duplas, quando exteriorizadas na figura do líder, permitiriam que este também legislasse mediante um certo afastamento da realidade empírica, abrindo caminho para a construção de uma narrativa ilusória referente aos “inimigos” própria de manias de perseguição e bodes expiatórios a serem eliminados. Ainda nesse quesito, entendemos que seriam os sentimentos relacionados à autoridade familiar o que causariam a submissão à lei moral e formação do supereu. No caso dos mais autoritários são os sentimentos de medo, rigidez, incompreensão e pavor que farão o sujeito, quando adulto, reconhecer e se submeter às regulações sociais, prolongando as situações infantis de inadequação, fraqueza e impotência.

Após isso, passamos a uma leitura da tipologia crítica de TAP, que pretende denunciar a padronização de indivíduos produzida pela determinação capitalista. Nesse sentido, a tipologia de TAP não seria uma mera artimanha metodológica, mas um resultado social que não deve ser negligenciado na pesquisa crítica. Vimos também como o tipo antropológico geral intitulado personalidade autoritária é caracterizado na obra como uma síndrome, isto é, como um conjunto de sintomas resultantes de conflitos psíquicos, sintomas estes que estão inter-relacionados, cada um deles expostos em onze subtipos.

Desenvolvemos ainda as concepções de ideologia, padrão ideológico pessoal e complexo ideológico presentes no livro. O padrão ideológico pessoal, não se confundindo com as ideologias circulantes na cultura (algumas sendo mais autoritárias ou antidemocráticas do que outras), seria uma organização de compromisso que relaciona a percepção da realidade externa e as necessidades individuais de satisfação e segurança. Como se o padrão ideológico pessoal substituísse algumas funções do eu frágil do autoritário, como o direcionamento da percepção e a organização do conteúdo externo percebido. Assim, o conjunto de ideologias escolhidas para comporem um padrão individual reforça mecanismos de defesa do mais autoritário cuja finalidade é manter a satisfação segundo o princípio do prazer ao evitar a percepção de contradições e conflitos – sejam internos, psíquicos, sejam externos, da realidade. Para tanto, o padrão ideológico pessoal forma uma organização complexa, composta por diferentes níveis mais ou menos conscientes, constituindo um todo unido, mesmo que contraditório. Tais “esquemas ideológicos” tendem a distorcer o conteúdo da realidade externa, de modo que a apreensão dos elementos externos pela percepção é pré-determinada pelo conjunto ideológico assumido no padrão individual. Na sequência, apresentamos os complexos: dos usurpadores, “sem piedade dos pobres”, o da educação e, por fim, o do comunismo. Eles seriam compostos por meio da racionalização, pensamento de ticket, estereotipia e personalização.

Por fim, o último tópico que desenvolvemos foi o do pseudoconservador, termo desenvolvido para evitar a acusação de que todos os conservadores seriam preconceituosos. Distinção esta conceitualmente problemática quando a contrastamos com as teorias de Pollock e Horkheimer, expostos no capítulo 4, segundo as quais o capitalismo, que produz a objetificação de pessoas, seria considerado a origem do preconceito. Sendo, então, uma definição que funcionaria apenas no âmbito teórico e metodológico definido em TAP, os pseudoconservadores seriam aqueles que, apesar de se autointitulem conservadores no interior do espectro político democrático, secretamente desejam um sistema antidemocrático de governo. Em nosso capítulo, procuramos atenuar esta diferenciação entre os pseudoconservadores e os genuínos mediante a hipótese de níveis de introjeção de identificações produzidas com elementos de uma sociedade autoritária. Sendo a defesa do *status quo* capitalista mais racional, menos conflituosa, ela seria própria dos conservadores genuínos; sendo ela mais irracional, ambivalente e exagerada, ela seria própria dos pseudoconservadores, considerados mais preconceituosos. Vemos que estes aceitam e inclusive pedem por

ações antidemocráticas ou autoritárias, desde que estas tenham apenas a aparência democrática ou forma mínima de normalidade das instituições.

Deste modo, procuramos mostrar como o pseudoconservador evidencia uma situação segundo a qual a gênese do autoritarismo estaria vinculada a uma situação de pseudodemocracia em que os valores democráticos tradicionais de igualdade, justiça e liberdade seriam apenas afirmados formal, abstrata e superficialmente, estando eles determinados por outros valores capitalistas opostos, como os de concorrência, subjugação, obediência e injustiça que se impõem muito mais fortemente na situação social. Tal desenvolvimento teórico visa não exatamente denunciar que todo o fascismo seria “de direita” ou conservador, mas demonstrar como o próprio sistema capitalista necessita fomentar torções conceituais e cisões psíquicas para se manter operante em um sistema (pseudo)democrático. Assim, TAP nos traz uma lembrança necessária de que o fascismo pode voltar a se instalar a qualquer momento no interior mesmo do ambiente democrático.

Capítulo 8

Traços psicopatológicos do autoritário e a homologia com o fetichismo

. Introdução ao capítulo 8

Após uma jornada composta por sete capítulos nos quais a teoria freudiana apareceu apenas de forma complementar aos desenvolvimentos da Teoria Crítica, pretendemos nos voltar agora à psicanálise de modo mais central. Para tanto, permitimo-nos uma certa liberdade em nossas análises, de forma que a teoria freudiana foi revisitada sem grandes limitações impostas pelos pensamentos de Adorno. Mesmo que muitos dos argumentos aqui expostos apareçam apenas de forma rápida e pouco conclusiva, deixamo-nos levar por caminhos teóricos que, talvez sob a forma de esboços, tendem mais a delimitar possíveis desenvolvimentos futuros do que apresentá-los em sua completude na ocasião desta tese. Especificamente, preocupamo-nos com pesquisas freudianas que, a nosso ver, poderiam se relacionar com a formação e funcionamento psicológico do tipo autoritário. A teoria freudiana se encontra, assim, desimpedida de alcançar terrenos mais extensos do que aqueles permitidos pela letra adorniana.

Nesse sentido, partimos de algumas ideias centrais que guiarão nossos desenvolvimentos. A primeira delas trata do objeto do preconceito como um substituto: é um “pressuposto geral de que a hostilidade – largamente inconsciente – resultante da frustração e da repressão e socialmente desviada do seu verdadeiro objeto *precisa* de um objeto substituto por meio do qual ele possa obter um aspecto realista e assim se esquivar, por assim dizer, das manifestações mais radicais de bloqueio da relação do sujeito com a realidade, por exemplo, da psicose.”⁵⁰⁹ Como vemos, a necessidade de um objeto substituto (ou de um bode-expiatório, como Adorno nos diz na sequência da citação) situa a sua gênese em meio à frustração e repressão pulsional, bloqueio e desvio em relação à realidade, além de uma fuga da psicose. Noções estas relacionadas à formação de psicopatologias na literatura freudiana.

Nesse âmbito, partimos de uma questão formulada pelo próprio Adorno em TAP, mas que foi deixada em suspenso na obra: qual seria a natureza dos sintomas do tipo autoritário?

⁵⁰⁹ TAP, pp. 608-9.

É uma hipótese básica da psicanálise que os sintomas “fazem sentido” na medida em que cumprem uma função específica na economia psicológica do indivíduo - que deve ser considerada, como regra geral, como desejos substitutos de, ou como defesas contra, impulsos reprimidos. Nossa discussão anterior mostrou o aspecto irracional das atitudes e opiniões antissemitas. Como seu conteúdo é irreconciliável com a realidade, certamente temos o direito de chamá-las de sintomas. Mas eles são sintomas que dificilmente podem ser explicados pelos mecanismos da neurose; e, ao mesmo tempo, o indivíduo antissemita enquanto tal, o caráter potencialmente fascista, certamente não é um psicótico. A explicação teórica definitiva de um sintoma inteiramente irracional que, no entanto, não parece afetar a “normalidade” daqueles que exibem o sintoma está além do alcance da presente pesquisa.⁵¹⁰

Para tanto, constitui também nosso objetivo analisar como se constitui o conceito de objeto de ódio e preconceito (e sua substituição) em modos de funcionamento psíquico agrupados em não-patológicos, neuróticos, perversos e psicóticos. Como já podemos adiantar, há características autoritárias que podem ser aproximadas de cada um desses grupos. Se, como acabamos de ver em nosso sétimo capítulo, o autoritário é descrito por meio de uma síndrome composta por variações típicas, tais variações são delimitadas por funcionamentos específicos, algumas se aproximando de uma manifestação não-patológica, outras de traços neuróticos, perversos ou até mesmo psicóticos – dependendo de quais características sejam singularmente mais desenvolvidas.

Contudo, o que pretendemos fazer não é só desenvolver uma comparação geral de semelhança entre a descrição do autoritário e estas psicopatologias. Em nossa investigação, também procuramos delimitar um conjunto de traços mais proeminentes e inter-relacionados que viemos construindo ao longo de nossa tese: as contradições no interior de um mesmo padrão ideológico que, ainda assim, não se desintegra; a coexistência de traços esclarecidos e mítico-infantilizados na psique; a presença simultânea de aspectos racionais e irracionais nas atuações sociais dos mais preconceituosos; o distanciamento entre os discursos ideológicos e a realidade vivenciada; a duplicidade da moralidade formal e a expressão da agressividade em membros dos *outgroups*. Todos esses elementos serão aqui reagrupados em torno da concepção de cinismo como um distanciamento somente parcial da realidade. Ressaltamos a sua importância, pois, para nós, a característica cínica seria a principal responsável pela manutenção de autoritarismos em ambientes democráticos, o que atesta a importância atualíssima deste conceito. Por isso, ao passarmos por todas as

⁵¹⁰ TAP, pp. 618-9.

organizações psíquicas não-patológicas e patológicas, iremos enfatizar a homologia entre o cinismo e o fetichismo freudiano – homologia tal que, não sendo uma mera analogia, revela uma mesma lógica de estruturação.

. Caráter e personalidade em Freud

Mesmo que Freud não tenha estabelecido uma tipologia que fosse extensa e constante em suas obras, propomos uma análise dos conceitos de personalidade e caráter produzidos pelo psicanalista justamente porque, para nós, a reformulação destes conceitos em TAP (diante do distanciamento teórico que Adorno produz em relação a Fromm, como vimos em nosso segundo capítulo) está fortemente baseada em tais designações conceituais freudianas – por mais que as aparições destes conceitos se encontrem de forma pontual na obra de Freud. Aqui partiremos da perspectiva da segunda tópica inaugurada nos anos 1920, cujas obras *Além do princípio do prazer*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *Mal-estar na civilização* e *O futuro de uma ilusão* são algumas das principais.

Em *O eu e o isso*, por exemplo, lemos que a gênese do caráter é produzida pela substituição de um objeto por uma identificação: “tal substituição participa em considerável medida da conformação do eu e contribui essencialmente para produzir o que se denomina seu *caráter* [*Charakter*]. (...) O caráter do eu [*Charakter des Ichs*] é uma sedimentação dos investimentos resignados de objeto, contém a história dessas escolhas de objeto.”⁵¹¹ Podemos dizer que o caráter seria um conjunto de características típicas do eu que foram formadas por identificações com objetos. Em algum momento, os objetos pulsionais deixaram de ser investidos em figuras externas e passaram a ser introjetados no eu e, então, sedimentados no interior da psique. Desde já podemos notar a influência de relações sociais mantidas de forma extrapsíquica na formação do caráter, o que denota uma certa aproximação de Freud com TAP na relação entre a formação da personalidade e a presença de figuras familiares. Assim, os membros da família, atuando como mediadores (eficientes ou não) das exigências e valores capitalistas, formariam o caráter mais ou menos adequado ao social.

Mas, continuemos seguindo Freud. É principalmente em outro texto posterior que nosso autor nos dá mais pistas, agora sobre o conceito de personalidade psíquica

⁵¹¹ Freud, S. “El yo y el ello” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 30-1.

[*psychischen Persönlichkeit*] – que dá título à 31^a das *Novas conferências de introdução à psicanálise*. Em uma das passagens, ele diz:

Não se deve conceber essa separação da personalidade [*Persönlichkeit*] em um eu, um supereu e um isso delimitada por fronteiras claras, como aquelas que foram traçadas artificialmente na geografia política. Não podemos explicar a peculiaridade do psíquico por contornos lineares como no desenho ou na pintura primitiva; mas sim, por meio de campos coloridos que se perdem uns nos outros, como fazem os pintores modernos.⁵¹²

Se, para Freud, o caráter se refere ao eu, a noção de personalidade designaria as interações topológicas entre eu, isso e supereu em um sujeito. Ou melhor, a personalidade denomina o que seriam diferentes disposições topológicas resultantes de uma confluência entre determinantes do isso e identificações com objetos externos (e com conteúdos culturais que viriam juntamente com tais identificações) que culminam na formação do eu e do supereu. Freud nos diz, no entanto, que se o caráter do eu tende a ser mais sedimentado, as interações do eu com as demais instâncias psíquicas não são permanentes, mas fluidas e modificáveis. É mediante tal sedimentação do caráter a partir de identificações e certa fluidez das relações intrapsíquicas da personalidade que avaliaremos as formas típicas dos indivíduos lidarem com as imposições sociais.

Para tanto, tratemos mais um pouco das identificações. Se o eu foi formado para mediar a relação entre o isso e a realidade, na identificação o eu estaria a serviço do isso. “Os investimentos de objeto partem das demandas pulsionais do isso. O eu no começo se vê forçado a registrá-las. Mas, identificando-se com o objeto, recomenda-se ao isso a substituição do objeto, [o eu] quer guiar para si a libido do isso.”⁵¹³ Em outra ocasião, Freud complementa: “Quando o eu assume os traços do objeto, por assim dizer, ele se impõe ao isso como um objeto de amor (...). A transposição assim realizada da libido de objeto em libido narcísica envolve manifestamente uma resignação das metas sexuais, uma dessexualização e, portanto, uma espécie de sublimação.”⁵¹⁴ Tornando-se ele mesmo um objeto pulsional de investimentos do isso, o eu se vê envolto, nesta segunda tópica, em um narcisismo secundário, resultante da identificação com elementos da realidade externa tomada como objeto pulsional. Assim, a identificação

⁵¹² Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 31a conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 1991, p. 74.

⁵¹³ Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 31a conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 1991, p. 72.

⁵¹⁴ Freud, S. “El yo y el ello” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 32.

constituiria tanto uma situação narcísica quanto uma relação com a alteridade; ou melhor, seria uma posse do outro como possibilidade de relação consigo mesmo. Vemos que, por meio da identificação como substituição de investimentos objetais, relacionam-se intimamente a formação do caráter, dessexualização, sublimação e narcisismo. Algo para o qual iremos nos voltar mais a frente.

Freud nos adverte também que a identificação não seria feita com a alteridade de forma completa, pois o que seriam introjetados seriam traços específicos do outro – como os sentimentos em relação à autoridade familiar na formação do supereu que analisamos em nosso capítulo anterior. Estes traços identificatórios irão formar os tipos de caráter, que não terão necessariamente relação com patologias. Ou melhor, a formação de tipos de caráter por meio de identificações é um processo em si não-patológico: “para todos eles [tipos] tem que valer a exigência de que eles não coincidam com quadros clínicos. Ao contrário, eles devem abarcar todas as variações que, de acordo com nossa apreciação orientada em sentido prático, situam-se no interior do escopo do normal. Entretanto, em suas manifestações extremas, podem se aproximar dos quadros patológicos e, assim, contribuir para salvar o suposto hiato entre o normal e o patológico.”⁵¹⁵ O intercâmbio entre investimentos pulsionais objetais externos e internos (este último que culmina na formação do caráter) é algo que deve ocorrer necessariamente em todo e qualquer sujeito em formação. Tal observação é de suma importância para a tipologia de TAP – que, apesar de ter sintomas configurados como uma síndrome, não pode ser considerada em si uma patologia, uma vez que se mostra adequada às imposições sociais dominantes.

. Operações psíquicas não patológicas no afastamento da realidade: sobre representações, pulsões e objetos

Atentemos, então, aos desenvolvimentos desta primeira consideração sobre o que há de não-patológico nas análises do tipo autoritário de TAP. Por mais que Adorno et. al. defendam que o sintoma do autoritário seria compreendido como a distância entre

⁵¹⁵ Freud, S “Tipos libidinales” In *Obras completas Volumen 21*. Argentina: Amorrortu editores, 1991, p. 219. A aproximação com quadros patológicos é assumida por Freud, por exemplo, na apresentação do caráter neurótico, designado pela sua formação de sintomas de modo compulsivo: “¿Qué repite o actúa, em verdad? He aquí la respuesta: Repite todo cuanto desde las fuentes de su reprimido ya se ha abierto paso hasta su ser manifiesto: sus inhibiciones y actitudes inviables, sus rasgos patológicos de carácter.” (Freud, S. “Recordar, repetir e reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II)” In *Obras completas Volumen 12*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 153)

os conteúdos de seu preconceito e a realidade vivenciada, em Freud descobrimos que o sistema psíquico de todo ser humano tenderia, desde a sua formação, a distorcer parte da realidade mesmo em casos não-patológicos. Com isso, apresentamos o ponto de vista no qual o preconceito, com seu distanciamento da realidade, não seria em si mesmo um problema psíquico, de modo que suas formações substitutivas seriam frutos de movimentações inconscientes similares à do chiste falacioso, por exemplo.

Tratando de uma situação de dúvida em relação a um fragmento da realidade, Freud nos lembra que é possível que as alucinações se façam presentes em situações não-patológicas. Havendo “alucinações ocasionais em pessoas sãs”⁵¹⁶, estas ocorreriam quando, em analogia com o trabalho do sonho, conteúdos referentes à realidade são desfigurados por meio de “*condensação* (de representações) ou *deslocamento* (do acento psíquico de uma representação para outra), processos que na vida desperta não descobrimos, ou os encontramos apenas enquanto base das chamadas ‘falácias’.”⁵¹⁷ Em tais casos, conteúdos da memória e da percepção seriam retraduzidos por meio do trabalho do inconsciente com fins de evitar o desprazer. Como uma resolução de compromisso entre o isso e a realidade, uma parte dos conteúdos percebidos no exterior seriam (por uma necessidade de segurança ou para evitar conflitos) deslocados ou substituídos por outras representações, estas últimas que seriam os destinatários finais das pulsões. Assim como no chiste falacioso, podemos dizer que o afastamento da realidade por substituição de objeto pulsional (formando o bode expiatório) no preconceituoso seria responsável por colocar em relação representações da realidade e conteúdos psíquicos inconscientes para fins de defesa. Ao menos, é assim que compreendemos a seguinte passagem – podendo simplesmente trocar a palavra “chiste” por “preconceito” e “falácia” por “racionalização” em nossa aproximação:

Agora, em qual caso o chiste parecerá absurdo ante a crítica? Em particular, quando se vale dos modos usuais de pensar no inconsciente, mas banidos do pensamento consciente, isto é, as falácias. (...) Mediante essas técnicas, o chiste vai oferecer pouca ou nenhuma razão de escândalo para a crítica; esta última só acontece quando também se utiliza como técnica aqueles recursos dos quais o pensamento consciente não quer saber mais nada. No entanto, o chiste pode evitar o escândalo se dissimular a falácia empregada, se a revestir

⁵¹⁶ Freud, S. “Carta a Romain Rolland (Una perturbación del recuerdo en la Acrópolis)” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 1991, p. 218.

⁵¹⁷ Freud, S. “El interés por el psicoanálisis” In *Obras completas Volumen 13*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 174.

de uma aparência lógica (...). Mas se oferece a falácia sem disfarce, o veto da crítica é uma coisa assegurada.⁵¹⁸

Podemos dizer ainda que na falácia “o valor da representação fantasiada é abusivamente elevado com relação ao objetivo; sua possibilidade é quase igualada à realidade efetiva.”⁵¹⁹ Vemos ocorrer, então, um deslocamento e inclusive confusão entre conteúdos da realidade objetiva e a representação da coisa em nossa mente.

Como a psicanálise investiga a realidade psíquica erigida por meio de representações, e não de materialidades da realidade externa, pode ocorrer das primeiras não serem cópias fiéis destas últimas, mas reconstruções mais ou menos próximas a elas. Contudo, a construção da organização psíquica não ocorre somente mediante uma diferenciação entre o conteúdo da realidade externa e o da realidade interna. Haveria ainda uma outra distinção entre os elementos da realidade interna, designados por representação-palavra e representação-coisa. Desde 1891, na ocasião da publicação de *Sobre a concepção de afasias*, passando até seus últimos anos de produção, em toda a sua obra Freud se deparou com o problema das representações psíquicas e suas relações com afetos, base mesma da possibilidade da clínica psicanalítica. Especificamente em *O inconsciente*, aprendemos que o sistema inconsciente (Icc) se ocupa das representações-coisa, mais próximas das imagens visuais do objeto externo, ao passo que o sistema pré-consciente (Prcc) maneja as representações-palavra, estas últimas mais próximas de imagens acústicas que adquirem significado quando associadas tanto à representação-coisa quanto a afetos e sensações corporais. É na ocasião de associação com as representações-coisa que as representações-palavra podem vir a se infiltrarem no sistema consciente (Cs), tornando-se consciente também o afeto a ela designado: “o papel das representações-palavras se torna agora totalmente claro. Por sua mediação, os processos internos de pensamento são convertidos em percepções.”⁵²⁰

A existência de tantos meandros entre afeto, representações e os conteúdos percebidos da realidade externa seria uma das formas da psicanálise mostrar a complexidade envolvida na relação do sujeito com a realidade, dificultando a realização do conceito clássico de verdade – como correlação das representações à coisa externa.

⁵¹⁸ Freud, S. “El chiste y su relación con lo inconciente” In *Obras completas Volumen 8*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 193-4.

⁵¹⁹ Freud, S. “El chiste y su relación con lo inconciente” In *Obras completas Volumen 8*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 61.

⁵²⁰ Freud, S. “El yo y el ello” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 25.

Quanto mais etapas houver nos processos de percepção, cognição e memorização, haverá mais possibilidades de deslocamentos e substituições – seja de representações-objeto em relação a conteúdos da realidade objetiva, afetos a representações-palavra, afetos a representações-objetos, representações-coisa a representações-palavra e assim por diante. Logo, é perfeitamente possível e até provável que haja distanciamentos não-patológicos dos discursos e representações de um sujeito em relação à realidade vivenciada.

Ademais, a psicanálise enfrenta outra dificuldade: na metapsicologia freudiana o psicológico está associado ao físico. Tal associação é designada pelo conceito de pulsão, de grande valia, e também dificuldade, na psicanálise freudiana, como já tivemos oportunidade de mencionar. O que nos interessa aqui seria justamente o representante da pulsão:

Uma pulsão nunca pode virar objeto da consciência; somente pode sê-lo a representação que é seu representante. Nem no interior do inconsciente ela pode ser representada se não for pela representação. (...) Então, sempre que falamos de uma moção pulsional inconsciente ou de uma moção pulsional reprimida, não é senão por um inofensivo descuido de expressão. Não podemos aludir senão a uma moção pulsional cuja agência representante-representação é inconsciente.⁵²¹

Podemos inferir que, se é uma representação da pulsão que chega à consciência, e nunca a pulsão em si, esta será a representação-palavra do pré-consciente, e não a representação-coisa inconsciente. Por exemplo, considerando as pulsões envolvidas na necessidade física de nutrição, aquilo que chega à consciência seriam não só afetos como os de saciedade, prazer e conforto, mas também a representação-palavra da comida, não a comida em si como objeto externo, muito menos a representação-coisa do inconsciente. A representação-palavra da comida estaria referida à representação-coisa instalada no inconsciente, de onde parte o desejo. Assim, nenhum objeto externo é puro e exatamente aquele que percebemos, lembramos e pensamos.

Após todo este desenvolvimento, questionamos o que seria, então, o objeto pulsional. Sabemos, por sua definição, que o objeto pulsional seria aquele por meio do qual a pulsão (de fonte somática, como a necessidade de nutrição, e dotada de representante psíquico da comida) atinge a sua meta de satisfação. Ora, sabemos que tal objeto pode ser um objeto da realidade externa, como o seio que sacia a fome do bebê.

⁵²¹ Freud, S. “Lo inconciente” In *Obras completas Volumen 14*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 173.

Mas, em outros casos, o objeto pode também ser alucinado como uma fantasia inconsciente, quando reprimido; pode ser deslocado para outras representações e atuado compulsivamente enquanto sintoma, como formação substitutiva; sabemos ainda que este objeto pode ser si mesmo, narcísico, quando ocorre a introjeção de um objeto externo; e pode, por fim, ser desviado em sua própria meta, tornando-se sublimado.

Assim, sabemos que o objeto pulsional não se iguala ao objeto da realidade externa. Ao mesmo tempo, ele não pode ser somente uma representação psíquica, pois alguma relação com o conteúdo percebido ele deve ter, mesmo no caso da alucinação. Com isso, podemos ao menos dizer que todo objeto pulsional é dotado de uma representação (representação-coisa do inconsciente que será referida a uma representação-palavra do pré-consciente) na qual alguns dos elementos constitutivos foram reproduzidos na psique a partir de conteúdos da realidade externa, mas que sofreram modificações produzidas pelo inconsciente. Logo, o objeto pulsional, não se igualando ao objeto da realidade, seria uma mistura sempre imprevisível entre conteúdos externos e internos⁵²² ao sujeito.

Por isso, as representações da realidade externa estariam vinculadas à plasticidade das pulsões, de modo que o posicionamento do indivíduo diante de objetos reais que sustentam a representação pulsional poderia se modificar de formas variadas segundo as necessidades de satisfação. Vemos ser possível, então, a substituição de objetos pulsionais simplesmente porque a pulsão pode se vincular a outros representantes pulsionais que não aqueles aos quais ela estava anteriormente relacionada. Assim, tais figuras relacionadas às representações das pulsões serão necessariamente substituídas ao longo do desenvolvimento psíquico do sujeito por meio das complexificações e diversificações de suas interações sociais. Contudo, a substituição de objetos pulsionais não é feita sem uma certa lógica e linearidade, como vimos em nosso capítulo anterior em relação ao líder, que era escolhido segundo características relacionadas à autoridade paterna. Nesse sentido, é a noção de imago que permite a referência pulsional a determinados objetos que são associados entre si por algum traço específico. Freud define as imagos como as primeiras relações objetais que exercem a função de modelo do objeto pulsional a ser substituído ao longo de toda a vida do indivíduo:

⁵²² Contudo, como veremos mais a frente, apesar de tal mistura, Freud segue com a descrição da relação do sujeito com a realidade externa em direção a uma delimitação mais nítida. O sujeito freudiano também procurará submeter a realidade externa ao exame de realidade.

Todas as [pessoas] que logo conheça tornar-se-ão para ele substitutos desses primeiros objetos do sentimento (acaso, junto aos pais, também as pessoas encarregadas da criança), e as ordenarão em séries que retiram das “*imagos*”, como dissemos nós, do pai, da mãe, dos irmãos e irmãs, etc. Assim, estes conhecidos posteriores receberam um tipo de herança de sentimentos, eles mesmos contribuíram pouco para as construções de simpatias e antipatias com as quais se depararam; toda a eleição posterior de amizades e relações amorosas produz-se sobre a base de traços mnêmicos que aqueles primeiros arquétipos deixaram atrás de si.⁵²³

. A perda da realidade na neurose e o sintoma autoritário

Após analisarmos alguns dos desenvolvimentos não-patológicos relativos ao afastamento dos sujeitos em relação à realidade e referentes à substituição de objetos, voltemo-nos para os casos patológicos. Dentre as psicopatologias empregadas por Freud, e ainda muito seguidas na psicanálise, o grupo das neuroses seria composto por indivíduos socialmente bem adaptados. Levando em conta tal adaptação, a hipótese dos preconceituosos serem considerados neuróticos não seria originariamente nossa, mas de autoria de Horkheimer, como nos diz Antunes:

Em uma carta para Adorno de 11 de outubro de 1945, escrita durante a realização dos estudos sobre a personalidade autoritária, Horkheimer (...) chega a questionar a ideia de que um antissemita poderia ser considerado neurótico. Para ele, isso se deve ao fato de que o antissemitismo era um elemento universal da educação e das condições sociais gerais. Por isso, não é possível delinear a separação entre fatores psicológicos “puros” e fatores políticos e econômicos. Além disso, tendo em vista a necessidade de adaptação como fator primordial do princípio de realidade, ele se questiona se, em uma família antissemita, aquele que se comporta mais neuroticamente seria o filho que trata mal os judeus ou o outro que segue as “doutrinas de bom comportamento e boa vizinhança”. A resposta para isso talvez seja que na sociedade de trocas não há possibilidade de adaptar-se sem também se transformar em objeto e, assim, ser considerado “normal”, porque integrado, porque [produziriam] mímeses enquanto cópia e não enquanto princípio de individuação.⁵²⁴

O neurótico é considerado adaptado às determinações sociais uma vez que vive conflitos internos entre seus desejos e as imposições externas que foram introjetadas, sendo a repressão e a formação de sintoma suas características principais. Na formação de sintoma oriunda do recalque, vemos em ação a substituição de objetos pulsionais,

⁵²³ Freud, S. “Sobre la psicología del colegial” *Obras completas Volumen 13* – Argentina: Amorrortu editores, 2000, p. 249.

⁵²⁴ Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundáí, Paco Editorial: 2014, p. 143.

algo que podemos explicar por nossa já conhecida distinção entre representação-palavra e representação-coisa. Na neurose, o alvo da repressão são os representantes da pulsão, mas não necessariamente o afeto a eles associado. Utilizando outros termos, ocorreria a perda de vínculo da representação-palavra com a representação-coisa, o que impossibilita o acesso, mesmo que indireto, desta última à consciência. Mas o afeto, não sendo reprimido, poderia ganhar diferentes destinos⁵²⁵, como uma associação a outra representação, por exemplo. Em tal associação de um afeto a outra representação, o neurótico poderia produzir um sintoma e vivenciar uma situação de afastamento parcial da realidade.

O delírio do neurótico é algo assumido por Freud em *A perda da realidade na neurose e psicose*. Para ele, “cada neurose perturba de alguma forma o nexo do enfermo com a realidade, é para ele um meio de se afastar dela e, em suas formas mais graves, diz respeito diretamente a uma fuga da vida real.”⁵²⁶ A neurose não só produziria a fuga de uma parte da realidade, mas também provocaria a formação de delírios pela substituição de um fragmento de realidade do qual se defende por outro para o qual é dado “um significado particular e um sentido secreto, que, de uma forma que nem sempre é inteiramente acertada, chamamos de *simbólico*.”⁵²⁷

Na literatura freudiana, fica claro que uma racionalidade defensiva como a do neurótico, cujo funcionamento seguiria, ao menos parcialmente, o princípio de prazer do inconsciente, seria considerada semidesenvolvida, pouco madura, figurando uma fixação ou retorno a uma fase infantil anterior. Em *A negação*, por exemplo, Freud nos apresenta uma versão do desenvolvimento racional do ser humano partir do

⁵²⁵ “As representações reprimidas conseguiriam se manifestar no pré-consciente de maneira substitutiva, isto é, por meio de outras palavras, que seriam então símbolos das representações ‘corretas’, de forma que o afeto poderia voltar a ser evocado a partir de representações ‘erradas’. Esse seria o caso da neurose obsessiva. Por outro lado, a representação inconsciente poderia transferir sua excitação para uma inervação corporal, de forma que esta inervação se tornaria um símbolo da representação reprimida, e o afeto originariamente ligado à representação permaneceria sufocado. Esse seria o caso da histeria de conversão. Já na fobia, o afeto voltaria a ser evocado diretamente a partir da representação inconsciente.” (Peres, R. S., Caropreso, F. & Simanke, R. T. “A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática” *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 27, n. 1, 161-174, 2015, p. 168)

⁵²⁶ Freud, S. “La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 193. Devemos admitir que tal concepção da neurose é fruto de uma mudança importante no pensamento freudiano. Afinal, a neurose era, em seus primeiros textos, pensada como formada exclusivamente a partir de um conflito psíquico, também ganhando nesse texto uma perturbação na relação com a realidade externa. Assim, “l’ensemble du champ psychopathologique sera interprété en termes de relâchement du lien au réel - un principe d’interprétation qui permettra à Freud de systématiser certains tableaux cliniques et de fonder solidement la distinction névrose/psychose sur l’idée d’une gradation dans ladite perte.” (Haber, Stéphane. *Freud et la théorie sociale – La Dispute*: Paris, 2012, pp. 128-9.)

⁵²⁷ Freud, S. “La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 197.

funcionamento psíquico infantil – ao qual o neurótico retornaria ou se fixaria. Para o autor, a primeira diferenciação entre exterior e interior na psique humana seria regida pelo princípio do prazer⁵²⁸ que introjeta tudo o que seria considerado bom e expulsa para fora de si todo o mau. Esta “diferenciação é puramente corporal. Introjetar o que é vivido como prazeroso e expulsar o que é vivido como desprazeroso e estranho é o primeiro mecanismo defensivo de que o *infans* lança mão.”⁵²⁹

Contudo, “esse sistema fechado somente será rompido quando ocorrer a ausência de satisfação, o que provocará a desilusão e a renúncia à satisfação pela via alucinatória. O aparelho psíquico é compelido então a reconhecer a existência de uma exterioridade, o que o obrigará a uma mudança real através da introdução de um novo princípio de atividade psíquica: o princípio de realidade.”⁵³⁰ Desenvolve-se, então, pouco a pouco, o eu e, com ele, as defesas do eu frente ao perigo que a realidade externa pode oferecer. É pelo desenvolvimento das defesas do eu que o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade, que pretende continuar perseguindo as satisfações prazerosas, mas de forma segura. “Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo da realidade não significa a deposição do princípio do prazer, mas a sua salvaguarda. Abandona-se um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, para ganhar, no novo caminho, um prazer seguro, que virá depois.”⁵³¹

Para tanto, é preciso desenvolver um julgamento realista, isto é, que procure reorganizar e reconfigurar a delimitação entre o fora e o dentro não mais a partir do prazer-desprazer, mas a partir da distinção entre fantasia e percepção. Isso seria necessário porque “a percepção não é um processo puramente passivo, mas o eu periodicamente envia ao sistema de percepção pequenos volumes de investimento por meio dos quais toma amostras dos estímulos externos, para voltar a se retirar após cada um destes avanços.”⁵³² Distinção tal que só poderá ser produzida mediante um exame ou teste de realidade que se certifica da existência exterior de uma percepção pelo reencontro com os objetos percebidos. Isso porque, diz Freud,

⁵²⁸ Ou eu-prazer que, sendo lido na chave da segunda tópica seria um narcisismo secundário.

⁵²⁹ Garcia-Roza, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões* – Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1986, p. 76.

⁵³⁰ Garcia-Roza, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões* – Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1986, p. 78.

⁵³¹ Freud, S. “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 116-7.

⁵³² Freud, S. “La negación” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 256.

a oposição entre subjetivo e objetivo não ocorre desde o começo. Ela só se estabelece porque o pensar possui a capacidade de tornar a fazer presente, reproduzindo-o na representação, algo que já foi uma vez percebido, para o qual não faz falta que o objeto siga estando lá fora. O fim primeiro e mais imediato do exame da realidade {de objetividade} não é, portanto, encontrar na percepção objetiva {real} um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrá-lo*, convencer-se de que ainda está lá. (...) Nem sempre, ao se reproduzir a percepção na representação, ela se repete com fidelidade; pode ser modificada por omissões, alterada por contaminações de diferentes elementos. O exame de realidade, então, tem que controlar o alcance de tais desfigurações.⁵³³

Algumas consequências sobre a personalidade autoritária podem ser tiradas de tais desenvolvimentos⁵³⁴. Digamos que os autoritários, além de serem bem adaptados socialmente, atuariam conforme um retorno ou fixação neurótica à fase de diferenciação entre interior e exterior produzida por uma defesa gerida pelo princípio do prazer na primeira infância. Entendemos, com isso, como o infantilismo psíquico e pseudorracional possibilitaria e estruturaria o preconceito.

Contudo, haveria algumas reservas quanto à aproximação entre os neuróticos e os autoritários. A principal característica da neurose é justamente a de um conflito psíquico. Como sabemos, no entanto, nos maiores pontuadores haveria, ao contrário, uma certa coincidência narcísica entre as realidades interna e externa, ou melhor, ocorreria um mesmo movimento de recusa das contradições na interioridade psíquica e na exterioridade social. Logo, o modelo antropológico de *O mal-estar na civilização*, segundo o qual as edificações culturais seriam produzidas às custas das repressões pulsionais, não poderia estar em vigor no tipo autoritário. O que existiria não seria exatamente um recalque, mas a manipulação pulsional pelo social, uma administração industrial (inclusive por meio do lazer enquanto entretenimento) que direcionaria os destinos das pulsões. Sigamos, então, para o ponto de vista psicótico no qual coincidem de modo narcísico as realidades interna e externa.

⁵³³ Freud, S. “La negación” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 255-6.

⁵³⁴ Interessante notar algo que aparece apenas de modo indireto em nossa argumentação: nesta versão do desenvolvimento da racionalidade e julgamento sob o princípio de realidade, a pulsão de morte influi em dois pontos. O primeiro deles seria na perspectiva dissociativa da expulsão, que culminará no julgamento negativo; o segundo seria sob a forma da repetição necessária para a prova da realidade, já que a certificação do objeto se dá por reencontro. “O que até então era visto como algo puramente negativo - a pulsão de morte - passa a ser considerado como um princípio de constituição do objeto e responsável pela estruturação do psiquismo.” (Garcia-Roza, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões* – Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1986, p. 77) Assim, a pulsão de morte aparece em um trabalho conjunto com a pulsão de vida, afinal, o desenvolvimento do princípio de realidade é necessário para a sobrevivência do ser humano, estando a pulsão de morte atuante nas primeiras experiências de constituição da realidade externa, racionalidade, julgamento, noções tão necessárias para as interações sociais.

. Paranoia como possibilidade de psicopatologia modelo para o preconceito

Era de se esperar que a nossa trajetória de investigação considerasse a paranoia como a “psicopatologia modelo” do preconceito, já que algumas das pesquisas clássicas sobre o assunto – como aquelas de Santner e Canetti, por exemplo – enfatizam essa hipótese. Inclusive a associação do fascismo com a paranoia é uma das bases teóricas do imprescindível capítulo “Elementos de Antissemitismo” de DdA. Dentre as muitas passagens que abordam essa associação, lemos:

a paranoia é o sintoma do indivíduo semicultivado. Para ele, todas as palavras convertem-se num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência de que está excluído e de imputar-lhes a culpa que, na verdade, é da sociedade que o exclui do espírito e da experiência.⁵³⁵

Em relação ao preconceito em geral, a paranoia seria o modelo privilegiado para pensarmos a dose de agressão e destrutividade envolvidas na interação social construída de forma dicotômica. De modo mais específico, seria característica da defesa paranoica a separação e classificação da sociedade em categoriais quase espaciais de interior e exterior, eu e não-eu, pessoas “de bem” e “bandidos”, “amigo” e “inimigo”, entre muitas outras classificações, forma de manter o rígido sistema explicativo que sustenta seus delírios. Rigidez que impossibilitaria o questionamento subjetivo sobre a veracidade de suas próprias afirmações. Em tal perturbação epistemológica, o paranoico apelaria, então, para o “vício da causalidade” a fim de explicar suas torções na percepção da realidade: um traço subjetivo seria projetado na alteridade, tornando-se vinculado ao perseguidor ou à minoria – tidos como bodes expiatórios. Ao não se relacionar a nada que não faça referência a si, o paranoico em sua característica narcísica, não reconheceria a alteridade por si mesma, não compreendendo os acontecimentos da ordem social como minimamente separados de si.

A gênese da psicose – de modo geral, e da paranoia em específico – é situada na vivência do complexo de castração, especificamente na recusa da percepção da ausência

⁵³⁵ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 161.

do pênis feminino. Nesta fase do desenvolvimento infantil, a recusa (*Verleugnung*⁵³⁶ que aqui traduziremos por desmentido) de parte da percepção da realidade (a falta do pênis na mulher) seria um mecanismo considerado frequente na infância, momento em que o eu ainda não teria se desenvolvido o suficiente para promover uma síntese psíquica. Contudo, no curso “normal” de desenvolvimento infantil, mediante a progressiva maturidade psíquica, a criança posteriormente desativaria a recusa da percepção da ausência do pênis na mulher e passaria, portanto, ao recalque (*Verdrängung*) tipicamente neurótico. Contudo, caso isso não ocorra, o desenvolvimento psíquico passaria a ser organizado de modo perverso (como veremos com o fetichismo, mais a frente) ou psicótico. Apresentemos as diferenças etiológicas segundo as reações ao complexo de castração. No caso neurótico ocorreria a aceitação e internalização desta representação, o que promoveria um afeto relacionado à angústia da mulher sem pênis. Já no psicótico e fetichista, o desmentido atuaria negativamente sobre a própria representação da falta do pênis na mulher. Especificamente no caso da psicose paranoica, tal informação não seria internalizada, mas transferida integralmente (como que totalmente refletida) para a objetividade. Nesse âmbito, a própria realidade precisaria sofrer modificações para se adequar ao conteúdo que não foi aceito no interior do sujeito e que foi projetado para fora. Daí a noção de delírio. No caso fetichista, a representação da falta do falo da mulher teria sofrido uma dissociação, sendo simultaneamente internalizada e também transferida para uma representação substituta, criando o fetiche que manteria viva a fixação no pênis da mulher.

Dada a sua gênese, a característica mais forte que nos leva a comparar a paranoia e o preconceito vem a ser o seu caráter alucinatório que decorre da necessidade de adaptar a exterioridade à realidade interna, levando o autoritário a produzir uma justificativa persecutória. Quanto a isso, lemos em TAP:

a mania de perseguição (...), como já foi observado com frequência, tem muitas características estruturais em comum com o antissemitismo. Enquanto o paranoico é assolado por um ódio geral, ele, no entanto, tende a “escolher” seu inimigo, a molestar certos indivíduos que chamam a atenção dele sobre si

⁵³⁶ Em textos como “A perda da realidade na neurose e na psicose” ou ainda “Algumas consequências psicológicas da diferença anatômica entre os sexos”, Freud define o desmentido (*Verleugnung*) como também presente na formação psicótica – para além da chamada renegação ou denegação (*Verwerfung*) formulada na análise freudiana do caso Schreber. Assim, se no modelo do fetichismo, a recusa (*Verleugnung*) parcial aparece aliada a um mecanismo de defesa que ainda aceita parte da percepção proveniente do exterior, na rejeição total (*Verwerfung*) produzida pelas psicoses, ela estaria mais associada à formação de um eu narcísico que recusaria completamente a realidade. Seria esta *Verwerfung* que Lacan teria traduzido por *forclusion*.

mesmos: ele se apaixona, por assim dizer, negativamente. Algo semelhante pode ser válido para o caráter potencialmente fascista. Assim que ele alcança um contrainvestimento específico e concreto, que é indispensável para a sua fabricação de uma pseudorealidade social, ele pode “canalizar” a agressividade, que estaria em livre flutuação e, então, abandonar outros objetos potenciais de perseguição.⁵³⁷

Contudo, considerando que uma das principais características da síndrome autoritária sobre a qual nos debruçamos seria justamente o cinismo, há particularidades da paranoia que se afastam de alguns dos traços autoritários descritos em TAP. Como vimos ao abordarmos as racionalizações em nosso capítulo anterior, o tipo antropológico de TAP também se caracterizaria pelo convencionalismo, isto é, pela adequação a ideologias socialmente produzidas e difundidas, adequação que o sistema psicótico não poderia admitir. Isso porque um “ajuste” em favor da convenção social poderia ameaçar o já frágil “sistema delirante” paranoico a ponto de ruir toda a sua construção. Logo, a resposta psicótica seria considerada excessivamente individual, como uma totalidade pessoal. Claro que, no interior do delírio paranoico, figuras sociais poderiam assumir papéis preponderantes, mas o posicionamento privilegiado de tais figuras seria devido a um sistema de organização exclusivamente interno ao sujeito. De forma mais direta, na paranoia os dados sociais se adequariam ao sistema individual, ao passo que, no tipo autoritário, seria principalmente o sujeito que se adequaria ao sistema social. Assim, se a própria definição freudiana faz da psicose “*o desenlace (...) de uma (...) perturbação nos vínculos entre o eu e o mundo exterior*”⁵³⁸, podemos dizer que a adequação às convenções sociais e ideologias dominantes por parte do tipo autoritário o deixaria mais distante do psicótico do que, digamos, do fetichista, como veremos. Finalmente, como o último afastamento da paranoia em relação ao autoritário, pensamos que, na defesa de seu sistema delirante, o paranoico transformaria seu corpo em um símbolo de onipotência que, como tal, não poderia permitir cisões internas nem mesmo uma posição de passividade. Assim, uma cisão do eu e uma decorrente posição cínica seriam impossíveis de serem sustentadas em um modelo paranoico de funcionamento psíquico.

Logo, apesar de portar em si traços paranoicos, esta patologia em si não é desenvolvida pelos mais autoritários e preconceituosos justamente porque não seriam eles os produtores dos “delírios” que o afastam da realidade; ao contrário, tais

⁵³⁷ TAP, p. 611.

⁵³⁸ Freud, S. “La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis” In: *Obras completas - Volumen 19 (1923-25)*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2001, p. 155.

afastamentos seriam socialmente fomentados e simplesmente aceitos pelo indivíduo adequado às determinações contextuais. É Adorno mesmo que nos mostra que haveria, em lugar do distúrbio psíquico propriamente dito, a substituição dos traços da paranoia por um certo comportamento racional fornecido socialmente por figuras e discursos da indústria cultural – como Martin Luther Thomas, por exemplo: “Thomas fornece uma boa consciência intelectual para aqueles que não conseguem pensar. *Ele astuciosamente substitui um esquema ‘paranoico’ por um processo racional.* O dispositivo mais importante de sua lógica de manipulação é sua técnica de transições associativas.”⁵³⁹ Veremos mais a frente como o emprego de tais “transições associativas” aparece com bastante frequência na estrutura fetichista de organização psíquica.

. Perversões e sadomasoquismo no autoritarismo

Nesta parte de nossa tese, seguimos certa tradição da pesquisa empírica do Instituto ao trazer as perversões para a discussão da personalidade autoritária. Lembremos que a duplicidade sadomasoquista na subjugação da alteridade e na submissão ao poder dominante são traços do autoritarismo desde os *Estudos sobre autoridade e família* e que também se fazem presentes em TAP. Trata-se principalmente da já debatida característica do autoritário segundo a qual ele obedece aos “de cima”, de forma masoquista, e ordena aos “de baixo”, de modo sádico.

Vejamos como Freud define as perversões: “descrevi as neuroses como o ‘negativo’ das perversões porque nelas, após a repressão, as moções perversas são exteriorizadas desde o inconsciente anímico e porque contêm, no estado ‘reprimido’, as mesmas inclinações que os perversos positivos.”⁵⁴⁰ As exteriorizações das pulsões perversas seguem o que dissemos no capítulo anterior sobre o supereu dos mais preconceituosos: não estando muito bem internalizado, ele é facilmente externalizável, isto é, projetado para figura sociais – algo bastante frequente na encenação sadomasoquista. Essa atuação sadomasoquista evidencia a falta de delimitação entre eu e alteridade, ativando também a duplicidade pulsional de ódio e amor que estão sempre presentes na interação do tipo autoritário com a realidade. Podemos ver tal ambivalência nas etapas da formação sadomasoquista expostas por Freud:

⁵³⁹ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas’ radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, pp. 33-4. Itálicos nossos.

⁵⁴⁰ Freud, S. “La moral sexual ‘cultural’ y la nerviosidad moderna” In *Obras completas Volumen 9*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 171.

a. O sadismo consiste em uma ação violenta, em uma afirmação de poder dirigida a outra pessoa como objeto. *b.* Este objeto é resignado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno à própria pessoa, consumou-se também a mudança da meta pulsional ativa em uma passiva. *c.* Busca-se novamente como objeto uma pessoa estranha, que, como resultado da mudança na meta, tem que tomar para si o papel de sujeito. O caso *c* é o do masoquismo, como é comumente chamado. (...) Da mesma forma, a transmutação do sadismo ao masoquismo implica um retrocesso até o objeto narcísico; e em ambos os casos o sujeito narcísico é permutado pela identificação com um eu outro, estranho.⁵⁴¹

Como já analisamos em nosso comentário sobre a neurose, a falta de delimitação nítida entre si mesmo e o exterior e a fácil conversão do amor em ódio seriam traços típicos da infância. Sua persistência na vida adulta revela a fixação ou a regressão psíquica a fases infantis de desenvolvimento que podem compor a racionalidade e o funcionamento psíquico do autoritário. A perversão na vida adulta seria também, como o negativo da neurose, uma permanência da condição perversa vivenciada por toda criança.

Além disso, teóricos recentes da cultura e da psicanálise têm delimitado a substituição da noção de neurose pela perversão como psicopatologia relacionada à situação cultural e econômica mais recente:

Assim, estaríamos doravante em uma economia coletiva perversa, outra maneira de dizer que a negatividade não tem mais seu lugar reconhecido como constitutivo da vida coletiva. A negatividade - ou a castração (...) - não é mais aquilo que funda o laço social, mas o que, ao contrário, os sujeitos desmentem [*dénient*] conjuntamente. Isso não significa, no entanto, que os próprios sujeitos tenham individualmente se tornado verdadeiramente perversos.⁵⁴²

De modo mais específico, contudo, não diríamos somente que a perversão recusa a negatividade da norma da castração. Seria possível afirmar ainda que os perversos se submetem à lei, mas acabam como que se apropriando dela para a produção de satisfação pelo próprio cumprimento da lei. É assim que, na encenação sadomasoquista, por exemplo, vemos a apropriação da situação de subjugação a uma norma determinada por um supereu externalizado para fins de satisfação agressiva e sexual. Nesse sentido, Safatle nos diz que a perversão seria

⁵⁴¹ Freud, S. “Pulsiones y destinos de pulsión” In *Obras completas Volumen 14*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 123-4.

⁵⁴² Lebrun, J.-P. *La perversion ordinaire – vivre sans autrui*. Paris: Denoël, 2007, p. 42.

fundada em uma relação particular do sujeito com a lei social. Relação peculiar por basear-se em modos de seguir as injunções da lei sem, com isso, produzir disposições de conduta normalmente conformes à lei. Podemos dizer que isso é possível porque a perversão se funda na consciência da ausência de fundamentos substanciais para as expectativas normativas no campo da sexualidade e na estruturação do núcleo familiar. Nesse nível, o cinismo seria solidário da transformação da perversão, e não mais da neurose, em saldo necessário de nossos processos de socialização. Resultado necessário quando aceitamos que os processos de socialização na contemporaneidade tendem a não passar mais pelo agenciamento de contradições através da repressão e do recalçamento com suas estruturas de denegação (*Verneinung*), mas por meio da aceitação de estruturas normativas duais.⁵⁴³

Vemos que tal duplicidade perversa é debatida em DdA, precisamente no capítulo sobre a Juliette: “Juliette não encarna, em termos psicológicos, nem a libido não sublimada, nem a libido regredida, mas o gosto intelectual pela regressão, *amor intellectualis diaboli*, o prazer de derrotar a civilização com suas próprias armas. Ela ama o sistema e a coerência e maneja excelentemente o órgão do pensamento racional.”⁵⁴⁴ Jogando com a pura forma da lei inaugurada pela moral kantiana – que baseia, a nosso ver, grande parte do comportamento cínico do autoritário em relação aos princípios democráticos formais –, Horkheimer e Adorno evidenciam como o que define as perversões seria justamente essa forma de subjugação simultânea ao gozo em relação à lei, sendo sustentada uma dupla relação com a norma. Se a perversão compartilha com a neurose seus conteúdos fantasiosos, sendo somente seu oposto, Juliette estaria seguindo a lei da universalidade kantiana, assim como o neurótico, ao mesmo tempo em que o faz de modo contrário às expectativas moralizantes. Isso só seria possível dada a recusa em fundar as normas morais em qualquer conteúdo valorativo realizado empiricamente, estando a norma moral somente anunciada em sua forma. Tal desconsideração pelo sensível leva à apatia frente às violências sociais (ou, no caso de Sade, à procura por essas mesmas violências), o que já constitui meio caminho em direção às justificações racionalizadas do preconceito. Não é por acaso que são muitas as pesquisas (como o Eichmann analisado por Arendt⁵⁴⁵) que tratam do homem médio na cadeia hierárquica de poder nazista como aquele que, na aniquilação dos judeus, mantinha suas mãos limpas, dado o seu trabalho de escritório. Para ele, não havia a possibilidade de quebra de hierarquia formal por causa de nenhuma situação ou

⁵⁴³ Safatle, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 22.

⁵⁴⁴ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 81.

⁵⁴⁵ Cf. Arendt, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

conteúdo específicos: ele simplesmente obedecia aos de cima e ordenava aos de baixo conforme lhe era requisitado.

. Fetichismo em homologia com o cinismo do autoritário

Seguindo o exposto sobre as perversões sadomasoquistas, trazemos o fetichismo – como subcategoria perversa que cumpre as normas sociais ao mesmo tempo em que se satisfaz pulsionalmente por uma distorção no próprio cumprimento da lei –, para a elaboração de uma análise mais profunda. Como dissemos anteriormente, no fetichismo, o conteúdo representacional da realidade da ausência de pênis feminino é simultaneamente aceito (levando o sujeito à adequação às normas da realidade externa) e também negado (satisfazendo a pulsão sexual e de autoconservação pela fuga da castração, já que é mantida a fantasia de existência do pênis na mulher por meio de sua transferência para um objeto substituto, o fetiche). Por isso, o fetichista não precisaria modificar nada na realidade, pois se conforma com a determinação social da divisão dos sexos, mas mantém, de forma privada, a sua crença ou fantasia – algo que se aproxima do autoritário que, como é enfatizado várias vezes na obra de Adorno et. al., não delira, propriamente falando. É como se o complexo de castração desencadeasse uma cisão ou duplicidade representativa na psique subjetiva do fetichista: no inconsciente haveria a representação-coisa da mulher sem pênis relacionada à percepção do objeto externo, ao mesmo tempo em que haveria uma outra representação-coisa ligada à fantasia sexual e de autoconservação de um objeto substituto para este pênis da mulher – como o pé, trança ou até mesmo um certo brilho no nariz, só para tomarmos alguns dos exemplos de fetiches trazidos por Freud. Ambas as representações não se anulam no inconsciente, uma vez que, como aprendemos desde *A interpretação dos sonhos*, no isso “pensamentos que contradizem entre si não tendem a se cancelar mutuamente, mas subsistem uns juntos aos outros.”⁵⁴⁶

Digamos que o fetichista segue os ditames sociais não só pela admissão da mulher sem falo, mas também porque ele realiza a unificação das pulsões parciais conforme a exigência civilizacional; mas acaba deturpando-a ao não as centralizar na zona genital, mas sim em torno do objeto fetiche. “De onde se pode concluir que o fetichismo consiste numa perversão singular. No lugar do polimorfismo perverso da

⁵⁴⁶ Freud, S. “La interpretación de los sueños” In *Obras completas Volumen 5*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 586.

disposição pulsional humana, o fetichismo dá lugar a uma *perversão uniforme*.⁵⁴⁷ Esta situação do fetichismo no limiar da patologia/não patologia também é evidenciado pela recusa de sua condição patológica: dificilmente um fetichista busca por uma “cura” ou tratamento psíquico tendo em vista a sua forma de gozar. A sua psique, cindida entre duas representações opostas para fins de defesa, é altamente flexível, suportando cisões internas, o que lhe permite fugir de patologias neuróticas e psicóticas. Assim, lembrando do exposto em nosso terceiro capítulo sobre Ulisses, o fetichismo pode ser lido como um tipo de saída astuta diante de impasses, dificuldades e sofrimento, uma vez que não precisa abrir mão de forma completa de sua satisfação caso seja possível ceder e se adaptar apenas parcialmente às exigências externas.

Como já adiantamos no início do nosso capítulo, a análise do fetichismo se justifica principalmente pela sua homologia com o cinismo: se no fetichismo há a duplicidade simultânea de correntes psíquicas contraditórias, no mais preconceituoso cínico seria conservada simultaneamente a racionalização socialmente aceita, enquanto o desejo agressivo de segregação, submissão e aniquilação de minorias permaneceria atuando em camadas mais ou menos conscientes a si mesmo. Enquanto o fetichista sustenta a oposição “mulher com pênis/mulher sem pênis”, a principal oposição que o autoritário cínico sustenta seria aquela de manutenção da agressividade antidemocrática/defesa da democracia. Se é por meio do fetiche como objeto substituto que o fetichista conseguiria aceitar a realidade social, a posição do cínico só consegue ser sustentada por meio de racionalizações, teorias conspiratórias e estereótipos que permitem ao sujeito seguir agindo socialmente, como se atuasse conforme os ditames democráticos. Ambos seguiriam em suas organizações psíquicas um limiar pouco distinto entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, de forma que a realidade só seria aceita na condição de haver simultaneamente um outro domínio psíquico fantasioso independente das imposições sociais. Pela astúcia e flexibilidade em sustentar discursos e imposições sociais, ambos conseguem manter privadamente (ou de forma narcísica) suas satisfações pulsionais sexuais e agressivas sem levantar a suspeita de uma patologia ou sem trazer para si a acusação de se portar como um antidemocrático ou potencial fascista. Como nos diz Žižek: sua “principal alternativa é a retirada para o cinismo: ‘sabemos que o igualitarismo é um sonho impossível, por isso

⁵⁴⁷ Massara Rocha, G. *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2010, 322p, p. 301.

vamos fingir que somos igualitários, enquanto silenciosamente aceitamos as limitações necessárias’.”⁵⁴⁸

Tal duplicidade cínico-fetichista demonstra, no entanto, o grau de desenvolvimento avançado do esclarecimento do tipo antropológico autoritário: da mesma forma que no fundo se sabe que a mulher não tem pênis, também se sabe que um único grupo ou pessoa não poderia ser a chave de toda a corrupção social, que experiências reais não corroboram os estereótipos, que a defesa do convencionalismo não o fará participar do *status quo*, que as mídias sociais o manipulam; ele, ainda assim, repete os discursos dominantes, as ideologias segregativas, as opiniões dos noticiários (e circulantes nas redes sociais, atualizando nossa análise). Ele só não resiste às racionalizações. Esta atuação, sendo irracional, nem por isso seria completamente inconsciente. Ao mesmo tempo em que aquilo que não poderia ser admitido verbalmente também não estaria necessariamente recalcado. Trata-se de uma racionalidade que se sabe técnica, que está consciente de sua falta de reflexão e, ainda assim, prefere atuar desse modo⁵⁴⁹. Em resumo, eles sabem o que fazem, e continuam a fazê-lo⁵⁵⁰. Ou, como lemos em TAP:

A fim de não minar seu próprio padrão de identificação, eles inconscientemente não *querem* saber demais e estão prontos para aceitar informações superficiais ou distorcidas, desde que confirmem o mundo no qual eles querem continuar vivendo. Seria errôneo atribuir o estado geral de ignorância e confusão em questões políticas à estupidez natural ou à “imaturidade” mitológica do povo. A estupidez pode ser devida a repressões psicológicas mais do que a uma falta básica da capacidade de pensar. Só assim, parece, o baixo nível de inteligência política, mesmo entre nossa amostra universitária, pode ser compreendido. Eles acham difícil pensar e até mesmo aprender porque têm medo de ter pensamentos errados ou de aprender coisas erradas. Pode-se acrescentar que esse medo, provavelmente amiúde devido à recusa do pai em contar à criança mais do que ela é supostamente capaz de compreender, é continuamente reforçado por um sistema educacional que tende a desencorajar qualquer coisa supostamente

⁵⁴⁸ Žižek, S. *First as Tragedy, Then as Farce*. New York: Verso, 2009, p. 66.

⁵⁴⁹ Em seu estudo sobre a astrologia, Adorno também trata do cinismo no qual “as pessoas nunca acreditam inteiramente no que fingem acreditar”, não sendo, portanto, psicóticos: “deve-se enfatizar que não há qualquer justificativa para basicamente se chamar de psicóticos os seguidores da astrologia — uma vez que, como foi demonstrado, ela também serve à função de defesa contra a psicose —, e tampouco para se postular que a astrologia como tal é um indicativo de que as pessoas estão ficando cada vez mais loucas, ou que a paranoia está se espalhando. Entretanto, pode-se aventar na hipótese de que várias situações históricas e sociais favorecem diversas Síndromes psicológicas e ‘trazem à tona’ ou acentuam tipos distintos de possibilidades sempre presentes nos seres humanos. (...) e o corolário dessa estrutura é que as pessoas nunca acreditam inteiramente no que fingem acreditar e, assim, excedem suas próprias crenças, e estão logo inclinadas a traduzi-las em ação violenta.” (Adorno, T. W. *As estrelas descem à Terra*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, pp. 189-90.)

⁵⁵⁰ Cf. Žižek, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

“especulativa” ou que não pode ser corroborada por achados superficiais e declarados em termos de “fatos e números”.⁵⁵¹

No trecho acima, Adorno se refere implicitamente à situação das investigações sexuais infantis elaborada por Freud principalmente em *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, momento em que os pais tendem a mentir ou inventar falsas histórias para saciar a curiosidade infantil sobre “temas adultos”. Esse figura ser um momento importante para a nossa pesquisa em que o psicanalista expõe alguns destinos pulsionais possíveis para a racionalidade humana – a depender de como tais investigações sexuais infantis são desenvolvidas. “Se o período da investigação sexual infantil for encerrado por uma onda enérgica de repressão sexual, o futuro destino da pulsão de investigar abre três possibilidades diferentes derivadas de sua conexão inicial com interesses sexuais.”⁵⁵² O primeiro destino seria o da inibição neurótica na qual a pesquisa infantil é recalcada e sua curiosidade seria inibida ao longo da vida. Contudo, é o segundo destino das pesquisas sexuais infantis que nos interessa: nele, há algum desenvolvimento intelectual, mas não sublimação propriamente dita, justamente porque a racionalidade permaneceria em estreita relação com a meta de satisfação pulsional sexual, seu pensamento estando parcialmente submetido ao princípio de prazer. Isso não quer dizer que a racionalidade não seria desenvolvida, ao contrário. Ela só não conseguiria ser completamente racional, estando marcada principalmente pela repetição compulsiva, como um sintoma. O pensamento seria, então, sexualizado, isto é, passaria a seguir as movimentações da libido:

o desenvolvimento intelectual é forte o suficiente para suportar o baque que recebe da repressão sexual. Depois de algum tempo após o declínio da investigação sexual infantil, quando a inteligência for fortalecida, a antiga conexão oferece, por meio da memória, a sua ajuda para evitar a repressão sexual e a investigação sexual sufocada retorna do inconsciente como um cismar compulsivo, certamente desfigurado e não livre, mas potente o suficiente para sexualizar o próprio pensamento e tingir as operações intelectuais com o prazer e a angústia dos processos sexuais propriamente ditos. O investigar se torna aqui atividade sexual.⁵⁵³

Em paralelo ao funcionamento psíquico do tipo autoritário, neste destino pulsional a racionalidade se mostra semiesclarecida ou semicrítica, funcionando de modo próximo

⁵⁵¹ TAP, p. 662.

⁵⁵² Freud, S. “Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci” In *Obras completas Volumen 11*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 74.

⁵⁵³ Freud, S. “Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci” In *Obras completas Volumen 11*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 74.

a um sintoma, de forma que a própria repetição compulsiva das mesmas ideias, ou ideologias, sem uma real reflexão sobre o conteúdo que se define, bastaria como pseudoargumento semirracional para se ocultar a validade de uma ideia. E, como vimos na citação de TAP feita acima, tal racionalidade encontraria a sua origem na fase das pesquisas sexuais infantis, que tem como um dos temas principais a divisão entre os sexos. Ou seja, a gênese desta racionalidade semiesclarecida ocorreria em uma fase de desenvolvimento bem próxima à reação da criança à ameaça da castração, no mesmo momento da *Verleugnung* ou desmentido infantil que pode culminar na organização psíquica fetichista.

A aproximação entre o modo de comportamento semiesclarecido da racionalidade descrita por Freud e a do tipo autoritário exibida em TAP é nítida:

a ansiedade no nível do eu se relaciona muito fortemente com as ansiedades da infância. O indivíduo tem que lidar com problemas que ele realmente não entende e ele tem que desenvolver certas técnicas de orientação, por mais cruas e falaciosas que sejam, que o ajudem a encontrar seu caminho por meio da escuridão, por assim dizer. Estes meios cumprem uma dupla função: por um lado, eles fornecem ao indivíduo um tipo de conhecimento, ou substitutos para o conhecimento, que tornam possível para ele tomar uma posição que é esperada dele, enquanto ele de fato não está apto a fazê-lo. Por outro lado, eles aliviam psicologicamente por eles mesmos o sentimento de ansiedade e incerteza e proporcionam ao indivíduo a ilusão de algum tipo de segurança intelectual, de algo a que ele pode se ater, mesmo que ele perceba, de modo subjacente, a inadequação de suas opiniões.⁵⁵⁴

Outra ocasião em que Freud trata de um caso de racionalidade que seria ao mesmo tempo esclarecida e submetida ao princípio do prazer seria na análise de Norbert Hanold da *Gradiva* de Jensen. Na trama de Hanold – que é narrada inicialmente a partir de um fetiche do protagonista pela posição de um pé retratado na figura da *Gradiva* – elementos de sublimação (como a pesquisa científica arqueológica) aparecem misturados a desejos de satisfação sexual inconscientes relacionados a lembranças infantis recalçadas. E, talvez o mais importante: Hanold não aparece como um caso patológico, mas é considerado bastante adaptado, racional e intelectual, o que não o impede de delirar: “a motivação científica serve de pretexto para a motivação erótica inconsciente, estando a ciência inteiramente a serviço do delírio.”⁵⁵⁵ Esta confusão que leva à substituição de uma percepção por uma fantasia ou delírio que afastam parcialmente Hanold da realidade é admitida por Freud: “posto que alguns traços

⁵⁵⁴ TAP, pp. 664-5.

⁵⁵⁵ Freud, S. “El delírio y los sueños em la ‘Gradiva’ de W. Jensen” In *Obras completas Volumen 9*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 44.

mnêmicos podem se tornar conscientes, bem como algumas percepções, em particular por causa de sua associação com restos de linguagem, surge aqui a possibilidade de uma confusão que levaria à falsear a realidade objetiva.”⁵⁵⁶ Sobre o assunto, Massara comenta: “se, por um lado, Freud assevera que seu ‘delírio’ deve ser compreendido como uma sobreposição de elementos oriundos de uma formação do inconsciente (...), no âmbito da experiência cotidiana da vigília, por outro lado, parece evidente que as convicções e propósitos científicos do arqueólogo parecem funcionar efetivamente como elementos substitutivos das moções pulsionais que neles se fazem representar.”⁵⁵⁷

Esta possibilidade de determinação entre as produções inconscientes sobre as percepções é admitida também, em outro momento, sob o signo da definição freudiana de racionalização. Em oposição direta ao exame de realidade, a racionalização sacrificaria parte da conferência da percepção da realidade externa em favor das manifestações, desejos e satisfações inconscientes. Nesse sentido, as racionalizações utilizadas pelo autoritário em TAP seriam verdadeiras substituições das representações-palavras – que estavam diretamente ligadas a representações-coisa cujo afeto e pulsão seriam agressivos – por outras a fim de que a agressividade pudesse ser exposta conscientemente sem qualquer condenação. É exatamente isso que Freud nos diz: “em sua ânsia de mediar o isso e a realidade, [o eu] se vê frequentemente forçado a disfarçar os mandamentos *icc* do isso com suas racionalizações *prcc*, a encobrir os conflitos do isso com a realidade, a simular com insinceridade diplomática uma consideração pela realidade, mesmo que o isso tenha permanecido rígido e inflexível.”⁵⁵⁸ Tal organização da racionalidade semiesclarecida em Freud operaria de modo muito semelhante ao funcionamento fetichista ao manter certo nível de adequação à realidade objetiva enquanto consegue, ao mesmo tempo, alcançar a satisfação pulsional inconsciente.

Ademais, o fetichista teria ainda outra vantagem em nossa homologia com o tipo autoritário: sua estrutura é organizada em torno de um objeto fetiche. Começemos por lembrar que o fetichista não encontra sua satisfação pulsional em objetos empíricos, pois os objetos localizados na realidade objetiva seriam somente substitutos do objeto pulsional fantasioso, o pênis da mulher. Este objeto pulsional deve, então, ser

⁵⁵⁶ Freud, S. “Esquema del psicoanálisis” In *Obras completas Volumen 23*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, p. 201.

⁵⁵⁷ Massara Rocha, G. *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2010, 322p, p. 276.

⁵⁵⁸ Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 31a conferencia. La descomposición de la personalidad psíquica” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 72-3.

idealizado, já que parte do sujeito sabe de sua irreabilidade, de sua fragilidade enquanto substituto, sendo quase que um símbolo ou aparência que só é designado como o centro da satisfação sexual pelo reforço constante de investimento pulsional, precisando ser engrandecido e exaltado continuamente para reafirmar a sua efetividade. “Talvez por isso, sob uma perspectiva da clínica psicanalítica, o discurso do fetichista é habitualmente estéril, circular e aparentado à retórica da veneração, de um enunciado que tem em seu horizonte sempre a mesma coisa.”⁵⁵⁹ Contudo, não podemos dizer que o prazer do fetichista está no fetiche em si, mas no que ele simboliza, ou seja, na negação de parte da realidade, o que mantém a sua fantasiosa completude não castrada. De forma bastante similar, como vimos na introdução ao presente capítulo, o autoritário *precisa* de um objeto substituto para satisfazer suas pulsões, objeto este que também seria idealizado, como um símbolo quase onipotente que o permitiria fugir de determinado aspecto desprazeroso da realidade. Tratem-se de saber, então, qual seria esse objeto-fetiche do autoritário.

A racionalidade do autoritário, fazendo a mimese da propaganda de mercadorias no sistema capitalista, repetiria exaustivamente o que Adorno chama de um termo autoritário fetiche.

O meio mais característico de propagandisticamente estabelecer autoridade de um modo quase racional, sem recorrer a instituições tradicionalmente aceitas, consiste em tomar um termo autoritário e torná-lo uma espécie de fetiche. Este dispositivo foi observado pelo Dr. A. Sanders sob o título de “palavras mágicas”. O melhor exemplo para este dispositivo é a personificação de regimes totalitários em todo lugar, por um Duce, um Führer ou, com Martin Luther Thomas, um líder.⁵⁶⁰

Antes de tudo, podemos notar que o objeto fetiche pode ser uma ideia ou termo, concebidos como “palavra mágica”. Relacionando parcialmente o fetiche freudiano com o marxiano, podemos dizer que se a repetição da troca de mercadorias na circulação

⁵⁵⁹ Massara Rocha, G. *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2010, 322p, p. 296.

⁵⁶⁰ Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas' radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000, pp. 38-9. Algo bastante similar é dito também por Horkheimer: “The pedantry of matter-of-factness produces, conversely, a fetishism of ideas. Today ideas are approached with a sullen seriousness; each as soon as it appears is regarded as either a ready-made prescription that will cure society or as a poison that will destroy it. All the ambivalent traits of obedience assert themselves in the attitude to ideas. People desire to submit to them or to rebel against them, as if they were gods. Ideas begin by playing the role of professional guides, and end as authorities and Führers. Whoever articulates them is regarded as a prophet or a heretic, as an object to be adored by the masses or as a prey to be hunted by the Gestapo.” (Horkheimer, M. “Art and mass culture” In *Critical Theory: Selected essays* – Continuum: New York, 2002, p. 287)

capitalista faz parecer que o objeto tem vida própria e independente, sendo dotado de autonomia e se portando como um *fait accompli*, isto é, como algo dado, sem gênese, nem explicação, nem história, mas que no fundo serve para encobrir um outro conteúdo ou relação. O mesmo ocorreria com uma ideia ou até mesmo um nome: estes não precisarão de uma justificativa ou gênese explicativa, sua mera repetição se encarrega de torná-la fetichizada. Resta saber, com isso, quais seriam tais ideias e até mesmo nomes fetichizados. Inferimos, pela citação acima, que um dos nomes ou ideias-fetichismo mais explícitos do autoritário seria, evidentemente, a figura do líder.

Outro elemento que também pode ser considerado como o objeto fetiche do autoritário seria aquela designação insistentemente repetida como inimigo, que se constitui como objeto de ódio. Vimos anteriormente que a externalização do supereu permite uma cisão das características de amor e ódio a serem projetadas em dois objetos distintos. Assim, propomos que, algo diferente do que aconteceria com o fetichista, uma das escolhas de objeto privilegiado do autoritário não seria somente relacionada às pulsões sexuais na sua ânsia de prazer, mas também obedeceria às pulsões agressivas em sua forma indireta, defensiva, desviada. Em nosso reforço, Adorno recorre, em *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, à leitura de *Psicologia das massas e análise do eu* para construir seu objeto-fetichismo “negativo”:

Considerando que a libido positiva é totalmente investida na figura do pai primitivo, o líder; e que são poucos os conteúdos positivos disponíveis, é preciso descobrir uma negativa. “O líder ou a ideia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva”. Parece desnecessário dizer que essa integração negativa se alimenta do instinto de destrutividade, uma figura que o pensador não refere explicitamente em *Psicologia das massas*, mas cujo papel decisivo ele todavia reconheceu em *O Mal-estar na civilização*.⁵⁶¹

Seguimos também Žižek⁵⁶² para quem as minorias, os considerados socialmente fracos, seus representantes, símbolos e ideologias seriam exemplos de objeto-fetichismo “negativo” dos mais preconceituosos. Estes seriam os substitutos da agressividade e insegurança dos autoritários, produto da projeção daquilo que não se quer assumir, a própria fraqueza. A organização da realidade seria reconfigurada a partir de tais objetos-

⁵⁶¹ Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, p. 5. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951_.htm?134956803. Última consulta em 24 de junho de 2014, p. 6.

⁵⁶² Cf. Žižek, S. *First as Tragedy, Then as Farce*. New York: Verso, 2009.

fetichismo que ganharia importância maior do que eles realmente têm, dotando-os de onipotência, onipresença e malignidade não verificáveis na realidade. Assim, se de um lado o cinismo levaria os sujeitos a apoiarem apenas formalmente valores democráticos, de outro a existência do objeto-fetichismo evidenciaria o modo mais direto de satisfação da pulsão agressiva, o alvo do problema a ser exterminado imediatamente. O objeto-fetichismo – veículo do preconceito – seria, então, um sintoma da personalidade autoritária por denunciar a distância do sujeito em relação à realidade, mostrando o quanto há de projeção fantasiosa na compreensão do mundo e das interações do autoritário com a alteridade. Vemos em operação no fetichismo e no cinismo um descolamento da palavra em relação à coisa, do objeto fantasioso em relação à realidade externa.

Lembremos ainda que a racionalidade do autoritário, sendo semiesclarecida, no fundo sabe que o objeto-fetichismo é somente um símbolo, sabe que no fundo não haveria “mocinhos e bandidos” sociais. Ele necessita substituir continuamente as figuras que preencheriam a estrutura de ideia fetichismo sob o perigo de que sua parcela esclarecida da racionalidade revele abruptamente a falsidade deste objeto. É nesse sentido que vemos como “os fetichistas não são sonhadores perdidos em seus próprios mundos privados, são ‘realistas’ profundos capazes de aceitar a maneira como as coisas são porque, agarrados ao seu fetichismo, são capazes de mitigar o impacto total da realidade.”⁵⁶³ Tal visão corrobora a avaliação de Adorno em TAP que descreve o cínico autoritário como “pé-no-chão”⁵⁶⁴. Este senso de realidade, no entanto, não interfere em uma mudança de atitudes.

As pessoas não crêem inteiramente em seu líder, assim como, no fundo de seu coração, crêem muito pouco que os judeus sejam o diabo: elas representam sua identificação com ele, ao invés de realmente se identificarem; encenam seu próprio entusiasmo, de modo a participar da performance de seu líder. É através dessa performance que conseguem estabelecer um equilíbrio entre suas necessidades instintivas, permanentemente mobilizadas, e o estágio histórico de esclarecimento que eles alcançaram e que não pode ser revogado arbitrariamente. Provavelmente é a suspeita do caráter ficcional de sua “psicologia das massas” que torna as multidões fascistas tão implacáveis e difíceis de serem abordadas. Se elas parassem para pensar por um segundo, o conjunto da performance se partiria em pedaços e elas poderiam entrar em pânico.⁵⁶⁵

⁵⁶³ Žižek, S. *First as Tragedy, Then as Farce*. New York: Verso, 2009, p. 65.

⁵⁶⁴ “o (...) típico cinismo, uma fusão de desprezo pelo homem, exagerado pé-no-chão (*down-to-earthness*) e destrutividade subjacente, tem expressão permitida sem censura.” (TAP, pp. 719-20.)

⁵⁶⁵ Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*, p. 10. Tradução modificada por nós. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-

Esta substituição atuada à revelia de sua falsidade modifica, a nosso ver, a concepção de ideologia tal como comumente a compreendemos. A ideologia perde sua característica de mascaramento da realidade e, ainda assim, continua operante. Nesse âmbito, a dialética entre o mito e o esclarecimento se complexifica mediante a realização insuficiente do saber esclarecido, que não tem forças para produzir uma ação emancipadora. Como nos indica Safatle,

ao afirmar que a diferença entre ideologia e realidade desapareceu, Adorno procura lembrar que, na contemporaneidade, a ideologia transparece e *afirma-se enquanto tal* na própria efetividade, sem que isso modifique o engajamento dos sujeitos em seu campo. Ele insiste na existência de certa relação de duplicação (*Verdoppelung*) entre ideologia e realidade, a fim de lembrar que “a ideologia não é mais uma capa [*Hülle*], mas a ameaçadora aceitação [*Antlitz*] do mundo”.⁵⁶⁶

Não sendo mais um completo refém de pensamentos reificados, nem por isso o cínico agiria desmascarando ideologias, mas continuaria a segui-las de modo alienado mesmo sabendo da inadequação de tais ideias. A crítica como desvelamento de um conteúdo substituído, escondido, mascarado efetivou-se, ao mesmo tempo em que se tornou inoperante. Os discursos circulantes na cultura lhe seriam claros e transparentes em suas falsidades, mas isso não seria suficiente para anular o poder de regulação prática da própria vida e de interações sociais a partir destas ideologias. Modo de não assumir posicionamentos críticos a fim de se manter apto a trabalhar e consumir, o cinismo do autoritário encontraria na passividade uma forma de sobrevivência e perseverança em um mundo onde não se acham motivos suficientemente fortes para um rompimento com o sistema operante. Como diria de forma mais completa Sloterdijk:

os cínicos não são burros e de vez em quando eles certamente veem a nulidade a que tudo leva. Seus aparatos psíquicos (*seelisch*) têm de se tornar elásticos o suficiente para incorporar, como um fator de sobrevivência, uma dúvida permanente sobre suas próprias atividades. Eles sabem o que estão fazendo, mas eles fazem isso porque, no curto prazo, a força das circunstâncias e o instinto de autopreservação estão falando a mesma língua, e eles estão lhes dizendo que isso tem de ser assim. Outros iriam fazê-lo de qualquer maneira, talvez até pior. (...) O cinismo é uma *falsa consciência esclarecida*. É aquela consciência modernizada, infeliz, em que o esclarecimento tem trabalhado tanto com sucesso, quanto em vão. Ele aprendeu suas lições do esclarecimento, mas não as colocou, e provavelmente

[A Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda 1951 .htm?134956803](#). Última consulta em 24 de junho de 2014.

⁵⁶⁶ Safatle, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008, p. 96

não era apto para colocá-las em prática. Abastada e miserável ao mesmo tempo, esta consciência já não se sente afetada por qualquer crítica da ideologia; sua falsidade já está reflexivamente amortecida.⁵⁶⁷

Logo, em tal reconceituação da ideologia, esta não nega mais a realidade, mas se funde com o real. O indivíduo, tão adaptado a esta realidade unidimensionalizada, torna-se ele mesmo ideologia: “se o conceito de homem, do que se trata, converteu-se em ideologia porque os homens se limitam a ser apêndices da maquinaria, poderia dizer-se então sem exagerar muito que na situação presente seriam literalmente os homens mesmos, em seu ser-assim e não-de-outro-modo, a ideologia que se dispõe a eternizar a vida falsa apesar de sua manifesta absurdidade.”⁵⁶⁸

Por fim, não podemos deixar de estabelecer uma última comparação, desta vez entre os modelos paranoico e fetichista de funcionamento psíquico relativamente ao autoritarismo. Pensamos que a gênese da diferenciação entre o modelo fetichista e o paranoico nas análises do preconceito residiria principalmente no contexto e características escolhidas como base da análise. Não esqueçamos que a abordagem de “Elementos de Antissemitismo”, que dá ênfase na paranoia, foi abundantemente analisada juntamente ao fascismo, mais precisamente ao momento abertamente totalitarista do Terceiro Reich alemão. A violência direta, ou seja, dotada de menos racionalizações e realizada conforme um programa de extermínio completo de um grupo étnico como “solução final” parece necessitar de um sistema estruturado em uma totalidade praticamente delirante de justificativa em que questionamentos, paradoxos ou dubiedades não seriam admitidos. Acreditamos, no entanto, que uma pesquisa realizada nos Estados Unidos nos anos 1940, país dotado de sistema político democrático menos abertamente autoritário, precisa ao menos da aparência formal de uma pretensão à igualdade humana. Assim, as experiências preconceituosas precisariam ser mais veladas, simbólicas, indiretas e racionalizadas para que a dominação e o extermínio de minorias possam ser levados a cabo.

Nesse âmbito, é a manutenção do preconceito, autoritarismo e fascismo em contextos democráticos que nos leva ao interesse especial pelo cinismo, cisão do eu, desmentido e racionalizações, culminando em uma homologia com o modelo fetichista. Pensamos que dar proeminência à hipótese fetichista ao invés da paranoica seria um

⁵⁶⁷ Sloterdijk, P. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1988, p. 5.

⁵⁶⁸ Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” In *Escritos Sociológicos I*. Obra Completa 8. Madri: Ediciones Akal, 2004, p. 18.

passo a mais para tratar o preconceito como um problema vinculado à estrutura da cultura e socialização, ao menos na fase do capitalismo monopolista em que TAP se encontrava, em vez de identificá-lo como uma anomalia psicótica e circunscrita a uma situação histórica determinada como de exceção. Logo, o cinismo do tipo autoritário em homologia com o fetichismo nos ajuda a diagnosticar o problema do preconceito em ambientes pseudodemocráticos dominantes na ocidentalidade, o que implica na criação de estratégias renovadas de atuação crítica para fins emancipadores.

. Inquietante e mimese no preconceito e no caminho para a emancipação

Ao tratarmos dos traços e funcionamentos psicopatológicos relacionados ao tipo antropológico autoritário, procuramos, com isso, destacar o sofrimento dos sujeitos descritos na obra – mesmo que, a rigor, o autoritário não esteja “doente”. Se o sintoma principal do tipo autoritário seria o afastamento da realidade, a gênese de tal comportamento é encontrada na tentativa de fuga de um desprazer sentido quando em contato com elementos da realidade. Como nos diz o próprio Adorno:

A ideologia antissemita moderna é o antídoto contra os sofrimentos ocasionados pela civilização racional, mais do que a expressão imediata dessa civilização ou o tipo de irracionalidade ostentada pelo antissemita. (...) O aspecto objetivo decisivo do antissemitismo atual é o fato de que ele não pode ser atribuído a impulsos espontâneos da população. É uma doutrina cuidadosamente ponderada, racionalmente planejada, promovida a partir de cima, que utiliza poderosas disposições sociopsicológicas das massas.⁵⁶⁹

Visto isso, se tratamos aqui de uma antropologia, procuramos compreendê-la como um retrato da condição do sofrimento humano em um contexto delimitado, sofrimento este que seria fruto da imposição de determinações da objetividade sobre o sujeito. Trata-se, dizemos novamente, de uma antropologia, e não de uma psicologia, justamente porque não falamos de um sofrimento individualizado, mas socialmente produzido. Lembremos que, para Adorno, “a necessidade de dar voz ao sofrimento é condição de toda verdade. Pois sofrimento é objetividade que pesa sobre o sujeito; aquilo que ele experimenta como seu elemento mais subjetivo, sua expressão, é objetivamente mediado.”⁵⁷⁰ Assim, ao produzirmos uma análise antropológica a partir das contradições que indicam o

⁵⁶⁹ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, pp. 5-6.

⁵⁷⁰ Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Zahar: Rio de Janeiro, 2009, p. 24.

sofrimento humano, estamos, no fundo, diagnosticando e criticando as determinações sociais capitalistas que fomentam essas próprias contradições e sofrimentos.

Visto isso, a liberação de tal sofrimento, tanto em uma amplitude pessoal quanto social, dependeria do sujeito encarar sua condição de dominado que é constantemente negada, naturalizada, encoberta, algo que a análise das contradições de uma antropologia pode fazer. Isso só poderia ocorrer se o ser humano admitisse o distanciamento que perdura entre suas ideologias e a realidade, forma de assunção da mistura que prevalece em sua racionalidade entre a percepção e a projeção fantasiosa.

Na psicanálise freudiana, um dos momentos em que o ser humano vive a experiência de reconhecimento da confusão entre suas percepções e projeções seria justamente na situação *das Unheimliche* (que traduzimos aqui por inquietante). Conceito de origem estética, a noção de inquietante – que designa uma significação simultaneamente como própria e alheia – é definida por Freud da seguinte forma: “o inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar.”⁵⁷¹ Ainda segundo a sua teoria, “o efeito inquietante é fácil e frequentemente atingido quando a fronteira entre fantasia e realidade é apagada.”⁵⁷² Pensando na relação do sujeito com a realidade externa, podemos dizer que ele utiliza seus movimentos pulsionais para a construção representacional de objetos de prazer que seriam simultaneamente reais e fantasiosos. Em consonância a este princípio, segundo Freud, o ser humano não se relacionaria estritamente com os elementos da objetividade e com uma alteridade destacada de si, mas, ao contrário, a interação humana ocorreria por uma mistura de elementos da realidade externa e de construções resultantes de movimentos próprios da esfera pulsional inconsciente. Desse modo, a alteridade, e todo outro objeto pulsional, está presente de forma dupla para o sujeito desejante, a saber, como íntima-fantasiada e como estrangeira-real. Em outras palavras, “isso não quer dizer que este objeto não exista fora do sujeito, isso quer dizer que, mesmo se o objeto é encontrado em uma outra pessoa que não o sujeito cuja a existência ou a realidade não é colocada em dúvida, do ponto de vista do que ele permite na economia pulsional, ele é uma invenção.”⁵⁷³

⁵⁷¹ Freud, S. “O inquietante” In *História de uma neurose infantil : (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920) vol. 14* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 331.

⁵⁷² Freud, S. “O inquietante” In *História de uma neurose infantil : (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920) vol. 14* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 364.

⁵⁷³ David-Ménard, M. “Les pulsions caractérisées par leurs destins : Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb?” In *Revue germanique internationale* [En ligne], mis en ligne le 29 juillet 2011, consulté le 28 septembre 2012, § 31.

Mediante tais concepções, entendemos que o inquietante designaria um momento, normalmente evanescente, de percepção da condição de mistura entre fantasia e realidade externa em todos os objetos com que o ser humano lida, inclusive a alteridade; sensação que acompanha o desvelamento da distinção opaca, turva, embaçada que existe entre a realidade interna e a externa. Seus efeitos são frequentemente físicos, como uma sensação de estranhamento, desorientação, transtorno, distúrbio inominável, acompanhado de arrepios e mal-estar. Trata-se, portanto, de um momento somático e incontornável resultante da percepção dos limites de si mesmo e da exterioridade, da percepção do quanto há de não identidade em si mesmo e o quanto há de si mesmo na não identidade. Seria percebida uma zona de aproximação extrema entre o que pertence a si mesmo ou ao outro, à fantasia ou à realidade, persistindo a sensação da presença de um duplo de si mesmo no exterior de si, ou duplo de um outro em si mesmo.

Contudo, sendo apenas um instante, o inquietante pode muito bem ser novamente negado, afastado, dominado, recalcado. Ao menos é isso que vemos ocorrer em “Elementos de antissemitismo”. Isso porque, para Horkheimer e Adorno, esta sensação inquietante estaria relacionada com a insistência de traços miméticos, provenientes da proto-história biológica e arcaica, que foram recalcados em retornarem à consciência e memória do ser humano esclarecido. Nesse sentido, o preconceito do autoritário seria uma resposta à sensação inquietante de aproximação mimética entre si mesmo e outro que não pôde ser suportada, tendo de ser afastada violentamente. Ao se afastar desta sensação inquietante, o sujeito projetaria tal conteúdo na alteridade que passa a ser, então, odiada. Nesse sentido, em DdA, os autores recorrem ao termo *Unheimliche* para tratar da gênese do antissemitismo, situação em que os preconceituosos não suportam (*leiden*) traços (ou idiosincrasias) específicas que procuram apagar de si mesmos.

Os homens obcecados pela civilização só se apercebem de seus próprios traços miméticos, que se tornaram tabus, em certos gestos e comportamentos que encontram nos outros e que se destacam em seu mundo racionalizado como resíduos isolados e traços rudimentares verdadeiramente vergonhosos. O que repele por sua estranheza é, na verdade, demasiado familiar. (Nota: Cf. Freud. *Das Unheimliche*) São os gestos contagiosos dos contatos diretos reprimidos pela civilização: tocar, aconchegar-se, aplacar, induzir.⁵⁷⁴

⁵⁷⁴ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 150. Como paralelo, em TAP, a interação entre a noção de antissemitismo e mimese aparece da seguinte forma: “the stereotype of Jewish aggressiveness shows a characteristic of anti-Semitic thinking which deserves closer investigation. It is the mixing, in allegations

Contudo, não é simples compreender como o inquietante simboliza a reminiscência de traços miméticos que foram recalcados pelo esclarecimento, mas nunca completamente dominados. Não compreendemos facilmente a quais traços miméticos os autores estariam se referindo aqui. Isso porque a mimesis, sendo um conceito multifacetado, aparece no contexto do preconceito como falsa mimese. Trata-se, no caso do autoritário, da dissolução de si no outro, mas este si mesmo seria o pseudoindivíduo adaptado ao outro enquanto totalidade falsa do capitalismo que forja uma segunda natureza social e humana na qual não haveria conflitos. A naturalização da realidade capitalista levaria à quase impossibilidade de pensar outras condições e cenários para a realização humana. É como se o sujeito só pudesse se adaptar a este mundo enquanto dado, dissolvendo-se sem que houvesse uma reflexão sobre as contradições existentes em si e na exterioridade. A mimese falsa não procura fomentar um conhecimento de si e novas experiências com a alteridade, mas visa a naturalização e perpetuação do existente enquanto falso. Nesse sentido, a falsa mimese seria o resultado da manipulação social de elementos subjetivos que, não sendo completamente dominados, retornam – como inquietante. “O que o fascismo manipula é a revolta da natureza sufocada contra a totalidade da dominação, e é a revolta da natureza sufocada que a indústria de massas recircula em imagens de sexo, prazer e falsa felicidade. A repressão da natureza interna e externa elevou-se a proporções tão sem precedentes que a revolta contra essa própria repressão torna-se objeto de uma nova exploração e manipulação.”⁵⁷⁵

Por outro lado, se a falsa mimese é realizada no preconceito, ela ocorre para evitar que um outro tipo de mimese irrompa. Esta outra mimese, mais verdadeira, corresponderia à denominação da “proto-história biológica” do ser humano narrada em “Elementos de Antissemitismo”. Relacionada ao corpo, a mimese verdadeira estaria vinculada a uma noção de experiência na qual o ser humano se relacionaria não com

against the Jews, of crudely physical acts of aggression with hypotheses of a more psychological nature. Just as the idea of ‘Jewish blood’ ranges from the fear of ‘pollution of the race,’ where the term blood is used only figuratively, to the hysteria of bodily ‘poisoning’ inflicted by Jewish blood donors, the imagery of aggressiveness ranges from the Jews using their elbows when standing in a queue to their allegedly ruthless business practices. This suggests the retrogressive, ‘mythological’ feature of some anti-Semitism. Mental dispositions are translated into physical reality both in order to soothe the fear of the incomprehensible ‘alien mentality’ and to add a sense of the real to that which is actually only projective. This retranslation probably throws some light on the over-all insistence of the anti-Semite on Jewish physical traits.” (TAP, p. 641)

⁵⁷⁵ Benhabib, Seyla. “A crítica da razão instrumental” In Žizek (org.) *Um mapa da ideologia* – Contraponto: Rio de Janeiro, 1994, p. 87.

repetições projetivas de si mesmo, mas com a não identidade. Esta outra concepção mimética, mais próxima da análise estética adorniana, é introduzida por Gagnebin da seguinte forma:

uma aproximação do outro que consiga compreendê-lo sem prendê-lo e oprimi-lo, que consiga dizê-lo sem desfigurá-lo. Essa proximidade na qual o espaço da diferença e da distância seja respeitado sem angústia, esse conhecimento sem violência nem dominação já era a idéia [sic] reguladora que orientava toda crítica de Adorno na Dialética do esclarecimento. É a idéia de uma reconciliação possível. (...) Vocês lembram que essa reação originária de “idiossincrasia” era citada por Adorno na sua crítica ao comportamento mimético perverso do anti-semita [sic]. Aqui (...) esse arripio mimético originário reaparece, mas sob sua figura reconciliada.⁵⁷⁶

Esta mimese verdadeira significaria uma forma de relacionamento com o mundo, condição para a reflexão da racionalidade. Seria um modo de experiência de aproximação com a não identidade revelada como não projetiva, que promoveria um tipo de conhecimento de si e do outro pelo corpo, preparação para a constituição de um saber. “Deste modo, a *representação mimética* representaria o suporte material, físico, para a constituição do pensamento.”⁵⁷⁷ Considerando o que desenvolvemos à propósito

⁵⁷⁶ Gagnebin, Jeanne Marie. “Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin” *Perspectivas*, São Paulo, 16: 67-86, 1993, pp. 84-5. Tal ideia de mimese que envolve uma noção de conhecimento, aproximação com a alteridade e reconciliação, faz-nos lembrar mais uma vez de Walter Benjamin. Ele trata do jogo como repetição e aprendizado sob influência da brincadeira de *fort-da* exposta por Freud em *Para além do princípio do prazer*, momento de fusão e compromisso entre a pulsão de morte e a pulsão de vida criadora do novo. Benjamin produz, a nosso ver, uma história do desenvolvimento humano, inclusive da racionalidade e conhecimento a partir da mimese, fazendo com que as semelhanças não sejam meramente repetidas, cada repetição se tornando necessária não só para a constituição de si pela aproximação com o outro; mas também de forma que a cada repetição um novo dado seja acrescentado, sendo este processo gerido pela pulsão de vida. A mimese em Benjamin se torna, então, a experimentação de si mesmo como outro. Entretanto, tal aproximação entre Benjamin/Freud e Adorno não é tão simples de ser produzida pois, como já sabemos por meio de cartas trocadas entre Benjamin e Adorno, tal concepção mimética não seria, para Adorno, efetivamente crítica, uma vez que não seria movida pela contradição dialética, mas se aproximaria mais de uma aceitação do existente.

⁵⁷⁷ Freitas, Verlaïne. *Para uma dialética da alteridade: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Th. Adorno*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, 206p, p. 31. Algo que, inclusive, já trouxemos à luz em nosso terceiro capítulo, à propósito do primeiro conhecimento humano a partir do encontro entre *Nebenmensch* e o bebê descritos por Freud em *Projeto de uma psicologia científica*: lembremos que o lactente desenvolveria o conhecimento de seu próprio corpo por imitação dos movimentos do *Nebenmensch*, seu semelhante, a pessoa ao seu lado. Mas sem que, com isso, a alteridade seja absorvida pelo bebê. Ao contrário, o outro se mantém diferente de si mesmo. Repetimos aqui a citação bastante clara e precisa: “É a partir da pessoa ao seu lado, portanto, que o homem aprende a se reconhecer. Então os complexos de percepção que partem dessa pessoa ao lado serão em parte novos e incomparáveis, por exemplo, seus traços no domínio visual; outras percepções visuais, por exemplo aquelas de seus movimentos da mão, coincidirão no sujeito com a lembrança de suas próprias impressões visuais, bastante semelhantes [*ganz ähnlicher*], provenientes de seu próprio corpo, e com as quais se acham em associação as lembranças de movimentos vividos por ele mesmo. Ainda outras percepções do objeto, por exemplo enquanto ele grita, lembram seu próprio gritar, e, de uma só vez, os acontecimentos de dor que lhe são próprios.” (Freud, S. *Esquisse d'une psychologie*. Toulouse: Éditions Érès, 2011, p. 85.)

das representações pulsionais em Freud, podemos pensar que este modo de conhecimento mimético, mesmo que não conceitual, permitiria uma reorganização das representações-coisa e representações-palavras, o que reorientaria também os afetos e, finalmente, os destinos pulsionais relacionados a tais representações. Assim, uma outra relação com a exterioridade como não identidade poderia significar uma mudança nas formas de desejo, de afetos, outros modos de memorizarmos conteúdos, modificando também a percepção e reflexão humanas.

Esta seria uma das formas de compreendermos o propósito de Adorno de reformar a capacidade humana de se ter experiências – no sentido de *Erfahrung*. Esta é uma proposta recorrente na obra de Adorno e que também aparece em TAP, em uma passagem na qual os autores, a fim de combater o preconceito, procuram pela possibilidade de “reconstituir a capacidade de *ter* experiências para prevenir o crescimento de ideias que são malignas no sentido mais literal, no sentido clínico”⁵⁷⁸. É justamente esta capacidade de se ter experiências com aquilo que é considerado como estranho a si que o autoritário reprime, bloqueia e afasta. Percebemos, então, que o preconceito seria um modo de negar a mimese com a não identidade anteriormente vivida e que tinha sido reprimida, mas que tem no inquietante um sinal de seu retorno. Nessa construção de uma nova experiência estão envolvidos em uma mesma constelação conceitual as concepções de inquietante (que evidenciaria o que há de projetivo da realidade, bem como o que há de não identidade na subjetividade), a mimese (como os traços corporais e pulsionais de um modo de comportamento próximo à alteridade que foram negados em sua realização) e sofrimento (produzido pela recusa de expressão deste comportamento mimético). Conceitos estes comprometidos com a noção de antropologia tomada enquanto história natural, como expusemos em nosso quinto capítulo – especificamente com a forma como elementos da história dominante, sedimentados como segunda natureza, impossibilitam a realização de um outro sentido histórico pela recusa da emergência de traços naturais-miméticos nunca completamente realizados, mas nunca inteiramente sufocados. Em outras palavras:

não sofrer, não suportar o outro, significaria assim, mais profundamente, não suportar a lembrança desse *leiden* primeiro, dessa passividade e dessa indiscriminação originárias que nosso corpo estruturado e individualizado (...) ainda vagamente recorda quando é surpreendido, invadido, por reações involuntárias, expressões miméticas dessa corporeidade indiferenciada e viva (*Leibhaftigkeit*) que também nos constitui, mas que não controlamos, que nos

⁵⁷⁸ TAP, p. 617.

é simultaneamente íntima e estranha, *unheimlich*. Todos esses conceitos — *mimesis*, *unheimlich*, *Leib* e *leiden* — se juntam neste parágrafo V para descrever a raiz do comportamento fascista e anti-semita [sic], do comportamento de exclusão e de aniquilação do outro a partir dessa componente antropológica originária de nossa corporeidade.⁵⁷⁹

Entendemos, portanto, que, se é no momento contraditório imposto pelo retorno da mimese verdadeira e pela sensação inquietante que a possibilidade de uma outra noção de experiência humana se torna possível, vimos também que a vivência desta situação não é em si mesma suficiente para desencadear um movimento em direção à liberdade. Pois, havendo ainda uma falsa mimese e a presença do inquietante no preconceito, estes “restos” não adequáveis à determinação social podem, ainda assim, voltar a ser mobilizados em favor da dominação.

Por isso, ao abordarmos as contradições do preconceito sob o viés antropológico, não queremos defender que seria a partir do sujeito que a emancipação poderia se iniciar; afinal, os determinantes sociais é que formam os sujeitos. Mas dizemos, por outro lado, que ao menos não há nada no sujeito que a impeça de acontecer. Isso nos leva a defender também que a situação inquietante e o retorno da mimese negada não deveriam ser simplesmente descartados por serem passíveis de reapropriação para dominação. Ao contrário, estes seriam momentos importantíssimos do processo dialético que não podem ser ignorados. “Graças a essa consciência [*Eingedenken*] da natureza no sujeito, que encerra a verdade ignorada de toda cultura, o esclarecimento se opõe à dominação em geral.”⁵⁸⁰ Haveria, então, condições pulsionais, ou seja, psíquicas e corporais, para que ocorra a emancipação do ser humano mediante novas possibilidades de experiência com a alteridade – por mais que o movimento para a liberdade humana deva se iniciar a partir dos momentos contraditórios do social. Mesmo que toda a possibilidade de reconciliação deva ser erigida histórica e socialmente, é no corpo humano que ela é particularizada. Assim, negar uma antropologia histórico-crítica em Adorno seria negar também o modo como as contradições e potencialidades emancipatórias objetivas são vivenciadas pulsionalmente⁵⁸¹.

⁵⁷⁹ Gagnebin, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer* – São Paulo: Editora 34, 2006, pp. 87-8.

⁵⁸⁰ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, 44.

⁵⁸¹ É por meio de tais lentes que lemos a sugestão rascunhada por Horkheimer e Adorno da possibilidade de uma antropologia dialética, já debatida em nosso quinto capítulo. Consideramos, contudo, tal noção abarcada pelo domínio do utópico, isto é, pelo terreno do possível quando considerados os traços da realidade que aparecem como ainda não integralmente dominados, mesmo que não seja possível saber exatamente o que ela será.

Nesse sentido, a psicanálise, tomada como base de desenvolvimento de uma concepção antropológica, ganharia a possibilidade de expandir suas funções no interior da Teoria Crítica – ao menos aquela de inspiração adorniana – ao ser utilizada para mais do que a produção de um diagnóstico crítico, tornando-se também uma ferramenta para se pensar a emancipação.

A psicanálise possibilita precisamente o surgimento de uma outra concepção de emancipação, mais complexa do que a que poderia ser encontrada na teoria social. (...) Os teóricos críticos de Frankfurt, notadamente Adorno e Horkheimer, levam em consideração esse núcleo antropológico negativo trazido pela psicanálise que lhes permite pensar a emancipação de outro modo, a partir do caráter constitutivo do apego [*attachement*] à dominação.⁵⁸²

. Conclusões do capítulo 8

Neste último capítulo, recorremos a Freud a fim de aumentar nossa compreensão da organização psíquica do tipo autoritário. Começamos nossas investigações em torno das noções de caráter e personalidade na teoria freudiana: se o eu deve fazer a mediação entre o isso e o mundo externo, a constituição de seu caráter (produzido por um histórico de identificações sucessivas) irá determinar se ele irá produzir mais racionalizações ou mais exames de realidade, ou seja, mais deformações na realidade para a satisfação do isso, ou mais conflitos psíquicos para seguir próximo à realidade externa. Além disso, Freud designa como personalidade as diferentes disposições topológicas resultantes de uma confluência entre determinantes do isso e identificações com objetos externos, interações tais que não são permanentes, mas fluidas e modificáveis.

Vimos que o sistema psíquico de todo ser humano tenderia, desde a sua formação, a distorcer parte da realidade mesmo em casos não patológicos. Como uma resolução de compromisso entre o isso e a realidade, uma parte dos conteúdos percebidos no exterior seriam (para evitar conflitos) deslocados ou substituídos por outras representações, estas últimas que seriam os destinatários finais das pulsões. Assim, é provável que os conteúdos da realidade objetiva ganhem representações psíquicas que não correspondam fielmente a eles, mas sejam reconstruídas a partir de

⁵⁸² Genel, Katia. “Psychanalyse et théorie sociale : la psychanalyse est-elle facteur d’émancipation?” *Contretemps – Revue de Critique Communiste*, (abril) 2014. Disponível em: <https://www.contretemps.eu/psychanalyse-et-theorie-sociale-la-psychanalyse-est-elle-facteur-demancipation/> Último acesso em: 06 de dezembro de 2017, p. 5.

produções de fantasias inconscientes. A própria organização psíquica divide, ainda, os tipos de representações psíquicas relativas ao um mesmo objeto externo em inconscientes (representações-coisa) e pré-conscientes (representações-palavra) que podem também sofrer substituições. A existência de tantos meandros entre representações e os conteúdos experienciados na realidade externa seria uma das formas da psicanálise mostrar a complexidade envolvida na relação do sujeito com a realidade: quanto mais etapas houver nos processos de percepção, cognição e memorização, mais possibilidades de deslocamentos e substituições. Relativamente às pulsões, vimos que quem chega à consciência seriam suas representações. Desta feita, o objeto pulsional, não se igualando ao objeto da realidade, seria uma mistura sempre imprevisível entre conteúdos externos e internos.

Em nossa análise do neurótico, expusemos como ele vive conflitos internos entre seus desejos e as imposições externas que foram introjetadas, sendo considerado socialmente bem adaptado. Dissemos que o alvo da repressão neurótica são os representantes da pulsão, mas não necessariamente o afeto a eles associado, ou seja, ocorreria a perda de vínculo da representação-palavra com a representação-coisa, o que impossibilita o acesso desta última à consciência. Mas o afeto, não sendo reprimido, poderia ganhar diferentes destinos, como a associação a outra representação, produzindo o sintoma e um certo afastamento da realidade. Levantamos a hipótese de que os autoritários de TAP, além de serem bem adaptados socialmente, atuariam conforme um retorno ou fixação neurótica à fase de diferenciação entre interior e exterior gerida pelo princípio do prazer na primeira infância. Entendemos, com isso, como o infantilismo psíquico e pseudorracional estruturaria o preconceito. Contudo, haveria algumas reservas quanto à aproximação entre os neuróticos e os autoritários. Isso porque os autoritários não poderiam viver o conflito psíquico neurótico, já que haveria uma certa coincidência narcísica entre as realidades interna e externa, ocorrendo um mesmo movimento de recusa das contradições na interioridade psíquica e na exterioridade social.

Na sequência, orientamos nossos esforços na elaboração dos traços psicóticos no autoritário: a paranoia seria o modelo privilegiado para pensarmos a dose de agressão e destrutividade envolvidas na interação social construída de forma dicotômica “amigo x inimigo”. Sua rigidez impossibilitaria o questionamento subjetivo sobre a veracidade de suas próprias torções na percepção da realidade. O conteúdo deste questionamento seria projetado na alteridade, tornando-se vinculado ao perseguidor ou à minoria – tidos

como bodes expiatórios. A paranoia seria desenvolvida no momento da percepção da diferenciação sexual do complexo de castração, situação em que a criança comumente recusa a percepção da ausência do pênis na mulher. Caso tal recusa não seja posteriormente transformada em recalque neurótico, o desenvolvimento psíquico passaria a ser organizado de modo perverso ou psicótico (respectivamente como recusa parcial ou total da percepção da ausência de pênis na mulher). Contudo, há particularidades da paranoia que se afastam de alguns dos traços autoritários descritos em TAP. Isso porque na paranoia os dados sociais se adequariam ao sistema individual, ao passo que, no tipo autoritário, seria principalmente o sujeito que se adequaria ao sistema social. Assim, uma cisão do eu e uma decorrente posição cínica seriam impossíveis de serem sustentadas em um modelo paranoico de funcionamento psíquico. Logo, apesar de portar em si traços paranoicos, os autoritários não seriam os produtores dos “delírios” que o afastam da realidade; ao contrário, tais afastamentos seriam socialmente fomentados e aceitos pelo indivíduo adequado. No lugar da paranoia, haveria a sua substituição por um certo comportamento racional fornecido socialmente.

Passamos, então, à análise das características perversas do autoritário: as exteriorizações das pulsões perversas seguem o modelo de exteriorização do supereu projetado para figura sociais. A encenação sadomasoquista evidencia a falta de delimitação entre eu e alteridade, ativando também a duplicidade pulsional de ódio e amor presente na interação do tipo autoritário com a realidade. Além disso, na literatura recente estaria havendo a substituição da noção de neurose pela perversão como psicopatologia relacionada à situação socioeconômica contemporânea. Isso porque o que define as perversões seria justamente uma forma de subjugação e de gozo em relação à lei, sendo sustentada uma dupla relação com a norma. Dada a recusa em fundar as normas morais em qualquer conteúdo valorativo realizado empiricamente, a norma moral meramente formal levaria às justificações racionalizadas do preconceito.

Nesta toada da discussão sobre as perversões, apresentamos o fetichismo que tem por princípio organizacional a cisão psíquica entre duas representações opostas para fins de defesa, sendo altamente flexível, o que lhe permite fugir de patologias neuróticas e psicóticas. Elaboramos uma homologia entre o fetichismo e o cinismo do autoritário: enquanto o fetichista sustenta a oposição “mulher com pênis/mulher sem pênis”, a principal oposição que o autoritário sustenta seria aquela de manutenção da agressividade antidemocrática/defesa da democracia. Tal duplicidade demonstra o grau de desenvolvimento avançado do esclarecimento do tipo antropológico autoritário:

trata-se de uma racionalidade que se sabe técnica, que está consciente de sua falta de reflexão e, ainda assim, prefere atuar deste modo.

O desenvolvimento psíquico que ocorre simultaneamente à formação do fetichismo é descrito por Freud nas pesquisas sexuais infantis: a sua constituição intelectual não seria feita por uma sublimação completa justamente porque sua racionalidade permaneceria em estreita relação com a meta de satisfação pulsional sexual, isto é, o princípio de prazer. A racionalidade não conseguiria ser completamente racional, estando marcada principalmente pela repetição compulsiva. Quando adulto, ele desenvolveria a sua racionalidade tal como Norbert Hanold da Gradiva de Jensen: nela, elementos de sublimação (como a pesquisa científica arqueológica) aparecem misturados a desejos de satisfação sexual inconscientes. Isso não faria dele um caso patológico, o que não o impede de, parcialmente, delirar. Esta possibilidade de afastamento da realidade objetiva é admitida também por Freud em sua definição de racionalização: em oposição direta ao exame de realidade, a racionalização sacrificaria parte da conferência da percepção da realidade externa em favor das manifestações, desejos e satisfações inconscientes.

Além disso, vimos que o fetichista não encontra sua satisfação pulsional em objetos empíricos, mas em substitutos de objetos pulsionais fantasiosos – como o pênis da mulher. Este objeto pulsional precisa ser engrandecido para reafirmar a sua efetividade. Adorno designaria um termo ou ideia-fetice para o autoritário: a sua mera repetição no domínio social se encarrega de torná-la fetichizada, aparentemente autônoma e idealizada. Além da figura do líder como uma das ideias-fetice dos autoritários, vimos que os membros dos *outgroups*, seus símbolos e ideologias seriam exemplos de objeto-fetice “negativo” dos mais preconceituosos. Estes seriam os substitutos da agressividade e insegurança, produto da projeção daquilo que não se quer assumir, a própria fraqueza. O objeto-fetice significaria o modo mais direto de satisfação da pulsão agressiva, sendo um sintoma da personalidade autoritária por denunciar a distância do sujeito em relação à realidade. Lembremos ainda que a racionalidade do autoritário, sendo semiesclarecida, no fundo sabe que o objeto-fetice é somente um símbolo. A ideologia perde sua característica de mascaramento da realidade e, ainda assim, continua operante. Não sendo mais um completo refém de pensamentos reificados, nem por isso o autoritário agiria desmascarando ideologias, mas continuaria a segui-las de modo alienado mesmo sabendo da inadequação de tais

ideias. Nessa reconceituação da ideologia, esta não nega mais a realidade, mas se funde com o real.

Em uma comparação final entre o modelo paranoico e o fetichista, elaboramos a hipótese de que a violência direta realizada conforme um extermínio completo como “solução final” parece necessitar de um sistema estruturado em uma totalidade paranoica delirante de justificativa em que questionamentos, paradoxos ou dubiedades não seriam admitidos. Ao passo que é a manutenção do autoritarismo em contextos democráticos que nos leva ao interesse especial pelo cinismo, cisão do eu, desmentido e racionalizações, culminando em uma homologia com o modelo fetichista. Assim, em vez de identificá-lo como uma anomalia psicótica e circunscrita a uma situação histórica determinada como de exceção, nossa homologia com o fetichismo nos ajuda a diagnosticar o problema do preconceito em ambientes pseudodemocráticos dominantes na ocidentalidade.

Na última parte de nosso capítulo, procuramos destacar os sofrimentos do autoritário como fruto da imposição de determinações da objetividade sobre o sujeito. Ao produzirmos uma análise antropológica a partir das contradições que indicam o sofrimento humano, estamos, no fundo, diagnosticando e criticando as determinações sociais capitalistas que fomentam estas próprias contradições e sofrimentos. Para tanto, o sujeito precisa admitir o distanciamento que perdura entre suas ideologias e a realidade, entre a percepção e a projeção fantasiosa. Em Freud, tal reconhecimento é percebido na situação inquietante, momento somático evanescente da percepção da mistura entre fantasia e percepção em todos os objetos com que o ser humano lida. Contudo, sendo apenas um instante, o inquietante pode muito bem ser novamente negado, como no caso do preconceito em DdA. Na ocasião do preconceito, ocorreria a falsa mimese, isto é, a dissolução do pseudoindivíduo adaptado a uma totalidade falsa que mascara conflitos. Se a falsa mimese é realizada no preconceito, seria para evitar que um outro tipo de mimese irrompesse. Esta outra mimese verdadeira corresponderia à “proto-história biológica”, estando relacionada ao corpo e vinculada a uma experiência com a não identidade. Este modo de experiência mimética permitiria uma reorganização das representações-coisa e representações-palavras, o que reorientaria também os afetos e, finalmente, os destinos pulsionais relacionados a tais representações. É justamente esta capacidade de ter experiências com aquilo que é considerado como estranho a si que o autoritário reprime, bloqueia e afasta.

Se a vivência da situação inquietante e o retorno da mimese negada não são em si mesmas suficientes para desencadear um movimento em direção à liberdade, ao menos não deveriam ser simplesmente descartadas, pois constituem momentos importantes do processo dialético. Haveria, então, condições psíquicas e corporais para que ocorra a emancipação do ser humano mediante novas possibilidades de experiência com a alteridade – por mais que o movimento para a liberdade humana deva se iniciar a partir dos momentos contraditórios do social. Nesse sentido, a psicanálise ganharia a possibilidade de expandir suas funções no interior da teoria crítica adorniana ao ser utilizada para mais do que a produção de um diagnóstico crítico, tornando-se também uma ferramenta para se pensar a emancipação.

Considerações finais

Reservamos para as considerações finais alguns dos pontos que nossa pesquisa deixa em aberto, forma de indicar possíveis desenrolares teóricos futuros deste trabalho.

Dado que a antropologia do tipo autoritário se modifica com as transformações do curso histórico, questionamos se é válido tomarmos os desenvolvimentos aqui feitos, referentes aos anos 1940 nos Estados Unidos, como descrições adequadas à situação atual, inclusive do Brasil. A nosso ver, por mais que o capitalismo tenha se modificado, tornando-se neoliberal, haveria aspectos de continuidade de características da personalidade autoritária hoje em dia, ou ainda, um aprofundamento de traços encontrados há mais de setenta anos atrás.

Claro que o cenário social ao qual o autoritário atual se depara sofreu profundas modificações. O mais preconceituoso tem que lidar, hoje em dia, com maior liberdade sexual e de gênero conquistadas por lutas feministas e de minorias LGBTQI. Além disso, os negros alcançaram maior possibilidade de mobilidade e reconhecimento social pelo fim da segregação institucional e incentivo de ações histórico-affirmativas – algo similar ocorrendo também com os indígenas brasileiros e norte-americanos. De modo geral, a globalização capitalista inseriu boa parte das comunidades étnicas, anteriormente distantes, ao consumo e intercâmbio, promovendo progressiva diversidade racial na ocidentalidade. E, afastando-se de tais avanços, os autoritários viram seu antissemitismo bastante modificado ao apoiarem boa parte das ações militares praticadas por Israel contra a Palestina.

Contudo, o problema do autoritarismo latente não se desfez com tais modificações históricas. Como podemos conferir em nossa história recentíssima, nenhum direito conquistado e progresso social se encontrariam tão estabelecidos a ponto de não poderem sofrer retrocessos. A comunidade negra continua segregada e socialmente marginalizada, sendo o alvo constante de massacres e extermínios policiais. Brasil, México e Estados Unidos constam como os três primeiros lugares mundiais consecutivos em assassinatos LGBTQI. As taxas de assédio, violência e estupro femininos, bem como o feminicídio, são de tal modo alarmantes que no Brasil a média de tais recorrências é contabilizada em poucos minutos⁵⁸³, batendo um novo record no

⁵⁸³ Segundo dados fornecidos pelo 12º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, a média de estupros diários em mulheres brasileiras em 2017 é de 164 casos, ou um caso a cada 10 minutos – isso porque somente uma minoria de casos é registrada. Além disso, um caso de feminicídio ocorre a cada duas horas. Dados extraídos de: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/08/10/brasil-registra-164-casos-de->

ano de finalização desta tese. E a violência e preconceito contra judeus foi somente dissolvida entre chineses, latinos, haitianos, venezuelanos, bolivianos, entre muitos outros. É por isso que, acompanhando a perda de direitos e espaços conquistados por minorias, fruto da manifestação progressivamente mais aberta de autoritarismos em nossa sociedade atual, o estudo de TAP volta a ganhar força e proeminência nos últimos anos.

Se é evidente que o conceito do tipo autoritário sobreviveu, é forçoso que questionemos quais de suas principais características e modo de funcionamento se mantêm. Considerando que continua vigente a circulação de ideologias, estereótipos e racionalizações que pretendem justificar a desigualdade, segregação e até mesmo a aniquilação de grupos sociais específicos, o que podemos dizer é que o conteúdo destes mecanismos ganhou somente leves modificações. Afinal, não importa muito o tipo de desculpa que é selecionada pelo preconceituoso, pois ele sabe que ela é *fake* e distante da realidade. O importante é que elas continuam a ser utilizadas para fins autoritários. Visto isso, não tem como não notarmos a atualidade de afirmações adornianas como a que segue: “quanto mais a vida se torna estereotipada, mais o estereopata se sente certo, vê seu esquema de pensamento justificado pela realidade. As comunicações de massa modernas, moldadas à partir da produção industrial, espalharam todo um sistema de estereótipos que, embora sendo ainda fundamentalmente ‘incompreensível’ para o indivíduo, permite que ele pareça a qualquer momento ‘sabendo tudo sobre isso’.”⁵⁸⁴

Também nesse sentido, Roger Brown nos interroga, na década de 1990: “você o conhece – o autoritário, o antidemocrata, o pré-fascista? Parece-me que sim. Item após item na Escala F é algo que ouvi ou muito parecido com algo que ouvi. Além disso, as pessoas que conheço que fizeram uma dessas declarações geralmente continuaram a fazer outras delas.”⁵⁸⁵ Ou, mais recentemente ainda, Crochik analisa:

algumas pesquisas recentes (Vala et al., 1999; Pettigrew, 1999) mostraram que as variáveis estudadas pelo grupo de Berkeley continuam sendo determinantes como preditores do racismo. (...) Dentro de uma perspectiva histórica, contudo, as diferenças sociais e psíquicas, entre a nossa época e a do estudo da personalidade autoritária, não implicam novas configurações social e psíquica, mas o desenvolvimento das que esses autores analisaram e

estupro-por-dia-em-2017.ghtml e <https://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/em-numeros-a-violencia-contra-a-mulher-brasileira/>

⁵⁸⁴ TAP, p. 665.

⁵⁸⁵ Brown, Roger *apud* Stone, W. F., Lederer, G. & Christie, R. (org) *Strength and weakness: the authoritarian personality today* – NYC: Springer-Verlag, 1992, p. 21.

criticaram, pois a sociedade se autonomiza cada vez mais em relação aos seus membros e o indivíduo vive uma regressão psíquica maior.⁵⁸⁶

De nossa parte, defendemos que, para além da regressão psíquica e autonomização das interações sociais, que de fato se aprofundaram, seria o cinismo, com a sua duplicidade de discursos emitidos em círculos diferentes de interação e assumidos por camadas diversas da consciência, a marca mais importante do autoritário atual. Este traço do tipo autoritário seria, para nós, o maior responsável pela permanência de estruturas autoritárias em sistemas que se pretendem, ao menos formalmente, democráticos. Isso porque, como TAP nos informa, o cinismo seria uma escolha esclarecida pela dominação. Recusando autoridades outrora onipotentes, o autoritário esclarecido seguiria, desde os anos 1940, alguns líderes dotados de uma projeção idealista menos potente, sendo facilmente substituíveis, o que contribui para a perpetuação do autoritarismo. Além disso, o livro nos mostra que é de longa data que seus seguidores deixaram de se portar como meros expectadores submissos, passivos e fascinados, atuando mais como pseudoindivíduos semipassivos que forjam, de alguma maneira, a importância de discursos e ideologias a serem seguidos e repetidos à exaustão. É, portanto, bastante atual o diagnóstico segundo o qual a ausência de reflexão seria, no geral, mais uma escolha do que uma falta de capacidade. Por isso, se o cinismo pode ser visto como mais uma etapa da dialética entre o mito e o esclarecimento, nem por isso ele é mais próximo da emancipação: “a barbárie cínica de forma alguma é preferível à fraude cultural.”⁵⁸⁷

Visto isso, TAP, ao nos demonstrar quais os mecanismos de manutenção do autoritarismo em ambientes democráticos, acaba nos alertando para a possibilidade sempre iminente de que pseudodemocracias, com seus autoritarismos latentes, tornem-se protofascismos, ou ainda, sociedades manifestamente fascistas. Afinal, “o que importa hoje não é tanto que as pessoas possam odiar os judeus o suficiente para iniciar um pogrom, mas que eles possam endossar um movimento que inclua o antissemitismo em sua plataforma.”⁵⁸⁸ Tal alerta, criticado por alguns comentadores anos atrás como exagerado, certamente não nos é estranho atualmente, especialmente no momento

⁵⁸⁶ Crochik, J. L. “Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade” *Análise Psicológica*, 2000, 4 (XVIII): 529-542, p. 530.

⁵⁸⁷ Adorno, T. W. “Fetichismo na música e a regressão da audição”. In: *Os Pensadores Adorno - Textos Escolhidos*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996, p. 72.

⁵⁸⁸ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 11.

histórico político e social brasileiro e norte-americano – ou ainda, mundial – no qual estamos vivendo.

A recusa contínua de inserção da alteridade não-identitária na estrutura de poder e discurso social dominantes, como diria Assoun, “reintroduz a virtualidade da catástrofe em cada instante da história.”⁵⁸⁹ Se, como viemos dizendo desde a nossa introdução, o autoritarismo na democracia é um fenômeno constitutivo e originário do sistema capitalista, podemos dizer que “não há emancipação [individual] possível sem a emancipação da sociedade.”⁵⁹⁰ Isso porque, reforçaremos pela última vez,

A psicologia individual é, em grande parte, uma agência por meio da qual as leis econômicas se tornam operativas em atitudes e comportamentos sem que o indivíduo tenha consciência disso. (...) As pessoas são inevitavelmente tão irracionais quanto o mundo em que vivem. Assim, a psicologia, ou seja, o domínio da determinação irracional de atitudes e comportamentos, não é tão oposta à causação econômica, mas é o resultado da irracionalidade econômica, que é em si um elemento intrínseco da totalidade socioeconômica em que vivemos. As pessoas nem sempre são guiadas por seus interesses econômicos claros e seria estupidamente racionalista procurar por tais motivações. Mas, mesmo quando atuam contra esses interesses, as pessoas refletem tendências provocadas pelo processo econômico como um todo.⁵⁹¹

Por isso, parece-nos no mínimo fruto de má leitura ou falta de interpretação afastar TAP de um debate que envolve a crítica da economia-política e a própria Teoria Crítica. Visto isso, não haveria como deixar de inserir o combate contra o autoritarismo em uma luta anticapitalista.

É verdade, porém, que TAP não nos dá muitas pistas sobre quais ações seriam as mais apropriadas para o combate ao autoritarismo. Como seria de se esperar, ao menos para os leitores de Adorno, a aposta dos autores de TAP é na educação. “Vistas pragmaticamente, nossas descobertas têm que ser avaliadas principalmente em termos de um programa educacional de longo alcance que busca afetar as condições antropológicas amplas e básicas que favorecem a ascensão do fascismo neste país.”⁵⁹² Contudo, ao mesmo tempo, é o próprio Adorno que nos diz que somente a educação não seria suficiente contra o autoritarismo: “a luta contra tal potencial geral não pode ser travada apenas de modo educacional, em um nível puramente psicológico, mas requer ao mesmo tempo mudanças decisivas daquele clima cultural que contribui para o padrão

⁵⁸⁹ Assoun, P. L. *A escola de Frankfurt* – Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1989, p. 115.

⁵⁹⁰ Adorno, T. W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada* – Edições 70: Lisboa, 1992, p. 164.

⁵⁹¹ Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 15.

⁵⁹² Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016, p. 11.

geral.”⁵⁹³ Isso porque não devemos esquecer que os autoritários são também esclarecidos, de modo que o contato com educação e informações não leva necessariamente à diminuição do preconceito. Em *Teoria da semicultura*, por exemplo, Adorno nos lembra como o fato de haver pessoas com grau educacional elevado não foi para elas um impedimento para manifestarem apoio ao regime nazista – algo que foi conferido também mediante a frequência de altos pontuadores com alto grau educacional dentre os entrevistados de TAP:

Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranquilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais — a humanidade e tudo o que lhe for inerente — enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semi formação.⁵⁹⁴

A isso se soma o fato de que a sublimação, como desvio das satisfações das pulsões de sexuais para fins não sexuais, como seriam configurados os desenvolvimentos racional e educativo, é um conceito freudiano visto por Adorno com bastante desconfiança. Concepção de difícil explicação, seja pela ausência de uma teoria mais bem acabada sobre o tema em Freud, seja pelas diferentes concepções que ela ganha ao longo das muitas de suas obras onde é empregada, ao menos podemos conferir minimamente, sem levantar com isso muitas objeções, que a sublimação seria vista por Freud como um dos caminhos para a saída de configurações psíquicas patológicas.

Contudo, como podemos inferir de outras ocasiões de utilização do conceito, nem sempre a sublimação leva a uma produção cultural “saudável”, engrandecedora e edificante para o ser humano: a formação de algumas massas constitui um ótimo exemplo de como a mudança da meta pulsional para fins não sexuais pode levar à formação de organizações sociais violentas. Como vimos, a recusa na utilização deste conceito por Adorno é bastante próxima desta problemática. Um sujeito adaptado à falsa totalidade, como pode vir a parecer inferir a noção de sublimação, é exatamente a condição do autoritário.

⁵⁹³ TAP, p. 655.

⁵⁹⁴ Adorno, T. W. “Teoria da semicultura”. *Educação e Sociedade*, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, 388-411, p. 390.

Contudo, recorremos ao questionamento de Whitebook para podermos situar melhor o problema aqui enfrentado:

Adorno iguala a sublimação à domesticação da expressão que resulta nas belas ilusões da cultura afirmativa, no que poderíamos chamar de sublimação “repressiva”. Ele está assumindo que a sublimação não pode resultar em obras negativas e fraturadas que são críticas ao mundo contemporâneo. Mas devemos aceitar essa equação? Não há formas de sublimação não repressiva?⁵⁹⁵

Nesse sentido, o que talvez estejamos deixando de lado seria um movimento imediatamente anterior à sublimação, bem como à formação educacional em si. Ou melhor, o que deve ser procurado é uma abertura e capacidade psíquico-emocional para desenvolver uma educação e sublimação críticas, próprias de um tipo antropológico também crítico. Isso quer dizer que ambas as possibilidades, para serem criticamente efetivas contra a dominação, devem ser pulsionalmente viáveis. Afinal, vimos que o preconceito é uma resposta acima de tudo pulsional, não estando o problema situado na falta de esclarecimento, mas na utilização inconsciente e libidinalmente interessada da racionalidade.

Assim, se Adorno e Freud⁵⁹⁶ mantêm alguma esperança no esclarecimento e na racionalidade como formas possíveis de resistência pela assunção da contradição, ela estaria relacionada não somente à oportunidade de contato com discursos e posicionamentos críticos, mas a uma disposição psíquica e somática (ou seja, pulsional) para se estar aberto a novas perspectivas, a encontros com a não identidade ou, como dissemos em nosso oitavo capítulo, a se dispor a de fato ter experiências que possibilitem o desenvolvimento de uma educação democrática. E Adorno em TAP confirma as nossas suspeitas:

⁵⁹⁵ Whitebook, Joel. “The Urgeschichte of Subjectivity Reconsidered”. *New German Critique*, n. 81, 2000, pp. 8-9.

⁵⁹⁶ Freud utiliza bastante a noção de cosmovisão científica como um tipo de “educação para a realidade”, modo de superar o infantilismo psíquico relacionado à gestão da racionalidade pelo princípio do prazer. Diz ele: “Llamamos ‘verdad’ a esta concordancia con el mundo exterior objetivo {*real*}. Ella sigue siendo la meta del trabajo científico aunque dejemos de lado su valor práctico. (...) Nuestra mejor esperanza para el futuro es que el intelecto —el espíritu científico, la razón— establezca con el tiempo la ditadura dentro de la vida anímica. La esencia de la razón garantiza que en tal caso no dejaría de asignar su lugar debido a las mociones afectivas de los seres humanos y a todo lo comandado por ellas. Pero el yugo común de ese imperio de la razón demostrará ser el más fuerte lazo unificador entre los hombres y abrirá el camino a ulteriores unificaciones. Todo lo que contraría ese desarrollo, como de hecho lo hace la prohibición de pensar decretada por la religión, constituye un peligro para el futuro de la humanidad.” (Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 35ª En torno de una cosmovisión” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001, pp. 157-8)

Diz-se frequentemente que o melhor meio de se melhorar as relações interculturais seria estabelecer o maior número possível de contatos pessoais entre diferentes grupos. (...) O otimismo em relação aos efeitos higiênicos de contatos pessoais deve ser descartado. Não se pode “corrigir” a estereotipia pela experiência; deve-se reconstituir a capacidade de *se ter* experiências.⁵⁹⁷

Tal capacidade para se ter experiências pode ser tomada como ainda situada em um projeto esclarecido de substituição de crenças por vivências. Mas, a disposição para a experiência com a não identidade não pode ser fruto de transformações singulares, mas sim sociais. Por isso, se a atualidade de TAP é explícita pela transformação do ulterior autoritarismo latente em sua manifestação aberta, vivida em nossos tempos recentes, a esperança de ações sociais em direção à liberdade também é retomada com a experiência de contradições que pode nos abrir caminhos muitas vezes inesperados.

E, como aprendemos no início de nossa tese, todo o movimento dialético entre objeto e conceito se inicia, de alguma forma, teoricamente. Fica depositada, portanto, uma certa aposta no projeto do esclarecimento social promotor de uma educação reflexiva e pesquisas críticas que tratem das injustiças e desigualdades do capitalismo. Nesse âmbito, a própria pesquisa empírica de TAP pode ser considerada um ensejo para a produção de novas experiências científicas e conceituais, possibilidades de renovações conceituais que podem vir a permitir outras experiências com os objetos da realidade, modificando, com isso, os destinos pulsionais que permitem uma abertura para a alteridade:

Todo progresso da civilização tem renovado, ao mesmo tempo, a dominação e a perspectiva de seu abrandamento. Contudo, enquanto a história real se teceu a partir de um sofrimento real, que de modo algum diminui proporcionalmente ao crescimento dos meios para sua eliminação, a concretização desta perspectiva depende do conceito. Pois ele é não somente, enquanto ciência, um instrumento que serve para distanciar os homens da natureza, mas é também (...) um instrumento que permite medir a distância perpetuadora da injustiça.⁵⁹⁸

⁵⁹⁷ TAP, p. 617.

⁵⁹⁸ Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 44.

Referências bibliográficas

- . Abromeit, J. “Genealogia e historicismo crítico: dois modelos de Esclarecimento nos escritos de Horkheimer e Adorno” *Cadernos de Filosofia alemã*, v. 22, n. 2, 13-38, jul.-dez. 2017.
- . Abromeit, J. *Max Horkheimer and the foundations of the Frankfurt School* – Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- . Ackerman & Jahoda. *Anti-semitism and emotional disorder: a psychoanalytic interpretation* - Harper & Brothers: New York, 1950.
- . Adorno, T. W. *As estrelas descem à Terra. A coluna de astrologia dos Los Angeles Times, um estudo sobre superstição secundária* – São Paulo: Unesp, 2008.
- . Adorno, T. W. “Crítica cultural e sociedade” *Industria cultural e sociedade* – São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- . Adorno, T. W. *Dialética Negativa* – Zahar: Rio de Janeiro, 2009.
- . Adorno, T. W. “El psicoanálisis revisado” In: *Escritos Sociológicos I. Obra Completa* 8. Madri: Ediciones Akal, 2004.
- . Adorno, T. W. “Escritos Sociológicos I” *Obra Completa* 8. Tradução de Agustín González Ruiz. Madri: Ediciones Akal, 2004.
- . Adorno, T. W. “Experiment on: Preference for Material of Treatment of two popular songs” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006.
- . Adorno, “How to look at television” *Quarterly of film, radio, and television*, vol. 8, n. 3, Spring, 1954, 213-235.
- . Adorno, T. W. *Ideia de história natural* – Tradução Pucci, B; Zuin, A.; Ramos de Oliveira, 2000. Publicação interna Unimep: Piracicaba. [Último acesso em 03 de setembro de 2018]. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HKSQT0k3bmkJ:https://cesar-mangolin.files.wordpress.com/2011/08/adorno-a-ide3a9ia-de-histc3b3ria-natural-1932-doc.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>
- . Adorno, T. W. “Indústria Cultural”. Cohn, G. *Theodor W. Adorno. Sociologia* – São Paulo: Ática, 1986.
- . Adorno, T. W. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

- . Adorno, T. W. “Late capitalismo or industrial society? – the fundamental question of the present structure of society” In Tiedemann (org.) *Can one live after Auschwitz?* Stanford: Stanford University Press, 111-125.
- . Adorno, T. W. *Memorandum music in radio* – Princeton radio research project, 1938.
- . Adorno, T. W. *Minima moralia: reflexões a partir da vida danificada* – Edições 70: Lisboa, 1992.
- . Adorno, T. W. “O que significa elaborar o passado” *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- . Adorno, T. W. “On Jazz” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002.
- . Adorno, T. W. “On the Fetish-Character in Music and the Regression of Listening” *Essays on music* – University of California Press: Berkeley, 2002.
- . Adorno, T. W. “On the use of elaborate personal Interviews for the Princeton Radio Research Project”. *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006.
- . Adorno, T. W. “Radio Physiognomics” *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006.
- . Adorno, T. W. “Reflections on Class Theory” In Tiedemann (org.) *Can one live after Auschwitz?* Stanford: Stanford University Press, 93-110.
- . Adorno, T. W. “Remarks on ‘The Authoritarian Personality’ by Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson, Sanford” In *Platypus Review* #91, November 2016.
- . Adorno, T. W. “Scientific experiences of a European scholar in America” In Fleming D. & Bailyn B., *The intellectual migration – Europe and America, 1930-1960*. Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969.
- . Adorno, T. W. “Sobre la relación entre sociología y psicología” In *Escritos Sociológicos I*. Obra Completa 8. Madri: Ediciones Akal, 2004.
- . Adorno, T. W. “Sobre música popular” Cohn, Gabriel (org). *Coleção “Grandes Cientistas Sociais”* – São Paulo: Ática, 1986.
- . Adorno, T. W. *Soziologische Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.
- . Adorno, T. W. “Teoria da semicultura”. *Educação e Sociedade*, n. 56, ano XVII, dezembro de 1996, 388-411.

- . Adorno, T. W. *Teoria freudiana e modelo fascista de propaganda*. Publicado originalmente em *Psychoanalysis and the Social Sciences* 3 (408-433) 1951. Traduzido por Francisco Rüdiger] Retirado de https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_A_Teoria_freudiana_e_o_modelo_fascista_de_propaganda_1951_.htm?134956803. Última consulta em 24 de junho de 2014.
- . Adorno, T. W. “The problem of a new type of human being” In: *Current of Music: Elements of a radio theory*. Oxford: Polity Press, 2009.
- . Adorno, T. W. *The psychological technique of Martin Luther Thomas’ radio addresses* – Stanford University Press: California, 2000.
- . Adorno, T. W. “The radio voice”. *Current of music: elements of a radio theory* – Polity: Cambridge, 2006.
- . Adorno, T. W. “Teoría de la sociedad y investigación empírica” In *Epistemología y ciencias sociales*. Frónesis Cátedra Universidad de Valencia: Madrid, 2001.
- . Adorno, T. W. “Teses sobre a necessidade” In: *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* – São Paulo: UNESP, 2015.
- . Adorno, T. W. & Benjamin, W. *Complete correspondence 1928-1940*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- . Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson & Sanford. *The Authoritarian Personality*, Harper & Brothers, Copyright American Jewish Committee, 1950.
- . Adorno, T. & Horkheimer, M. *Briefwechsel vol. II: 1938-1944* – Frankfurt/Main: Suhrkamp, 2004.
- . Adorno & Macdougald. “The popular music industry: plugging study” – Bureau of Applied Social Research. Columbia University: New York, 1941.
- . Adorno, T. W. & Sohn-Rethel, A. *Briefwechsel 1936-1969*. Munchen: Edition Text + Kritik, 1991.
- . Alford, Fred. *Nature and Narcissism: The Frankfurt School. New German Critique*, Durham, n. 36, 174-192, Autumn, 1985.
- . Ambertín, M. apud Xavier, L. A. F. *Kant a Freud: o imperativo categórico e o superego*. Curitiba: Juruá, 2009.

- . Amodio, Jost, Master & Yee. “Neurocognitive correlates of liberalism and conservatism” In *Nature Neuroscience* 10, 1246-7, 2007.
- . Antunes, D. C. *Por um conhecimento sincero do mundo falso – Teoria crítica, pesquisa social empírica e The Authoritarian Personality*. Jundáí, Paco Editorial: 2014.
- . Apostolidis, Paul. *Stations of the cross: Adorno and Christian right radio* – Duke University Press: Durham and London, 2000.
- . Arendt, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal* – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- . Assoun, Paul Laurent. *A escola de Frankfurt* – Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1989
- . Assoun, Paul-Laurent. “Inconscient anthropologique et anthropologie de l’inconscient. Freud anthropologue.” *Revue du MAUSS* 37 (2011/1): 71-87.
- . Assoun, Paul-Laurent. *Introduction à l’épistémologie freudienne* – Paris: Éditions Payot, 1981.
- . Assoun, Paul Laurent. *Psychanalyse*. Paris: PUF, 1997.
- . Balestrière, Lina. *Freud et la question des origines*. Belgique: De Boeck, 2008.
- . Balibar, E. *Citoyen Sujet et autres essais d’anthropologie philosophique*. Paris: PUF, 2011.
- . Benhabib, Seyla. “A crítica da razão instrumental” In Zizek (org.) *Um mapa da ideologia* – Contraponto: Rio de Janeiro, 1994.
- . Benhabib, Seyla. *Critique, norm, and utopia – a study of the foundations of Critical Theory* – New York: Columbia University Press, 1986.
- . Benjamin, Jessica. “The end of internalization: Adorno’s social psychology” In *Telos*, n. 32, p. 42-64, Summer, 1977.
- . Benjamin, Walter. “A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica” *Obras escolhidas volume I* – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- . Benjamin, Walter. “Experiência e pobreza” *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- . Benjamin, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- . Benjamin, Walter. *Passagens de Walter Benjamin*. Tiedemann, Bolle e Mattos (orgs.) Belo Horizonte: UFMG/Imprensa Oficial de São Paulo, 2006.

- . Benjamin, Walter. “Teses sobre o conceito de história” Löwy, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- . Bernstein, J. M. *Disenchantment and ethics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- . Bettelheim, B & Janowitz, M. *Dynamics of prejudice, a psychological and sociological study of veterans*. New York: Harper and Brothers, 1950.
- . Birman, J. “A psicose e a feminilidade: uma releitura do caso Schreber de S. Freud” In *Sobre a psicose*. Rio de Janeiro: Contracapa, 11-27, 1999.
- . Birman, J. “Genealogia da transgressão” In *Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro* – vol. 24, n. 27 – Rio de Janeiro, 1982.
- . Bolle, W. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin* – São Paulo: Edusp, 1994.
- . Brown, Roger. “The authoritarian personality and the organization of attitudes” In *Social psychology*, 477–546. New York: Free Press, 1965.
- . Brunner, J. “Oedipus Politicus – o paradigma freudiano das relações sociais” In Roth, Michael S. *Freud: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- . Buck-Morss, Susan. *The origin of Negative Dialectics, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute* – The Free Press: New York, 1977.
- . Butler, J. *Giving an account of oneself*. Nova York: Fordham University, 2005.
- . Campanharo, Claudiana. *A recepção adorniana de Freud no estudo da personalidade autoritária*. Dissertação de mestrado em Filosofia, UFES, Vitória, 2014, 165p.
- . Campbell e Mccandless. “Ethnocentrism, xenophobia and personality”. *Human Relations*, 4, p. 185-192, 1951.
- . Canetti, E. *Massa e poder*. São Paulo: Melhoramentos, 1983.
- . Carone, “A face histórica de ‘On popular music’” *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, N. 3 (dezembro 2011), 148-178.
- . Carone, I. “A personalidade autoritária – Estudos frankfurtianos sobre o fascismo”, *Revista Sociologia em Rede*, vol. 2, no 2, 2012.

- . Carone, I. “Adorno e a educação musical pelo rádio” *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, 477-493, 2003.
- Carone, I. “Fascismo on the air: estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista” *Lua nova*, São Paulo, v. 55-56, 195-217, 2002.
- . Carone, I. “Teoria Crítica e psicologia social: impacto do instituto de pesquisa social na investigação psicossocial” In *Psicologia e política*, FAPESP, 1995.
- . Chaui, Marilena. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Autêntica: São Paulo, 2013.
- . Chaui, Marilena. *Mito fundador e sociedade autoritária*. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2000.
- . Chaui, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- . Ciarlariello Cunha Rodrigues, Maysa. *Indústria cultural em Theodor Adorno: das primeiras análises sobre a mercantilização da cultura nos anos 1930 à formulação do conceito em 1947*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2015, 153p.
- . Claussen, Detlev. “A banalidade do mal: sobre Auschwitz, a religião do cotidiano e a teoria social” *Viso, cadernos de estética aplicada*, n. 12, jul-dez/2012, 46-60.
- . Claussen, Detlev. *Theodor Adorno one last genius*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.
- . Claussen, Detlev. “Über Psychoanalyse und Antisemitismus” *Aspekte der Alltagsreligion*. Frankfurt am Main: Neue Kritik, 2000.
- . Cohn, Gabriel. “Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje”. *Lua Nova*, n. 43, 1997, 5-25.
- . Costa, Virginia H. F. *Aspectos das relações interpessoais em Freud: questionamentos morais*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, 151f., São Paulo, 2014).
- . Crochik, J. L. “A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica”. *Psicologia-USP*, São Paulo, 1(2): 141-154, 1990.
- . Crochik, José Leon. “Razão, consciência e ideologia: algumas notas”. In: *Estilos da clínica*, vol.12, n.22, 2007.

- . Crochik, J. L. "T. W. Adorno e a psicologia social" In *Psicologia e Sociedade*, 20 (2): p. 297-305, 2008.
- . Crochik, J. L. "Tecnologia e individualismo: um estudo de uma das relações contemporâneas entre ideologia e personalidade" *Análise Psicológica*, 2000, 4 (XVIII): 529-542.
- . Crochik. "Teoria crítica da sociedade e estudos sobre preconceito", *Revista psicologia política*, SP, v. 1, n. 1, 2001.
- . Cook, Deborah. "Adorno, ideology, and ideology critique" *Philosophy & social criticism*, vol. 27, n. 1, 1-20, 2001.
- . Crook, Stephen. "Introduction: Adorno and authoritarian irrationalism" In Adorno. *The stars down to Earth and other essays on the irrational culture*. Routledge, 1994.
- . David-Ménard, M. *Éloge des hasards dans la vie sexuelle*. Paris: Hermann, 2011.
- . David-Ménard, Monique. *La folie dans la raison pure – Kant lecteur de Swedenborg*. Paris: Librairie J. Vrin, 1990.
- . David-Ménard, M. Les pulsions caractérisées par leurs destins: Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb? [On-line]. *Revue germanique internationale*. Disponibilidade: <http://rgi.revues.org/924>. Acesso em: 28 de setembro de 2012.
- . David-Ménard, M. *Tout le plaisir est pour moi*. Paris: Hachette, 2000.
- . De Brosses, C. *Du culte des dieux fetiches ou Parallèle de l'ancienne religion de l'Égypte avec La religion actuelle de Nigretie*. Paris: Fayard, 1988.
- . Deigh, J. *The sources of moral agency: essays in moral psychology and Freudian theory* – Cambridge University Press, 1996.
- . Derrida, J. *Força de lei – o fundamento mítico da autoridade* – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- . Dews, Peter. *The limits of disenchantment – Essays on Contemporary European Philosophy*. New York: Verso, 1995.
- . Donnet, J-L. "Freud et l'ombre du surmoi" In *First European Psychoanalytical Federation Conference from 13th to 16th march 2008*. <http://www.epf-fep.eu/Public/Timetable.php?ID=3665&subsiteID=3661> Présentation 15.03.08, 8h30. (último acesso em 05.01.2013).

- . Donnet, J-L. “Surmoi I – le concept freudien et la règle fondamentale” In *Monographies de la revue française de psychanalyse*, Presses Universitaires de France, Paris, 1995.
- . Duarte, Rodrigo. “À procura de uma indução especulativa - Filosofia e pesquisa empírica”. *Psicologia e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, 34-48, 2001.
- . Duarte, Rodrigo. *Mímesis e racionalidade: a concepção de domínio da natureza em Theodor W. Adorno* – São Paulo: Loyola, 1993.
- . Duarte, Rodrigo. *Teoria Crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- . Dubiel, Helmut. *Theory and politics: studies in the development of Critical Theory* – The MIT Press: Massachusetts, 1985.
- . Dunker, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- . Dunker, Christian. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- . Enriquez, E. *Da horda ao estado – psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- . Enriquez, R. *Le délire en héritage*, Revista Topique, 16, 38, 1986.
- . Fédida, P. *O sítio do estrangeiro: a situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta, 1996.
- . Feenberg, A. *Lukács, Marx and the sources of Critical Theory* – New Jersey: Rowman and Littlefield, 1961.
- . Feuer, Lewis “The Frankfurt Marxists and the Columbia Liberals” *Survey*, vol. n. 3, summer 1980, 156–76.
- . Flieg, M. “Metapsicologia do sujeito moderno.” In *Psicol. Reflex. Crit.*, vol. 12, n. 3, Porto Alegre, 1999.
- . Flowerman. *Prejudice and the Authoritarian Personality, twelve-page report by Dr. Samuel Flowerman*. Disponível em <http://www.ajcarchives.org/ajcarchive/BrowseCategory.aspx?path= C976 C644> (Consultado em: 16 de junho de 2016).
- . Foster, R. *Adorno: the recovery of experience*. Albany: State University of New York Press, 2007.
- . Frederico, C. “Recepção: divergências metodológicas entre Adorno e Lazarsfeld” *Matrizes*, n; 2, abril, 2008.

- . Frenkel-Brunswik, E. "A study of prejudice in children" *Human Relations*, 1, 295-306, 1948.
- . Frenkel-Brunswick. "Motivation and behavior" *Genetic Psychology Monographs*, 1942, 26, 121-265.
- . Frenkel-Brunswick. "Mechanisms of self-deception" *Journal of Social Psychology*, 1939, 10, 409-420.
- . Frenkel-Brunswik. "Prejudice in the interviews of children. I Attitudes toward minority groups" *Journal of Genetic Psychology* 82: 91-136, 1953.
- . Freitag. "Teoria crítica e pesquisa social" In *A ousadia crítica, ensaios para Gabriel Cohn*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- . Freitas, Bruno C. R. *Psicanálise e crítica social em Adorno*. Dissertação de mestrado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2016, 230p.
- . Freitas, Verlaïne. *Para uma dialética da alteridade: a constituição mimética do sujeito, da razão e do tempo em Th. Adorno*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, 206p.
- . Freud, S. "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos" In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. "Carta a Romain Rolland (Una perturbación del recuerdo en la Acrópolis)" In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 1991.
- . Freud, S. "Considerações atuais sobre a guerra e a morte" *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- . Freud, S. "De guerra y muerte. Temas de actualidad" In *Obras completas Volumen 14*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. "El chiste y su relación con lo inconciente" In *Obras completas Volumen 8*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. "El delírio y los sueños em la 'Gradiva' de W. Jensen" In *Obras completas Volumen 9*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. "El interés por el psicoanálisis" In *Obras completas Volumen 13*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.

- . Freud, S. “El malestar en la cultura” In *Obras completas Volumen 21*. Argentina: Amorrortu editores, 1991.
- . Freud, S. “El porvenir de una ilusión” In *Obras completas Volumen 21*. Argentina: Amorrortu editores, 1991.
- . Freud, S. “El yo y el ello” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Esquema del psicoanálisis” In *Obras completas volumen 23*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. *Esquisse d'une psychologie scientifique*. Toulouse: Éditions Érès, 2011.
- . Freud, S. “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico” In *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”]*, *Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- . Freud, S. “Inhibición, síntoma y angustia” In *Obras completas Volumen 20*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “La interpretación de los sueños” In *Obras completas Volumen 5*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “La moral sexual ‘cultural’ y la nerviosidad moderna” In *Obras completas Volumen 9*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “La negación” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis” In *Obras completas Volumen 19*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Lo inconciente” In *Obras completas Volumen 14*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Más allá del principio del placer” In *Obras completas Volumen 18*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “O inquietante” In *História de uma neurose infantil : (O homem dos lobos); Além do princípio do prazer e outros textos (1917–1920) vol. 14* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- . Freud, S. “O Eu e o Id” In *O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- . Freud, S. “Os instintos e seus destinos” In *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- . Freud, S. “Más allá del principio de placer” In *Obras completas Volumen 18*. Argentina: Amorrortu editores, 1991.
- . Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 35ª En torno de una cosmovisión” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis – 31ª La decomposición de la personalidad psíquica” In *Obras completas Volumen 22*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Por que a guerra? [Carta a Einstein, 1932]” *O Mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos (1923-1925)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- . Freud, S. “Psicologia das massas e análise do Eu” *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)* – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- . Freud, S. “Pulsiones y destinos de pulsión” In *Obras completas volumen 14*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Recordar, repetir e reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II)” In *Obras completas Volumen 12*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Freud, S. “Remémoration, répétition et perlaboration” *La technique psychanalytique*. Paris: Quadrige, PUF, 2007.
- . Freud, S. *Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.
- . Freud, S. “Sobre la psicología del colegial” *Obras completas Volumen 13* – Argentina: Amorrortu editores, 2000.
- . Freud, S. “Sur la dynamique du transfert” In *La technique psychanalytique*. Paris: Quadrige - PUF, 2007.
- . Freud, S. “Tipos libidinales” In *Obras completas Volumen 21*. Argentina: Amorrortu editores, 1991.

- . Freud, S. “Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci” In *Obras completas Volumen 11*. Argentina: Amorrortu editores, 2001.
- . Fromm, Erich. “Caracterologia Psicanalítica e sua Relevância para a Pesquisa Social” In: *A crise na psicanálise: Freud, Marx e a psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- . Fromm, Erich. *Escape from Freedom*. New York: Owl Books Edition, 1994.
- . Fromm, Erich. “Geschichte und Methoden der Erhebungen” In *Studien über Autorität und Familie* - Dietrich zu Klampen Verlag: Paris, 1936.
- . Fromm, Erich “The Method and Function of an Analytic Social Psychology” In *The Crisis of Psychoanalysis* – Fawcett Publications: Greenwich, 1971.
- . Gabbi Jr., O. F. “A origem da moral em psicanálise” *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 1(2), 129-168, 1991.
- . Gabbi Jr., O. F. “A teoria do inconsciente como teoria da memória” *Revista da Psicologia USP*, 4(1/2), 247-260, 1993.
- . Gabbi Jr., O. F. “Memória e desejo” In B. Prado Jr. (Org.), *Filosofia da psicanálise* (pp. 139-197). São Paulo: Brasiliense, 1991.
- . Gabel, Joseph. *La Réification: essais d'une psychopathologie de la pensée dialectique*. Paris: Éditions Allia, 2009.
- . Gagnebin, J. M. “Do conceito de *mimesis* no pensamento de Adorno e Benjamin” *Perspectivas*, São Paulo, 16: 67-86, 1993.
- . Gagnebin, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. Editora 34: São Paulo, 2006.
- . Gagnebin, J. M. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- . Gandesha, S. “Identifying with the Aggressor”: From the Authoritarian to Neo-liberal Personality. In *Constellations* vol 25 issue 1, march 2018, 147-164. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12338>, último acesso em 02 outubro 2018.
- . Garcia-Roza, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise – uma introdução à teoria das pulsões* – Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1986.
- . Garcia-Roza, L. A. *O mal radical em Freud* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- . Genel, Katia. “Escola de Frankfurt e freudo-marxismo: sobre a pluralidade das articulações entre psicanálise e teoria da sociedade” Campinas, *Dissonância*, v. 1, n. 1, (junho) 2017, 263-288.
- . Genel, Katia. “L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno” *Astérion*, v. 7, 2010. Disponível em: <http://asterion.revues.org/1611> Último acesso em: 06 dezembro de 2017.
- . Genel, Katia. “Psychanalyse et théorie sociale : la psychanalyse est-elle facteur d’émancipation?” *Contretemps – Revue de Critique Communiste*, (abril) 2014. Disponível em: <https://www.contretemps.eu/psychanalyse-et-theorie-sociale-la-psychanalyse-est-elle-facteur-demancipation/> Último acesso em: 06 de dezembro de 2017.
- . Ghiraldelli, P. *O corpo de Ulisses. Modernidade e materialismo em Adorno e Horkheimer*. São Paulo: Ed. Escuta, 1996.
- . Glazer. “The Authoritarian Personality in profile: report on a major study of race hatred” *Commentary*, IV, 6, jun 1950.
- . Gomide, Ana Paula de A. “Psicanálise e Teoria Social à Luz da Teoria Crítica de Theodor W. Adorno” *Psicologia: ciência e profissão*, 2011, 31(1), 120-133.
- . Gough. “Studies of social intolerance: II A personality scale for anti-Semitism” *The journal of social psychology*, 1951, 33, 247-255.
- . Green, A. *Narcisisme de vie, narcisisme de mort* – Paris: Éditions Minuit, 1983.
- . Haber, Stéphane. *Freud et la théorie sociale – La dispute*: Paris, 2012.
- . Haber, Stéphane. “Pathologies of authority: some aspects of the Frankfurt School notion of ‘Authoritarian Personality’” In *Cités* 2001/2 (no 6), 49-66.
- . Habermas, J. *O discurso filosófico da modernidade* – São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- . Hammer, Espen. *Adorno and the political*. New York: Routledge, 2006.
- . Hanns, L. A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- . Hart, J. “Maternal child-rearing practices and authoritarian ideology” *Journal of Abnormal Social Psychology*, v. 55, p. 232, 1957.
- . Heald, S. & Deluz, A. (eds.). *Anthropology and Psychoanalysis: an encounter through culture*. London: Routledge, 1994.

- . Hohendahl, Peter. *Prismatic Thought: Theodor W. Adorno*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.
- . Hohendahl, Peter. "The Displaced Intellectual? Adorno's American Years Revisited" In *New German Critique*, N. 56, Special Issue on Theodor W. Adorno (Spring - Summer, 1992), Duke University Press, 76-100.
- . Honneth, A. "O capitalismo como forma de vida fracassada: esboço sobre a teoria da sociedade em Adorno". In *Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho*, n. 24, 09-26, abril, Paraíba, 2006.
- . Honneth, Axel. *The critique of power: reflective stages in a critical social theory* – Cambridge: The MIT Press, 1991.
- . Horkheimer, M. "Art and mass culture" In *Critical Theory: Selected essays* – Continuum: New York, 2002.
- . Horkheimer, Max. "Authority and the Family" In: *Critical Theory – Selected Essays*. New York: Continuum, 1982.
- . Horkheimer, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2002.
- . Horkheimer, Max. "Egoism and Freedom Movements: On the Anthropology of the Bourgeois Era" In: *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- . Horkheimer, Max. "History and Psychology" In: *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- . Horkheimer, M. "Los judíos y Europa" *Constelaciones, Revista de Teoría Crítica*, n. 4, dez-2012, 2-24.
- . Horkheimer, Max. "Reason and Self-preservation" In: *From Max Horkheimer*. London: Routledge, 1986.
- . Horkheimer, Max. "Remarks on Philosophical Anthropology" In: *Between Philosophy and Social Science: Selected Early Writing Studies in Contemporary German Social Thought*. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- . Horkheimer, Max. *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

- . Horkheimer, Max. "The Authoritarian State" *The essential Frankfurt school reader* - New York: Continuum, 1985.
- . Horkheimer, Max. *Traditionelle und kritische Theorie*, 1937. Disponível em: <<http://lesekreis.blogspot.de/images/MaxHorkheimerTraditionelleundkritischeTheorie.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.
- . Horkheimer, Max. "The present situation of social philosophy and the task of an Institute for Social Research" In: *Between philosophy and social sciences: selected early writings*. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- . Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente* – Frankfurt am Main: Fischer, 1988.
- . Horkheimer, M. & Adorno, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- . Horney, Karen. *Novos rumos da psicanálise* – Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966.
- . Hullot-Kentor, Robert. "Back to Adorno" *Telos*, 81, Fall 1989, 5-29.
- . Hullot-Kentor, Robert. "Introduction to Adorno's 'Idea of a Natural History' In *Telos* (60), 1984, 234-304.
- . Hullot-Kentor, Robert. *Things beyond resemblance: Collected Essays on Theodor W. Adorno* – Columbia university Press: New York, 2006.
- . Huyssen, Andreas. "Adorno in Reverse: From Hollywood to Richard Wagner" *After the Great Divide: Modernism, Mass Culture, Postmodernism*. Bloomington: Indiana UP, 1986, 16-43.
- . Hyman & Sheatsley. "The Authoritarian Personality – A methodological critique" In *Studies in the Scope and Method of 'The Authoritarian Personality'*". Edited by Christie and Jahoda. Illinois: The Free Press, 1954.
- . Institut für Sozialforschung. "Research Project on Anti-semitism: Idea of a Project" In Adorno, T. W. *The stars down to Earth and other essays on the irrational in culture* – Routledge: London/New York, 1994.
- . Institut für Sozialforschung, ed., *Soziologische Exkurse*. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1956.

- . Institut für Sozialforschung, ed., *Studien über Autorität und Familie - Forschungsberichte aus dem Institut für Sozialforschung*. Lüneburg: zu Klampen Verlag, 1987.
- . International Institute of Social Research, ed., *Authority and the family; a partial translation of the investigations published in Autorität und familie*, Schriften des Instituts für sozialforschung, vol. V, Paris, 1936.
- . International Institute of Social Research. *Ten Years on Morningside Heights: A Report on the Institute's History, 1934–1944*. New York, 1944.
- . Jaeggi, Rahel. *Alienation*. Columbia University Press: New York, 2014.
- . Jameson, F. *O marxismo tardio – Adorno, ou a persistência da dialética*. Editora Unesp: São Paulo, 1997.
- . Jappe, A. “Alienação, reificação e fetichismo da mercadoria” *Limiar*, vol. 1, no. 2, 1º semestre de 2014.
- . Jarvis, Simon. *Adorno – a critical introduction*. NYC: Routledge: 1998.
- . Jay, Martin. *A imaginação dialética – história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas sociais 1923-1950*. Contraponto: Rio de Janeiro, 2008.
- . Jay, Marin. “Adorno in America” *New German Critique*, n. 31, 157-182, 1984.
- . Jay, Martin. *Permanent exiles: essays on the intellectual migration from Germany to America*. Columbia University Press: New York, 1985.
- . Jay, Martin. “The Jews and the Frankfurt School: Critical Theory's Analysis of Anti-Semitism,” *New German Critique* 19, 1980.
- . Jenemann, David. *Adorno in America – Minneapolis: University of Minnesota Press*, 2007.
- . Kehl, M. R. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.
- . Kehl, M. R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- . Koltai, C. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- Koltai, C. “Curso e percurso do estrangeiro” In T. Carignato, M. Rosa, & R. Pacheco Filho (org.), *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: YM, 67-77, 2002.
- . Kothe, F. *Benjamin & Adorno: confrontos – São Paulo: Ática*, 1978.
- . Kristeva J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- . Kristeva, J. *L'avenir d'une revolte*. Calmann-Lévy, 1998.
- . Kristeva, J. *L'avenir d'une revolte*. Paris: Calmann-Lévy, 1998.
- . Kulick, D. "Theory in Furs: Masochist Anthropology" *Current Anthropology*. Chicago, vol. 47, n. 6, p. 933-52, dezembro, 2006.
- . Laplanche, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- . Laplanche, J. *Problemáticas I – A angústia*; tradução Álvaro Cabral – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- . Laplanche & Pontalis. *Fantasia originária, fantasias das origens e origens das fantasias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- . Lasch, Crístopher. *A Cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.
- . Lazarsfeld, Paul. "An episode in the history of social research: a memoir" In Fleming D. & Bailyn B., *The intelectual migration: Europe and America, 1930-1960* – Harvard University Press: Cambridge Massachusetts, 1969.
- . Lazarsfeld e Fiske. "The Columbia office of radio research" *Hollywood Quaterly*, vol. 1, n. 1 (oct. 1945), 51-9.
- . Lebrun, J.-P. *La perversion ordinaire – vivre sans autrui*. Paris: Denoël, 2007.
- . Lee, Yun. *Dialectics of the body – corporeality and Adorno*. New York: Routledge, 2014.
- . Lefort, Claude. *Essais sur le politique (XIX – XX siècles)* – Éditions du Seuil, Paris, 1986.
- . Leo Maar, W. "A autonomia e os sujeitos bem adaptados" *Constelaciones: Revista de Teoria Crítica*, v. 6, p. 84-103, 2014.
- . Leo Maar, W. "Adorno, semiformação e educação In *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 83, 459-476, agosto 2003.
- . Leo Maar, W. "Materialismo e primado do objeto em Adorno" *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29(2): 133-154, 2006.
- . Levin & Linn. "Elements of a radio theory: Adorno and the Princeton Radio Research Project" *The musical Quaterly*, vol. 78, n. 2, summer 1994, 316-324.
- . Levinson & Huffman. "Traditional family ideology and its relation to personality" *Journal of Personality*, 23, 251-273

- . Levinson & Schermerhorn. "Emotional-attitudinal effects of an intergroup relations workshop on its members" *The journal of psychology*, 31, p. 243-256, 1951.
- . Levinson & Phyllis. "Traditional family ideology and its relations to personality" *Journal of Personality*, v. 23, p. 251-73, 1955.
- . Löwenthal & Guterman. *Prophets of deceit: a study of the techniques of the American agitator*. New York: Haper and Brothers, 1949. Disponível em: <<http://www.ajcarchives.org>>. Acesso em: 24 jun. 2009.
- . Löwy, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"* – São Paulo: Boitempo, 2005.
- . Lukács, G. *História e consciência de classe – estudos sobre a dialética marxista* – São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- . Lukács, G. *A teoria do romance* – São Paulo: Editora 34, 2000.
- . Marcuse, H. *O homem unidimensional*. São Paulo: EDIPRO, 2015.
- . Marcuse, H. *Eros e civilização – uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- . Marin, Inara. "Déficit psicanalítico na Teoria Crítica feminista", *Revista Dissonância*, vol. 2, junho 2018, 90-111.
- . Martin. "The authoritarian personality 50 years later" In *Political psychology*, v. 22, 2001.
- . Marx, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos* – São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- . Marx, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política – Vol 1, Livro Primeiro, Tomo 1*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- . Marx, Karl. *Ökonomisch-philosophische Manuskripte. Internationale Sozialisten – Reihe marxistischer Klassiker*. [online] 1844. Disponível em: <http://www.internationalesozialisten.de/Buecher/Klassiker/Oekonomisch%20philosophische%20Manuskripte.pdf> (Acessado em 10/04/2015).
- . Marx, Karl. *Sobre a questão judaica*. Boitempo: São Paulo, 2010.
- . Maslow, A. H. "The authoritarian character structure" *Journal of Social Psychology*, v. 7, 309-19, 1943.

- . Massara Rocha, G. *O estético e o ético na psicanálise: Freud, o sublime e a sublimação*. Tese de doutorado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2010, 322p.
- . Matos, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução* – São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.
- . McFarland, Ageyev & Abalakina. “Authoritarianism in the Former Soviet Union” *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 1004-1010, 1992.
- . Mezan, R. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- . Micela, R. *Antropologia e Psicanálise: uma introdução à produção simbólica, ao imaginário, à subjetividade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- . Milton, O. “Presidential choice and performance on a scale of authoritarianism.” *The American psychologist*, 7, 597-598, 1952.
- . Monzani, L. R. “A ‘fantasia’ freudiana” In Prado Jr. B. (org.) *Filosofia da psicanálise* – Editora Brasiliense: São Paulo, 1991.
- . Monzani, L. R. “As tópicas freudianas” In Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. *Freud na filosofia brasileira* – São Paulo: Escuta, 2005.
- . Monzani, L. R. “A teoria freudiana do sonho” In Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. *Freud na filosofia brasileira* – São Paulo: Escuta, 2005.
- . Monzani, L. R. “O paradoxo do prazer em Freud” In Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. *Freud na filosofia brasileira* – São Paulo: Escuta, 2005.
- . Monzani, L. R. “O suplemento e o excesso” In Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. *Freud na filosofia brasileira* – São Paulo: Escuta, 2005.
- . Morgan, Alastair. *Adorno’s concept of life*. New York: Continuum International Publishing Group, 2007.
- . Müller-Dohm, Stefan. *Adorno – a biography*. Polity Press, Cambridge, 2005.
- . Müller-Dohm, Stefan. “The critical theory of society as reflexive sociology” In *Cambridge Companion University Press*, 2006.
- . Musse, Ricardo. “Elementos da crítica de Adorno a Kant”. *Dois pontos*, Curitiba - São Carlos, vol. 4, n. 1, abril, 2007, 201-215.
- . Musse, Ricardo. “Theodor Adorno: filosofia de conteúdos e modelos críticos” *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 32(2), 135-145, 2009.
- . Musse, Ricardo. “Passagem ao materialismo”. *Lua Nova*, n. 60, p. 97-116, 2003.

- . Mussen & Wyszynski. "Personality and political participation" *Human Relations*, 65-82, 1952.
- . Nobre, Marcos. *Curso livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papirus Editora, 2008.
- . Nobre, Marcos. *Lukács e os Limites da Reificação. Um Estudo sobre História e Consciência de Classe* – São Paulo: Editora 34, 2001.
- . Nobre, Marcos Nobre e Marin, Inara Luisa. "Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento". *Cadernos de Filosofia Alemã*, nº 20, jul.-dez. 2012, pp. 101-122.
- . Norris, Gareth. *The Authoritarian Personality in the 21st Century*, thesis submitted to Bond University for the degree of Doctor of Philosophy, 2005, pp. III-IV.
- . Ortigues, E., & Ortigues, M.-C. *Comment se décide une psychotérapie d'enfant*. Paris: Heures de France, 2005.
- . Oesterreich, D. "Flight into Security: A New Approach and Measure of the Authoritarian Personality" *Political Psychology*, Vol. XXVI, No. 2, 275-297, 2005.
- . Paddison, M. "The critique criticized: Adorno and popular music" *Popular Music*, vol 2, Theory and Method (1982), 201-218.
- . Parisi, T. *Civilization and its discontents: an anthropology for the future?* New York: Twayne Publishers, 1999.
- . Peres, R. S., Caropreso, F. & Simanke, R. T. "A noção de representação em psicanálise: da metapsicologia à psicossomática" *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, Vol. 27, n. 1, 161-174, 2015.
- . Pierucci, a. F. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- . Pierucci, A. F. "Secularização em Max Weber – da contemporânea serventia de voltarmos a acessar 'aquele velho sentido'" *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n. 37.
- . Pissardo, Carlos H. *Os pressupostos materialistas da crítica à razão cognitiva na Dialética do Esclarecimento*. Dissertação de mestrado em Filosofia, Universidade de São Paulo, 2011.
- . Pollock. "Is National Socialism a new order?" *Zeitschrift für Sozialforschung*, IX (3), 1941, 440-455.

- . Pollock. "State Capitalism" In Arato, A., Gebhardt, E. (orgs.) *The essential Frankfurt School reader* – Nova York: Continuum, 1982, 71-94.
- . Postone, Moishe. *Time, labor, and social domination – a reinterpretation of Marx's critical theory* – Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- . Prado Jr., B. "Auto-reflexão, ou interpretação sem sujeito? Habermas intérprete de Freud" In Fulgêncio, L. & Simanke, R. T. *Freud na filosofia brasileira* – São Paulo: Escuta, 2005.
- . Prothro. "Ethnocentrism and anti-Negro attitudes in the deep South" *The journal of abnormal and social psychology*, 1952, 47, 105-108.
- . Pucci, Rodrigo. *O conceito de indivíduo na obra de Theodor W. Adorno e suas relações com o pensamento de Sigmund Freud*. Dissertação defendida no Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 2011, 87p.
- . Quinet. *Psicose e Laço Social: Esquizofrenia, Paranoia, Melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- . Rabant, Claude. *Inventer le reel: le déni entre psychose et perversion*. Paris: Denoel, 1992.
- . Rabinbach, Anson. *In the Shadow of Catastrophe: German Intellectuals between Apocalypse and Enlightenment*. Berkeley: University of California Press, 1997.
- . Rantis, K. *Psychoanalyse und "Dialektik der Aufklärung"*. Lüneburg: zu Klampen, 2001.
- . Regatieri, Ricardo P. *Do capitalismo monopolista ao processo civilizatório. A crítica da dominação nos debates no Instituto de Pesquisa Social no início da década de 1940 e na elaboração da Dialética do Esclarecimento*. Tese de doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, 2015, 172p.
- . Reich, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- . Repa, L. "Crítica da esquerda, crítica da razão – uma visão de conjunto sobre o pensamento de Horkheimer nos anos 1940" *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 22, n. 2, 92-109.
- . Richter, Jean Paul (org.) *The complete notebooks of Leonardo da Vinci*, 1988. Retirado de <https://zelalemkibret.files.wordpress.com/2012/02/the-complete-works-leonardo-da-vinci.pdf> Última consulta em 12 de novembro de 2018.

- . Ricoeur, P. *De l'interprétation, essai sur Freud* – Paris: Éditions du Seuil, 1965.
- . Robinson, Paul. *The Freudian Left*. Nova York, 1969.
- . Rogozinsky, J. *O dom da lei – Kant e o enigma da ética*; tradução Sílvio Rosa Filho – São Paulo: Discurso Editorial, Paulus, 2008.
- . Roiser & Willig. “The strange death of the authoritarian personality: 50 years of psychological and political debate” *History of the human sciences*, vol. 15, n. 4, 71-96, 2002.
- . Rouanet, S. P. *Toeira Crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- . Roth, M. S. *Freud: conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado*; trad. Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- . Rozitchner, L. *Freud e o problema do poder* – tradução Marta Maria Okamoto e Luiz Gonzaga Braga Filho; São Paulo; Ed. Escuta, 1989.
- . Roudinesco, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- . Roudinesco, E. & Plon, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- . Rubin, Isaak Illich. *Ensayos sobre la teoría marxista del valor*. Córdoba: Cuaderson de Pasado y Presente, 1974.
- . Rubin & Gibson. *Adorno: a critical reader*. Malden: Blackwell, 2002.
- . Rugitsky, Fernando. “Crises e transformações do capitalismo – o diagnóstico de época de Friedrich Pollock” *Cadernos de Filosofia alemã*, v. 22, n. 2, 111-134, jul.-dez. 2017.
- . Safatle, V. “A transformação da crítica da razão em análise de patologias do social: o caso Theodor Adorno” *Philosophos*, Goiânia, v. 13, n. 2, 117-139, jul.-dez. 2008.
- . Safatle, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- . Safatle, V. “Death, libido and Negative Ontology in the theory of drives” In Vlaminc & Dorfman (eds.) *Sexuality and Psychoanalysis: Philosophical Criticisms*. Leuven: Leuven University Press, 2011.
- . Safatle, V. *Fetichismo - Colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- . Safatle, V. “Freud como teórico da modernização bloqueada.” *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, v. 1, p. 355-377, 2010.

- . Safatle, V. “Freud em Frankfurt: a função da Psicanálise no pensamento de Theodor Adorno” *Por que Freud hoje?* – São Paulo: Zagodoni, 2017.
- . Safatle, V. *Grande Hotel Abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento* – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- . Safatle, V. “L’acte au-delà de la loi: Kant avec Sade comme point de torsion de la pensée lacanienne” *Essaim*, 2002/2, n. 10, 73-106.
- . Safatle, V. “Paranoia como catástrofe social: sobre o problema da gênese de categorias clínicas” *Trans/formação*, Marília, v. 34, n. 2, 193-214, 2011.
- . Safatle, V. “Sobre a gênese psicológica do transcendental – Adorno entre Freud e Kant”, In Safatle, Vladimir; Manzi, Ronaldo. (Org.). *A filosofia após Freud* – São Paulo: Humanitas, 2008.
- . Safatle, V. “Sobre o ato de rememorar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à rememoração” In P. E. G. Helmut & R. Schmidt (Orgs.), *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil* (pp. 39-619). São Paulo: Humanitas, 2011.
- . Safatle, V. *O circuito dos afetos – corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo* – São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- . Sanford. *Authoritarian and leadership*. Stephenson Brothers: Philadelphia, 1950.
- . Santner, Eric. *A Alemanha de Schreber: a paranoia à luz de Freud, Kafka, Foucault, Canetti, Benjamin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- . Sartre, Jean Paul. *The portrait of the anti-semitic*. New York: Partisan Review, 1946.
- . Schneider, M. *La détresse, aux sources de l’éthique* – Seuil, Paris, 2011.
- . Scodel & Mussen. “Social perceptions of authoritarians and non-authoritarians”, *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 48, 181-4, 1953.
- . Sherratt. “Adorno’s Concept of the Self: A marriage of Freud and Hegelian Marxism.” *Revue Internationale de Philosophie* 227 (2004/1): 101-117.
- . Shils. “Authoritarianism: “right” and “left” In *Studies in the Scope and Method of ‘The Authoritarian Personality’*. Edited by Christie and Jahoda. Illinois: The Free Press, 1954.

- . Silva Jr., N.; Doucet, C.; Gaspard, J.-L.; Carvalho, S. M, Gomes, L. G. N. “A narrativa do destino e a função identitária do corpo na modernidade” *A peste*. Sao Paulo, v. 1, n. 1, p. 127-141, jan./jun. 2009.
- . Silva JR, N. & Metzger, C. “Sublimação e pulsão de morte: a defusão pulsional” In *Psicologia USP* (Impresso), v. 21, p. 567-583, 2010. PDF on line: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42056> (consultado a última vez 06/03/2014).
- . Simmel, Ernst. (org.) *Anti-semitism a social disease*. New York: International Universities Press, 1946.
- . Sloterdijk, P. *Critique of Cynical Reason*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1988.
- . Simanke, Richard. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- . Smolik, J. “The influence of the concept of 'Authoritarian Personality' today” *Central European Political Studies Review*, v. 10, p. 34-48, 2008. Disponível em: <<http://www.cepsr.com>>. Acesso em: 2 mar. 2010.
- Smith, M. B. “The authoritarian personality: a re-review 46 years later” *Political Psychology*, v. 18, 159-163, 1993.
- . Sohn-Rethel, Alfred. *Intellectual and manual labor. A critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978.
- . Souza e Birman. “Ética e estética da alteridade em Horkheimer, Adorno e Freud: comentários a partir de ‘Elementos do Anti-semitismo’ e ‘O Inquietante’,” *Psicologia & Sociedade* 26(2), 2014.
- . Stellmacher, J. & Petzel, T. “Authoritarianism as a Group Phenomenon” *Political Psychology*, Vol. XXVI, No. 2, 245-274, 2005.
- . Stone, W. F., Lederer, G. & Christie, R. (org) *Strength and weakness: the authoritarian personality today*. NYC: Springer-Verlag, 1992.
- . Tauber, A. *Requiem for the ego. Freud and the origins of postmodernism*. Stanford: Stanford University, 2013.
- . Tort, M. *Fin du dogme paternal*. Fammarion: aubier, 2005.

- . Turner, Lou. “Demythologizing the Authoritarian Personality: Reconnoitering Adorno’s Retreat from Marx.” In *Adorno: A Critical Reader*. Oxford: Blackwell, 2002.
- . Vagostello, L. *A ideologia involuntariamente sincera: uma análise da literatura científica inspirada em A Personalidade Autoritária nos últimos 16 anos (1980-1996)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da USP, 1997.
- . Weber, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* – São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- . Weber, Max. *Ciência e política. Duas vocações* – São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- . Weber, Max. “Consideração intermediária: teoria dos graus e orientações da rejeição religiosa do mundo” *Sociologia das religiões e consideração intermediária*. Lisboa: Antropos, 2006.
- . Wellmer, Albrecht. “Reason, Utopia, and the *Dialectic of Enlightenment*” In Bernstein, Richard (org.) *Habermas and Modernity* – Cambridge: Polity Press, 1985.
- . Wellmer, Albrecht. *The Persistence of Modernity: Essays on Aesthetics, Ethics and Postmodernism*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.
- . Wheatland, Thomas. *Frankfurt School in Exile*. Minneapolis, MN, USA: University of Minnesota Press, 2009.
- . Whitebook, J. “The marriage of Marx and Freud: Critical Theory and Psychoanalysis.” In: RUSH, F. L. (ed.). *The Cambridge Companion to Critical Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- . Whitebook, Joel. “The Urgeschichte of Subjectivity Reconsidered”. *New German Critique*, n. 81, 2000.
- . Whitebook, Joel. *Perversion and utopia – a study in psychoanalysis and Critical Theory* – The MIT Press: Massachusetts, 1996.
- . Wiggershaus, Rolf, *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política* - Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- . Witkin, R. *Adorno on popular culture* – Routledge: London/New York, 2003.
- . Wolfe. “The authoritarian personality revisited” *Chronicle of higher education*, v. 57, 2005.
- . Yamawake, Paulo. *Caráter e antropologia em Max Horkheimer*. Dissertação de mestrado em Filosofia, Universidade de Campinas, 2015, 118p.

- . Ziege, E. M. *Antisemitismus und Gesellschaftstheorie: die Frankfurter Schule im amerikanischen Exil* – Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2009.
- . Žižek, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- . Žižek, S. *First as Tragedy, Then as Farce*. New York: Verso, 2009.
- . Žižek, S. “Quando a sexualidade se torna sinistra (creepy)” *Lacuna – Revista de psicanálise*. Disponibilidade: <https://revistalacuna.com/2015/09/29/quando-a-sexualidade-se-torna-sinistra/>. Acesso em: 20 de abril de 2016.
- . Zoltán Tar. *The Frankfurt School, The critic theories of Max Horkheimer and Theodor W. Adorno* – John Wiley & Sons: New York, 1977.